

Faint handwritten text in a cursive script, likely a library inventory or list of items.



Handwritten numbers and notes in a cursive script, possibly a list of values or prices.

2747
24
28
325
336
336
288
88
36
26
2



Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras

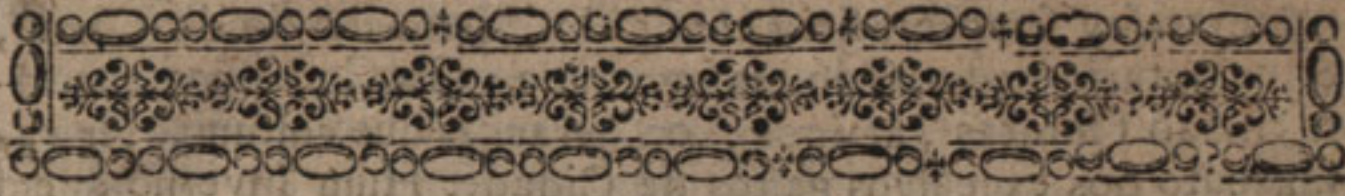


1317776739

este Librinho he do Sr. B. C.

X

Pag. 1.



A **C** **O** **R** **T** **E** **N** **A**
A **L** **D** **E** **A**,
 &
N **O** **Y** **T** **E** **S** **D** **E** **I** **N** **V** **E** **R** **N** **O**,
D **E** **F** **R** **A** **N** **C** **I** **S** **C** **O** **R** **O** **D** **R** **I** **G** **U** **E** **S** **L** **O** **B** **O**.

S. V. de Coimbra
 N.º 1793
 C.

D **I** **A** **L** **O** **G** **O** **I**

Argumento de toda a Obra.



PERTO da Cidade principal da Lusitania está huma graciosa Aldea, que com igual distancia fica situada à vista do mar Oceano, fresca no Verao, com muytos favores da natureza, & rica no Estio, & Inverno, com os frutos, & comodidades, que ajudaó a passar a vida saborosamente; porque com a visinhança dos portos do mar por huma parte, & da outra com a communicacão de huma ribeyra, que enche os seus valles, & outeyros de arvoredos, & verdura, tem em todos os tempos do anno, que em diferentes lugares

Sala	BF
Est.	F
Tab.	4
N.º	22

EXCLUIDO DO EMPRESTIMO

gares costuma a buscar a necessidade dos homens : & por este respeyto foy sempre o sitio escolhido , para delvio da Corte , & voluntario desterró do trafego della ; dos Cortezãos que alli tinhaõ Quintas , amigos , ou heranças que costumaõ ser vathacouto dos excessivos gastos da Cidade. Hum Inverno , em que a Aldea estava feyta Corte com homens de tanto preço , que a podiaõ fazer em qualquer parte, se juntava a mayor parte delles em casa de hum antigo morador daquelle lugar, que tambem o fora em outra idade da Casa dos Reys , donde com a mudança , & experiencia dos annos , fez eleyção dos montes para passar nelles os que lhe ficavaõ da vida , grande acerto de quem colhe este fruto maduro entre delenganos. Alli , ora em conversação aprazivel , ora em moderado , & quieto jogo se passava o tempo , se gozavaõ as noytes , se sentiaõ menos as importunas chuvas , & ventos de Novembro , & se amparavaõ contra os frios rigurosos de Janeyro. Entre outros homens , que na quella companhia se achavaõ , eraõ nella mais costumados em anoytecendo hum Letrado , que alli tinha hum casal , & que já tivera honrados cargos do governo da Justiça na Cidade , homem prudente , concertado na vida , douto na sua profissão , & lido nas historias da humanidade. Hum Fidalgo mancebo , inclinado ao exercicio da Caça , & muyto affeyção do às cousas da patria , em cujas historias estava bem visto. Hum Estudante de bom engenho , que entre os seus estudos , se empregava algumas vezes nos da Poezia. Hum Velho não muyto rico , que tinha servido a hum dos Grandes da Corte , com cujo galardão se reparava naquelle lugar , homem de boa criação , & além de bem entendido , notavelmente engraçado no que dizia , & muyto natural de huma murmuração que ficasse entre o couro , & a carne , sem dar ferida penetrante. Ao Senhor da casa chamaõ Leonardo , & ao Doutor Livio , ao Fidalgo Dom Julio , ao Estudante Pindaro , & ao Velho Solino. Fora estes , havia outros , de quem em seus lugares se farã mercão , que assim como os mais não eraõ para engeytar em huma conversação de poucas porfias.

Uma noyte de Novembro , em a qual já o frio não dava lugar a que a frescura do tempo convidasse ao sereno , estando
ainda

Handwritten note:
 Hum Velho de
 hum Cortezão

Francisco Rodrigues Lobo.

ainda Leonardo à mesa, porém no fim das iguarias, baterão à porta Pindaro, & Solino, aos quaes o Velho mandou abrir com grande alvoroço, & festa; porque a de o buscarem era a que mais estimava por sua. Subiraõ, agasalhou-os com contentamento, & cortezia. Sentarão-se perto da mesa, & disse o Senhor da casa: Pezame que não viesseis mais cedo, que me podereis acompanhar neste trabalho tão necessario da velhice. Mas te ainda virdes na mesa alguma cousa de vosso gosto, lançay mão della, que de mistura achareis a minha boa vontade. Eu sey [disse Pindaro] a que tendes de me fazer merce, mas venho cedo, & tambem Solino a quem tive por hospede, cuja conversação me dobrou o gosto das iguarias. Eraõ ellas tão boas (respondeo Solino) que anim me davaõ graça. Porém o ferdes vòstaõ miudo nas cortezias, me deu muyta pena, & já que sois tão discreto, & tão meu amigo, de aqui adiante emmendayvos nas ceremonias da mesa, & adverti ao vosso moço que não acompanhe com os olhos os bocados dos hospedes, te o estamago: porque apostarey que me contou todos os da cea, & anda tão destro no apartar das brigas, que ainda bem não desvio hum prato do outro, quando me dà xaque em ambos, & me deyxá em casa branca. É não vos pareça que he isto dizer que venho faminto, que se assim o fora pode ser que o comprimento do Senhor Leonardo não ficàra solto, & livre: antes he fazervos lembrança, que pois dais tão bem de comer, não tendes hum moço Harpia que descomponha o sabor dos manjares. Bem sey (respondeo Pindaro) que ainda farto não haveis de deyxar de roer. O meu moço he de huma destas Aldeas vizinhas, ha pouco que me serve, porisso, & por ser criado de Estudante, lhe deveis perdoar o erro, & anim o remoque; porém a vossa condicão não se fugeyta a respeyto, nem a disculpas. He tão saborosa a murmuração de Solino (disse Leonardo) que tambem na mesa se pode estimar, como boa iguaria; & se a eu tivera muytas vezes, dera vida ao apetite, que para as outras me falta. Se o ella fora (tornou Solino) em mais occasioens me valera daquellas, que vòs podereis delejar. Mas, não tratando de vo la offerecer, nem de a disculpar com meu amigo; como ceastes hoje tão tarde,

& não vieraõ mais cedo o Doutor, & Dom Julio? Antès (disse o Velho) me mandaraõ já recado, & não devem tardar. Eu o fiz com a cea, porque os homens de serviço me não de-
 raõ lugar, senaõ a esta hora: mas ouço que batem à porta, & devem ser elles. A este tempo mandou juntamente alçar a
 mesa, & levar a luz à elcada. Subiraõ o Doutor, & Dom Ju-
 lio, laudaraõ-se com muyta alegria, & sentados perto do fogo,
 disse o Velho: Muyto deveis ambos a Solino, porque vindo
 a esta casa com Pindaro, de quem foy convidado na cea, &
 tendo a minha em estado que se podia aproveytar de alguma
 cousa della, vos achou menos, & perguntou a causa da tardan-
 ça final he este de amor, & da pouca razaõ, com que o te-
 mos por desobrigado de toda a affeyção dos amigos. Não he
 Solino taõ descuidado do que lhe eu mereço (tornou Dom Ju-
 lio) que se esqueça de mim, & de quanto sentirey perder hon-
 ras suas: & pelo interesse das da conversação do Doutor, o ti-
 vera em menos conta, se as não desejava, & além disto, posso
 affirmar que està pago da lembrança que teve, com a deligen-
 cia que fizemos pelo trazer connosco, que voltamos pela sua
 porta, & eu tirey huma pedra à janella, donde me disseraõ,
 que ceava com Pindaro, & cada hum dos dous me fez inveja.
 Ah Senhor Dom Julio (respondeo elle) taõ grande trovada
 de cumprimentos secos, não podia deyxar de lançar pedra. Eu
 tenho feyto a conta, & sey que não posso pagar o que vos devo,
 além dessa honra, & merce, senaõ com a humildade, com que
 a todas reconheco por vossas. Dayvos por satisfeyto de meus
 dezejos, & de pôr aqui ponto nos cumprimentos: porque não
 tenho polvora mais que para a primeyra salva. Já eu me qui-
 zera metter em meyo (disse o Doutor) porque se vos atear-
 des em cortezias, não haverà quem as apague, senaõ for Pin-
 daro, que tem huma corrente taõ arrebatada, que não dà
 vao a nenhuma retorica do mundo. Agora (arguiu Leonardo)
 levastes tres de hum tiro; não me dou por seguro neste lugar
 inda que he de minha casa; porèm não tendes razaõ contra
 Pindaro, que cada vez que o ouço, me parece hum livro de
 Cavallarias. Se elle tivera encantamentos escuros, Castellos
 roqueyros, Cavalleyros namoradores, Gigantes soberbos,
 Escudey-

Escudeyros discretos, & Donzellas vagabundas: como tem palavras sonoras, razoens concertadas, trocados galantes, & periodos que leuão todo o folego: pudera pòr a hum canto o Amadis, Palmeyrim, Clarimundo, & ainda o mais pintado de todos os que nesta materia escreuerão: & já estive em o persuadir, que se mettesse em huma empreza semelhante: porèm receyo, que se me ensoberbeça com a altiveza de seu estylo, & despreze aos amigos. Não merecia eu Senhor Leonardo a vòs, nem ao Doutor (disse Pindaro) que tomasseis meus defeytos por materia de vossa galantaria: Fallo como sey, & cada hum se estende conforme a roupa com que se cobre. Não sou tão filosofo como o Doutor, tão Cortezaõ como vòs, nem tão engraçado como Solino; nem tenho mayores penas, que a gayola; porèm se abrir as azas para compor livros, não ouuerão de ser de patranhas. Porisso fiay mais de meus pensamentos. Nunca o tive de vos offender (respondeo o Velho) nem me parece com razaõ a vossa desconfiança: nem podeis fazer tão pouca conta dos livros de Cavallarias, & dos famolos Authores que os escreuerão, & que mostraraõ nelles a sua boa linguagem, com toda a perfeçãõ: a graça de tecer, & historiar as aventuras, o decoro de tratar as pessoas, a agudeza, a galantaria das tençoens, o pintar as armas, o botar as cores, o encaminhar, & desencontrar os successos, o encarecer a pureza de huns amores, a pena de huns ciumes, a firmeza em huma ausencia, & outras muytas cousas, que recreaõ o ânimo, & affeyçoã, & apuraõ o entendimento. Se vòs tendes por desprezo compor livros de Cavallarias, eu vos defengano, que pertencem mais cousas ao bom Author delles, que a hum dos Letrados Filósofos, ou Juristas, com que desejaes de vos parecer: porque lhe importa saber a Geografia dos Reynos, & Provincias do mundo, para encaminhar por ellas a sua historia; ter noticia dos nomes, & cousas que usaõ naquellas partes, donde faz naturaes os Cavalleyros; saber o estylo da Corte, para as mefuras, gafalhados, & cortezias conforme as pessoas introduzidas; conhecer da Justiça, do torneyo, & do sarao, a ordem, as leys, & as gentilezas; entender da bastarda, & da gineta, o que convem para pintar o encontro, a queda, o

acerto, o desfar, o brio, ou descuydo de hum Cavallêyro; debuxar o cavallo nas cores, concertallo nas redeas, no pizar, no arremeço, na furia, na destreza, nas carreyras, chaças, & rodeyos; & sobre o conhecimento de todas as sciencias, & disciplinas, tambem ha de ter alguma noticia dos Nigromantes antigos, para os encantamentos, que servem de bordão, & valhacouto aos historiadores. Tenho por mal empregado (disse então o Doutor) tanto cabedal em cousas de tão pouco interesse; & não sou devoto, que o Author que tiver as partes, que vós dizeis, que são necessarias para essa composição, se occupe nella. De que servem livros de Cavallarias fingidas? E se ha occiozos que os leão, porque ha de haver algum, que os escreva? Ou que espere algum fruto de trabalho tão vão? Mas que certeza tão grande (tornou Leonardo) que cada hum aprova o que segue, sendo assim, que ninguem, se contenta do que tem. Desejaveis agora que todos os livros, & todos os homens tratasem sómente da vossa profissão, & fossem Juristas, & Filósofos. Pois ainda que eu sou Bacharel em linguagem, me atrevo a contradizer essa opiniaõ adquirida em Latim: porque para recreação, policia, & bom estylo se não deve menor lugar a estes, que aos vossos de trapaças, & opinioens, & outros, a que chamais conselhos, que o dão às vezes bem ruim, a quem se fia de sua leytura.

Da esco-
lha dos
livros de
recreação

Eu dera de parecer (disse D. Julio) q̄ poupassemos esta materia, para gastar a noyte, pondo-a em maneyra de disputa. E se a todos parece assim cada hum diga sua opiniaõ nos livros que mais lhe contentaõ, & das razoens que tem para os aprovar; & deste modo, ou affeyçoados, ou convencidos sabermos os que são de mayor gosto, & utilidade. A isto (respondeo Solino) ategora estive calado, contra minha natureza; porque me houve por incapaz de fazer terço ao Doutor, & Leonardo. Mas pois o voto he, que se jogue com toda a baralha, digo que he esta a melhor materia, que se podia escolher para passar o tempo. E já pode ser q̄ algum dos que aqui estaõ, que deseja deyxar no mundo memoria de seu engenho, sayba nesta occasiaõ o em que o póde empregar melhor.

Pelo

Pelo que amimtoça (disse o Doutor) comecemos logo , & a vòs Senhor Dom Julio , he bem que demos a maó , a troco do alvitre ; & naõ tratando dos livros Divinos , nem dos necessarios , dos de recreaçãõ , nos podeis dizer quaes , & porque razoens vos contentaõ. A minha inclinaçãõ , em materia de livros (disse elle) de todos os que estaõ pretentes , he bem conhecida ; fõmente poderey dar agora de novo a razaõ della.

**Dos li-
vros de
historias
verdadey-
ras:** Sou particularmente affeyçoadõ a livros de historia verdadeyra , & mais que às outras às do Reyno em que vivo , & da terra onde nasci; dos Reys , & Principes que teve; das mudanças, que nelle fez o tempo , & a fortuna ; das guerras, batalhas , & occasioens, que nelle houve; dos homens insignes , que

pelo discurso dos annos floreceraõ ; das nobrezas , & braçoens que por armas , letras , ou privança se adquiriraõ. O que me inclinou à escolha desta liçaõ , foy que tive alguma de hum homem muyto douto , em o que o deve desejar de fer , & parecer, o que he bem nascido : ao qual elle dizia , que o que mais convinha que foubeste era , o appellido que tinha, donde lhe veyo, quem foraõ seus passados , que armas lhe deyxaraõ , a significaçãõ , & fundamento da figura dellas , como se adquiriraõ , ou accrescentaraõ. Logo os Reys que reynaraõ na sua patria, as chronicas delles , os principios , as conquistas , as empresas , & o esforço de seus naturaes ; porque fallando delles nas terras estranhas , ou na sua com estrangeyros , sayba dar verdadeyra informaçãõ de suas cousas. E alcançadas estas lhe estará bem tudo o que mais puder saber das alheas. E na verdade , nenhuma liçaõ pode haver que mais recree , & aproveyte , que a que sey que he verdadeyra , & por natural ao desejo dos homens deleytosa. Naõ he essa a minha opiniaõ (disse Solino) porque contra o gofsto , me assombraõ muyto cousas passadas , & andar abrindo sepulturas de gente morta. E no que toca à verdade : certo que à

**Dos li-
vros de
Cavalla-** conta dos enterrados, se escrevem algumas vezes taõ grandes mentiras , que lhes naõ levaõ ventagem os fingimentos de historias imaginadas. E ha-

rias fingidas. vendo hum homem de ler o que não he, ou o que sabe tão caldeado, & tão batido da forja dos Authores, que muda o metal, a cor, & a natureza, estou melhor com os livros de Cavallarias, & historias fingidas, que se não são verdadeyros, não os vendem por estes, & são tambem inventados, que levaõ apos si os olhos, & os desejos dos que os lem. E não estima hum Author matar mais dous mil homens, com a pena, para fazer valente o seu Cavalleyro, com a espada; sem estar receando os ditos das testemunhas, que ficaraõ da batalha, que por iguaes respeytos pende cada huma para seu cabo. Pois se he caso, em que hum historiador queyra passar adiante como Ariosto, não matou mais gente a peste grande em Lisboa, que Rodamonte nos muros de Paris. Essa he huma das razoens, porque eu os reprovoy (tornou o Doutor) porque a fabula he huma cousa falsa, que podia com tudo ser verdadeyra, & acontecer assim como se fingio. Porèm a isto não daõ lugar os livros de Cavallarias, com estes excessos, & outros encantamentos, fazendo casas, & torres de crystal, edificios, lagos, & colunas impossiveis, piramides de alabastro, & casas de pedraria, cuja riqueza podia empobrecer a fortuna. E em nossos tempos, na India Oriental sabemos que o Rey Mogor andou muytos annos fabricando huma casa de esmeraldas, por cujo respeyto, se passavaõ deste Reyno à nossa India as da Occidental. E em fim morreo sem a acabar, & não ha livro de Cavallarias, em que qualquer Cavalleyro de hum Castello, não acabe cousas mayores. E deyxando isto, he graça, & galantatia, comparar historias verdadeyras, com patranhas desproporcionadas, que gastaõ o tempo mal a quem nellas se occuppa, quando as outras servem de exemplo para imitar, de lembrança para engrandecer, & de recreação para divertir. A quem não anima ler as historias de seus passados? A quem não move o desejo de igualar a fama que lè de suas obras? O governo da paz? A ordem da guerra? O trato dos homens? O comercio das Provincias? Donde se conserva, alcança, & sabe, lenaõ pelas historias verdadeyras? Porque nellas sabe cada hum felicemente pelos successos alheos o que deve seguir. Donde Marco Tullio chamou a

historia

De Francisco Rodríguez Lobo.

historia mestra da vida. Vós Senhor Doutor (disse Solino)
achareis isto nos vossos cartapacios , mas eu ainda estou con-
tumaz. Primeyramente, nas historias a que chamaõ verdadey-
ras , cada hum mente, segundo lhe convem , ou a quem o in-
formou, ou favoreceo para mentir; porque se não forem estas
tintas, he tudo taõ misturado , que não ha pano sem nodoa ,
nem legoa sem mão caminho. No livro fingido contaõ-le as
coufas como era bem, que fossem , & não como succederaõ; &
assim são mais aperfeyçoadas. Descreve o Cavalleyro, como era
bem , que os houvesse; as Damas quam castas , os Reys quam
justos, os Amores quam verdadeyros, os extremos quam gran-
des, as leys, as cortezias, o trato taõ conforme com a razaõ. E
assim não lereis livro, em o qual se não destruaõ soberbos, fa-
voreção humildes, amparem fracos, sirvaõ donzellas , se cum-
praõ palavras, guardem juramentos, & satisfação boas obras.
Vereis, que as Damas andaõ pelas estradas sem haver quem
as offenda, seguras na sua virtude propria, & na cortezia dos
Cavalleyros andantes. E quanto ao retrato, & exemplo da vida,
melhor se colhe no que hum bom entendimento traçou, & se-
guiu com muyto tempo de estudo, que no successo, que às ve-
zes se alcançou por mão da ventura, sem a diligencia, & enge-
nho meterem nenhum cabedal. Não digo, que os livros tenhaõ
excessos delatinados, que não sejaõ semelhantes à verdade, nẽ
os encantamentos taõ escuros, & disconformes, que não tenhaõ
alguma maneyra de enganar o juizo; porẽm os livros bem fin-
gidos, como verdadeyros obrigaõ. Hum curioso em Italia (se-
gundo hum Author de credito conta) estando com sua mulher
ao fogo lendo o Ariosto pranteáraõ a morte de Zerbino com
tanto sentimento, que lhe acodio a vizinhança a saber o que
era. E no que toca ao exemplo, hum Capitaõ valeroso houve
em Portugal, que o não teve melhor o Imperio Romano , que
com a imitação de hum Cavalleyro fingido , foy o mayor de
seus tempos, imitando as virtudes, que delle se esperavaõ.
Muytas donzellas guardaraõ extremos de firmeza, & fidelida-
de, costumadas a ler outras semelhantes nos livros de Cavalla-
rias. Na milicia da India tendo hum Capitaõ nosso cercado
huma Cidade de inimigos , certos Soldados camaradas , que
alver-

alvergavaõ juntos, traziaõ entre as armas hum livro de Cavallarias, com que passavaõ o tempo. Hum delles, que sabia menos, que os mais daquella leytura, tinha tudo o que ouvia ler por verdadeyro (& assim ha alguns innocentes, que cuydaõ, que se não pôde mentir em letra redonda) os outros ajudando a sua simpleza, lhe diziaõ, que assim era. Veyo occasião de hum assalto, em que o bom Soldado envejoso, & animado do que ouvia ler, lhe pareceo enlejo de mostrar seu valor, & fazer huma Cavallaria, de que ficasse memoria, & assim se metteo ontre os contrarios com tanta furia, & os começou a ferir taõ rijamente com a espada, que em pouco espaço se empenhou de sorte, que com muyto trabalho, & perigo dos companheyros, & de outros muytos Soldados, lhe amparáraõ a vida, recolhendo-o com muyta honra, & não poucas feridas. E reprehendendo-o os mais amigos daquella temeridade, respondeo: Ah deyxayme, que não fiz ametade do que cada noyte ledes de qualquer Cavalleyro do nosso livro. E elle dalli em diante o foy muy valeroso. Muyto festejaraõ todos o conto, & logo [proseguio o Doutor.] Tambem fingidas pôdem ser as historias, que mereçaõ mais louvor, que as verdadeyras, mas ha poucas que o sejaõ; que a fabula bem escrita [como diz Santo Ambrosio] aindaque não tenha força de verdade, tem huma ordem de razaõ, em q se pôdem manifestar as cousas verdadeyras. Xenofonte querendo pintar huma Republica perfeyta, & Regimento Politico, por modo de historia, fingio o governo de Ciro Rey dos Persas. Dom Antonio de Guevara, em nome de hum Emperador Romano escreveo o que elle queria dizer em Hespanha; & outros, que ainda em modo mais estranho ensinaraõ aos homens, como Esopo nas suas fabulas, & Lucio Apuleyo no seu Asno de ouro, & todos os livros, que em seu genero são bons, se pôdem chamar perfeytos. Resta agora, que o que escreve historia seja verdadeyro, & não terá Solino de que o reprehender nella. O que compõem fabulas seja verisimil, & não terey eu razaõ de o reprovar. O que trata de sciencia allegue razoens. O que falla de Artes, experiencia. E o que quer ensinar principios, mostre authoridade. E posto que eu tenha muytas que allegar em favor

da

da vossa opiniaõ, Senhor Dom Julio, vós estais nõ caso, & todos os mais, que a historia verdadeyra apalcenta os doutos, adelgaça os grosseyros, encaminha os moços, ensina os mancebos, recrea os velhos, anima aos bayxos, sustenta aos bons, castiga aos maõs, refuscita aos mortos, & a todos dà fructo a sua liçaõ. E porque esta não seja mais comprida, diga Pindaro agora a sua opiniaõ.

Apostarey eu (disse Solino,) que se a Pindaro
Dos li- lhe armarem com Pœzia levantada sobre os bons
vros de conceytos, & versos, que com serem amorosos, sejaõ
Poezia. arrogantes, que o tomaraõ como passaro em visco. Para
isto (disse o Doutor) arredarlhe as occasioens,
& vã com declaraçaõ, que não tratamos de Poezia. Esta con-
diçaõ (acodio Pindaro) logo ao principio ficou declarada,
que como exceptuastes livros Divinos, nesse numero devem es-
tar os dos Poetas, que merecêraõ este nome, & o que elles an-
tigamente tiveraõ, & o q̃ ainda agora lhe daõ os Latinos assim
o deyxã entender. E Platam quando delles escreve, lhes cha-
ma Divinos Interpretes dos Deoses, possuidos de Etpiritos Ce-
lestes, donde Marco Tullio tirou os louvores, com que os tra-
ta. Origines afirma, que a Poezia he huma virtude espirital,
que inspira em os Poetas, & lhes enche o animo, & o entendi-
mento de huma Divina força. Santo Agostinho lhes chama
Theologos para cantarem os louvores Divinos. Diziaõ os Fi-
losofos antigos, que se os Deoses fallassem, seria em verso: tra-
zendo exemplo do Oraculo de Apollo, & das Sybilas. Cassio-
doro diz, que a Poesia tomou principio da Divina Escritura.
De maneyra, que por authoridade de taõ grandes varoens,
nunca os livros de Poezia pódem vir em competencia com os
de que atégora tratastes, que d'outro modo já estivera con-
cluida a differença. O que eu vejo (tornou Dom Julio) que
aindaque o Doutor vos cerrãra a'porta, que mettido de ilhar-
ga dissestes tudo o que cumpria a vosso intento por junto, &
quanto para mim estais declarado, & como desejo de ouvir a
opiniaõ do Doutor, não digo o mais, que me parece. Ora (res-
pondeo elle) não quero, que a essa conta fique õ meu voto às
escuras; & digo, não fallando em Poesia, que não escolho liçaõ
de

de Historiadores verdadeyros, nem tenho por melhor a dos fingidos; porque huns servem de conservar a memoria, os outros de enganar o entendimento: & serão melhores os livros, que deleytem a memoria, & a vontade, & apurem, & levantem o entendimento, como os de recreação, que com alguma enganosa novidade tratam de materias politicas, & engraçadas: de Corte, de Aldea, & de qualquer sujeyto aprasivel: & ha destes muytos bem recebidos, approvados, & proveytosos na Republica, cuja variedade, & doutrina he para mim lição muy favorosa. Não estou mal com essa opiniaõ (disse o Doutor) & quasi que vós, & eu, estamos em hum mesmo pensamento; senão que deyxastes de declarar o que agora me fica para dizer: porque atéqui fallamos do modo de compor, & escrever livros, & não das materias, que escritas serão agradaveis. E deyxando em duvida o vosso parecer, para se conferir com a tenção; o meu he, que o melhor modo de escrever, são os Dialogos escritos em prosa, com figuras introduzidas, que disputem, & tratem materias proveytozas, politicas, engraçadas, & cheas de galantaria: sendo a primeyra figura da obra o Author della, & esse, que vá guiando, & introduzindo as mais, que sejaõ apropriadas a aquellas materias, de que haõ de tratar entre si. E além de ser este estylo mais claro, mais vulgar, mais excellente, inclue em si a lição de todos os outros modos de escrever, como o são os da historia verdadeyra, & fingida, das Artes liberaes, & mecanicas; das sciencias, & disciplinas necessarias; das profissoens particulares: da razaõ do governo; da vida politica, ou privada. E quando este modo de escrever não tivera por si, mais que a authoridade dos que nelle escreverão, como foy Plataõ, Xenofonte, Tullio, & outros infinitos, essa bastara para acreditar os Dialogos. Além disto, eu tenho para mim, que aquella he melhor escritura, que com mais perfeção, & viveza imita a pratica, & conversação dos homens; porque assim como a melhor pintura, he a que mais se parece com a obra da natureza, que quer contrafazer; & assim a melhor escritura, he a que retrata com mais semelhança o fallar, & conversação d'entre amigos. Nos Poemas tinhaõ os Poetas
antigos,

antigos, que o mais levantado era a tragedia, por a imitação natural da pratica, com introdução de figuras, junto com a gravidade, pezo, & tristeza dos successos tragicos. E porque tambem a variedade he a que mais costuma entreter, & deleytar o animo dos homens, & esta he mais certa, & mais propria nos Dialogos, me parece, que no gosto delles, serão melhor recebidos.

Pois assim he (disse Dom Julio,) que a principal razão, porque approvais os Dialogos, he, porque mais familiarmente se parecem com a pratica. Desejo saber qual he mais nobre cousa, se a pratica, se a escriptura; porque a mim me parece, que à escriptura se deve o melhor lugar, & que antes merecia a pratica por se parecer com ella; o que agora encontra a vossa opiniaõ. Nenhuma duvida ha (respondeo o Doutor) que a pratica seja mais nobre, mais antiga, & mais excellente, porque além de o fallar ser operação natural dos homens, & acto, em que elles fazem ventagem, & differença a todos os animaes, a escriptura não he mais, que huma escrava, & servente das palavras, & o escrever não he outra cousa, mais que supprir com hum instrumento por meyo da Arte, & das mãos, o que com a voz se não pôde exprimir, & alcançar com os ouvidos, ou por distancia de lugar, como quem escreve aos ausentes, ou por discurso do tempo, como quem escreve para os vindouros. E porque nunca a escrava he tão nobre como a Senhora a quem serve, em quanto escrava, nem o que substitue em lugar d'outrem se lhe pôde preferir no mesmo lugar, assim nunca a escriptura pôde igualar a nobreza, & perfeição da pratica. O contrario me parece a mim (replicou o Fidalgo) porque nem por a pratica ser mais antiga, & primeyra que a escriptura, he mais perfeyta, antes ella foy a perfeição da pratica; & posto que seja propria operação do homem o fallar, não he nelle menos nobre accidente o delcrever, antes me parece mais digno o que adquirio por uso, & quasi que outaria a dizer, que he operação sua o fallar, dada a respeyto de haver de escrever, pois esse he o meyo de se perpetuar, sustentando no entêdimento dos presentes, & na lembrança dos futuros a memoria das cousas passadas. Assim, que nem por a primeyra

meyra razaõ merece a pratica melhor lugar, nem a escriptura por fervente, & Ministra sua he menos nobre. Porque o Sol serve de mostrar as cousas creadas, que lhe saõ muyto inferiores, & de dar luz, & nutrimento a outras de menor calidade, & nem porisso ellas se lhe podem antepor. E quanto a substituir a escriptura em lugar da voz, ella o faz por taõ excellente maneyra, que lhe tem muyta ventagem, pois o que a voz não pode expremir juntamente em diferentes lugares, & a diversas pessoas em hũ mesmo tempo, o fez a escriptura com grande perfeycão, podendo muytas pessoas, em diferentes lugares, ler em hum mesmo tempo a propria cousa; pelo que me parece, que aindaque a vossa escolha fosse boa, que não fundastes bem a razaõ della. Certo (disse Leonardo) que de ambas as partes dẽstes taõ boas razoens, que fica duvidosa a melhoria. Porém concedendo à pratica a excellencia, a acção, o modo, & a graça de fallar, que he huma viveza, a que não iguala outra nenhuma lembrança. A escriptura tem tantas grandezas, que parece igualmente necessaria para a vida, pois ficava o mundo às escuras, sem a luz da lição escrita, & sò na tradição dos homens, se salvaria a memoria das cousas: & nas principaes dominaria a ignorancia com mero imperio. Porém deyxando isto por averiguar, pois com tanta galantaria, & agudeza està tocado o que baste, quero que passemos adiante. E por me fazerdes mercè, que me ensineis, se na pratica em voz, & na escriptura considerada tem bom lugar a nossa lingua Portugueza; porque ouço de mã vontade a alguns naturaes, que trataõ mal della, & a condemnaõ por grosseyra, & limitada.

Huma coula vos confessarey eu Senhor, Leonardo (disse a isto Dom Julio) que os Portuguezes saõ homens de ruim lingua, & que tambem o mostraõ, em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade, & composiçãõ das palavras, he lingua excellente. Mas ha alguns necios, que não basta que fallem mal, senão que se querem mostrar discretos, dizendo mal della, & o que me vinga de sua ignorancia, he que elles acreditaõ a sua opiniaõ, & os que fallaõ bem, desacreditaõ a ella, & a elles. Bravamente
he

he apayxonado o Senhor Dom Julio (acodio o Doutor) pelas cousas da nossa Patria, & tem razão, que he divide, que os nobres devem pagar com mayor pontualidade à terra, que os creou. E verdadeyramente, que não tenho a nossa lingua por grossleyra, nem por bons os argumentos, com q̄ alguns querem provar, que he essa; antes he branda para deleytar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, & acomodada às materias mais importantes da pratica, & escriptura. Para fallar he engraçada, com hum modo senhoril. Para cantar he suave, com hum certo sentimento, que favorece a musica. Para prégar he substanciosa, com huma gravidade, que authoriza as razoens, & as sentenças. Para escrever cartas, nem tem infinita copia, que damne, nem brevidade esteril, que a limite. Para historias, nem he tão florida, que se derrame, nem tão seca, que busque o favor das alheas. A pronunciação não obriga a ferir o Ceo da boca com aspereza, nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve-se da maneyra que se lê, & assim se falla. Tem de todas as linguas o melhor; a pronunciação da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castelhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, & sentenças, que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se à lingua Hebreá pela honestidade das palavras, chamaraõ fanta, certo, que não sey outra, que tanto seja de palavras claras, em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, só hum mal tem, & he, que pelo pouco, que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte. Folguey estranhamente de vos ouvir (disse Solino) por não ficar tão covarde, como atégora estava em ouvindo murmurar da lingua Portugueza, & não ousava, ou não sabia dizer a minha opiniaõ, a qual cuydava, que me nascia do amor, que lhe tenho, & q̄ cada hum tem a suas cousas, como o Corvo aos filhos, & Pindaro às suas trovas. Porém, quando hum homem tão bem fundado na razão, como o Doutor, & tão authorizado em seu parecer, sustenta esta parte, nenhuma haverá já tão rija, que me tire o atrevimento. Nem a lingua (disse Pindaro) pois não ha amizade, que vos faça perder o costume.

Per-

Perdoayme (tornou elle,) que vos feri por não perder o golpe. E tornando ao que aqui se tratou para recordar o que começamos, averiguou o Doutor, que a melhor maneyra de escrever erão os Dialogos (ficando meu direyto reservado nos livros de Cavallarias) Tocárao-se louvores da pratica, & escriptura com muyto engenho. Declarou-se como a lingua Portugueza não desmerece lugar entre as melhores, para nella se escreverem materias levantadas, aprasiveis, proveytosas, & necessarias. Que falta entre vós, para que destas noytes bem gastadas, destas duvidas bem movidas, & destas razoens melhor praticadas, se faça hum, ou muytos Dialogos, que sem vergonha do mundo possaõ apparecer nas Praças delle à vista dos curiosos, & ainda dos murmuradores? Tem Solino muyta razão (disse Dom Julio) & se assim forem os Dialogos como se pódem formar com a pratica de alguns que estão presentes, bem se authorizará a opiniaõ do Doutor, posto que a minha fique de vencida com a ventagem, que aqui tem a pratica das escripturas alheas. E pois se aproveytão tão bem as noytes neste lugar, razaõ he, que por meyo delles se communicem a quem se aproveyte da doutrina, & interesse dellas. Se eu não dormira tão poucas horas da passada [disse o Doutor] ainda houvera de profeguir adiante, & responder a isso; mas com vossa licença me vou recolher, & amanhã acodirey mais cedo. Acompanhemos ao Doutor (disse o Fidalgo,) & levantando-se elle, se despedirão todos com muyta cortezia, deyxando ao Senhor da casa magoado de le acabar tão depressa a conversação, que quem sabe estimar a que he tão boa, tem sentimento das horas, que della perde.

DIALOGO II.

Da Policia, & estylo das cartas missivas.

Ficarão os amigos tão affeyçoados à conversação da quella noyte, que por fazerem a do outro dia mais comprida acodirão a se ajuntar logo depois de se por o Sol. porém cada hũ com pejo de ser o primeyro, passeavão em dous póitos, o Dou-
tor

tor com D. Julio, & Pindaro com Solino à vista da casa de Leonardo, tẽ que elle chegou à janella, & mostrando o mesmo desejo, que os quatro trazião facilitou o receyo, & approvou as horas. Sobiraõ todos, & disse o Doutor: Pareceome este dia tão comprido, na esperança da noyte, como aos trabalhadores, q̃ devem o jornal. E a mim (tornou Leonardo) a noyte, depois que me deyxastes, tão importuna, como quem espera a manhã para coufa de seu gosto; & assim não he muyto, que vòs vieffeis tão cedo, & que a mim me pareça, que já era tarde. Todas as cousas, que se delejão muyto (tornou Dom Julio) por pouco, que se dilatam tardão mais. E as que se temem (proseguiu Solino) por muyto que tardem, parece que se anticipaõ. Donde hum disse maravilhosamente, que o que queria, que a Quarefma lhe parecesse breve, que devesse pagamentos para a Pascoa. Em fim chegou mais cedo este prazo, que todos deseamos, & se o Senhor da casa dormio pouco, eu apostarey, que ha algum na companhia, que se desvelou mais. Não era occasião para descuydos (disse o Doutor,) & nos mancebos era demasiada confiança entrar nesta batalha despercebidos. Os apercebimentos (tornou o Fidalgo) pòdem fundir muyto pouco: porque como atégora he incerta a materia de que se ha de tratar, terãõ sem fruto as diligencias. Ho engano (replicou Solino) que nunca falta huma carta, em que prender, como hum homem tem as suas apuradas, & ha cousas, que se levão arrastro como corpo morto; & quando se-jão bem cuydadas, nunca saõ mal ouvidas. E senão digão-no as olheyras, com que esta manhã vi a meu amigo Pindaro. Já sey [disse Pindaro,] que vedes mal: mas contra mim ainda he peyor a vossa tenção, que a vista; não me pagais bem o que vos mereço, mas he na moeda, que tendes. E na que corre (tornou elle) que o rifaõ dagora diz, que fazer, & dizer mal, nunca se perde. Não vos escandalizeis, que tudo ha nos homens, & nas cartas. Essas [disse então Dom Julio, hey eu de partir, porque desejava muyto alçar por ellas. E pois o Doutor fallou hontem em cartas missivas, & approvou, para ellas a lingua Portugueza, nos ha de declarar o que ha de ter hũa carta para ser cortezãa, & bem escrita. Esse cargo [tornou o

B

Doutor]

Doutor] convém mais ao Senhor da casa : porque ainda que a carta consta de letras, não he profissão de Letrado, o fazellas cortezãas : & quem sabe tanto do estylo da Corte como Leonardo, pôde dar ley para ellas. Vós (respondeo elle) sois Doutor em tudo, & meu superior em todas as materias, & como tal, me podeis dar o grão de Cortezão. Eu o quizera parecer na confiança, & em obedecer ao gosto destes amigos. Mas para eu proseguir com authoridade, he bem, que vós comeceis a principiar a materia : dizendo, que nome he carta, & o seu principio, pois me dais o cargo antes de estar apercebido para elle. Bem sey (lhe respondeo o Doutor) que por me honrardes a mim tomais tudo à vossa conta ; folgarey de a dar boa do que me encomendais.

Este nome, Carta, he generico, & teve origem de huma Cidade do mesmo nome, donde foy natural a Rainha Dido, que por o amor, que tinha à sua Patria, poz à que edificou por nome, Cartago. E porque em Carta, se inventou primeyramente a maneyra em que se escrevia [ou fosse papel, ou outra coula semelhante a elle] tomou della o nome, como de Pergamo o pergaminho. He para saber, que nos primeyros tempos, quando se inventaraõ as letras escrevião os homens nas folhas das arvores: como ainda hoje nas da Palmeyra escrevê os Gentios de algũas partes no Oriente; as Sybilas nellas escrevêraõ suas profecias ; & assim se chamarão a seus escritos, folhas Sybilinas : & ainda na linguagem Portugueza se conserva alguma coula desta antiguidade, pois dizemos, folhas de papel, sem o papel ter folhas, mas he em lembrança das primeyras, que se usãraõ na escritura. Depois se escreveo em huma casca tenra de arvores, que he o entreforço da cortiça. E porque a esta chamavão livro, conservão ainda agora elles o nome, & a divisãõ, que agora fazem os Escritores, de livro primeyro, segundo, & dahí adiante, he o numero, porque então deviã contar aquellas cascas. Tambem se escreveo em o miolo de huma maneyra de juncos, a que chamarão Papiros : donde aos Latinos ficou o nome para o papel. Depois se escreveo em taboas,

boas, nas quaes, sobre cera, com hum instrumento de ferro, ou de latão, a que chamavão estylo, se affinavão as letras: & do ferro com que se escreverão, se veyo a derivar o que agora dizemos: bom, ou mão, humilde, ou altivo estylo de escrever; passando-se por translação a perfeição do instrumento ao concerto, & policia das palavras. Deste proprio modo se usa no nome de Carta, que alcança em genero a todo o genero de papel escrito, & ainda pintado. Os Portuguezes fazemos este nome particular, tomando Carta missiva por a principal de todas; & assim basta dizermos, Carta, sem mais declaração, para se entender, que he esta; porém nas especies dellas usaõ o nome com seus attributos. E nos instrumentos judiciaes, que testemunhão antiguidade, se diz, Carta Precatoria, Dimissoria, Citatoria, de Liberdade, & de Venda, & outras muytas: & ainda as de jugar, sem terem letras, se chamão communmente, Cartas. E a gente Aldeãa, conservando alguma cousa da antiguidade, a qualquer estampa, ou pintura em papel, chamão Carta. Os Latinos puzerão o nome às Cartas missivas, Epistolas do verbo Grego, que quer dizer, mandar, & letras, porque a Carta consta dellas. Os Italianos derão singular, & plural a este nome segundo. E na nossa lingua, a que chamaõ limitada, não faltou nenhuma destas differenças, antes houve mayor perfeição: porq̃ a hũas chamarão, Cartas mandadeyras, às que tinham menos de papel escrito, & às Cartas de Italia, letras, que são as de Roma, & às de cambio, porque deviãõ ter o mesmo principio; porque logo nos de Portugal mandavão os Reys delle por letra, copiosas doaçõens à Sé Apostolica, do que conquistavão. De maneyra, que o nome de Carta, quanto à sua origem, he geral, & commum, & entre nõs particular das Cartas missivas, & pois lhe descobri o nome, he necessario, Senhor Leonardo, que lhe deis agora o ser.

Das cortezias das cartas. Pareceme (respondeo elle) que estou já no meyo da minha obrigação (conforme ao dito do Poeta,) que quem começou, tambem tem feyto a mayor parte. E passando do nome da Carta aos exteriores della, digo, que ha de ter: Cortezia commua, regras direytas, letras juntas, razoens apartadas,

tadas, papel limpo, dóbras iguaes, Chancella subtil, & Sello claro; & com estas condiçoens ferà carta de homem de Corte. E fallando da cortezia (disse Solino,) q̄ entêdeis nella? A cortezia (lhe respondeo elle) não fallando na leytura da carta, he o sobrescrito, o apartado da Cruz, tè a primeyra regra: & do principio do papel, tè o começo de todas; & o final, & nome de quem escreve abayxo da data da Carta. E porque nisto ha diferentes costumes, & erros, me parece bem, fazer

Dos sobrescritos. de tudo lembrança. Nos sobrescritos temos pouco que tratar (tornou Solino,) que depois, que com a Prematica os cerceãraõ, não ha já, prezados, magnificos, honrados, & illustrissimos, nem os Senhores. Ainda (tornou Solino) ficãraõ alguns de rodeo, que saõ muyto para ver; & assim o dizem elles: a cujo proposito vos hey de contar huma historia. Eu (como todos sabeis) vejo com oculos, & (conforme a opinião de alguns) com elles muyto menos. Os dias atraz, sendo eu ainda innocente deste costume, me dêrãõ huma Carta de hum amigo, que dizia. Para ver o Senhor Solino: Aberta ella, era a letra tal, tão miuda, & embaraçada, que desmentia o sobrescrito, & por nenhuma via pude ver o que dizia. Mas respondi n'outra letra muyto peyor, & puz no sobrescrito: Para cegar o Senhor fuao; ao que elle depois me respondeo, que estava pelo costume dos presentes. Nem todos se hão de seguir (disse o Doutor,) que como escreve o Filosofo Favorino, cada hum deve usar de palavras presentes, & costumes antigos; & mais quando o uso he abusaõ, que no primeyro, por ser tal, offendêrãõ as leys; & no segundo o reprehendem os mesmos, que o usaõ. Com tudo, Leonardo dirãõ o que lhe parece. A mim (respondeo elle,) que a ley he boa, & a cautella escusada. Porém o sobrescrito tem mais partes de cortezias, que essa, que dissestes, aindaque à primeyra vista pareça couza tão limitada. E para que comecemos em ordem. Sobrescrito he huma noticia vulgar da pessoa a quem se escreve, & do lugar aonde lhe mandaõ a Carta, exprimindo-se nelle o nome, & a dignidade, por onde he mais conhecida, & o do lugar, aonde naquelle tempo assiste. Nesta regra geral ha huma limitação, & he, que às pessoas de grande titulo, & cargo,

cargo, se pôde callar, ou usar de outro modo differente esta segunda noticia; porque além dos cargos declararem muitas vezes a assistencia das pessoas, parece cortezia, que as que são conhecidas por seu titulo, & dignidade, basta essa, & o nome para serem buscadas. O primeyro modo he, como se escrevessemos, a N. Vice-Rey da India, a N. General de Portugal. O segundo, como a N. Embayxador del Rey de Hespanha em a Corte de Roma. E posto que estes assistão a tal tempo em Villas, ou Cidades particulares, não he necessaria outra leytura no sobrescrito. Não trato aqui das Cartas enviadas aos Reys, de seus Vassallos; porque não entrão nesta regra as que vem dirigidas a seus Concelhos particulares. Bem podereis (disse o Doutor) metter nesse lugar a historia de hum Letrado da minha profissão, que mandando huma informação à Mesa do Paço, poz no sobrescrito: A El Rey N. Senhor nos seus Paços da Ribeyra, junto de Luis Cesar. Doutra Soldado ouvi eu contar (disse Solino) que escreveo à India: A N. Vice-Rey da India, nos Paços de Goa, defronte de hum Lanceyro torto. Para gente tão necia (disse Leonardo) não servem preceytos: mas em outra vejo muitas vezes sobrescritos tão miudos, & sobejos, que pessoas muy particulares se podião dar por afrontadas delles, como he: A fuão em tal terra, em tal rua, detraz de tal parte, defronte de tal casa, & junto a N. E às vezes he a pessoa tal, que deve ser mais conhecida por si, que pelas confrontaçõens. Dos sobejos (atalhou Solino) não posso eu callar hum, que vi ha poucos dias, de hum Frade, que escreveo ao seu Provincial, que tinha cinco Padres nossos, como conta benta, & dizia: Ao muyto Reverendo Padre nosso, o nosso Padre N. nosso Padre Provincial, no Convento de nosso Padre S. N. Padre nosso. Porisso digo [proseguiu Leonardo,] que a noticia deve ser vulgar, q̃nem afront, nem lisongee, nem sobeje, nem falte. Mais provavel he [disse Dom Julio,] que se peque nos sobrescritos por demazia, que por falta; porque todos dizem o nome da pessoa, & a terra para que escrevem. Não já hum (respondeo Pindaro) que elcreveo a meu filho, o Lecenciado em Salamanca, que Deos guarde, parecendolhe, que bastava o grão, em lugar de nome;

mas que lugar dareis vós aos titulos dos sobrescritos? Que hz alguns mais compridos, que as cartas, que rezão o nome, o titulo, o Senhorio, o cargo, a Commenda, & ainda as pertençoens da pessoa, a quem se escreve. A mim me parece (tornou Leonardo,) que os titulos, he cousa conveniente, & necessaria usallos, porém com moderação, conforme ao que tenho dito, que noticia vulgar he, ser hum homem conhecido por o Senhorio, & cargo que tem; & assim se ha de escrever de cada hum o cargo que tem, & por onde he mais conhecido. Do Senhorio como: A N. Senhor de tal Villa. E estando em ella: A N. em a sua Villa N. O que tambem se usa nos Lugares, & Quintas, em que cada hum assiste. Do cargo: A fuão do Conselho delRey, & seu Presidente de Fazenda, de Consciencia, &c. A fuão Defembargador delRey N. Senhor, & seu Ouvidor de Aggravos, &c. Tudo isto com a brevidade necessaria; porque o sobrescrito, como disse, serve de noticia, & não já de adulação. E na carta, não se permite no sobrescrito, o que se não consente no interior; como se algum escrevesse a este Fidalgo, & lhe quizesse por os titulos, que elle merece no sobrescrito; convem a saber: A Dom Julio columna da nobreza de seus passados, & gloria das esperanças de sua Patria. Ou: Ao Doutor Livio, honra, & luz do Direyto Civil, exemplo da Filosofia, & thesouro da humanidade. Cousas erão estas, que delles se podião dizer; porém não já no lugar do sobrescrito. E passando delles adiante.

A segunda cortezia he no papel, da Cruz tẽ a
 Da corte- primeyra regra, que ha alguns, que lhe poemos olhos
 zia no a- muyto junto com as sobrancellas. Outros, que lhe
 partado deyxão pelo meyo huma estrada de coches; & pela
 do papel, desconformidade, que ha entre huns, & outros, ve-
 yo a ser a regra entre os iguaes, que fique em bran-
 co a quarta parte do papel, que vem a ser no alto a primeyra
 dóbra, & na ilharga, hum espaço razoado, que dà lugar à mão
 para ter a carta sem cobrir as letras, & para se cortar, ou pal-
 far Chancella, sem as offender. E de que nasce (perguntou
 Pindaro,) que muytos deyxão mais de meyo papel em bran-
 co da ilharga, & vão a cerzir a letra com a cortadura da the-
 souroz

souza? Esse erro, & outros muytos (respondeo elle) nascem de mudarem alguns os serviços às coufas; porque a invenção não estava mal no seu lugar, se a mão fizerão servir nos alheios. Em cartas de negocio, feytas a pessoas occupadas, que se fazem por Capitulos, & apartadas, ou perguntas sobre materias dos mesmos negocios, se deyxá igual parte do papel, para responder à margem, em ordem a cada huma das cousas, & assim fica servindo para duas, huma mesma carta; mas estas não guardão a regra, nem a Cortezia das missivas. O mesmo erro ha no que Solina primeyro apontou dos sobrescritos: Para ver o Senhor fuão, que nasceo de alguns papeis emmaçados, que se passavão de Ministro a Ministro, com sómente aquelle sobrescrito, sem outra carta, & sem terem mais de carta, que o irem cerrados, & sellados, dêrão occasião aos que usão o mesmo termo nos sobrescritos dellas.

Muytos erros ha [disse Dom Julio] nascidos da mesma occasião: & posto q̄ seja sahir hũ pouco fóra do proposito, he tão grande bugia da vidade, & da honra a vaidade, que sómente por a seguir em as apparencias, tropeça a cada passo em defectos. Este escreveo: Para ver; porque N. Ministro, ou privado escreveo assim, & veste de tal pano, porque N. de mayor calidade o trazia: & o que este fez [póde ser, por remediar o seu frio] faz outro à imitação, & se abraza de quentura. A Hespanha se passou o uso de vestir dos Soldados de Flandes por bizarría: & razão tinhão de imitar em outras coufas aos praticos, que militão em huma praça tão ennobrecida das Naçoens de Europa, mas o que elles fazião obrigados do clima, & sitio da terra, usavão os Cortezãos por galla, levados do engano da verdade; os chapéos de aba grande contra a neve, os ferragoulos abotoados, & com descancos para o frio, as meyas de escarlata debayxo de botas altas contra a humidade, as sólas levantadas por detraz, para não resvelarem nos caramélos, as roupetas abertas para sobre as armas; tudo isto, & outras muytas coufas sendo inventadas nella necessidade, se passarão à galantaria. Deyxo as cores de Rey, & da Infante, & a historia do Mercador com El Rey D. João o III. que lhe pediu, que se quizesse vestir de hum pano, que tinha muyto rico, o qual

lhe daria de graça, que com este ardid, em ElRey o vestindo, vendeo elle à mayor valia huma quantidade de peças daquelle cor, que lhe havião entrado em huma partida. Não he isso sómente nas cartas, & nos trajos (disse o Doutor,) que ainda passa adiante o engano. Em Corte do Emperador Carlos V. andando elle indisposto, lhe mandavão os Medicos comer borragens, por ser erva medicinal para a sua enfermidade, & porque os Fidalgos, & Titulares a vião de ordinario na mesa Imperial, sem advertirem a occasião, porque se fazia, veyo a valer entre elles muyto, & a fazer mil iguarias daquelle erva, de sorte, que se semeavão tantas nas terras, aonde a Corte assistia, que não havia agros doutro fruto. Vão-se em fim as cousas a mal, & às vezes são nascidas de bom costume. Assim he (disse Solino,) que até oculos, que se inventarão para remediar defeytos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. Dessa maneyra [seguio Dom Julio,] se devia mudar para as cartas, o estylo dos papeis, que o não estão por imitarem aos validos; & tornando à cortezia, que cousas tem mais de que tratar?

A terceyra (tornou elle) he o nome, & final do
Da fir- que escreveo a carta, que nem ha de estar tão jun-
ma, & fi- to das letras, que pareça sofrego dellas, nem no
nal das meyo do papel, como quem escolheo melhor lugar,
cartas. nem tão apartado, que fique ausente das regras,
 nem tanto na ponta do fim, que pareça que se amou
 àquelle canto, mas com hum meyo ordinario, como he affinar-
 se hum pouco abayxo das regras, mais inclinado à parte di-
 reyta, que à esquerda, q̄ he huma certa modestia, & humildade
 de quem escreve. E que dizeis (perguntou o Doutor) do a-
 companhamento do final? Porque ha huns, que se nomeão ser-
 vidor de v. mercè N. outros vassallo; outros, captivo, & outros,
 seu N. & ha nisto muyta variedade, & ignorancia. Primeyra-
 mente (continuou Leonardo) servidor já se passou das car-
 tas para os Retretes: Servo para os matos, & cativo para os
 comprimentos refinados em a pratica; creado era termo
 bem creado; & seu he descortezia: & por fugir desta, & de
 alguns extremos, o mais seguro he escrever cada humo seu
 nome

nome sem mais leytura. Não sejais tão estreyto nas licenças (disse Solino,) que deytais a perder cartas, que só pelos cumprimentos do final merecem fama. Hum homem escrevendo a sua propria mulher, se assinou vosso servo N. & ella o fazia tal na mesma ausencia. O outro de que contaõ vulgarmente, porque corria nos sinaes o menor creado de v. m. N. escrevendo a sua mulher, se assinou, o menor marido vosso N. & a Senhora devia ter mais varoens que a Samaritana. De huma gentil Dama sey eu (disse Pindaro,) que escrevendo a hum seu galante, se assinou, sua N. & elle lendo a carta, voltou para hũ amigo, com que estava, & disse, sempre temi esta nova; & perguntandolhe o outro, que era? Respondeo sua N. & he principio de veraõ: Outro em Coimbra, querendo-se humilhar muyto aos pés de hum amigo, a que escrevia, se assinou, Antipoda de v. m. N. Quanto mais galantes taõ essas historias (tornou Leonardo) tanto mais de estimar he a moderação, & bom termo, de não se fahir daquelle limite da cortezia commua: & passando della, ha de ter a carta regras direytas, que ha alguns, que escrevem em escadas, como figuras de solfa: letras juntas, & razoens apartadas, com a distincão dos pontos, virgulas, & acentos necessarios, para fazerem perfeyto sentido das razoens; porque ha Cortezãos, que por afermosearem a letra, & facilitarem melhor os rasgos da penna, vão encadeando as letras pelas cabeças, como sardinhas de Galiza; & de maneyra confundem a escriptura, que não ha tirar della o sentido verdadeyro de seu dono; & ha cartas bem notadas, que por mal escritas perdem reputaçãõ: o papel seja limpo, para nelle empregar sem fastio a vista o que ha de ler, & porque pareçaõ methor as letras bem ordenadas; a Chancellia subtil, porque ao abrir da carta a não offenda, que alguns a fazem parecer carta rota antes de lida: dóbras iguaes, porque o concerto authoriza as cousas, & as faz parecer melhor: o Sello claro, assim para lustre da carta, como para guarda della, pois he o cadeado, que a defende dos curiosos de saber segredos alheios. Não corrais com tanta pressa (disse Dom Julio) por essas particularidades, & miudezas, que em algumas dellas tinha perguntas, que fazer, mas contentarmehey com as que
se

se me offerecerem de novo, sobre a materia das armas, & tençoens, com que se costumão sellar as cartas, & assim estimarey, que nos digais disto algumn cousa.

As armas [respondeo elle] he a insignia, que cada hum tem de sua nobreza, conforme ao apelido, com que se nomea, & com o sinete dellas sella as cartas de importancia, ou com elmo, & folhagens sobre o paquife do escudo, ou com elle em tarja, como Tenção; que estas como são pensamento, & dezenho particular, se abrem às vezes em redondo, ovado, ou quadrangulo, & outras figuras, sem respeyto à do escudo.

Em Portugal, he coula muyto antiga aos Principes trazerem Tençoens, & emprezas com letras, & ainda as usavaõ misturadas nas Armas Reaes, que posto que naquelle tempo não estavaõ taõ apuradas, como agora, nem eraõ fugeytas à arte, q̄ della, & para ellas fizeraõ os modernos, não lhes faltava entẽdimento, & galantaria. El Rey D. Joaõ o I. trazia na Orla das Armas huma letra, que dizia: Por bem. E a Rainha D. Felippa de Alencastre tua mulher, outra, que respondia a esta em Inglez, que dizia: Me contenta. O Infante D. Fernando seu filho, o Santo, trazia huma Capella de Era com seus cachinhos, & no meyo della a Cruz de Aviz, de cuja Cavallaria era Mestre. O Infante D. Pedro huma Capella de Carvalho, com suas bolotas, & no meyo humas balanças; & nas Armas Reaes, no banco de pinchar, em cada pé d'alto abayxo mãos, & por cima humas letras escritas muytas vezes, que diziaõ: Dizer; & entre cada palavra destas hum ramo de Carvalho com bolotas. O Infante D. Joaõ, que foy Mestre de Santiago, casado com a neta do Condestable D. Nuno Alvares Pereyra, trazia huma Capella de ramos de Sylva com cachos de amoras, com as bolsas de Santiago no meyo, & tres Conchellas em cada huma, com huma letra em Inglez, que dizia: Com muyta razaõ. O Infante D. Henrique Mestre de Christo, trazia as Armas do Mestrado, & as antigas de Portugal, & ao redor hum cinto largo de correa, que abrochava no cabo debayxo, & huma fivella, que fazia volta com a correa, & em Inglez

glez, a letra dos Cavalleyros de Garrotea, que elle tambem era, & dizia: Contra si faz quem mal cuyda. É huma Capella de Carrasco, & no banco de pinchar tres flores de Lyrio em cada pé. El Rey D. Afonso o V. trazia pintado hum mundo com esta letras: Conheço, que não te conheci. El Rey D. Joáo o II. feu filho, trazia hum Rodifio, com esta letra: Satere. E na outra trazia hum Pelicano ferindo o peyto, & dizia a letra: Pela ley, & pela grey. A Rainha D. Leonor tua mulher, trazia huma Rede de pescar, a que chamaõ rastro. El Rey D. Manoel, huma Esfera com huma Cruz. A excellente Senhora, huns Alforges, & nas cevadeyras pintadas as Armas de Castella com esta letra: Memoria de mi direcho. O Marquez de Valença, neto do Conde D. Nuno Alvares, trazia dous Guindastes, que levantavaõ hum titulo de pedra com quatro letras cada huma por parte. E além destas ha memoria d'outras muytas, que daõ testemunho do uso, que dellas havia neste Reyno. Por certo (disse D. Julio,) que estou affás contente do fruto, que colhi da minha pergunta, por saber curiosidade tão notavel dos nossos Principes antigos, que para a minha natural inclinaçãõ, he a cousa de mayor gosto, & interesse: & não fora menor, pois fallamos de Armas, & Tençoens, & vós tois visto nellas, fazer, que saybamos mais alguma cousa atraz desta materia, principalmente donde nasceo, & teve principio o uso dos Escudos de Armas, & das Tençoens.

Quanto à minha opiniaõ [respondeo Leonardo] he, que Armas, & Emprezas, ou Tençoens, não tiveraõ no seu principio a differença, que agora lhes affinaõ os que dellas escrevem, de letras, & corpos sem letras, com limitaçõens, & regras muy apartadas. Antes me parece, que Armas eraõ as insignias, que os Reys, & Emperadores davaõ aos seus para ser conhecida sua nobreza, conformando-se na figura dellas com a qualidade dos successos, por onde as merecêraõ; ou com a antiguidade do sangue donde descendiaõ os a que as davaõ, & as que os mesmos Reys tomavaõ para si, em memoria de semelhantes feytos, ou dirivadas por seus antecessores. Emprezas, ou Tençoens saõ as que os mesmos Reys, & Principes, ou particulares tomaõ, conformando as figuras, & letras com o
dezenho,

dezenho, & pensamento, que cada hum tem, para emprender cousas altas; & daqui adiante entraõ as regras, que depois lhe acontecêraõ, q̃ por ser hũ discurſo muy comprido, não tem lugar em noyte tão breve. Além destas, ha outras Armas dos Reynos, Provincias, Republicas, & Cidades, que se devem chamar diviſas, que tiveraõ principio, ou das cousas de que ſaõ mais abundantes, ou da maneyra em que foraõ povoadas, ou adquiridas. E no que toca ao principio das Armas. Hercules foy o primeyro, que trouxe por armas a pelle do Leão, que matou na relva Nemea, depois da vitoria, que delle teve; & antes desta vitoria trazia a mesma insignia do Porco Erimanto, que matou em Arcadia. Jason trouxe por armas o Velocino de ouro, que conquistou. Theseo o Minotauro. Ulyſſes o Palladion; & Eneas, o Eſcudo, que ganhou de Ulyſſes na guerra de Troya. Estas eraõ verdadeyras armas, em memoria de valerosos feytos. E quanto ao principio das Emprezas, escreve Pausanias, que Agamenon trazia no Eſcudo a cabeça de hum Leão de ouro, com huma letra, que dizia: Este he terror dos homens, & o que o traz he Agamenon. Antioco trazia por armas outro Leão. Hector dous Leoens de ouro em campo vermelho. Seleuco hum Tonro. Alexandre hum Rey d'ouro em ſeu throno, em campo azul. Alcibiades hum Cupido. Lucio Papirio o Pegaſo. Cesar huma Aguia preta. Pompeyo hum Leão com huma eſpada empunhada. Judas Machabeo hum Drago vermelho em campo de prata. Atyla hum Açor coroadado; & cada hum destes, poſto que pudera tomar a figura das Armas em ſignificação de feytos celebrados, & vitorias adquiridas, ſó quizeraõ darlhe as figuras, conforme ao ſeu pensamento. E Cesar ao agouro, que da Aguia teve. E deſcendo às Armas particulares dos Reys, que ſabemos. As do Emperador, he huma Aguia preta de duas cabeças, em campo de ouro, em memoria da de Julio Cesar, & da uniaõ do Imperio Oriental, & Occidental. Armas del Rey de França ſaõ tres flores de Lyrio d'ouro, em campo azul, que foraõ milagrosamente dados a El Rey Clodoveo. Armas del Rey de Portugal, os cinco Eſcudos

As primeyras Armas.

Armas dos Reys Chriſtãos.

de

de azul em Cruz, em final do vencimento, que o primeyro Rey Dom Affonso teve dos cinco Reys Mouros no Campo de Ourique, & nelles, & com elles, os trinta dinheyros de prata, porque N. Senhor foy vendido, em memoria da sua Payxaõ, & do apparecimento, q̃ o mesmo Rey vio antes da batalha: por orla das Armas sete Castellos de ouro em câpo vermelho: & por Timbre hum Drago coroado. Armas del Rey de Inglaterra, tres Leopardos de ouro em campo vermelho: posto que d'antes tinha El Rey Artur por Armas, tres Corças de ouro em campo azul, Armas del Rey de Hespanha, os Castellos, & Leoens, taõ conhecidos no mundo. Armas del Rey de Frisia, hum Escudo de prata, riscado de linhas vermelhas, & atraveffado com huma banda azul. Armas del Rey de Jerusalem, huma Cruz de ouro nos extremos com Cruzetas do mesmo metal, & outras pelos vãos dos angulos. Armas del Rey de Polonia, duas Aguias de prata, & hum homem em cima de hum Cavallo, do mesmo metal. Armas del Rey de Irlanda, huma Arpa, & huma mão, que a està tocando. Armas do Prefte João da India, hum Crucifixo negro com dous azorragues, em campo de ouro. Deyxo outros muytos, com os Bastoens de Aragaõ, as Cadeas de Navarra, a Romãa de Granada, as Bandas de ouro, & vermelho de Malhorca, & outras, que querer contar fora infinito. Tem do mesmo modo as

Armas das Provincias.

Provincias suas Armas. Primeyramente, as quatro partes em que o mundo se divide; Asia, tres Serpentes: Africa, hum Elefante; Europa, hum Cavallo: A America, hum Crocodilo. Italia tinha por Armas antigamente o Cavallo. Tracia, hum Marte. Persia, hum Arco. Scithia hum Rayo. Armenia hum Bóde. Fenicia hum Hercules. Cicilia hũa Cabeça armada. Albania hum Cágado. Frisia hũa Porca. Hespanha hũ Castello. Lusitania hũa Cidade. As

Armas das Respublicas.

Respublicas tẽ tambẽ tuas Armas particulares: A de Veneza hum Leaõ com hum livro nas unhas. A de Sena huma Loba. A de Genova hum S. Jorge. A de Florença hum Leaõ com hum livro de ouro. As Cidades da mesma maneyra: Athenas, a Coruja. Roma a Aguia. Lisboa huma Nào com os Corvos: em memoria

*Armas
das Ci-
dades.*

memoria do corpo do glorioso Martyr S. Vicente seu Padroeyro. Coimbra o Drago, & a Donzella Coroadada. Evora as Cabeças das Vigias. O Porto a Imagem de N. Senhora entre duas Torres. Leyria

humã Torre entre dous Pinheyros, & nelles doys Corvos. E assim todas as outras. Porém isto he já muyto tarde, & gastamos nesta materia mais tempo do que convinha à das cartas, em que começamos, & porque nas Armas, & Tençoens nos não sique por saber algumas significaçoes, figuras das Armas dos particulares Senhores, & Fidalgos de Portugal, que todas foraõ merecidas com louvores de gloriosos feytos. Deyxando os animaes, significadores da força, braveza, & velocidade; &

*Significa-
ção das
figuras
das Ar-
mas.*

os Planetas de poder, antiguidade, & clareza, & outras figuras semelhantes. Banda significa postura de taboa, escada, ou engenho, por onde se commetteo alguma obra de valor, ou difficultosa entrada, com risco da vida. Faxe, ou Barra, representa victoria da batalha singular de Cavalleyro a Cavalleyro, & quantas forem, tantos diremos, que saõ os vencimentos, com que se ganhãraõ as armas. Parte de Muro, Torre, ou Castello, significa ser ganhado, entrado, ou soccorrido, com esforço, & perigo da vida. Escadas, Astes, ou pedaços de lanças, denotaõ subida trabalhosa, ou defenção arriscada na mesma subida. Assim, que a variedade dos corpos, ou forma, que vedes nas Armas, todas nascẽraõ de illustres façanhas, & valerosos feytos. E todas as Emprezas, & Tençoens dão final claro do animo, & pensamento de seus donos: & com humas, & outras se devem sellar as cartas, de maneyra, que se divisem as figuras, & letras dellas, como tenho dito. Vejo (disse Solino) q̃ temos a carta cerrada, sellada, & com sobrefcrito, sem ainda sabermos nada do principal della. Não vos enfadeis (respondeo elle) que a noyte de amanhã a abriremos, & leremos muyto de vagar a estes Senhores, se não ficarẽ de agora cançados do sobrefcrito. Antes (dixerão elles,) que fõ o dia seguinte lhes parecia comprido, & vagaroso. E dando fim à conversação daquella noyte, derão o que della ficava ao repouso, que com a moderada recreação de horas bem gastadas he mais aprazivel.

DIA-

Muy satisfeyto ficou D. Julio
aquella noyte, na materia
lhera, antes que a das cartas, pe
desejava saber, quiz com nãõ alhe
tuno, perguntar algumas cousas a Solino
sua porta, & depois de o saudar, lhe
pois da noyte de hontem? Como o da
que està de qualquer ilharga. Deveis de
nou Dom Julio) pois tendes tão poucos po
aos da cortezia: Fiquey (tornou elle) tão ca
de Leonardo, que lhe tomey aborrecimento, & nãõ
vos servir, nem para o dizer, & perdoayme. Logo (d
dalgo) nãõ quereis continuar na conversação desta noyte.
a carta (lhe tornou Solino) ha de ser tão comprida como o
sobrescrito, assim õ imagino. Pois a minha tenção (proseguio
elle) era pedirvos, que na materia das Armas, que elle to
cou, fizesseis hoje algumas perguntas à minha conta, sobre al
guns particulares das familias deste Reyno. Vós deveis bus
car armas para me matar (disse Solino) porque das de hon
tem sahi eu tão escalavrado, que determinava fugir dellas: &
sey, que tem Leonardo tantos livros de Armas, & geraçoens,
que se o tirar a terreyro, havemos mister todo o Inverno para
o ouvir. Eu me contento (respondeo D. Julio) com saber,
que elle tem os livros, & assim o elcuso do trabalho: porque
nelles lerey alguns feytos particulares dos Portuguezes mere
cedores dos braçoens, que seus successores possuem. Bom seria
(disse Solino) acabar as cartas, antes de entrar por esses fey
tos, & para isso vos irey acompanhando atè a casa de Leo
nardo, posto que tinha outra determinação. Porque vós nãõ
falteis (respondeo Dom Julio) quero ir mais cedo, & com
esta pratica, & outras ãõ occurrião, foraõ passeando, & entre
tendo o que ficava do dia, atè que a sombra da noyte, & hũa
chuva

...e os
...aro ou-
...ano, que vin-
...em sua companhia.
...o hospede, de novo se
...e, & disse para os outros.
...or Licenciado, que veyo ao abrir
...elle, & com não pequeno traba-
... (respondeo o Estudante) antes por
...fado me coubera alguma parte: &
... com o consentimento destes Senhores,
...panheyro, tenho por muyto grande fa-
...os. Essa humildade (disse Solino) está
...peranças do vosso entendimento: & bem
...Pindaro sabe fazer esta eleyção dos ami-
... como em tudo o mais he discreto, & acerta-
...a que entendais o lugar em que vos fico, sabey, que
...o mais certo criado, que elle tem entre os Senhores
...presentes. A esta cortezia respondeo Pindaro, & o Estudante
... com as suas, tẽ que o Doutor os despartio, & disse a Leonar-
...do. Bem gastado era o tempo em cumprimentos tão corte-
...zaons, & tão devidos, se o desejo, que temos de continuar a
...materia da noyte passada, o não quizera poupar todo para el-
...la; & assim vos peço, que me façais mercẽ, & a todos de ir
...por diante. Tendes razaõ (tornou elle) de me aliviardes mais
...depressa do cuydado em que me mettestes. E tornando atraz,
...por me aproveytar dos vossos principios. Dissestes, que coula
...e a carta na origem do seu nome, os primeyros modos de es-
...crever, & como entre nõs se conservou; tratey do sobrescrito,
...da cortezia, das letras, do final, das dobras, & sello da carta,
...o que bastou para todos ficardes mais entadados, que saudolos.

Agora começando a entrar na leytura das re-
...gras, saybamos, que cousa he carta missiva, ou
Defini- ção da carta. mandadeyra, & o para que foy inventada, que pe-
...la definição de Marco Tullio, a quem todos seguẽ,
...he huma mensageyra fiel, que interpreta o nosso
...animo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos,
...que

que elles saybaõ de nossas coufas, ou das que a elles lhes re-
 levaõ. Tres generos de cartas missivas affina o mes-
Tres ge- mo Tullio, aos quaes alguns costumãõ rēduzir
neros de muytas especies dellas. O primeyro he das cartas
cartas de negocio, & de coufas, que tocaõ à vida, fazen-
missivas. da, & estado de cada hum, que he o para que as
 cartas primeyro foraõ inventadas, que por tratarem
 de contas familiares se chamãrãõ affim. O segundo, de cartas
 d'entre amigos huns aos outros, de novas, & cumprimentos,
 de galantarias, que servem de recreaçãõ para o entendimen-
 to, & de alivio, & consolaçãõ para a vida. O terceyro, de
 materias mais graves, & de pezo, como saõ, de governo da
 Republica, de materias Divinas, de advertencia a Principes,
 & Senhores, & outras semelhantes. O primeyro genero se di-
 vide em cartas domesticas, civis, & mercantis. O segundo,
 em cartas de novas, de recomendaçãõ, de agradecimento, de
 queyxume, de desculpa, & de graça. O terceyro, que he mais
 grave, & levantado, contem Cartas Reaes em materias de
 Estado, cartas publicas, invectivas, consolatorias, laudativas,
 persuasorias, & outras; que se pagaõ a cada huma das que no-
 meey em todos os tres generos. E aonde deyxais (disse Dom
 Julio) as cartas amatorias, ou namoradas? Que se na vossa ida-
 de naõ tem lugar, parece q̃o mereciaõ neste discurso. Bem sey
 eu (tornou Solino) quem astomara no primeyro; mas o Se-
 nhor Leonardo já naõ joga com essas cartas. Naõ me esque-
 cia de todo dellas (tornou elle) mas deyxooas, para que no
 fim das mais sejaõ melhor recebidas, & para profeguir a ma-
 teria, quem agora as puder apurar.

As do primeyro genero (disse o Doutor) me parecem car-
 tas muyto secas, que he materia esteril, para que empregueis
 nella sem fruto o vosso entendimento. Antes (disse Leonardo)
 como essas foraõas primeyras, & dellas nalceraõ as Leys, &
 as regras para as outras, ferã razaõ, que debayxo deste gene-
 ro, tratemos das mais, repartindo o pouco que eu soube di-
 zer, por os lugares de cada huma; & assim me parece, que co-
 mo a carta, que escrevemos ao amigo sobre seu negocio; ao
 criado, sobre as coufas da casa; & o Mercador ao outro lo-

bre seus tratos , & mercancia ; he hum aviso , & huma relação , que lhe não podemos fazer em prelença, fazendo-o por meyo de huma carta. Devemos usar nella o que na

Brevidade, clareza, & propriedade do escrever nas cartas.

pratica costumamos , que he brevidade sem enfeyte, clareza sem rodeos , & propriedade sem metáforas, nem translaçoens. E quando (disse o Doutor) faremos breves em huma carta? Quando (respondeo elle) de tal maneyra, & com tal artificio a escreveremos , que se entendaõ della mais cousas, do que tem de palavras. E como póde fer ? (tornou elle) Por meyo dos relativos, & subsequentes (disse Leonardo) que sem nomear as palavras, as repetem, & por ordem das sentenças, & adagios , que sem entender as cousas as declarão ; & nisto se adiantaõ muyto as cartas da pratica familiar , que se escrevem de cuydado , & tem mais tempo de se furtarem palavras, para se sobentenderem razoens. E que cousa he enfeyte , ou afeytaçãõ (perguntou Solino) He (disse elle) o cuydado sobejo de enfeytar as palavras com elegancia , ou por via de epitectos, ou de escolha de lugar , para as syllabas fazerem melhor som aos ouvidos. E em favor desta opiniaõ, dizia hum homem insigne deste Reyno , & que teve nelle os melhores lugares da Republica Ecclesiastica, & secular, que a carta, & a mulher muyto enfeytadas, em certo modo eraõ deshonestas ; & eu antes seguira este voto, que o de alguns Rhetoricos, que deraõ à carta missiva cinco partes da oraçãõ , convêm a saber : saudaçãõ , exordio, narraçãõ, petiçãõ, & conclusãõ ; & se houvessemos de seguir o seu estylo, mudariamos de todo o das cartas. Nunca Rhetoricos (disse o Estudante) fouberaõ eserever cartas , se as sujeytaraõ às leys da oraçãõ ; mas parece, que o Senhor Leonardo dà a entender , que na carta se não devem usar epitectos, ou adjectivos, por evitar o enfeyte, & sobeja elegancia della: & eu tenho, que sem elles se não póde escrever.

Os epitectos (profeguiu Leonardo,) ou servem para discriçãõ, & declaraçãõ das cousas , ou para propriedade , ou para ornamento, & enfeyte dellas. Os primeyros são necessarios nas cartas, como

Dos epitectos, & enfeytes da carta.

em tudo; os següdos menos, & os terceyros escusados. Para dizer, ou elcrever, hum homem douto, huma mulher fermosa, hum Cavallo ligeyro, huma arvore alta, hum caminho comprido, hum peyto forte; são attributos necessarios para declarar o que queremos dizer: porque ha homem, que não he douto, mulher que he fea, & os mais. Os de propriedade, como ferro frio, relva verde, Sol claro, calma ardente, area seca, pedra dura: estes são pouco necessarios nas cartas: & sómente por comparação, ou em adagios, se devem usar nellas; como dizendo, he duro como pedra, ou he dar em pedra dura, ou he malhar em ferro frio. Os de elegancia, & ornamento, tenho eu, que se haõ de degradar das cartas missivas, para fóra do termo dellas. Como agora, firme sofrimento, incansavel diligencia, solcito desejo, cuydadoso receyo, importuna lembrança, defusada brandura, & outros, que tem juiz de seu foro. Assim, que não digo, que falem nas cartas epitectos necessarios, mas que se escusem os sobejos; nem se andem grangeando as palavras para fazerem assento em o cabo da sentença, que será ir contra a brevidade sem enfeyte, ou afeytção.

Pareciame a mim (disse Solino,) que a carta breve sería a de menos regras, & que não estava a cousa nos epitectos serem proprios, ou necessarios. Huma carta (proseguio elle) póde ser breve, & levar escritas muytas paginas de papel, porque póde tratar de tantos negocios, ou cousas, que as occupem, mas estarão relatadas, de modo, que seja a leytura comprida, & a carta breve.

Da clareza das cartas. O segundo ponto (perguntou Pindaro,) que he clareza sem rodeos me parece a mim que fica declarado nessa primeyra parte; pois sendo breve a carta, & não tendo enfeyte nas palavras, será clara, & sem rodeos. Não estais no caso (tornou elle) que posto que a clareza he parte da brevidade, a clareza he das razoens, & a brevidade das palavras; & assim póde a carta ser breve, mas confusa; & clara, sendo comprida: que muytos para dizerem cousas, querem estrada Coimbraã, & caminho direyto, buscão rodeos, & atalhos em que se perdem, confundindo o que querem dizer. Em huma minha doen-

ça me escreveo hum amigo, & dizia: *Differão*, que a faude de v. m. corria perigo, na inconveniencia de Medicos discrepantes no remedio dos males dessa doença. E fez estas trocas, aonde podia dizer: Soube, q os Medicos se não conformavão na cura dos vossos males, & que na duvida delles corria risco vossa faude. Outro me escreveo ha muytos dias: Se v. m. não está ausente das lembranças, que suas promessas me asseguravão, de haver de ter muytas deste seu captivo. Havendo de dizer: Se vos não esquece, que me promettestes de ter lembranças de mim. E porque ainda temos lugar de tornar aos particulares das disposiçoens das razoens.

Passando ao terceyro ponto, que he propriedade *Da propriedade das palavras no escrever.* sem metáforas, ou translaçoens. A propriedade (diz-se o Doutor) era materia da noyte passada, quando fallastes das letras, & razoens em seu lugar, sem barbaria, nem impropriedade no escrever, & como isto he parte do exterior da carta, já hoje não tem dia. A propriedade que vós dizeis (acodio Leonardo) he exterior, mas muyto differente à de que eu trato, & não pouco importante no fallar, & escrever, que he a propriedade das palavras na sua propria significação, sem serem emprestadas por via de translaçoens para outros lugares: que he termo, que arguem nobreza de linguagem: & porque fique mais declarado, sabey, que dizemos em Portuguez, fallando propriamente dos nomes. Bando de aves, cardume de peyxes, rebanho de ovelhas, fato de cabras, vara de porcos, alcatèa de Lobos, tropel de Cavallos, cafila de Camelos, récua de encavalgadura, manga de Arcabuzeyros, mò, ou roda de homens, & se trocando isto dissermos, hum cardume de aves, ou huma alcatèa de ovelhas, ou hum fato de porcos, seria impropriedade, & desconcerto. Dizemos tambem nos verbos: Chiar de aves, balar de gado, grunhir dos porcos, ladrar dos cães, rinchar de Cavallos, bramir de Leão, empolar de mares, encapelar de ondas, assoprar de ventos, &c. E se dissessemos chiar de porcos, chiar de Leoens, & grunhir de Cavallos, seria o mesmo erro. E porque ha metáforas, & translaçoens tão usadas, & proprias, que parecem nascidas com a
mesma

mesma lingua, que como adagios andão pegadas a ella, se devem trazer, (quando forem taes) nas cartas missivas, do mesmo modo, que na pratica se costumão. Dizemos dos nomes, folha de espada, lume de espelho, vea de agua, braços de mar, lingua de fogo, lanço de muro, taxa de ferro, & outras semelhantes; & nos verbos, lançar o Cavallo, fazer à capa, quebrar a palavra, colpir o pelouro, arripiar a carreya, & outras muytas: & além destas tão usadas, & naturaes, que servem de propriedade à lingua Portugueza, ha outras nascidas de proverbios, ou adagios, que tem o mesmo lugar, & antiguidade; como saõ, furtar o corpo, ir vento em popa, nadar contra a agua, ficar em seco, repicar em salvo, tirar barro à parede, &c. E quanto a carta tiver mais destas será mais breve, & cortezãa, pois como primeyro disse, por este modo se entendem da carta mais cousas do que tem escrito de palavras.

Pelo contrario, usando em lugar destas, outras *Modos de fallar erreados.* humildes, populares, ou innovadas, será vicio na propriedade da carta, como se nos nomes dissessemos; hum feyxe de cuydados, hum mar de encomendas, hum moyo de queyxumes, hum golpe de razoens; & nos verbos como enfeytar o desejo, tropeçar em cuydados, navegar em desconfiança, & outras muytas. Esta he a propriedade de que trato, & a que me parece que se deve usar no escrever das cartas missivas, porque não sofre o estylo dellas o que em a pratica, ou em outro genero de escriptura, não somente se permite, mas muytas vezes se deseja.

Nomes populares. Espero (disse Dom Julio) que deis alguma limitação, ou declareis a linguagem, que se deve usar neste estylo das cartas, porque encontro muytas muyto mal escritas, cujos erros, a meu ver, nascem de os homens se cançarem muyto em quererem parecer singulares. Posto que isto pertence primeyro ao tallar, que ao escrever (respondeo Leonardo.) Pois como já disse, devemos escrever como praticamos. As palavras da carta hão de ser vulgares, & não já populares, nem exquisitas. Vulgares, de modo, que todos as entendão, & ao menos, que a quem se escrevem, não sejam peregrinas. E não já populares, que sejam

termos humildes, palavras bayxas, que a cortezia não recebe. E que tão pouco, em lugar dos adagios, & sentenças, tenham annexins. Tambem se deve fugir ao termo exquisito de palavras alatinadas, ou carreteadas de outras linguas estranhas, que sempre tem o fabor da sua origem. Assim na linguaagem, como em tudo (acodio Feliciano) ficavamos satisfeytos, se de aquelles tres generos, em que o Senhor Leonardo dividio as cartas dera alguns exemplos, que nos alumiarão, porque nem as regras sem elles ensinaõ de todo, nem se póde perder a lição de tão bom estylo. O que eu não pediria se foraõ dos vinte generos de cartas, em que hum Rhetorico as dividio, que por dar leys, & partes a cada hum, as confundio todas. Em tudo (tornou elle) vos quizera satisfazer, porém cartas, mais se haõ de escrever em occasião do que trazerem-se por exemplo, que he o porque eu lhe não dera regra certa; nem das muytas que ha bem escritas, se póde tirar; que esse Author, que vós dizeis, que lhe affinou vinte generos, acharà fóra delles infinitas cartas, bem melhor escritas, que as com que os elle quer authorizar; porém com o pre-supposto de não dar preceytos.

As cartas do primeyro genero, familiares, domesticas, civis, & mercantis, respeytão tanto a brevidade, que não podem os Rhetoricos dividilas em partes, se não forem nas da oração, & bastava para exemplo aquella de Cicero a Cornelio: que dizia samente.

Carta de Cicero a Cornelio.

A Legrayvos de eu não estar mal, pois terey o mesmo contentamento de saber, que estais bem.

E muyto he mais para notar huma carta de Octavio Emperador, para Cayo Drufo seu sobrinho, que contém bem mais cousas, & avisos, que palavras, & dizia.

Carta de Octavio a Drufo.

Pois estais no Illyrico, lembrayvos, que sois dos Cesares; que vos mandou o Senado, que sois moço, meu sobrinho, & Cidadão Romano. E estas,

E estas, & outras semelhantes, nem tem regra, nem deyxão de ser cartas: mas porque não só nos ajudemos das antigas, mas tambem com as novas façamos postoleta; esta he breve, & domestica, que hum Cortezaõ escreveo a seu amigo, a quem em huma ausencia deyxara sua casa, & diz:

Carta moderna a hum amigo.

E Stou taõ confiado, no que vos mereço, & taõ seguro no que de vosso animo tenho conhecido, que me não dà cuydado a familia, que deyxey à vossa conta, senão o trabalho, que vos darà o sustentalla; Não procuro saber della, mais que novas de vossa saude, que em quanto a tiverdes, estará sem sobrefalto a minha vida.

A' qual o amigo respondeo com a mesma brevidade, & dizia desta maneyra:

Resposta.

N Esta casa só vós fazeis falta, mas como sois o tudo della, ainda q' sóbeja a minha diligencia, lhe falta tudo. No que he servirvos, a todos satisfaço, senão o meu desejo, que he igual às obrigaçoens, que vos tenho. Vivei seguro, & gozay saude, que em quanto tiver, porey por vossas cousas a vida.

Naõ estão as cartas para desprezar (disse Solino) & para me assegurar, se a vossa memoria he archivo dellas, ou seides fingindo de repente (aindaque isto he menos curiosidade, que tenção) hey de pedir por parte destes Senhores, que de algumas nos deis semelhantes exemplos. Naõ quero (disse elle,) que acrediteis tanto o meu entendimento, com mostrardes desconfiança da memoria, mas a troco do louvor vos hey de obedecer nas que me lembrarem; & proseguindo nas da segundada especie deste genero, me parece carta civil, & breve, esta, que hum amigo escreveo a outro, que mudava sua casa para a terra aonde elle vivia, & diz:

Carta de hum amigo.

E Spero com grande alvoroço, que venhais para esta Cidade, para que com vossa companhia viva nella contente, & vós defenganado de quam pouco em si tem que me possa alegrar, senão depois que vos possuir.

A quem o amigo brevemente respondeo em outra, que dizia:

Resposta.

A Ssim como o desterro em o melhor lugar he penoso, nenhum póde haver taõ esteril, que tendo a tal amigo, não seja defejado. Vós sois a quem busco, he força, que me contente a parte onde vos achar, que as pedras não fazem a Cidade, senão os homens: nem as commodidades da vida a sustentaõ, senão os amigos.

As mercantis, posto que são, segundo os tratos, & negocios, & acodem mais a elles, que ao bom termo dos cumprimentos, não deyxá de haver muytas taõ bem escritas, que podem ter lugar entre as melhores, & ainda que não he dellas huma, que eu vi ha poucos dias, a darey por ser taõ breve, & era esta:

Carta mercantil.

HA nova de Cossarios no mar, & por esse respeyto grande de risco nas fazendas dessa terra: porèm a valia dellas será muyto aventajada, se chegarem a este porto a salvamento, se a cobiça do interesse vence o perigo das encomendas, ponde-as em ventura, que eu a terey para mim por muyto boa, o vossõ bom successo.

E assim não me desagradoou outra, que dizia desta maneyra:

Carta mercantil.

COm os tempos contrarios à navegaçãõ foraõ as occasiões ao nosso trato: que como as mercadorias não foraõ requestadas de Estrangeyros, estaõ ao presente abatidas; enviay-
me

me menos dellas, para que faltando mais, mais as procurem os Mercadores da terra, & nessa vos não descuydeis de fazer emprego, mandandome o de muyto boas novas vossas.

Não me pareceo (disse o Doutor,) que tirasseis taõ boa doutrina de materia tão limitada; porque esse primeyro genero de cartastinha eu, que não sahia de huns termos, & principios, que andão escritos no pano da Serpe, como saõ; a feytura desta. Esta não he para mais. Huma de v.m. me derão. Pela de v. m. de tantos do passado. Depois de me encomendar em v. m. E daqui correndo por seus Capitulos de quanto a isto, & quanto a eloutro, até topar no a quem Deos guarde. Esses principios (disse Solino) estão já muy borolentos, mas ainda para cartas de mais pontos tenho outros grangeados de algumas Secretarias velhas, como impressão de Torres, de que me valho nas pressas de huma boa nota, que não saõ tão corriqueyros. Não me atreverey eu sem esses (disse Leonardo) a ir por diante, pelo que vos hey por notificado. Pois assim he (disse Solino) quero obedecer, ainda que perco grande valhacouto em os descobrir, porque sabey, que he comer feyto para os ronceyros desta mecanica, & o mayor trabalho della he desencalhar a pena com a primeyra palavra: & saõ quatro.

Termos de escrever anti-gos reprovados. Como quer que. Tanto que. Depois que; & antes que. E sabey, que não ha proposito, que faya das unhas destes bilhafres; & nos Capitulos de quanto isto, &c. se mette em lugar do quanto; no que toca a tal, & no que toca a qual; que a meu ver, era melhor o item, que tinhamos tomado aos Latinos. Mas

os Notadores de espada solta esgrimem já agora sem estes bordoens maravilholamente. Bons estão os principios (disse Dom Julio) porèm haveis de metter a letra em todos elles, para que nos não passem por alto. Antes por muyto rasteiros (respondeo elle) vos ficarão entre os pés. Porèm tende tento, & vereis, que saõ principios de perafuso, & que se encayxaõ, & viraõ para todas as partes, como grimpa.

Como quer, que os meus serviços montem ante vós tão pouco, & a vontade por minha, seja de menos preço, &c.

Como quer, que o animo com que sou vosso, me não deyxar perder occasiões, em q̄ vos sirva, &c. Tanto

Tanto que soube, que era cousa de vosso gosto deyxar esta empreza, &c.

Tanto que me vi desfavorecido de vossa lembranças, lancey mão do meu atrevimento, &c.

Depois que me apartey de vós, não soube mais de mim, que para sentir laudades vossas, &c.

Depois que meus males me deraõ lugar para tomar esta pena na mão, a empreguey em procurar novas vossas, &c.

Antes que me desculpe de meus descuydos, &c.

Antes que vos de larga conta de meus successos, &c.

De modo, que são como materia prima, em que moldareis tudo o que quizerdes: porèm não quero ir adiante, & tomar mais o tempo ao Senhor Leonardo, que o vejo entrar já por outras cartas missivas. Antes (lhe disse elle) tomey folego em quanto vos ouvia fallar nessas. & tratando das do segundo genero, que são cartas de novas, a que chamão narrativas; de complimentos, que se dividem em cartas de agradecimento, recomendação, desculpa, queyxume, & outras muytas. Cartas de galantaria, ou jocosas, como chamão os Latinos. Para as narrativas nos podia servir de exemplo aquella, em que o Emperador Tiberio Cesar dava novas de Italia a seu irmão Germanico, que dizia:

Carta de Tiberio Cesar a Germanico.

OS Templos se guardão, os Deoses se servem, o Senado está pacifico, a Republica prospera, Roma sãa, a Fortuna mansa, o Anno fertil, & isto, que ha aqui em Italia, desejo, que da mesma maneyra gozeis em Asia.

Deyxo a que Cesar escreveo a Roma, das novas de Persia, que continha só tres palavras. Cheguey, vi, venci. E a de Gneo Sylvio, escrevendo as novas de Farfalia, que dizia:

Carta de Gneo Sylvio.

Cesar venceo, Pompeyo morreo, Rufo fugio, Catão se matou, acabou a Dictadura, & perdeu-se a liberdade.

E chegando a alguma, que com menos aperto faça sua relação, me não pareceo engeytar, a que Marcelo escreveo ao Senado

Senado Romano, dandolhe novas da rota de Fulvio, que dizia :

Carta de Marcello ao Senado.

B Em fey, que a nova, que vos mando, he sentimento. Fulvio Proconful com treze mil homens, foy desbaratado, & ferido: porèm não vos cause temor este successo, que eu sou o mesmo, que depois da batalha de Canas mortifiquey a toberba de Annibal, vencedor della: contra elle caminho brevemente com meu Exercito para lhe fazer mais breve a alegria deste triumpho; & em vós desejo muyto o mesmo animo que levo.

Huma carta (acodio o Doutor) me escreveo os dias atraz hum amigo, de novas, de Lisboa, que certo pela brevidade, me pareceo digna desta lembrança, & dizia:

Carta moderna.

E Sta Cidade está abastada, mas descontente: o mar cheyo de Coffarios, os portos de receyos: o Paço de requerentes, & elles de queyxumes: para os validos tudo he pouco: aos desamparados não cabe nada: do remedio de tantos males não ha boas novas; & as minhas são, que entre todos elles me falta a vossa companhia.

Essa (disse Leonardo) se póde ajuntar por exemplo às antigas, que relatey; & por não me empregar em outras, que feria demaziado trabalho a todos ouvilas, & a mim recitallas, peço as de recomendação de alguma pessoa, ou de algum negocio, nas quaes tem mais lugar a disposição, & offercimento dos Rhetoricos, encarecendo os merecimentos da pessoa: ou a importancia da causa, que encomendais, facilitando-a na condição, & vontade, a quem a pedia, concluindo com a petição, & offercimento de vossa parte, & todas estas, & ainda hum exordio de sentença, que hey por escusado, se vem em huma carta, que ha pouco, que li, que hum Rey de Portugal antigo, escreveo ao de França, encomendandolhe hum Fidalgo, que hia estudar a Pariz, & dizia, tirada de Latim, em que estava, em hum livro estrangeyro.

Carta

Carta del Rey de Portugal ao de França

ENtre as virtudes, & excellencias dos Principes, me parece muyto digna de louvor a de terem particular cuydado, & lembrança dos Vassallos benemeritos em seu serviço, para com favores, & mercès os ajudarem: & por esta razão me pareceo, que devia encomendar a V. Magestade, Dom Pedro de Almeyda, q̃ por occasião de seus estudos vay a esta Corte de Pariz, posto que claramente conheço, que sem recommendação minha, vay assás encomendado, pela liberalidade, & brandura, com que V. Magestade honra, & recebe os homens taõ illustres, como elle he; além do que, tem elle tantas partes, & entendimento, que não acharà melhor terceyro, que a si mesmo. Deyxo seu Pay D. Joaõ de Almeyda, Conde de Abrãtes, q̃ com suas singulares virtudes, & claros feytos, adquirio, & conservou atè à morte muyto estreita privança, & amizade com meus antecessores, & comigo; de sorte, que ponho em duvida, se importe mais a seu filho a minha carta, se a fama, & lembrança de seu Pay. De qualquer modo o encomendo muyto a V. Magestade: & de minhas cousas não offereço de novo nada, pois pela irmandade de meus antepassados, & minha, em toda a occasião deve V. Magestade ular dellas, como se foraõ commuas a ambos.

Outra achei no mesmo lugar, del Rey Dom Manoel, mais breve que a passada, que era de seu antecessor, a qual elle escreveo ao Mestre de Rhodes, encomendandolhe hum Noviço Portuguez, que hia servir a Religião, que serà para exemplo das menos enfeitadas. O Gram Mestre era o Cardeal Pedro de Buson, & dizia:

Carta del Rey D. Manoel ao grande Mestre de Rhodes.

AYres Gonçalves filho de Henrique de Figueyredo, vay a tomar o habito desta Religião, não pareceo fóra de proposito, nem de humanidade encomendalla a V. P. assim por sua nobreza, & ser creado de minha Casa, como pelos serviços, & merecimentos de seus passados com os Reys meus antecessores,

res,

Francisco Rodrigues Lobo.

55

res, & finalmente, por seu bom esforço, & virtude. Rogo a V.P. que com sua costumada brandura, o favoreça, de sorte, que nelle se accrescente o valor, & devoção, que leva, & não porey esta obrigação no menor lugar, das muytas, que tenho a V.P.

As cartas de agradecimento, tem o campo mais largo, para nellas se espalhar a penna, & o entendimento; pois quem mais se obriga, & encarece o que recebe, escreverá com melhor termo, não sahindo dos da carta missiva; & já os antigos não desconhecião esta galantaria. Pois Lybanio respondendo a Demetrio, que o obrigava, a que lhe pedisse, escreveu assim:

Carta de Lybanio a Demetrio.

NÃO dais lugar a que eu vos peça, porque me mandais tudo: ainda bem as arvores não dão seu fruto, quando vossos creados mo trazem, & do que até nos agros se lente a falta, eu a não tenho. Como me haverey nisto? Que o Lavrador quando o tempo lhe nega agua, então a pede; porém se chove, contenta-se de ver, que favoreceo o Ceo suas esperanças.

O queyxume por carta se deve fazer com toda a moderação, que a urbanidade requiere, & póde nestas servir para exemplo, & lembrança, a que Olympias Mãe de Alexandre, respondeo a seu filho, a huma que elle se affinava por filho de Jupiter, que dizia:

Carta de Olympia a Alexandre.

Muyto me alegro com a vitoria, que alcançastes da Cidade de Tyro, & com todas vossas venturas, & façanhas: porém tive por grande afronta minha, ver, que vos nomeais por filho de Jupiter na carta, que desta nova me escrevestes. Estimarey muyto, meu filho, que aquieteis nisso o pensamento, & me não leveis a juizo ante a Deosa Juno, que algum grande mal me ha de ordenar, sabendo, que por letra vossa, me chamaes manceba de seu marido.

E se me não parecera hum pouco enfeitada huma carta, que Angelo Policiano escreveu ao grande Lourenço de Medices, a pudera pôr em exemplo da moderação de queyxumes, porque
idzia:

Carta

Carta de Angelo Policiano ao Duque de Florença.

O Poeta he semelhante ao Cisne na brancura, & suavidade, em ser affeyçoado a correntes de agoa, & amado de Apolo. Com tudo, dizem, que o Cisne não canta senão quando o vento Zefiro respira. Não he logo muyto, que eu seja mudo tantos dias, sendo Poeta vosso, se vós, que sois meu Zefiro, nelles me faltais.

As cartas jocosas, ou de galantaria, tem mais campo, & liberdade, para se poderem usar nellas alguns termos fóra das limitações das nossas regras; porque assim em se estenderem mais, como em se sujeytarem menos, ficão desobrigadas das primeyras leys: que he brevidade sem enfeyte: clareza sem rodeos: propriedade sem metáforas; pois o termo da graça, & galantaria, nisso se differença do lezudo, & pontual, não negando, que ha alguns, que não perdem a graça, nem o fizo, como he huma, que Lybanio escreveu a Aristoneto, que dizia:

Carta de Lybanio a Aristoneto.

A Onde vos achais, sey, que dizeis sempre mal de mim: eu pelo contrario, não perco occasião de dizer louvores vossos: porém quem a ambos nós conhecer a nenhum de nós ha de dar credito.

Das mais ha tantos, & tão differentes exemplos, que seria aggravo a cada huma das outras, trazer aqui algumas bem escritas. Só direy, que huma especie dellas he narrativa, mo-tejando do mesmo que contaõ, ou das novas que dão, que não são por esse respeyto pouco engraçadas. Ha outras das de dis-parates, que parecendo, que se desviaõ nas palavras do propo-sito, que tomão, daõ a entender, como enigma, o pensamento de quem as escreve, & são estas graciosas com subtileza. Outra he das de murmuração em materias leves, como sátiras menores: & humas, & outras tem a galantaria no pintar, & escrever as pessoas, & as cousas, com apodaduras gracio-sas, encarecimentos desusados, palavras facetas, fraze humil-de, acomodada sempre ao sujeyto. E certo, que nisto tiveraõ
mão

Naõ particular os Portuguezes, que escrevêraõ ao gracioso, que nem os Italianos na fraze burlesca, nem os Hespanhoes no estylo picaresco os igualáraõ.

Naõ vos houvera eu de consentir esse salto (disse Solino) deyxando tantos exemplos em aberto, se não tivera pensamento de cobrar a demasia n'outra occasiaõ; & assim porisso, como por ser já passada tanta parte da noyte, vos peço, que façais a vontade ao Senhor Dom Julio com essas Cartas Reaes, de Estado, & governo, que as estã desejando, como a vida; pois a sua he, nadar na altura de cousas semelhantes. Eu vos mereço (respondeo o Fidalgo) a boa opiniaõ, em que me tendes: porẽm igualmente me contentaõ todas as cousas, em que falla o Senhor Leonardo, & porque sempre as ultimas me ficão parecendo melhor, que as primeyras, posso desejar esse terceyro genero de cartas; & se delle tornar ao primeyro, farãõ o mesmo effeyto na minha satisfacão. Para responder a esse favor (tornou Leonardo) havia mister o tempo, que hey de galtar nas cartas, que me ficão; & assim, ou huma, ou outra cousa, me havey por perdoada. Naõ deyxou o Doutor ir os cumprimentos por diante, dizendo, que eraõ em prejuizo de terceyro; & profeguindo Leonardo, disse:

As cartas do terceyro genero, que pelas materias importantes, & differença das pessoas, saõ mais graves, & humildes: posto que se incluem algumas dellas à Oratoria, aproveytando-se de elegancia, & razoens para persuadir, consolar, dar louvores, ou reprehender. E posto que destas estã cheas as Chronicas, & Annaes de todos os Reynos, recitarey algumas, que pareçãõ menos vulgares, & mais breves para exemplo: como he huma, que os Contulares C. Fabricio, & C. Emilio escrevêraõ a ElRey Phyrro, sobre huma consideracão em materia de Estado, que çizia:

Carta de Fabricio Emilio a ElRey Phyrro.

PElos agravos, que de vós temos recebido, o mayor cuidado nosso he fazervos guerra com animo inimigo, & braço esforçado: porẽm para exemplo commum de fidelidade, nos pareceo

pareceo conservarvos a vida , porque com a perda della nos não faltasse hum contrario valeroso , a quem vencer. Nicias vosso particular , veyo ter com-nolco, pedindonos preço certo, por vos dar morte occulta, em que nós não consentimos , fazendo-lhe perder a esperança de tirar fruto da tua maldade. Juntamente assentamos darvos aviso, porque se alguma cousa acontecer, se não presume, que sahio do nosso Conselho; & não sendo o intento delle pelejar, por preço , premio , ou engano, vós à falta de cautella percais a vida.

Tambem me não parece indigna de lembrança hũa com que Rhodoge Mãy delRey Dario, o reprehendia, & aconselhava na segunda expedição contra Alexandre, que foy a que se segue:

Carta de Rhodoge para ElRey Dario seu filho.

DEraõme novas , que ajuntaveis poderosos Exercitos de todas vossas gentes , & das alheas , para de novo offercerdes batalha a Alexandre. Não sey a que effeyto? Pois o poder de toda a redondeza não basta para pelejar com os Deoses immortais, que a elle o favorecem. Deyxay esses pensamentos altivos, apartayvos da vangloria delles ; concedendo à grandeza de Alexandre alguma cousa , que melhor he deyxar o que não podeis ter, para gozar livremente o que possuís, que querendo dominar tudo, ficar sem nada.

Cada hum dos presentes gavou estas cartas com tanto extremo, que não deyxaraõ , que com ellas acabasse Leonardo sua obrigação, porque (disse Dom Julio) Já pelo voto de Solino, estas são as cartas, que entraõ na jurisdicção de minha curiosidade : Não confinto, que nas exemplos seja este genero mais limitado , mórmente , que deste se tira outra doutrina, mais que a das cartas, que he a variedade das historias, & occasiões dellas. Eu (respondeo Leonardo,) aindaque tinha cabedal para ir diante, se as horas tornaraõ atraz, mas partirey (como dizem) a contenda pelo meyo, recitando huma carta, que o Gram Senhor dos Turcos escreveo aos Amazonios, & a valerosa resposta, que elles lhe mandaraõ, & dizia a primeyra:

Carta

De Francisco Rodrigues Lobo.



Carta do Turco aos Amazonios.

SE por defençaõ de vossa liberdade sustentareis guerra cõtra meu poder, não vos tivera tão por inimigos, como por valerosos Cidadãos, q̄ pela Patria, filhos, parentes, & amigos, punheis as vidas. Porém, com nenhuma razão me persuado, que os que deyxãrão tantos annos governar o Reyno a mulheres, (como tenho ouvido) reculem agora o Imperio, & governo de homens valerosos.

E a esta carta respondêrão elles outra, que dizia:

Resposta dos Amazonios.

E Ste Reyno das Amasonas, que como por afronta nossa nomeais, com o seu mesmo exemplo nos aconselha, não obedecer a outrem: porque temos por infamia, & torpeza, que o estorço varonil seja vencido do espirito, & braço feminino. Pelo que deveis julgar por invenciveis em armas, & dignos do governo, & Principado do mundo, homens, entre os quaes até as mulheres aprendêrão a reynar.

E porque com exemplos gentilicos, & barbaros não dê fim à conversação desta noyte, direy por remate huma carta, que o Veneravel Sacerdote Beda escreveu a Carlo Martello Rey de França; & aos mais Potentados daquelle Reyno, sobre a entrada dos Mouros em Hespanha, que dizia:

Carta do Veneravel Beda a Carlos Martello Rey de França.

EM quanto se move perigosa, & cruel guerra na Christandade, se aparelha notavel ruina de toda a Europa: porque os Sarracenos occupada a Africa, & Libia, começando de Ceuta tem conquistada toda a terra de Hespanha, tirando a das Asturias, & Cantabria: Africa, que o Capitão Belisario cobrou aos Romanos, & que cento, & setenta annos obedeceo a seu Imperio; juntamente com a Hespanha Betica tem tomado os Mouros, fazendo-a obedecer a seus falsos ritos, com grande ignominia, & afronta do nome Christão; que cou-

fa pòde haver mais excellente, valerosa, & pia, que contra estes inimigos de Deostomar armas? Que fizeraõ os Suevos, os Alemães, & os mais varoens do nome Christão, que com tão grandes destruiçoens tendes perleguidos? Perto estaõ, & sobre vossas cabeças os Serracenos, que com soberbo jugo ameaçaõ a toda a redondeza da terra. Nelles tendes fermosissimos Reynos, grossas Cidades, ricos despojos, & vos esperaõ grandes triunfos da vitoria. E principalmente incomparavel premio de gloria com Christo N. Salvador, que para tão santa empreza com continuos brados vos està chamando.

Certo (disse o Doutor,) que se pudera dilatar a noyte pelo interesse de tão proveytosa doutrina, mas porque nesta se não ha de dar fim ao nosso exercicio, fiquem algumas perguntas, que agora escuso para outra occasiaõ, pois agora a não tiveraõ as cartas amorosas, nem as de delafio. As primeyras (replicou Leonardo) deyxey, por ser improprio da minha idade tratar dellas. As segundas por me não embarçar com o duelo, que està reprovado. Porém fica o campo livre para os mancebos. Com isto se despediraõ, dando boas noytes. E o Estudante foy encarecendo ao companheyro o muyto que o espantàra ver tanta Corte em huma Aldea, que as confas achadas, aonde não se esperaõ, saõ de mayor admiracão, & de mais estima.

DIALOGO IV.

Dos recados, Embayxadas, & Visitas.

A Manheceo o Sol taõ claro, & gracioso, que alguns dos amigos por se lograrem delle com a occasiaõ da caça se espaiháraõ pelos montes, mas depois de horas de vespervas visitou o Estudante em companhia de Pindaro, ao Doutor Livio, com quem passáraõ a tarde em hum seu jardim, em boa conversacão, esperando a da noyte a que elles foraõ os primeyros que acodiraõ, & se achàraõ em casa de Leonardo, que commummente nos Letrados se accende melhor o desejo de saber, que nos a que elle custou menos. Sentàraõ-se à vista do fogo, que à conta dos hospedes estava melhor ornado, & d pois

Depois de gastarem algumas palavras de comprimento, chegaram Dom Julio, & Solino, a quem todos fizeraõ muyta festa, & reprehendidos da pequena tardança (disse Solino) grande espaço ha, que eu pudera gozar esta companhia, se me não detivera em esperar reposta de hum recado, que mandey ao Senhor Dom Julio. E eu (respondeo elle) se vos não encontrara ainda não tinha entendido o vosso moço, porque de maneyra embarçou o que me mandaveis dizer, que nem por discrição pude tirar o recado; nem vos desfaçais delle para os que forem de importancia, que val a pezo de ouro. A isto se começaraõ todos a rir, & tornou Solino. O moço, Senhor D. Julio, tem desculpa em ser nescio, porque he meu moço, que se soubera mais eu o servira a elle; mas os creados dos Grandes, como vós, esses haõ de ser discretos, pois saõ taõ bons como eu, & com tudo eu soube aqui de moço, q̃ nos dava hum recado q̃ o podera ser do que là mandey, q̃ não he dos peyores da sua ralè, & já entremette de ler carta mandadeyra, mas nos recados ainda agora lè por nomes, & não o acerta a nenhuma cousa. Pouca paciencia tenho (disse o Doutor) a hum creado, que desperdiça o entendimento de seu amo; mandais hum recado concertado, discreto, & cortezão, & o madraslo que o leva, mudalhe os trastos, & desentoa com huma pravoice, que vos desacredita, como com os meus me tem acontecido mil vezes. Nos vossos não he muyto (disse Solino,) que dais os recados guarnecidos de Rhetorica, com seus vivos de Latim, que saõ mais perigosos na boca destes, que vidro em mão de menino; mas os meus, que não passaõ de quatro palavras em linguagem corrète, & q̃ assim os virem do carnaz & me mettaõ em vergonha, não he desgraça? Ora prometto, que os de importancia, eu mesmo os leve? Como aconteceu ao Cortezão ausente, que levou elle proprio a carta a sua mulher; & os que houver de dar o meu moço, que sejaõ seus, por não andar remendando o burel de sua natureza, com o trabalho da minha disciplina. Daqui por diante boca faz jogo, digo, que o que o meu moço disser, elle o diz, & que me não ha de chamar por author nas suas impertinencias. Certo (disse Leonardo) deyxando de tratar dos meus, & vossos recados, que importaõ

menos, & d'outros, em que vay tão pouco, que he huma das coufas de mayor consideração aos Reys, Principes, Respublicas, & aos Grandes, mandarem suas embayxadas, visitas, & recados por homens de authoridade, discretos, & bem disciplinados, em cujas razoens, & procedimentos consiste muytas vezes o bom successo do que pertendem. E assim os Reys, Principes, & Respublicas nas materias de Estado: as Cidades, & povos nas occasioens das Cortes; os Senhores particulares nas visitas, devem sempre escolher homens, que no entendimento se aventagem dos outros, porque não somente conseguem o fim da pertença de quem os manda, mas o acréditão; & porque às vezes por respeytos, privança, & valia, se antepoem os menos sufficientes para estes cargos, se deytao a perder negocios de huma Republica, em que consiste a quietação, & honra della. Pouco, & pouco (disse Pindaro,) se foy o Senhor Leonardo à materia dos recados, que não ficão fóra de seu lugar, depois de o terem as cartas missivas, & bem se pôde fazer a noyte bem aslombada com tão bom sujeyto. Desculpado estou [respondeo elle] com o trabalho, que na de hontem cahio à minha conta, em fugir delle; mas não de aprovar a vossa advertencia: a todos os mais pareceo, que se ria acertado tratarem a materia de mais longe, & pediraõ ao Doutor, que tomando-a à sua conta, começasse. Bem pudera usar (disse elle) do privilegio do Senhor Leonardo, & de outros, para minha escusa, porém ainda que os tinha, & qualquer dos presentes, mais sufficiencia para este encargo, por lhe não pôr a elles ruim foro, me dou por obrigado.

Digo, que recado he nome, que entre nós tem a

Que coufa he recado, & donde se deriva. Ethimologia. A significação muyto duvidosa, pelo modo em que usamos delle: porque se houveramos de dirivar este nome do verbo Italiano, recate, q̄ he trazer: ou do verbo, recapacitare, que he recapacitar (donde elles chamaõ recapacito ao recado) nunca differamos delle tanto, como na nossa lingua Portugueza significamos; mas se lhe buscarmos a origem do Latim, virà mais ao nosso modo pela differença do mensageyro, ao que leva recado; que o primeyro, missagerit, faz as coufas,

tas, que lhe mandaõ, & o segundo recautos, este he homem acautelado, que sabe o que ha de fazer, no que està à sua conta, que assim convem mais com o nosso modo de fallar, quando dizemos, homem de recado, que quer dizer, de importancia, posto a bom recado, que he seguro, & com cautella: tratar, & arrecadar, que he levar ao fim o que começou: porẽm seja huma couza, ou outra, ou ambas, o principal recado de todos he o do Embayxador, & estes saõ de duas maneyras; ou

Dos Embayxadores.

o que o Principe manda a outro por occasiã successiva, ou o que de ordinario assiste em sua Corte, para conservaçã da benevolencia, & amizade, que entre elles ha: Estes segundos tinhaõ os Romanos nas Provinci: s junto à pessoa do Consul, que as governava

Embaxadores, & Oradores.

com titulo de Legados, & com elles despachava os negocios de importancia. Mas aos primeyros chamavaõ elles Oradores, por serem muy semelhantes no officio de persuadir, mover, & obrigar; & ainda em nossos tempos se aproveytãraõ muytos dessa arte, sendo escolhidos para o cargo de Embayxadores. Eu (disse Leonardo) tenho huma carta, cartapacio naõ pequeno, de fallas, & oraçoens de Embayxadores Portuguezes, feytas a grandes Principes, & naõ pouco doutas, & elegantes; como foy huma, que fez o Bispo Dom Garcia de Menezes ao Papa Xisto, indo por Embayxador, por mandado del Rey D. Affonso o V. & por Capitaõ de huma Armada, que elle mandava contra os Turcos, em favor da Igreja, no anno de 1481. E outra que fez o Doutor Diogo Pacheco ao Papa Julio, indo com o Arcebispo de Braga por Embayxador a lhe dar obediencia por El Rey D. Manoel, no anno de 1505. E outra, que fez o mesmo Doutor ao Papa Leaõ, indo com Tristaõ da Cunha Embayxador, a lhe dar obediencia, com aquelle famoso Ornamento, que ainda agora he dignamente celebrado na Igreja Romana, assim pela muyta valia, como pela grande devoçã daquelle pio, & Catholico Rey, no anno de 1514. à qual o Papa respondeo em publico com huma doutissima oraçã de louvores do mesmo Rey. E naõ he este costume só dos nossos Embayxadores, mas de todos os Es-

trangeyros, assim quando eraõ Enviados a este Reyno, como
 outros: Vindo a este por Embayxador del Rey Francisco de
 França a El Rey Dom Manoel, que estava em Almeyrim, no
 anno de 1506. Monseur de Lanjaca, Governador de Avinhaõ,
 lhe fez huma douda oraçaõ em sua chegada, fóra outras muy-
 tas, com que pudera alegar. Desses exemplos ha muytos (dis-
 se o Doutor,) & continuando com o que convem mais ao fim
 do nosso intento, devem ser escolhidos para este cargo de Em-
 bayxador, os homens das familias mais illustres do Reyno, dos
 illustres os mais discretos, & cortezaõs, destes os mas animo-
 sos, & liberaes, dos animosos os mais apessoados, & de todos
 os mais bê acostumados; & saõ todas estas partes taõ necessarias
 ao Embayxador, que com a falta de qualquer dellas, ou arris-
 carã o credito do Principe, que o manda, ou o negocio, de
 que vay a tratar por sua parte. Primeyramente, ha de ser il-
 lustre por authoridade de seu Rey, & de seu Reyno, & dos il-
 lustres delle, & por honra tambem do Principe, a que he man-
 dado, pois ha de fazer as partes de hũ, & assistir àilharga do
 outro; & assim neste Reyno, & nos vizinhos a elle, vimos cada
 dia entrarem Embayxadores muyto chegados em sangue às
 Casas dos Reys, que os enviaraõ, & sahirem outros da mesma
 qualidade, o que naõ só tem exemplo dos Reys da Europa, mas
 da Persia, Japaõ, & outras remotas partes do Oriente. Depois
 de illustre ha de ser discreto, & Cortezaõ, porque parece, que
 mais que todas as outras partes, lhe està requerendo o mesmo
 cargo, aviso, entendimento, discriçaõ, & cortezia, para tra-
 tar as cousas convenientes à sua Embayxada, encobrindo, dis-
 culpando, & persuadindo, o que a seu Rey convem, que esta
 he a differença do recadista ao Embayxador, que o primeyro
 relata o que lhe mandãõ, que diga. O outro dispoem, ordena,
 & conclue o que lhe encomendaõ que faça, hum le-
 va o recado na lingua, outro no peyto; como disse
 hum Embayxador de Romanos aos Cartaginenses,
 na guerra de Sagunto, que levava a paz, & a guerra
 dentro no peyto, & assim naõ vindo elles no que os
 Romanos pediãõ, declarou a guerra. Além disto,
 como o Embayxador he hum Terceyro, & Consilia-
 dor

*Differen-
 ça entre
 Embay-
 xador, &
 recadista.*

ador da amizade de dous Principes, nenhuma cousa lhe he mais importante, que o entendimento, & tambem o ser Cortezaõ lhe importa muyto, pois a sua principal assistencia he no Paço, & junto à pessoa do Principe, com communicacão dos principaes Senhores do Reyno, & às vezes por esta parte, sendo engraçado, & acéyto àquelle, a quem he mandado, acaba mais facilmente os negocios, & pertençaens de quem o manda. Ha de ser animoso, & liberal; o primeyro, porque nas materias, que tocarem à guerra, tregua, & liga, ou confederaçãõ com o seu Principe se não mostre por sua parte acanhado, tímido, nem pusilamine: antes obrigue com seu exemplo, a que o respeytem, & temaõ, & tambem, porque na occasiãõ, em que se offerecer ao Senhor, a quem assiste, acredite, com o Conselho, & com as obras, às armas de seus ascendêtes, & naturaes. E o segundo, porq̃ com a magnificência se conquistão mais vontades, & animos estrangeyros, que com qualquer valia outra, por grande que seja, & posto que esta parte a todas as pessoas illustres he necessaria, & em todos os cargos de guerra, & officios da paz he tão estimada, no de Embayxador he muyto mais proveytosa, para saber o aviso, o secreto, o intento, & a cautella, que convem ao de sua Embayxada, & para mover os Ministros, & validos, em cuja mão, ou conselho está o seu negocio. Convem além disto, que seja o Embayxador homem apessoadado, que pela vista obrigue a respeyto, & veneraçãõ, que em outro modo o corpo pequeno em pessoas de grande lugar, lhes tira muyta parte do que se lhes deve. E hum Doutor nosso de muyto grande nome, & pequena estatura, mandou pôr ao pé de hum retrato seu huma letra, que dizia: A presença diminue a fama.

Conto galante.

E Outro do mesmo grão, & não de mayor corpo, indo deste Reyno com huma Embayxada a hum Rey assás poderoso, vendo-o elle tão pequeno, lhe perguntou, motejando del-le, se El Rey seu Irmão tinha em seu Reyno outros homens mais apessoados, que enviasse com semelhante cargo; ao que

elle respondeo, valendo-se do entendimento, & ânimo, que tinha: Que na Corte delRey seu Senhor havia muytos homens de grande pessoa, & partes, a que encomendar aquelle cargo, mas que para S. Magestade, lhe pareceo, que elle bastava, & porisso o mandára. Finalmente he de muyta importancia ser bem acostumado, para com sua temperança, continencia, & bom termo, conservar, & acreditar o bom nome, & fama de seu Rey, a honra de sua Patria, & da propria pessoa. E porque com algũa demasia de seus costumes, não faça com q̄ se diminua, & perca o respeyto, liberdade, & isempçoens, que tem os Embayxadores; como aconteceu aos da Persia, que vierão

*Exemplo
de Embayxadores descompostos.*

a ElRey Amintas de Macedonia, que forão mortos por traça de Alexandre, filho do mesmo Rey, o qual não podendo soffrer sua estranha dissolução, mandou alguns moços de bellissima figura, que em habito de Damas os servissem à mesa, levando escondidos punhaes, com que se vingassem de qualquer deshonesto acontecimento dos Embayxadores, que usando de sua demasiada luxuria forão mortos a punhaladas. O Rey Persa offendido de se não guardarem com os seus as leys dos Embayxadores, mandou hum poderoso Exercito contra o Rey Amintas, porém o General delle sabendo como o caso passára, se retirou, sem querer dar batalha aos Macedonios. Tambem importa muyto, que os Embayxadores se jão escolhidos de sujeyto acomodado aos negocios, de que hão de tratar, que tal a occasião se offerece, em que convem serem humildes, & outra, em que he melhor mostrarem-se arrogantes; tal em que hajaõ de ser animosos, & arriscados, & outras brandos, & dissimulados. Francisco Dandalo, Embayxador dos Venezianos ao Papa Clemente V. para levantar o intredicção ao Senado, contra quem estava iroso, por razão das cousas de Ferrára, esteve lançado de bruços grande espaço, à mesa do Summo Pontifice, com huma cadea de ferro ao pescoço, & com tantas lagrimas, & palavras o obrigou, que alcançou d'elle o que pedia. Este por sua grande humildade foy chamado cão, & por seu valor succedeo no Ducado de Veneza. Pelo contrario Orfato Justiniano, homem de letras, & ânimo generoso, Embayxador

ador do mesmo Senado a El Rey Fernando de Nápoles, que pelo mão animo, que contra os Venezianos tinha, não fazia delle a conta, & estimação, que seu valor merecia, Orfato lhe mostrava tão pouca inclinação, & humildade, que o Rey indignado, mandou fazer tão bayxa a porta por onde entrava lhe fallar, que à força, lhe fizesse dobrar o pescoço: porém elle entendendo a tenção de Fernando, entrou com as côstas para diante, & voltando-se direyto na casa, fez a mesma cortezia, que costumava. Outro dia, achando-se em hum banquete, que o Rey mandou fazer, dandolhe de proposito os convidados tão estreyto lugar, que acanhava sua authoridade, deyxando o quetinha, se sentou sobre huma rica toga, que trazia vestida, & acabado o banquete a deyxou ficar com os outros assentos. A mim me parece (disse Leonardo,) que os attributos mais importantes ao Embayxador, & que sempre nelle devem andar annexos, são esforço, & entendimento, que são como dous eyxos, em que se revolve o mayor pezo, & substancia das cousas de Estado, o que se colhe dos exemplos, que dissestes, & de outros muytos; porque o esforçado, & entendido em nada falece, nem àquillo, a que seu Rey o manda, nem ao que a si mesmo deve, nem à occasião de que se pôde aproveitar, como aconteceu a Pompilio, Embayxador a El Rey Seleuco, sobre conservar amizade com os Romanos, ou romper com elles guerra, que respondendo o Rey, que se aconselharia de vagar no que lhe estava melhor; & entendendo o Romano, que aquella dilacão se fundava em fraqueza, & cautella; com o bordão, que trazia, fez hum circulo na terra, em que Seleuco ficou mettido, dizendolhe, que antes, que delle sahisse se havia de determinar na reposta de tua Embayxada, & com isto obrigou ao Rey a aceytar a paz, que lhe requeria. E em caso differente, Lucio Posthumio, Embayxador aos Tarentinos, lançandolhe por desprezo sobre as roupas muytas immundicias com grandes rizadas, & escarnio, o Romano lhe respondeo animosamente: Vingayvos agora do rizo à vontade, porque tendes muyto, que chorar, quando com vosso sangue se lavarem as nodoas deste meu vestido. Esses casos (acodio Dom Julio) são da mera jurisdicção do esforço, & Cavallaria; ainda que
feirão

leirão acompanhados do entendimento, porque o valor do animo a tudo acode, & em nada perde ponto. E senão, vede a estimação, que fizeraõ os Reys Catholicos, do nosso Prior do Crato D. Diogo Fernandes de Almeyda, quando estando elles sobre Granada, & o Prior tendo Embayxador del Rey de Portugal, a ajudou a combater valerosamente, tirando com muytos louvores daquelle batalha honradas feridas, & querendo-o El Rey desviar antes, porque não convinha ao cargo que trazia, lhe respondeo, que se o officio lho defendia, que o sangue, & o animo o obrigava. E em que conta teria El Rey Felippe I. a Federico Badoaro, que os Venezianos lhe mandaraõ por Embayxador a Genova, sendo elle Principe de Hespanha, que estando com elles aos Officios Divinos no segundo lugar, succedeo chamar o Principe a si o Duque de Saboya, & acenando ao Veneziano, que lhe dêsse o lugar, o que elle não quiz fazer; o Principe com acenos, & palavras asperas, o mãdou muytas vezes tirar, mas respõdeo, q̃ antes havia de deyxar a vida, q̃ aquelle lugar, porq̃ com a morte de hum particular se não fazia afronta ao Senado: Mas que se lhe faria muyto grande, se dêsse o lugar, que lhe era devido, a pessoa inferior em merecimentos. E quanto à dissimulação, & sofrimento só nos esforçados costuma a achar confiança: para metterem em cortezania o que puderaõ estranhar com arrogancia, como succedeo a Ginberto Dandalo, Embayxador dos Venezianos, ao Papa Nicolao III. que já mais foy ouvido, nem pode alcançar entrada do Summo Pontifice, por enojo, que tinha contra o Senado, sobre a possessão de Ancona, até que vendo elle o pouco que importavaõ suas muytas diligencias, fingio hum dia, sahindo com alegre semblante haverlhe fallado, & alcançado o fim do negocio a que vinha, & sem esperar outra cousa se partio para Veneza, aonde perguntandolhe o Senado o que passára, respondeo, não achey o Papa em Roma, nem quem me foubesse dizer aonde o acharia.

Muy principaes (disse o Doutor) são as partes de esforço, & entendimento no Embayxador; porèm tem igual necessidade de todas as outras, para representar com a nobreza a pessoa do seu Rey, para com a magnificencia adquirir as vontades
dos

Nos Ministros, & creados, para com a gravidade, & brandura ser amavel, & authorizado, para com o conhecimento das cousas de Estado, & experiencia dellas, acertar nas que se lhe offerecem, & para com a gravidade, & gentileza da pessoa, dar huma approvaçãõ na vista, de tudo o que se conhecer de suas obras. Mas porque não pareça, que vou fóra do em que comecey. A que os Embayxadores não levaõ recados, he certo, (que ainda que os seus sejaõ de mayor confiança,) que levaõ por escrito muyto do que haõ de dizer, & do que haõ de callar, do que ha de pedir, ou conceder; porẽm a eleyçãõ do tempo, occasioens, & palavras fica subordinada ao seu entendimento, & para isso daõ os Reys, & seus Conselhos Supremos largas Instruçoens, Regimentos, & Ordens, de como se haõ de haver nas cousas os Embayxadores; que saõ mais largas, quanto saõ mais remotas as Provincias a q̃ saõ enviados. O officio (disse Leonardo) he de tanta importancia, que nenhum outro demanda mayor cabedal de partes da natureza, & das adquiridas por experiencia: & seyvos eu dizer, que houve neste Reyno famosos homens desta profissaõ, & taes, que querendo nomear alguns, faria manifesto aggravo a outros muytos. Mas seo Gram Duque de Florença, vencido da eloquencia, & partes de Hermolao Barbara, (que estava em sua Corte por Embayxador dos Venezianos, com tantas mercès, & favores o persuadia a que ficasse em seu serviço: Não faltaraõ outros, que sahidos deste Reyno com o mesmo cargo, fizeraõ mayor enveja a Principes, & Monarcas mais poderosos. E algum teve lugar nos Tribunaes Supremos da Corte de Hespanha, que para negocios particulares de hum Principe deste Reyno foy mandado a ella, que pela grande satisfaçãõ, que nelles deu de sua pessoa, foy escolhido para os de huma Monarquia tam dilatada. Mas não he de espantar, que de hum Embayxador, & mensageyro particular, se fizesse hum Conselheyro de Estado, sendo creado da casa de hum Senhor, do serviço do qual, como de outro Cavallo Troyano, sahiraõ heroes famosos, & varoens insignes em todas as profissoens. Donde sahiraõ Vice-Reys, & Capitaens mayores para o Oriente, & Soldados para Capitaens, & Mestres de Campo,

po, que defenderaõ, & honraraõ o Norte. Cavalleyros, & Bálios, que sustentaraõ a Malta. Fronteyros valerosos, que se afinalaraõ em Africa, todos os creados da mesma casa, aonde se acharaõ sempre em grande copia, espiritos, que honrem a Marte, & engrandeçaõ a Minerva, fazendo enveja aos mais aventajados nos Exercitos, & presidios Hespanhoes: & aos mais insignes nas Escolas, & Academias mais nomeadas da Europa.

Tendes levantado este discurso, de maneyra (disse Solino,) & està a materia delle taõ altiva, que me parece, que eu, & Pindaro, ficamos esta noyte camarço, sem nenhum de nõs fazer postoleta; ainda este mão jogo me fez o meu moço, que naõ cuydey, que delle saltasseis a cousas taõ diferentes, folgara de saber se havieis de ficar nesse tom, porque vos deyxarey em terno com o dono da casa, & o Senhor Dom Julio, & irey buscar minha vida. Ainda naõ tendes razaõ de vos queyxa (respondeo elle) que antes por me chegar pouco, & pouco aos creados, deyxey muytos dos Embayxadores, apos os quaes se seguem logo os Agentes, & Procuradores, que as Cidades, Villas, & Lugares mandaõ a Cortes, & outras vezes

a Visitas, & occasioens dos Principes, que naõ menos devem ter escolhidos para estes cargos, bulcando nelles as partes mais necessarias, que saõ discricão, experiencia, & pessoa: Quando naõ possaõ concorrer todas as mais, porque a Cidade, ou Villa, que manda ao Principe seu Procurador, ou Agente. Neste mesmo faz representaçãõ de sua sufficiencia. De hum Cidadãõ se conta (disse D. Julio,) que sendo enviado por Procurador a Cortes, lhe esqueceo no caminho, o que a Cidade lhe encomendara, & tornou a dormir a casa, a perguntar a sua mulher o negocio a que hia, & fora melhor eleyçaõ se a mandaraõ a ella, pois lhe naõ esqueceo. De outro ouvi eu (respondeo Solino, que jurou por vida sua a ElRey Felippe I. que se havia de cobrir S. Magestade para lhe fallar em nome de huma Cidade deste Reyno, fora outras impertinencias, que na pratica disse, mais dignas de riso, que de credito: E hum conheci eu, a que cahiraõ as luvas, & o chapéo da mão, começando

quando a dar o recado de huma Cidade a hum Principe, & levantando-as, perdeu o que queria dizer, de maneyra, que nunca atinou palavra. Estes mãos successos (proleguio o Doutor) testemunhaõ o muyto cuydado com que se haõ de eleger os homens para taes cargos: O q̃ não importa menos aos Titulares, & Fidalgos, que mandaõ visitar a outros em occasioens de pezames, ou parabens, por pessoas, que saybaõ accommodar-se à tristeza, ou alegria, que o caso requiere, para credito, & boa opiniaõ de quem os manda. Certo (acodio Leonardo,) que não julgara bem, quando isso releva: senaõ o que já se envergonhou de ouvir visitas desencaminhadas, como se fez huma a hum Fidalgo, que eu tratey particularmente, ao qual, estando enojado por morte de hum seu filho, visitou da parte de hum personage hum Capellaõ bem apessoadado, & disse, que o Senhor N. estimara muyto aquella occasiaõ, para mandar visitar a sua mercè, & se offerecer a teu serviço; a este conto fizeram todos muyta festa. E Solino, que vio lugar aos seus acodio logo. Não sey se virã muyto a proposito, porẽm tambem eu hey de dizer a minha historia, em razãõ da advertencia, & cuydado, que deve ter quem visita em nome alheyo, se vê, que mais faõ defatentos, que ignorancias os erros destas materias. Huma Senhora enojada por a morte de hum seu Irmaõ, tomava as visitas em huma Camilha, como as mais costumãõ; a esta mandou visitar outra parenta sua por huma pessoa de authoridade, que entrando na primeyra casa a achou taõ elcura, q̃ pegando-se às paredes, esperou huma Dona, que lhe servisse de moço cego, a qual o levou por a maõ tẽ huma porta estreita, aonde havia hum degrão alto, & alli o soltou para passar diante, o qual não alcançou tambem o degrão, que não dẽsse primeyro com as queyxadas na hombreyra do portal, & salido do perigo o tornou a guiar a Dona da mesma maneyra, tẽ junto da Camilha, aonde o tornou a soltar; esta pessoa, cuydando, que tinha alli outra porta, por não errar o degrão por bayxo, levantou o pé, de maneyra, que o poz nos peytos à enojada, que dando hum grande grito o fez cahir de socinhos. Muytos, que estavaõ na casa, & tinhaõ furtada a luz

luz aos que de novo vinhaõ a ella, levantãraõ taõ grande rizo, & burburinha, que defauthorizãraõ de todo o sentimento do nojo, & cahia cada hum para sua parte sem se poder valer. Como Solino tinha graça natural no que dizia, deu muyta a este conto, que foy celebrado com rizo de todos. Se assim he (disse Solino,) que nestes ha tantos desatinos, & inadvertencias, não ha que espantar de creados menores, que huns saõ por natureza tão rusticos, que em nada acertãõ, outros por malicia taõ depravada, que não querem saber, senãõ o que he em favor de sua maldade. Huma questãõ se offerecia agora (acodio Pindaro,) que aindaque rasteyra he em materia proveytosa, convem a saber: Se he melhor servir-se hum homem, de hum moço simples, & nescio, ou de hum malicioso, aindaque seja esperto. Eu estou melhor (tornou Dom Julio) com o que me engana, que com o que me enfada: porque a confiança, que fizer do meu moço ferã, segundo a opiniãõ, que delle tenho, para me poder enganar em pouco; & do nescio, nem posso confiar hum recado as minhas razões, nem as minhas obras dentro em casa, que o que ignora o que ha de dizer, menos sabe o que lhe convem callar: alèm de que, he grande desgosto andar hum homem de continuo ensinando hum rustico sem proveyto, que não tomarã em sua vida tinta de discricãõ, por mais que o cozaõ nella. A mim me parece outra cousa (disse Solino,) em razãõ daquelle proverbio: Antes asno, que me leve, que Cavallo, que me derribe. Pelo rifaõ (respondeo Leonardo) entendendo, que quereis defender o vosso moço. Se o não fizer bem, ficarey no seu lugar (replicou elle.) Porém o moço nescio não póde defacreditar com sua parvoice o entendimento de seu amo, q̄ não está obrigado ao tirar das Escollas de Athenas. E o malicioso, & esperto, nem por o ser deyxã de errar peyor, q̄ os outros, porq̄ não aprende o q̄ convem a seu amo, senãõ ao intento de sua maldade, & dà às vezes por recado o que lhe parece em lugar do que lhe mandaõ, & quando não troca as palavras, ou sentido dellas, muda o tempo, & a cezaõ do recado, vay quando quer, & não ao tempo, que vos releva, tira-

vos

Vos o credito nas obras, se o conserva nas palavras, porque dizem, que qual o amo, tal o moço, mais vos desacredita com a murmuração, do que vos acredita com o recado, & quando vos lifongea, he quando vos rouba. O simples se não diz o que lhe dizeis, faz o que quereis, contenta-se com o que delle fiaes, & não trata de penetrar o que pertendeis, & muytas vezes seus erros cahem em graça como as subtilezas dos outros em damno. Boas são essas razões (disse Feliciano;) porém he dura cousa, que pelo moço nescio, julguem por si tal a seu amo, pois he regra de direyto, que faz por o que manda fazer por outrem; & se a vitoria dos Soldados se atribue ao Capitão, os ensinios, & palavras dos moços, porque se não haõ de julgar por de quem os governa, & manda; & menor damno he qualquer dos outros, que o de hum homem parecer nescio à conta do seu moço. E sobretudo, não se ha de pintar tão perverso o malicioso, que faça mal, diga mal, & presume mal, & seja indiligente, que os mais delles cantão de quem roubaõ, que de outro modo não he pintar creado, mas inimigo. E não sabeis vós (acodio o Doutor;) que todos os creados, ou a mayor parte delles, o são de quem os sustenta; & assim diz a sentença de Euripes, que não ha mayor, nem peyor inimigo, que o creado: & Democrito diz, que o creado he cousa tão necessaria, como amargosa. Luciano diz, que os creados sempre tem malicias, & trayçoens armadas contra seus amos. A muytos tenho eu por inimigos (disse Feliciano;) porém peyor o será o nescio, que o que o não for; & não sómente sustentará inimigo em casa, mas Senhor, que como diz Jeronymo, não ha mayor servidaõ, que mandar a hum nescio. Eu tenho procuração em causa propria (disse Solino) para acodir pelos creados, como testemunha de muytos fieis, & verdadeyros a seus Senhores; & Euripides, & os mais devem de entender o que disserão dos escravos, que como lhes temos tomada a coula mais principal, & mais sua, que he a liberdade, sempre nos tem odio, & nos desejaõ, & procuraõ mal, porque a vileza do seu animo não sofre mostrarem valor na sujeição. Não me parece a mim essa boa razão [acodio o Doutor]
 porque

Dos escravos inimigos dos Senhores.

por dito de Seneca, nenhum escravo ha mais vil, que o livre, que serve por sua vontade. (Naõ entendo neste conto os nobres, & honrados, que servem aos Grandes por respeytos razoaveis,) & dos escravos a que faz taes, ou a ventura da guerra, ou outra desgraça, temos os livros cheyos de exemplos de valor, & fidelidade, em que deyxaraõ muyto atraz os proprios filhos. E senaõ vede se faz algum o que o escravo de Publio Catino, que deyxando-o o Senhor por universal herdeyro de seus bens, pela fidelidade com que o servira, elle por se mostrar agradecido na morte, se deytou vivo na fogueyra, em que queymavaõ o corpo de seu Senhor, & morreo com elle, mostrando, que estimava mais tal servidaõ, que a vida, & as riquezas, que lhe deyxava. Erotos escravo de Marco Antonio, se matou de pezar, de ver a seu Senhor vencido de Augusto. Eupopo escravo de Lucio Gracho, que se matou sobre o seu corpo. E hum escravo de Papiniaõ, que vendo, que os inimigos entravaõ huma Quinta, em que o Senhor estava, para o matarem, trocou com elle o vestido, & metteo no dedo hum seu anel de preço, & deytando-o fóra por huma porta, sahio pela outra a receber a morte, que haviaõ de dar a seu Senhor. E Federico de Eves, hum escravo de Conrado Emperador, que sabendo, que vinhaõ para o matar, o fez sahir do Paço, & le deytou na sua cama, aonde cuydando os inimigos, q̄ era Conrado, o mataraõ: & outros muytos escravos sem nome, que mereciaõ, que o seu ficasse eterno, por memoria de sua fidelidade. Nem se pôde esquecer aquelle grande animo de Lazaro Cherdos, escravo de nasção Serviano, que vendo seu Senhor captivo de Turcos, & depois morto, desejando vingarlhe a morte por preço de sua vida, fingio, que vinha fugido dos Ungaros, entrou no Campo Turquesco, & dizendo, que queria fallar a Amurates, primeyro Emperador daquelle Imperio, o matou a punhaladas, donde naõ pode fugir, mas perdeu a vida valerosamente. Desses escravos (replicou Solino) naõ trato eu, que mereciaõ ser Senhores de seus Senhores, como tambem houve creados, que mereciaõ ser servidos de a quem serviraõ, que tambem Diogenes foy escravo, & perguntandolhe Xenia-

des,

des, que o comprava, em que sabia servir, respondeo, que em mandar homens livres; por o que Xeníades o libertou, dizendo, aqui te entrego meus filhos, para que os mandes. E Epicteto, q se chamava escravo de si mesmo; & a Phedaõ escravo de Cebes ouvi dizer, que Plataõ dedicára hum livro da immortalidade: porèm a nõsnaõ nos cahiraõ em forte estes escravos, senaõ a gente mais barbara do mundo, como he a detoda a Ethiofia; & alguma escravaria de Asia, que he da gente mais vil das Provincias della: que huns, & outros trataõ os Portuguezes com rigoroso captiveyro naquellas partes, vendendo-os para serviço das minas das Indias de Hespanha, como condemnados à morte; & assim se pòdem estes chamar com razaõ inimigos mortaes de seus Senhores. Tambem (disse o Doutor) houve já neste Reyno escravos illustres de muyto valor, entendimento, & sangue, conhecidos por taes, & tratados, como se estiveraõ em liberdade, que captiváraõ nas nossas fronteyras de Africa, em cujas historias me eu naõ quero deter, por-me naõ alongar mais do intento do nosso discurso dos Recadistas, que huns, & outros representaõ a pessoa de quem os manda, no que toca ao recado que daõ; o que a mim me parece, que està bem provado, com o costume, que os antigos tinham de mandar os seus, que naõ fallavaõ por terceyra pessoa, como he o nosso uso: *Recados como os davaõ os antigos.* que dizemos, diz suaõ, que vos beyja as mãos, que vos pede isto, vos encomenda estoutro, vos lembra tal coufa: antes costumavaõ, N. vos diz, beyjovos as mãos, rogovos isto, encomendovos estoutro, lembrovos tal coufa, representando nas palavras a mesma pessoa, a que as mandava dizer; & desta maneyra ficava arriscado nosso amigo Solino, representando pelo seu moço, pelo que a mim me parece, que o melhor do recado, he ser taõ breve, que o possa dar sem erro, quem o leva, & taõ claro, que o entenda sem trabalho, o a quem se manda, & com isto, & com vossa licença me hey por desobrigado do que nesta materia podia dizer. Naõ pela minha parte (disse Dom Julio) porque deyxais defóra hum officio de mais habilidade, que todos os de que me fallastes, em cuja profissãõ entra a de Embayxador, Agente, E Procu-

Procurador, & Recadista, & ainda outros muytos, que he o do
 terceyro, ou alcoviteyro. A isto deraõ todos grande rizada, &
 disse Leonardo. O Doutor callava esse officio por ser mais vil,
 & reprovado, que os demais, & se empregar em materia tão
 odiosa à Republica, porẽm sem entrar nõ fundo delle nos pu-
 derã dizer alguma cousa da superficie. Bem sey (respondeo o
 Doutor,) que para me metter em desconfiança levantais essa
 lebre, & não vos enganeis, que tanto se deve tratar de offi-
 cios viciosos para fugirem delles, como dos de virtude para
 os seguirem, & desejarem, & posto que esse he tão vil, já os
 Romanos deraõ leys à sua profissão, segundo escreve Pedro
 Crinito, as quaes estavaõ escritas no Templo de Venus: E Li-
 curgo, aquelle grande Legislador dos Lacedemonios tambem
 lhes deu regras, & liberdades, posto que lhe està melhor o cas-
 tigo com que os nossos direyos os agazalhaõ, mas se ha offi-
 cio de muyto cabedal, & pouca honra, he o de alcoviteyro,
 porque ha alguns, que os não vence Tullio no fallar, Cataõ no
 diffimular, Salustio no persuadir, Terentio no representar, Gui-
 dio no fingir, Lucano no encarecer, Diogenes no desprezar,
 Ulysses no tecer, Momo no desdanhar: & todas as artes, &
 sciencias do mundo tem, & empregão em affeyçoarem com en-
 gano, vontades innocentes; & para lhe afinarmos as partes
 necessarias, forã acertado pintar o aveso do Embayxador, com
 que só convem em ser discreto, & experimentado; porẽm ha
 de ser bayxo, vil, desprezivel, avarento, chucarreyro, mentiro-
 lo, ingrato, & totredor de todos os escarneos, & zombarias,
 porque não só he de sua profissão enganar, mas tambem obe-
 decer a toda a ignorancia, & infamia, que seu exercicio me-
 rece. Muyto cruel estais contra elles (tornou Dom Julio,) &
 não tendes razaõ, quando vitupereis o seu officio, esquecer a
 grandeza das partes delle, pois o alcoviteyro, descreve, en-
 feyta, & encarece melhor que hum Ecriptor; persuade, a conse-
 lha, & convence como hum Rhetorico, finge, disfarça, & re-
 presenta com figuras, espantos, meueos, & hypocresias nos ges-
 tos, & palavras, como hum Comediante. Pinta, veste, touca,
 acomoda, guarnece, doura, argentea, toucados, & vestidos, &
 retrata os rostos, & feyçoens melhor, que hum Pintor, sabe mais
 da

da natureza das pessoas com que trata, q̄ hum Filosofo vendo o falso por verdadeyro, como Logico, conhece as enfermidades, achaques dos que lisongea, como Medico obriga, & engana no interesse como Legista, adivinha os tempos, occasioens, & vontades, melhor, que hum Astrologo. Não ha finalmente Arte liberal, nem mecanica, de que se não valha, & em que não vença à seus professores. Ainda me parece (disse Solino, que haveis de chegar à Celestina, que posto, que o officio he do genero commum de dous, acomoda-se melhor ao feminino; & pois de Embayxadores decemos a creados, não he de espantar, que tropeçemos em tão roim gente. Pareceme (disse o Doutor,) que de a posta quereis profanar a minha authoridade; não vos quero dar esse gosto à minha custa, & não passemos daqui nesta materia, & tambem porque he mais tarde do que parece, demos lugar a que o Senhor Leonardo se recolha. Com isto se levantaraõ todos, & se despediraõ, festejando, & agradecendo cada hum ao outro o que disséra, que tanto se contenta o discreto da boa razaõ alhea, como o nefcio da sua ignorancia propria.

DIALOGO V.

Dos Encarecimentos.

NÃO perdiaõ tempo da conversação, em se chegarem aos interesses della, & era em todos tão igual o desejo, que nem a occupação de cada hum os desencontrava, porque o gosto em que se eleva o entendimento, faz menores todos os respeytos ordinarios da fazenda, & familia. Entraraõ à noyte juntos, em casa do hospede com grande alvoroço, dando cada hum no caminho seu voto, sobre a materia, em que se haviaõ de gastar aquellashoras: porèm assentados, sem o estarem ainda no que seria (disse Dom Julio.) Por certo Senhores, que estou tão enleado com huma cousa, que vos quero dizer, que temo das razoens, & da idade, faltar ao decoro, que convem ao sujeyto dellas, porque nos mancebos, as palavras de me-ro louvor de huma mulher, ainda sendo muy compostas pare-

cem lascivas, & mais facil de presumir hum engano de affeyção nos meus olhos, que de persuadir hum espanto a entendimentos tão levantados, como os vossos. Porém seja o que for, & corra o meu credito o rizo, que ordenardes, que com todos os que houver me aventure. Que novidade he esta, Senhor D. Julio (disse Solino,) que Sermaão quereis fazer, que tomais a graça, & nos tendes pendurados a todos no desejo de vos ouvir. Esta manhã [proseguio elle,] porque me pareceo da caça, & por gastar nella o dia, com menos cuydado do desejo da noyte, me fuy por detraz da nossa serra alongandome para a parte do mar hum grande espaço de caminho, & voltando sobre huma fonte, que nasce ao pé de huma coroa de penedos, cuberta do sombra de huns altos ervallos, roeyras, cheyos de verde rama, como no melhor tempo da Primavera, embarços com humas vides sylvestres, que os atavao, & que ainda de todo não estavao despidas de sua folha, vi junto a ella, & cuberto com elles o mais fermoso rosto, que eu imagino, que póde haver no mundo, para satisfação de huns olhos affeyçoados. Era de huma mulher em habito de peregrina, que fiada na solidao daquelle deserto, & por gozar dos rayos do Sol, que naquelle lugar se espalhavao, com os toucados lançados sobre os ramos, à vista da fonte concertava os cabellos; & erao elles taes, que não sómente faziao perder ao Sol a fermolura, mas cobrindo outro mais fermoso, que era o feu rosto, contentavao de maneyra o desejo, que não fazia muyto por passar delles adiante. Eu sem atinar no silencio, com que era razaõ, que me escondesse por lhe não ser pezado, fiquey tão esquecido, que afronxando as redeas ao Cavallo, o deyxey tropeçar entre os ramos, & fuy tentido da fermosa peregrina, que levantando os olhos, a cuja obediencia os cabellos se aparaõ, qual foer ferir o relampago d'entre as nuvens, me saltearaõ a vista com huma luz estranha, descobrindo juntamente aquelle thesouro de ricas pedras, que o ouro dos cabellos escondia. Os olhos erao duas Estrellas de Diamantes, em cujo fundo hum verde escuro de esmeraldas apparecia, que communicando àquella fermosa cor a claridade dos rayos, que despe-

despediaõ , roubariaõ as almas de quem os olhasse, & descendo delles abayxo, era tudo taõ cheyo de perfeçõens , que o menor lugar em que se empregava a vista tinha delusados extremos de fermosura. A boca era hum laço de todos os pensamentos amorosos , & nunca vi cousa taõ pequena , em que coubessem tantas grandezas: Pareceome hum roby partido pelo meyo , que com hum perfil aleonado se dividia , & por detraz luziaõ como por vidraça as perolas , que até entaõ me não descobria o pejo com que ficou de me haver visto. A columna , que sustentava este edificio, era hum pescoço de crystal jaspeado de humas veas roxas, & azuis muyto delgadas, que me representaraõ naquella hora a cor do Ceo sereno, que pela rotura das duas nuvens brancas apparece a que fazia parecer mais fermoso o circulo da sombra , com que se engastava do aspero burel da esclavina, que a romeyra vestia; apeeyme eu, & neste mesmo tempo lançou ella o toucado sobre os cabellos, pondo os olhos na fonte como em espelho , mas como as suas madeyxas eraõ mais compridas, que a toalha branca com que as quiz encobrir, se mexiricavaõ pelos extremos das pontas, que vinhaõ a guarnecer de fino ouro aquelle grosseyro traje; falleylhe com a cortezia , a que a modestia , & gravidade de seu rosto me obrigava , & ella sem mostrar outro alvoroço de minha presença , mais que vestir de escarlata a branca neve de que parecia formado, me respondeo, perguntando, se estava perto o lugar, & se era aquelle o caminho. Eu, que não perdi com os olhos hum só movimento dos que os seus faziaõ, me pareceo tudo o que tinha visto sombra da graça, & brandura, com que fallou, com huma voz taõ fina , que penetrava o interior do coração , & taõ suave, que o desfazia , & com huma modestia taõ grave , que não dava lugar a se porem nella os olhos direytamente , senaõ com hum respeyto armado de receyos; pergunteylhe donde era, para onde hia, encarecendo-lhe o perigo em que punha sua belleza, de ser offendida, fiando-a de desvios taõ solitarios: mas ella desprezando todos os temores , & fazendo mais difficiltosa a sua jornada , pelo que della lhe pendia , que pelos trance, que à sua conta se me representavaõ, deu a entender muytas cousas, com que eu per-

di o acordo, & a ousadia de lhe perguntar outras, & lhe offerer algumas das que costumaõ haver mister os que fóra da sua patria vem experimentar os males das alheas. E além de eu estar atalhado com sua vista, o estava ella tanto com minha presença, que perdi o interesse de a ver, por o respeyto de a não molestar, despedime magoadõ, estou arrependido, & cobiçoso, de a tornar a ver, de maneyra, que não aparto o pensamento do lugar onde os meus olhos a deyxaraõ. E porque ainda me parece, que deve ser mais estranho o successo, que a traz naquelles vestidos, que a novidade de sua gentileza, a que se deve todo o cortezaõ tributo de vontades bem nascidas, peço ao Senhor Leonardo, que por a melhor via, que lhe parecer, sayba desta Estrangeyra, que por esta noyte deve estar na Aldea, ouvirà della mesma a lua historia, & eu acreditarey com a vista o que tenho dito de sua fermosura. Bem andastes Senhor Dom Julio (disse o Doutor) em tomar primeyro carta de seguro para o que havieies de dizer, porque os encarecimentos dessa peregrina, taõ mais pinturas vofas, que gentilezas suas, porque não ha mulher nas obras da natureza, taõ perfeyta cà na terra, como a soube fingir o vosso entendimento, ou affeyçaõ, & à conta della, me parecia bem, que assentassemos o retrato de belleza taõ sobrenatural, que em materias de amor, tudo o que reluz he ouro, & tudo o que assombra he Sol, & só com esta desculpa salvareis louvores taõ defacostumados. A affeyçaõ do que vi, não posso eu negar (tornou elle) mas à vista da peregrina dizey o que quizerdes contra minhas razoens, que nas suas partes hey de achar armas com que defenda o que disse. Leonardo se offerreceo entaõ a mandar fazer a diligencia com muyto cuydado, & voltando para Solino, que tinha os olhos no chaõ, lhe disse: Vós que callais, quereis alegar serviços ao Senhor Dom Julio, porque a vossa natureza não he deyxar passar esta mercadoria sem resisto. Estava agora (respondeo elle) cuydando nos livros de Cavallarias, que ha poucas noytes, que defendi, & desejava dar hum Cavalleyro Ardante àquella peregrina, que se huma cousa destas apparecer a meu amigo Pindaro, que encantamentos não romperá, & que Poezias, & obras heroicas apparece raõ

recêraõ de novo no mundo, que alabaſtros, marſins, marmores, cryſtaes, topazios, jacintos, eſmeraldas rodãraõ por eſſes ares? Que poſto, que o Senhor Dom Julio ſahio deſte encontro mais elegante do que ſe eſperava : Pindaro , com ſua licença , tem neſta materia mais direyto adquirido , & naõ ſe houvera de contentar de deſcer dos Ceos a Eſtrellas, & o Sol em ſeme- lhantes louvores; mãs os Archanjos , Querubins, Dominações, & Poſtades haviaõ de ter lugar nelles.

Naõ ferã fora de propoſito (diſſe o Doutor) divertirmo- nos agora com eſta materia, em deſconto, & recompenta das paſſadas, & gaſtar eſta noyte em ſaber a cauſa, & o eſtylo dos encarecimentos namorados, que he pensamento, que já me deſvelou em outra idade. Obrigome eu (diſſe Leonardo) que a nenhũ dos presentes deſcontête a voſſa eſcolha, & eu parti- cularmente, eſtimarey ſeguilla, tomãdo o primeyro voto do Licenciado, que por hospede, eſtudioſo, & cortezaõ, ſe lhe de- ve o lugar. O meu voto (tornou Feliciano) he de pouca im- portancia, & o lugar devido a outrem, mas com toda a hu- mildade aceytarey o que me derem, & ſe com a minha razaõ ficar corrido, barato he o ſaber, que ſe compra com primeyro errar : & aſſim digo, que os encarecimentos nascidos de amor,

*Razaõ
dos enca-
recimẽtos
de amor.*

naõ devem parecer eſtranhos (por deſiguais que ſe- jaõ) a nenhum juizo aſſeyçoado; porque o amante para pintar a fermofura de huma Dama, que ſatis- faz a ſeus olhos, & pensamentos, difficultoſamente acharã nas couſas criadas a que a compare, que lhe fique parecendo, que a encarece, porque ainda que ſejaõ fermofas as Eſtrellas, lhe naõ agradaõ tanto, como os ſeus olhos, & ſendo o Sol taõ bello, ſe alegra menos com a cla- ridade de ſua luz, que com ver o roſto de quem ama : & ſaõ de menos valia para ſeu goſto, & deſejo, o ouro, as perolas, rubins, eſmeraldas, & ſafiras, que o rizo da boca, & a graça da ſua viſta, & de naõ imaginar na terra hum amante couſa, que ſe iguale ao objecto da ſua aſſeyçaõ, dà o deſvarie de a comparar aos eſpiritos, que naõ alcança com o entendimento, ſobindo com elle pelas Hierarquias mãs levantadas : a cauſa he, porque o amor faz couſas taõ fermofas a ſeus olhos, que

leva muyta ventagem à natureza, que criou humas, & outras, & a cobiça, & opiniaõ, que engrandeceo a muytos dellas, que atè do gosto, como diz Plauto, nem o que tem fabor sem amor he laboroso; nem ha fel taõ amargo, que com elle naõ pareça suave, que naõ somente com seus poderes dà perfeçãõ às cousas, mas tambem as converte em outra substancia. Naõ estou contra a vossa razaõ (acodio Leonardo,) mas parecem-me de fôrma os encarecimento de que fallais, que todos pouco mais, ou menos naõ sahem de certos limites, porque em descendo da pedraria os que saõ menos Lapidarios empregãõ em coral, marfim, porfido alabastro, ro-
Limites dos encarecimentos. fas, neve, ouro, & quanto por meu voto a payxaõ de amor naõ havia de guardar regra certa nas palavras, & louvores, antes encarecer sua Dama com as cousas, que a seu gosto, & opiniaõ se jãõ mais fermosas, & como as affeyçoens saõ tão differentes, assim o serião os gabos, & encarecimentos. Para louvar (replicou Feliciano) naõ ha tantos caminhos, como para ter affeyçaõ, porque logo dais com huma estrada Coimbrãa, que he tão bella como o Sol, tão clara como a Lua, taõ alva como a neve, taõ loura como o ouro, & daqui adiante. A mim me parece bem (disse Solino) a razãõ do Licenciado, que o Doutor tinha geyto de metter os louvores de huma Dama em Exemplos caseyros, chamandolhe fresca como o seu pumar, linda como o seu jardim, clara como a sua fonte, & alta como as suas fayas: & como os amantes para encarecer, se naõ contentaõ com pouco, todos chegãõ ao que póde ser, todo o branco he crystal, & Diamantes, & córado rolas, & rubins, o verde esmeraldas, o azul safiras, & amarello ouro, & jacintos, & atè as mãos dos meninos, a que naturalmente tem excessivo amor, naõ lhes sabem chamar pouco quando os tomãõ nos braços; logo os intitulaõ de meu Duque, meu Marquez, meu Conde; nas pedras meu ruby, meu Diamante, & nas flores meu cravo, & minha rosa, & quanto mais louvando mulheres, a quẽ todo o encarecimento fica curto, & envergonhado, cõ a força com q̃ tẽ cativos os sentidos, & as potencias dos que hãõ de fallar nellas, & para conclusãõ

clusão de tudo, diga Pindaro o que sente neste particular. Os encarecimentos de que usaõ os amantes (disse Pindaro) menos laõ seus, que adquiridos dos famosos Poetas, que lhos en-

*Encare-
cimentos
diriva-
dos da
Poezia.* sinaraõ, deyxando-os elcritos em suas obras, porque como a retratadores das obras excellentes da natureza, buscãrão tão altivos materiaes para darem vivas cores à fermosura. E naõ he muyto, que pintando hum rosto fermoso da terra, lhe acomodassem cores, & attributos celestes, quando para pintarem coutras do mesmo Ceo, usaõ tantas vezes de

femelhanças, & encarecimentos da riqueza da terra, como fez Ovidio na casa de Febo, com tetos de lavrado marfim, & ladrilhos de ouro, com paredes de topazios, jacintos, & esmeraldas, & o mesmo fez, pintando os Pavoens, que no Ceo levavaõ o carro da Deosa Juno, que depois accrescentou em obra, & feytio, Martiano Capella. E como a fraze Poetica he a mais excellente, & levantada, & por tal escolhida das Sybillas, & Oraculos, para usarem della, tambem fizeraõ amantes a mesma eleyção, ente os quaes, qualquer miuda consideração de hum voltar de olhos, he arco, aljava, & sétas de Cupido, com todas as mais allegorias, & transformaçoes, que os Poetas usãrão. A verdade he (disse o Doutor,) que a per-

*Fermosu-
ra ani-
madu vè-
ce encare-
cimentos.* feyção da fermosura animada, se não pôde dividamente encarecer, com alguma semelhança, que o não seja, porque todas lhe ficão muyto inferiores, o que declarou bem huma Dama Florentina, que perguntandolhe o que lhe parecia de huma figura de mulher de alabastro, feyta por hum famoso Escultor daquele tempo, ella sem responder com pala-

vras, fez que huma criada sua fermosa, & bem proporcionada despisse em si as partes, que a figura mostrava nuas, & logo à vista da natural belleza perdeu a pintura a fama, & valor, que de antes tinha; & eu vi tambem hum Hyeroglifico da fermosura, que declara engenhosamente este pensamento: a figura do qual era huma mulher com a cabeça mettida entre as nuvens, o corpo despido, mas rodeado de hum resplendor, que o não deyxava ver distintamente, na mão direyta hum lyrio, &

& na outra hum compasso, significando com a cabeça mettida no Ceo, & no resplendor, que só com as cousas delle se podia encarecer, fazendo impedimento à vista humana como rayos dirivados da belleza Divina: o Lyrio denotando a graça das partes naturaes, porque em cor, & pureza foy sempre symbolo da fermosura: o compasso, a medida, proporção, & correspondencia dos membros, em que consiste toda a perfeição, & nesta parte não tem pouca justiça, porque sómente na licença Poetica pódem entrar os desvarios dos namorados, por seré iguaes ao furor Poetico, & amoroso. Porém já que os encarecimentos estão approvados com tão boas razões, estimára eu ouvir alguns, em desculpa dos que vivem, morrem, & resuscitam a cada passo, & que andão sem almas, como cantaros, &

Dos encarecimentos, que dizem, que morrem, acabando, & resuscitando.

sem coração como foroens, que a meu ver, he gente, que por privilegio de amor, vive exceptuada das leys da natureza. A razão (respondeo Feliciano) he a mesma; porque quem encarece a causa igualmente exagera os effeytos: a pena de hum disfavor, o termo de huma crueldade, ou esquivança, he o mayor tormento da morte ao que ama, & hum favor, & brandura, que recebe em sua affeição he na sua estima o mayor bem da vida, & quanto ao estylo de viver sem alma, & sem coração, o declarou maravilhosamente hum Poeta moderno, dizendo em hum Soneto a sua Dama, da qual estava ausente, que huma parte da alma com que vivia, lhe ficára, mas a com que imaginava, entendia, & amava, tinha sempre com ella. Nem he outra cou-

Os que amão vivem fóra de si.

sa, os desvarios, & desatentos dos que amão, senão viver em certo modo fóra de si, como pareceo a Propercio, dizendo, que o que se entrega ao amor, perde o juizo, & o que eu vejo, que poucos em presença da causa amada ficão com elle. Também S. Jeronymo [acrescentou o Doutor] escreve, que o amor da fermosura he hū esquecimento da razão; & assim chamão os Poetas

Exemplo de Hercules.

o Amor inimigo della, & q̄ mayor exemplo se póde imaginar desta verdade, & mudança dos que amão, que o de Hercules, a quem os Embayxadores de Libia

bia achãrão lançado no regaço de sua amada, mudandolhe os aneis dos dedos, ella com a Coroa Real na cabeça, & o famoso Thebano com hum çapato seu della em lugar de Coroa? Que menos esperado, que o de Dionysio Syracufano, que por mão, & parecer de Mirta sua amiga despachava os negocios importantes de seu Reyno? Que mais estranho, que o de Themistocles Atheniense, famoso Capitão de Grecia, que namorado de huma Dama, que cativou na guerra de Egypto, usava em huma doença, que sua amada teve, dos mesmos remedios, que lhe a ella fazião, tomando as purgas, & sangrias, como a mesma Dama, & lavando o rosto por regalo, & gentileza com o seu sangue della? Que menos crível, que o de Lucio Vitelio Emperador, que namorado de huma filha de hum escravo seu, a quem libertara: de tal maneyra perdia o entendimento, que tendo huma esquinencia, não usara outro remedio, mais que hum unguento, que fazia de mel com o cuspo de sua Dama; imaginando, que a virtude de ser seu lhe podia dar faude; untando com elle a garganta, de maneyra (disse Leonardo,) que Amor tira os sentidos, & o juizo a quem se empregã todo em seus cuydados, & eu tinha para mim, & ouvi sempre dizer, que não podia o nescio ser bom namorado, o que agora vejo, que contradiz a vossa opiniaõ, pois os que amão não tem entendimento. Só o discreto (respondeo Feliciano) sabe ser amante, & porisso perde o juizo nas mãos de amor: que o nescio mal poderá perder nellas o que não tem, & fallando mais ao ponto da vossa duvida, o amante pelo ser não fica nescio, mas pareceo em muytas açoens dos sentidos, & entendimento, porque transportado na imaginação do que ama se descuyda de tudo o que não he sua payxão. Estranhamente (acodio Solino) me contenta ouvir essa razão para desculpar comigo os más successos de namorados a que não sabia tão boa desculpa, que a stã grande he, para esquecer cousas menores quem està fóra de si, porque deyxados esses exemplos de amantes, cuja grandeza de estado faz mayor, & mais notavel o defatino, com que nas mãos de amor renunciãrão o entendimento: d'outros de menos estofa, & mais modernos sey eu descuydos, que podião entrar em historia
nesta

nesta occasião, & por me aproveytar della. Eu 'conheci hum Cortezão muy empenhado em finezas de amor, que passeava em hum terreyro, aonde tinha a Dama em hú quarto, q̄ já aturava aquelle fadayro todos os dias, como em atafona: acertou naquelle a ser mais favorecido da Senhora, que de quando em quando lhe apparecia, cevando com sua vista os desejos do namorado mancebo, que por seguir a caça, se esqueceo do tempo, & das horas de comer, mettendo-se pelo Certão da calma, que naquelle tempo fazia? O Cavallo, que não devia de estar tão affeyçoado aquella estancia, como a sua acostumava, estancava muitas vezes do passeio, sem haver acordo, nem espóra, que o despertasse, tè que huma vez, estando o amante parado com o ponto no alvo da janella, acertou a passar hum macho, que levava huma rede palha, a que o rocim se arremeçou com tanta furia, que prendendo os copos da brida nos laços da rede, se embarçou de maneyra, que levou ao quarto o enamorado por todo o terreyro, aonde se resentio do raptio, sem se poder valer contra os couces do macho, & rizada dos rapazes: mas não he muyto padecer delles afrontas, quem de hum tão mal acostumado fia sua liberdade. Outro, que ainda nas guerras de amor não era armado Cavalleyro, passeava a pé à vista de feu cuydado, ora com os olhos na janella, ora com o tento na postura, & galantaria de seu bom traje, a Dama, que não trazia ainda aquella affeyção em abertas, & publicadas; porque não notassem os que passavão os meneos, os esguares, que o mancebo fazia acenandolhe, se tirou do posto passeando-se a huma janella mais pequena, que cahia sobre huma equina das mesmas casas: O galante mais com o tento na mudãça, q̄ no caminho, com os olhos no alto, deu com a testa hum grande encontro na esquina, de que se esmechou, & atalhou em hum monte de cal amaçada de fresco, que estava arrimado à parede, ficando atè os sendais mais cayado, que cantareyra de Alfama. A todos parecerão os contos de Solino cheyos de graça, & (disse Leonardo) sempre sey a amor culpado nesses ferimentos, & não tenho por grande delar, todo o que succede à

Sua conta, que porisso o pintão cego, & são conhecidos por
taes os que o servem; porèm a mim me parecia, que quando
o amante perde o tento, & o sentido de tudo o mais devia
ficar só discreto, & avisado para sua Dama, que he o objecto
em que todo se emprega: que para lhe fallar lhe lobejarião
razoens galantes, repostas obrigadas, termos de
subtileza, & galantarias, & eu pela experiencia acho
o contrario, que de noyvos, & dos amantes se con-
tão as primeyras parvoices. Não ley (disse Solino)
se dirà agora Pindaro, que tomãrão isso os namora-
dos dos Poetas, como os encarecimentos. Os Poe-
tas (respondeo elle) não são havidos por parvos,
& quem lhe quiz fazer todo o mal, lhes chame dou-
dos; o que poderia ser, que o arrebatarem-se de si
os amantes com affeyção, como os Poetas com o furor Divino,
que os excita, aprenderão delles pelo que o voffo remoque
não deu boa chaça; mórmente, que esses primeyros erros são
d'outra geração, & nenhum parentesco tem com a parvoice.
Antes he hum modo de se atalhar, & suspender hum homem o
seu entendimento com muyta razão: porque não pôde dizer
coufa, que pareça bem aos outros, a primeyra vez que falla
com aquella a quem ama, que he passo aonde os mais discre-
tos o perdem. Pareceme, que està do certo meu companheyro
(disse Feliciano) que eu sey homens, que entre os outros po-
dião fallar sem medo, terem-no muyto grande a estes pri-
meyros encontros, que certo me parece mais respeyto, que se
deve à fermosura, que falta, que se possa dar em culpa ao en-
tendimento, pois o verdadeyro he, que amor o apura, & en-
grandece; & por este respeyto os Athenienses lhe le-
vantãrão huma estatua na Academia de Palas, co-
mo o Sabio, & lhe dedicãrão huma Escolla os Sa-
mios significando, que só na de amor se alcança com
perfeyção tudo o que pelas do mundo variamente
se aprende, & com muyto discurto de annos se alcan-
ça; o aviso no fallar, a discrição no escrever, a
brandura no conversar, a Policia no vestir, a graça no pare-
cer, a cortezania no tratar, a liberalidade no dispende, o esfor-

*As cousas
que se
aprendē
na Escol-
la de
amor.*

ço não pelejar, a largueza no jugar, a humildade não servir, & a pontualidade no merecer. Do pensamento, & juizo dos amantes sahirão ao mundo as emprezas discretas, as chimeras escuras, as idéas levantadas, os motes avifados, os versos excellentes, os enredos sutis, as cartas galantes, as fabulas bem fingidas, os primores: os extremos, & as finezas, tudo he doutrina tirada das Escollas de amor. E pois nellas se alcança tudo, não he muyto, que se achetambem hum termo de fallar encarecido, & levantado sobre todas as cousas vulgares, que tratamos, posto que o juizo deste acerto se não deve de fazer por homens livres desta payxão amorosa (se pôde haver algum, a a quem não coubesse em sorte padecella,) & bastava sem outros exemplos fazer a eleyção della o Senhor Dom Julio, que em todas as partes de Corte, & gentileza pôde servir de espelho aos mais apurados. Vós me obrigais por tantas vias (respondeo o Fidalgo, que fico desconfiado de poder pagar, nem com encarecimento do que mereceis, nem com restituição dos louvores injustos, que me dais, que só são devidos ao vosso entendimento. E pois a victoria desta batalha ficou por elle em meu favor, querome proveytar della, & do cuydado, que me deu o dia, com me recolher a casa, & fazer mais comprido o repouso da noyte. Essa resolução (disse Leonardo) he em damno de todos, & muyto mais de sentir, porque a força nos obrigais a que consentamos nelle: mas como em lugar de preza trouxestes da caça empreza tão difficultosa, poupais horas para cuydar nella a nossa custa. Antes (respondeo elle) para reformar no sono as que me desveley na madrugada. A isto se levantou, & os mais dando boas noytes o hião seguindo, & disse para todos Solino. O Senhor Dom Julio vay a sonhar com aquelle thesouro encantado, que lhe appareceo na fonte, & para este cuydado não quer companhia, que se a comunicação dos bens de amor, faz muyto mayor a gloria delles nós contentes: aos que só estão de seu pensamento, nenhuma cousa he mais agradavel, que saudosa lembrança.

DIALOGO VI.

Da differença do Amor, & da Cobiça.

CAda hum dos amigos ao outro dia fez curiosa diligencia por saber algumas novas da peregrina, que Dom Julio tanto encarecêra a noyte passada, & não achando della nenhuma noticia, tiverão a historia por fingimento. Juntarão-se à noyte às horas costumadas à porta de Leonardo, a tempo, que tambem o Fidalgo apparecia, & que o velho os vinha a esperar ao portatil da escada com hum holpede, que lhe viera, que era hum Clerigo de idade, pessoa, & traje authorizado, que dos mais foy logo conhecido por ser Prior de huma Igreja, que perto dalli ficava: Sentarão-se agazalhando-o entre si com a devida urbanidade, & depois de lhe perguntarem de sua saúde, como estavam com o desejo de tirarem a terreyro a D. Julio, fizeram final a Solino, que começasse: porém Leonardo deu lugar à boa vontade, que elle tinha, & se lhe adiantou na pergunta. Bem cuydava eu, Senhor Dom Julio (disse elle,) que aquella fermosa peregrina era encantada, & que foy traça do vosso entendimento fazer a todos Cavalleyros dessa aventura; porém a mim só encomendastes, que pela idade pudera já estar aposentado para tal empreza, eu a tomei por vos obedecer, & andey bem cuydadoso no seguimento della, sem atégora atinar no caminho em que vos perdestes. Minha foy só a desgraça (respondeo elle) pois perdi com-vosco, & com os mais o credito do que disse, & para meu desejo a gloria do que pudera tornar a ver em sua fermosura. Essa levantastes vós tanto sobre as Estrellas (disse Solino,) que se devia de agazalhar com ellas no Ceo, & engeytar a pousada desta Aldea. Pareceme (acodio o Prior) segundo o que vos ouço, que nos podiamos mostrar o jogo, porque a occasião, que me trouxe a este lugar, & leva a Lisboa huma estranha Peregrina, que hontem appareceo na nossa Aldea, de cujos luccessos, & fermosura se podião contar grandes extremos, que já póde ser que seja a de que fallais; com esta nova se mostraraõ os amigos
muy

muy alvoroçados, & Dom Julio contente, & Leonardo respondeo ao Prior. Não imaginey, que tinha tanto bem junto com o de vos ter nesta casa, affirmovos, que se ella não fora vossa, que não podereis pagar melhor a pouxada; que com tão boas novas: pelo que vos peço, que as não dilateis, contandonos muy particularmente dessa Peregrina, que tem tão obrigados os desejos dos que aqui estamos; como agora pendurados nos olhos, & ouvidos do que nos haveis de dizer. Hontem à tarde (proseguiu o Prior) a tempo, que já o Sol se hia encobrendo com as azas da noyte, andava eu continuando com a obrigação da reza à vista da Igreja: veyo fazer oração à portá della, & dalli ter comigo huma mulher em habito de Romeyra, que se a minha vida merecêra a Deos, que a mandasse a algum Anjo fallar comigo, pudera imaginar, que ella o seria, porque a sua belleza passava os limites do encarecimento, & com huma voz que respondia bem à honestidade do seu rosto, & a humildade do seu trage, me fallou (posto que em lingua Estrangeyra) de modo, que se deyxava entender muy sem trabalho; perguntoume se acharia agazalho em algum Hospital, ou casa de caridade daquella terra, em que passasse a noyte; & pela manhã, guia de confiança, para ir ter à Cidade, offerecendo, que nella pagaria bem a quem a encaminhasse. Eu, que no merecimento de sua vista acbey, que era pouco tudo o que lhe podia offerecer, fiquey enleado, porém lhe disse: Senhora esta terra he muyto pequena, & para o que vós representais, outra mayor me parecêra limitada. Eu, posto que Sacerdote, & desta idade, tenho em minha casa huma Irmãa viuva, & sobrinhas, que vos saberão servir melhor, que as naturaes da Aldea: fazeyme mercè de aceytardes a pouxada, qual ella he, & à conta do que faltar ao que vós mereis, e vontade, que he muyto grande. Ella me deu as graças do offercimento com poucas palavras, mostrando, que o aceytava; vim com ella a minha casa, aonde foy agazalhada, & servida com grande gosto, pelo que as moças tinhaõ de se estarem revendo nas graças de sua belleza. Depois da cea, em que a Peregrina fez pouco damno, lhe pedimos nos contasse a causa de sua peregrinação, & como sem companhia viera ter ao nosso lugar, & ella mudan-
do

ão a cor com hum suspiro, entre algumas lagrimas, & com tão discretas razoens, que as não saberey eu agora referir com a perfeição propria (posto que algumas palavras erão de linguagem alhea) contou o seguinte.

Historia da Peregrina. Na Ilha de Irlanda, & na Cidade de Dublin, principal de seus Estados, no mayor enlevo, & dillicção dos Principes della, que com a differença, & variedade das erradas seytas de Inglaterra, a cujo Rey obedecem, vinhão em total ruina daquella Provincia: Nasci de generosos Pays, tão mimola dos afagos, & enganos da fortuna em meu principio, quãto depois a senti esquivã, & deshumana em minhas desgraças. Não tiverão meus progenitores outro fruto, em que empregassem o amor paternal, & a grande copia de riquezas, que possuhião, (que fazião notavel excessõ à calidade de seu sangue) mais que a mim, que com esta boa sorte era envejada de todas as de minha idade, & pertendida dos mais illustres mancebos de toda Irlanda. No melhor de meus tenros annos, que a estes costuma morder sempre por varios modos, a enveja venenosa da dura Parca, de huma arrebatada enfermidade perdeo minha Mãe a vida: & eu como ainda na minha não provãra outros males, senti este primeyro com grande pena; mas como a sorte mo ordenãra para ensayo de novas desgraças, depois de meter escutado o sofrimento, em poucos mezes depois, perdi meu Pay, & Senhor, a quem muyto amava, & fiquey mettida entre parentes cobiçosos de minha herança, & amantes fingidos, que obrigados das riquezas della, me procuravão por Esposa. Tinha eu a todos os que me offerecião pouca vontade, & grande obrigação, de tomar estado conveniente, aos respeytos de minha nobreza, & como os favores, em que me criey, me ensinãrão a ser altiva, que este he hum dos grandes damnos, que faz a prosperidade, puz o pensamento, em quem com desprezo, & ingratição castigou minha arrogancia: Havia naquella mesma Cidade hum Principe muyto chegado por descendencia ao sangue Real de Bretanha, cheyo de muytas graças da natureza, que aindaque me era muyto desigual por seu nascimento, tinha tão poucos bens da fortuna, que fazia eu no

F

meu

meu dote confiança para o pertender. Alcançou elle d'isto alguns s'inaes, q̄ teve em pouco, não advertindo, que a vontade de huma Dama sempre poem em duvida a hum espirito generoso, que conhece o preço dellas. Succedeo pois, que tendo eu já de minha pertença poucas esperanças, o elegêrão os da Ilha de Lister, Ragrim, & das mais da parte Orietal de Irlanda por Capitão de huma Armada de Cossarios, a fim de fazerem huma preza muy importante no mar Oceano: & como às vezes o castigo dos mãos intentos he a mesma fortuna, (posto que outras como cega os favorece,) se perdeo esta Armada com huma tormenta, na qual a mayor parte da gente pereceo, & a que ficou do miseravel naufragio, se salvou em huma enseada, aonde foy cativa de hum Turco Cossario, que a levou a Argel, & alli por o pouco segredo dos seus, ficou o General conhecido por quem era, & como o sangue donde descendia, junto ao cargo que levava, o fazião de mayor preço para os que o cativãrão, ficou impossibilitado o seu resgate, & elle sem remedio naquella prizão alguns annos: tè que a necessidade, & aperto della, me aconselhãrão, que de novo emprendesse, o de que com seus desprezos desconfiãra, mandandolhe offerecer liberalmente meu dote para resgate de sua liberdade. E elle com o desejo della, & obrigado desta lembrança, tendo por menores grilhoens, os que de novo lhe punha, que os que elle trazia, aceytou a offerta, & me mandou em satisfação hum escrito, em que me jurava por sua Espola. Fiz eu, sem mais cautella, em execução o meu intento, perdendo a aŕfeção às muytas riquezas que tinha, pela honra, & contentamento, que daquelles desposorios esperava. Tornou livre à sua Patria, & mudou de improvito a tenção que fingira para alcançar o remedio à custa do meu engano. Estranhoulhe o mundo esta crueldade, & os meus vendome sem dote, & sem marido, & o que havia de ser tão ingrato, & na opinião de todos tão culpado, me levãrão ao demandar por justiça nos Tribunaes Supremos, aonde depois de convencido, me foy julgado, por devedor, & por Esposo. Mas como a minha vontade não era, que elle o fosse contra a sua, esperey o tempo mais conveniente para a declarar. Obrigado em fim da justiça, &
depois

depois della rendido aos conselhos dos principaes parentes, que o tratavão, o dia em que se havia de desposar comigo, cumprindo por sentença a palavra, que me tinha dado, antes de lhe dar a mão, metti na sua hum papel em lugar da minha, que era quitação plenaria de tudo, o que por elle dey, & juntamente do que elle com tanta ingratição recusára, escolhendo para castigo de minha altivez a humildade da Religião mais apertada. Fez isto em toda a Ilha grande espanto, & eu com o resto, do que me ficára aborrecendo a Patria como a madrasta, determiney logo buscar em Reyno alheyo segura morada. E porque a fama da Religião Portugueza, & da famosa Cidade de Lisboa, aonde muytas Religiosas do illustre fangue de Bretanha vivem santamente em clausura, me trazia mais affeyçoado o desejo: mandey por alguns Mercadores de confiança o mayor cabedal do que possuia, a quem até minha chegada o detivesse: & eu como tive certeza de este dote mais necessario estar seguro, fugindo às afrontas, & odio de meus naturaes, me embarquey com o mais que me ficava, & com prospero vento tomey porto em Galiza, & visitey a Casa, & Sepultura do glorioso Apostolo Santiago, donde caminhando por terra, livre já dos enredos de minha ventura, não pude escapar à cobiça dos creados, que me acompanhavão, que esquecidos da fé que me devião, & pouco affeyçoados da Catholica, que professava à sua vista com tanta firmeza, me roubarão as joyas, & dinheyro, que trazia, deyxandome nestes devios desamparada. Senti mais esta derradeyra desgraça por ser a que me tomou com a paciencia quasi rendida aos trabalhos da viagem, que vencerão o descostume, & fraqueza feminina; & tambem por me achar tão só na confusão destes caminhos; porém se pelos que parecem tão errados, me quer Deos guiar aos mais seguros, eu ponho em suas mãos o sofrimento, & por elle, Senhor, vos peço, como a Ministro seu, que em tudo pareceis, que ainda que vos dê cuydado, me mandeis daqui em companhia de confiança, tè onde daquellas bemaventuradas Religiosas seja conhecida, que à sua vista poderey logo satisfazer a diligencia; e vòs pagará o Ceo este trabalho, & a estas Senhoras o amor,

com que favorecem o meu desamparo, que a mayor consolação, que devem ter os perseguidos da sorte, he saber, que a todo o tempo, que se acolherem a Deos achão nelle brandura, & que tem à sua conta, pagar largamête as boas obras, q̄ no discurso de seus trabalhos receberão.

Esta historia contou a Peregrina com os olhos cheyos de agua, com que orvalhava de quando em quando as rosas de seu rosto, & a nenhum dos que alli estavam faltarão lagrimas. Eu lhe disse, Senhora, se o estado que buscais com tanto desejo não fora melhor do que o que vos roubou a ventura; muyto era para sentir, a que vos offende. Porém, como o caminho dos que Deos escolhe, he tão differente do que seguem aquelles, que lhe vão fugindo; não podeis neste ter mayor seguro, que saber, que vos acompanha nos trabalhos presentes, & vos ha de dar o galardão, & premio de todos, & para que eu tenha nelles alguma parte de merecimento, me offereço ao remedio dos que ficão, até tomardes lugar nessa cláusura. Lisboa he tão grande, & a muyta contusaõ da gente, & trafego della a faz embaraçada, & vòs he razão, que com a decencia, & commodidade, que vossa pessoa, & calidade requiere vos deis a conhecer. Pelo que se quizerdes descancar com estas minhas parentas, & já creadas vossas nesta Aldea, eu irey à Cidade, & procurarey servirvos com todo o cuydado. Isto me agradeceo a Estrangeyra com muyto boas palavras, mostrando tambem nas cores do rosto sinaes de obrigação. E hoje antes de minha partida, me fez huma lembrança, do que por sua parte havia de perguntar. No caminho me atalhou a jornada huma occasião forçosa, que me fez passar a noyte tão perto de casa, como vedes, mas com o mayor interesse, que podia esperar, pois além das mercès do Senhor Leonardo, gozo a conversação de tantos amigos, & Senhores, que he fim a que se podião dirigir outras jornadas mayores. Já agora (disse Dom Julio) não serão tão culpados meus extremos, pois nos que disse o Senhor Prior da Peregrina ficão acreditados, & passão as suas obras tanto adiante das minhas palavras, que deyxa a sua Igreja, & familia por a servir, ao que eu, nem ainda me loube offerecer; & contou ao Prior o como encontrara,

trará, andando à caça a mesma Estrangeyra, & o que naquella conversação tinha passado sobre os louvores, com que elle quizera pintar sua fermosura. Nenhuns lhe podieis dar (proseguio elle) que não ficassem os mayores encarecimentos devendo muyto a verdade, & o mayor espanto, que eu achey no de sua gentileza, foy, que sendo ella tal, houvesse hum homem bem nascido, que sobre obrigaçoens tão forçosas a desprezasse. Isto (tornou Dom Julio) não tenho eu por espanto, que desse modo se costuma a vingar a forte da natureza, quando na perfeçãõ de suas obras não pôde igualar; mais se me representa a mim, que seria o homem nobre, & sem entendimento, como ha muytos, pois fugio de tantos, & tão poderosos attributos, como erãõ, fermosura, riqueza, magnificencia, cortezia, & humanidade todos empregados em seu favor. E a mim (acodio Solino) me pareceo ingrato, mas discreto, fugindo o jugo de huma mulher, que lhe ficava sendo duas vezes Senhora, huma pelos poderes naturaes de sua belleza, & outra por a divida, & preço de seu resgate. O meu voto he, (disse Pindaro) muy differente, antes julgo, que o que o homem aceytou por necessitado, veyo a engeytar por cobiçoso, vendo que se dispendera com sua liberdade o dote, que doutrava as perfeçoens de sua Esposa, que nunca o deyxara de o ser, se fora tão rica como no principio, em que o libertou, porque a cobiça, & o amor são grandes competidores. Não me descontentaõ as opinioens (disse Leonardo,) mas já que vos entalastes entre esses dous inimigos do sossego humano, seja a quellãõ, & a materia da conversação da noyte a conta delles; & pergunto ao Doutor, qual dos dous he mais generoso, & obriga os homens a mayores extremos?

Se houvessemos de dar credito (respondeo o Doutor) a experiencia, & tomar os successos do mundo por argumento, com poucas porfias se manifestará a verdade da vossa pergunta; mas tratando primeyro das razoens, vejamos em que se parecem, & os poderes em que os antigos igualáraõ o Amor, & a cobiça, que de ambos deyxarão Hieroglificos, & figuras. Pintáraõ pois, ao Amor menino fermoço, com os olhos tapados, despido, com azas nos hombros, & armado de arco, & léttas; menino por

facil, & fragueyro; fermoso, porque a belleza he o objecto dos amantes; despido, porque se não póde encobrir; cego, porque não vê, nem conhece a razaõ; com as azas nos hombros, por ligeyro, & mudavel; armado por forte, poderoso, & cruel. A cobiça pintáraõ mulher, despida, com os olhos tapados, & azas nos hombros. Despida pela facilidade, com que por seuseffeytos se descobre: cega, porque não vê nenhum respeyto humano, em razaõ do que deseja: com azas, pela velocidade com que segue aquelle objecto, que debayxo da especie de proveyto se lhe representa. Assim, que só nas armas, & no sexo feminino achamos na pintura differença: porém se consideramos os effeytos da cobiça, ou foy, que na pintura de mulher as quizeraõ cifrar todas, ou que lhe faltou lugar para tantas armas, porque se amor he forte, & poderoso, & vence a tudo, como disse o Poeta, o mesmo confessa, que a todos os extremos força, & obriga a sede do ouro aos humanos. Se o amor, como a poderoso o fingiraõ Deos cruel, como diz o Poeta Seneca, não fó a cobiça he do Deos avarento, & cobiçoso, mas o mesmo ouro que deseja, como delle disse hum Doutor Santo. Se lhe chamaõ cruel pelos damnos, que no mundo fizeraõ seus poderes, mais Reynos aflollados, Cidades destruidas, & damnos mortaes, se fizeraõ no mundo por cobiça, que por amor: & antes de chegar aos exemplos, com que se póde provar esta verdade vejamos em seu nascimento, que cousa seja amor humano, & o que he cobiça: a elle chamáraõ muytos Authores furor, & este diffinio maravilhosamente hum Doutor Grego, que disse, que amor era desejo irracional, que facilmente se emprega, & com grande difficuldade se perde. E da cobiça escreve outro mais moderno, que he hum appetite fóra da medida certa, que enfina a razaõ, que não tem modo, nem fim. E certo, que cada hum delles podia trocar como ouro esta diffinição, sem ficar enganado, porque o mesmo he, excessõ de hum desejo irracional, que appetite fóra dos limites da razaõ; & o mesmo ser leve em se empregar, & deyxar-se com difficuldade, que não ter modo, nem fim? Mas posto que na pintura, & nascimento os podiamos igualar, os effeytos da cobiça são com mais força, & vehemencia, que os do amor; porque se faz cego o amante,

para

para perder o lume da razão, todavia não o faz vil, antes o engrandece: & o cobiçoso he cego para não ver razão, nem honra, & para se abayxar a todas as infamias, a que se sujeyta o interesse: se o pintaõ despido para se não poder encobrir, com mais vergonhosas mostras se pinta a cobiça: o que na mesma pintura de mulher está declarado. Se he ligeyro o amor para se empregar, com tudo, busca sempre a fermosura como objecto seu, & obra, a que honrou a mesma natureza; & a cobiça, se emprega nas mais humildes, & indignas cousas da terra, como dellas possa tirar fruto o cobiçoso: Que a Tito cheyrava bem o dinheyro, que cobrava das immundicias de Roma; & no que são atrevimentos, & ousadias, muyto atrazficarão os amâtes dos cobiçosos. Romper as entrâhas da terra, & chegar à vista do inferno por tirar ouro: descer ao fundo do mar por buscar perolas: descobrir novas Regioens, lofrer climas estranhos, & barbaras gentes para adquirir commercios, obras foraõ de cobiça, & não de amor; como tambem o foy a navegação, que na empreza do Velocino de ouro commetteo: & se Amor he cruel, muyto menos o parece nas obras, que a cobiça, pois elle ao amante offende com suavidade amorosa, & aos estranhos com animo compassivo, tanto mais nobre, quanto elle o he, mais que a cobiça, que mata no mundo mais homens em hum só dia, que o amor em muytos annos. Assim, que a meu ver em competencia, ella tem mais poderes, & na semelhança se parece tanto com Amor, que he elle mesmo, com tal differença, que elle ama a fermosura humana, & a cobiça a riqueza.

Naõ consinto (disse o Prior,) que o vosso entendimento faça tão grande agravo ao Amor, como he igualar com elle a cobiça, porque quando em os poderes tenhaõ grande semelhança, na nobreza, & nascimento tem muyto mayor desigualdade; que posto, que o Amor, considerado como appetite carnal, seja excessõ de hum desejo fóra da razão: significado como affeyção humana, he huma força, que ajunta, ou deseja unir duas vidas em huma, a do amante, & da coula amada, & he este amor tão natural a todos, que he defeyto, & torpeza, não saber amar, como diz S. Chrystomo. E pelo con-

trario; Aristoteles chamou à cobiça; delejo fóra da natureza. O amor nasce tão nobremente, que tem no objecto a belleza humana, & os dotes naturaes mais excellentes, como são, graça, juizo, parecer, & perfeição; & assim diz S. Agostinho, que amamos cousas boas, porém com amor mal intencionado; & a cobiça como he vicio do entendimento, & appetite preternatural sempre he mal nascida, & inclinada a cousas bayxas. Assim, que sejaõ os poderes, & as pinturas, quam parecidas, quizerdes, são as naturezas d'ambos muy differentes. Parece-me Senhor Doutor (disse Feliciano,) que aquella razão ha de achar muytos votos contra o vossio: porém eu, por me pegar ao melhor parado, nem quero ir conta elle, nem hey encontrar o do Senhor Prior, antes ajudado da doutrina de ambos, accrescentarey o mea pouco, mettendo entre tão boas partes pela de Amor; & digo, que posto que elle, & a cobiça sejaõ semelhantes no poder, no que he amar, são em tudo desiguaes; porque não se ama a cousa, que pelo que he, & por amor de si propria, se não ama, & menos se póde amar a que se não conhece; & assim seria erro chamar Amor ao do cobiçoso, que se emprega em cousas, que por si não merecem amor, & em outras, de que não tem nenhum conhecimento; amar a huma pessoa, que obriga, & sujeyta a nossa vontade, he terlhe amor, por qual ella he, & por essa a deseamos unir com-nosco por natural appetite; mas empregar a affeição no dinheyro, & no ouro, que não amamos pelo que he, senão pelo que com elle se alcança, não póde ser amor. E menos o será amar o que ainda não conhecemos, como faz o cobiçoso a muytas cousas, que não vio, pelo interesse, que dellas espera; (& não tratando ainda, de que o Amor não considera só no que ama, senão tambem na cousa amada, & que falta correspondencia, sendo essa insensivel) o Amor todo se emprega no interesse dos sentidos, & este falta em todos elles ao cobiçoso, porque se a sua temerosa cor o cativára, nem désta o deyxá usar o seu cativeyro, donde veyo a dizer o Poeta Heroico, que o ouro para os aváros não tinha cor, porque o enterraõ segunda vez, pois por essa, & por seu nascimento, lhe podem chamar desenterrados, nem com a voz de-

leyta

leyta os ouvidos, nê com a suavidade do cheyro recrea, nem com o tacto agrada, nem com o gosto satisfaz. Diga-o Midas, que o pedio aos Deoses por dom, & como lhe ficou por mantimento, perecia na abundancia do que tanto desejava. Diga-o Pithio, o qual deu a El Rey Dario o platano, & videyra de ouro, o gosto, que achou na cea, que sua mulher lhe ordenara? O qual com sua demasiada cobiça, não dava lugar aos seus Cidadãos, de se empregarem em outro trabalho, mais que em beneficiar minas de ouro, em cuja ruina muytos delles miseravelmente pereciaõ; pelo que vendo as Matronas da Cidade tanto damno, foraõ juntas pedir à mulher de Pithio, que compadecendo-se de taõ grande mal, rogasse por ellas a seu marido, pedindolhe, que dêsse aos seus melhor tratamento; & ella, a quem não faltava entendimento, nem piedade, conhecendo, que era vaõ vencer com rogos a sua cobiça, ordenou a Pithio huma cea esplendida, em hum dia de festa, na qual todas as iguarias, que lhe deu, eraõ formadas de ouro: alegrou-se muyto com ellas na primeyra vista, & com a magnificencia do apparato, com que lhas apresentavaõ; porêm, quando pelo discurso do banquete não vio nenhuma, de que pudesse comer, perguntou pelas iguarias verdadeyras, confessando daquellas, que eraõ fingidas. Como (respondeo entaõ a fabia Matrona) queres que te apresente outra comida, se só no cuydado da que tens diante occupas a todos teus Vassallos? Pois se não lavraõ os campos, nem se cultivaõ as arvores, nem se pescaõ os rios, nem se caçaõ as aves, nem se criaõ os animaes, pelo exercicio continuo de tirar ouro; contentate tambem com o fruto delle por mantimento: & com este ardid emendou em alguma parte sua demasia. Bem parece que entendia esta verdade Halaõno Enperador de Tartaria, q̄ vécêdo em Baldaco o Califa, Messre da seyta Mahometica, q̄ era o mais poderoso, & rico, q̄ entaõ havia no mudo, vendo-o que por se não ajudar de suas riquezas, & as dispende em soldo, não tivera resistencia contra o Exercito dos Tartaros, depois de captivo o mandou metter em huma camara entre o ouro, & joyas preciosas, que antes tinha, sem lhe mandar dar outro mantimento, dizendo, que daquelle comesse à sua vontade: & assim

assim entre a grande abundancia de suas riquezas o miseravel Califa morreo de fome. Pois se o ouro por si não pôde satisfazer ao gosto, nem deleytar os sentidos, senão com o engano do que com elle se alcança, como pode ter capaz de amor?

Vós (disse Pindaro) temestes ao Doutor, porèm não o seguistes; & eu ajudado do vosso receyo, & da sua authoridade, me hey de valer da primeyra opiniaõ que propoz; & he, que o amante, & o cobiçoso, não differem mais no amor, que no emprego d'elle, & para isto me fundo em huma opiniaõ moderna, que tem por si muytas authoridades antigas, & he, que nenhuma pessoa ama mais outra, que a si mesma, nem pôde ter amor a outrem, se primeyro se não amar a si, & do amor que se tem, nalce o desejar, & amar as cousas a que se affeyçoa, & inclina mais a sua natureza: amo isto, porque me parece bem, & o quero unir a mim, pelo que me quero, & desejo tudo o que me agrada, & satisfaz por meu respeyto: & porisso chamaraõ ao amigo huma alma em dous corpos, & como diz o proverbio: Os amigo he outro eu: querolhe tudo o que para mim quero, & amo-o com a minha alma unida com a sua; & Aristoteles diz, que o amigo se ha de igualar ao amor, com o que cada hum tem a si: logo tanto quer, & deseja o amante o objecto da belleza, em que se emprega, como o cobiçoso o ouro, que quer para si. E quanto à objecção, de que o ouro se não ama pelo que he, senão pelo que val, & porque o que com elle se compra, & alcança: os vossos mesmos exemplos dirão por mim o contrario, que o cobiçoso, & aváro antes perderà a vida, que resgatalla com o ouro, a que quer mais que a ella: & antes perece à fome, q̄ satisfazella có dispêder o q̄ tem em mais estima, q̄ a fortuna; que para elle he mayor damno gastar, que todos os outros; como Lucillo conta de hum avarento, chamado Hermogenes, que ionhando huma noyte, que gastara certa quantidade de dinheyro, foy tanta a sua payxaõ, & dor, que cuydando, q̄ era verdade, se afogou; & assim diz S. Jeronymo, que tanta necessidade tem o cobiçoso do que possue, como do que lhe falta, pois lhe falta animo para usar d'elle; & diz em outro lugar, que ló a avareza, & cobiça fez no mundo pobres, porque allás o he mais que todos o que tudo deseja;

& possuindo mendiga, & padece, como se lhe faltara. Logo certo he, que o ouro ama o cobiçoso, & não já o que com elle se compra; pois o não quer para comprar, senão para o possuir; & respondendo à deleytaçãõ dos sentidos, que o amor humano offerece, & na cobiça falta, ou farey a dizer, q̃ o ouro inda enterrado parece melhor ao cobiçoso, q̃ ao amante a fermosura, q̃ appetece; & que he mais suave a seus ouvidos o rumor, & tinido do dinheyro, que a brandura de todos os requebros, & galantarias namoradas; & que nenhum gosto para elle he igual como o q̃tẽ de tocar, tratar, & revolver entre o mesmo dinheyro; o q̃ se pôde ver com grãde admiracãõ naquelle afamado cobiçoso, o Emperador Caligula, que depois, que a muytos obrigou, que o instituissẽm por herdeyro, aos quaes depois de testarem, fez matar com peçonha (rindo-se de haver homem, que quizesse viver mais depois de haver testado) atraz de em sua casa instituir publica mancebia de todos os vicios, de que tirava hum copioso tributo, se lançava despido entre o dinheyra, que destas infames obras procedia, & dando sobre elle mil voltas, tinha em menos conta todas as outras delicias, que os homens a preço do dinheyro procuravaõ. Certo he logo, que ao ouro ama, & elle quer, & com elle se deleyta o avãro, & cobiçoso: que se o desejava para o empregar em o que com elle se alcança, perdera o primeyro nome, & pudera merecer o de rico, prudente, & liberal; porque o ouro, & as riquezas, como diz S. Leão Papa, não são boas de si, nem más, mas o bom, ou mão uso dellas engrandece, ou desacredita a quem as possue; & assim não he rico o que muyto tem, senão o que com o que tem se contenta; & não ha mayor pobreza, que por empregar o desejo em hum bayxo metal, que sem bom uso não presta, deyxarem os homens o muyto, que com sua valia puderaõ adquirir.

Todos (disse Solino) deraõ sua pancada a esta lèbre. Leonardo, que a levantou, deyxou-se ficar no covil, & eu fiquey atraz dos galgos, sem dar hum brado, farey muyto, se agora quizer desmanchar o bem dito de todos. Com tudo a minha opiniaõ he, que quanto tendes feyto na grandeza, & poderes da cobiça he errado, & que se haviaõ de attribuir ao ouro, &
naõ

naõ a ella: & tratando da pintura em que a embãraçastes, & quizestes assemelhar com o amor, tenho por muy errada a declaração della, & posto que seja contradizer a taõ grandes entẽdimẽtos, a hey de explicar ao mũdo ao meu modo, q̃ pareffe, q̃ a pintaraõ os antigos mulher por sua fraqueza, pois

*Exposi-
çãõ ga-
lante da
cobiça.*

he tal, que se rende a qualquer pequeno, & vil interesse, despida como desavergonhada, por quam sem respeyto, nem moderaçãõ, se atreve a commetter qualquer infamia; com azas, por a ligeyreza com que se arremeça a qualquer preza, como ave de rapina, cega por pedinta, mendiga, & importuna, & se isto naõ he, venho a presumir, que a fingiraõ com o rosto de mulher, & as pennas de ave, como a Arpia, que na ethimologia propria de seu nome manifesta o roubo, & condiçãõ do cobiçoso. E assim como a Arpia damna, & descompoem todos os manjares a que chega; assim a cobiça estraga, & corrompe todas as virtudes, pelo que me parece, que nenhum parentesco tem com o amor, que na nobreza he taõ desigual, & pelos louvores de sua excellencia taõ conhecido. O a que se pudera voltar a vossa porfia, & arguir mil historias extremadas, he a tratar dos poderes do ouro, & da valia do interesse, que ja nos tempos antigos, & no presente de agora põde tanto, que obrigou a dizer a hum Author, que esta he a verdadeyra idade do ouro,

*A nossa
idade he
a do ouro.*

porque sõ elle senhorea os animos dos homens, & viera mais a proposito da vossa Peregrina, que com elle, & sua fermosura naõ põde vencer a hum coraçãõ ingrato. A mim me parece (respondeo Leonardo,) que vòs tinheis muy boa razãõ se a naõ guardareis para taõ tarde: porẽm em a noyte de amanhã se lhe farã justiça, que nesta he razãõ, que se de ao hospede lugar conveniente para o repouso, pois ha de ir à Cidade, & voltar no mesmo dia. Por naõ mandar em casa alhea (disse o Prior) naõ defendo a minha parte, mas prometto, se voltar a horas, que possa passar a noyte taõ bem como esta, de a naõ perder. Entãõ se levantaraõ os mais, & despediraõ: & o Prior gastou muytas palavras em manifestar a Leonardo a enveja, que tivera daquella companhia, ao que elle respondeo, com a
que

que a todos fazia com a vista da Peregrina, que lhe ficava em casa, que posto, que a boa conversação he manjar d'alma, a vista de huma estranha fermosura, que rouba as de todos, tem mayor poder, que o desejo.

D I A L O G O VII.

Dos poderes do ouro, & do interesse.

NO mesmo tempo em que os amigos se juntarão para o seu acostumado exercicio, se apeava o Prior no pateo de Leonardo, que o desejo, que lhe causára a noyte do dia d'antes, o fez tornar mais cedo da Cidade: foy recebido com alegria, & depois de lhe perguntarem do bom successo de sua jornada, lhe disse Solino. Agora vejo, que reubou a ventura a empreza daquella Peregrina ao Senhor Dom Julio, pois a deu a quem a deyxá de ver por nos ouvir. Antes vereis (respondeo o Prior) quam poderoso he o ouro, que até para ouvir fallar nelle deyxó a propria casa, & nella a vista de tão extremada fermosura. Não fois vós (acodio Leonardo) o primeyro q' a deyxastes por ouro, né usais nesta occasião como avarento; pois que vindes com esse titulo de cobiça enriquecer a todos, & a esta casa. Vós (respondeo elle) me individais para me empobrecer com a mercè, & cortezia que me fazeis, de maneyra, que sempre o meu erro he dourado, para contentar aos cobiçosos quando pareça a Solino culpa deyxar a vista da minha hospeda pelo interesse de vossa conversação. Não he só elle o que vos acusa (disse Dom Julio) antes eu, de vós a deyxardes me queyxo, ainda que de a acompanhar des tenha ciumes. Só esses faltavaõ (tornou Solino) para a conversação ficar de ouro, & de azul; mas se deste se batèra moeda, nenhum de nós se queyxàra de pobre, porque a dos complimentsos he a mais corrente de todas. Porque o mayor mal que o avàro faz ao ouro, he impedir-lhe a corrente com a prizaõ em que o encerra, podendo com elle até às prizoens fazer agradaveis, & fermosas, que para isso imagino, que se inventarão as cadeas, & grilhoens de ouro, que delle servem
para

para ornato, & dos outros metaes para castigo. Não me descontenta esta razão (disse Leonardo,) porque se ao ouro quando sahe da mina antes de o porē em seus quilates, chamaō os artifices ouro bruto, quanto mais razão merece este nome o que o avarento tem escondido, & fechado; & a este proposito me cabe contar huma historia, que li esta manhāa, & se for fobejo, pelo que calley a noyte passada, se póde descontar o que agora disser.

Historia sobre os poderes do ouro. Houve em Italia, & em hum dos mais conhecidos Lugares della, hum honrado Pay de familias nobilissimo por geraçāo, rico de bens procedidos da herança, & nobreza antiga de seus passados, dotado de muytas partes, & graças da naturez, & taō liberal do que possuhia, que mais parecia dispenseyro das riquezas, q̄ Carcereyro dellas. Teve este em sua mocidade hū filho taō industrioso, & experto nos negocios da mercācia, q̄ ajuntou em poucos annos grande copia de dinheyro, o qual elle guardava com taō sollicito cuydado, como costumaō os que com cobiça, & trabalhos o adquiriraō, & era notavel espanto aos naturaes, verem em hum velho a largueza, & liberalidade de mancebo, & em o filho a avareza, & tenacidade de velho. O Pay, que o via responder taō mal a suas inclinaçoens, & que já com a idade, & continuaçāo de gastar largo, estava menos rico, muytas vezes lhe dizia, & aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhāra, a honra que tinha de seus passados, & naō degerasse delles, por seguir a vileza do interesse: Que usasse das riquezas como nobre, & favorecesse a velhice de quem o criāra, & honrasse aos pequenos Irmāos, que tinha, que fosse proveytofo aos amigos, & parentes, benigno aos pobres, & se naō cativasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fruto. Mas como fallar a hū morto, & acōselhar a hū avarēto, he cuydado vaō, nenhū effeyto faziāo os paternos rogos em sua mã natureza. Succedeo, que o Senado daquella Republica por a nobreza, & pessoa do mancebo, & pela industria, & sagacidade, que mostrava, o elegēraō em companhia de outros, para ir com huma Embayxada a Roma ao Summo Pontifice. Depois de sua partida, vendo o Pay occasiāo

fião ao que havia muyto, que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas, com que entrou na camara do filho, & abriu os cofres em q̄ aquelle inutil thesouro estava depositado, & com a brevidade, que o desejo lhe pedia, vestio a si, a sua mulher, & filhos custosamente, deu libré a seus criados, comprou ricas armaçoens, & bayxellas, encheo a estrebaria de Cavallos fermolos, fez esmolas a muytos pobres, acodio em occasioens a parentes, & amigos necessitados; dispendeo em fim aquella prata, & ouro, que o filho com muytas vigalias ajuntava, da maneyra em que elle quando florecia em riquezas usava dellas. Gastado o dinheyro, encheo os sacos em que antes estava de muytos feyxos, & area, & posto tudo na mesma ordem em que o filho o deyxàra, tornou a fechar os cofres, & as cayxas como de antes. Tornou depois o filho da sua Embayxada, & os pequenos Irmãos o foraõ esperar à entrada da Cidade vestidos custosamente, & com o magnifico apparatus de q̄ entaõ usavaõ. Vendo-se o Irmão rodeado delles, ficou confuso, & enleado, lhes perguntou logo donde houveraõ taõ ricos vestidos, & fermosos Cavallos, ao q̄ elles cõ hũa simplicidade innocente responderaõ, que seu Pay, & Senhor vivia com diferente largueza da que d'antes tinha, & que outros trajes, & Cavallos de mayor preço lhe ficavaõ. Entrando depois em a casa de seu Pay, nem a elle conhecia, pelo diferente estado em que a deyxàra, & como nesta mudança se lhe não aquietava o coração, foy-se com muyta pressa, aonde tinha posto o seu thesouro; entrou na sua camara, abriu os cofres, & vèdo q̄ os sacos estavaõ cheyos, & da maneyra q̄ elle os deyxàra se aquietou, porque não dava lugar a mais vagarosa experiencia, a pressa com que os companheyros o chamavaõ, & o Senado o esperava. Depois que deu fim àquella obrigação, que a elle lhe não pareceo, que fosse taõ custosa, fechando-se de vagar no seu aposento, abriu as arcas, & os sacos em que lhe parecia, que estava a sua bemaventuraça, & verdo o engano da area, & leyxos, que dentro tinhaõ, começou a gritar com grandes lamentaçoes, & brados, a que primeyro, que todos acodio o generoso velho, perguntandolhe que tinha? De que se queyxava? E quem o offendera? Ay de mim (disse elle,)
que

que me roubàraõ as riquezas , que com tantos trabalhos , & com taõ largo discurfo de annos , tinha grangeadas. Como he possivel , que te roubàraõ (respondeo elle) se eu vejo esses cofres , & sacos cheyos , que parece, que naõ podiaõ tirar nada delles , nem elles levarem mais ? Ay triste de mim (tornou o filho ,) que o de que elles estaõ cheyos, naõ he do ouro, & prata com que os deyxey , que naõ tem agora mais que pedras, & area tem proveyto. A isto respõdeo o generolo Pay, sem, no rosto fazer mudança : Ah enganado filho , que importava para ti, que estes sacos estivessem cheyos de ouro fino , ou de area grossa , se a tua avareza te naõ deyxava fazer nas obras differença della. Cessàraõ os brados , mas naõ já o sentimento do filho , com esta resposta , que a mim me pareceo digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

Eu a tenho por tal (disse o Prior,) & a historia por maravilhosa para o nosso intento , & andou muyto bem o Pay de comprir em vida o testamento do filho , porque como disse Pub. Mimio, nenhuma couza o avàro faz boa , senaõ quando morre, porque deyxá o que tem a quem possa usar delle. E o mesmo (disse Feliciano) escreveo, que para ninguem o avarento he bom, & para si peyor, que para todos : pois nem depende , nem se aproveyta ; & neste sentido me parece maravilhosa a alegoria daquella engenhosa fabula de Midas, que pedindo aos Deos como cobiçoso, que tudo o que tocasse , se lhe convertesse em ouro: perecia de fome, na grãde abundancia do que pedira. E quando a necessidade o fez mudar a petiçaõ, forçado do mal, que como bem procurava, lhe mandàraõ, que se fosse lavar no Rio Pactolo : que fez corrente , do que elle queria fazer estanque , pondo em suas douradas areas , para communicar a todos o que Midas só para si queria ter usurpado, Bem se representou em Midas (accrescentou Pindaro) hum cobiçoso no pedir , & em se naõ aproveitar : que porisso disse Seneca , que mais facilmente se atreveria alcançar da Fortuna , que desse; que de hum cobiçoso, que naõ pedisse. Mas deyxemos a elles com seu engano , & fallemos nos poderes do ouro, que he o para q̃ Solino nos convidou a noyte passada. Como he certo (disse elle,) que para o ouro todos se convi-

daõ de boa vontade, & vòs pela que tendes a este metal, parece que estivesdes de ponto sobre a materia. Não a apontey (respondeo Pindaro) por esse respeyto, mas por me contentar da que escolhestes, & he desgraça minha, que para os outros levantais de ouros, & para mim de espadas. Eu me quero metter entre ellas (acodio Dom Julio,) & se assim parecer aos mais, diga Solino todos os males do ouro, pois tem boa mão para dizer mal, & Pindaro todos os bens; & sobre o que ambos differem, ficará lugar aos mais de darem suas razoens. Errastes, Senhor Dom Julio (disse o Doutor,) que para Solino dizer mal no sentido, que vòs quereis, ha de dizer bem do ouro, & Pindaro os males. Doume por vencido (respondeo elle,) & eu por obrigado (disse Pindaro) a obedecer. Todos festejarão a eleyção, & ordenando, que fosse o primeyro, começou desta maneyra.

Invectiva Se as cousas são pelos effeytos conhecidas, & ellas
contra o testemunhão a excellencia, ou maldade dellas, qual
ouro. o foy de mayores males, & danos na redondeza,
& metteo aos homens em mais perigosos trabalhos,

que o ouro, a quem com muyta razão podião todos chamar peste do mundo: & posto que os notaveis exemplos das destruiçoens, & ruinas, que nelle fez, podião tomar mais tempo do que agora tenho para tratar d'elle, quero começar primeyro de seu nascimento, para que mostrem os seus arriscados principios, & desestrados successos, para que a malicia humana o descubrio. E não desprezando o que diz Plinio tão doutamente, que não contentes os homens com o que a superficie da terra produzia para sua recreação, & mantimento, a fermosura das arvores, a diversidade dos frutos, a belleza, & cheyro das flores, a verdura das ervas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes, quizerão desentranhar do centro della os segredos, que a benigna natureza nos escondia. Nasce o ouro nas entranhas dos montes, & nas arterias occultas dos penedos, & sobindo como arvore da profunda raiz donde começa, vay espalhando os ramos em desigual medida, convertendo o Sol com seus poderes aquella materia disposta, & propinqua, até que chega a ser ouro, & se demof-

tra por duvidosos sinaes na face da terra , que logo daquella
 emprenhidão, se mostra triste, dando por indicios da riqueza,
 q̄ encerra erva descórada, delgada, subtil, & sequinhosa; area, &
 barro leve, seco, & sem proveyto, & atè as aguas, q̄ por entre as
 veas delcem , sahem cruas, & com sabor pezado. Espreytando
 estes sinaes a industria humana , entra fazendo guerra ao pro-
 fundo, caminhando por de bayxo dos montes, lustentados em
 columnas da mesma terra, deyxando a vista do Sol, & das Es-
 trellas , pondo as vidas ao risco das ruinosas machinas, que
 mil vezes os opprimem, que tanto a nossa sede fez cruel a be-
 nigna terra , que parece menor temeridade tirar do fundo do
 mar perolas, & aljofar, que do feu ceyo o inimigo ouro;
 que ainda então o não he, mais que nas esperanças. Depois de
 tirado com tão custosas diligencias, sahido como parto de ve-
 nenosa vibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo
 se aparta, apura, & perfeyçoa, ficando menos apto para o ser-
 viço dos homens, na cultivaçãõ dos campos, & arvoredos, &
 mais aparelhado para sua destruiçãõ, & ruina; porque ou se
 lavra para ostentaçoens, & demasias da vaidade , ou se bate,
 & cunha em moeda , cujo preço tyranniza os poderes, & gra-
 ças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, & fez em
 si estanque de todos os commercios do mundo , no qual antes
 que elle apparecesse se trocavaõ as cousas humas per outras,
 com huma composiçãõ, & trato mais conforme, & obrigado à
 necessidade , & comodos da vida , que aos roubos da cobiça,
 maldades da avareza, & sobegidoens da vaidade: & apode-
 rou-se tanto de tudo o que na terra havia , que veyo a ser
 preço atè da liberdade de homens , contra o direyto natural,
 em que viviaõ. Foraõ crescendo seus atrevimentos, & se an-
 tes de sahir do centro da terra começou a matar homens, sa-
 hindo dellas se levantou contra o Ceo , fazendo guerra de ro-
 sto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das mãos à
 justiça, & deytado em sua balança perverteo o fiel de sua igual-
 dade. Diga-o Commodo Emperador , que todos os crimes de
 homicidos, & insultos desiguaes remio a preço de ouro , ven-
 dendo por elle publicamente não só a pena dos delictos, mas
 os proprios lugares dos julgadores. Cerrou os olhos à miseri-
 cordia

cordia para se não compadecer dos affligidos: como se vio no Exercito de Tito Vespasiano, que tendo cercada Jerufalem, os moradores, que oprimidos da fome se sahiaõ da Cidade com licença sua, engoliaõ primeyro huma pequena moeda de ouro, para que na passagem o pudessem salvar dos inimigos, os quaes sabendo esta astucia, a dous mil, que em dous dias sahiraõ da Cidade, partiraõ pelo meyo para lhe tirarem do bucho a moeda, por não esperarem, que com o termo commum da natureza, dahi a pouco espaço a lançassem fóra: assim, que aquella pequena quantidade de ouro, qual de finissima peçonha, lhe tirou a vida. Derribou a columna, & quebrou os braços à fortaleza, atados com as prizoens de feu interesse; diga-o Ulyffes, que por elle vendeo a Priamo o corpo de Hector Troyano: & Aulo Posthumio, que a preço de ouro deyxou a empreza da guerra de Jugurtha, & a gloria della. Desferrou do mundo a fidelidade, pois por elle vendia Nicias aos Romanos a vida del Rey Pyrro seu Senhor. Demonica a Cidade de Ephelo a Bresso, Capitaõ Francez, que de industria a afogou com pezo de ouro. Tarpea Romana, a entrada do Capitolio aos Sabinos, que do mesmo modo com o pezo de ouro, & dos escudos a acabaraõ. Depravou a piedade, & veneraçãõ, que os antigos tinhaõ aos mortos, não perdoando a suas sepulturas, como El Rey Dario, enganado com o letreyro da de Semiramis, que dizia, que se algum Rey successor se visse em necessidade abrisse aquella sepultura, & acharia hum thefouro; elle confiado creio o letreyro, revolveo a pedra, & achou outro, que dizia: Se não foras cobiçoso, não andaras desenterrando os mortos. Os Romanos desenterraraõ os mortos de Corintho, para lhe tirarem a moeda, que tinhaõ por costume metter consigo na sepultura; para o q̄ he mais notavel aquelle caso estranho, que conta Paulo Diacono de Rodoaldo Rey de Lombardia, o qual, porque seu Pay se mandara enterrar com as insignias Reaes de ouro, abrio huma noyte secretamente a sepultura, & depois de roubar, & despojar o cadaver paterno, lhe appareceo S. Joã Baptista, em cuja Igreja aquelle corpo estava enterrado, & o reprehendeo rigorosamente, lhe mandou em castigo do atrevimento, que commettera, que

mais não entrasse naquella sua Igreja; & assim querendo o Rey alguma vez commetter a entrada, foy pelo mesmo Santo lançado fóra. O ouro sustenta, & favorece a todos os peccadores capitaes, a soberba com suas pompas, apparatus, & vaidades. As bayxellas de Midas, as grandezas de Cressio, os escravos de Claudio, o theatro de Nero, as cascas de Clodio, & todos os mais excessos da vangloria delle nascerao. A avareza nelle, como em materia propria, se conserva, & accresceta; por elle deyxava Ocho riquissimo Rey dos Perlas de lahir de casa, por não dar certas moedas de ouro às mulheres, que o sabiaõ receber, como era costume daquelle Reyno, como conta Plutarco. Nero despojava (por este) as Matronas bem vestidas, & roubava as tendas dos Mercadores. E Angeloto, de quem escreve Pontano, que era taõ aváro, que se levantava de noyte a furtar a raçaõ a seus proprios Cavallos, & sendo achado pelo Estribeyro às escuras no furto o açoutou, cuydãdo q̄ era algũ dos escravos da estrebaria. A sensualidade com o ouro se cria, pois a força delle corrompe a pudicicia, como os antigos engenhosamente significaraõ na fabula de Danae, a quem Jupiter enganou, convertido em chuva de ouro: delle nasceraõ os estupros de Commodo, os incestos de Caligula, as luxurias de Heliogabalo, os adulterios de Julio Cesar, pois só a perola, com q̄ conquistou a Servilia Mãy de Bruto, lhe cultou seiscientos l'exercios. Por ouro tem a ira feytos abominaveis estragos, & homicidios no mundo. Pygmaleon matou a seu Cunhado Sicheo, por lhe roubar o thesouro, que tinha. Polimnestor tirou a vida a Polidoro, de quem era Tutor, por lhe roubar a herança das riquezas, que esperava. As demasias & sordidezas da gula, a delicia, & sobegidaõ dos manjares, com elle se compraõ. Das mesas de Cleopatra, das hortas, & banquetes de Lucullo, dos manjares, & convites de Heliogabalo, elle tem a culpa. A venenosa enveja nelle, como em seu objecto natural se emprega toda. Herfile, envejosa das manillas de ouro de Adrasto entregou à morte Amphiarau seu marido: & Julio Cesar envejoso das riquezas da Lusitania, se fez saltador das Cidades della. Perguiça, & descuydo sobre o ouro delcarça, & se aquieta; elle fez perguiçosa, & muda a lingua
de

de Demosthenes com o preço, que lhe deraõ por não orar: & o symbolo, & hieroglifico da perguiça, foy o cágado, por o vagar, & pezo com que se move; que cousa com mais difficuldade, & tardança se aballa, que hum rico: & se a diligencia cahio em sorte a pobreza, pois a necessidade foy inventora das Artes, & subtilezas; o pezo do ouro entorpece os sentidos empregados todos naquella materia: & por conhecer essa verdade Crates Thebano, o afogou no mar, para aprender a Filolofia? Pitaco, & Anacharso não aceytarão a Cresso o que lhes mandava: Anacreonte tornou a engeytar a Policrates o que lhe dera; & Curio recusou aos Samnites o grande pezo delle, que lhe traziaõ.

Foy o ouro finalmente a ruina de todos os bens, que merecião este nome, & hum veneno mortifero para a vida humana: & se muytos a perdêrão em seus alcances pelo centro da terra, & buscando as entranhas, em que elle se cria, por remotos climas, entre irracionaes Ethiopes fenecerão; não estão seguros do mesmo damno, os que dentro em suas casas, & fechados em seus cofres o possuem. E fazendo pausa em seus males, que para os contar todos fora infinito, só hum bem tem o ouro, que eu não quero deyxar à conta dos louvores de Solino, que he o que os Gregos declarão naquelle seu celebrado Proverbio, que diz: O de que serve ao ouro a pedra de toque, serve o ouro ao homem, pois no toque delle, como em hũ espelho de delenganos he conhecido; & se elle desta minha inveciva se houver por aggravado, vingança lhe tem dado a ventura, atè do que de seus males me fica por dizer.

Todos ficarão por extremo satisfeytos de ouvir a pratica de Pindaro, & o Prior agavou, de bem ordenada, & elegante, & gastarão nisto algumas razoens, tendo os olhos em Solino, que começando a fallar, com engraçadas mostras os obrigou a silencio, & disse.

Posto que eu pudera dizer do ouro, como a Rapoza de Elope, das uvas a que não chegava: nem quero tomar tão humilde vingança de quem me foge, nem (como alguns costumão) dizer mal de meu proprio desejo: a empresa he facil, & só no muyto, que ha para dizer della difficultosa: porém se a

copia aos discretos empobrece (como hum delles disse) não pôde fer , que a do ouro faça effeyto tão desigual, pois que nelle consiste toda a riqueza. Bem o posso invocar como poderoso, & desejar ao menos huma boca de ouro, de que sahirão dignamente os seus louvores , mas he tão inimigo do que lhe quero, que por me offender a mim fugirá delles; & começando do nascimento deste desejado metal , que quanto mais queremos culpar, o engrandecemos. Nasce (como Pindaro disse) nas entranhas dos montes , porque até a mesma natureza nos ensinou a fazer delle thesouro, pondo tantos muros de terra para o defender , para que tambem a difficuldade , & rareza , lhe dê mayor valia. Logo sahindo da mina onde se cria, & provado no fogo em que se apura , começa a fazer competencia com sua fermosa cor às mais bellas obras da natureza. O mais nobre dos Planetas, que he o Sol, dourado nos apparece, & o seu luzente carro com rayos de ouro alumia a terra ; o fogo mais nobre , & poderoso dos elementos, da sua cor se veste : o arco celeste, q̄ nas tempestades da terra nos assegura, perfilado d'outro se descobre ; as nuvens ao por do Sol, da sua cor guarnecem os horizontes. As rosas brancas, & encarnadas , os lyrios roxos, & azuis, as cecens brâcas, os bem me queres, & as boninas com hũa rosa dourada no meyo, se guarnecem, & enfeytão para os olhos dos homens ; os frutos das arvores quando chegam à sua desejada perfeição , & as leáras na fertilidade de suas espigas , se tornão de ouro, & as mais fermosas creaturas humanas com as cabeças douradas mostrão sua belleza; & a esta imitação trazem os Príncipes, & Monarcas do mundo , o ouro sobre a cabeça: os Reys, & Emperadores nas Coroas, os Papas nas Thiãras , os Bispos nas Mitras, & as Matronas illustres nos toucados, ao pescoço, sobre o peyto, & pendurado nas orelhas , nos dedos, & nos braços, fazendo voluntarias prizoens de sua fermosura. No culto Divino, elle orna, & afermosea os Templos sagrados, as Cruzes , Imagens, & retabolos, Calices , Patenas, Alampadas, & Castiças ; com elle se adornão os tectos, frizos, & pedestais, & todos os ornamentos , & vestiduras da Igreja. Batido em moeda he preço , & resgate das coufas de mayor valia ; sem que nelle se começasse o trato, & commercio do

dinheyro,

dinheyro, pois antes que o cunhassem de ouro, o houve de prata, cobre, & latao; assim, que sem prejudicar a seus louvores, o mal que usao delle os avarentos, lhe podiamos com razao chamar fermosura do mundo, & ornato, & guarnicao de todas as virtudes. A humildade carregada de ouro, se inclina mais, & he mais fermosa, como foy a de Primislao, pimeyro Rey de Bohemia, que no mayor poder de sua riqueza, & Senhorio, madaava trazer ante si as alparcas de pastor co q se criara, madaado, que andassem em morgado a seus descendentes, para antidoto contra a soberba da Dignidade Real. E deyxando exemplos estrangeyros a nossa Rainha S. Isabel, o nosso Infante Dom Fernando, as Infantes Dona Sancha, & Dona Branca, & Dona Joanna: & o Condestable Dom Nuno Alvares Pereyra, bem dourarao com sua grandeza, & poder, a virtude da humildade. Com o ouro se exercita, & poem em pratica a liberalidade, que sem elle parecera virtude sem maos; que mal as tivera Marco Antonio triumviro, para aquelle excesso de magnificencia, que usou com hum amigo, se o nao tivera: porque mandandolhe dar pelo seu thesoureyro vinte & cinco mil escudos, parecendolhe ao avarento criado, que aquella largueza nascia da ignorancia de seu Senhor, lhe mostrou aquella quantidade de dinheyro sobre huma mesa, dizendolhe, que aquillo era o que mandava dar. Mas o Romano por desmentir a malicia do Thesoureyro, (que entendeu logo) lhe disse, fizestes bem de me avisar, que nao cuydey, que dava tao pouco, pelo que sobre estes accrescenta outros vinte & cinco mil, & dalhe cincoenta. O mesmo, & quasi pelo mesmo modo ouvi, que acontecera a hum Principe de Hespanha com seu Pay, mandando dar a huma moça humilde trinta mil cruzados. E vindo aos nossos exemplos, bem dourou, & engrandeceo a liberalidade com seus poderes o nosso primeyro Rey D. Affonso Henriques, que nas terras, que conquistava, edificou mais Igrejas ricas, que Paços Reaes, & Casas nobres. Bem o seguirao os mais de seus descendentes em diferente modo. Dom Pedro o justicofo com os pobres, que ate a manga do braço direyto mandava fazer mais larga, & comprida, para alcançar a todos no fazer mercès (como o mesmo Rey

dizia) seu filho ElRey Dom Joaõ o I. foy tão liberal com os Vassallos, que o serviraõ, que deyxara sem patrimonio a Coroa, se ElRey D. Duarte seu filho não fizera a ley mental, com que limitou sua largueza. ElRey Dom Manoel com os poderes de sua riqueza, & a magnificencia de sua condição affombrou as nasçoens estranhas, & ao nome Portuguez fez mais honrado. A castidade mais excellente, & fermosa parece guarnecida de ouro, que nos humildes trajés da pobreza, & porisso foy tão louvada em Scipião, que poderoso, rico, & vencedor, quando entrando Carthago, lhe offerecêrão cativa huma fermosa Dona, & bem nascida, em lugar de gozar della, a mandou honradamente acompanhando a seu marido com o reigante, que por sua liberdade lhe offerecião. Não faltou esta excellencia em muytas donzellas do sangue Real deste Reyno, que deyxando riquissimos dotes da ventura, offerecêrão a Deos esse da natureza: & se he celebrado ElRey Dom Affonso Casto em Hespanha, não desmerecia este nome o Rey Portuguez, que persuadido de seu valeroso animo, & errado conselho, perdeu a vida nos campos Africanos. A paciência quanto he mais louvavel, & excellente no poderoso rico, que no miseravel, em quem não tem execucao a ira, nem a vingança? Rico, & poderoso no mundo era Felipe Rey de Macedonia, que perguntando aos Embayxadores Athenienses o que lhe queriaõ, respondeo com inconsiderada liberdade hum delles, que vello sem vida, & elle voltando aos outros com muyta brandura disse. Dizey aos Athenienses, que mais modesto he quem sofre essas palavras, que os sabios de Athenas, de quem elles se prezaõ. E se contaõ ElRey Dom Affonso primeyro Rey de Napoles, que sabendo, que hum creado seu dizia mal delle, lhe fez muytas mercês, com que elle obrigado, disse depois de suas obras mil louvores, & o Rey avisado disto disse, folgo que esteja em minha mão dizerem bem de mim. Tambem houve Rey em Portugal, que em muytas occasioens usou o mesmo termo, como se verá da Chronica delRey Dom Joaõ o II. & de muytas memorias do III. não esquecendo a paciencia delRey Dom Dinis com seu filho, & a delRey Dom Pedro, sendo Principe, com seu Pay. A temperança medida por vasos de
ouro,

Duro, & ainda à vista delle he mais estimada, como a de Curio, que com ouro dos Samnites diante, não deyxou a panella de couves, & nabos, que cozinhava: antes respondeo aos que lho traziaõ, que não era necessario, a quem com tão humil- des viandas se sustentava. A sobriedade, & temperança nos nossos Reys naturaes, he tão louvada, que de muy poucos sabemos, que bebessem vinho, & de nenhum, que comesse de- maisiado, & tanto pareceo isto bema nasçoense estrangeyras, que a Emperatriz Dona Leonor, filha del Rey D. Duarte de Por- tugal, & mulher de Federico III. Emperador de Alemanha, não tendo geração, & averiguando os Medicos, que por a frial- dade daquella Provincia não concebia; porèm, que se bebesse vinho teriaõ filhos, ella não consentio no remedio, & Federi- co disse, que antes queria sua mulher esteril, que mal acostu- mada. A caridade fobida sobre columnas de ouro, se levanta sobre as Estrellas, & ainda nos que sem lume da fé a conhece- raõ, com o poder do ouro a sustentaraõ: como Simon Athe- niense poderoso, & rico, que mandava abrir as portas aos jar- dins, & pomares que tinha, para que entrassem livremente os necessitados a colher seus frutos; mandava aos seus, q̄ achando algum velho mal vestido, trocasse com elles os seus para o melhorarem; dava todos os dias banquete publico aos que mendigavaõ pela Cidade, & aos pobres de calidade, sustenta- va com esmolas secretas. Não foraõ nisto os nossos Reys, & Principes Portuguezes inferiores, como o testemunhaõ os va- rios Holpitaes, Mosteyros, Casas de caridade, & santos col- tumes, que deyxaraõ nesse Reyno, para agazalhar Peregrinos, sustentar, & vestir pobres, & curar enfermos, & feridos, no que foraõ entre os outros insignes, os Reys Dom Affonso I. D. Joaõ o I. II. & III. & o insigne Cardeal, & devoto Rey D. Henri- que. A diligencia com muyta razaõ lhe calçaraõ os antigos es- poras douradas, pois o duro estorvo da pobreza, como pintou Alciato, impede as azas, & limita os passos à diligencia. Com ouro, & com os poderes delle conquistaraõ Alexandre, & Ce- sar em muy limitados annos a redondeza; o nosso Rey Dom Dinis com os poderes delle accrescentou em seu Reyno qua- renta, & quatro Villas com Castelllos, & Fortalezas; isentou a

Ordem

Ordem de Santiago de Portugal, & instituhio a de Christo, & fez os primeyros estudos de Coimbra. E os Reys D. Joaó, & D. Manoel descobrião, & ganhãrão para a fé as terras do Oriente com tanta enveja, como espanto das nasçoens estrangeyras: De maneyra, que se os avarentos, que usão mal do ouro, & das riquezas guerreãõ com elle contra as virtudes, nenhuma cousa ha, que tanto como elle as engrandeça, & levante. E se os cobiceiros na sua conquista perdem tantas vidas, muytas se compraõ, & resgataõ a preço d'elle. E deyxando o balsamo de ouro taõ admiravel nas feridas, o ouro potavel taõ celebrado dos destiladores nas enfermidades, qual risco da vida, qual perigo, ou necessidade della, qual opressão, ou cativeyro não remio a ouro? Elle faz a fermosura das Cidades, a belleza dos edificios, a fortaleza dos Exercitos, a bizarrria dos trajes, a galantaria das Cortes; Com elle se alcançaõ nellas as honras, dignidades, titulos, & privanças, & atè os louvores, & as mesmas graças da natureza, todos o buscaõ, & desejaõ, & o conquistaõ: & ainda os outros metaes se querem converter nelle por meyo de alquime: os animaes se rendem a sua fermosura: pois não ha caça mais certa, que a que se toma com laço de ouro, nem melhor pescaria, que a que se alcança com anzol d'elle; & he taõ grande a força de seus poderes, que se atreveo a dizer hum Author, que na mayor furia de hum Leão, de hum Tigre, & de outra qualquer féra, se lhe lançarem moedas de ouro diante, amañarãõ com ellas sua braveza. E passando por todas as cousas da terra sua valia, pôdem os ricos subir ao Ceo por escadas de ouro, & darlhe com elle assalto, & bateria, pondo as ballas, & sétas deste metal nas mãos da caridade. E de elle se subir em tanta altura, nasce ficar de mim taõ longe, como esta de ser digno de seus louvores meu humilde talento, que se fora de taõ illustre metal tudo alcançara.

A todos pareceo estremada a oração de Solino, posto que alguns a esperavaõ menos grave, & mais engraçada; & assim lhe disse Leonardo: Parecestesme esta noyte mais Orador insigne, que murmurador galante; folgo que errando eu a eleyção acertasseis vós tambem os louvores. Não vos agradeço (respondeo elle)

elle) os que me dais, por quanto de antemaõ vos vingastes delles, porèm se quereis ver em outrem com gravidade o que de mim esperaveis com sátira, & agudeza: pois os bens, & males do ouro estaõ concertados, diga o Senhor Prior agora os poderes do interesse, q̃ no successo da sua Peregrina achará largo tempo para esta materia. Essa he muy larga (disse o Prior,) & saõ passadas muytas horas da noyte, & eu me não escufára com ellas, se não imaginára, que todas as verdades, que cahem sobre este sugeyto haõ de parecer murmuraçãõ. Porque dizer, que o interesse tudo vence, & tudo alcança he sentença antiga, & experiencia moderna: porèm se particularizar os modos, & termos, com que batalha, ferà ir com os dedos aos olhos de muytos, se disler, q̃ o interesse quebrou muytos Sceptros Reaes, quem me defenderà delles? Se affirmar, que troce, & derriba as varas de justiça, quantas se virarãõ para castigarme. Se ousar a dizer, que profana as leys, & offende a immuniidade das Igrejas, temo, que atè na minha me neguem a entrada. Se contar, que he carta de seguro de salteadores, couto de homicidas, Torre de facinorosos, & merecimento de descuydados, quantos se levantarãõ contra minha verdade. Só direy em hum conto breve o que de sua valia se póde presumir na neccessidade, & serà julgar pelas unhas o Leaõ, & pela pizada de Hercules a medida de sua grandeza. Hum homem curiolo, bem intencionado, & não mal entendido, andou alguns annos na milicia do Oriente, & vindo d'elle a este Reyno para se despachar, trouxe entre algumas cousas de menos valia, que curiosidade, humas Imagens de Santos, & Anjos de marfim, maravilhosamente obrados, & depois de entrar em seu requerimento, deu conta a hum amigo pratico nas cousas da Corte de Estado, de seus negocios, aconselhou-o elle como como convinha, & buscando entre o movel, q̃ trouxera, peça, q̃ se pudesse offerecer a hũ Ministro, com quem tinha intelligencia, lhe inculcava aquelles Santos de marfim, que o tinhaõ muyto affeyçoado. Como (disse elle) não trouxestes da India algum pagode, ou idolo de ouro desses Gentios? Para que? Lhe perguntou o pouco experto requerente. Ah, respondeo o amigo, que para o que vós pertendeis, & cã

cá se costuma; mais podem Diabos de ouro; que Anjos de
 marfim; & assim não me parece, que está mal o dito vulgar
 do povo, que o interesse he Diabo; & pois o tempo he tão cur-
 to, seja isto hũa cifra do q̃ se póde dizer de seus poderes, q̃ são tão
 grãdes, q̃ a mim me tiraõ a liberdade de fallar contra o dese-
 jô, que tenho de vos obedecer. E sendo elles taes, & o ouro o
 principal interesse de todos, muy bem lhe cabem com os ma-
 les, que Pindaro delle disse, os louvores com que Solino o ce-
 lebrou, fazendo a differença sómente no uso delle. Que se San-
 to Agostinho lhe chamou enfermidade da soberba, fraqueza
 das virtudes, materia de trabalhos, perigo do possuidor, Se-
 nhor infofrível, & escravo atreyçoado. Santo Ambrosio, laço
 do Demonio. S. Chrystomo escolla dos vicios, & doença da
 alma. E se delle nasceo a Cresso a soberba a Heliogabalo, &
 Sardanapalo a luxuria, a Nero a crueldade, a Commodo, &
 Vitelio a gula; se por elle Polycrates morreo na forca, Cresso
 na fogueyra, Crasso degolado, Heliogabalo arrastrado, & ou-
 tros ricos tiveraõ fins semelhantes. Não teve a culpa o ouro,
 senão a mã avareza de quem o possuia, ou a cobiçosa sede de
 que o desejava; pois elle nos animos livres não impede o ca-
 minho das virtudes, antes lhe dà forças, lustre, & grandeza.
 Como em hum Constantino Magno, que enriqueceo a Igreja
 Romana: hum Carlos IV. que comprou com elle a vida: hum
 Emanuel, que honrou o nome Portuguez, & dilatou a Fé Ca-
 tholica pelo Oriente: hum Lourenço de Medices, que honrou
 Florença: hum Leonardo Lautedano, que libertou Veneza:
 hum Carlos Brugi, que soccorreo a esterilidade de Flandes, &
 outros muytos, que o souberaõ dispender valerosamente. De
 maneyra, que nelle está a condiçãõ, ou justificaçãõ, a morte,
 ou a vida de quem a possui, ou deseja, para o que acho ex-
 tremada aquella historia, que toca Ansonio Poeta, em hum seu
 Epigramma. E he, que hum homem desesperado com huma
 payxaõ que teve, se hia enforçar em hum lugar secreto, levand-
 do consigo o baraçõ em que havia de deyxar a vida. Succe-
 deo, que com a força que fez, cahindo huma par-
 te da terra naquelle lugar, se lhe descobrio hum
 thesouro, a cuja vista mudou logo o pensamento, &
 levand-

Conto ga-
 lante.

levando o que achára, deyxou em seu lugar o barão que trazia; vindo depois o que o alli esconde a, & achando-o me- nos, & em seu lugar a tentação de sua desventura, fez porque perdera hum theouro, o que o outro deyxou de fazer, por- que o achára; de modo, que a hum deu vida o ouro, a outro matou a avareza d'elle. Com taõ boa historia (acodio Dom Ju- lio levantando-se) he razão, que vamos satisfeytos, & dey- xemos ao Senhor Prior bem agazalhado, posto que pelo inte- resse de sua conversação, deyxara eu muytos dos que os ou- tros desejaõ; porque se a opiniaõ dos cobiçosos deu preço ao ouro, & pedraria, à conversação dos sabios o não pode tirar a mesma ventura.

D I A L O G O VIII.

Dos movimentos, & decoro no praticar.

FOy-se o Prior da casa de Leonardo em apparecendo o dia, & nella em vindo a noyte, se ajuntaraõ os amigos, sentindo grandemente a falta daquelle, que os deyxara; foy essa a primeyra cousa de que trataraõ, & entre outras disse Feliciano: Por todas as razoes se devia desejar a conversação de taõ discreto, & douto Cortezaõ, como he o Prior, em to- do o tempo, mas neste das noytes do inverno muyto mais, & nellas encherá elle muyto bem o seu lugar: porque além de sa- ber, & authorizar o que diz com o fundamento das letras, & curiosidade, que tem, he muyto composto, & engraçado no que falla, & por extremo me pareceo bem, aquelle modo de enca- recer, negando na materia do interesse, & o discorrer com bre- vidade nas historias. Quanto mais ouvirdes d'elle (respondeo Leonardo) vos parecerá melhor. E sabey, que antes de trazer aquelles habitos, parecia muyto bem nos de Corte, & que de- bayxo dos compridos póde ainda dar liçoens della a muytos de capa, & espada. Parte he o fallar bem (acodio D. Julio,) que leva tudo a pos si, & não consiste este bem só nas razoes discretas, & palavras elcolhidas, senão no bom modo, & gra- ça de as dizer: o que eu comparo a huma mesma cousa, escrita de

de boa, ou ruim letra, que a boa afermoseã, & dà fer; cor, & graça ao que ledes, & a ruim desconcerta, empeça, & afea as razoens, sendo todas humas. E não faltaráo muy perto exemplos desta verdade. Fugamos das comparaçoens para a doutrina (disse Pindaro,) & melhor fora ser essa a materia em que se gastàra este serão. Ainda vos ficàrao sobejos do passado (tornou Solino) pois vos adiantais da companhia; porém eu o quero fazer ao vosso voto, se ha de ir aos mais. Nem a mim me descontenta (disse Leonardo) se o Doutor nos abrir o caminho. Sempre (respondeo elle) me mandais diante como os Frades menores nas Procissões, quero-os tambem imitar na obediencia, porém lembrovos, que são duas materias as que tocou o Senhor Dom Julio, convem a saber, a graça, & composiçãõ do rosto, & corpo no fallar, & o concerto das palavras, & discriçãõ das razões. Essa divisaõ parece escusada (disse Leonardo) porq̃ a graça não se aprende, nẽ se pôde alcãçar por arte, pois he mero dom da natureza. Todas as cousas della (tornou o Doutor) se aperfeyçoãõ, & melhoraõ com a arte, & para saberdes logo esta verdade, tomarey à minha conta o em q̃ vos parece, que ha menos que dizer, & fique à vossa a demasia.

Primeyramente ao movimento, & graça do fallar, chamou Marco Tullio eloquencia do corpo; & Quintiliano disse, que com todas as partes delle se ha de ajudar a pratica; & posto que esta doutrina parece que convinha, entãõ aos Oradores, como agora aos Prégadores, huns, & outros praticaõ, & em todo o tempo he necessaria; & assim pintàraõ alguns o Hieroglifico da Rhetorica com huma maõ aberta, outra cerrada. Muyto contraria me parece essa liçãõ (disse Dom Julio) à policia da Corte, aonde he regra que o homem ha de fallar com a lingua, & ter quieto o corpo, & as mãos. Eu concertarey essas regras com as minhas (replicou o Doutor,) que o homem no fallar, nem ha de parecer estatua, nem bonifrate; & logo vereis, que o q̃ quero dizer, he o mesmo em que vos quereis anticipar. O primeyro instrumento da pratica he a voz, & para essa ser engraçada no fallar, ha de ter estas propriedades. Ser clara, branda, chea, & com-

A graça da voz, & as propriedades della.

compassada, porque a voz escura confunde as palavras; a aspera, & seca tiralhe a suavidade; a muyto delgada, & feminina faz impropria a acção do que falla; a muyto apressada, empeça, & revolve as razoens, que por si podem ser muyto boas; não trato nas que a natureza inhabilitou para essa perfeição, como he a voz do gago, do cicioso, & do rustico grosseyro: mas na do Cortezaõ tomara eu estes attributos, porque ha alguns, que fallaõ com a voz taõ mettida por dentro, que deyxão as palavras para si, & os ouvintes às escuras, que lhes he necessario estar espreytando o q̄ lhes querem dizer. E outros, que pronunciaõ com tanta aspereza, que espinhaõ as orelhas dos que escutaõ; & outros, que fallaõ taõ apressadamente, que parece, que levaõ esporas na lingua. Entre vozes (disse Solino) tambem eu hey de soltar a minha, & no que he a voz chea, que dizeis, quizera saber a differença, porque eu tenho, que ainda he peyor a muyto grossa, que a feminina: porque ha homẽ, q̄ quando falla mais parece tom de bayxão, q̄ espirito de voz. E igualmente aborrece ver hum homem com hum rosto como huma peneyra, muyto versuda da barba, & sobrance-lhas, sahir com huma voz de frauta muyto espremida. O meyo (respondeo o Doutor) em todas as cousas he a perfeição dellas; & le estais bem lembrado, tambem deyxey de fóra a voz grosseyra, como a quem a natureza privou da graça no fallar. Depois da voz, os olhos daõ muyto espirito às razoens, porque como elles saõ as janellas da alma, por elles se communica vida às palavras: & assim haõ de ser claros, alegres, & moviveis: porque os muyto apertados, & estendidos entristecem: os muyto apertados, & franzidos movem a desprezo: os muyto abertos, pasmados, & fahidos para fóra, fazem temor; & posto que os olhos por rizonhos nunca perdem graça, parece que nas praticas graves, & de importancia, não haõ de ser muyto chocalheyros. Nisso tendes vós muyta razaõ (disse Dom Julio,) que ha homens, que daõ olhado ao que fallaõ; porẽm não vos esqueçais das sobancelhas. Tambem a acção do fallar toma muyto dellas (tornou o Doutor,) porque franzidas fazem carranca, & mostraõ,

traõ, que falla hum homem com melancolia; bayxas representão tristeza, ou vergonha; muyto arqueadas, significão espanto; & levantadas, alegria: não menos convem a composição da barba, que fincada nos peytos mostra delconfiança, ou perfia: & posta no ar vangloria; & o pescoço, que nem se ha de ter taõ levantado, que faça soberba nas palavras, nem taõ bayxo, que pareça, que não pôde com a cabeça: a qual não

Compostura de pescoço, cabeça, & boca.

ha de estar taõ firme, q pareça, que a espetaraõ nelle, nem se ha de quebrar para todas as partes como grimpa. Da mesma maneyra a boca ha de ser quieta quando falla, sem estar mordendo os beyços, nem torcendo, nem inchando com as palavras, nem com o rizo se ha de mostrar taõ descuydada, que as entorne pelos cantos, nem taõ apartada, que

offenda a boa pronunciação, & graça dellas, no que vay mais à lingua Portugueza, que a outras muytas, porque sabemos, que todas as nascões Orientaes, naturalmente opprimem a vóz na garganta, quando fallaõ, como os Indianos, Persas, Assyrios, &

Diferença no pronunciar das nascões.

Caldeos, & todos os Mediterraneos referem as palavras aos pádares da lingua, como fazem os Gregos, Friños, & Asiaticos; & todos os Occidentaes, como os Francezes, Italianos, & Helpanhoes, mastigaõ as palavras entre os dentes, & as pronunciaõ na ponta da lingua; posto q em alguns lugares, conquistados outro tēpo dos Africanos, ficaraõ usos, & palavras, que ainda obrigaõ a sua pronunciação; mas os

que estaõ mais isentos della saõ os Portuguezes, como aqui na primeyra noyte da nossa conversação te tocou. Além destas partes do rosto, tem o movimento do corpo o seu lugar, que pôde parecer ayroso quando falla, mostrando-se grave, composto, ou inclinado, segundo as materias, sobre q falla; nos côtos, histórias, graças, ou galâtarias, não representãdo o q diz com meneyos de Comediante, né có modestia, & compostura lobeja, mas com hũa boa sombra, & hum termo no persuadir soslegado, no relatar mais ligeyro, no arguir esperto, no desculpar, ou defender-se muy brando; nem fazer badalos dos pés quando falla assentado, bolindo sempre, nem estar com os olhos nelles quando

quando passeia. Sobre todos os mais gostos, ou acçoens, que tenho tocado se ajuda a pratica do movimento das mãos, que ha de ser com hum leve ar, & compostura, com que o discreto favorece as palavras, que diz, não fallando com ambas ellas, nem chegando com alguma perto da vista dos ouvintes, & guardando estas, & outras advertencias semelhantes, póde fazer hum homem huma agradavel gentileza no praticar, emendando algumas faltas da natureza, ou favorecendo com o cuidado as graças, que ella lhe dotou, não tratando dos incuraveis, a que já não possão valer estes remedios, mas dos que à falta delle, & com o largo discurso de mãos costumes se vierão a fazer incuraveis. Parece que dais a entender, Senhor Doutor (disse Pindaro,) que ha mais algumas advertencias, que podem ser de importancia nesta materia; & para a tratar de fundamento, não he razão, que fiquem de fóra. Para essas, & para o mais que tenho dito (respondeo elle) nomearey alguns vicios, que são contra o bom termo da pratica, que reprovados nella acreditarão as minhas opinioens, a que eu não posso, nem quero dar nome de preceytos, posto que são fundadas em os melhores dos que desta materia escrevèrao.

Erros no O primeyro he escutar-se hum homem a si proprio quando falla, por se contentar do que diz.

praticar O segundo repetir outra vez o que tem dito com os olhos nos ouvintes para que lho gavem.

notaveis. O terceyro, deter-se tanto nas palavras, como que as vay pezando, & compondo para as dizer.

O quarto ir-se arrimando a bordoens, para que lhe acudaõ em tanto as palavras.

O quinto, ir à mão ao que quer responder, por querer falar tudo.

O sexto, bracejar muyto, & dar grandes rizadas a seus propios ditos.

O septimo, borrifar as palavras com a humidade da boca, por fallar com vehemencia.

Vós (acodio Solino) formastes aqui huns sete peccados mortaes contra a discrição, & cortezania, que não merecerã nella ter graça, quem nelles estiver culpado. Cada hum dos presentes examine sua consciencia, porque receyo, que fallais de proposito contra alguém. He taó mã a vossa natureza (lhe tornou o Doutor,) que quer perverter a minha boa tenção: & destes peccados contra a policia, tirar outros, que offendaõ a amizade; valeme porèm ser a vossa conhecida. E profeguindo a materia dos vicios; os tres primeyros nascem do amor proprio, que cada hum tem a suas cousas, a que os Gregos chamãrão Filauca. Os quatro leguintes, ou da ignorancia, ou do descostume, & falta de doutrina cortezãa. Escutar-se hum homem quando falla, he de quambem lhe parece o que diz, & posto que o vicio he natural, tem ruim patria; que o homem que se escuta he lisongeyro de si mesmo, & elle se paga por si de suas palavras, vendo-se, & enfeytando-se nellas como em espelho, conforme aos proverbios antigos, que a cada hum parece o seu fermoso; & o outro, que não ha melhor musico, que cada hum a si mesmo; & que a cada hum contenta o seu rosto, a sua arte, & cheyra bem o seu Inor. Outro (disse Solino) me parece a mim melhor que todos esses, porque os declara, & he, que quem se contenta a si, contenta a hum grande nescio, que não pôde deyxar de o ser, o que do seu engano se satisfaz; & não achareis discreto desse feytio, que não caya nos tres primeyros lanços; porque laõ encadeados huns com outros; & em se escutando hum homem a si o vereis ir encarecendo as palavras com as sobrançelhas, enchendo com ellas a boca, & pronunciando-as com muyto cuydado. Desies disse Horacio (acodio Pindaro,) que fallavão empolas, & está muyto bem o nome à inchação de suas palavras: mas o segundo vicio, que he o da repetição, parece menor erro; porque o que he bem dito, se pôde repetir, conforme ao que disse o Poeta: & só serã a culpa quando o dito não for acertado. Essa estimação não ha ser feyta por seu dono [respondeo Solino,] nem elle pôde pôr o preço a suas palavras, cuydando que falla ouro; em obras alheas referidas por outrem, tem lugar essa desculpa, & não se podem servir della os que com os olhos, &

com

com a repetição do que disserão, estão puxando por vós a que
 lhas gaveis, & vos contenteis à força da sua razão, & mettem
 de quando em quando hum entendeisme? Estais comigo? Di-
 go bem? Que vos parece? Não sey se me declaro? De ma-
 neyra, que para encarecerem o seu aviso, fazem dos outros ne-
 cios. E com este cahem logo no terceyro, que he deter-se muy-
 to em cada palavra, soltando-as por compasso, dilatando hũa
 da outra, porque se não peguem, & he vicio, que fará ser abor-
 recivel a todo o mundo, a quem o tem, & até à mesma dis-
 cripção fará importuna este mão uso della. E mais he muy cer-
 to andar annexa esta boa parte a huma boa falla de doente
 muyto mole, que tudo junto vem a ser hum xarope de sensabo-
 ria, que não ha quem o leve. O quarto não enten-
 do bem, porq̃ não sey ao que chama bordão o Doutor.
 Sabey (disse elle,) que os arrimos a que se pega, ou
 encosta o que falla quando as palavras lhe canção,
 se chamaõ bordoens, & são de duas maneyras; huns
 que pertencem, ou para melhor dizer, que são im-
 pertinencias, nas acçoens do fallar; & outros nas palavras, os pri-
 meyros são mais culpaveis q̃ os segundos, porq̃ ha hũ, q̃ não sabe
 praticar com-vosco, sem vos estar desabotoando, ou alimpãdo o
 cotaõ, & arrancãdo a friza do vestido; outro q̃ a cada palavra vos
 pega do cinto, ou travãdo vos do braço vos molesta; & ainda ha
 algum taõ delatinado, que vos dà com a mão nos p ytos a cada
 cousa que diz. E outros, que se deyxão de entender com quem
 praticaõ, o haõ consigo, não estando quietos com as mãos,
 esgravatando os dentes, ou bolindo nos narizes, & fallando,
 tirando cabellos da barba, & mordendo as unhas; & outros
 vicios semelhantes, que servem como huns espaços, & recla-
 mos, a que lhe acodem as palavras. Os segundos são mettidos
 na mesma pratica com alguns, que em cada palavra della met-
 tem hum diz assim, que digo, tal, & qual, sim Senhor, vay, vem,
 entãõ, seraõ quando, espere v. m. assim, que Senhor, estais co-
 comigo; & outros muytos, fóra os que vós apontastes no vicio
 da repetição, que são bordoens da primeyra Classe. Certo (dis-
 se Feliciano,) que tem muyta razão o Doutor, em dizer, que es-
 te vicio, & os dous, que se seguem, nascem do descollume, &

falta da doutrina cortezãa, porque eu alcancey ainda por con-
discipulo hum Estudante, que na opinião dos mais não era ti-
do por o que fallava peyor, que por o grande odio, que tinha
aos bordoens, inventou hum modo excellente para os desterr-
rar da conversação dos amigos, com que tratava de ordina-
rio, & foy hum jogo de não menor engenho, que utilidade; &
pelo exercicio d'elle se perdeu até a semente dos bordoens en-
tre aquelles amigos. Não esqueção (disse Leonardo) os ter-
mos de tão bom jogo, que já pôde ser, que occupemos com
elle huma noyte, mais bem empregada do que o remedio será
necessario para os presentes, porque não são dos homens limi-
tados, que se apegaõ a estes encostos; & se quereis conhecel-
los ouvilhe contar huma historia, & mettervos-haõ nella mais
bordoens, do que tem de palavras. O quinto vicio (proleguio
o Doutor) he incomportavel, porque ha homens tão sofres-
gos de fallarem tudo, que atalkaõ as palavras ao que lhes co-
meça a responder, querendo anticipar com o seu entendimen-
to a tenção alhea. Esses taes (disse Solino) fallaõ a duas
mãos, porque querem, que vã tudo por elles, & como me acho
entre esses, por não pedir por mercê, que me ouçaõ huma pa-
lavra, deyxo o feyto sem parte, & como ficaõ fallando à reve-
ria, desfaço as suas sentenças com huma bochecha de agua.
Esses falladores são como Cigarras, que atroaõ, & não deley-
taõ (disse Dom Julio,) & he sentença muy approvada entre
Cortezãos, que tres coufas não ha de haver entre elles de-
maziadas. Sobeja parola, comprida porfia, & grande rizada, por-
que quem muyto falla d'elle damna (como diz o ritaõ,) & com
quem a porfia não disputes, & aonde ha muyto rizo, ha pouco
eizo, que todos estes pertencem à conversação. Esta terceyra
parte (proleguio o Doutor) he do sexto vicio, que he brace-
jar quando falla, & festejar com rizadas seus proprios ditos, o
que se quer vender por discreto. E assim vereis alguns, que
fallaõ às pancadas, & se acharem hum pulpito diante o farão
em pedaços, como se a policia pudera sofrer o defassoslego, &
inquietação da sua esgrima. As rizadas, além de arguirem
falta de entendimento, são mais impertinentes, quando hum
homem festeja seus proprios ditos, q̃ para terem gallanteria-

ria, elle que os diz ha de ficar fezudo, & os que os ouvem rizonhos. E assim os engraçados de nossos tempos, que conhecemos, & outros, que deyxaraõ esse nome, sabião festejar moderadamente as graças alheas, & dissimular o rizo nas suas, fazendo menos caso dellas. Duas cousas (disse Dom Julio) se me offerecem para vos perguntar nella materia; & seja a primey-ra, que moderação se ha de usar no rizo, com que hum homem festeja o conto, ou graça do que falla diante d'elle? Os homens (respondeo o Doutor) uaõ hão de ser tão severos, que nunca rião, como Catao Centorino, Anaxagoras, & Socrates, nem como Marco Crasso, que rio huma só vez na vida, pois he diffinição, & differença do homem, ser animal racional, & a sua propria payxão he ser risivel; porém não menos se ha de guardar de ser desentoadado nas rizadas, que para nisto haver huma moderação politica, lhe bulcãrão os antigos muytas differenças: & deyxando o rizo Jonio, Megarico, Sardonio, & Synclusio, dos quaes fallão tantos Authores Gregos, & Latinos, colhida delles a melhor doutrina, não ha de rir o homem com a boca aberta, que dà grande tom ao rizo, nem com os beyços abertos, como costumão os que tem cieyro nelles, nem sómente mostrando os dentes, que a este chamãrão os Latinos rizo de cavalgaduras: nem com hum rizo mole, & afeminado, como era o Jonio, mas com huma boa sombra, & graça na boca, & no ar do rosto, com que se mostre agradecido do que escuta, & se esta resposta vos satisfaz, bem podeis continuar com a segunda pergunta. Aindaque as minhas (tornou elle) não fossem muyto a proposito, com o interesse de vossa doutrina ficarião desculpadas, como ferà esta. Se na graça que outrem conta, em que eu a não acho, sou obrigado em primor cortezaõ a me mostrar rizonho? Obrigado he o Cortezão (respondeo o Doutor) a se mostrar agradavel aos com quem pratica; & não o poderia ser quando secasse o rizo, na occasiãõ em que outrem mette cabedal para o provocar a elle, que seria mettello em desconfiança. Eu me dou por satisfeyto [disse o Fidalgo,] & já agora podereis passar ao septimo erro, em que ha pouco que discorrer, segundo me parece, que não ha mais que hum descuydo, & desatento, dos que mostrando o

fervor do animo com que fallão, borrião com humidade o que dizem, & às vezes a quem os escuta. Não cuido eu (disse Feliciano,) que são elles os de que trata o Proverbio, que fallão fontes de prata. Antes (tornou Solino) lhes chamara eu homens, que fallão fresco: que nem huma manhã de Abril deyxá taõ orvalhado hum campo de boninas, como elles a roda dos que o estaõ ouvindo; & para estas immundicias, houvera de ter a jurisdicção hum Almotacel da limpeza. Desterrados pois (tornou o Doutor) da conversação estes sete inimigos della, parecerá hum homem Cortezão aos que o escutarem, fallando agradavelmente, & guardando nas palavras as leys, que agora lhe der o Senhor Leonardo, que posto que a verdadeyra discrição seja natural, nenhum dos dons da natureza deyxá de receber beneficio da arte, da continuacão, & dos costumes. Muyto depressa vos quereis desobrigar [respondeo Solino,] & eu ainda esperava, que passasseis pela minha porta, dando algum toque na murmuração, como destes no rizo, que tambem estes preceytos são fora das palavras. O rizo sim [lhe tornou elle,] mas não o murmurar, que he culpa, que não se attribue à practica, posto q̄ alguns digão, que tem esse sal, a mais discreta he pouco saborosa; & he porque ha muytas cousas, q̄ não queremos dizer, & folgamos em extremo de as ouvir; assim q̄ o que murmura, ordinariamente agrada a gostos alheios de gente ociosa, com rizo proprio. Porém por fazer pazes com vosco, entrarey em contendas, de que estou desobrigado, tocando na murmuração engraçada, & para lhe dar lugar, metterey no meyo o de huma sentença excellente, que diz, q̄ dos animaes bravos a peyor mordedura he a do pragueyto; & dos mansos, a do lisongeyro. O praguejar he maldade, o lisongear trayção, o motejar levemente galantaria; o discreto, nem ha de morder, nem lamber, porém picar levemente, & com arte, he graça da conversação: para o que deyxando authoridades, exemplos, preceytos, & cousas infinitas, q̄ poderão levar grande tempo: O Cortezão, quando *Regras* arguir para graça ha de considerar tres cousas, o *no motejar* que falla, com quem, & diante de quem. O primeyro por fugir da materia em q̄ o presente desconheço, o *segundo*

segundo por não motejar com quem não sayba pezar, & conhecer as galantarias; o terçoeyro, por não fallar graças, de q̄ algum dos ouyintes se envergonhe: porq̄ de outro modo, sendo a graça pezada, perderia o nome. Não fallo de murmurar de ausentes, que em todo o modo me parece culpavel: & bem podiaõ servir para ley destas galantarias as vossas, que a todos agradaõ, & q̄ se aos ouyintes não fazem fastio, taõ pouco aos offendidos causaõ queyxtume. Lembrame (disse Pindaro,) q̄ no quinto vicio condemnastes, o querer hum homem fallar tudo, & não destes regra aos q̄ fallaõ pouco. Seria (respondeo o Doutor) por me conformar com huma sentença, q̄ diz: Aos q̄ pouco fallaõ, poucas leys lhes bastaõ. Além disto, atégora não tratey dos louvoreõs do silencio, nem da verdade daquelle dito: Allás sabe o q̄ não sabe, se callar sabe. E o outro, q̄ o nescio callando, se parece com o discreto. Fallo sómente da maneyra de praticar entre os amigos, aonde as palavras não tem mais, q̄ estas duas medidas, q̄ são, fallar a tempo, & a proposito; a tempo, porq̄ nem em todos se pôde dizer tudo q̄ he bem dito.

Nas comidas se ha de fugir, fallar em cousas, q̄ enojem o estomago, & offendaõ ao gosto, aindaq̄ em outros lugares pôdem dar muyto. Entre enojados não dizer graças, ou contos, que desauthorizem a tristeza, & provoquem a rizo. Entre enfermos não contar historias, que causaõ temor, ou desconfianças em seus males. Entre Ecclesiasticos, guarda-se de cousas, que saybaõ a lascivia, & profanidade. A proposito: porque ha muytos, que se desviaõ do principio da practica, de maneyra, q̄ do primeyro salto vaõ parar a Flandes; outros, q̄ em tudo querem metter hum historia, q̄ sabem, contar huma nova, q̄ lhes veyo, hum dito q̄ ouviraõ, hum sonho q̄ sonharaõ, & pela deleytaçaõ, que tomaõ de contar cousas proprias, perdem o decoro, com que haõ de escutar as alheas, & o tento do que elles mesmos respondem, & tambem me a mim parece, que me vou mettendo nas que não são minhas; q̄ me fizeraõ passar os termos, de maneyra, q̄ nem a meu amigo ficou tempo

para continuar com a segunda parte deste discurso. Vós dizísteis tudo tão bem (tornou Leonardo,) q̃ se perde pouco no que eu havia de accrescentar, quanto mais, q̃ o q̃ se dilata não se tira, & já à manhã terey cuydado, ou espaço de cuydar no q̃ hey de dizer: por não cahir no terceyro peccado de ir compondo as palavras com o vagar que enfastia. Em casa chea (disse Solino) depressa se faz a cea, & em entendimento tão rico como o vosso, nem de cousas, nem de palavras pôde haver pobreza, guardevos Deos de huns meus Senhores, que as pedem fiadas aos livros de Cavallarias, com suas sentenças de cabo de Capitulos, que se se lhe atravessa hum escarro de hũ dos ouvintes, varreolhe toda a prégação da memoria, & vão com a pratica em muletas até tomarem assento com muyto trabalho seu, & de quem os escuta. Hora não o demos tão grande ao Senhor Leonardo (disse Dom Julio,) que hoje o não deyxemos dormir, pois à manhã o havemos de despertar; que as duas noytes passadas foraõ de hospede, & a conversação dos que saõ do mais gosto rouba melhor o tempo, & com tudo a parte que se tira ao repouso sempre faz falta. Começaraõ-se os outros a levantar, & o velho ainda os deteve em pè, dizendo, o Senhor Dom Julio em tudo tem tenção de me fazer mercès; porèm esta não he das que lhe fico devendo mais: porque antes quizera poupar o tempo do sono para viver, que o da vida tão enfadosa, & larga para dormir. E se he verdade, que na conversação de tão bons amigos, só se vive, qual posso eu ter melhor, que fazendo estas noytes mais compridas alargar a minha idade? Que sentença he antiga, que o tempo em que dormimos, perdemos da vida, pelo que chamaraõ ao sono, imagem da morte.

DIALOGO IX.

Da pratica, & disposição das palavras:

Hia crescendo o gosto daquelles amigos, com o exercicio de tão proveytosa conversação, de tal maneyra, que nenhum perdia e sentido das materias, que ficavão tocadas, pa-

ra se armarem de razoens, contos, & exemplos com que cada hum mostrasse aos outros sua insufficiencia. Naquelle porèm da practica vulgar ficou Leonardo muy atalhado; assim por ser cousa em que tudo pende de opinioens incertas, como porque o Doutor lhe cortara a urdidura, com que havia de ir tendo o seu discurso; desejava mudar o proposito a outra cousa, que viesse mais ao seu, mas como aquelle era o de todos, não havia caminhô de o desviar. Veyo pois a noyte do outro dia, & com ella os companheyros muy âlvoroçados, aos quaes elle festejou com a mesma alegria, & logo depois que se assentãrão, lhes disse: Se hey de fallar verdade, eu estou taõ carregado com o officio, que de novo me dêstes, que me não atrevo a dar boa conta delle, por todas as que fiz para me dispor a isso me sahiraõ erradas, & me parece tao difficultoso fallar de cuydado, & ordenadamente na materia em que se ha de praticar na lingua Portugueza, que me hey de chamar ao engano; & o mayor de todos foy, darem-me elpaço para temer, quando eu cuydey, que o tomava para me prevenir. Em vòs (disse Dom Julio) he gentileza esse receyo, & ainda que fosse fingido, eu o tenho por a primeyra regra de fallar bem, pois ensinai aos discretos ao não fazerem com sobeja confiança, & pelo que eu tenho de vossa discriçaõ, só em huma achãra difficultade, que he pordes em regras, & preceytos o que tendes por natural, & por costume, que servieis mais para exemplo de quem vos ouve, que para Mestre dos que não pôdem comprehender a vossa doutrina. Se com titulo de me fazerdes mercè (respondeo elle) quereis que desconfie, mais facil vos ferà isso, que a mim o acertar, mas para que não erre no principal, digo, que não posso fazer Elcolla de fallar bem, mòrmente entre Cortezãos taõ discretos, que cada hum me poderà dar preceytos para o fer: mas se disser em algumas cousas a minha opiniã, faço-o para com as razoens dos que a contradifferem aprender a acerrar. Pareceme (disse Solino,) que as melhores duas liçoens para os discretos saõ essas primeyras, receyo, & humildade, & passando adiante, começay já a descobrir essa Rhetorica nova à lingua Portugueza. Por escusar (tornou elle) huma muyto comprida, & dilatada em preceytos,

tos, & limites, que à força se hão de misturar com os da Latina, & por evitar a largueza da Arte, & poupar a paciencia dos ouvintes para outras noytes, acudirey brevemente a alguns vicios da lingua Portugueza, não fogindo dos termos da Latina, nem levando-os a elles por fundamento, mas fazendo-nestas cinco advertencias.

Regras
para não
fallar
errada-
mente.

Fallar vulgarmente com propriedade.

Fugir da proluxidade.

Não confundir as razoens com brevidade.

Não enfeytar com curiosidade as palavras.

Não descuydar com a confiança.

Certo (disse o Doutor,) que me parece esta huma Rhetorica abreviada, que podia servir a todas as linguas, porque a confusão dos muytos preceytos, & figuras, que lhe attribuem os Mestres desta Arte, se pôdem comprehender debayxo desses cinco, muyto bem achados, & pois Solino chamou aos meus vicios sete peccados contra a discricção, podia chamar a estes preceytos, os cinco sentidos della, & tratando do primeyro. Como entendeis fallar vulgarmente com propriedade? Que em parte me parece, que o vulgar não guarda muytas vezes o respeyto ao proprio. Fallar vulgarmente (respondeo Leonardo) he qual os melhores fallem, & todos entendão. Sem vocabulos estrangeyros, nem exquisitos, nem innovados, nem antigos, & desusados, senão communs, & correntes, sem respeytar origens, derivaçoens, nem ethimologias, que a linguagem mais pende do uso, que da razão, & porisso se chama lingua materna, porque nas mulheres, que menos sabem da Patria, se corrompe menos o uso do fallar commum; posto que ellas saybão pouco da razão de seus principios: & dito, & do fallar com propriedade tenho dito na pratica, que tivemos sobre as cartas missivas, o que não terá necessario repetir agora de novo, mas sómente dar mostra, de que estes dous termos se não encontrão; que se o fallar proprio he com palavras naturaes, & menos figuras de Rhetorica, para ornamento dellas; & não usar dos tropos de allegorias, metáforas, trans-

laçoens,

lações, antonomasias, antifrazes, ironias, enigmas, & outras muytas; isto se usa na pratica vulgar, para se tratarem livremente as palavras proprias, pois somente algumas translações, antonomasias, & ironias se achão nella: & muy raramente outras figuras: & posto que nisto me detenha mais do que determinava, me hey de embaraçar com estas tres figuras. Translações he figura quando passamos as palavras de huma cousa a outra; porém com huma semelhança conveniente, como quando dizemos, huma fonte de sabedoria, hum poço de letras, hum rio de ouro, hum thesouro de partes, ou de graças. Esta figura se costuma usar para hum de quatro effeytos, ou para evitar palavras deshonestas, ou para abreviar razoens compridas, ou por acodir à pobreza da linguagem, ou por afermosear, & enfeytar a pratica. No primeyro modo faz officio muy necessario, que he dar a entender por palavras alheas, cousas, que são mal, por o seu nome proprio, como dizer: huma mulher, que usa mal de sua fermosura, que se vende a preço, que se entrega a Venus, que serve a seu gosto. Hum homem affeyçoado a ramos, perdido por Bacco, esquecido de si. Tambem para abreviar razoens, he de muyta utilidade na pratica, como quando dizemos: ficou em seco, deytou azar, torceo a orelha, deu cinco. Os outros dous modos me parecẽ na pratica sobejos, & culpaveis: o primeyro, porque sempre se ha de fugir nella o enfeyte, & ornamento das palavras; & o outro, porque não faltão na lingua Portugueza as necessarias para cada hum declarar o que lhe convem dizer. A figura da Antonomasia se usa algumas vezes na conversação, posto que só nas pessoas, ou partes do mesmo Reyno, será mais aceyta. Entre nós, quando nomeamos o Poeta, se entenderà a Luis de Camoens, o Historiador João de Barros: o Duque de Bragança, o Marquez de Villa Real; a Cidade, a de Lisboa: a Coutada a de Almeyrim, & outras semelhantes cousas, às quaes a grandeza deu superioridade das outras do mesmo nome. A Ironia, mais que todas he propria na conversação, pois consiste mais na graça, rizo, ou dissimulação do que fallia, que nas palavras; ella se considera em duas maneiras, a primeyra, tirando a propriedade às cousas, a segun-

da, furtando o sentido às razoens, huma he mero escarnio, & outra dissimulada subtileza. A primeyra, quando do fraco dizemos, que he hum Hercules: do louco, que he hum Catão: do miseravel, que he hum Alexandre, & da mulher pouco calta, que he huma Lucrecia. A segunda, como se disseramos: nunca lhe cahio a lança da mão, ao que a não tomou nella; lhe chegou ninguem com a espada, fallando do que fugio; nunca pedio nada, fallando do que furta, paga mais do que deve, entendendo o que paga por justiça. No que pertence às figuras, me parece, que basta esta lembrança; & as palavras, que se devem escusar para fallar vulgarmente, não hão de ser estrangeyras, nem exquisitas, nem innovadas, nem tão antigas, que se perdesse já o uso dellas. Das primeyras tem muyta culpa os Estudantes, & Letrados, que introduzirão as Latinas na conversação, fazendo a linguagem de misturas. Essa culpa [respondeo o Doutor] he dos mancebos, que como no praticar não tem a madureza, que só costuma ensinar a experiencia, cuydão, que se melhorão em fallar escuro, & elegante, fazendo na proza acentos de musica, ou medidas de Poesia. Muytos Letrados sey eu (disse Solino,) que não são moços, & nisso o querem parecer, que fallão huma linguagem como Serea, mulher até os peytos, & ametade peyxe, & homens a que não escapa por nenhuma via o verbo no cabo, & sendo a nossa lingua de muyto bom metal, lhe misturão tanta liga, que perde muyto de seus quilates. Não tenho por grande erro (acodio Leonardo) quando a conversação he entre doutos, usar de algumas palavras tiradas de Latim, quando forem melhores, que as com que nos podiamos declarar em Portuguez, antes creyo, que se isto se fora introduzindo, viera a nossa lingua pouco a pouco, a se aparentar com ella, & ficar tão polida, & apurada, como a Toscana. E essa (tornou Leonardo,) que fruto tirou do parentesco, se não foy chamarlhe alguns Authores, borra da lingua Latina. O caso he, (disse Solino,) que vós devieis de ser affeyçoado à fraze de hum Cirurgião de Coimbra do nosso tempo, que por ella se fez famoso, que disse à moça de hum ferido a quem curava: Tragame hum pano copulento para fricar os labios desta cicatrice.

catrice. E a hum rustico, que vinha esmechado, respondeo, que não tinha mais leza, que a superficie da fronte: & tendo palavras com outro, lhe disse, que o anichilaria, se dicesse alguma cousa em vilipendio de sua dignidade. E certo,

Gracioso modo de errar.

que tenho rayva, sabendo, que a lingua Portugueza não he manca, nem aleyjada, ver que a fação andar em muletãs Latinas, os que a havião de tratar melhor. Ha outros (proseguio Leonardo,) que nem com isso se contentão, & andão buscando palavras muyto exquisitas, que por termos muy escuros significão o que querem dizer. Como hum, que se queyxava de sua Dama, que de ciofa andava inquirindo os escrutinios de seu pensamento. E outro a hum Barbeyro disse, que lhe rubricàra a parede com a sangria. Alguns [disse o Doutor] conheci eu culpados nesse modo impertinente de fallar, que por taes erão reprovados: porèm o uso das palavras invocadas, não achei ainda entre os Portuguezes, como nos Hespanhoes, & Italianos. Nem tenho por grande vicio a proveytar de algumas antigas, muyto bem usadas em outro tempo, & desterradas sem razão na nossa idade. Não faltão (respondeo Leonardo) curiosos, que por acharem pobre a lingua, ou por elleso estarem de seus vocabulos, fazem alguns ao seu modo; como hum Letrado, que querendo authorizar humas cascas, para certa occasião, disse: He necessario, que as paredes deste domicilio sejam alveadas, & que o fato usivel fique retendo nas ultimas delle. E outro disse de hum Navegante, que fora felice, se não fortuneàra tanto no exito da viagem. E ao que dizeis das palavras antigas, posto que em algum tempo fossem boas, não o ficão sendo na parte em que se perdeo o uso dellas, pois como já disse, esse só he o fundamento, & a razão das palavras; & assim não diremos,

Palavras antigas. leyxou, trouxe, dixeu, cã. finais, acram, leydice, & outros vocabulos, de que usárão Authores gravissimos, de cujos escritos podemos aprender a perfeycão da linguagem Portugueza. E bastou o contrario uso, para nesta parte poderem seguir o que agora escrevem, & fallão bem. Com huma só razão (acodió Solino) condemnàra eu essa turba, dos que no fallar querem parecer singulares, & he,

he, que não fallaõ, para que os entendaõ melhor, senão para que pasmem daquella sua estranha eloquencia, & galantaria. E haveis de saber, que he lanço muyto certo, que os que se contentaõ com saber pouco do Latim, fallaõ mais alatinados, para que os ouvintes cuydem, que o sabem; & assim como virdes Cirurgiaõ, ou Boticario, que acabou a Grammatica na quinta Classe, pondelhe abrolho, que o não tireis com vinte galgos à estrada do fallar commum; & se me esperardes Estudante da Filosofia em grade de Freyras, vereis huma linguagem meada de Logica, que vos não entendereis com o sentido della. E dos que fallaõ pela tempora velha, eu o não consentira, senão em homens de barba larga, penteada sobre os peytos com carapuça redonda, & pelote de abas pregadas, que vos conte historias del Rey Dom Manoel, & dos Infantes em Almeyrim, & de quando D. Rodrigo de Almeyda tomou por Compadre a Villa de Condexa, do filho que alli lhe nalceo em tempo do Bispo Dom Jorge. Porém nos vestidos justos d'agora, & barbinhas turquescas, tiradas pela fieyra, & tintas sobre branco; palavras daquelle tempo parecem remendo d'outra cor. De maneyra (disse Dom Julio,) que temos averiguado, que fallar vulgar, & propriamente he fallar bem, & na verdade da boa linguagem, a principal parte he a clareza, & o mais della consiste em fugir desses atoleiros. Mas ainda eu tenho por peyor de todos o da proluxidade, de cujas partes se tocou o principal na noyte passada. Ha muytos homens (proseguio Leonardo) taõ palavrosos, que vos não deyaõ tomar carta na conversaçãõ; & são taõ amigos de levarem hum comprimento tè o fundo, que nem com o silencio vos defendeis dos seus, & he vicio de que se ha de fugir, como de peste da discriçãõ. E já me occorreo, porque razaõ chamariaõ aos falladores paroleiros, ou homens de parola, que posto que a fraze seja Italiana, lhe acho huma mais secreta galantaria, & he, que como a lingua de Italia he mais copiosa, ornada, & comprida nas razcens, aos que na nossa fallaõ muyto, àquella semelhança chamaraõ homens de parola, como se lhe chamaraõ Italianos. Boa està a derivaçãõ (tornou o Fidalgo) porém vamos à brevidade, que eu
me

me não atrevera a culpar, se agora vos não ouvira. Não sou eu o primeyro (respondeo elle,) que o disse, que já o Poeta se queyrou, que quando queria ser breve ficava escuro; & verdadeyramente a pratica comprida não a comprehende a memoria, & a mais breve do necessario cega o entendimento, & ha muytos, que por abreviarem o que dizem, não declarão o que querem: que posto, que a brevidade seja louvada, & por ella se aventajassem os Laconicos na linguagem dos outros Gregos, o Cortezaõ, nem ha de dizer as cousas em tres palavras, nem em trezentas. Dizeis bem, como em tudo (acodio o Doutor,) que ha alguns, que por querem atar tudo em hum feyxe (como disse o Proverbio) desconcertão o que com poucas palavras mais podia ser bem dito, & muyto se me parece esse erro de abreviar com o de enfeytar as palavras, que he como perder hum por carta de menos, outro por a ter de mais. Posto que o mesmo vicio (proseguio elle) se tratou a noyte, que fallamos das cartas, não o deyxarey passar agora sem outra lembrança, porq̃ he hũ trabalho, não sómente escusado, mas odioso, que a pratica artificiosa, embaraça aos que sabem pouco, & não agrada mais ao discreto, & serve de nevoa para as cousas que se trataõ, que com o ornamento das razoens, se perde muytas vezes o sentido principal dellas: & he taõ culpavel o feytio, que nisso se perde, como o que as mulheres usaõ de delmentir as graças da natureza, com fingida fermosura, que nunca aos bem entendidos pôde parecer verdadeyra, & deyxando esta parte, passemos à principal, & que mais pertence ao discreto, que he não se descuydar com a confiança, porque ha muytos, que de confiados em sua sufficiencia, fallaõ por si, & não pezaõ as palavras com o receyo, que para bem ha de ser sempre a balança dellas. E assim, hora dizem algumas pouco decentes à honestidade da conversaçãõ, outras escandalosas a algum dos ouvintes, outras, que por serem fóra do tempo, perdem o lugar, & elle na opiniaõ dos que escutaõ, o que com muytos outros tem alcançado.

O primeyro descuydo da confiança, & o que fi-

*Pratica
muyto ar-
tificiosa
cega os
ouvintes.*

*O receo
balança
das pala-
vras.*

ca mais em descredito do Cortezaõ, he quando entre mulhe-
res principaes usa de algumas palavras, que ou no som, ou
na materia, offendaõ a honestidade de seu estado. Culpa em
que cahem muytos confiados, mormente nas visitas de despo-
sorios, & nascimentos de filhos, & em outras semelhantes, em
que he mais necessario ao discreto levar as redeas na maõ,
porque elle não perca os estribos, & a ellas se não mude a
cor. E tambem sou de opiniaõ, que antes fuja de
*Advertẽ-
cio das
palavras,
q se haõ
de fugir,
segundo a
occafiaõ.*
 dizer algumas coufas, que lhes mudar o nome, co-
mo chamar às pernas sustinentes, ou andadeyras,
porque nomeando estas partes das mulheres, dian-
te dellas, não he cortezia. Parece (perguntou Pin-
daro,) que nomeando logo as pernas dos homens,
não terà erro, aindaque seja diante delles? Não
[respondeo elle,] porque nas mulheres he parte
occulta, & nos homens manifesta, & o traje de
cada hum ensina esta cortezia. E muytos ha, que de elcrupu-
lofos nella, daõ em desbarates; como me contàraõ ha pouco
de hum Mestre de Grammatica, que desculpando-se hum dis-
cipulo seu, que não viera ao estudo, porque aquelle dia pari-
ra sua Mãy; o mandou castigar, dizendo, que em publico
não se haviaõ de fallar palavras mal soantes à honestidade.
E outros, que fazem cortezia de mudarem os nomes às caval-
gaduras, & por se descontentarem de hum asno, darão mil ro-
deos. Nisso tem elles muyta razão (acodio Dom Julio,) por-
que não vi eu peyor azar, que esse encontro. E devia de ser
inventada esta maneyra de cortezia, por não nomearem asno
diante de algum, que o parecesse, por guardar a advertencia
do rifaõ, em casa de Ladraõ não lembrar baraco: sendo as-
sim, que os animaes nojentos, & cevandilhas nomeão por o
seu nome, aindaque isto não usára eu entre Donas, & Damas
delicadas, a quem com menos occasiaõ se enoja o estomago.
Muybem trazida està essa lembrança (proseguiu Leonardo,)
& continuãdo com as outras, me parece, que o segundo des-
cuydo, he quando o discreto falla, ou allega Latins, entre pes-
soas que o não sabem, ou que não tem obrigação de o enten-
der, como saõ mulheres; ou conta diante dellas historias da
India,

India, ou de outras regioens remotas, aonde esteve, dizendo as cousas com muytas palavras dos nomes proprios daquellas partes, que ha alguns, que em colhendo na pratica, Ormuz, Malaca, ou Sofala, não sabem dar hum passo sem palanquins, bajus, catanas, bõis, larins, & basarucos, & outras palavras, que deyxão em jejum o entendimento dos ouvintes, sem os seus porisso ficarem melhor acreditados. O ultimo descuydo, & mais perigoso he, que motejando em materia, q̄ possa ofender a terceyro, não advirta antes de fallar, se está na pre-

fença, a quem toque por sangue, ou amizade a ofensa, q̄ se faz ao ausente, aindaque seja em materia leve, ou se está alli outro do mesmo estado, do que murmura, do mesmo cargo, vicio, ou costume, que não tendo esta vigilancia, lhe poderia nascer

da sua graça huma ruim reposta. Pois se offereceo (disse Dom Julio) fallardes em graça, dando cor, de que na murmuração se acha mais certa, estimarey saber, que he o q̄ chamão os discretos, que he hum termo de fallar muyto ordinario entre elles. A reposta disto (tornou Leonardo) está por conta do

Doutor, que parecem esquecidos da noyte passada, com elle o haveis de haver, que eu vou já dando fim ao que me cahio em sorte. Sou contente (disse o Doutor) de me chamardes por parte nesta pergunta do Senhor Dom Julio, por o servir a elle, & dar occasião a Solino, de saber a ventagem, q̄ nisso

nos tem a todos. Primeyramente, o sal, a quem hum Author chamou conduto de todos os outros, he o que dá fabor, & faz appetite ao desejo para todos elles. Muyto se parece nisso com a fome (acodio Solino.) Assim he (disse o Doutor;) porèm tem demais, que os conserva, & sustenta com sua força, por os quaes attributos, Homero, & Plataó chamaraõ ao sal Divino, & assim como os mantimentos sem elle não obrigão a vontade; assim tambem por elle (como disse Plinio) significamos os affectos do animo, chamando homem sem sal, pratica sem elle, rizo enfoço, & ainda fermosura sem sal, como escreveo Catullo de Quinta, que pintando-a fermosa, branca, & comprida, diz, que em toda aquella figura não havia huma pedra

de sal. De maneyra, que conforme a este lentido, o sal he húa graça, & composição da pratica, do rosto, ou do movimento do andar, que faz as pessoas aprasiveis. E esta (segundo alguns) particularmente se declara, no que obriga a riso, & alegria com hum modo de murmuração leve. Donde Seneca disse, que o sal da conversação dos amigos não havia de ter dentes; & assim como os mantimentos que tem mais sal, fazem mayor sede a quem os come, assim a conversação, que tem mais delle, he mais appetitosa, & desejada dos ouvintes; & como sem sal todas as iguarias são sem sabores, & desgostosas; assim a pratica, aonde a sua graça falta he puro fastio. Porém quanto a mim, o que da tenção destes Authores convem mais com o nosso modo de fallar; sal, quer dizer graça, que he o contrario da frieza, & senfaboria: & dizemos do gracioso, que he salgado, & do bem dito, que tem muyto sal, & do que o

não he, que não tem nenhum. Por que razão (perguntou elle) sendo o sal cousa tão excellente, os Egypcios não querião usar delle em nenhum mantimento, & até o pão amassavão sem sal, tendo-o por inimigo. Os Egypcios o fazião (respondeo elle) por lhes parecer, que observavão nisso a castidade, attribuindo a virtude do sal à fecundidade, & appetite carnal, por razão do calor, a cujo respeyto fingirão os Poetas, q̄ Venus nascera do sal, q̄ he da escuma marinha, & algus naturaes disserão, q̄ só com comerem, & usarem muyto do sal, concebião alguns animaes. Outro Author diz, que os Egypcios o fazião por sobriedade, & abstinencia, tirando o labor, & gosto às iguarias, em lhe não deytarem sal: mas a verdade he, que se elles o tinhaõ por inimigo da vida, que não ha cousa nella mais laborosa; porque as duas cousas, que a sustentão (como escreveo hum Author grave) são sal, & sol, & ainda depois da morte o sal conserva os corpos sem corrupção, & os sustenta inteyros sem deyxar apartar os membros da sua compostura, por as quaes propriedades o fizeram os antigos symbolo da amizade (como diz Pierio Valeriano nos seus Hieroglicos,) que ella assim como o sal como o sal tem para todas as cousas da vida entre os humanos. E a primeyra cousa, que se punha

aos amigos na mesa, era o sal, costume, que ainda agora se usa, posto que se não sayba em muytas partes a razão d'elle, nem o porque se enojaõ, & enfadaõ os holpedes, de se derramar o sal pela mesa, que neste nosso Reyno querem fazer particular agouro dos Mendoças, sendo a causa geral: porque lhes parecia aos antigos, que se apartava, & perdia a amizade, entornando-se o sal, que na mesa fazia a figura della. E à

Razão,
& fundamento,
porque o sal derivado offende.
semelhança tinhaõ por boa sorte derramar-se o vinho, que como era symbolo da alegria, & contentamento, desejavaõ que entre todos se espalhasse. Com isto tenho dito do sal, o que me perguntastes, pusto que para lhe dar mais solidos louvores, o pudera levar à Escritura Sagrada, aonde não só significa confederação, & amizade, mas por elle se entende a doutrina Evangelica, & aos mesmos Apostolos, & Prégadores della, chama Christo sal. E pois

para fallar deste, tomey mais tempo do que quizera, he bem q̄ vos deyxer livre este que fica, para que todos nos aproveytemos de vos ouvir. Pouco pudera eu dizer [proseguio Leonardo] se não fosse acostado à vossa erudição, & authoridade. E do sal me não fica outra cousa que advertir, mais haver-se de maneira com elle o Cortezaõ, que não seja a pratica toda de graças, nem sem ella; fenaõ huma certa liga, com que se componha o galante, & o sezudo, que he huma differença, q̄ sempre fiz, do engraçado ao gracioso; porèm como isto ha de ser em conformidade das materias, occasioens, & pessoas, com que pratica, não posso dar a isso regra ordenada. Fica alèm disto, que advertir ao discreto a mecanica geral dos termos, & nomes dos principaes instrumentos, com que se exercitaõ as artes mais nobres, como a Pintura, Escultura, Architectura, Arithmetica, Astrologia, & Musica. Saber as peças, & o nome dellas, com que se arma hum Cavalleyro: as que pertencem ao jaez, & arreyo de hum Cavallo: os lugares, ordens, & disposição de hum esquadrão formado: o meneyo militar de hum galè bolante: os nomes de hum edificio bem fabricado, & de hum Fortaleza bem guarnecida: saber a cor, & o nome a todas as pedras de valia: os quilates do curo, o pezo dos me-

taes, a melhoria delles; & outras cousas semelhantes a estas, que como andaõ sempre na praça ordinaria da conversação, não he justo, que faltem ao discreto palavras, com que mostre, que tem conhecimento de todas. Com estas lembranças me hey por despedido desta materia, posto que fiquem de fora algumas cousas della, como são contos, historias, & Novellas Cortezãos, & agudeza de ditos, que cada huma pedia mais compridas horas de pratica; porèm com a minha vos tenho a todos cançados, tem eu ficar ocioso. O das historias (disse Pindaro) podeis vós Senhor dilatar; mas não vos escusareis de as dizer, mórmente, quando pela inculca, que de mim fizestes, me importa mais que a todos, saber o particular dellas. Fiquem essas guardadas para a manhã (disse Solino,) & se temeis, que até então se damnem, obrigay ao Doutor, que do muyto sal, que aqui lançou à minha conta, deyte nellas algum. Boa lembrança toy essa (acodio o Doutor) eu confesso a culpa de não applicar o que disse a vossa graça, & galantaria, que he o sal com que vos convidey, & que a todas as praticas desta nossa conversação faz parecer agradaveis, & favorosas a todo o entendimento. Vós Senhor Doutor (replicou elle) me tendes feyto hum faleyro com vossos louvores, & com a vangloria delles não me tenho por seguro no assento de qualquer lugar. Se entornardes o sal (acodio Pindaro) não ferà a primeyra vez, que destes mà conta da amizade. De confiado na minha (tornou elle) fallais contra o que entendeis della, que mais se acredita nas obras, que nas palavras. A verdade he (disse Leonardo,) que sois bom amigo, ainda que com muyto sal, & que sem encarecimento vos podião chamar por o mesmo nome (disse elle) me haveis aqui de converter em sal. Antes (acodio Pindaro) no que disse Marco Varrão, que o sal era a alma do porco; & eu sey, & todos da vossa graça, & ninguém darà fé, que tenhais alma. Essa (tornou Solino) està agora no purgatorio de vos ouvir, & porque estes Senhores já com huns sobejos dissimulados dão sinaes, de que tem necessidade de repouso, fique a demasia para a manhã. Todos então se levantarão, mostrando, que ainda o fazião com pouca vontade, porq̃ nas praticas de gosto primeyro cançã os sentidos, q̃ os desejos.

D I A L O G O X.

Da maneyra de contar historias na conversação.

D E pois que os amigos se apartarão, & Dom Julio se recolhêo a casa para repouzar, achou nella huma nova occasião de desassossego, que lhe fez perder o sono. Porque lhe trouxe novas hum creado, a que tinha encomendada a diligencia, que o Prior se partia na manhã seguinte para a Cidade, acompanhando aquella fermosa Peregrina, para o Recolhimento da clausura a que tão de longe estava affeyçoada: & como elle o ficou tanto de sua vista, & corrido comfigo mesmo dos poucos extremos, que por ella fizera, determinou com a occasião de Caçador, [que já fora principio daquella ventura] fazer-se encontradisso no caminho, & acompanhar ao Prior até o fim da jornada, para o que tirou à luz os melhores concertos de campo, que tinha, & o vestido, & galas mais louças, com que podia apparecer naquelle disfarce, usando o mesmo nos creados que levava. Ao outro dia poz em execução este pensamento: & deyxando para seu tempo o successo que teve. Os da conversação o não souberão todo aquelle dia, & quando veyo a noyte, que o acharão menos, houve quem dêsse novas, de como o encontrara naquella empreza; & com esta occasião começaraõ a pratica, & disse o Doutor. Sempre ouvi, que os cuydados de amor em peytos generosos sahem com seus extremos ao longe, & que entaõ se forçaõ quando os outros sugeytos desconfiaõ. Aquelles encarecimentos de meu amigo Dom Julio, aquelle silencio, & segredo, aquelle respeyto de cortezia taõ encolhido, parece q̄ apunhava pedras para melhor tẽpo, & neste costumava a fazer seus lãcos este diabinho do amor, porque tem os outros da sua parte, à conta de estorvarem seu bom proposito. Segundo isso (disse Solino) receais, que a que engeytou Principes mais louros que salmonezes, acyete agora hum Fidalgo retrahido na Aldea, donde sahe com as galantarias mais penujentas, que marmelo temporaõ. Mays Damas (tornou elle,) que engeytarão grandes

Senhores , não desprezãrão a grande amor. É outras a quem offendêrão procedimentos ingratos, estimãrão de fugeytos mais humildes devidas cortezias. Não façamos (acodio Leonardo) offensa aos ausentes , nem a ella demos por aprendida , nem a Dom Julio por tão namorado : porèm mayores cousas houve no mundo, tudo podia tecer o amor, & acabar a ventura : & se essa cahira à conta de Dom Julio , outra pudera ser peyor empregada. Não estou bem (disse Solino,) com a ventura dos casamentos por amores. Serà (respondeo Feliciano) por estardes mal nas muytas, que per elles se alcançaõ , & bem pude- ra eu a essa conta trazer alguma historia de notavel exemplo, se estas horas não estiverãõ promettidas a outro exercicio. An- tes a materia, que hontem ficou por acabar [disse Pindaro] era como se havia de hayer o Cortezaõ nos contos, & histo- rias; & vem a vossa a tempo, q̄ servirá de exemplo, & o que so- bre ella se differ de doutrina. Aindaque isso parece mais con- certo de amigos fallados (disse Solino,) que occasiãõ, digo, que tendes justiça, & sou de parecer, que vã de historia; mas praza a Deos, que não cayais no atoleyro, de que vos desviaf- tes a primeyra noyte da nossa conversaçãõ. Bem sabeis (rel- pondeo elle) que em ribeyro grande saltar detraz : & assim primeyro hey de ver as balizas de meu companheyro, que caya nas vossas mãos (respondeo Solino,) que menos seguro vay o cego, que o moço q̄ o guia. Não aperteis tanto com os ami- gos (acodio Leonardo,) ouçamos ao Licenciado a sua histo- ria , & quando as pellas vierem a Pindaro , elle as tornará à vossa vista , & direis o que entenderdes. Outra cousa espero eu (acrescentou o Doutor,) & he, que haveis de passar pela ley que ordenardes , contando tambem a vossa historia , da qual se ha de devassar como das mais , & por dilatarmos esta menos , diga o Licenciado, & declare se vende a sua historia por verdadeyra. Por tal a conto (respondeo elle,) & de hum Author muy approvedo, & verdadeyro , & he a seguinte.

Historia dos amores de Aleramo, & Adelfia.

NA Corte do Emperador de Alemanha Oton, terceyro deste nome, q̄ foy a mais florente, & frequentada de Príncipes, q̄ houve muytos annos antes, & depois naquelle Imperio, affiltia com grande satisfacão de suas partes Aleramo filho do Duque de Saxonia, mancebo de pouca idade, & de muyta gentileza, magnanimo, esforçado, liberal, & taõ cheyo de graças naturaes, que nelle como em hum thesouro, parece que as depositara todas a natureza. Tinha o Emperador huma filha da mesma idade, & de tanta fermosura, que sem o que a sorte devia a seu nascimento, merecia ter o Imperio do mundo: & se em a belleza tinha esta ventagem a todas as Damas de Alemanha, ainda lha fazia muyto mayor na discriçãõ, aviso, & galantaria. Aleramo, que no serviço do Emperador tinha sempre á vista aquelle despertador de pensamentos altos, & que além dos que a grandeza de seu sangue lhe promettia nos olhos de Adelfia, (que este era o nome da Princeza) hia aprendendo pouco a pouco, a lhe querer muyto: foy descobrindo esta vontade, até que foy testemunha de seus effeytos a propria causa. Não se houve por offendida deste amor Adelfia, por lhe parecer devido a sua gentileza, & natural em hum coraçãõ magnanimo, & generoso: mayormente, que na vista, & fama de Aleramo achava tudo o que podia desejar, para hum emprego amoroso, ainda que a desigualdade dos estados o defendesse, foy elle accrescentando o amor, & esse gerando atrevimentos, que são as salamandras, que neste fogo se criaõ: & ella depois de batalhar com os receyos largamente, descobrio ao mancebo sua vontade, encomendando na fé do que lhe queria, o segredo della, porque bastava para total destruiçãõ de suas vidas huma leve suspeyta, que o Emperador tivesse de seus amores. Continuou muyto tempo este segredo, sem ser entendido, & pouco a pouco se apurava a paciencia destes dous amantes, tratando em huma amorosa correspondencia seus cuydados, sem outros mensageyros, ou Secretarios, mais que os seus olhos; eraõ estes com tudo sem espe-

I iiij rança,

rança, por quam alheyo o Emperador estava de consentir nelles: parecendolhe pouco para os merecimentos daquella filha, darlhe por Esposo o mais rico, & poderoso dos Reys Christãos, quanto mais hum filho menor de hum seu Vassallo. Mas como o poder de amor se mostra em ter em menos conta a mayor grandeza, fez tanto com Adelasia, que esquecendo todos os interesses, offertas, & esperanças da fortuna, se determinou de fugir com Aleramo, que sem respeyto ao perigo, se offereceo ao que sua Senhora ordenasse. Escolhido o tempo, & occasião opportuna, levando ella comfigo as joyas de preço que tinha, & elle as cousas de valor, que pode grangear, se sahirão da Corte, & andarão em pouco espaço de tempo tanto caminho, quanto lhes foy necessario para porem em salvo as vidas, a q̄ a ira de Oton ameaçava: o qual achandõ menos a filha, a quem queria mais, q̄ a tudo o da vida, esteve a risco de a perder com sentimento, & mandou logo atalhar as estradas, & caminhos de toda Europa, com bandos, & pregoens de grandes promessas, a quem descobrisse, ou dêsse novas do roubador de Adelasia; mas ella, & seu Esposo caminhando a pé contra a parte de Italia, em habitos de peregrinos forão ter ao Condado de Tirol; & porq̄ o temor de serem conhecidos, os desviava sempre do povoado, vierão na montanha a poder de salteadores, que roubandolhes as joyas, & dinheyro que traziaõ, lhes deyxaraõ sõmente as vidas, sujeytas a taõ grande miseria, & pobreza, que lhes foy necessario para poder sustentallas, andarem pedindo elmolla por toda Lombardia, de lugar em lugar, já taõ mudados de seu parecer, & gentileza com os trabalhos, q̄ a mudança lhes pudera elcufar os de seu receyo. Resolvendo-se com tudo, de não fazerem assento em Milaõ, nem em outra Cidade Imperial se forão viver a hũas montanhas entre Asti, & Saona, aonde amor, & a necessidade lhes ensinãrão, com os trajes vis, a conformar exercicio, de que vivessẽ, que era cortando lenha naquelles bosques, fazerem carvão, que vendião nos Lugares daquelle destrito: & com esse sustentavão em vivas brazas o verdadeyro amor, que lhes dava a vida. Alli com a riqueza de q̄ elle os tinha satisfeytos, contentes de tão saborosa necessidade, com habitos humildes,

mildes; nomes mudados, & corações nonformes, hou-
veraõ sete filhos varoens, que logo nos rostos o parecião fer de
Pays illustres, & de hum tão amoroso ajuntamento. O mayor
delles, a quem puzerão nome Guilherme, começou logo na
sua puericia a ajudar a seus progenitores naquella miseria, le-
vando o carvão, & lenha a vender a Asti, Saona, Alva, & a ou-
tros muytos Lugares, que por alli havia: & como a sua ge-
nerosa, & natural inclinação vencia a razão daquelle estado
miseravel, em q se criara, do que em seu trabalho ganhava
naquelle trato, hum dia comprava hum punhal, outro huma
espada, outro hum cão de caça, sem que valessem ao generoso
Pay as reprehensões com que o persuadia do que convinha
mais para sua pobreza: passarão-se alguns dias, quando elle
veyo com o emprego de todo o cabedal que levára, em hum
Gavião a que estava muyto affeyçoado, mostrando-o a Adela-
fia, que com muytas lagrimas lhe disse estas razoes, Bem sey,
meu amado Guilherme, que com a culpa desta tua estranha
demasia, quer a natureza em parte emendar a fortuna, dey-
tandolhe em rosto os bens, q te tirou, com o emprego, que te
ensina a fazer destes; mas se he de animos generosos edificar
Torres altivas sobre a humildade, não he menor grandeza obe-
decer ao tempo, & dar lugar à sorte, em quanto a sua ira se
executa em nossa miseria. Se o espirito te inclina a voar mais
alto, lembrate filho meu, que não forão menores os pensamen-
tos de quem vive com as azas tão encolhidas neste deserto, &
que esse exercicio que desejas, não convem com o que usas, tão
necessario a teu Pay, & Mãy, que tambem no Imperio de
Alemanha puderão ter lugares mais levantados, se amor qui-
zera; tem compayxão de mim, & desta misera pobreza em q
vivo, & antes para sustentar teus pequenos Irmãos, & esta
Mãy, que com tantas difficuldades te criou, emprega teu cuy-
dado, que tomar outros tão improprios a esta vida, quanto na-
turaes a teu generoso sangue, & pensamento. E pois os thelou-
ros que a sorte me guardava se tornarão neste carvão, de que
agora vivo, não levantes com elle chamas de vaidade, que ve-
nhão a espalhar as faiscas deste fogo por Alemanha, em cuja
opinião està já sepultado nas cinzas frias. Enterneceu-se o il-
lustre

lustre moço com as maternas lagrimas, & entendendo, que não podia continuar naquella vida, nem resistir à sua inclinação, dalli a poucos mezes desappareceo da montanha, & se foy ao Campo Imperial fazer Soldado, & nelle em pouco tempo cresceo tanto no esforço, & opinião dos homens, q̃ já entre elles, & do mesmo Emperador era muy conhecido. Sentirão Adelasia, & seu marido a ausencia deste filho com grandes extremos; assim por o grande amor, como porque naquelle seu trato humilde os ajudava: mas em quanto os outros Irmãos menores se exercitavão no officio que elle deyxara, hia Guilherme na guerra dande claros finaes de seu nascimento; & veyo a ser por seu valor tão aceyto a seu Avo, que para o acrescentar a dignidades, & lugares, que por sua pessoa merecia, lhe perguntou quem forão seus Pays? Ao que elle respondeo, que eraõ vivos, Alemans de nascimento, mas que vivião pobremete em as montanhas de Saona, posto que não desmerecião por sangue, & ascendencia, terem hum filho honrado. Desejoso Oton de saber a verdade, & já encaminhado da ventura do animoso mancebo, mandou com elle hum particular valido seu, para que ambos em companhia trouxessem à Corte o Pay, & Mãy de Guilherme, com sua familia. Era este privado muy chegado parente de Aleramo, & sabendo no caminho do moço, quem era, com hum novo espanto, & alegria ficou enleado, abraçando com muytas lagrimas ao sobrinho. Chegãrão em poucos dias às montanhas de Saona à porta da morada pobre dos ricos amantes, & dalli chamando-o pelo seu proprio nome, causou em toda a humilde morada estranha torvação, & sobressalto. Sahio primeyro fóra, & chea de hũ frio temor Adelasia: & conhecendo o filho, que com ricos vestidos, & galas de Soldado fazia parecer em tudo mayor sua gentileza, com infinitas lagrimas de alegria o abraçou, chamando ao marido, que com os mesmos effeytos o festejou, & conheceo ao Primo, em quem o tempo não fizera a mudãça, que nelle os trabalhos de tão estreyta vida. Recolhêrão os hospedes com o gazalhado de sua pobreza; vieraõ de noyte os filhos de vender a sua mercadoria, & foraõ nelles, & nos Pays tantas as lagrimas de contentamento, que nem davaõ lugar às
palavras,

palavras, nem às cortezias. Sabida depois a vontade do Emperador, & que era forçado obedecer ao seu mandado, pondo nas mãos da fortuna, & nos olhos da piedade Real sua esperança, dalli a poucos dias caminharão, que os leves apparatus da pobreza, lhe faziaõ mais faceis as jornadas, & muyto mais seguro os caminhos. Chegãrão à Corte, & lançados aos pés do Emperador, elle conheceo de improviso sua filha, & Aleramo, & vêdo a fecunda geração daquelles sete filhos, q̄ podiaõ na fermosura cópetir com os Planetas, có grande contentamento, que nadava nas aguas de seus olhos, os recebeo, perdoando aos Pays a culpa, & dando aos netos fatisfação da miseria padecida em seus tenros annos. A Guilhelmo criou Marquez de Monferrato, ao segundo de Saona, ao terceyro de Salucio, ao quarto de Sena, ao quinto de Incisa, ao sexto de Ponzão, ao septimo de Bosque. E destes sete Marquezes nasceo generosa delcendencia, que enriqueceo Italia; a qual ficou devendo a gloria desta nobreza ao verdadeyro amor destes dous amantes, que aindaque elle encaminhe por asperas difficuldades estes successos, sempre o fim que por meyo de suas obras se alcança, he gloriolo.

Maravilhosa he a historia para exemplo [disse o Doutor,] & tambem poderã servir desse no como se devem contar outras semelhantes, com boa discrição das pelloas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos, & lugares, & huma pratica por parte de alguma das figuras, que mova mais a compayxão, & piedade, que isto faz dobrar depois a alegria do bom successo. Sómente (acodio Leonardo) me pareceo comprida, sendo a materia della muyto breve. Esta differença (lhe tornou Feliciano) me parece, que se deve fazer dos contos às historias, que ellas pedem mais palavras que elles, & dão mayor lugar ao ornamento, & concerto das razoens, levando-as de maneyra, que vão affeyçoando o desejo dos ouvintes: & os contos não querem tanto de Rhetorica, porque o principal em que consistem, he na graça do que falla, & na que tem de ser a cousa que se conta. Não sou contra este parecer (disse o Doutor,) mas antes de averiguarmos a demasia, deyxemos lugar, a que Pindaro comece a sua historia, não lhe lancemos
diante

diante preceytos, que lhe fação receyo. Necessario me era (disse elle) grande confiança para vencer os que tenho, sem me crescerem outros de novo, porque se antes de ouvir a Feliciano, tomara esta empreza, tivera hum atrevimento menos culpavel, mas agora sera despejo a minha ousadia. Eu sou (disse elle) o que me corro da desculpa, & posto que me vinha bem, que estes Senhores aceytassem qualquer das vossas, para não ficar tão manifesta a ventagem que me fazeis, não quero que com essa fingida humildade, castigueis a confiança, com q̄ me offereci. Melhor me está obedecer, q̄ competir (tornou Pindaro) quero contar huma historia semelhante à vossa, só para me aproveytar do modo, que nella tivestes: se eu acertar, a vós se deve o louvor de tudo: se me perder, tambem sereis culpado, por a força que agora me fazeis.

Historia dos amores de Manfredo, & Eurice.

MAnfredo, mancebo bem nascido, a quem em gentileza & discrição, ficavão muyto inferiores todos os de sua idade, na Casa do Emperador Constantino III. cujo Cortezaõ era, teve tãta ventura nos olhos de Eurice filha de Confãcio, q̄ depõis succedeo no Imperio, q̄ lhe parecia a ella, q̄ não podia esperar dos fados mayor ventura, q̄ a de o alcançar por seu Esposo, & gozar em qualquer estado humilde o fruto de sua affeyção; triumpho que o amor alcança da vaidade, com o favor dos espiritos mais illustres, & levantados. O mancebo alheyo destes pensamentos, porèm obrigado das mostras, que lhe revelavão aquella affeyção, determinou de lhe não ser ingrato, porque além da grandeza de estado, que na opiniaõ dos homens a valia melhor os merecimentos naturaes da cousa amada, era Eurice tão fermosa, que de quem no sangue lhe fosse igual, merecia os mayores extremos de affeyção. Não fazia com tudo Manfredo os que desejava, porque como entendido, sabia o risco em que punha a vida, se se publicasse na Corte este segredo: & posto que não via caminho de poder tirar algum fruto de seu amor, o sustentava sem esperanças, com toda a fé, que a Eurice era devida. Passou algum tempo, até que em
ambos

ambos a grande força do amor, venceo a razão; & triunfou a vontade do entendimento de Manfredo, que sem outro conselho com a sua Eurice, em companhia de dous criados que o serviaõ, de cuja fidelidade tinha feyto provada experiencia. Passáraõ em Italia, tomaraõ primeyro terra no Reyno de Napoles, donde forão a Ravena, & dalli ao destrito de Modena, aonde agora chamão Mirandola, que eraõ naquelle tempo montanhas incultas, habitadas somente de alguns Pastores; entre estes começaraõ a viver os dous amantes, guardando gado, & fazendo verdadeyros os bem fingidos amores pastoris: tendo em lugar de Paços Reaes, tanques, & jardins de Constantino, as humildes cabanas, a natural verdura dos floridos, valles, & a crystalina corrente das claras fontes: & a troca das gallas, cedas, & toucados galantes, que deyxaraõ, os simples vestidos da montanha, as capellas de flores, & boninas, & os çurroens, & cajados de guardadores; alli pizando com generoso desprezo a vaidade, livres de ingratos ciumes, & enganofas suspeytas; gozavaõ de seu puro querer, & verdadeyro amor, sem haver outra cousa, que perturbasse aquelle contentamento, mais que o receo de serem por algum modo conhecidos. Manfredo pouco a pouco desbaratando por via daquelles dous criados, algumas joyas de preço, foy comprando gados, & propriedades naquellas montanhas, em tanta copia, que veyo a ser o mais rico morador, que nellas havia; & por sua riqueza, prudencia, & pestoa, era tão respeytado, & querido de todos, que como se fora Senhor delles, lhe obedição. Já neste tempo de sua prosperidade tinha da fermosa Eurice copiosa geração, porque do primeyro parto lhe nasceraõ tres filhos bellissimos, que com os trajes, & nomes daquellas montanhas se criaraõ. Depois lhe torão nascendo cinco, que com a melhora de seu estado, accrescentou nos nomes, chamando a hum delles do seu proprio, & a duas filhas, a hũa Eurice, & a outra Constancia. Com esta generosa familia, & sem outros cuydados, naquella doce, & amada companhia passavaõ alegremente a vida sem sobrefaltos. Tendo depois Constancio o governo do Imperio, passou com grande Exercito em Italia, & assentou Rel junto à Cidade de Aquilea, aonde

de todos os povos Italianos lhe mandárao por seus Embayxadores dar a obediencia. Juntárao-se os moradores de Modena, & de seus contornos, & elegerao para este cargo a Manfreda considerando sua gentileza, cortezania, & entendimento, & o poder ir com melhor tratamento de sua pessoa, & criados. Houve elle de aceytar o cargo, seguro de ser ja conhecido de nenhum dos que em outro tempo o havião tratado, com a mudança dos annos, & da vida, que tinha naquella aspereza. Mas Eurice, com o amor, & esperanza duvidosa, com mil receyos diante, lhe dizia. Não sey meu querido Esposo, que desejo me anima a que consinta nesta jornada, temendo nella tantos perigos; assim de serdes conhecido de meu Pay, a quem tanto offendestes, como de me deyxardes só nesta montanha, aonde vossa presença me sustenta a vida, tendome tão mal acostumada, que nem saberey viver huma hora sem vós, nem estar em mim, em quanto vos detiverdes em Aquileya; com tudo hum certo prelagio da ventura me aconselha, que não tema esse damno, & considera, que não fora muyto menor, se me levareis em vossa companhia, para que quando a sorte quizesse, que sendo do Emperador descuberto o nosso segredo, vos acometesse a sua ira, ou o movessem minhas lagrimas a piedade, ou havendo de haver algum risco em vossa vida, a padecesse a minha de hum mesmo golpe. Aconselhayme, caro Manfreda, o que farey, tomando as minhas partes contra vossa propria determinação, que não deyxar amor fazer a escolha, nem os receyos em que tropeço, me dão caminho, & lugar para que acerte. Porque se a ventura me busca para me restituir o que deyxey em seu poder, quando no querer de amor puz minhas esperanças, não quero faltarlhe pelo que vos quero: & se pelo contrario quer tomar vingança do desprezo com que trâtey suas prosperidades; justo he, que se desvie dos castigos quem se soube esconder de seus favores: Estas, & outras palavras piedosas lhe dizia Eurice, & que elle com outras de muyta segurança respondia, & animava, a que não podia temer nenhum successo defencaminhado, desfazendolhe com boas razoens o seu feminino receyo, com estas, & outras de muyto amor, & saudade se despedirão; ella ficou

ficou chorando sua ausencia, elle chegou a Basylea, & houve-se com tanto avilo, & cortezania na Embayxada, que o Emperador lhe ficou affeyçoado, & o fez Gentil-homem de sua Casa, mandandolhe, que ficasse nella em seu serviço com promessas, & palavras muy compridas. Houve Manfredo de aceytar o novo cargo por não mover alguma sulpeyta, que fahisse em seu damno: escreveu logo a Eurice o que passava, & ella começou com novo sentimento, & devidos extremos a chorar sua ausencia, & sua privança, mal que só sabe recear quẽ conhece a mudança, & perigo de vontades, que sempre as mais levantadas são mais mudaveis, & ligeyras: & os da enveja, que sempre como sombra acompanha os validos. O Emperador cada dia cobrava a Manfredo mayor affeyção, achando no seu entendimento, & humildade tudo o que em todos bulcava: elle admittido nos Conselhos, & nas occasioens de mayor importancia hia crescendo, mas como estes bens lhe impedião o mayor da vida, que era a lua Eurice, não recebia delles contentamento, nem os tinha por ventura. A mulher da mesma maneyra vivia em pena naquella montanha, que antes lhe parecia hum Paraizo terrestre; & como sentia igualmente os cuydados de Manfredo, & a lua ausencia, por o aliviar dos da Corte, lhe mandou Fantulo, & Manfredo, seus filhos menores, a visitallo, porque a estes mostrava elle mayor affeyção, & erão elles taes por seu parecer, q̃ a todos os que os vissem a merecião. O Pay aindaque com amorosos extremos os festejou, combatido de hum novo receyo estava turbado, porque era o do seu nome tão parecido a Constancio, que temia, que na vista dêsse occasião de alguma lembrança, que descobrisse o segredo de sua culpa. E como a vinda dos meninos foy sabida de muytos, & o Emperador os havia de ver, pela graça, que já tinha a seu Pay, elle mesmo se quiz oppor ao perigo, & lhos foy a apresentar com toda a humildade. O Avo os recebeu com estranha alegria; que às vezes a natureza com estes effeytos descobre os segredos do tempo, & acaba o que não pôde levar ao fim a industria humana. O Pay, que como discreto sabia escolher as occasioens, que este he o mais verdadeyro toque do entendimento, entrando com o Emperador,

&

& com os filhos em hum aposento particular, lançado a seus pés lhe disse estas palavras. Não he justo poderoso Senhor, que à conta de salvar a vida, & de escusar nella o castigo, que meus erros merecem, tire a estes innocentes o merecimento, & o favor de vossa graça, com que agora pôde tornar atraz a fortuna; & affim com a confiança em vossa piedade, & menos seguro do perdão, que obrigado do muyto q̄ vos devo, confesso minha culpa, pedindo com estes meninos misericordia, que para si, & para sua Mãe, & Irmãos estão com caricias pueris grangeando a vossa vontade. Sabey piedoso Senhor, que são netos vossos, filhos de Eurice vossa filha, & meus, que sendo desposado com ella secretamente, por fugir ao rigor de vossa ira, vivo ha tantos annos nas asperas penedias, & incul-tas montanhas de Modena, fazendo penitencia de minha ou-fadia, com o mesmo amor, que foy o culpado. Se esta confis-são, com o pezar de vos haver offendido, merece que useis comigo de brandura, lançado a vossos pés peço perdão, to-mando por Padrinhos a estes caros penhores do sangue vosso; & se pelo contrario se ha de empregar o vosso rigor em sujeyto tão vencido, aqui me tendes com a vontade offerecida para os mayores tormentos da crueldade. O Emperador com hum estranho sobrefalto, ficou enleado sem saber determinar, & pondo os olhos naquelles bellos retratos da sua Eurice, abran-dou a ira com que os havia de pôr em seu Pay Manfredo; re-conhecêdo-os por seus netos, & perdoado ao Pay a culpa com-mettida. Depois foy elle proprio às Montanhas a ver a Euri-ce, & à venturosa progenie, que criara, a quem com muytas lagrimas de alegria recebeo em sua graça; & alli fez a Man-fredo Conde, & Marquez de todo aquelle destrito, que fica entre os Rios, Pado, Panaro, & Sequia, dandolhe poder pa- ra edificar Villas, Castellos, & Cidades, que accrescentasse a seu Senhorio; mandou, que elle, & seus netos, & todos os da sua descendencia, trouxessem por Armas a Aguia negra dos Emperadores. E por a admiravel progenie da sua Eurice, poz à terra Miranda, que depois chamaraõ vulgarmente Miran-dola. Manfiedo, & sua mulher em vida de Constancio, se-guiraõ a Corte com grande accrescentamento de estados, & depois

depois que faltou no Imperio , se recolhêraõ ao seu Marquezado , fazendo muytas povoaçõens , & Cidades, em que seus filhos succedêraõ , liando-se depois com todos os Potentados de Italia , & Alemanha, que daõ ainda verdadeyro testemunho, de que os casamentos por amor , nem pôdem ser estranhados, nem desfavorecidos, por a mayor parte da ventura.

Ambos (disse Solino) me parece , que podeis partir a fogança , porque vos ouvestes de maneyra, que o que se atrever a julgar a melhoria, tomará tam difficultosa empreza, como seria a de querer agora competir com a boa linguagem , & modo, que tivestes. Entendo (tornou Leonardo,) que chegais braza á vossa tardinha, mas não a haveis de tirar do fogo com a mão do gato , nem livrar a vossa obrigação com a que nõstihamos de dar a Feliciano, & Pindaro louvores taõ bem merecidos. Nenhuma razãõ tendes para não fazer no terreyro vossa cortezia. Eu sou do voto (disse o Doutor,) q̃ lhe aceytemos qualquer escusa, porque a sua Rhetorica serve mais aos contos, que às historias , segundo disse o Licenciado. Grande agravo se lhe faz (disse Pindaro) em o tirarem da conta dos Historiadores , que elle se confessou por esse, & por affeyçoado aos livros de Cavallaria , & alêm dos seus contos engraçados, sabe tantas historias, que a ser figura da Arismetica , pudera ser conto de contos. Bem sey (respondeu Solino , que me fo- mais para me diminuir, & ainda que a meu pezar, confesso, q̃ se a historia de cada hum de vòs me cahira nas mãos , q̃ hou- vera de sahir dellas com mais bordoens , & muletas do que tem huma casa de romaria, porque me não escapaõ termos das velhas , nem remendos dos descuydados, que lhe não misture. Quando menos (disse o Doutor) ouçamos isso , ficará à vos- sa conta o exemplo do que se ha de fugir , pois os dous ami- gos nos ensinarãõ a acertar. Tambem errar por obrigação he difficultoso [replicou elle] mas aceyto o partido, por vender por alhevos meus erros proprios. E ouvi o que passa , farey de hum piaõ Dama, & de hum conto historia por ser mais breve.

Historia contada com o erro do costume dos ignorantes.

Dizem, que era hum Rey, vem este Rey casou por amores com a filha de hum seu Vassallo ; era ella taõ fermosa, que podia por sua belleza ser confiada , pois por essa alcançara o ser Rainha , mas sem lhe valerem esses privilegios, deu em taõ ciofa, que bem à mão não, dava o marido hum passo, que ella não acompanhasse com as suspeytas ; assim que apertavaõ estas tanto com ella, que já mais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, & por vencer esta descõfiança, vay, & manda secretamente chamar huma feyticeyra , que naquella terra havia de muyta fama , em cujo engano achavão os namorados huma botica de remedios para seus males. Assim que dizia esta feyticeyra por lhe vender mais cara sua diligencia, feytas algumas fingidas: metteo em cabeça à boa Rainha ciofa, que o marido amava com grande extremo a huma criada sua, que ella pintou logo a mais gallante, ayrosa, galharda, & bem aslombada , que havia no Paço. Quando ella aquillo ouvio, ficou (guardenos Deos) como huma mulher transportada, & sem sangue : por maneyra, que prometteo àquella feyticeyra , que lhe faria, & aconteceria , se desaffeyçoasse ao Rey daquelles amores , & empregasse nella todos os seus : a outra , que não queria mais que aquillo, vede vòs como ficaria contente, vem, & promette à Rainha, que lhe daria tres aguas conficionadas, de tal maneyra , que huma , tanto que El Rey a provasse, bebesse logo os ventos por ella , & lhe quizesse mais que o lume dos olhos , com que a via ; a outra , que em a Rainha a bebendo , parecesse a seu marido o mayor extremo de fermosura, que havia no mundo ; a terceyra, que tanto que a Dama a bebesse, a desfigurasse de maneyra, que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eraõ ditas , a Rainha lhe deu muytos averes , & fez grandes mercès , & promessas , que muyto facil he de enganar a que deseja aquillo com que lhe mentem. Vay a feyticeyra dalli a poucos dias , & traz aquellas aguas conficionadas , encarecendo muyto a virtude , & segredo dellas: mas ou porque lhe errou a tempera , ou porque todas se

resolvem.

Resolvem nestas boas obras, a mudança, que ella queria houvesse na vontade, & nos pareceres, lhe houverão de fazer na vida, que a peçonha, que he sempre material dos seus unguentos, penetrou de maneyra, q̃ os teve a todos tres em passamento, & a bom livrar, ficarão dahi a poucos dias sem juizo. Inda bem a feyticeyra não soube o damno, que fizera, & que por não trazer a mão certa naquelles adubos, podia vir a estado de a porem na da justiça, desappareceo. Eys senão quando, se ajuntarão todos os Medicos eminentes, que havia no Reyno, & depois de muytos meses de cura (olhay vòs quantas se fariaõ a taes pessoas) forão pouco, & pouco cobrando os sentidos, & entendimento: & com a força do mal, lhes cahio a todos o cabello da cabeça sem lhes ficar hum só. E não foy tão ruim o partido, como era ter cabeça sem elle, quẽ antes o trazia sem ella. Tornando ao meu proposito, tanto que a Rainha se vio taõ desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas a amor, confessou seu erro, a criada tua innocencia, & o Rey sua desgraça; dalli adiante conformando-se com o exemplo daquelle successo, fizeraõ vida sem ciumes, que delles, & de casamentos por amores não escapão, lenão, ou com as mãos nos cabellos, ou com elles pelados.

Festejãrao os amigos a historia de Solino, porque se conformava no modo, & acção de fallar com o que dizia, & como tinha graça, atè os erros lhe parecião bem. E assim lhe disse o Doutor. Tudo vòs succede a pedir de boca, porque na vossa atè o exemplo do que nos outros enfada, tem graça para dar contentamento; & posto que as duas historias passadas forão tão primas, não desdizem della os vossos bordoens. Se eu não tivera o de vossa authoridade para me sustentar (respondeo elle) manquejãra em tudo. Em nada (proleguio elle) haveis mister favor alheyo, & menos neste particular em que entraís, com todo o cabedal, que requiere huma historia; que he boa linguagem, dilcricão natural, relação ordenada, praticas com piedade, successos com brevidade, sentenças com que se authorize, & graça com que se conte. Porém são horas de deyxarmos esta, & darmos as suas ao reponio da noyte. Com

isto se levantãrão, continuando com a mesma pratica até a escada, que das coulas que dão satisfação à vontade, não se sabẽ despedir as razoens.

DIALOGO XI.

Dos contos, & ditos graciosos, & agudos na conversação.

NO dia seguinte antes das horas, em que os amigos se havião de ajuntar para a conversação, Leonardo, & os mais, tiverão recado de Dom Julio, em que lhes fazia a saber, que chegãra doente, & que tinha por hospede ao Prior com outro Irmão seu; que receberia de todos grande mercè, quererem ajuntar-se aquella noyte em sua casa, porque só com este remedio daria alivio ao mal, que trouxera da Cidade. Elles, que (alèm de a petição ser justa) erão interessados em sua saude, amigos, & obrigados ao visitarem, ouvirão, que lhe deviã obedecer. Solino acompanhou a Leonardo, & não faltãrão no caminho murmuraçoens discretas, nem em o Doutor, & os Estudantes juizos temerários. Achãrão a Dom Julio na cama, o Prior junto à ella, & o Irmão, que era homem mancebo, bem afigurado, & que no traje vestia mais ao Soldado, que ao Cortezão. Sentados todos, depois de lhe fazerem cortezia, & cumprimentos devidos: Disse Leonardo. Bem parece, Senhor Dom Julio, que estais já com os ares da Cidade, & que os regalos della fizerão, que o Senhor Prior se esquecesse daquella sua Estalagem, tão chea de vontade para o servir. Aonde vòs estais (respondeo Dom Julio) he a Corte, & a falta desta me podia na Cidade fazer Aldeão. Do Senhor Prior fazer a troca por esta noyte, tive eu a culpa, porque com essa condição aceytoy em terra alhea a sua poufada, nas casas do Senhor Alberto seu Irmão, a quem tambem obriguey, a que me fizesse esta mercè. Não me desculpo, [acodio o Prior,] porque tudo o Senhor Dom Julio tomou à sua conta: porèm em occasião estais de haver muytas, em que mudeis o queyxume, fazendo-o antes da minha importunação sobeja, que desta falta; porque vem apostado meu Irmão, pelo que lhe contey, a
perder

perder poucas noytes desta Aldea, em quanto as tiverdes taõ boas, como duas, que me acontecêraõ. Assim (disse o Doutor) serãõ ellas melhores, porque com vossa presença, authoridade, & discrição, & com favores seus, ficarãõ melhor assombradas; terã saude este Fidalgo, & entãõ vos convidaremos para a primeyra, que ainda naõ sabemos de que vem maltratado. Do meu achaque (disse elle) tive eu a culpa, que me entreguey hontem mais do que era razaõ na cea, porẽm foy de pescado, & de marisco, & doces, & como cresceo com a novidade o appetite, quiz-se forrar à custa do estomago, de quantas vezes nos faltaõ semelhantes regalos neste lugar; & certo, que tive hum accidente muyto rijo, & naõ podia com o cansaço, que me deyxou sem vossa vista, & destes Senhores, & porisso me valli do atrevimento do recado. O alivio (disse o Doutor) he tanto em favor nosso, que a ser menor o mal, consentiramos nelle. Mayormente (acodio Solino) se he o que eu cuydo, que como experimentado, de ordinario julgo mais a enfermidade pelo pulso, que pela informaçãõ. Naõ parece, que volo deve offerecer, quem a tem taõ boa de vossa malicia (tornou o Fidalgo.) Antes estou taõ emendado em alguma, que vo-lo pareceo (replicou Solino,) que já naõ suspeyto, senãõ o que he. Tarde vos mettestes nesta recoleta (disse o Doutor,) & os que em velhos começaõ a ser bons, pouco tempo lhes fica para usarem da virtude. Naõ sey logo (lhe respondeo elle) como sabendo isso, vos descuydastes tanto, que nunca para huma murmuraçãõ vos achey descalço. Pareceme (disse Dom Julio,) que serã bom, que o mais fraco aparte esta hombriga, com pedir, que me façais mercè de me dizer, em que se passou hontem entre vòs a noyte. Parte (disse Solino) em cuydar, em como passarieis o dia, & na grande falta que nos fizestes; a outra, em dizer, como se haviaõ de contar as historias na conversaçãõ, & naquella se disserãõ duas para negaçãs, & huma para espantallo; ficou para continuar a materia de contos graciosos, ditos agudos, & galantes, tereis vòs saude logo, & nõs com ella gosto para proleguir, & ouvirãõ estes Senhores o que naõ cuydãraõ. Naõ me ponhais vòs isso em dilaçãõ (disse o Fidalgo,)

que antes em quanto mal disposto quero, como dizem, accrescentar esta noyte à vida, & se ma desejas como amigo, sabey, que nisto a tenho. Se como a doente (respondeo Solino) vos houveré de fazer a vontade, não sey se fora esta. Com tudo, ao menos para divertir, comece o Doutor, que eu aqui trago as armas com que costume acodir a esta guerra, & cada hum diga o seu conto, & conte o seu dito, encomendando a todos, que riaõ dos que eu disser, porque he vicio dos que cuydaõ, que tem graça a desconfiança. Tambem essa mo parece (acodio o Doutor,) & dandovos obediencia, por lervir ao Senhor Dom Julio. A noyte em que nos faltou sua presenca, se tocou nesta conversaçãõ o modo que havia de ter o discreto em contar huma historia; fugindo muytos vicios, & borduens, que os nescios tem nellas introduzidos, & como em dependencia desta materia se fallou nos contos gallantes, que tem dellas muyto grande differença; pois elles não consistem em mais, que em dizer com breves, & boas palavras huma cousa succedida graciosamente; são estes contos de tres maneyras. Huns fundados em descuydos, & desatentos, outros em mera ignorancia, outros em engano, & subtileza. Os primeyros, & segundos tem mais graça, & provocãõ mais a rizo, & constaõ de menos razoens, porque sõmente se conta o caso, dizendo o Cortezaõ com graça propria os erros alheyos. Os terceyros sofrem mais palavras, porque deve o que conta referir o como se houve o discreto com o outro, que o era menos, ou que na occasiaõ ficou mais enganado. E porque nisto declaraõ menos as regras, que os exemplos, diga cada hum o teu, que eu por delemperir o caminho, quero que passe por conto o que me aconteceu à poucos dias. Fuy a casa de hum Letrado meu amigo, a quem achey muy colerico, tirando pelas orelhas ao seu moço, que se desculpava chorando, que não sabia de huns oculos porque perguntava; olhey, & vi, que tinha huns no nariz prezos às orelhas, pergunteylhe se eraõ aquelles; o Letrado ficou corrido, porque tendo-os nos olhos os não via, & o moço queyxofo, porque as suas orelhas pagavaõ a pena, que as do Letrado mereciaõ.

recião. Esse desatento (disse Leonardo) he muyto ordinario nos Escriuaens , que buscarão duas horas na mesa , & nos papeis , a pena que trazem na orelha ; mas para desatento , & descuydo , o que neste lugar aconteceu ha muytos annos a hũ Cortezão, que aqui vivia , que tendo huns amores humildes , que tratava com muyto segredo , tinha hum relógio de peyto , que trazia tão esperto , & bem temperado , que fazia horas quasi a todos os moradores deste Lugar. Desatentou , & estando com elle ao pescoco huma noyte , & às escuras , manifestou a toda a vizinhança a verdade, que até então escondera dos olhos , & suspeytas de todos. Ainda (disse o Doutor) me parece peyor o successo de hum meu conhecido, que n'um bayro de pouca vizinhança tinha em Lisboa amores , com huma moça , que lhe estava já affeyçoada, fallavalhe de noyte de huma janella , & ambos se mettiaõ d'outra , donde hum vizinho de parede em meyo os espreytava : por se livrar deste inconveniente, deulhe a moça ponto para huma noyte lhe fallar de mais perto , entrando pela janella, fazendo primeyro certo final, com que ella havia de acodir. Buscou elle para isto huma noyte chuvosa, & escura, poz sua escada, sobio, & errando a barreyra, foy bater, & fazer o final na janella , de que se vigiavaõ. Acodio o vizinho, & abrindo-a , vio o namorado seu erro à candeia, & com o sobresalto desta desgraça, cahio com a escada, & com o segredo na lama. Festejaraõ todos o conto com muyto rizo, & disse Solino. Neste mesmo lugar conheci hum gallante , que fallava muytas noytes do pé da janella a huma Dama , com quem tinha amores : & assim em vendo a vizinhança recolhida , & lugar quieto, disfarçando-se com os moveis, que para aquelle mester tinha aparelhados , vigiando todos os portos por onde podiaõ contraminar a cautella do seu segredo, se vinha ao posto. Huma noyte , q̃ lhe não coube vez, senaõ perto da madrugada , fallando a moça com elle, sentio dentro reboço , & por não ser sentida , pediolhe , que se encobrisse com a sombra, & que ella tornaria a lhe fazer final , como tudo se aquietasse ; sentou-se elle em huma pedra, & a moça vendo o negocio mal parado, por desmentir algumas suspeytas , se foy

lançar na cama; o gallante, q̄ como estava trefnoytado, achou branda, a em que se recolhêra, adormeceo com taó boa vontade, que já alto dia, foy achado, como Leandro na praya de Sesto, dormindo com o traje de outras horas, espada nua, & rodella mal vestida, sem dar acordo, até que depois de estar à vergonha, hum amigo o recolheo a casa, & a Dama pa-deceo a esta conta muytas, que costumaó a ser o ganho destes empregos. Com igual alegria foy recebido este conto, que o do Prior: & disse Leonardo a Feliciano, & a Pindaro, q̄ pois elles tinhaó dado exemplo dos contos de descuydo, & defatento, que a elles ambos tocavaó os da ignorancia. Naó nos guardastes para bom lugar (tornou Pindaro) porque mais convinha aos mancebos contarem descuydos, & defatentos dos velhos, que ignorancias suas: mas para que saybais, que naó faltaó humas, & outras culpas nessa idade, me naó escuso. Hum homem de melhor parecer, & estatura, que entendimento, se apartou a viver alguns annos longe da Cidade em hum monte, aonde além de tratar pouco do culto de sua pessoa, com o ar dos matos, o discurso da idade, & algumas enfermidades, que tivera, estava do rosto, & das feyçoens muy dessemelhado, vindo depois com nova occasiaó a viver à terra donde sahira, querendo-se vestir, & concertar ao gallante, mandou, que lhe comprassem hum espelho: fez o creado diligencia, & naó achou nenhum de que se satisfizesse o amo, tendo provados muytos, ou quasi todos os que havia; & perguntandolhe, porque os engeytava? Respondeo, porque fazem taó máo o rosto, & taó avelhentado, que se naó póde hum homem de bem ver a elles, & ha poucos annos, que os havia nesta terra taó excellentes, que me faziaó o rosto como de hum Anjo. Rio-se o moço, dizendo entre si, mais se desconhece meu amo por ignorante, que por mal visto, pois ao espelho poem a culpa, que tiveraó montes, & a idade. Outro (disse Feliciano) taó fraco de animo, como de entendimento, passando em sua casa de huma para outra, com huma porcelana de sangue, que levava para certo effeyto, acertou de tropeçar na porta por onde entrava, & entornou selhe o sangue pelas mãos; & acodindo logo com ellas ao chapéo, que

lhe cahia, encheo a testa de sangue, que lhe corria em gotas sobre o rosto; hum filho, que olhando para elle, o vio enfangoantado, começou com grandes gritos, & choro, a chamar sua Mãe, a qual tanto que achou o marido daquella maneyra com as mãos nos cabellos pranteava sua desaventura; elle ouvindo os gritos de todos, sem saber o que era, cahio esmorecido na casa, aonde pudera morrer de nescio, como outros morrem de mal feridos. Pareceo muyto gallante, & provocou a todos a rizo o conto de Feliciano, & proseguio o Doutor, dizendo. Os contos da ignorancia tem mais graça, que os da malicia; & assim dizia hum discreto, que só a pravoice com authoridade era sem fabor, que não pôde ser mayor gallantaria, que hum engeytar ao Sirgueyro o chapéo, porque não tinha a rosa para diante, podendo-a elle deytar para onde quizesse. O outro espantarse muyto de lhe não tingirem humas meyas negras de verde, sendo assim, que havia pouco tempo, que humas verdes lhe tingiraõ de negro: & outro, que por não perder a chave do cadeado, a metteo dentro na canastra encourada antes de o fechar; & depois lhe foy necessario quebrar a elle, ou romper a ella para tirar a chave; & muytas semelhantes, que contar agora seria infinito. Ainda (acodio Dom Julio) haveis de dar licença ao conto de hum meu conhecido, que ouvindo fallar, que havia antipodas, & que andavaõ com os pés para os nossos, o não pude persuadir, de que modo podia estar esta gente sem cahir de cabeça abayxo, andando às aveffas. Todos effes (disse Leonardo) são estremados, porèm os de engano, se tem menos de provocar a rizo, tem graça mais viva na subtileza, & malicia: & quando a materia he graciosa, levaõ a todos os outros muyta ventagem. Hum amigo meu era muy regalado de doces, & no tempo das flores, & das frutas, mandava fazer em sua casa muyta variedade delles; húa das criadas com q̄ le servia, era taõ golosa, que em vendo bocados a enxugar, não se aquietava até tomar a sua raçaõ, que era cerceallos a todos, como a reales. Desejando o Senhor de saber qual dos seus moços, ou criadas, lhe fazia aquella travessura, mandou fazer certos bocados com azevre cubertos de açucar, & pôslos ao Sol; deu mais
lugar

lugar à moça, que acodindo ao reclamo, fez seu lanço, & como logo se quiz aproveytar do ponto, foy taó grande o amargor na boca, que o não pode encobrir, fazendo muytas diligencias, começou ella a dar sinaes, & agastar-se; o amo fingindo suspeytas de peçonha, metteo toda a casa em revolta, & a moça em desconfiança, beber azeyte, & tomar outros defensivos: porém como elle não podia encobrir o rizo de a tomar na empreza com aquelle engano, entendeo ella o que feria; & por remediar sua falta, fingindo estar atribulada, disse, que lhe declarassem se morria, porque havia de deyxar culpado quem a convidara com aquelle doce, por ella não descobrir os que lhe vira muytas vezes furtar dos taboleyros, & deste modo remediou seu erro, deyxando ao amo na mesma duvida, que tinha d'antes. Hum Estudante (disse Feliciano,) que entre outros era hospede, em casa de hum amigo, jazendo todos na cama, por ser tempo de verão, elle, que era menos corrido, que engraçado, lhes disse: Não se rião vossas mercês tanto do meu pé, que apostarey, que ha na companhia outro peyor; cada hum fiado nos seus, sahia à aposta, de maneyra, que a fizerão, que se elle o mostrasse, ganharia certo preço, ou perderia outra igual valia: feyta a aposta, tirou elle o pé esquerdo, que tinha escondido, que por calçar mais dous pontos que o outro, tinha os dedos em arcos, tão tortos, & cheyos de cravos, & o pé de joanetes, que não parecia natural; & assim ganhou com muyto rizo de todos, o que tinha apostado. Outro Estudante do meu tempo (proseguio Pindaro) passando parte de huma noyte de inverno em casa de hum amigo, que morava perto do rio, choveo tanta agua, creceo com tanta furia o Mondego, que lanço por fóra, & fez Ilha das casas do Estudante; o hospede esperava, que o convidasse a ficar, & o amigo não tinha essa vontade, porq̃ temia a roupa de alguns males contagiosos, que d'elle suspeytava: estiveraõ assim grande espaço da noyte, sem cessar a chuva, até que o Senhor da casa começou a bocejar, & o hospede a se despir; & perguntandolhe o amigo, para que se despia; respondeo, que ou para nadar, ou para se deytar na cama; vendo-se elle apertado, respondeo: pois assim he, alli tendes
huma

huma taboa, ou vos salvay nella, ou fazey della cama em que vos lanceis. Este conto (acodio Solino) tem o pé em duas rayas, ou parte com dous termos, que consta de dito, & de feyto. mas passe sem tello, por ser voffo. Sinal he (respondeo elle,) que vos não deve direytos. Então gavãrão todos os contos, & disse o Doutor. Além destas tres ordens de contos, de que tenho fallado, ha outros muyto graciosos, & gallantes, que por serem de descuydos de pessoas, em q̄ havia em todas as cousas de haver mayor cuydado, nem taõ dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplo; a geral he, que o desatento, ou ignôrancia, donde menos se espera tem mayor graça. Atraz dos contos graciosos se seguem outros de subtilleza, como são furtos, enganos de guerra, outros de medos, fantasmas, estorço, liberdade, desprezo, largueza, & outros semelhantes, que obrigão mais a espanto, que a alegria; & posto que se devem toûos contar com o mesmo termo, & linguagem, se devem nelles usar palavras mais graves, que rizonhas. Não era essa materia (disse Dom Julio) para se passar por ella tão apressadamente, porèm já que no fim da noyte em que me eu apartey, se tratava do sal: parece que sinto menos a falta da que perdi, com vos achar ainda agora nesta graça, como dependencia do que então se fallou, que não a pôde haver melhor acceyta, que a dos ditos agudos, & gallantes, sem que não havemos de consentir, que o Doutor se divirta para outra cousa. Eu não posso (disse elle) sahir de voffo gosto, porèm a materia não era para tão de repente, nem para tão breve tempo, como se quer que seja o da visita. Porque primeyramente. Dito, na significação Portuguesa tomamos por cousa bem dita, ou seja grave, como o são as sentenças, ou aguda, & maliciosa, como são as de que agora tratamos, & chama-se dito, porque diz em huma só palavra, ou em muyto poucas, muyto de entendimento, de graça, ou de malicia. E deyxando a sentença, que terá em outro dia o seu lugar. Os ditos agudos consistem em mudar o sentido a hũa palavras para dizer outra cousa, ou em mudar alguma letra, ou assento à palavra para lhe dar outro sentido, ou em hum som, & graça, com que nas mesmas

mas coufãs muda a tenção do que as diz, & de huns, & outros, os mais engraçados, & excellentes são os de repostas, porque além de estas serem mais apressadas, & tão de repente, que tomão entre portas o entendimento, tem materia mais sem fuspeyta nas perguntas. Dos da primeyra especie não tem pouca graça, os que se dizem sobre os nomes proprios, como aconteceu a hum Cortezão, que perguntando a hum amigo pelo nome de huma Dama de Corte, a que visitavão infinitos gallantes, lhe respondeo, que se chamava N. do Valle. Deve ser (tornou elle) o de Josephat, segundo a gente, que corre para esta parte. Nenhuma me parece (replicou o outro,) que vem a juízo, porque nem ella o tem, nem os que a buscão. Esse dito (disse o Prior) tem a graça dobrada em ambas as pessoas; porém hum Cortezão gallante, & de muyta idade, visitando a huma sobrinha sua, que estava desposada com hum N. de Carvalhal, homem muyto velho, & Senhor de hũ morgado muyto rico, lhe disse: Sobrinha, o que mais vos releva he, que tireis deste tronco algum enxerto, que fique prezo, porisso não vos descuydeis, & quando não puder ser de Carvalhal, seja de Cornicabra; todos festejarão muyto o dito: & profeguiu Leonardo. Hum amigo meu tinha huma amiga muyto magra, & comprida, a que chamavão N. Quaresma, & queyxando-te huma festa feyra de falta de pescado, lhe disse outro: quem se atreve a huma Quaresma tão estreyta, & comprida, porque recea huma festa feyra? Porque (respondeo elle) tenho a Quaresma por carnal, & a festa feyra por dia de Quaresma. A graça na mudança das letras, ou assentó (disse Dom Julio) não he pouco gallante, como aconteceu a hum mancebo, que vendo huma moça à janella, que lhe pareceo bem, sem ter della outra noticia, a namorava, muy embebido em sua gentileza: passou hum amigo, que vendo-o acenar, lhe disse: Que quereis a esta moça? Se ella quizesse (respondeo elle) tomalla por minha Dama. Cuydey [tornou o outro] que por ama, porque ha poucos meses que pario. Tambem por esse caminho (disse Feliciano) me parece gracioso o dito de huma mulher, que não tratava bem de obras a honra de seu marido, & elle muyto mal de palavras, & toda sua vizinhança

nhança : era o seu nome delle N. Ramos, & pondo-se hum dia em praticas com a mulher, começou a contar com ella todos os cornudos, que havia no seu bayro: a mulher com rayva de sua mã natureza a cada passo dizia, erramos marido, tornay a contar, que falta hum. Elle, que entendia mal o remoque, sem se metter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes. Aindaque o dito he muy sabido (tornou Pindaro) não vem fóra da razão neste lugar : nem se deve negar tambem a outro de hum Cortezão engraçado, que levando-o hum Alcayde prezo, ante certo julgador, por trazer feda contra a prematica, & allegando, que era homem nobre, lhe disse o Juiz, que pois o era, porque não trazia o que devia? Antes (respondeo elle) o faço affim, porque ainda devo tudo o que trago. Sabey Senhor, (tornou elle,) que se vos fez a duvida mayor, pois o tomão por perdido. Por perdido (disse elle) mo poderá tomar seu dono, mas pois v.m. o quer julgar ao Alcayde, requeyro, que lho passe com seus encargos. Outros ditos ha engraçados, a essa semelhança (proleguió o Doutor,) que ló na mudança dos sentidos das cousas [como já disse] tem a galantaria. Como o que aconteceu ha poucos mezes a huma donzella, que servio seis a huma Dona muy miseravel de condição, a qual a despedio sem mais galardão, que hum vestido de ferguilha, a que chamão cilicio. E perguntandolhe huma Senhora: Como vos pagou N. o tempo, que a servistes? Pagueume (respondeo a moça) como hum Confessor, com este cilicio, & seis mezes de pão, & agua. E porque disse, que de huns, & outros, os melhores consistião na graça de huma boa reposta, & quasi todos os que aqui se differão o parecem, me quero declarar, assim com razoens, como com algum exemplo, que as declare. Reposta aguda ha, que como esta, & outras, que ficão ditas, agradão muyto; porém não incluem a brevidade das que fazem a sentença, que com as palavras da pergunta. Hum Cortezão fallando d'outro, que alcançara por sua valia muytos lugares honrados, & perdèra hum, em que tinha empenhado todo o seu cabedal, por ser de humilde geração, perguntava a hum amigo: Se N. sempre acertou atégora em suas pertençaens, como resta, que n. ais lhe importava, errou o alvo?

alvo? Respondeo o outro: foy por bayxo. A outro, que vive-
 ra muyto tempo na privação de hũ Senhor, com grande prosperi-
 dade, vendo-o depois hum amigo em estado miseravel, lhe
 perguntou: Como de tanta altura descestes da graça de N.
 a esta miseria? Ao que elle respondeo: Cahi. Ainda [disse o
 Irmão do Prior,] que em querer dar minha razão, seja atre-
 vido, a profissão de Soldado me desculpa; entre os quaes até
 a temeridade he digna de louvor. Mas em Flandres, aonde
 andey na milicia Hespanhola alguns annos, acodião muytos
 Doutores Catholicos, & outros Scismaticos encubertos, a hu-
 mas Conclusoens, que havia em huma Cidade pequena, de
 Theologia, certos Frades de S. Francisco, aos quaes não da-
 vão lugar suas enfermidades, para poderem caminhar a pé,
 hiaõ em aĩnos: passando por elles algum do outro bando em
 mulas muyto luzidas, & authorizadas. Hum destes por mote-
 jar dos Menores, lhe perguntou: Aonde vão os aĩnos? Res-
 pondeo hum Frade velho: nas mulas. E com usar de agude-
 za na sua mesma pergunta os envergonhou, mudando o senti-
 do a huma palavra della. Gavãrão todos o dito, & o comme-
 dimento do novo companheyro, & continuou o Doutor. Te-
 mos tratado dos contos graciosos, & ditos agudos, & gallan-
 tes, com exemplos muyto a proposito da sua differença, fica
 para dizer o como na pratica se deve usar delles; & posto que
 me tirava deste trabalho o conhecimento que tenho da suffi-
 ciencia dos que estão presentes, como eu nesta materia apon-
 to as regras, mais para as aprender, que para me seguirem,
 he necessario tocar ao menos o que della me parece, & assim
 como dizem, que muyto ensina o que bem pergunta, assim se
 póde dizer, que muyto aprende, o que diante dos Mestres en-
 sina. Os contos, & ditos gallantes devem ser na conversação
 como os passamanes, & guarniçoens nos vestidos, que não pa-
 reça, que cortãrão a seda para ellas, senão que cahirão bem, &
 betarão com a cor da seda, ou do pano, sobre que os puzer-
 rão; porque ha alguns que querem trazer o seu conto a remo,
 quando lhe não dão vento os com que pratica, & ainda que
 com outras cousas lhe cortem o fio, torna a tea, & o faz com
 mer requentado; tirandolhe o gosto, & graça, que podia ter se
 cahira

cahira á caso, & proposito, que he quando se falla na materia de que elle trata, ou quando se contou outro semelhante. Assim convem muyta advertencia, & decoro para os dizer, outra mayor se requiere para os ouvir; porque ha muytos tão soffregos do conto, ou dito que sabem, que em o ouvindo começar a outrem, ou se lhe adiantão, ou o vaõ ajudando a versos, como se fora Psalmo, o que a mim me parece notavel erro, porque posto que a hum homem lhe pareça, que contará aquillo mesmo, que ouve, com mais graça, & melhor termo, se não ha de fiar de si, nem sobre essa certeza se querer melhorar do que o conta, antes ouvir, & festejar com o mesmo applauso, como se fora a primeyra vez, que o ouvisse; porque muytas vezes he prudencia fingir em algumas cousas ignorancia. Hora vos digo (acodio Solino,) que não se deve pouco, a quem sabe passar essa dor sem dar sinaes della, porque saber hum homem o q̄ o outro conta às vezes mal, & çujamente; & estar feyto pedra, he peyor, q̄ daremlhe com huma na cabeça, & cuydey, que só aos Prégadores lhe era concedido esse privilegio, por fallarem sem lhe haver outro de responder: porèm haveis de consentir, que haja nisso huma exceção, & he, que quando algum disser o conto, ou dito, com algum erro, o possa emendar, & advertir, o que o vio passar, ou estava presente, quando succedeo. Em tal caso (respondeo o Doutor) piedosamente o consentirey, se o que conta, ou lhe tirar a graça principal, ou errar as pessoas, & o sujeyto. Tambem não sou de opiniaõ, que se hum homem souber muytos contos, ou ditos de huma mesma materia, que se fallou, que os traga todos ao terreyro, como jogador, que levou rifa de hum metal, mas que deyxer lugar aos outros, & não quera ganhar o de todos, nem fazer a conversação só comfigo. Pareceme (disse Solino,) que vos ficou por tratar huma especie de ditos graciosos, que muytas vezes não tem o peyor lugar na gallantaria da conversação. E porque ficando fóra das vossas regras, os podem tomar daqui adiante por perdidos, a mim me releva por o meu particular saber, o como o discreto se ha de haver nelles; que são os de semelhanças, a que commummente chamaõ apodos, que se são bem apropriados, dão sal à pratica, & gosto aos ouvintes.

vintes. Tendês muyta razão [respondeo elle,] que ainda que deyxey de fóra outros muytos, por os metter nas regras dos que nomeey, que a effes estava mais obrigado de trazer exemplo, & ao menos considerar, que se não haõ de buscar de proposito, que seria fazer da graça chocarrice, antes haõ de ser trazidos tanto a calo, que sejaõ mettidos na pratica, como translaçoens della, fugindo de alguns, que escandalizem em pouco, ou em muyto, a parte de que se trata; & seja exemplo, de como Pindaro comparou as minhas casas, que por serem pequenas, muytas, & bem guarnecidas, lhes chamou gavetas de escritorio. E Solino (acodio Pindaro) disse, que fizestes aquelle estojo para vos recolherdes na velhice. Não tenho eu por menos gallante (disse elle) o que vendo a gelosia de Solino com cinco, ou seis meninas com hábitos de Freyras de São Francisco, lhe chamou capoeyra de rolas. E a hum moço do Licenciado, que aqui anda muyto pequeno, & magro, com huma espada muyto comprida, frangaõ espetado. Mais me parece (disse Solino) esse moço, cabos da espada, que homem com ella. Mas a huma moça muyto louca, a que todos sabemos o nome, que tem o rosto da cor dos cabellos, & anda com huns mantéos engomados de azul, chamou hum gallante: porcelana de ovos doces. A essa (disse Dom Julio) chamaraõ tambem pampilho, & rosto de alambre. Porém se nos ouvermos de espalhar nestas semelhanças, & passarem de mão em mão, não haverà quem nos desapegue da materia. Antes me parecia a mim (disse Solino,) que assim dos contos gallantes, ditos engraçados, & apodos rizonhos, se ordenasse, que em huma destas noytes, tomando hum proposito, cada hum contasse a elle o seu conto, & dissesse o seu dito: & seria hum modo extremado para se tirar outro novo alivio de caminhantes, com melhor traça que o primeyro. Fique a vosso cargo essa lembrança (tornou Leonardo) para outro dia, & agora não demõs mà noyte ao doente, nem aos hospedes ruim gazalhado. Este (disse o Prior) he o melhor, que podia pintar o meu desejo, & suspeyto, que por vingança fizeste a noyte mais breve: mas o que della perder, determino cobrar na de amanhã, porque a obrigação, que tenho de obedecer ao Senhor D. Julio,

lio, me faz esquecer, até as de meu estado. E le a do outro dia não fora de Domingo, ainda nella gozàra o interesse de mercès suas, & de honras vossas. Com esse (respondeo Leonardo) de havermos de ter ao Senhor Alberto, & a vòs por mais espaço neste lugar, dissimularey o queyxume, que de ambos tinha. Da minha culpa (tornou Alberto) darey toda a satisfação: porque nem pelas do Prior, nem por sua conta, hey de perder a honra, & mercè dessa vontade. Nisto se começaram os mais a levantar, & perguntando a Dom Julio, se estava melhorado do seu achaque? Respondeo, que não sentia outra pena naquelle tempo, mais que o que perdera de tão boa conversação, dando-se por muy obrigado do favor da visita; que posto que aos illustres se deva em tudo respeyto, obediencia, & cortezia, nenhum a sabe melhor estimar, que o generoso.

D I A L O G O XII.

Das cortezias.

DEpois que os amigos se despedirão, os hospedes ficarão gavando a Dom Julio a graça, & bom termo de fallar, de todos os que entravão naquella conversação: dizendo, que em tal Aldea, se podião ensayar, os que quizessem apparecer na Corte apercebidos, approvando a materia, que se tinha de discurlar sobre cousas tão miudas, & tão esquecidas sem causa dos Cortezãos. Dom Julio lhe relatou algumas materias, de que tinham tratado aquelles dias, que ao Soldado deyxarão cobiçoso; & forão nesta pratica tomando tantas horas emprestadas ao repouso, que para se entregarem delle pela manhã, se levantarão da cama para a mesa. Tiverão o doente, & os hospedes suas visitas; & quando vevo a noyte já os amigos estavam juntos em sua casa, com gosto de Leonardo, que o pedio a todos elles. E Dom Julio para lhes pagar esta diligencia, no em que elle sabia, que mais desejavão a satisfação, lhes disse. Não parece razão, que à conta da cortezia, com que dissimulaes comigo, me encerre eu, com o que sey, que desejaes de ouvir com muyto cuydado: quero agora acodir aos

L remo-

remoques de Solino , & à cu iofidade dos mais , que lançarão juizos temerarios sobre a minha jornada ; & para que não esconda nenhuma das cousas que passley , a conto diante de tão abonadas testemunhas. Soube, (& não quero dizer que acaso, porque o procurey de proposito) o dia, em que o Senhor Prior levava à Cidade aquella Religiosa Peregrina, que por ter tantas cousas do Ceo, deyxou todas as da terra vencidas com leu desprezo, & acanhadas , & humildes com sua fermosura. E assim por o acompanhar a elle em obra de tanto merecimento, como por ver despedir de todas as pertençaens humanas , quem em tantas partes , & extremos era Divina ; & na resolução sua , & desengano, ver o das esperanças, que o desejo podia fundar em sua gentileza ; me fiz contradicção no caminho, aonde me dey por obrigado a chegar atè à Cidade, fingindo, que alli de novo soubera sua determinação. Conheceo ella, ser eu o mesmo, que na fonte da serra a encontrara; & lembrada, & agradecida da cortezia, & respeyto com que a tratey, sem saber quem fosse, me pagou com a brandura de seus olhos a alma, que nelles perdi quando a olhava naquelle desvio. Disselhe o Senhor Prior quem eu era , accrescentando do seu, o que agora fico a dever à sua cortezia : & conhecendo a estrangeyra a sua vontade; me fez muytas mercès, & favores pelo caminho, que a não ser aquella o derradeyro, que havia de fazer no mundo , me pudera eu encher de vaidade para os não trocar por todos os interesses d'elle. O que nella vi, foy o que já me ouvistes , & posto que o decoro , & respeyto , com que a levava , não accrescentou graças a sua fermosura, lhe dava outro valor diferente ; como o engaste do ouro bem lavrado o costuma a dar às pedras finas. Ficou entregue ao Ceo, com quem se parecia , & os olhos que alli a deyxarão, a faudades, & desenganos. Não forão estes occasião de minha doença, que não costuma ser tão leve a q̄ delles se gera; & assim pode fazer em mim mayores effeytos sua lembrança. Da vossa parte (disse o Prior) tendes contado o que passastes , porém daquella estrangeyra pudera eu dizer muyto mais , que só no que lhe ouvi, se podia conhecer, quanto estimou o bom termo

da vossa cortezia, & muyto mais esta segunda, de a acompanhardes. A primeyra de a deyxar sem companhia (tornou o Fidalgo) me foy a mim mais custosa. E aindaque diz o rifaõ antigo, que cortezia, & fallar bem custa pouco, & val muyto, não se podia dizer pela minha. Antes (disse o Soldado) pois vos rendeo tanto, & vós não mettestes mais cabedal,

*Portu-
guezes
cortezes,
O maldi-
zentes.*

que dar lugar à razão, aonde o não podia ter o appetite. E posto que a cortezia tem muyto grande lugar entre os Portuguezes, porque no comediamento fazem ventagem a muytas outras nasçoens, no fallar bem, segundo o sentido desse rifaõ, achão elles a difficuldade, porque dizello dos seus proprios naturaes, lhes não custa pouco, (que he hũa

culpa, que nos arguem com razão os estrangeyros) na qual pecamos contra o principal termo da cortezia. Mas certamente, que huma, & outra era devida àquella gentil Senhora, de cuja riqueza, & estado, eu como fronteyro, que fuy daquella Ilha, pudera dar informação; & a vi tão obrigada, & deseiosa de se moltrar agradecida ao Senhor Dom Julio, que excedia o modo da sua brandura, & receyo. Já desejo (disse o Doutor,) que passemos desta romeyra, & não sey eu melhor occasião, que fallar em cortezias, assim estrangeyras, como naturaes, que he materia, que beta muyto bem com as das noytes passadas. Quem haverá (respondeo Alberto,) que não approve a vossa escolha, que além de vir a pratica a proposito das que entre nós se tratarão, temos presente o Senhor Prior, a quem está melhor, que a todos o cargo de nos fazer Cortezãos por doutrina; assim como o póde ensinar a todos com o exemplo. São os meus habitos (disse elle) tão alheyos do estylo Cortezão, que estão culpando a vossa inculca, & o atrevimento, que eu desejo tomar para vos obedecer, porém tenho por menor erro cahir em muytos nesta empreza, que desobedecer em todas ao vosso mandado: porém com tal condição, que acudais vós por cortezia, aos descuydos que eu nellas fizer, porque então não terey receyo de fallar, nem estes Senhores pejo, ou fastio de me ouvir. E fallando em este nome de cortezia, he hum vocabulo particular, que entre nós tem a significação muy larga

porque no seu verdadeyro sentido, ainda he mais estreyto, que o Latino, que he urbanidade, derivado de urbs, que quer dizer Cidade; & assim he o comedimento, & bom modo dos que vivem nella, em differença dos Aldeãos; & cortezia he dos que seguem a Corte, em differença de huns, & outros. Porém na significação generica este nome comprehende estas tres especies de cortezia. Cerremonia, que he a veneração com que tratamos as cousas sagradas da Igreja, & dos Ministros della, que pertence à Corte Ecclesiastica do Papa, dos Bispos, & dos outros Prelados inferiores. Cortezia, que a que he, se tem aos Reys, Principes, Senhores, Titulos, & Ministros Reaes. Bom ensino, que he a inclinação, reverencia, & comedimento, que se costuma entre os iguaes, ou sejaõ de mayor, ou de menor calidade. E deyxando de tratar das duas primeyras, & de outras duas, que muytos poem no segundo genero, que he cortezia militar, a que chamão ordem, usada nos Exercitos, esquadroens, & alojamentos: & a outra naval, que se usa nas frotas, Armadas, & navegaçoens; porque humas, & outras tem regras, & leys declaradas, tratarey sòmente do bom ensino. Para o que me parece advertir, que da cerremonia se dirivou a cortezia, & della o bom ensino, descendo por degrãos, como o mostrão os exemplos de huma, & outra: que como os Reys, & Principes se endeofáraõ com a vaidade, foraõ tomando muyto na cortezia do que era devido sò a Deos; & porque igualmente os inferiores quizerão parecer-se com os Reys, foraõ tambem contrafazendo os seus estylos na cortezia, a qual consiste em tres cousas, na moderação, na inclinação, & nas palavras; & trazendo o exemplo de cada huma com seus principios, a Deos fallamos com os joelhos em terra por cerremonia, aos Reys com o esquerdo posto no chaõ por cortezia, aos iguais com elle dobrado, tornando o pé atraz por bom ensino; a Deos beyjamos o chaõ, ou assento do Altar, aonde està posto; ao Papa o pé, ao Rey a mão, (posto que a alguns da gentilidade costumaõ ainda a beyjar o joelho) entre os iguaes beyjamos a mão com que tocamos a sua, & de palavras de todos. Nas palavras se quizerão os Reys levantar mais com os titulos Divinos, & de mercè, & Senhoria, que era o seu proprio

prio lugar, a Alteza, que era só de Deos, & depois a Magestade, & ainda se se poderão chamar Divindade, & Omnipotencia, me parece que o fizerão; aos iguaes tratamos de mercè, com o que fomos tomando o que os Reys deyxarão, & ficou-se o vòs, & a brandura delle para os amigos, & para os mal ensinados. Bom ensino he tratamento de homens bem doutrinados; ou por experiencia da Corte, & da Cidade, ou por ensino de outros, que nella viverão: a inclinação consiste em abayxar a cabeça, ou a descobrir, em dobrar os joelhos, ou os pôr em terra, em inclinar a vista, ou a desviar do com que falla: a moderação, em se mostrar mais humilde em beyjar primeyro a mão, em dar lugar ao que fazemos a reverencia, ou pera melhor dizer, em tomar de tudo menos do que nos cayba. As palavras, ellas mesmas declarão quaes são de Corte, na conformidade do proverbio, ou sentença com que começamos, que he fallar bem do terceyto, dizendo o que faça em seu favor, & escutando com cortezia em quanto ouvimos o que falla, fora outra cortezia de palavras, a que chamão cumprimentos, de que por hora não determino tratar. Esta cortesia no

*Cortezia,
& hu-
mildade
quasi hu-
ma mes-
ma causa.*

exterior differe muy pouco da virtude da humildade, & tem o mesmo fruto entre os homens da terra, que o Evangelho promete no Ceo aos humildes, que he serem levantados, porque tambem para os vangloriosos, & arrogantes he grangearia o bom ensino, & comedimento, porque assim são mais bemquistos, aceytos, & respeitados dos menores.

Tem esta virtude da cortezia, ou bom ensino (a quem tambem Marco Tullio chamava virtude) quatro escolhas principaes em que se exercita, que são o encontro, a visita, a mesa, & a conversação; os dous termos em que se sustentão são: humilha-se huma das partes, & outra quer-se melhorar na humildade, porque quanto hum mais se aproveyta della, mais obriga ao outro se querer mostrar bem ensinado. No encontro do caminho, da visita, ou do passeio, he a regra entre os iguaes, que o que vem, ou está melhorado de lugar, seja o primeyro na cortezia; assim da falla, como do cha-

*Lugares
a onde a té
melhor a
cortezia.*

péo, ou meſura: como ſe vem andando, & o outro eſtã parado, ſe vem a cavallo, & o outro eſtã, ou vem a pé, & ſe ambos andão, & hum vem da mão direyta, ou do lugar mais alto, & da meſma maneyra o que eſtã em terra, caſa, ou lugar ſeu, ſeja o primeyro, que acometa a cortezia. Deſſe termo de cortezia (diſſe Leonardo) temos huma historia antiga em Portugal, que nos póde ſervir de exemplo, & authoridade para ella. Conta a Chronica del Rey Dom Fernando de Portugal, que quando elle, & El Rey Dom Henrique de Caſtella ſe fallãrão no Tejo em dous bateis, houve de ambas as partes duvida, em qual delles ſeria o primeyro, que fallaffe; & El Rey de Caſtella ſe relolveo em ſer o primeyro, por ter Lisboa de cerco, & eſtar na guerra de melhor condiçãõ, que El Rey Dom Fernando. Sendo aſſim, que por ſer em terra de Portugal, havia elle de ſer o primeyro; & aſſim lhe diſſe, mantenhavos Deos, Senhor Rey de Portugal: que eſtes erãõ os compliments daquella boa idade. O meſmo (acodio o Doutor) entendia El Rey Dom Felippe o Sabio, quando com tanto exceſſo de cortezias, recebeu no ſeu Reyno a El Rey Dom Sebaſtiãõ ſeu ſobrinho, na jornada de Guadalupe, aonde na falla, & meſura, foy ſempre o primeyro, como eu poſſo moſtrar de huma relaçaõ, que tenho da meſma jornada, & tambem ſe alcança da viſita, que o Infante Dom Luis, fez ao Emperador Carlos V. quando dandolhe a dianteyra na entrada de huma porta, o Infante não ſe podendo eſcuſar, arremetteo a huma tocha, com que hia diante hum creado, porque era de noyte, & foy allumiando ao Emperador, para tambem o vencer na cortezia, que com elle uſãra. O meſmo (diſſe Feliciano) aconteceo a huma peſſoa de não tanta calidade, porém de fangue illuſtre, que dandolhe hum titular a dianteyra na entrada de huma porta travessa de huma Igreja, elle ſe voltou a elle com a agua benta, fazendo o officio de ſeu Capellãõ. Todos eſtes lanços, & outros ſemelhantes ſãõ ſtratagemas, & finezas de cortezia (respondeo o Prior) das quaes eu me não eſquecerey no ſeu lugar. E proſeguindo a materia, a viſita tem tres termos de cortezia, que ſãõ, o recebimento, o aſſento, & acompanhamento da deſpedida. O recebimento, he, ſahir o viſitado

tado fóra da cala , aonde ha de tomar a visita , atè a falla ,
pera na entrada dar a dianteyra , & melhoria ao que o vem
visitar. O assento , dar o leu ao hospede , & tomar outro
igual à lua mão esquerda, sem ser o primeyro , que se assente.
O acompanhamento da despedida he , sahir com elle atè a
casa aonde o recebeo , tomando sempre a sua mão esquerda,
dandolhe deste modo a melhoria na entrada, lugar, & passeio.
O descuido dós ignorantes (respondeo Leonardo) tem per-
vertido arias regras taõ verdadeyras; ou aõ menos , embara-
çadas pela sua mã correspondencia : porque no receber das
visitas, ha algũs que saõ como pesos de lagar , que se levan-
taõ de vagar , & se assentaõ de pressa; & a hũ dos taes, disse
hum cortesaõ , que era bom pera testemunho falso ; porque o
naõ levantariaõ. Outro disse a hum titular , que menos era
pera senhor , que pera vassallo : porque nunca se levantaria.
Jà no recebimento ha muytos que se ficaõ atras dos paos por
naõ deyxarem a casa só , & assim daõ finco , & fazem o mes-
mo no acompanhamento da despedida : a cujo propósito cabe
aquelle dito excellentede hum senhor taõ illustre por sangue,
como por entendimento neste Reyno, que visitando a hum Le-
gado do Papa vindo de pouco a Lisboa , na des-
Contoga- pedida deu com elle muy poucos passos ao sahir da
lante. casa , & elle tomando-o pela mão o trouxe adian-
te dizendo : para Italiano faz V. S. muyto pouco
exercicio. Porèm declaraimo le nas visitas fallais tambem das
que se costumaõ a fazer a enojadas , & enfermos ; porque se-
raõ necessarias outras regras muyto differentes ? Naõ podia
eu (disse o Prior) fazer essa mistura sem grande confusaõ , &
enleo. Mas dellas , & das que se fazem a donas , & donzellas,
& outras semelhantes determino particularmente dar meu vo-
to , debayxo da censura do vosso entendimento : & agora se-
guindo a minha determinação. A terceyra escolla da cortesia
he a mesa , em a qual as regras saõ muytas , porèm muyto or-
dinarias , & conhecidas. A primeyra he do assento , a segun-
da do serviço , a terceyra das iguarias , a quarta das graças
depois de comer. O assento em mesa de muytos he o primey-
ro lugar o topo , a que chamaõ cabeceyra , que fica à mão
L iij direyta

Cortesia da mesa. direyta dos outros : entendendo , que ha de ficar huma das partes da mesa livre pera o serviço dos ministros della ; & quando he de menos gente, sempre o que agasalha , toma por cortesia o lugar da mão esquerda. No serviço o primeyro he dar a gua as mãos, em que sempre se ha de preterir o hospede , & andaõ nisto já os servidores taõ apurados , que não fica aos convidados lugar mais que de algum leve comprimento. O segundo (entre os amigos) he o fazer o senhor da casa pera cada hum dos outros, os pratos que se haõ de dividir na mesa , melhorando ao hospede na escolha de cada cousa , a que podem chamar cortesia mimosa. O comer ha de ser sem sofreguidaõ, sem mostra de gula , nem demasiado appetite ; & tambem , não mostrar huma frieza chea de fastio , que he desagradecer a comida, & a vontade do que lha offerece. O beber seja sem pressa , & com tento , não levantando o copo, nem o pucaro , quando outrem o tem na boca : salvo aonde se usar a diferente cortesia dos estrangeyros , que se convidaõ a beber em hum mesmo tempo. O que està à mesa , não ha de fallar sempre em quanto os outros comem , nem comer em quanto os outros fallaõ. E de huma maneyra , & outra o que se disser , não seja cousa que possa enojar o estamago , ou diminuir o gosto dos convidados. Tambem deve cada hum acabar de comer, quando os mais ainda que lhe tivessem ventagem na brevidade. As graças pertencem primeyro ao dono da casa , & aos hospedes a cortesia depois dellas, que he huma maneyra de agradecimento cortesaõ. E posto que pudera calar estas miudezas por muy sabidas (como outras que deyxõ pela mesma razaõ) tenho alguma de fallar nellas , em quanto me servem pera ao diante. Antes desfloutras (acudio Solino) me quero eu metter como cebolinha em restea ; que se atègora não pescava em tanto fundo , porque a conversaçãõ obriga aos costume, & eu estou ha tantos annos pollos desta aldea. Pera as cousas da mesa tenho feyto outro aranzel de cortesia : & posto que nella , & na humildade dizem que abayxo fica quem se não adianta ; como as cousas de comer , & do proveyto , se atravessaõ com a vaidade deste estylo , tenho outra re. a muy diffe-

diferente porque me rejo, registada nos livros dos rifaes, & proverbios das velhas, & encomendada a memoria do meu moço, com muyto cuydado, distincta por ites muyto importantes a quietação, & sossego da vida de huma aldea. Primeyramente, melhorar o hospede no assento, & a mim no mantimento: darlhe nas cortesias, o que a mim nas iguarias: elle o primeyro no prato, & a mim o melhor bocado. Se for pouco o vinho, beba eu diante, que quem leva a primeyra, não fica sem ella. Se for pouco o paó, te-lo cuda mão, por não pôr nas da cortesia, o que folgo deter na minha; não tirar prato de diante, sem vir outro que mo alevante. Em quanto outrem apara, fingir que não vejo a faca. Se os outros fallarem muyto dizer os amês; porque o velho que bala, bocado perde. Em quanto tiver fome, zombar de quem não come. E quando tiver sede, lembralla a quem não bebe. E quando em todas as mais entradas, & sahidas, como são olavar das mãos, medidas, & profaças liberal como nas eyras. E a verdade he, que o verdadeyro comprimento em que se declaraõ os de mais, & que serve de ley mental a todos, he, todo sou vosso tirando fazenda, & corpo. E passando da mesa, se leguem logo outras regras não menos proveytosas, como são. No acudir ao perigo, fingirse manco; na cama pequena, deytar no meyo; no lugar estreyto, correr diante, que quem vem tarde, mal se agasalha: ribeyro grande, saltar detras; que a verdadeyra discrição he experimentar em cabeça alhea: mais trilhada parvoice, he não cuidey. Não vós desfaçais dessa doutrina (disse Leonardo) que he a melhor regra de viver em paz, sobre a face da terra, que quantas andaõ nas cartilhas antigvas. Eu (tornou o Prior) não defendo aquella feyta aos que a quizerem seguir, respeytando mais que acõmodidade a cortesia. E deyxando esta eleyção para depois. A ultima escolla, he a da conversação, que se entende ao passeio, na roda, ou na visita. O passeio quando he de dous, ou tres, voltaõ com os rostos sempre iguaes (não virando as costas, hum ao outro, como costumaõ os estrangeyros) & os que recebem em huma volta a mão direyta, a daõ na outra, aos que

trouxe-

trouxerão a esquerda. Se taõ muytos, ou se dividem no meyo ao voltar para ficarem todos de rosto: ou se ha lugar para isso, voltão em ala, ficando o primeyro da mão direyta o ultimo da esquerda, na volta do passeyo. O que entra de novo, faz primeyro cortezia aos que andão nelle. E elles abrindo-a, lhe devem offerecer no meyo o lugar da mão direyta; que elle não aceytará, senão o ultimo da esquerda, por não romper a ala: & porque na volta fica logo com o que na entrada lhe offerecem. Na roda, ou ajuntamento se uia o mesmo; porém he para advertir a obrigação de cada hum, pera levantar do chão qualquer cousa que caya aos companheyros, como são luvas, contas, livro, chapeo, lenço, & outras semelhantes; & quanto a mim esta obrigação de acudir a alçalla, he do vesinho da mão direyta. Nião (respondeo Solino) me releve pordes tayxa certa, pelas cabeçadas que vi dar a muytos, que acudiaõ juntos a essa cortesia; & tenhome sempre com o primeyro, que se alevanta, mormente na roda, onde todos os cabos são de palheta. O que eu aconselhara (respondeo o Prior) he, que cometendo hum, cessassem os mais, deyxando o comprimento ao dono da cousa. Pois não he esse termo (disse Leonardo) dos menos delicados na cortesia, assim no passeio, & roda, como na visita: & não só nas cousas, que caem a caso, mas nas que se aremessaõ, ou com que tiraõ de proposito. E deyxando o que aconteceo a hum cortesaõ mancebo, que tirandolhe huma dama, em castigo de hum atrevimento, com hum chapim: elle o beijou, & lho tornou a offerecer, & com esse lanço a obrigou a dalli adiante o ter em mais conta. Hum Principe do sangue Real deste Reyno, andando á caça de monteria com hum Rey delle, se lhe adiantou a dar hum lançada em hum porco montès, parecendo-lhe que se metia no meyo do perigo, por atalhar

Historia.

aproposito desta

cortesia.

to.

do Rey,

to.

Ainda agora

[disse Solino]

lhe eu ouvera de deyxar passar

a ira

a ira

à ira ; que quem se guardou , não errou , & à fúria de senhor , terra em meyo , & posto , que lhe succedeo bem à cura , não ouvera eu de provar a mesinha , que com estes taes perde o bem fazer a cento por hum , que he o que com Deos se ganha. E porque no passeio se me offereceo huma duvida , pergunto ; Quando hum se diverte dos com que vay passeando , & fica carta atras fallando com alguma pessoa , que passava , & o deteve ; ou em outro caso semelhante , que regra se ha de seguir ? Pararem os outros à vista (respondeo o Prior) & elle quando torna , fazer sua cortesia , & entrar no passeio tomando o lugar mais humilde , como tenho dito. E se passearem a Cavallo (replicou elle) & a mula de hum dos mantenedores se parou a urinar , & os companheyros foraõ adiante , he obrigado o que torna àtrás a fazer cortesia em nome da sua mula ? Isso não (tornou o Prior] porque no primeyro caso , a cortesia he huma satisfação da tardança : & o segundo he hum acto de hum bruto irracional , que não merece ser disculpado. Com isto me parece que tenho tocado o que he o canto chão da cortesia , em cujo contraponto ha cem mil galantarias , & esmeros , que não cabem em regras taõ limitadas , como tambem o seriaõ para as cortesias , que consistem em palavras , a que se não pode pôr limite. Vós (disse o Doutor) tendes tratado a materia com muyta curiosidade , & posto que fica assaz authorizada com razoens taõ verdadeyras , costumes taõ aprovados , & o que mais he com experiencia vossa : quero eu acrescentar o que ly , mais por me fazer figura no em que vós sois Autor , que por mostrar , que o posso ser em alguma cousa , sem favor vosso. E porque me lembra na divisaõ , que fizestes à inclinação a principal parte della me pareceo dizer alguma cousa de sua antiguidade ; porque já os Hebreos , Persas , Gregos , & Romanos , usaraõ inclinar a cabeça por cortesia , como contra Josepho , Plutarco , Eliano , & outros Authores graves ; & esta reverencia faziaõ em final de humildade , confessando fraqueza , & menos poder ante aquelle , a cujo valor se abatiaõ ; posto que dos Romanos Alexandro Severo successor de Heliogabalo não consentio , que ninguem lhe fizesse esta cortesia , havendoa por lisonja , antes

tes mandava lançar de sua presença a quem a usava (como escreve Lampridio) dizendo que só a Deos se devia aquella inclinação. Os de Thebas se sabião, que alguns dos seus inclinasse a cabeça a pessoa humana , o castigavaõ rigurosamente, & esta ley poz em grande confusão a Ismenias, que elles mandaraõ por embayxador a Artaxerxes (como na sua vida o escreve Plutarco) o qual estando já na sala para fallar ao Rey lhe disse hum Capitaõ chamado Tetrhaustes, que se não havia de fazer ao Rey a inclinação, que os Perfas costumavaõ, que lhe desse a elle o recado, & que faria em seu nome a embayxada. Elle não querendo fiar de outrem o que lhe fora encomendado, entrando a fallar ao Rey deyxou cahir hum anel que trazia no dedo, & abayxandose ao levantar, fez a inclinação dos Perfas, sem poder ser culpado dos Thebanos. Essa inclinação (disse o Prior) de inclinar a cabeça, dobrar os joelhos, ou polos em terra, & estendendo o braço para a pessoa a que queremos venerar beijar a mão propria he cerimonia antiquissima, que só a Deos se fazia, & assim se colhe de muytos lugares da Escriitura, como he no livro 5. dos Reys capit. 19. No de Job capitulo 31. E no Deuteronomio Capitulo 17.º q̃ tambem alguns gentios usaraõ como lemos em Plinio libro 28. capitulo segundo, & daqui creio que se derivou este uzo que entre nós ha, do beijo as mãos de vossa merce. O costume de beijar a mão

(respondeo o Doutor) entre os Romanos antigos, foy dos escravos a seus senhores. Mas Plutarco conta, que depois que Cataõ deu fim a sua milicia, despedindose d'elle os soldados com muytas lagrimas, & estendendolhe as capas, & os vestidos por onde passava lhe beijavaõ a mão, & daqui começaram os livres a usar esta cortesia, de que logo lançaraõ mão os pretendentes, pera grangearem animos, & vontades alheas, como Seneca diz na Epistola 118. E logo os Emperadores modernos mandaraõ, que seus vassallos lhes beijassem a mão, como escreve Pomponio Leto. E os Reys de Hespanha o puzeraõ por ordenação, como se ver nas del Rey D. Affonso, nas leys de Castella libro 5. titulo 25 pag. 4. daqui se derivou o beijo as mãos de vossa M. que he confessar-se

Antiguidade da cortesia de beijar as mãos.

se por escravo, ou vassallo daquelle a quem se faz cortesia. Ella (acudio Solino) me custa a mim bem pouco; porque não gaste nella mais que palavras, & ellas com as abreviaturas de agora são já muyto menos. O que me a mim carça he o tirar o chapeo, que me fazem de despeza as boas correspondencias de forros, & cayreis, a fora os damnos do feltro, o que Deos sabe, & eu sinto, & não me pezara saber donde teve, principio este mal que padeço. O chapeo (respondeo o Doutor) era entre os Romanos sinal de nobreza, & simbo da liberdade, & quando a queria significar, o pintavaõ hum chapeo, como se vee nas moedas de Claudio, de Antonio, & de Calba. E assim quando libertavaõ aos escravos, lhes davaõ chapeo como refere Pierio Valeriano nos seus Hieroglyphicos lib 4o. aonde tambem affirma, que os escravos, que se vendiaõ por mãos costumes, & roins partes, que tinhaõ, os punhaõ na almoeda com chapeo na cabeça, em sinal que seu senhor o não queria por escravo, nem se obrigava a fiar sua mã natureza. De forte, que o descubrir hum homem a cabeça, & tirar o chapeo ao outro he confessarse por seu escravo, & a esta cortesia responde a de chamarmos senhores aos iguaes, & mayores com que tratamos, & ainda aos inferiores. Pois eu vos affirmo (disse Solino) que a muyto tiro o chapeo, de que não quizera parecer escravo, & esses mo fazem trazer tal que parece dos que o são. Com tudo me fizestes muyto grande merce em me descubrir essa razão, & a de outra cousa em que eu já cantey algumas vezes o pensamento, que era saber o porque os chocarreyros se cobrem diante dos Principes, & sendo gente taõ vil gozaõ de taõ grande preeminencia, & agora entendo, que deve de ser por estarem no andar dos escravos, que se vendem por terem mãs manhas, que se vendem com chapeo para serem por elle conhecidos. Mais me parece a my (acudio Dom Julio) que pelo pouco caso que se faz da sua cortesia, ou porque se entenda, que assim como tem aquella liberdade, tem outras para fallarem o que não he licito aos homens cortelaõs bem diciplinados. Porém não sey a causa porque

nos esquecemos da cortesia, a que chamaõ comprimentos, que nesta idade tem chegado à mayor perfeição de encarecimento, que pôde ser. Nisso (disse Feliciano) se acredita ella muyto pouco, & menos os que usaõ muyto delles, que a falta de verdades, & de obras, se introduziraõ no mundo os comprimentos, que saõ hum engano desaforado de toda a jurisdicção, conforme ao risaõ que diz, que palavras de cortezia naõ obrigaõ a pessoa. Pareceme (tornou Dom Julio) que tornamos à sentença com que se começou a pratica em quanto diz, que fallar bem val muyto, & custa pouco. O que à letra se entende dos comprimentos, pois custãõ taõ pouco que ninguém por elles fica obrigado. Naõ digamos mal delles (disse Solino) que saõ a melhor cousa do mundo, salvo que perderãõ reputação como as sardinhas, que por as aver sempre, & custarem baratas, as naõ estimaõ, & naõ era a materia dos comprimentos para ficar de fora nesta occasião. Antes (respondeo o Doutor] he a que naõ basta a tanto, & nesta me naõ atrevo eu a vos acompanhar mais, & assim me aveis de dar licença, que me recolha: com isto se levantaraõ todos, & deraõ boas noytes: & depois de recolhidos, gastaraõ em o desejo da que se seguia o mesmo espaço, que daquella pouparãõ, que muytas vezes a recreação dos sentidos vence a necessidade do repouso, que os suspende.

D I A L O G O XIII.

Do fruto da liberdade, & da cortezia.

TEndo Feliciano, & seu companheyro por cousa sem duvida, que se avia de tratar a materia dos comprimentos a noyte seguinte, & que já daquella ficavaõ encetadas para se averem de pro seguir; se aperceberãõ de exemplos, historias, & razões muy escolhidas com que lhes pareceo que deyxariaõ a perder de vista os cortesaõs velhos, em cuja mocidade he certo que se usava menos desta alchimia de palavras fora da tenção mental, de quem as offerece. Com este fundamento se chegaraõ ao outro dia

Compri-

dia

*metos al-
chimia
de pala-
vras.*

dia com muyta confiança , & juntos os amigos disse o Soldado ; foy para mim taõ faboroffa a conversação da noyte passada , que atè a lembrança della antepuz ao repouso , & sem pôder entrar em o do sono me lembrou huma historia famosa , que succedeo a hum Capitaõ nosso Portuguez naquellas partes do Norte , procedida de huma cortezia sua bem empregada , que lhe rendeo graça com as damas estrangeyras , & naturaes , inveja nos companheyros , & nos contrarios gloriosa fama com louvor , & honra da nação Portugueza. E como algum dia der lugar o nosso exercicio , a hey de contar nesta companhia em prova do muyto preço , & valor que tem a cortezia com a gente generosa , & illustre. Certo (disse o Doutor) que seria bem errada cousa dilatarmos essa historia para mais tarde , que posto que a todo o tempo as vossas o gastaõ muy bem aos ouvintes , agora tem ella o seu , & fae bafejando a mesma materia , que temos entre as mãos , mayormente , que como seja em favor , & honra do nome Portuguez , naõ consentirà o senhor Dom Julio na tardança. Antes (respondeo elle) se naõ acudereis com tanta pressa , me quifera já queyxr da dilação ; porque por a materia , & por a historia , & por ser o senhor Alberto o que a ha de contar , obriga por mil caminhos o meu desejo , & do destes senhores , tenho a mesma opiniaõ. Naõ he errada (disse Feliciano) no que pertence a minha escolha. E porque todos vieraõ na mesma vontade , começou o soldado.

Historia de exemplo da cortesia.

Hum Capitaõ Portuguez , que nas guerras do Norte com singular esforço fez seu nome conhecido no mundo , & sua fama immortal na memoria delle ; & que naõ representava menos na presença de sua vista , do que dava a conhecer a experiencia do valor de seu braço , com as mais partes de juizo , & galantaria , que pôde desejar hum cortesaõ : cessando por razão da entrada do inverno o exercicio da guerra , escolheo , ou lhe coube em sorte para alejar as suas companhias

nhias hum districto das terras do inimigo, que eraõ Aldeas sem defenſaõ. Acertaraõ estas ser de huma senhora Framenga donzella de muyta qualidade, a qual vendo o damno sem reparo, que a seus vassallos se aparelhava, além de com a afflictaõ dos Helpanhoes, perder o interesse das rendas, que colhia, & de que se sustentava, não sabendo, que meyo tivesse contra esse mal; lhe veõ a imaginaçãõ de com armas mais poderosas, por brandura, que por rigor conquista a cortesia do Capitaõ, de cuja liberalidade, & nobreza estava bem informada, & satisfeyta; & fiando de huma donzella a sua, & de hum rustico melleageyro o segredo do que queria, lhe mandou huma carta que vinha a comprehender as razoes que se seguem.

Se o valor, & grandeza de vosso animo vence a cobiça, & crueldade de inimigo confiada estou que o não queyrais ser de huma dama illustre, cujo dote, pellos successos de guerra poz na vossa mão a ventura; & pois o ganho de me despojerdes delle he taõ pequeno, que nem basta para agasalhardes bem os vossos soldados. Perdoai antes a estas fracas Aldeas com brandura, avendo que ganhais com ella o coraçãõ de huma mulher nobre, que em quanto viver vos ficará cativa (tropheo differe te do que se pòde esperar de hum rustico alojamento) & pois de quem sois, & da fama que vos abona, & engrandece se não espera que queyrais perseguir a huma dama rendida a vosso nome; daime liberdade, para que em a de meus vassallos, para quem a peço, vos offereça os mantimentos, que ha nesse pobre lenhorio, que entãõ será mais vosso, quando eu o possuir, com o favor, & merce, que de vós espero, &c.

O Capitaõ, que além do valeroso animo que tinha, sabia conhecer o muyto que em semelhantes lanços se ganhava, lendo a carta se alegrou por estremo, como quem achara occasiãõ de se mostrar gentilhomem a taõ illustre, & discreta senhora, & traçando primeyro o como melhor poderia responder com efeyto a seus rogos: mandando vestir o rustico, que trouxe a carta, & fazendolhe o gasalhado, & tratamento, que por quem o mandava lhe era devido, sem respeytar a incommodidade

modidade do que para os seus não tinha, respondeo em maneyra semelhante.

Ainda as armas me não derão mayor gloria, que esta ventura: porque tenho por tão grande a de vos servir, que estimára em menos dominar hum grande Senhorio da terra, que ficar agora por guarda, & defensor das vossas, as quaes tomo tanto a minha conta, que não somente lhe tirarey a oppressão dos Soldados, que lhe causárão receyo, mas farey, que nenhuns outros lhe possaõ fazer offença. Perdey Senhora o cuydado della, & crede, que saberey estimar o vosso dote mais que a propria vida. E se à custa della quizerdes conquistar bens da fortuna, que igualem o preço das graças, que vos deu a natureza, elle será mais copioso, & eu não ficarey menos satisfeyto. Por as mercès que me offereceis vos beyjo as mãos, porém nellas as renunçio; porque mais quero parecer a estes companheyros contrario vencido, que amigo obrigado.

Não se satisfez o Capitão com responder tanto a gosto daquella Dama, mas ordenou juntamente, que quando tivesse a carta, lhe chegassem as novas do que por a sua fazia; & para isto escreveo a hum Capitão, que alli perto se alojara, do qual tendo licença, se foy para elle com os seus Soldados, aos quaes com regallos, ventagens, favores, & cortezias, hia satisfazendo a falta do alojamento, que deyxarão. Soube isto a Dama, cujo nome era Florisa, & vencida do primor da obra, & das palavras da carta do Lusitano, o começou a amar por informações, que cada hora lhe trazia a sua fama; que estas costumavão a ser mais favorecidas, que as da preferença. Esta desejava ella de ver estrãhaméte, porém a difficuldade de contrario, lhe fazia impossivel. Acometeo por vezes, fazerlhe presentes, a que elle nunca deu lugar, antes naquelles que libertàra, havia poucas pessoas, que não experimentassem favores, & boas obras do Capitão, todo o tempo, que durou a visinhança do seu alojamento. Passado o inverno tornarão a continuar as guerras daquella fronteyra muyto mais intrincadas, & perigosas, que as que havião precedido; & como nellas o Capitão buscava sempre as occasioens de mayor risco, porque o seu esforço o punha sobre o animo dos mais guerreyros, na defensão de

hum posto, que lhe quiz ganhar o inimigo, ficou elle muyto mal ferido, porem o contrario desbarado, & com muytos Soldados menos. Chegou a fama do successo à agradecida Senhora, que o sentio por extremo: & desejosa de fazer algum, com que manifestasse a pena que tinha de seu damno, determinou [com salvo conduto] passar ao campo contrario ao visitar; & havida licença, sem levar consigo mais que duas criadas, atravessou em hum coche o arrayal. Sendo disto avisado o Capitão, prevenio os seus Soldados, para com belicas alegrias, receberem, & festejarem a sua chegada. E mandando entrar algumas companhias de guarda, lha fizerão a ella com grinaldas de fogo sobre os morriões, & com bombas em os piques, que parece que ardião até a empunhadura da manopla, & outros foguetes, & invenções de palavras muyto aprasiveis. Sahio ella do coche à porta da tenda do Capitão, vestida de huma téla verde, semeada de borboletas de ouro, que lhe estava muyto bem: porque dava graça à neve do seu rosto, que com a afronta daquelle atrevimento, se enchera de rosas encarnadas; os olhos tão alegres, que parece, que se vinhão rindo das Estrellas, como os cabellos o poderaõ fazer do Sol, se elle já não estivera escondido de pura enveja. Sobre elles trazia huma rede de prata, cujos laços se rematavão com perolas à maneyra de camarinhas, & da parte esquerda tres plumas altas, huma branca, & duas encarnadas, prezas a hum camafeo; sobre os penfamentos das orelhas, rosas de flores perfiladas de ouro, & pendurado em cada hũa hum Cupido, q̄ quebrava o arco sobre hum diamante: no pescoço huma volta pequena com pontas de aljofares muyto miudos, & huma gargantilha de huns passarinhos de ouro, com os peytos de esmeraldas. As criadas vestião de setim amarello gualde com guarnição de prata. O Portuguez, posto que não quizera mostrar descuydo no que convinha para se entender, que no ornamento militar, & cortezão, da sua pessoa, & tenda não faltava, como estava ferido, & incapaz de se valer das gallas, converteo tudo em davelhão rico, armação custosa, & trofeos de armas, que fazião a tenda muyto agradável, & authorizada. Dalli com muyto acatamento, & inclinação, & com os olhos cheyos

cheyos de alvoroço festejou a boa chegada da fermosa, & discreta Florisa, que com as palavras accrescentou infinitas graças à sua fermosura. Durou a visita grande espaço, com mil finezas, & extremos de cortezia. E posto que o Capitão com as feridas estava desfigurado, representava no brio, & modo de seu parecer a gentileza de sua pessoa, sem a desculpa, que huns olhos affeyçoados offerecem com a parte offendida. A Dama se lhe rendeo de maneyra, que o mostrava na vista, empregando na sua muytas vezes os olhos, & por não ter mais tempo suspensos os que esperavão ver o successo da visita, lhe deu fim com nova graça, & voltando por onde viera, achou a mesma guarnição, & ordem nos Soldados, que quando entrara. Logo entre elles, & os mais do Exercito, se praticou a causa daquelle excessso, & novo extremo de cortezia, havendo que a que o Capitão tinha com ella usado o merecia. Porém não fez termo aqui o seu desejo, que depois de ausente, mandando por muytas vezes a visitallo na convalescença das feridas com que o vira, já de todo livre dellas, lhe escreveu Florisa, dizendo, que pois o vira em tal estado, & nelle lhe parecera tambem a sua gentileza, que lhe pedia hum retrato seu, tirado no tempo em que elle fora mais gentil-homem, & se contentara mais de suas partes. Elle, que em nada perdia o cuidado de se mostrar cortez, se mandou retratar no estado em que recebera sua visita; & neste lhe mandou o retrato, escrevendolhe, que só quando merecera a ventura de a ver, se tivera por galhardo, & gentil-homem, & que não sómente naquella occasião, mas em todas as mais, que se lhe representasse aquelle bem, seria de si contente, & satisfeyto. E tambem procurou logo ter da mesma Senhora outro retrato, no mesmo traje, com que o viera visitar, tirado por o natural com muyto arteficio, sem ella ter noticia desta diligencia, e não depois que era manifesto, que o Capitão o tinha na sua tenda muy venerado. E sobre hum, & outro, se tratavão de recados com muytas gentilezas, & cortezias, com a fama das quaes se accrescentou tanto a fermosura, & discrição de Florisa, que dalli adiante era mais conhecida, & requestada, affim dos nobres do Exercito, como dos Senhores Comarcãos, com

que as suas terras a visinhavaõ. Sobre todos os mais entrou nesta affeyção hum gentil Soldado filho do Conde de Hieme, Fidalgo de cujo estorço, brio, & gentileza havia no campo geralmente muyta satisfação; & em muytos Soldados nobres, não menor enveja. Este se determinou, que na primeyra occasião, que houvesse de assalto, havia de fazer mais do possível, por se encontrar, & provar as armas com o Hespanhol, a que Florisa mostrava tão declarada affeyção. Porém como esta escolha havia de ser da sorte, & não da sua vontade. Succedeo, que a primeyra occasião, que houve de poderem vir às armas, foy sobre o contrario querer ganhar hum posto para se entrincheyrar nelle, & fazer sombra a huma mina secreta, que para seus intentos ordenava. Foy revelado este ao General, & com hum dissimulado aperecebimento, tomou às mãos os inimigos, entre os quaes cativou o gentil Soldado, que se desejava assinalar naquella fronteyra, escurecendo a fama do Lusitano, a que envejava. Elle, que já sabia daquella pertençaõ, fez muyta diligencia para que ficasse depositado em seu poder, o que alcançou facilmente. E tratando-o logo com termos de excessiva brandura, & affabilidade, o tinha mais como hospede mimoso, que como prezo vencido. De sorte, que enleado elle, lhe perguntou a causa, porque lhe fazia tantas mercès, podendo-o tratar como seu escravo, & ao menos do mesmo modo, que o costumão fazer os Capitaens aos mais vencidos? Eu (lhe disse o Portuguez) vos trato como a companheyro, por saber, fóra da obrigação de Marte, que nas de Cupido servimos ambos a hum Senhor; & sey, que ainda nesta igualdade me tendes muyta ventagem, porque alcançais na presença o premio de vossos extremos, & eu ausente faço só emprego de meus desejos; & por esta via me pudera obrigar a enveja à mã tenção, que em vós já fez o ciume. Porém, como da Senhora Florisa não pertendo mais, que ser ella amada, & servida como merece: & sey de vossa calidade, & valor, que sois digno fugeyto de sua fermosura, como a cousa já sua, vos quizantes offerecer a casa, que o campo: nesta estareis servido, não como mereceis, & eu desejo, mas à medida das incommodidades da milicia, de que já tendes experiencia. Não sómente
espantado,

espantado, mas corrido ficou o illustre mancebo, do bom termo, & gentileza do Capitão; & pondo os olhos nelle com o animo mais affeyçoado, que o com que partira do arrayal, lhe disse: Tão alcançado estou do meu engenho, quam vencido, & obrigado de vossa cortezia; & já Senhor não desejarey a liberdade desta prizão, mais que para ser mais vosso, quando for meu; & agora vejo quam bem adivinhava o meu receyo, em me fazer, que temesse a vossa competencia, só por o que a vossa fama lhe descobria, mas agora pelo que sey de presença, não só confessarey o muyto que ella acredita, mas que deve ainda muyto mais ao vosso valor, & delle ferey eu a mais fiel testemunha ante a Senhora Florisa. Eu Senhor Soldado (respondeo elle) no serviço dessa Senhora, não pertendo mais, que conhecendo-a por tal, não faltar a seu credito, honra, & satisfação, & conhecer ella de mim, junto com esta verdade, que não sou ingrato à mercè que me faz. E muyto melhor satisfação a esta obrigação, em lhe gavar o muyto que vos deve, & quam acertada será a tua eleyção, escolhendovos por Esposo, que em me mostrar competidor com vossos pensamentos. Com este presuppuesto podeis usar da minha vontade, & companhia, sem receyo, nem ciume. E se vós tiverdes confiança, & ella me der licença, que eu seja terceyro de se effeytuar esta pertença, daqui prometto de fazer extremos por facilitar brevemente o meyo de vossa liberdade. O Soldado cada hora mais vencido, & devedor a tão bom procedimento, se lhe lançava aos pés, sem saber cousa, que respondesse neste mesmo intento. Tratou logo de sua soltura, a qual se fez brevemente com todos os mais, que naquella occasião ficãrão presos, trocando-se por outros Hespanhoes, que tambem havia no campo contrario. Por elle, & em seu favor escreveo a fermosa, & agradecida Florisa, & com esta fineza de nova cortezia, dobrou sua affeyção, & vendo, que elle era o que lhe havia escolhido tal Esposo, o aceytou por esse, ficando ambos unidos em aquella fiel amizade do cortez Lusitano, que sempre conservaraõ; posto que nos limites de contrarios, a respeyto de seu Rey, que estes são os poderes da cortezia, que não só vence, & obriga os mais barbaros animos do mundo, mas faz

concordia, & firme liança em coraçõens tão inimigos.

Excellentemente me pareceo a historia (disse o Doutor,) & ainda mais, porque nos dá motivo para huma questãõ, que pode fazer esta noyte mais agradavel, se a estes Senhores parecer tambem o meu voto, com a historia do Senhor Alberto. A isto responderão todos, que o querião seguir, & obedecer, & juntamente gavarão com muyta satisfação aquelle exemplo de cortezia, & pedindo ao Doutor, que continuasse o que queria dizer elle o fez em a maneyra seguinte. Pois são tão grandes os interesses da cortezia, & com exemplos, & razoens tão approvado entre os bem nascidos o emprego della, pareciame a proposito esta pergunta, & he, com qual de duas cousas se obriga, & grangea mais o animo dos homens, se com a liberalidade, ou com a cortezia; os effeytos, que cada huma dellas faz

Qual obriga mais, se a liberalidade, se a cortezia.

Que cousa seja liberalidade.

para este fim? Bem pareceo aos amigos a questãõ, & depois que a approvarão acodio o Prior. Pouca duvida me parece, que pôde haver em apartar estas virtudes; porque a meu parecer, a cortezia he somente hum effeyto da liberalidade; & assim fica correndo melhor a pergunta de outro modo. Qual obriga mais os animos agradecidos, se o liberal da fazenda, se o que o he na cortezia? Porque a liberalidade he hum habito do animo, que o nomea dar aos benemeritos, o que está na mão do liberal, ou pedindo-lho outrem, ou offerecendo-o elle; & isto pôde ser dinheyro, cortezia, honra, lugar, & outras cousas muytas. Boa he essa razão (respondeo elle) porẽm com os vossos mefmos livros hey de sustentar a minha, que conforme diffine Santo Agostinho, liberal he o que dá sem obrigação de ley, nem de promessa; & sem esperança de satisfação do que deu. E Santo Thomás diz, que a liberalidade he huma virtude, que sabe dispende as riquezas em bom uso. E Aristoteles de todo declara esta questãõ, dizendo, que he virtude, que com o dinheyro, & fazenda se mostra benefica aos homens, & deste modo não pôde a cortezia ser effeyto da liberalidade, que ha muytos Cortezãos pouco liberaes, & alguns liberaes pouco Cortezãos.

Supposto,

Supposto que me atrevo a muyto (disse Feliciano) hey de dar entre as vossas minha razão, com a de alguns Authores, que chamarão à liberalidade, humanidade; porque verdadeyramente as obras de cada huma parecem muyto iguaes, se ellas o não são: porque acodir ao pobre, dar ao benemerito, ser affavel, brando, & piedoso, he humanidade, & os mesmos effeytos para o liberal. E se a humanidade he a mesma cousa, que a liberalidade, esta he a cortezia. E não o comprova menos o que escreve Aristoteles, quando diz, que a liberalidade pelo affeyto se chama benignidade, & pelo effeyto, beneficencia; & vem a ser ambas huma mesma virtude. Isto não (tornou o Prior) mas diz Santo Agostinho, que são companheyras, liberalidade, & clemencia. E por esta authoridade sua, fundado nas mais razoens, q me ajudavão, tinha a opinião, que o

Como ha de dar o liberal. Doutor não consente. Os exemplos (tornou elle) nos mostrarão o ergano, & a differença descobrirá a verdade. Primeyramente, o liberal, posto que o seja com a limitação, que os Authores escrevem, q he dar ao necessitado, & benemerito o que ha de mister, sem que haja de sentir em si falta do mesmo, que deu; todavia fica sem a fazenda, ou dinheyro, que tem dado, & em o que recebe fica viva a obrigação, & a divida do que recebeo; & o cortez, nem fica sem a honra que deu, nem o a quem honrou a fica devendo, sendo digno da mesma cortezia, & mostrando-se a ella agradecido. Pela mesma maneyra, tambem a humanidade, nem he cortezia, nem liberalidade, porque às vezes consiste em perdoar, & não já em dar, & em compadecer-se de males alheyos, sem fazer nelles despeza alguma; & em outros actos semelhantes, & deste modo me parece, que está bastantemente mostrada a differença, para tratarmos agora da que faz o cortez ao liberal em vencer, & obrigar os animos agradecidos. Parece (disse Leonardo,) que da verdade da differença está dito o que basta, para que já o Senhor Dom Julio tome à sua conta, dizer, qual faz mais amavel serviço, respeytado, & famoso a hum Cortezão, se o fazer cortezia, se o dispender riquezas; & quem de cada huma destas cousas tem tanto exercicio, não lhe ha de faltar experiencia para tratar del-

las com muytas ventagens. As que me dais (tornou elle) quizerá eu acreditar, & merecer; nesta materia me vinha melhor ouvir para aprender, que fallar para me escutarem; mas aindaque fique corrido, quero ser obediente. E tratando primeyro do liberal, me parece, que o póde ser de duas maneyras, ou liberal por condição, & natureza, ou por prudencia, & entendimento, que he o que costuma a encher os vazios, & supprir as faltas della. O liberal por natureza poucas vezes guarda a regra da vossa diffinição: porque não sabe negar, nem tratar de escolher, & mais consiste o acto da sua virtude no que lhe pede, que nelle, que ha de conceder. Estes liberaes (disse Solino) são perigosos, & antes lhe chamàra prodigos: porque às vezes entornão o que havião de dar, empregando-o em fugeytos depravados. Com tudo isto (respondeo Pindaro) não faltou hum Author grave, que disse, que o liberal não he obrigado a essa escolha, antes que fazer mercès a muytos, aindaque indignos, he obrigarllos a que as mereção. Tambem (replicou elle) querereis dizer, que não será prodigo, dando o que ha de mister. Ao menos (tornou Pindaro) não direy, que deyxou de ser liberal; & Pomponio diz, que he proprio do liberal não olhar, nem respeytar a si mesmo, senão aos que ha de acodir. Pois a esse (disse Solino) almagrayo por ladrao, ou por mentiroso, porque o que dà mais do que póde, sem respeytar o que a si se deve, he nec sario que furte a outrem para o poder fazer, & o que promete, ou concede mais do que tem, he forçado mentir a quem promete. De sorte, que com estes dous vicios mal pódem caber a virtude. Eu (respondeo Dom Julio) darey à vossa duvida satisfação, repugnando hum pouco à minha natureza por acodir à doutrina, & verdade dos Esritores, que pelo meu voto, para dar a quem o merece, se póde roubar a quem sem merecimentos o possue. E tornando ao meu ponto, o liberal por natureza, quer fazer bem a todos, & não negar a nenhum dos que lhe pedem, mas temperado com a prudencia a condição, dà segundo o que tem; escolhe primeyro os que merecem, & o tempo, & occasioens, em que aproveyte o que dà. O que he liberal por entendimento, muytas vezes faz mercancia da liberalidade; &

assim,

Assim, posto que com ella obriga mais, lhe devem menos, porque se muytas vezes a emprega nos que merecem quasi todas busca os que haõ de ser publicos pregoeyros do que deu. Donde nasce, que ha muytos Senhores, que aos benemeritos faltão com as mercès, pelas empregarem em o chocarreyro, que as publique, no espadachim, que as encareça, no sarfate que as mostre, no estrangeyro, que as passe de hum para outro Reyno, & às vezes na Dama que as asfoalhe. O primeyro se faz amavel a todos. O segundo famolo a muytos, porèm hum obriga melhores animos, & adquire mais certos amigos, que o outro; hum compra coraçõens, o outro enganos; porèm ambos com a liberalidade prendem a vontade dos homens. O que se vio na sua miseria favorecido, poem facilmente a vida por quem lhe deu a fazenda, aonde ouve fallar nelle, o acredita: aonde vè ir contra sua honra, o defende: na sua presença se humilha: ouvindo o teu nome, se alegra, & servindo-o, se deleyta, & satisfaz. Para isto me não pareceo fraco conselho o que hum Author deu em culpa a hum Principe nosso; porèm serve nos liberaes por entendimento, & que não tem riquezas demaziadas para o poderem ser. E a culpa he, que dera a muytos, & que a nenhum dera muyto; & se isto no Rey foy vicio, a mim me parece, que nos Senhores de menor dignidade he acertada cautella: porque basta, que hum tenha recebido huma obra boa, para se obrigar a dizer bem de quem lha fez, & com muytas empenhando a muytos, terá a todos por devedores, & pregoeyros de sua largueza; tirando os de tão mã natureza, que com apeçonha da lingua corrompem o bem, que lhe fizerão, que para estes, nem bastaõ os bens de Cresso, nem a condiçãõ de Alexandre. E deyxando exemplos antigos, & modernos, com que posso provar o muyto que pôde a liberalidade para atar, vencer, & adquirir animos agradecidos; com tudo me parece, que tem muytas ventagens o cortez ao liberal, & a razãõ he, que a gente, que se obriga do socorro do interesse he de muyto menor condiçãõ, que a que se cativa da cortezia; & quanto he mayor ganho sera esta amavel, que a outra aceyto, tanto vence a cortezia à liberalidade para o effeyto que dizemos. O pobre, o humilde, o necessitado,

effitado, o perseguido, o homisiado, o vagabundo, & o taful
 estimaõ mais vezes a fazenda, que lhe dais, que a cortezia, que
 lhe fazeis; porque o seu ponto não he de honra, senão de in-
 teresse. Mas o honrado, o nobre, o Cavalleyro, o Cortezaõ, o
 brioso, o discreto, & o rico; antes quer que o honreis, que
 não que o enriqueçais. Os grandes com cortezias roubaõ os co-
 rações dos menores, quando com mayor liberalidade
 dellas os favorecem; porq̃ o animo generoso, posto
 q̃ sente muyto a estreyteza propria, mais lhe custa o
 desprezo alheyo, por não perder a opiniaõ q̃ de si tẽ, a
 conta do com que lhe faltou a fortuna. Contaõ, que
 hum Principe Hespanhol tinha hum criado seu, a
 quem queria muyto, & de cuja fidelidade confiava
 mais, conhecendo-o por verdadeyro, fiel, honrado,
 & brioso; & encarecendolhe o Principe a confiança, que del-
 le tinha, lhe perguntou: N. porque preço me fareis huma
 trayçaõ? Ao que elle respondeo: A vòs Senhor, por nenhum
 preço, mas por hum desprezo muyto me receãra de mim mes-
 mo. De outro ouvi contar, que honrando com favor em publi-
 co a hum creado seu, a quem não pagava bem os ordenados
 de seu serviço, & outras dividas caseyras, querendo depois o
 mesino Senhor fazer a conta destas obrigaçoens, lhe respon-
 deo o creado: Vòs Senhor, me devieis o com que cuydastes, q̃
 me pagaveis, & agora vos devo eu, dar desme o que me não
 promettestes, & o que eu tinha em mayor estimaçaõ: porisso fa-
 zey livro novo, riscando as lembranças passadas, que só as pre-
 sentes o serãõ na minha memoria, na qual conheço, que vos
 devo muyto. De maneyra, que o que he nobre, ou tem partes
 que o sejaõ, mais abraça a cortezia, que o proveyto. E cer-
 to, que atè aos Senhores vãos, & ambiciosos de serem endeosa-
 dos, està melhor esta liberalidade, que outra alguma: porque
 he grangearia, não só para ser amado, mas para ser buscado,
 & servido: porque sendo amavel por ella a todos, cada hum o
 acompanha, o grangea, o louva, o acredita, & deseja de lhe
 dar quanto tem; porque só tal homem lhe parece digno de ter
 tudo. Tambem declaro, que o cortez ha de ter a eleyçaõ do
 liberal, para não levarem todos por a mesma medida,
 mas

mas distribuir conforme a razaõ os effeytos do dom, que lhe deu a natureza. E tem tal força de obrigar a cortezia, que não lómente a faz ao que a recebe, senão ainda aos que a vem fazer, por satisfação, por imitação, por enveja, & por outros caminhos. Huma Infante neste Reyno, tinha huma criada, de não muyta calidade, porém de tantas partes, gentileza, & distincção, que a antepunha a muytas, que a servião com melhor forodo que esta tinha, que era moça da Camara, desejando a Senhora grangearlhe a ventura, & graça dos Cortezãos, húa vez, que vio a sua casa acompanhada delles, mandou em publico, que lhe chamassem aquella criada, nomeando-a, & que lhe trouxesse papel, & escrivantina. Como isto era officio, que pertencia às Damas, veyo a moça, & esteve parada com o que trazia, esperando que o viesse tomar da sua mão, quem tinha cargo de o offerecer à Infante, a qual tornando-a a chamar, lhe disse, em maneyra que todos ouvirão: Chegay, que ainda que o officio seja d'outrem, não podeis ter por estranho o q̄ merecis, & em quanto a moça elleve de joelhos, & a Senhora escrevendo, lhe fallava com o rosto cheyo de alegria, dizendo-lhe entre outras cousas: O intento, q̄ nisto tenho, posto que logo o não saybais, daqui a pouco o vireis a saber. Foy assim, que vendo os Cortezãos o caso, que a Infante della fazia, hum de muyta calidade a pedio para sua Esposa, & se casou com ella, movendo-se de ver aquella cortezia, para o que hum copioso dote o não obrigara. Estremadamente provastes a vossa (disse o Doutor.) E me parece certo, que esta he a verdade, que se ha de ter nesta materia de cortezia; porque não pôde a vileza do interesse igualar-se com a nobreza, & a ingnanimidade da honra. Galante cousa he (arguo Solino) quererdes vós temperar todas as panellas, & fallar sempre à vontade do Senhor Dom Julio, o qual nesta occasião acodio por si, para nos culpar a nós: porém elle, & vós, me dareis licença, para que tire à luz huns embargos, que tenho a essa resolução, em os quaes entendo provar, que só a liberalidade no dispender faz amaveis aos liberaes, & aos devedores cativos. E se dizeis, que não são estes os nobres, ouvi aos Poetas, que subiraõ mais a corda, dizendo, que dadas venciaõ homens, & obrigavão

Dees:

Deoses: & o rifaõ diz, que quebraõ pedras. Boa cousa he cortezia, mas nenhuma comparação tem com a liberalidade. Fallaisme em quem dà o seu para soccorrer a outrem, no que vos soccorre ao aperto, à falta, à occasião, & à necessidade, que cousa poz aos homens entre as Estrellas, senão o saberem dar? Que só isto leva apos si os homens, as feras, os animaes, & as aves. O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros pelos outeyros, & coruchéos da Cidade de Epheso, porque sustentara à sua custa as mesmas aves. E vòs quereis, que o outro, que não lança agua a pintos, só com hum inclinação do bico, hum mesura rebatida, & humas palavras doces leve as lampas a hum liberal. E além disto, como pôde ser, que obrigue, & ganhe mais o que emprega menos? E que vença o cortez com hum barretada, o que merece hum liberal com obra tão custosa, como he dispender fazenda? Alexandre, Tito, Fabio, Flaminio, Tullio, Hostilio, & outros semelhantes, não deyxarão assombrado o mundo com sua grandeza, & vencido o tempo com sua fama por cortezes, senão por liberaes: porque a cortezia não satisfaz mais que a vaidade, & a largueza acode ao principal da vida; & de mim confesso como povo, que antes quero hum descortez liberal, que hum Cortezão miseravel; porq̃ estes camaleoens da cortezia, q̃ se sustentaõ com os ares della não são tão firmes como cuydais, nem às vezes fallaõ de fartos, & pôde ser, que não engeytarão os complimentos de contado, & que renunciaraõ facilmente os da urbanidade cortezã. Não falta na companhia (disse Leonardo) quem queyra defenfender a vossa parte, & a do liberal: porém hum duvida renho, *De* que effes, que de mayor liberalidade fizeram extremos no mundo, todos erão prodigos como Alexandre, Tito, & outros semelhantes. Na Dignidade Real (disse Dom Julio) cabem todas as grandezas, sem a limitação com que tratamos desta virtude; que Alexandre dava Cidades, & talentos, sem que estes lhe pudessem fazer falta, o q̃ nos menores tem muyta differença: porque o modo nelles sustenta a virtude, para que (como diz S. Jeronymo) com a muyta liberalidade não pereça a liberalidade; & nos Reys, & Monarcas a tenção acredita a obra; se he feyta de arrogancia, de misericordia,

cordia, & benignidade: porque o liberal sempre acha desculpa para haver de fazer mercès como Alexandre: que a Perilo se desculpa, conformando-se com quem era para não culpar a demasia do que lhe dava. E a Xinocrates, que lhe diz, que não lhe são necessarios os cincoenta talentos, que lhe manda, responde, que se tem amigos, que para elles os ha de mister, pois a elle não bastarão as riquezas de Dario, para os que tinha. E pelo contrario Antigono, a quem Diogenes pedia hũ talento, se escusou, dizendo, que pedia muyto para Filosofo; & pedindolhe hum dinheyro, disse, que era pouco para dar hum Rey. De maneyra, que o que o aváro busca para negar, acha o generoso para fazer mercès, que conforme ao que diz Marco Tullio, são os grilhoens da liberdade dos homens.

E porque he tarde me day por desobrigado destes. Com isto se levantãõ todos, & Pindaro, & Feliciano o fizerão aflãs descontentes, com a magoa dos seus conceytos mal logrados, que quando depois de escolhidos não vem a lume, deyxãõ o entendimento arrependido, a memoria queyxosa, & a vontade offendida.

*Mercès
grilhoens
da liber-
dade de
quem as
recebe.*

DIALOGO XIV.

Da criação da Corte.

Porque todas as cousas de novo na primeyra vista contentão mais, & com mayor razão, a quem vive na Aldea, em a qual a continuaçãõ das que se offerecem de ordinario deleytaõ pouco, quando não enfastiem muyto. Estavaõ os amigos taõ affeyçoados ao Irmão do Prior, pela sua arte, & bom modo de fallar, & proceder, que vierãõ ao dia seguinte muyto alvoroçados ao buscar nas horas costumadas, offerecendo-lhe cada hum por seu caminho aquelle desejo, a que elle por todos se sabia mostrar muyto obrigado. Depois de darem fim aos cumprimentos, que levãõ sempre a vanguarda nestas batalhas, lhes disse Pindaro: Posto que o natural de cada hum, he a principal parte que o favorece para em todos os exercicios

fe

se melhorar na communicacão dos outros homens, nenhuma escolla me parece melhor para os bem nascidos, que a milicia. E ainda q̃ me não ensinasse a experiencia esta verdade, claramente a conheço no exemplo de muytos Soldados, com que me achei em occasioens; & sobre todos do Senhor Alberto, que parece hum exemplar, & espelho, em que se póde ver hum perfeyto homem de guerra, & de Corte, pelo que de ambas colheo, aperfeyçoando a doutrina dellas com a clareza de seu engenho, & a disposiçãõ, & ventagem de seu entendimento. Eu delejo merecer (respondeo elle) a boa opiniaõ com que me honrais diante destes Senhores, & logo a pago mal com a defacreditar tanto à vista delles; pelo que me era necessario acodir a essa falta com novas desculpas, dizendo, que ha olhos, que de argueyros se pagaõ; & que mais favorece hum engano, que muytas verdades; porque bastava no vosso ter ventura para a alcançar em taõ honrada conversaçãõ. Porém devo attribuir aos louvores da milicia os de que me fazeis mercè, & delles como Soldado, tirarey a minha parte, ainda que tendes tantas, que quando o seiais nesta competencia, terãõ as letras muyta ventagem às armas. Não são de pouca estima os cumprimentos (acodio Leonardo) se continuar com estes principios o discurso, que se póde fazer sobre a differença da criaçãõ da Corte, da Milicia, & das Universidades, que são os tres exercicios nobres, em q̃ os homẽs se occupaõ apuraõ, & engrãdecem, & nelles se póde gastar a noyte com muyta satisfacão dos presẽtes; pois assim póde cada hũ saber muytas cousas das que convem ao particular de sua profissãõ. Entendo (disse Dom Julio,) que escolhestes bem, & que vos cabe o primeyro lugar para tratar da Corte. Ao Senhor Alberto o segundo para dizer da Milicia. Ao Doutor Livio o terceyro para fallar das Universidades. E se eu neste voto parecer atrevido, confiança me deu a liberdade da nossa conversaçãõ, & o costume dos mais. Todos approvãõ a escolha de Leonardo, & a repartiçãõ de Dom Julio, porém Solino não ficou taõ satisfeyto, que se callasse, antes disse para Dom Julio: vòs por vos foyardes do trabalho, fintaes os outros, & posto que não se póde ir contra eleyçãõ taõ acertada, se o ensino da Corte

se houver de pintar pela tempera velha, & tratar fômente do canto chão de seus estylos, & gentilezas, ninguém darà melhor conta d'illo, que o Senhor Leonardo, porque se achou no Paço, ainda em tempo, que erão os Troyanos, & violuzir o que agora està cheyo de ferrugem. Mas se houver de fallar ao moderno, em que he tudo d'ontra freguezia, receyo, que lhe fique muyto por dizer. O mesmo receyo tenho eu (tornou Leonardo) porèm não são os males, & bens da Corte tão pouco antigos, como vos parece, que já no meu tempo havia os mesmos queyxumes d'agora; porèm ha tanto que dizer della, que de necessidade hão de passar muytos pela malha, a quem vive ha muytos annos neste desvio, & que no remanlo do descuydo da vida afogou todas as lembranças della, & assim ouvera o Senhor Dom Julio de passar esta obrigação a outrem, que dê melhor conta della. Não faço eu as minhas tão erradas (respondeo elle,) que vos desobrigue. A isto ajudarão todos os presentes, & Leonardo começou desta maneyra.

Quatro maneyras de exercicios ha na Corte, que para todas as cousas civis fazem hum homem politico, cortez, & agradavel aos outros. A primeyra he o trato dos Principes, & a comunicação das pessoas, que andão junto a elles; nesta consiste o principal do a que chamamos Corte, que he conhecimento daquelle Supremo Tribunal da terra do Rey, ou Principe, a quem pertence mandar, como a todos os inferiores obedecer na conformidade das leys, porque se governaõ. Traz isto o estado, & serviço do mesmo Rey, & dos seus, a obediencia, a cortezia, a inclinação, a mesura, a discrição no fallar, a policia no vestir, o estylo no escrever, a confiança no apparecer, a vigilancia no servir, a gentileza, & bisarria, que para os lugares publicos se requiere. O trato do Principe no Paço, na mesa, no Conselho, na caça, nos caminhos, & occasiões, como se grangeão os validos, se visitão os Grandes, & como se hão de haver os Cortezãos para communicar a huns, & outros. O segundo exercicio he o decoro, & veneração com que se servem as Damas, & deste se alcança todo o bom procedimento, & perfeição cortezãa, que pôde desejar o homem bem nascido, porque sobreleva muyto de ponto do serviço real,

real, & com muytas ventagens faz a hum Cortezaõ discreto, cortez advertido, gallante, ayroso, bem trajado, extremado na cortezia, no dito, na graça, no mote, na historia, & na gallantaria: Este o faz ser bom ginete nas Praças, bem visto nas fallas, bem ouvido nos sarãos, & bem acreditado nos ajuntamentos. E como o serviço das Damas he o mais apurado exame para se conhecerem sujeytos honrados, ellas guardaõ, & authorizaõ os homens, & do seu voto toma a fama informaçoes para os fazer grandes no opiniaõ de todos. O terceyro exercicio he a cõmunicaçaõ dos estrãgeyros, porq̃ como os q̃ assistem nas Cortes, ou taõ homens de muyto sangue, & calidade, ou de muyta prudencia, & valor, ou de muyta confiança, & riqueza, sempre delles se colhe huma doutrina muytaventajada para o Cortezaõ; que he, saber as gentilezas d'outras Cortes, as leys d'outros Reynos, a belleza, & serviço d'outras Damas, o estylo d'outros Reys, & finalmente os costumes, & institutos d'outras gentes. Esta variedade deleyta, & enriquece o entendimento, & a memoria do que he bem nascido. O quarto exercicio, he o sofrimento, & diligencia dos pertendentes, que para tirarem fruto de leus serviços, acçoens, & requerimentos, se a colhem ao amparo dos grandes, ao favor dos Ministros, à companhia dos criados, & se sujeytaõ a todos os encontros, & avisos, que padece quem pede, sustentados no doce engano de huma esperãça, q̃ lhes sahe muytas vezes mentirosa. Sobre estas quatro maneyras de exercicio de Corte, poderrey discorrer o que baste, para vos enfadar este serãõ, se o Doutor, como costuma, interpuzer a authoridade de suas letras, na falta de minha sufficiencia, & Solino com addiçoens de sua graça a der a minhas advertencias. Essa humildade (tornou elle) como he demasiada argue soberba, quando a respeyto do Doutor não seja adulaçaõ. Vós podeis fallar às duas mãos, como em jogo de bola, & buscais padrinho? & com tudo isso, se eu vir azas por onde pegue, direy meu dito. Assim o faremos todos (disse o Doutor,) & com isto profeguiu Leonardo. A pesloa Real he a cabeça da Republica, como escreve Plutarco, & nenhuma cousa na terra ha sobre ella mais, que a ley, a que deve obedecer, & ella fica sendo ley para todos os inferiores

res para a imitação dos costumes, & virtudes que no Príncipe estão mais certas, que em outra pessoa particular; de maneyra, que fica sendo huma lição viva, & continua para os que assistem em sua Corte na riligião, na observancia das leys, na excellencia das virtudes, na reformação dos costumes, na moderação das payxões, na justiça, na clemencia, na liberalidade, na modestia, na magnanimidade, & na constancia. E tanto he melhor a doutrina do seu exemplo, quanto de mais alto lugar insina a todos. E posto que houve, & ha muytos Reys (a que convem mais o nome de tyranos) a que sua depravada natureza desvia destas condições reays, que juntamente com a coroa, & cetro se lhe communicão: pela mayor parte os Reys se fugeytaõ mais à ley, & à razaõ, que os que obrigados de forçoso poder, não podem evitar o castigo de seus erros. E ainda o mesmo nome, & superioridade do Rey, lhes poem em certo modo, condição de serem os mais perfeytos entre os homens, para os regerem, & mandarem, que para o primeyro se requiere muyta prudencia, & para o segundo grande authoridade. Os Reys por eleyção (disse o Doutor) dessa maneyra o começaraõ a ser no mundo, & pela excellencia de suas pessoas alcançavaõ o titulo, que agora compete aos Reys por nascimento. Os Persas não podião eleger Rey, que não fosse muy douto na arte Magica, como escreve Tullio no 1. de Divinatione. Os Medos escolhião por Rey (como conta Strabo liv. 11.) o que aos outros excedia em forças naturaes. Os Catheos, povo da India (como escreve Diodoro lib. 17.) não sobião à Dignidade Real, senão o que em gentileza, & fermosura de corpo excedesse aos mais; & a mesma eleyção fazião os de Me-roe: como escreve Pomponio Mela. Os de Libia davão o titulo de Rey ao que na velocidade do correr deyxasse atraz a todos. E como conta Herodoto, os Gorios tinham por digno do mando, & titulo de Rey, o que fosse mais grosso, & com-prido, & tivesse o pescoço mais levantado; deduzindo da grandeza do corpo a excellencia do animo, que para exercitar tão grande nome lhe era necessario; de modo, que todos estes, & outros povos entendiaõ, que o ser Rey, convinha ao

N

homem

homem mais excellente, naquella parte, que elles julgavão por melhor de todas, segundo a opiniaõ em que vivião. Elles (respondeo Leonardo) imitavão a natureza na superioridade, que deu aos animaes por forças, velocidade, & ligeireza. Porém entre os que são governados por razaõ, & policia, parece que era devido o nome de Rey, ao que no entendimento fizesse ventagem aos outros homens. E assim Platão chamou bem-aventurada a Republica, onde os Filozofos reynassem, & os Principes filosofassem. E Seneca disse, que era idade de ouro, a em que os Sabios reynavão. E Vegecio no primeyro livro da milicia escreve, que nenhuma coula convem mais ao Rey, q̃ a sabedoria: pelo q̃ Salamão não pedio a Deos outra couza para reynar. He verdade (disse o Doutor) porém os Reys, q̃ succede nos Reynos por herança, não pôdem ser iguaes no entendimẽto, & prudencia; mas com a dos que por elles governão, vem a alcançar esta perfeçãõ; donde nasceo o proverbio antigo de Atheneo, que o Rey tem muytos olhos, & muytas orelhas, pois ouve, & vê pelos Ministros, que governão o seu Estado: & como diz Tullio, se he real couza mandar, não o he menos escolher doutos, & famosos varoens por quem se governem; & ainda os Reys que foraõ mais sabios (ou por este respeyto tidos por elles) procurarão ter consigo os mais afamados homens de seu tempo, de cujo conselho se valessem. Anthioco mostrou a Annibal, quanto se prezava de favorecer os Sabios em sua Corte. E Theodosio o Magno dizia, que o Rey quando comia, caminhava, governava, & se retirava, se não havia de achar sem homens sabios: o q̃ também Lampridio etereve de Marco Aurelio. E deste conhecimento nasceo a Dionysio, mandar a Libia a buscar o Filozofa Platão; & os Reys de Egypto mandarem por seus Embaxadores buscar ao Poeta Menandro. Por esta razão Frontino Filozofa, foy tão grande pessoa na Corte do Emperador Antonino. E Dion Soffista na de Trajano. Euripides na de Archelão Rey de Macedonia, & outros muytos, q̃ não bastará esta a noyte, para os cortar. E assim como entendes mostrados, sempre a Pessoa Real he huma Obrigação viva, que por si, & seus Sabios, & Ministros está ensinando a todos os inferiores. Além do que o mesmo

Dignida- mesmo Rey por necessidade, & quasi por força, ha
de Real. de ser nos costumes mais puro, que todos os seus,
 por viver mais registradamente que elles, constrã-
 gido de sua mesma Dignidade, o que mostra bem Xenofonte
 na disputa de Hieron Tyranno, com Symonides, sobre a diffe-
 rença da vida Regia, & particular; & tambem as mesmas
 leys os obrigão mais a elles, que aos particulares. Os Reys do
 Egypto [como conta Diodoro Siculo] por ley, não podiaõ
 beber, mais que huma certa medida muy limitada, de que
 não passavaõ: porq̃ cõ algum excessõ não fizessem desordens. Os
 Athenienses (segundo affirma Alexandre, de Alexandro lib. 3.)
 tinhaõ ley, que condemnava a morte o Rey, que com o de-
 maisido vinho se alienasse. Os Indios, de que escreve Athe-
 neo, cujo Rey davaõ em guarda a certo numero
 de donzellas: ordenaraõ, que se alguma daquellas
Castigo o achasse com o vinho demasiado fora de seu juizo,
nos Reys & o mataste, esta fosse desposada com o successor, a
daõ por quem vinha o Reyno. Os Macinenses, como o seu
os vassal- Rey fazia algum erro no governo, não lhe davaõ de
los. comer aquelle dia. Os Persas faziaõ ao seu Rey es-
 tar escondido no interior das casas; para nem ver mulheres,
 nem ser muyto tratado dos homens, como conta Herodoto lib.
 3. De maneyra, que por razaõ, ley, & força, os Principes são
 mais observantes das leys Divinas, & humanas, mais sobrios,
 temperados, recolhidos, & honestos. Além de que sendo menos
 vistos, são mais respeitados, como ensina Aristoteles no li-
 vro do mundo, em que conta do Rey da Persia, que estava en-
 cerrado em hum Castello com tres muros, & que se não mos-
 trava, senão a poucos de seus amigos, como tambem dá a en-
 tender a Escriptura, fallando da prerogativa dos sete Sabios
 de Persia, que viaõ ao seu Rey, & que cada dia tinhaõ novas
 de todo o seu Imperio. Deyxados (disse Leonardo) esses ex-
 emplos tão antigos, & costumes tão louvaveis, & excellentes
 da gentildade; os Principes por criaçãõ, & natureza, são mais
 benignos, liberaes, magnanimos, justos, animosos, & verda-
 deyros. que os outros homens, & dotados pela mayor parte
 daquellas virtudes, a que por excellencia chamamos Reaes. E

como he proprio dos homens de bom nascimento, & inclinação aspirarem às cousas mais altas, & desejarem ventagem, & melhora dos outros: tendo diante de si, & no alto da vista hum espelho tão claro, como he o seu Principe, a ella se estáo vestindo, & enteytando dellas: primeyro, & melhor; que os que o vem de mais perto, & depois os que por communicação destes participão da mesma doutrina.

Ao Rey por assistencia, lhe ficão mais perto os favorecidos, & Officiaes de sua Casa, que os grandes, & titulares. Porém estes como primeyros por dignidade, se preferem a todos. Destes se aprende o lugar, que tem na Casa Real, nas Cortes, nas jornadas, na guerra, & em outras occasioens; a familia de que são, o appellido que tem: se os seus titulos são de juro, se de mercê; & os bens que tem de patrimonio, & da Coroa. Logo o que toca aos officios mayores do Rey, em que occasioens não faltaão, & nas em que precedem huns aos outros; & assim os filamentos, & moradias do Mordomo mór; as entradas do Porteyro mór: os pertos do Camareyro mór; as praças, provimentos, & penas do Monteyro mór; as aves, & Ministros do Caçador mór; as Capitancias do Guarda mór; os portos, & jaezes do Estribeyro mór: os privilegios do Almotace mór: as vias do Correyo mór; & os particulares dos mais officios da Corte; assim os Ecclesiasticos, de Capellaão mór, & Elmoler, & Deão; os da guerra, como Condestable, Alferes mór, Almirante, Marichal, & Meyrinho mór. Não era fóra de proposito (aeodio Dom Julio) tratar mais miudamente de cada hũ desses cargos, & das obrigaçoens, & origem delles, & de outros menores, que agora com diferentes nomes se accrescentarão no serviço Real de Hespanha. A esse desejo (tornou elle) satisfarey eu em outra noyte, que agora, nem da obrigação, que tomey, me atrevo a lahir com minha honra. Com essa promessa (replicou D. Julio) eu fico contente, & vós podeis ir adiante. Faço-o (disse Leonardo) por me desobrigar mais depressa. E fallando dos privados, & favorecidos do Principe, tambem são dos Mestres principaes, que ensinaão a viver os particulares; assim no adquirir a graça do Senhor, como em a sustentar, usar della, avaliála, & encarecella aos Cortezãos, por-
que.

q̃ assim como a privança he vidrêta, & perigosa, assim os meyo
porq̃ se cõserva saõ muyto sutis, & delicados: & posto q̃ o eleger
privado està na vontade do Senhor, a diligencia faz nesta par-
te muytas vezes o officio da natureza, que se conforme a sen-
tença de hum fabio, a semelhança he raiz da affeyção, tam-
bem a diligencia he mãy da boa ventura. Os Reys he confa
muyto antiga, & certa, terem privados; & a Providencia Di-
vina o ordenou assim, para o remedio de muytos, & conserva-
ção, & alivio da Pessoa Real: quando elles saõ varoens de va-
lor, justiça, & bondade, como para este officio se requerem,
que d'outro modo seria cahir peçonha na fonte, de que bebe
todo o povo, como escreveo discretamente o nosso bom Portu-
guez Francisco de Sá de Miranda; a estes se inclina de or-
dinario, ou por semelhança de partes, ou satisfação dellas,
com huma natural simpatia, que concilia este amor. Se o Prin-
cipe he affeyçoado, & inclinado a armas, se a amores, se a gen-
tilezas, se a forças, se a caça, ou montaria, se a Musica, ou
Poesia, ou outras artes, & disciplinas, contentaõlhe os que tem
essas mesmas partes, ou se inclinaõ a ellas. E assim o que en-
tra nesta pertençaõ, que he dos que andaõ mais perto do ser-
viço do Principe, o primeyro que estuda he a sua na-
tureza, inclinaçãõ, & costume, para se ajustar, ou visinhar
com o seu gosto, & se fingir aquelle, que lhe convem ser para
o contentar; porque os homens, atè a seus proprios defeytos
saõ affeyçoados, mayormente os Principes, a quem chega mais
tarde o defengano dellès; & atè nestes o imita o q̃ sabe grãgear,
& adquirir a sua vontade: como ouvi contar de hum favore-
cido de Felipe Rey de Macedonia, que se fingia coxo de
huma perna, porque El Rey o era de outra; outro se finge
curto da vista, outro indisposto, & outro se faz palido, & def-
córado, achando que o Rey tem os mesmos accidentes; no an-
dar, no fallar, no olhar, no vestir, & em todas as acçoens o
imita, aprende a arte, o jogo, o exercicio em que o Rey se
occupa, para q̃ sendo nelle extremado seja muytas vezes esco-
lhido, & faça degrãos à pertençaõ: entristece-lhe sua, & se alegra,
segundo vê ao mesmo Rey, a que grangea: & ainda passaõ
adiante como a Carisopho, privado de Dionysio, que estando o

Rey em conversação com alguns da Corte, & movendo-se entre elles grande rizo, o favorecido, que estava apartado delles, se começou a rir muy desentoadamente; & perguntando-lhe Dionysio de que se ria? Respondeo, que porque imaginava que as cousas de que o via rir seriaõ de gosto. Se entende, que no jogo, o Principe se alegra com ganhar, deyxá-le perder; se estima ser gavadado busca rodeos, para que lem parecer de proposito trate de seus louvores. E de hum ouvi eu contar, que as mesmas historias, que ao Principe ouvia das cousas de seu gosto, & das gentilezas, & estorço de sua mocidade, lhas tornava dahi a tempos a referir, dizendo, que as ouvira de outras pessoas, encarecendo-as, acrescentando-as, & pondo de casa o que movesse a mais gosto, & vangloria ao mesmo Principe. Não faltar na continuação da sua presença (como Aristipo Cyreneo, que nem à necessaria deyxava ir a Dionysio sem o acompanhar; & quando com estas, & outras diligencias alcança a graça do Rey he outro novo, & mayor trabalho sustenta, que he o cuydado com que todos os privados se delvelaõ; porque não comem com gosto, não bebem com quietação, não dormem com descanso, não vivem sem receyo. E entre outras advertencias, me parecem muyto principaes, & excellentes, as que aponta o Bispo de Mondonhedo no seu Aviso de privados: convem a saber, que o favorecido não descubra ao Principe tudo o que cuyda, que lhe não mostre tudo o que tem, que não tome tudo o que deseja, que não diga tudo o que sebe, que não faça tudo o q pôde, que não negoceie para si, nem para outrem fóra de tempo, & que em todos se incline, & favoreça à parte justa, para que com conhecida lem razão não arrisque o lugar de sua privança. Traz isto se seguem os ciumes de seus competidores, o cuydado de os apartar da vista, & da communição do Principe. E ainda os de que mais se recea, trabalhar de os ausentar da Corte com despachos, dadas, & mercès do mesmo Senhor, dourãdo có ellas a pirola de sua dissimulação. Para o que he notavel exemplo o de huma historia, que conta o Cardeal Navarro no seu Tratado de murmuração, de hum F. Francisco de Mendania seu natural, muyto acçyto ao Emperador Carlos V. ao qual Senhor, hum privado,

vado, que le receava de sua valia, persuadio com grandes louvores do Frade, que seria de muyta importancia nas Indias Occidentaes, para converter a gentilidade por sua admiravel doutrina, & bom modo de persuadir: & desta maneyra com capa de amigo, o fez prover com o Bispado de Nicaragua deterrando-o da vista, & lembrança do Emperador, & dahi a poucos meses da propria vida. Outro valido, que não teve este meyo para deytar da Corte hum Gentil-homem, que alcançava a graça do Rey, & q̄ nenhū cargo quiz aceytar fóra de sua vista, espreytando occasião de huma enfermidade sua se fallou com o Medico, que o curava, & fez, que o persuadissem, que viria muy pouco se assistisse naquelle lugar, aonde a Corte estava, por ser muyto contrario a seus achaques, & natureza. Elle vendo, que se atravessava a vida com a privança, procurou de proposito o que antes engeytara mil vezes, & se sahio da presença do Principe, deyxando ao privado livre de ciu- mes. Tambem importa muyto, que o favorecido depois de estar na graça do Senhor, se lhe não queyra igualar, ou adiantar por opiniaõ em alguma parte de que elle se preze, nem mostrar-se mais discreto, mais valente, mais bemquisto, mais ayroso, mais aceyto a Damas, & em outras partes semelhantes, que he cousa, que os Reys tofrem muyto mal. El Rey D. Joáo o II. & El Rey Dom Sebastião, não queriaõ, que em forças, & valor, se lhe igualasse nenhum Vassallo, como se collige de muytas historias suas, & El Rey D. Manoel no entendimento; o que tambem se prova daquella historia, referida de Antonio Peres, que lhe succedeo ao mesmo Rey com o Conde da Sortelha Dom Luis da Sylveyra, a quem mandou, que fizesse huma carta para o Papa, sobre certa materia de importancia, dizendo, que elle faria outra minuta, para de ambas escolherem a mais acertada. Succedeo, que trazendo o Conde a sua a El Rey, pareceo tambem, que não lhe quiz mostrar a que fizera, & affinou a do Conde; elle descontente deste successo, se foy a casa, & fez huma pratica a seus filhos, dizendo, que cada hum buscasse sua vida, porque já El Rey tinha entendido, que sabia mais que elle: assim que o mais alto lugar da privança se sustenta com os mayores extremos da humilda-

de, em respeyto do mesmo Senhor ; porèm para os de fóra lhe he necessaria huma ostentaçãõ , & ufania , que encareça mais seus poderes , & quebre os animos aos que podião ter com elle competencia , para se não atreverem a capitular seus erros, & a contrastar sua valia: & abreviando esta materia por ser muy larga, se aprende tambem dos Cortezãos; assim dos Ministros, como dos continuos da Corte , aos quaes pela communicaçãõ dos superiores, & exemplo do Principe, cõvem serem modestos, & briosos no comer , cortezes no tratar , discretos no fallar polidos no vestir , honrados no gastar , bem criados no conversar , & amaveis a todo o genero de pessoa ; & tem mais destas partes o que por criaçãõ da memince tomãrão este leyte, como são os filhos dos que no mesmo serviço gastãrão a vida. Esta he a primeyra escolla, em que os homens aprendem, o que pertence à profissãõ de homem de Corte. O segundo exercicio, disse o Prior, me parece, que he o mesmo que tendes mostrado, advertindo mais algumas poucas cousas , que são particulares do serviço das Damas. O decoro, & primor com que ellas se tratão (respondeo Leonardo) neste Reyno ; principalmente as q̃ assistem no Paço, parece q̃ em certo modo querem conservar aquella preeminencia , que os Egepcios lhe derão, q̃ com o exemplo do bom governo de Isis reynavão as mulheres, porque em presença, & ausencia os Cortezãos as nomeão por Senhoras; se lhe descombrem, & ajoelhão com a Deosas; lhe fazem festas, jogos , justas, & torneos , como a Deidades; estão pendurados de seus favores, & repostas, como de oraculos, as acompanhão como a cousas sagradas, se vestem, ornão, & enfeytão pelas agradar, se desvelão pelas servir, se apurão para as merecer, no esforço, na gentileza, na gallantaria, no dito discreto, no escrito avifado, no mote gallante , na endecha subtil, no Soneto conceytuoso ; por ellas se enlayaõ para o farão , no dançar, no fallar, no acompanhar, no offerecer : por ellas se aprestão as occasioens, de jornadas , de criados , libres, galas , & ginetes: por ellas continuão o passeyo à vista das janellas , atravessão as Salas à sua conta , & rodeão o Terreyro do Paço mil vezes por seu gosto: por ellas se offerecem a todo o perigo: porque qual he, que hum servidõr de Damas não ache facil por

amor

amor dellas? Que palavras diz? Que extremos recea? Que esquivaças não sofre? Que riquezas estima? Que chimeras não finge. Que occasioens não busca? Vela de noyte, não descança de dia, não le entristece com a pena, não desconfia com o defengano, não faz conta de aggravos, nem estima desprezos, não cura de vingança, & em fim tudo he veneração, & humildade, com que engrandece. E desta escolla de seu serviço (como no principio disse) sahem os homens tão apurados no que convem à honra, primor, & discrição, que se não pôde esperar delles villania em nenhuma cousa. E porque falta a Portugal ha tantos annos esta criação; tem tão pouca muytos filhos dos illustres do Reyno, que livres deste aprafivel, & honrado Senhorio ficaraõ no de sua vontade. E posto que a minha era dilatar mais esta materia, nem pela idade, nem pela confiança tenho licença. Essa vos deraõ todos facilmente (disse entaõ o Irmão do Prior,) & eu de melhor vontade a procurara, para com as Damas honrar, & engrandecer as armas: contentome porẽm, que vos hey de ter presente para as duvidas, & perguntas, que se me podem offerecer. Em tudo (respondeo elle) estais vós tão aventajado, que mais podeis mover duvidas para me envergonhar, que para saberdes alguma cousa de novo; & assim de corrido, & corrida me

O que se alcança da communicação dos estrangeyros.

passo ao terceyro exercicio da communicação dos estrangeyros, da qual se não alcança menos doutrina, que de todos os exercicios cortezaõs. Quatro generos de gente estranha costuma a assistir nas Cortes dos Principes. A primeyra, Reys, Principes, & Senhores, & homisiados, que por alguma occasião vem a acolher-se a seu amparo, ou diversa fortuna, ficaõ debayxo de seu Senhorio. O segundo, saõ Embayxadores com os nobres, & Ministros que os acompanhaõ. O terceyro, Gentis-homens, que vem a saber a grandeza dos Reynos estranhos. O quarto, Mercadores, que por razão do commercio, & correspondencia vem a assentar nas Praças principaes do mundo, que saõ as mais das vezes, aonde os Reys assistem. E todas estas quatro condiçoens da gente, saõ de muyta importancia para se colher dellas muyto fruto. Primeyramente,

meiramente, he facil de julgar varia noticia de costumes, & condiçoens de gentes, & dos ricos, & leys de Provincias, que os Cortezãos Portuguezes alcançaraõ com a vinda de tantos Reys, & Principes Estrangeyros; assim como Catholicos à Corte deste Reyno, quantos Reys, & Senhores de Berberia, de Ethiopia, & de outras partes de Africa, da India, de Maculo, & de Japam; & de outras remotas partes do mundo: & que cousa apurou mais a Corte del Rey Dom Joaõ o I. que a vinda a ella do Duque de Alencastre, Irmaõ del Rey Richarte de Inglaterra, a cujo respeyto houveraõ os doze Portuguezes em Londres aquella celebre vitoria em favor das Damas? Pois os mais homiziados, & queyxosos, que se amparaõ à sombra do Principe, pela mayor parte saõ homens de valor, sangue, & esforço. Os Embayxadores, do que delles temos dito se colige, o de quanta importancia sejaõ para dar exemplo. Os Gentis-homens, que por curiosidade vem a saber o estylo, & gentilezas de Cortes estranhas, esta mesma diligencia os acredita; & alèm disto he de presumir, que tenhaõ visto, ouvido, & sabido muyto de Reynos alheyos: de modo, que de huns, & de outros, se colhe grande doutrina para a conversação civil, & perfeycão do homem bem nascido, porque cada hum conta da Corte, traje, modo, & estylo do seu Reyno, a maneyra de reger, governar, julgar, tratar, & peleyjar de sua nação: delles se aprendem as excellencias particulares, & os defeytos das Provincias, & de que as suas gentes sao mais notadas. Como a gentileza de França, a furia de Inglaterra, a fortaleza de Alemanha, o fizo de Lombardia, as cautellas de Toscana, a fidelidade de Milaõ, a presumpção de Esclavonia, a conta, & trato de Genova, a destreza de Bretanha, a caridade de Borgonha, a continencia de Picardia, a justiça de Veneza, a magnanimidade de Roma. E logo a crueldade de Ungria, a infidelidade de Turquia, a lisonja de Grecia, as zombarias de Piamonte, a luxuria de Catalunha, & a golordice de Berberia. Pois dos Mercadores se naõ colhe tambem pequeno fruto, porque deyxado o que pertence à conta, pezo, medida, correspondencia, confiança, verdade, & razaõ, se alcança

cança do commercio das Provincias o que falta em muytas partes, & as em que ha todas as cousas, que por via dos Mercadores se communicão, & os portos, caminhos, & escalas de todo

O de que são abundantes diversas Provincias.

do o mundo: por elles se conhecem as pedras finas, drogas, roupas, & materiaes de medicinas da India Oriental; as perolas, aljofar, porcelanas, & alcatifas da China, o ouro de Sofala, como no Occidente de Dalmacia, & Germania, & na França o celebrado de Tolosa: a prata da nova Hespanha, & de Saxonia, & de Sardinia, o metal de Corintho, & Chipre: o estanho, cobre, & arame de Flandres, & Inglaterra; o ferro, aço, & chumbo de Cantabria, & Silicia: o marfim da India, Brasil, & Ethiopia: as lãas de Bretanha, Calabria, Calcedonia, & França: o algodão, cheyros, & mirrha de Arabia, Panchaya, & Affiria: as télas, & sedas de Persia: o alabastro de Napoles: as martas; & arminhos de Polonia, & Moscovia: o papel, & vidros de Veneza: o açúcar da Iddia, Brasil, & Ilhas de Portugal: coral da India, & de Marcelha: couramas, madeyras, vinhos, & trigo das Ilhas do Oceano, que pertencem à conquista dos Portuguezes, & muytas outras cousas, que querer agora contar fora infinito, & por o não parecer neste discurso, tratarey brevemente do quarto exerci-

Dos per-tendentes da Corte.

cio dos perdentes da Corte, materia muy larga, que pedia mais tempo, & muyto importante a todos, porque do seu cuydado, diligencia, & sofrimento se póde colher huma lição universal para todo o estado, & condição de pessoas, pois não ha nenhuma a que não seja necessario desvelar-se, negociar, & sofrer, para effeyto de dar alcance ao que deseja. E como neste tempo os homens estão já desenganados de quam pouco valem merecimentos, (que por elles o não serem) vierão a chamar valia às adherencias; & lhes tem mostrado a experiencia, a verdade daquelle rifaõ, que cada hum dança, segundo os amigos, que tem na sala, & que só poem em pé os serviços, quem os arrima a boa parede, por mais arrastados, que andassem na opinião da gente. Já nenhum pretendente discreto faz tanto cabedal delles, como de Ministros, que o oução, criados que o admittaõ,

admittaõ, amigos que o lembrem, ricos que o abonem, terceyros, que o cheguem, & peytas que o despachem. Para o que o avisado depois de fazer o final da Cruz à sua pertençaõ, primeyro sabe os que valem com o Principe, depois disto os que tem lugar, & entrada com os privados: Logo conhecer os criados mais mimosos, em sabendo a Sala do valido, tomalla de empreytada, ser continuo no passeio della, aonde a todos a primeyra cortezia, & a mais humilde, seja a sua, o rizo sempre na boca, os offerecimentos na lingua, os olhos ló no seu intento, dar o melhor lugar a todos, porque acaso não falte a algum que póde ser em seu favor, não se aparte da vista do que grangea, faça-se contradicção, onde o veja, na Igreja tomar o lugar da porta, na Sala a sahida, no acompanhamento o dianteyro para parar, onde fique tomando os olhos do privado, para que assim, ou com a continuação mereça, ou com a importunação o despache: Use do traje limpo, mas não custoso, o comer leve, mas concertado, porque arguem moderação com gravidade: O fallar sempre à vontade do Ministro, dizendo os amens a todas as suas oraçoens, mostrar-se ao favor humilde, à reprehensão agradavel, à esperança contente, ao desengano confiado: Fallar a todos no seu negocio, porque muytas vezes acerta hum, de que elle não esperava, abrir caminho a seu despacho: Saber dos que tiverão os outros, & valer da queyxa dos mal galardoados, para que antepondolhe os seus merecimentos, approve a justiça, & favor que lhe fizerão. E no que toca à moderação das payxoens naturaes, ninguem as traz mais registradas, que pertendente, porque dos cinco sentidos, & tres potencias usa desta maneyra, vê tudo, & olha pouco, vigia, porque como dizem, a quem vela tudo se lhe revela, mas com olhos no que procura dissimula o que vê, ouve, & não escuta; & assim as más repostas dos Ministros cançados, ou insolentes não o escandalizaõ, antes lhes mostra alegria, fazendo do escandalo materia de agradecimento; cheyra de longe o q̃ recea, & dissimula, fingindo confiança no que merece: Apalpa, & tenta todos os meynos de seu remedio, & finge-se ignorante a tudo o que lhe releva; poem o gosto no de quem o favorece, para não fazer mais que o que lhe contente:

tente : A memoria occupa-a em relatar seus serviços, & obrigaçoens fingidas, por ver se assim as póde ter verdadeyras; esquece-se do entendimento para não sentir, & para tambem com elle obedecer, porque no que pertende he muytas vezes prudencia, fingir ignorancia, acomodar a vontade com a sua em hú voluntario, & forçoso cativeyro, & daqui nasce, que os q̃ pertendem vivem em pobreza, porque não pôdem ser proprio em quanto dependem de favores alheyos; em obediencia, porque a tem com tanta sujeyção, que se o Senhor deseja parecer criado, ao criado quer parecer escravo, & ao amigo, & parente servidor, fazendo-se com todos os ventos para o contentar, em castidade, porque a sua inquietação, & cuydado não dão lugar aos de amor, que se crião em pensamentos ociosos, que além de o pertendente ser humilde, liberal, cortez, paciente, discreto, comedido, sobrio, advertido, casto, diligente, & temperado: A sua cortezia he mais apurada, a sua discrição mais advertida, a sua liberalidade mais prodiga, a sua offerta mais temida, a sua queyxa mais moderada, a sua paciencia mais humilde, o seu louvor mais encarecido, a sua vóz mais bayxa, a sua razão melhor encaminhada. Em fim he ordenado de todas as partes boas, de que se póde prezar o homem bem bem nascido, quando as tenha por natureza, & costume, como os pertendentes as fingem, & guardão por necessidade. Com isto me deveis haver por desobrigado do cargo, que me déstes; & posto que as horas, que tão passadas da noyte, culpaõ a minha tardança a materia a pedia, aindaque o desejo de não enfadar, me aconselhasse outra cousa. Tendes dito todas tão bem (respondeo elle) que a practica, & a noyte pareceo breve. Com isso vamos a descansar para na guerra da manhã entrarmos mais esforçados. Nessa me dou já por vencido (disse elle.) E eu por atalhado (acodio Roberto.) E todos se despedirão com os olhos naquella Corte pintada, que ainda com as sombras da verdadeyra enganava os sentidos.

DIALOGO XV.

Da criação na milicia.

Solino foy o primeyro, que a noyte do outro dia buscou aos amigos em casa de Dom Julio, & elle, & os hospedes lhe agradecerão muyto a diligencia. E o Prior (que lhe não era pouco affeyçoado) disse. Bem parece, que não fez a ida- defalta no vosso animo, aindaque as cans queyrão defaereditar as forças, pois sois o primeyro, que acudis à guerra. Como esta (respondeo elle) ha de ser em alojamento, primeyro apparecem as barbaeans, que os Soldados. Nellas (acodio Alberto) está o mais seguro presidio contra os perigos, & tendo eu hoje as vossas da minha parte temerey pouco as que tiver contra mim nesta occasião. Em muytas (replicou Solino) me releua mostrar, que sou vosso, por dar boa conta da razão, com que de mim faz alguma o Senhor Dom Julio, que como fabo melhor o que se vos deve, me terá por rustico, se não pagar com esta vassallagem o que mereceis. Nada haverá (disse Dom Julio, (que comigo vos defaeredite, mórmente para hum comprimento, segundo agora vos vi armado para elles. Pois se vay a fallar verdade (tornou elle) eu eu vos affirmo, que de nenhum inimigo desejo tanto fugir como de hum comprimento; porém ha alguns, que tomão a hum homem como em beco sem sahida, aonde o faz animoso a necessidade, & à minha acodistes vós agora com essa interlocutoria, que já minha copia verborum hia dando os fios. Se com esses me armais, a que vo-la gave (disse elle) estais enganado, que me importa poupar o cabedal para outra occasião. Bem sabeis vós (tornou elle,) que em nenhuma me quero gavado, antes praguejado, como adem: porque se he verdade (como diz Pindaro,) que tenho a graça na murmuração, como a cobra a peçonha no rabo; quando me poem o pé nelle, sey morder com mais subtileza, que na docura de hum comprimento abemolado, de que já a mercè anda taó estylada, & a puras sincopas, & sinalefas, que parece tizica, & não sey, se de o estar nas palavras,

Havras, o anda agora nas obras dos Senhores. Ruim agouro
 foy para huma, & outra couza (disse o Prior) e creverem-na
 sempre em breve, letra por parte, & certo, que nenhuma cou-
 za era tão necessario às mercês d'agora, como lo mantenhavos
 Deos do tempo antigo. Porém (se me não engano) ouço já
 os nossos aventureyros, que vem fallando alto. Eu tambem sou
 com elles (disse Solino,) & conheço a Pindaro no rizo, que
 sempre entra com chocalhada, como Picadeyro. A esta pratica
 atalhou a chegada delles, que com mais compridas descul-
 pas do que foy a tardança se assentaraó. E porque Solino ti-
 nha hum galeote vestido, que trouxera por razão do frio (lhe
 disse Pindaro.) Nem de Corte, nem de milicia vos vestistes ho-
 je, & não parece razão, que em actos tão solemnes venhais de
 caça a casa do Senhor Dom Julio. O melhor seria (respondeo
 Solino,) que me cortasses vós agora de vestir, pois não ten-
 des boa theloura, & já sabeis, que as ruins fazem a bo-
 ca torta aos Alfayates; porém já que vinheis de Corte para
 esta casa, aonde ha tanta, porque antes de ver o meu gabão,
 rieis tão alto delle? Vingado estais (acodio Feliciano,) & o
 certo he, que se faltardes à milicia, nunca vos faltará a mali-
 cia. Se nos mettermos por ella (disse Leonardo) não ficará
 tempo para que o Senhor Alberto satisfaza à obrigação de nos
 ensinar a boa criação, que se adquire com as armas. E se eu
 com as do vosso entendimento (tornou elle) não soccorrer
 minhas faltas, mal me irá nesta batalha; porém como as mais
 das instrucçoens da policia militar, dependem, ou se parecem
 com as da Corte, do que destas dissestes tão doutamente, me
 aproveytarey agora, pondo sómente de meu cabedal a differen-
 ça. E assim me parece, que a criação da milicia leva a todas
 as outras grandes ventagens, por quatro fundamen-
 tos; que cada hum delles apura mais aos homens
 bem nascidos, que o trato da Corte, & o exercicio
 das elcollas. O primeyro he, que a honra he a fon-
 te de todo o bom ensino, policia, procedimento,
 & valor. E esta que mais nasce, se cria, & conserva na
 guerra, que em nenhuma outra parte: & assim o Reys, que
 são o primeyro lugar donde aprendem os seus inferiores, &
 delles

delles passa a doutrina a todo o vulgo, primeyro os fez a milicia, que os tivessem as Cortes; & o primeyro que houve no mundo, que foy Nembrot na guerra tomou o nome, & affentou com elle o seu Imperio em Affiria, & de entaõ todos os que por fio de geraçãõ não succederão, as armas lhes derão titulo, Coroa, Sceptró, & Senhorio; & depois delles o tiverão pelo mesmo modo os Potentados, Duques, Marquezes, Condes, Baroens, & ricos homens, que nas conquistas, instituiçoens, ou restauraçõens de Reynos fizeraõ obras heroicas, & delles passáraõ a leus descendentes os appellidos, armas, insignias, & Senhorios, terras, vassallos, jurisdicçoens, liberdades, honras, & rendas, que engrandecem a nobreza. O segundo fundamento he, o rigor com que na milicia se conserva a ley da policia, bom termo, primor, & procedimento, porque se commettem muytas vezes às armas as faltas, & emendas, que a estas tocaõ, & aonde o erro he tão arrilcado, he a vigilancia, & advertencia muyto pontual: & por este respeyto andaõ os Soldados tão vistos nas miudezas, & particulares da cortezia, que nenhum ponto perdem, nem deyxão perder. O terceyro he, a continuaçãõ do sofrimento, & paciencia militar, que em tudo se adianta com grande differença a pertendentes, criados Ministros, no que he com mayor risco da vida, hora seja marchando, hora navegando, hora em alojamento, hora em companhia, pelas incommodidades de sitios, gazalhados, & mantimentos, & pelas continuas vigalias, que fazem. Por ley o repouso tão limitado, como o póde fazer por curiosidade o mais estudioso. O quarto fundamento he, a variedade das terras, & Provincias, que vê, as diversas nasçoens, & gentes com q̃ trata, que he a criaçãõ mais importante para o homem bem nascido, & que na Corte, ou nas escollas se não póde adquirir tão facilmente. E para que ao menos, imitando a ordem do Senhor Leonardo de alguma a minhas razões, discursarey com mayor brevidade, que satisfaçãõ, sobre estes quatro fundamentos, fazendo o principal de minha confiança no favor, que delle, & de todos estes Senhores espero. Até o tomar da graça (acodio Solino) ambos levastes hum mesmo vento, senão quanto o Senhor Leonardo metteo mais traquetes,

tes, & cevadeyras, & se isto ate o fim for em arremedados, pôde fer, que entre eu na musica antes de muytos dias. De boa vontade (disse o Doutor) vos pallarey eu o de amanhã. Não o hey de pedir (respondeo elle) por Alvará de renunciação, que será difficultoso o consentimento destes Senhores, buscarey lugar vago; & porque me entaley neste em roim tempo, o quero deyxar ao Senhor Alberto. Pareceilme nelle tão bem (tornou elle,) que já me esquecia de o cobrar; porém já que me dáis licença. O primeyro fundamento he a honra, que se

A honra se apura entre as armas. apura, & sustenta mais na guerra, que na Corte, & nas escollas: Este me parece, que se provava melhor com huma sentença, que diz, que a boa fama he o patrimonio na milicia: porque a honra, o fer, o preço, & a riqueza de hum Soldado não consiste no appellido de sua familia, na herança de seus

Avós, na riqueza, & morgado de seu Pay, nem outros juro, nem tenças, & rendas de que tenha esperança, senão na opinião em que está tido entre os amigos, & contrarios, segundo seu valor, & merecimentos. E se he certo, que a verdadeyra honra não consiste nas estatuas dos antigos, nem nos pavезes, & escudos, em que se conserva a memoria dos principios da nobreza, senão na virtude, valor, magnanimidade, & esforço proprio. Só o Soldado he filho de suas obras, & se pôde chamar honrado por si mesmo, sem por roubo, emprestino, ou herança se chamar nobre; porque os que de nascimento o são, & pelas armas o merecem fer, a si honraõ, a seus passados melhoraõ, & a seus descendentes obrigaõ. E os que de principios humildes chegaraõ por seu braço a merecer titulos, grandezas, & Senhorios, daõ felice principio a sua familia, & tambem a Reynos, Potentados, & Casas, que os ficaõ em seus successores eternizando, como por maravilhosos exemplos dos antigos conhecemos: & por experiencia dos modernos se vê cada dia. Ptolomeo de Soldado de huma companhia do Exercito de Alexandre, veyo por seu valor a ser Rey do Egypto. Dario, & Artaxerxes por esforço, & merecimentos propios, sendo de mais humilde nascimento, alcançaraõ o Sceptro, & Coroa Real dos Persas. Valentiniano, & Justino Emperadores

peradores de Roma, nascendo rústicos, & Pastores, por o braço vierão a merecer aquelle supremo titulo da grandeza humana. Viriato, & Tamorlaõ, de Pastores, Caçadores, & Soldados, vierão a ser, hum Emperador dos Scithias, o outro Governador, & General dos Lusitanos: & outros mais modernos como foy Primislao Rey de Bohemia, Francisco Esforcia Duque de Milaõ, & outros muytos, & na milicia presente de Flandres, França, Alemanha, & Inglaterra; na de Asia, & na do Oriente, & da nova Hespanha, conheço eu por vista, & sey por nome, & fama de muytos Soldados, que sendo de escuro nascimento por sua extremada valentia, & esforço, se fizeraõ claros, & illustres, & como taes tem os cargos importantes, os lugares, honras, & ventagem da milicia. De maneyra, que pois a honra he huma Universidade, em que se aprendem todos os bons termos, procedimentos, & cortezias, & esta está fundada na milicia, aonde entre as armas nasce, com ellas se ganha, apura & sustenta, nella deve estar mais apurado o fructo de sua disciplina. O segundo fundamento he, o rigor com que os erros contra a policia se castigaõ na guerra, de que nasce a vigilancia, & cuydado, com que os Soldados se desvelaõ para andarem atontados, tẽ em miudezas, em que na Corte se descuydaõ os mais advertidos, por a differença que ha, cortando-se à espada o mato que cresce, ao que he pouco cultivado no bom ensino, & procedimento, de modo, que mais periga hum homem em huma descortezia às vezes, que em huma batalha. E assim o fallar composto, o responder brando, o perguntar com tento, o tratar do ausente, o defender ao amigo, & o fallar do contrario, cada cousa tem na guerra suas leys estabelecidas, em cuja execuçaõ se procede com todo o rigor, & dos particulares dellas nasceraõ os delatios, & duellos, taõ justamente reprovados da Republica Catholica, quanto na barbara opiniaõ antiga bem recebidos, como foy na dos Reys de Lombardia, que reduziraõ o Duelo a desoyto casos das leys; & o Emperador Federico a quatro: & Felipe Rey de França a tres: & Frotanio Rey de Dacia fez ley, que toda a contenda, que havia de ser em juizo, se averiguasse pelas armas. E como o descuydo, que o Soldado tem na cortezia, a

soltuta

foltura na palavra, a má correspondencia no procedimento, a liberdade com que falla do ausente, & do contrario; está fugeyta a dar satisfação por hum caminotão breve; qualquer Soldado pratico está mais advertido, que o melhor Cortezão no bom ensino, respeyto, & brandura com que ha de tratar aos homens. A verdade he (disse o Doutor,) que os Soldados conversão com toda a brandura, & bom termo, & já Plataõ disse, que o bom Soldado havia de ser como cão, para os domesticos, & conhecidos muyto fragueyro, & contra os amigos arriscado, & valente. Porém o Duelo he cousa muyto mais antiga, & que se não inventou para estas miudezas, que dizeis;

O Duelo combate, & batalha particular de corpo a corpo, *cousa muy* para provar alguma cousa duvidosa, da qual o que *antiga,* sahe vencedor, se entende, que provou o que queria; como o desafio de Menelao com Pariz, de Eneas *como se* com Diomedes, de Ajax com Heytor, os Duelos, *vê nos* de Lucio Scinio Dentato, que oyto vezes à vista *exemplos.* dos dous Exercitos sahio vencedor; o de Tito Manlio Torcato, o de Lucio Emilio, com o Capitaõ dos Samnitas; de Alexandre Magno com Poro Rey da India, o de Scanderbehec cõ Zaya, & Tambrà valerosos Persas, o de Roe Rey de Dacia cõ Hudingo Duque de Saxonia, & muytos dos nossos valerosos Lusitanos em muytas partes do mûdo; o de Alvaro Goncalves Coutinho o Magriço em Flâdes o de Alvaro Vasques de Almada Conde de Abranches em Frãça; o de Duarte Brãdaõ Cavalleyro da Garrothea em Inglaterra; o de Gonçalo Ribeyro em Castella; o de Dom Francisco de Almeyda em Granada, & muytos outros no Oriente, na Asia, & em Berberia. Não são esses (respondeo Alberto) os Duelos reprovados, de que agora tratey, que modernamente se usaõ, & se definem por diferente modo, & por todos com bastantissima causa se defendem: que os que fallais, assim como são batalhas singulares de corpo a corpo, se usavaõ de cento a cento, vinte avinte, dez a dez, & doze a doze, como foraõ os Portuguezes de Inglaterra. Duelo, segundo a diffinição moderna, he hum combate de dous homens, que desprezando as leys, querem averi-

guar por seu braço o que toca a sua honra, ou opiniaõ, movi-
 dos do interesse de a sustentarem, ou da vangloria, arrogan-
 cia, inimizade, ou vingança, & destes se usa na milicia a furto
 das leys, & Generaes, que com muyto rigor os castigaõ, pro-
 cedendo todos sobre miudezas, & pontos, as mais vezes im-
 pertinentes, introduzidos pela bizarria, & fanfarria soldades-
 ca pẽdendo do q̃ disse, callou, passou, respondeo, olhou, se gavou
 ficou melhor nas palavras, se alguma era escura, & ficou mal
 entendida? Sobre perguntas, declaraçoens, satisfaçoens, &
 repostas, & outras cousas, que por naõ merecerem ser trata-
 das, antes com razaõ reprehendidas deyxõ de dizer. Mas a
 conclusaõ para o meu intento he, que na milicia andaõ as leys
 da cortezia, & procedimentos, mais ajustadas com a razaõ,
 que em outra parte alguma, por meyo deste rigor, que faz aos
 que militaõ, levarem aos Cortezãos muytas ventagens. O ter-
 ceiro fundamento, he a paciencia, & sofrimento dos Solda-
 dos, que criados no trabalho, & incomodidade daquella vi-
 da, he o mayor de todos os estados, trazendo sempre como
 grilhoens o pezo das armas; que se o proverbio diz, que quem
 traz no dedo anel apertado, faz para si voluntaria p̃zaõ,
 quanto mayor o ferã o cossollete, o morriaõ, o pique, o mos-
 quete, & o arcabuz, traz isto trazer o sono registado, pelas
 leys do tambor, acodir ao feu quarto no melhot do repouso, &
 no mayor escura, & geada de inverno, paslear à sombra das
 nuvens carregadas de agoa, tem mais luz, que a dos relampa-
 gos, & mais lume, q̃ o de murraõ, & ter por cama a terra, que
 de ordinario serve aos Soldados, que se alojaõ no campo, ou
 na fronteyra dos inimigos. E se del Rey Dom Affonso Henri-
 ques, do Condestable Nuno Alvares Pereyra, do Conde Dom
 Pedro de Menezes, & de outros Generaes Portuguezes, lemos,
 que muytos annos inteyros dormiraõ as noytes sem despirem
 a malha, & couraças com que pelejavaõ de dia? Que col-
 choens, lhe podiaõ servir para taõ asperos lançoens, se naõ fos-
 sem as carretas da artelharia, o espigaõ do muro, & o reparo
 das trincheyras, & barbacans? Pois se a sobriedade, & tem-
 perança hẽ taõ gavada nos bons costumes, pelos muytos que
 della nascem: quem pôde ser mais temperado, & sobrio, que o
 Soldado,

Soldado, do qual tantas vezes a necessidade he cozinheyra, o escudo, ou cotiolete a mesa, o murriaõ o pucaro, & a fome a iguaria? E deyxando as famosas, que houve no mundo, de que os Authores escreverão, que todas couberão em sorte aos Soldados; qual se não ha de presumir, que aconteça, aonde ha muyta gente junta, da qual tudo se recea, & nada se fia? E se em alguma gente se conserva o costume dos mantimentos da primeyra idade, que craõ frutas das arvores, & legumes dos campos, só na da milicia acontece muytas vezes; não tratando ainda da guerra naval, que com mayores incomodidades, & perigos da vida, se exercita: nem nos cercos aonde mais vezes a necessidade da fome a poem em almoeda. Atraz destes extremos de loyramento, se segue a obediencia militar, que he o esteo, em que se sustenta o principal pezo da guerra: devida, & guardada pelo mais valeroso Soldado, ao menos, & mais humilde Official do Exercito, havendo nelle tantos, como são General do Exercito, Coroneis, Capitaens, Tenentes, Governadores, Mestres de Campo, Sargentos mores, Generaes de Infanteria, de Cavallaria, Capitaens de gente de armas, Capitaens de Cavallos ligeyros, Generaes, & Capitaens de artelharia; fóra os particulares, Alferes, Sargentos, Cabos de esquadra, & outros muytos Officiaes, não combatentes, como são, Provedor geral, Commissario geral, Furriel mór, Barrachel, The soureyros, Colateraes, Pagadores, Onvidores, & Meyrinhos, & outros muytos. E em o que toca ao governo de cada hum, nenhum Soldado desobedece. Na ordem, na estancia, no concerto, no acometer, retirar, assistir, reconhecer, vigiar, & em todos os mais actos militares; & ainda que se lhe atravesse diante o rosto da morte, o despreza, por acodir à obediencia de quem tem a seu cargo mandalo. E faltando esta sujeção, totalmente se destruirão os Exercitos, conforme aquella sentença, que o mayor inimigo que ha na guerra he a discordia entre os proprios Soldados; & assim se perdẽrão muytos Campos, & Armadas, por a inconveniencia dos Capitães, & a discordia, & desobediencia dos inferiores. De modo, que por ser esta experiencia tão approvada, vieraõ os Reys, & Generaes a castigar bons successos, quando fóra da obediencia, &

ordem militar se conseguiraõ ; engeytando aos vencedores a ventura, & castigando a ousadia , com que traspassáraõ a ley da milicia , como eu vi acontecer algumas vezes. Ha alêm desta , outra obediencia , naõ menos importante nos Soldados, que ha do segredo, que vence ao mayor , que se deve aos negocios civis , & Cortezãos : este se usa nos dezenhos, intentos , avisos, estratagemas, filladas, & atẽ em o dar o nome ordinario da vigia, que tudo se guarda com inviolavel observancia. Assim, que em tudo , o sofrimento, & obediencia do Soldado , muytas vezes alcança na guerra mais merecimentos, que o seu esforço. E todas estas leys , costumes , & sugeyçaõ , fazem a hum homem taõ apurado, polido, discreto , amavel, secreto , brando , & animoso , que deyxã atraz todos os que nos outros exercicios se adiantaõ. O quarto fundamento, he a communicacão dos estrangeyros , & a vista de diferentes terras, & Provincias, que o fazem sciente, pratico, & visto nos costumes, ritos, & Reynos estranhos; porque hum Exercito se compoem de gente de muytas nasçoens , que por soldo , irmandade , soccorro , pacto, ou visinhança, se ajudaõ huns aos outros; & assim Capitaens , como Soldados , cada hum por competencia naõ somente quer assinalar seu nome, & honrar a sua nasçaõ, mas engrandecer os costumes, gentilezas, traje , & gallas da sua patria , contando ainda as guerras, & emprezas de seus naturaes, as grandezas da sua Provincia , & outras miudezas que nem pela liçaõ escrita se pòdem comprehender taõ facilmente. Pois a vista, que he só a que de todo satisfaz o animo, & enriquece o entendimento , ninguem a tem mais varia, que o Soldado, ora seja navegando, ora marchando, ora em postos famosos, ora em presidios fóra da sua patria, aprendendo nas alheas todo o bom termo de proceder, de obrigar , grangear , servir, & ennobrecer, apurando a sua gentileza, & partes no serviço das Damas , sua liberalidade com ellas, & com os Soldados ; a policia no seu traje , & bizarria ; a discriçaõ na sua pratica , & todos os outros costumes , que à vista de tantas testemunhas exercita : conquistando honra com o esforço, amigos com o bom procedimento, servidores com a liberalidade , a affeyçaõ das damas com a gentileza,

tileza, fama entre os estranhos, nome com seus naturaes, merecimentos com o Rey: que quando sejaõ mal galardoados da ventura, não lhe pode esta tirar o seu verdadeyro preço, que he o louvor que à virtude se deve. Tambem não he para desprezar na discrição do soldado, antes muyto para engrandecer; a relação dos successos, & occasiões em que se achou, & contar as cousas delles com mais propriedade que os cortezaõs, & escriptores; pintando o campo em ordem, a cabeça do esquadrão, o rosto, as azas, os lados, & as costas delle, o lugar das insignias, & bandeiras, & dos instrumentos, artilharia, & bagagem, a guarnição dos mosqueteyros, as mangas dos arcabuzeyros, as companhias dos alabardeyros, archeyros, besteyros, escopeteyros, & piqueyros; dispondo nos combates cada huma destas cousas em razão, & termo militar. E igualmente no assalto, ou defensão, ou fortaleza; saber dos fortes, os bastiões, torres, muralhas, ameas, barbacãs, parapetos, corredores, bombardeyras, seteyras, torreões, baluartes, terraplenos, plataformas, trincheyras, praça de baluartes, respiradores, casamata, rebelins, vias secretas, porta mestra, porta falsa, ponte levadiça, cava, minas, fossos, reparos, contrafortes, contra minas, & contrareparos, & outros nomes, & serviço de cousas, em que só os experimentados nas armas, podem fallar propriamente; pelo que tenho o exercicio dellas por mais excellente para o homem bem nacido, que todos os outros. Vós (disse Solino) canonizastes hoje aos soldados, & engrandecestes sobre todas a vossa profissão. E taõ taõ boas as razões com que o fizestes que se assim foraõ os seus costumes delles, não vos podia ninguém contradizer, nem o eu fizera agora se tratareis do que todos vemos em vossa pessoa, mas pela differença de outras, com que eu tratey, correndo tantos laes, & estalagões, como João de espera em Deos, haveis-me de dar licença que mostre o aveço a essa pintura, & diga, que a milicia he hum homicidio commum, huma escola de todos os vicios, hum deposito de todos os vadios, & ociosos do mundo. E os soldados não são outra cousa, que soldados pagos, & armados em damno da Republica, roubadores de honras, ladroões de fazendas,

blasfemos, jogadores, insolentes, espadachins, matadores, rufiões, adulteros, sacrilegos, incestuosos, & perjuros, & cheos de todos os mais vícios, & maldades abominaveis, considerados na liberdade soldadesca, & em fugeytos tão perdidos, como o são os mais dos que se lanção por o caminho da milicia; de forte que se alguns saem tambem doutrinados como vós, os mais são tão differentes, que desmerecem vossos louvores Bem sey (respondeo Alberto) que não posso provar comigo o que tenho dito dos soldados, mas pudera alegar com outros, que me fazem grandes ventagens, & com ellas me desobrigaraõ se os tivera presentes, ou dos que aqui o estaõ foraõ conhecidos; & tambem he cousa clara que vos não faltaraõ muytos com que proveis o que dissestes; porém fallo dos soldados honrados, que são os termos em que se deve tratar do fruto da sua profissão. Pouca razaõ (acudio o Doutor) mostrou Solino no seu arguir, porque primeyramente a arte militar he muyto aprovada para a conservação da republica, & já Plataõ disse que era nella tão necessaria como a agricultura; & os erros dos viciosos, & depravados não podem desacreditar a profissão, nem tirar merecimento aos bem disciplinados, & generosos; que se houvermos de fazer essa consideração em todos os exercicios nenhum ha sem igual desconto, porque se no da Corte, em que fallou Leonardo tão discretamente, quizermos escolher os perdidos, acharemos, que são mais que os aproveytados: & o mesmo proverbio declara, que são a mayor parte, em quanto diz que a Corte he para privados, & para homens mal acostumados, & o mesmo, & peyor acontece nas escolas. De maneyra, que a boa criação da milicia, se deve entender sòmente nos bem criados, a quem a honra obriga a que se queyraõ aventajar do vulgo, & não em os que fazem della tão pouco cabedal que empregão o de seu animo, & saber, em cousas indignas de homens bem nascidos, ocupandoos em latrocinios, forças, traiçoës, maldades, enganos, & infamias. Não me peza (disse Solino) se não porque me gabaraõ de valente quando aqui cheguey para me não dar por vencido de duas razoës tão fracas como as vossas, & com tudo me hey de calar, tè vos co-

lher

Iher em hum duelo, em que eu escolha as armas, que vos não haõ de valer as de quantos bacharejs degolaraõ o mundo. Guardailhe (disse Dom Julio) esse animo vingativo para amanhã, & virà mais a tempo. Não já para mim (lhe tornou Solino) porque tem da sua parte muyto favor, não sómente o de Solino, pelo que lhe importa, mas de Pindaro, que tem estilada quinta essencia dos louvores eschclasticos, & não ha travessa, nem beco sem sahida nas letras, de que não possa fazer hum mapa muy copioso. E achais (tornou Dom Julio) que he mau isso para letrado? Antes terho por muyto bom (disse Solino) prazera a Deos, que virà elle a saber, ao que agora cheyra, & assim o espero: que posto que estes estudentes mancebos entornaõ às vezes tudo no caminho, elle foy sempre pelo mais acertado. Tambem a mim mo parece agora (acudio Alberto) acabar o meu discurso, na vossa differença: para o que peço a estes senhores, que me hajaõ por desobrigado de ir por diante. Se estivera em mim [respondeo Leonardo] o poder obrigarvos a dizer mais, como està o gosto, & desejo de vos ouvir não sey se vos deyxara despedir taõ depressa, porèm deve ser tarde: porque já o era, quando aqui viemos, por huma occupação que me deteve mais do que queria. Não me parece a mim (disse Dom Julio) que he tarde, nem entendi, que estava tanto no fim a nessa pratica, que não pudeste fazer algumas perguntas, como costume, de algumas miudezas, que o senhor Alberto passou por muyto visto nellas, como eraõ algumas particulares, & differenças, na ordem de infantaria, & cavallaria, & muytas da milicia naval. Porque essas cousas tocavaõ menos ao meu intento (respondeo elle) passey tanto por ellas, mas quando outro dia tiverdes gosto de ouvilas, terey eu muyto pouco trabalho em as relatar. Neste tempo, porque os mais estavaõ já levantados se despediraõ. E Solino se foy perdurando em palavras de galantaria com o Doutor, com tanta graça, que desejavaõ os companheyros poderem fazer o caminho mais comprido, que por muyto que o seja a boa conversação faz parecer breve, & desejado.

DIALOGO XVI.

Da criação das escolas.

EStava taõ desejofo, & alvoroçado Pindaro para na criação escolastica passar aquellas duas colunas, que Leonardo, & Alberto levantarão no estreyto limite da policia civil que imaginando, que lhe fugia o tempo, sem o dar ao Doutor, para vir com elle obrigou a Feliciano a que toffem mais cedo a casa de Dom Julio, dizendolhe pelo caminho: Certo, que não desejey cousa como aliviar ao Doutor do trabalho desta empresa, que posto que a sua autoridade culpa o meu atrevimento, tambem o amor, que tenho às sciencias o favorece. Muyto bem estivera na vossa mão (respondeo elle) por quaõ boa a tendes para tudo: porẽm não desejeis de a tirar da sua; porque atẽ em aquillo que eu fey muyto melhor, que outros, quizera antes ouyir aos que sabem mais, que escutarem-me elles: & a razão he, que alẽ de aos antigos estar tambem a confiança, como aos mancebos o receo, vou passando o que lhes ouço com o que eu tinha para dizer, & faço mais certo juyzo do meu cabedal para outras occasiões. E neste appetite me parecestes homem que sabe a historia, que ouve contar, que se adianta nos passos della ao que a vay dizendo, & por mostrar, que a sabe faz perder o gosto ao que a ouve, & o feyto à quem a relata. Lanço he de habil essa presteza, & terir lume com qualquer golpe, mas de lesudo dissimular as faiscas. Não vos abatais a todo o passaro, ainda que seja da vossa rele, que não haverà quem queyra caçar com vosco. Mas querieis (tornou amigo) que me fizesse mar morto, sem levantar ondas quando me vem o vento taõ fresco; muyto repugnã a agudeza do engenho à paciencia de hum fleymatico como vós, que não sey dobrar as mãos quando a pela me vem pular aos pès; & cedo vereis se tem razão a minha cobiça. Per-to estais (disse Feliciano) do desengano, & muyto mais perto da casa de Dom Julio. Nesta pratica chegaraõ a ella, & não muyto depois os companheyros; & como Solino, em entrando,

trando, os vio sentados, disse logo: Todavia viestes diante para mostrardes, que ereis os mordomos na festa, & muyto confiados na eloquencia, & autoridade do Doutor, vos parecerà, que tendes a fogaça em casa, & eu cuydo o contrario, se eu entrar na luta, & vos não valer que o dia que se prega de hum Santo he elle o mayor de todos. Não sey, que tendes contra as letras [disse Leonardo] que sendo tão grande amigo de Pindaro vos picais sempre contra a sua profissão. Dir-vos-ey (respondeo Solino) o donde isto nasce; & he que as letras não posso negar, que são cousa boa, mas assentaõ as mais vezes sobre roim papel, & como he feyto de trapos, tenho achado tantos nelles, que me aborrecen. Melhor disseis trampas, (tornou elle) porèm no amigo, que vos fizerõ? Irfeme todo em letras (replicou Solino) Não he razão (acudiu o Doutor) que vos adianteis tanto para me tomar a estrada: deyxayme primeyro fallar, que eu vos darey tempo para quando me quizerdes arguir, que por mais, que se apure a vossa murmuraçãõ, não pode diminuir os quilates, & preço das sciencias. Pede razão o Doutor (disse D. Julio) porque elle, & os mais desejavaõ de ouvir: fizeram silencio, & elle começou desta maneyra. Duas cousas me envergonhaõ nesta empreza, que o poderaõ facilitar em outro sugeyto, a clareza manifesta da muyta ventagem, que tem a criaçãõ das escollas, a todas as outras. A segunda poder mostrar diante com exemplos vivos, o que heyde provar com razõs menos sufficientes, & que sempre à sua vista ficaraõ limitadas: porèm para acudir à obrigaçãõ, em que me puzeraõ, deyxõ a que tenho às letras, que era não por em disputa, como cousa duvidosa, o seu merecimento, & a muyta differença, que faz o estudo dellas a todos os outros exercicios: porque as escollas, & Universidades do mundo, que foraõ instituidas para o governo, & conservaçãõ delle, são o coração dos Reynos aonde estaõ fundadas, do qual saem as operaçoens principaes para o regimento da vida civil; & se (como diz Cassiodoro) he tanta distancia do que alcançou sciencia ao idiota, como de homem ao que o não he; julgay quanto importante a criaçãõ das escollas aonde todas se aprendem em differença.

ferença de outras profissões em que só por experiência, & comunicação, chegam algumas sombras das vivas cores da sabedoria. Esta he a razão porque Diogenes buscava hum homem entre os que o pareciam: & o porque disse do que vio estar sentado sobre hum penedo, que estava pedra sobre pedra. E assim como os metaes, que entre ellas se criaõ, faem brutos, toscos, & desconhecidos, te que por via da fundição, & beneficio da arte tem lustro, preço, & merecimentos. Assim a forja em que se apuraõ os homens, & se poem nos quilates com que haõ de ter a valia, que a este nome se deve: saõ as escollas, nas quaes, da mesma maneyra, que por alquimia de cobre se faz ouro, nellas de humidiota, & quasi bruto se faz homem, com saber, merecimentos, & suficiencia para se aventajar do vulgo. E começando da gramatica das linguas, que he o primeyro degrao das letras, ou como disse hum Author grave, a primeyra porta porque se entra a todas as sciencias, com cujo beneficio ellas se conservaõ, & se perpetua a memoria das cousas. Ainda que como escreve Quintiliano tem mais de trabalho, que de ostentação. He (como diz Isidoro) o fundamento de todas as artes liberaes: & disciplinas nobres. A esta dividem alguns em artificial, historica, & propria; que a primeyra insina o concerto, & disposição das letras com que escrevemos; a ortografia, & propriedade das palavras, que fallamos: a segunda, & terceyra pertencem ao conhecimento dos lugares, & obras dos historiadores, & Poetas, & a explicação do que nelles por antiguidade, & differença da lingua está escuro, & duvidoso; mórmente nas tres linguas. Hebraica, Grega, & Latina, das quaes triunfando a carreira dos annos deyxou em muytas idades differença. Na primeyra, da Hebraica, & Caldea. Na segunda, na Grega commum, Atica, Dotica, Laconica, & Eloica. A terceyra, em Prisca, Latina, Romana, & Mixta; & em humas, & outras, & na propria de cada hum, insina a Gramatica a pronunciação, das letras, o som, & acento diverso das palavras, a distincção das vogaes, & consoantes, & a ordem de fallar com pureza, & policia. E se este primeyro degrao he tão necessario

cessario aos homens , que parece , que sem o conhecimento desta arte lhe não he licito abrir os beyços , que será levantar-se, & subir ao cume mais alto das sciencias, & disciplinas mais nobres? O segundo degrão desta escada he a Logica, arte que ensina a distinguir , & fazer differença do falso ao verdadeyro, & do torpe ao honesto , & como o entendimento he causa de obrar , assim como o he ella do entender. He o pezo, & balança em que se conhecem todas as cousas leves , & pezadas : Arte, que não sómente ensina a saber a verdade de todas as cousas , mas a poder manifestalla aos que mentem ; reduzindo a dez cabeças , ou procedimento toda a variedade de cousas, que o mundo tem , achando o verdadeyro modo de diffinir a todas ellas, & descobrindo os generos, especies, differenças, substancias, & accidentes, esta ensina diversos modos de arguir, provar, & sustentar o que coubermos no entendimento , pelos quaes offibios he esta arte tão celebrada , que Plató, & depois d'elle Santo Agostinho, a fizeram parte da Filosofia , dividindo-o em Moral natural, & racional. Aristoteles, Scoto, & outros , lhe chamão sciencia , & instrumento de saber , de cujo testemunho, & verdade , se alcança , que sem o conhecimento della, não pôde hum homem fallar seguro entre os outros : E posto que ha tão boas disposiçoens de entendimentos, que naturalmente discorrem , & conhecem, sem favor da doutrina, estas miudezas, com tudo sem o favor da arte se escurece as mais vezes a clareza do engenho. O terceyro lugar da Rhetorica , que ensina a fallar bem , & persuadir aos ouvintes com razoens bem concertadas ao intento do que practica, não fazendo o fundamento na verdade do que diz, senão no concerto , & semelhança de razão, com que obriga , & move ; & porque desta arte se falla mais diffusamente nesta conversação, em favor da lingua Portugueza , passarey della à Poesia , arte tão nobre, & desejada , que trabalhando sempre os envejosos por escurecer seu preço , lhe não puderão tirar o que hoje tem , na opinião , & exercicio dos principaes Senhores de Hespanha ; & bastava para o seu grande valor , ser conhecido ter nella o fundamento toda a Filosofia, pois Plutarco, & Aristoteles confessa , que todos os Filozofos , & suas
diversas

diversas feytas se derivarão das Poesias de Homero; & não só deu principio a ella, mas Prometheo, Lino, Musco, & Orteo, & estes melmos, & outros derão fundamento às deidades, que os antigos ritos da gentildade veneravão, & deyxando a recommendação de seus louvores, para quem com vivo exemplo póde tratar delles, dizendo de sua perteyção, & grandeza o que eu em tão limitadas horas não posso dignamente decla-

rar. Passarey à Mathematica, & com a parte principal della a Geometria, arte tão excellente, & necessaria ao Cortezão, que favorece todas as boas partes que nelle se requerem, & tão natural ao sabio, que Platão tinha na entrada da sua escolla hú letreyro, que dizia: Não entre nesta casa homem, que não layba Geometria. E Filo Hebreu diz della, que he Princefa, & Mãe de todas as disciplinas. E Francisco Patricio na tua Republica, socorro, & presidio de todas as artes. E Platão escreve della estes louvores, que levanta o animo, & pensamento ao estudo da verdadeyra Filosofia, & que he necessaria para a conquista de todas as disciplinas, favorecendo a Arte Militar no formar dos Campos, dispor os esquadroens, recolher, & dividir as companhias, sustenta a Cosmografia em suas medidas, a Architectura com suas proporçoens, a Arismetica, & Musica em seus numeros, & a outras infinitas, medindo em todas ellas as fórmãs, espaços, grandezas, medidas, corpos, pezos, & todas as cousas, que delles se compoem, & de medida de agua, vento, terra, nervos, cordas, & cousas semelhantes, como Torres, Fortalezas, Relogios, moinhos, & instrumentos de musica: Consta de linhas rectas, curvas, flexuosas, perpendiculares, planas, parallela, & de angulos, rectilinio, curvilinio, direyto agudo, & obruso; finalmete de superficie, circulo, circumferencia, centro, diametro, & outros nomes, & termos naturaes daquella arte, que na pratica commum parecerão Peregrinos, & de que he bem, que o homem Cortezão se não ache alheyo. Traz esta se segue sua companheyra a Astrogia, sciencia tão levantada, que penetra da terra os legredos das Estrellas, tratando do mundo em uníversal, & em particular das esferas, dos orbes, do sitio, movimento, & curso delles;

das Estrellas fixas, & de seus aspectos; da theorica dos Planetas; dos eclipfes do Sol, & da Lua; dos eyxos, ou polos celestes; dos climas, & emisterios; de circulos diversos excentricos, & concentricos, & pelidos, retrogados, raptos, accessos, & outros semelhantes: & de outros muytos movimentos pertencentes ao Ceo, & às Estrellas, de cujo curlo, & estaçoens de tempos, se faz natural juizo das cousas futuras, tocantes à Agricultura, & navegação, não admirando a especie supersticiosa dos Mathematicos, que he a Astrologia Judicaria. E passando desta à Filosofia, sem cujo conhecimento parece, que os homens não pódem alcançar perfeição alguma: He taó levantada, que lhe chama Santo Isidoro no segundo das Ethimologias, sciencia de todas as cousas Divinas, & humanas, em quanto he possivel ao homem alcançar dellas. E Plataó diz, que ella he o mayor bem, que Deos concedeo aos homens; porque ella he a ley da vida, a estrada da virtude, a fortaleza contra os vicios, a fórma das acçoens, o lume das nossas obras, a ordem dos pensamentos internos, regra do entendimento, & mestra dos nossos costumes, & descobridora dos segredos elementaes, mas com tudo não chegou a conhecer a Filosofia Christãa, a qual envolve as tres Theologaes, cujo proprio officio, he o que escuramente Plataó tocou em seus louvores; & finalmente a contemplaçoão de todas as cousas supremas do Ceo; & para as da terra ella he a chave, que abre os segredos da natureza, que ensina a viver com disciplinas, que destroe os catos, & a clara a confusaõ, & trevas do entendimento, q̃ as differenças, restitue os governos com ordem, rege as Cidades com justiça, & administra as razoens com sabedoria. E repartindo estes attributos seus, pelas cinco partes, em que se divide a Fisica Ethica, Economica, Politica, Methaphysica. A primeyra trata dos principios naturaes, de movimento, quietação, finito, lugar, vacuo, tempo, especies de movimento, medidas do tempo, até chegar ao primeyro, & supremo movedor de tudo. A Ethica se emprega na composição dos costumes, & na moderação das payxoens humanas, em que consiste a felicidade da nossa vida. A Economica ensina o governo, & regimento particular da casa, familia, mulher, filhos, & criados.

criados. A policia dà os preceytos à legitima ordem, & governo das Republicas, Reynos, & Cidades: assim em razão dos que mandão, como dos que obedecem. A esta chamou Elocrates, alma das Cidades; porque nellas faz o mesmo officio que a alma em hum corpo. E Socrates lhe chamou, sciencia dos Principes; porque a elles mais que aos outros homens pertence o conhecimento della. A Metaphyfica trata das cousas por causas altissimas, segregadas de toda a materia sensivel, & ainda intelligivel, do modo que os bons Metaphyficos nesta Divina sciencia praticaõ. Finalmente considera as cousas separadas, passando da contemplação das da natureza, & das sobrenaturaes, das corporaes, das idéas, dos atomos, da materia prima, da introdução, das fórmãs, do fado, da eternidade, do Ceo, dos transcendentés, das intelligencias assistentes às esferas celestes. De modo, que só nos principios moraes desta sciencia, está fundada toda a doutrina de Corte, & de milicia, que nas noytes dos dous dias atraz, se tem muy doutamente praticado. Na Física, que he, comõ tenho dito, a primeyra parte da Filosofia, está fundada a Arte da Medicina, que assim pelo importante sugeyto, em que se emprega, como pelas Artes, & sciencias, que lhe ajunta, & encadea, he o conhecimento della muy digno de homem labio, & bem nascido. Esta se divide em Emperica, Methodica, Dogmatica, ou Racional. A primeyra he fundada sómente na experiencia dos remedios, nas virtudes das ervas, pedras, plantas, & animaes. A segunda considera sómente a substancia das enfermidades, sem respeytar conjunção, tempo, lugar, região, idade, natureza, ou habito. A terceyra, não desprezando a experiencia, nem a razão dos exemplos dellas, abraça tambem as naturaes, em que está fundada a Arte. Na Ethica Policita tiverão principio as nobilissimas profissoens, & sciencias das leys civis, & sagrados Canones, derivadas destas fontes da Filosofia, & do Direyto natural, & Divino. E se como disse Solon, a Republica, que não tinha leys semelhava hum monstro, que não tinha mais, que o parecer humano; assim se póde imaginar o homem, que não tiver noticia dellas, que por serem tão importantes ao mundo, endeolárão os antigos todos os inventores della,

dellas, como Saturno, Belo, Minos, Pheaco, Solon, Licurgo, & outros muytos: E os nossos mayores fizeraõ leys, segundo a differença dos estados, não humas só, porque todos se governassem, mas convenientes ao genero da vida, que cada hum tomava. E assim os que apartados do gremio da Republica civil, se empregão no serviço da Igreja, obedecem às leys, que os Summos Pontifices, & os Concilios dos Padres ordenaõ, que são os Canones Sagrados: porém os seculares se governaõ pelas leys, & ordenaçõens, que os seus Reys fizeraõ, recorrendo em os casos, a que os particulares não alcançaõ, às leys Imperiaes dos Romanos, & disposiçaõ do direyto common. E de quererem confundir esta tão necessaria differença os perfidos Scismaticos, negando authoridade às leys alumia-

das pelo Espirito Santo na cega confusaõ das suas, que fundão em sua depravada liberdade, vivem em escuras trevas: sendo, como disse Tullio, as leys, vinculo da Republica, fundamento, & segurança da liberdade, & fonte da justiça; & por vos não parecer, que na minha profissaõ particular me estendo muyto, deixo o que dellas pudera dizer, que he infinito, começando dos primeyros Legisladores, até o estado presente, em que esta profissaõ está tão levantada, & ennobrecida. E só pela reformaçaõ do Emperador Justiniano estão em seus volumes escritas doze mil, & setecentas, & sete leys, tiradas de muytas, que confusamente estavaõ nos livros Romanos derramadas. E sobindo da Metafisica à Divina Theologia, funda sobre a verdade Evangelica, se apura hum homem, & chega ao mais alto, a que se pôde levantar o entendimento humano. Esta se divide em Escolastica, & Escrituraria, a primeyra he, a que com argumentos fortes, razoens demonstrativas, & provas invenciveis, disputa contra os hereges, & infieis, em todos os Dogmas importantes à verdade da Fé Catholica Romana; como he da Trindade, & Omnipotencia de Deos, da presença Divina, da predestinaçaõ do livre arbitrio, da graça, da justificaçaõ, da gloria do peccado, das penas do lugar do Purgatorio, dos Sacramentos, & dos Artigos de nossa Fé. A Escrituraria consiste na pu-

Doze mil, & setecentas leys, recopiladas por Justiniano.

ra interpretação, & exposição da Sagrada Escritura, segundo os quatro principaes sentidos della, que são, Literal, Moral, Tropologico, & Anagogico: com cuja noticia, dada aos homens por meys da sciencia, como antes foy dada por revelação aos Profetas, Apostolos, & Santos Padres, não só dão perfeição ao Sabio, mas o faz parecer huma lemhança de Deos na terra. E supposta esta grandeza das sciencias, com cujo lume fica tão claro o entendimento humano, como tenho dito; que outra cousa he Universidade, que huma Corte especulativa, em a qual se sabe o que nas dos Reys se executa? Aonde a vista dos Doutores prudentes, na lição dos Messres escolhidos, na comunicação dos nobres bem acostumados, na conversação modesta dos Religiosos: Esta o nobre em huma continua lição de policia, tendo por palmatoria de seus erros, a vergonha de os acometer à vista de tantos censores delles, ajudando a advertencia de lhe tingir, a curiosidade, com que se espreytão, & a liberdade, com que se reprehendem, pois a entrada nas Escollas, a assistencia nas Aulas, qualquer pequeno descuydo se rebate com os pés, dos que nellas assistem, obrigando a todos a compostura do rosto, à quietação do corpo, à modestia do traje, à pontualidade na cortezia, ao cuydado no fallar, & a não le querer algum fazer singular entre os outros. Tem as Escollas, além destes, hum bem, que favorece esta opinião, & he, que de ordinario os que a buscão, ou são filhos segundos, & terceyros da nobreza do Reyno, que por instituições dos Morgados de seus Avôs ficarão sem heranças, & procurão alcançar a sua pelas letras, ou são filhos de homens honrados, & ricos delle que os podem sustentar com commodidade nos estudos, ou Religiosos escolhidos nas suas Provincias, por de mais habilidade, & confiança para as letras; & assim fica sendo a gente mais bem creada no Reyno, differença, que não pôde haver na Corte, & na Milicia; & com tantas ventagens, sem tratar de outras particularidades menos importantes, me parece, que tenho mostrado, o quanto seja, mais que todos os outros exercicios proveytoso o das letras, pedindo por a dignidade dellas, ao Prior, & Pindaro, & a Feliciano, que tomem a sua conta a perfeçoar o que eu não souber

ber dizer, pois o exemplo de suas partes he a mais legitima prova de minhas razoens. As vossas (respondeo o Prior) menos dão lugar a glosas, que a envejas; & se essa me deyxara dizer os louvores, q̄ voz devo, renovara no vosso sūgeyto os das Escollas, pois nellas nos mostrastes o que sois, que he hum mapa de todas as Iciencias, tão perfeyto, distincto, & intelligivel, que parece, que as que pôde medir qualquer razoado entendimento, porque recolhidas em vós, como em proprio centro estão na sua altura. Esta ventagem (acodio Feliciano) tem os que sabem perfeytamente, que não he só para si, mas para ensinar aos com q̄ fallão; certo estava eu, q̄ o Doutor sabia de tudo o que disse, não só os termos, & fundamentos, mas ainda o mais difficultoso, & substancial de todas as Artes, & Sciencias, mas o praticar dellas, de modo, que eu as entendesse, he graça de seu saber, & não sufficiencia do meu engenho. Tambem essa sua submissão (disse Leonardo) he grande prova dos merecimentos de vossa habilidade, que a essa nada ficaria escuro, senão o que por culpa de quem fallasse, estivera confuso; porém em mim se vem mais os poderes do Doutor, que o posso agora parecer no que lhe ouvi. A isto (acodio Solino.) todos dizem amen, amen fino Don Sancho, que calla. Pindaro está descontente, pois que emmudeceo, se o deyxarem, elle vos fará guerra. Para que a quereis comigo? (Respondeo Pindaro) se as razoens, & occupação da noyte he do Doutor, a elle podeis contradizer, que para o que calla não servem argumentos. Bem sey (replicou elle) aonde estão os pães, mas quizerá costear a bóla por este rodeo, que todos os Letrados sois como as cerejas, que se vem apos huma todas as ontras. Ahí não ha cousa boa sem contradicção (disse Dom Julio) ouçamos as de Solino, & veremos quem tem lebre: & vós por correrdes esta (lhe disse elle) metteis os cães na mouta, & quereis (como dizem) tirar a sardinha com a mão do gato; na vossa tendes a faca, & o queyjo, cortar, que não falta por onde, que eu não tenho nenhuma cousa contra o Doutor, salvo se elle me deyxar com os outros do seu grão, que o não merecem, que eu farey hum A. B. C. por onde a primeyra vista lhe conheçaõ logo as letras. Já desde hontem

(disse o Doutor) os tendes ameaçados , & eu consenti no desafio , não sey agora a causa , porque o temeis ? Porque (disse elle) tendes no campo muytos Padrinhos da vossa parte , que o saõ minhas nesta demanda. Porém dayme licença , que em boa paz vã botando a razoura a esses louvores das sciencias , que acogulastes , & sabereis , que de cento não ha hum Letrado , que não traga cascavel , por onde lhe conheçais a altura , em que anda , como forão , & se o tirardes do bayro de sua profissão se perde na ametade da hora do dia , como em beco sem sahida , para o q̃ eu tenho hũ astrolabio excellente , que me deu a experiencia em penhor do serviço de alguns annos , sem galardão , que ainda o tempo me deve. *Primeiramente*, como o vós virdes fallar por *secundum quid*, & metter a materia prima , & dividir em abstracto , acodindo a hum ergo , & à fortibri , assentaymo por Logico ; mas se vos fallar em superficie plana , & figura quadrilatera , corpo rotundo , semicirculo , & outras semelhantes cousas , entendey , que he Geometria , se a ha no mundo. Se vos disser dos nervos opticos , dos meatos , intestinos , veas meseraica , palpitaçoens , suffucaçoens , & apoplexias , & aptalmias , matriculayos na Medicina : Se vos deffandar com huns pontinhos das regras do Direyto , que saõ annexins dos Jurisconsultos , & fallar em *jus ad rem* , & *jus in re* , & em *lite pendente* , & *in rey veritate* , *in foro exteriori* , & outros verbos desta linhagem , não escapa de Jurista. Hora os Theologos , que pela preeminencia , & grandeza de sua profissão , tem lugar apartado , aos dous lanços , se alevantaõ da conversação , com a materia dos Arjos , & dos auxilios , & outras muytas , em que vos deyxãõ o entendimento em jejum , sem darem hum bordo à commum , & civil conversação dos Cortezãos. Pois se de qualquer destes , que digo , acerta de ser official de Grammatica , além de debruar tudo de versos de Ovidio , & de sentenças de Plauto , & de Terencio , por levar o Portuguez arrastro atè o fazer Latim , falla por septe , docto , escripto , & benigno. De maneyra , que para bem , & conservação da lingua Portugueza , & para se não corromper de todo , me parecia , q̃ se se houveraõ de arruar os Letrados , que receo se se

mistu-

misturaõ, que em poucos annos nos achemos em huma certa
Babylonia. Naõ cuydey (disse o Doutor,) que estaveis hoje
taõ venial: a isso chamaõ morder na capa: esperava eu, que
vielleis com algũ libello mais rigoroso só contra os pobres Le-
trados, que essas palavras, que se lhes pegaõ dos termos das
mêlmas sciencias, naõ sujaõ defeytuosas, ainda que naõ sejaõ
vulgares, porque muytas vezes significaõ mais propriamente,
que as outras. Bem effeve o libello (replicou Solino,) mas se
lhe quereis huns artigos accumulativos, com a authoridade
de hum Author moderno, diz elle, que tres cousas deu Deos
ao homem de mayor estima, que os Letrados lhe tem deyta-
tado a perder, que saõ corpo, fazenda, & consciencia; o cor-
po os Medicos, que com suas purgas, xaropes, & sangrias, nem
a invençaõ da polyõra foy mais prejudicial, que elles para a
vida. A fazenda os Legistas, que com demandas, embaraços,
& conluyos a poem cada dia em pensamento, sem haver entre
a poeyra de suas encontradas opinioens, quem enxergue a ver-
dade, & ainda para si proprios, vereis poucos Medicos sãos,
& nenhum Legista vencer demanda sua. Dos da Consciencia
naõ quero tratar, por ser cousa perigosa, mas ha muytos, que
fazem por esta parte grande damno. E posto que isto naõ he
culpa das sciencias, senaõ dos Letrados, elles tiraraõ a inno-
cencia fóra do couce, & abriaraõ de par em par as portas à ma-
licia, semeando enganõs, & hypocresias, de que andaõ mais
inçadas as escollas, que de manteos de festo; isto he quanto à
linguagem, & aos costumes, que na policia do vestir a sua
anda fóra do roteyro dos Cortezãos, porque o Letrado, que se
quer trajar gallante, como naõ sabe por uso, segue extremos,
porque ou traz a espada, que lhe dà com os cabos nas verilhas,
ou taõ alta, que lhe vem comer à boca, & por fazer addições
ao vestir, de modo accrescenta de novo, que se conhecem na
Corte o Estudantes entre os outros homens, como podengos de
agua pela guedelha; & pelo costume do barrete, ou tiraõ o
chapéo de meyo a meyo, ou o penduraõ pela ponta do cay-
rel, como em tenda de cirgueyro. Bem sey (disse o Prior,)
que quem vos agora for à mão darà nova materia a vossa ha-
bilidade, mas sem embargo de todas as culpas, que arguis aos

Letrados, que eu agora não trato de defender por vos não ajudar a vós, & offender a elles, vós sabeis a differença, que elles fazem aos outros homens, que não aprenderão, pois sem habilidade, exercicio, & doutrina, não se alcança sabedoria, de maneyra, que muytos idiotas não fazem hum Letrado. Tambem eu sey (respondeo Solino,) que muytos Letrados não fazem hum homem Cortezaõ, & que este às vezes vence em pouco tempo, o que elles trabalhãrão em muytos annos; porq̃ além de ser comprido o caminho das sciencias por preceytos, & breve por exemplos, o Cortezaõ que o he, poem de sua parte mayor desejo de saber huma cousa, que o Estudante, & he certo, que alli tem mayor força o engenho, aonde está mais prompta a vontade; & no que toca aos Letrados, pudera eu agora trazer hum par de historias em meu favor, que cabião neste proposito. A essas (disse Leonardo) não faltará lugar em nenhum tempo, porém he gastado parte do desta noyte, & pois esta foy das letras, não metamos contra ellas mayor cabedal. Agora [acodiõ Pindaro] lhe dêstes jogo, porque lhe parece, que nos perdoou aquellas historias, sendo cousa clara, que toda a sua opiniaõ nasceo de huns principios de Grammatica que teve; que depois de ferrugentos naquella idade, os alimpou com a cinza do borrarho desta Aldea, para se levantar contra os que sabem, sendo sua murmuraçãõ puras fezes de idiota, & se o virem entre os rusticos do termo, fallar Latins, netar prégacoens, aconselhar em demandas, & applicar medicinas a enfermos, dirão, que he manta de retalhos das elcollas, & preza-se de dizer mal do que acredita. Já parece (respondeo Solino,) que tomastes folego, que estaveis muy mortal; a verdade he, que não sois agudo senão quando vos dou quatro fios secos na minha sufficiencia, & de a eu ter para tudo, me nasce abranger aonde vós não cheguais, que segundo a capacidade dos que aprenderam aprovevta a doutrina dos que ensinão: & sabey outra cousa, que se não pôde chamar sabio o que não conhece os nescios, & destes, que nenhum se conhece a si. No se maten tales dos (disse Leonardo) deyxemos as letras em paz, & a Solino com seu credito, que são horas de partirmos esta briga, & acabar por hoje a

conver-

converlação. Em todas me he de proveyto o voffo favor (disse Pindaro,) & mais agora, que estava colerico contra meu amigo, que aindaque o não pareça no modo com que o encontra, eu sou leu, na verdade com que o amo, & estimo suas ccufas. Amizade (respondeo elle) quando he legura, não periga, nem quebra em tão pequeno salto, que nem por esta deyxaremos de ir juntos para casa. E querendo os mais levantar-se, começarão alguns a tazer juizo das duas noytes passadas com aquella, porque cada hum era interessado na profissão, que se seguia, se callarão, deyxando a eleyção ao voto de quem o tiver delapayxonado, se ha algum, que ao menos na inclinação o não seja à Corte, Armas, & Letras, de cujo fruto, se são muytos os queyxosos, por parte da ventura, nenhum ha, que de sua propria sufficiencia se mostre descontente. Eu o estou de mim (disse o Doutor,) porque esta madrugada determino fazer hum caminho a Cidade, em q me hey de deter alguns poucos dias, & esses hey de ter de penitencia na falta de tão boas noytes: & para isto peço licença ao Senhor Dom Julio. Porque consentir nessa [respondeo Dom Julio) he obedervos, o faço muyto à minha custa, com tal condição, que volteis com muyta brevidade, que sem vós, nem podem estas praticas ir adiante, nem eu deyxarey de sentir agora muyto mais a falta de vossa converfação: partindo-se à manhã (como determina) para a sua Igreja o Senhor Prior. Dessa maneyra (acodio Solino) faço conta, que se dividirão os Dialogos das noytes de inverno, & que ficaõ servindo esta, & as passadas de huma primeyra parte dellas, que se continuará com a vossa boa vinda, & em tanto se apurarão os entendimentos, & a linguagem para materias, & sugeytos mais escolhidos, que sejaõ proveytosos, & agradaveis aos ouvintes. Em muytas outras cousas (disse Leonardo) sofrera eu intervallos, mas nesta converfação os sinto agora por extremo, porisso já que nella nos tendes bem acostumados, não tardeis muyto. Atè nos gostos (tornou o Doutor) a muyta continuação causa fastio; pelo que os Authores discretos por não cançarem com elle o juizo dos curiosos, dividem seus volumes em partes, & essas em Capitulos, & outras divisoens, que com a novidade, &

brevidade facilitem a leytura. Fazem elles muyto bem (disse Solino,) que ha huns livros sem estalagens, taó compridos como legoas de Alentejo, que os deyxá hum homem muytas vezes no final da Cruz, por se não atrever aos levar de hum traço. E tambem os Poetas nas suas Comedias, que faõ mais proprias para recreaçãõ, & passatempo, dividiraõ a obra em actos, a que agora chamaõ jornadas, & essas repartiraõ em scenas; & por divertir da gravidade, & decoro das pessoas introduzidas, inventaraõ os Comicos modernos Entremezes, & bayles. Não vos detenhais muyto, & tornaremos ao nosso exercicio, com mayor desejo, & melhor cuydado. Eu o terey (respondeo elle) de fazer pouca tardança, que o interesse me não deyxará cahir em descuydo, quanto mais esta nova obrigaçãõ em que me pondez; dizêdo isto se levãto, & os mais o vieraõ acompanhando, feyta primeyro cortezia ao Senhor da casa, & aos hospedes, que ficãraõ nella. Em quanto com a falta daquelles assistentes, a houve tambem na conversaçãõ das noytes, que se seguirãõ. Serã justo, que descancemos hum pouco da continuaçãõ deste estylo, que se ao gosto dos curiosos Leytores for bem aceyto, sahirã brevemente à luz outro volume de Dialogos, que espera ver o successo dos primeyros, pois esta virtude de elcrever não tem no Author delles outro fruto, mais que a fatisfaçãõ dos animos affeyçoados a seus escritos, aos quaes com o trabalho de suas obras deseja pagar a vontade, & opiniaõ com que as acreditaõ.

LAUS DEO.



PRI-

PRIMAVERA

DE

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Valles, & montes entre o Lis, & Lena.

FLORESTA PRIMEYRA.



ENTRE as fragosas montanhas de Lusitania, na costa occidental do mar Oceano, aonde se vem agora com mais nobreza, levantadas as ruinas da Cidade antiga de Colippo, ha hum espaçoso sitio, partido em verdes outeyros, & graciosos valles; que a natureza, com particulares graças povoou de arvores, & fontes, que fazem nelle perpetua Primavera, em meyo do qual se levanta hum monte agudo de penedia, cercado como Ilha de dous rios, que pela fralda del-le vão murmurando, atè que ajuntando-se no extremo de sua altura leuão ao mar em companhia a vagarosa corrente; & assim da parte do rio Lis, que na copia das aguas he principal, como pela do claro Lena, que escondido entre arvoredos faz o caminho, he cultivada de muytos Pastores, que naquelles valles, & montes apascetão, passando a vida contête, com seus rebanhos, & com os frutos, que a terra em abundancia lhe offerece,

terece, assim de Ceres, como de Pomona: porque com a benigna inspiração do Ceo, & disposição da terra, não somente são as plantas mais fermosas à vista, os frutos mais laborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheyro, & alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados, & parece que menos duros. Aqui, aonde Amor costuma conservar seu Senhorio, mostrava cada dia mayores effeytos d'elle entre as Pastoras do valle, que igualavaõ, & vencião às do Tejo, & Mondego, em fermosura. Huma entrada do verão, quando pelo costume dos naturaes do valle, & por ajuntamento d'outros Pastores estrangeyros, que alli traziaõ seu gado pela abundancia dos pastos daquella ribeyra, havia entre todos muytos exercicios de alegria, costumados dos Pastores, como eraõ musicas em porfia, duvidas amorosas, bayles, & lutas de terreyro, & outros jogos, em que havia na montanha guardadores extremados. Lerenõ, que na musica a muytos do valle tinha ventagem, hum dia, que com o novo Sol sobre os floridos ramos, começaraõ as aves a celebrar a entrada do verão, & as ervas, & boninas a se levantar da terra, a pezar das cheas do inverno, escolhédo hum lugar apartado, a que o inclinava a propria condição, se foy assentar junto de huma fonte, que está perto do rio, à sombra de hum alto freyxo, entre duas fayaõs, & alli tirando a sanfonina cantou esta Lyra.

J *A nasce o bello dia
Principio do verão fermoso, & brando,
Que com nova alegria
Estaõ denunciando,
As aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.
Já abre a bella Aurora
Com nova luz, as portas do Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente
Vestido de boninas,
Aljofradas de gotas crystalinas.
Já o Sol mais fermoso*

de Francisco Rodrigues Lobo.

235

Està ferindo as aguas prateadas,
E Zefiro queyxoso
Hora as mostra encrespadas
A' vista dos penedos,
Hora sobre ellas move os arvoredos.

De reluzente areia

Se mostra mais fermosa a rica praya,
Cuja riba se arrea
Do alamo, & da faya,
Do freyxo, & do salgueyro,
Do ulmo, da aveleyra, & do loureyro.

Jà com rumor profundo

Naõ soa o Lis nos montes seus vizinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seyxinhos,
E os peyxes, que nas veas
Deyxaõ tremendo a sombra nas areas.

Jà sem nuvens medonhas

Se mostra o Ceo vestido de outras cores,
Jà se ouvem as samfonas,
E frautas dos Pastores,
Que vaõ guiando o gado
Pela fragosa serra, & pelo prado.

Jà nas largas campinas,

E nas verdes descidas dos outeyros,
Ao som das sanfoninas
Cantaõ os ovelheyros,
Em quanto os gados pascem,
As mimosas ervinhas, que renascem.

Sobre a terra verdura

Agora os cabritinhos vaõ saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noyte cantando
O Roxynel suave
Com saudoso alento, agudo, & grave.

Diana mais fermosa

Sem ventos sobre as agoas a parece,

E faz

*E faz, que a noyte irosa
 Taõ clara resplandece
 A vista das Estrellas,
 Que se envergonha o Sol de enveja dellas.
 Tudo nesta mudança
 Tambem de novo cobra novo estado,
 Qual em sua esperança,
 E qual em seu cuydado,
 Acha contentamento,
 Qual melhora, na vida, o pensamento.*

A Cabou de cantar, & porque o murmurio da fonte, que entrava no rio debayxo de huns salgueyros, & a vea da agua crystalina, que borritava de flores a verdura, fazia a vontade cobicosa de a tocar, poz o curraõ, & a sanfona sobre o penedo para lavar o rosto na borda da agua, & virando os olhos vio em huma face da pedra, entalhado este mote.

*O mal que meu peyto encerra,
 Pois ventura o quer assim,
 Seguro estarà de mim,
 Se o não descobrir á terra.*

E Nleado no que debayxo daquelles versos se entendia, crendo, que não foraõ sem causa escritos em tal lugar, deytou o Pastor mil juizos para entendellos, mas havendo todos por temerarios, pois as palavras em fim, mostravaõ segredo, deyxou a impreza, & depois de lavar o rosto, tomou o caminho para os curraes, donde vio, que já desciaõ com o gado os pegureyros, & entre elles vinhaõ cantando em bayxa voz Tirreno, & Melibeo, como que se entoavaõ. Porém conhecendo-o, deyxaraõ a cantiga, & com muyto alvoroço o tejejaraõ. Bofé (disse Tirreno,) que mais parece este encontro buscado de minha boa ventura, que achado nella; & sabe, que não ha bem, que não venha a hum descuydado, que bem o estava eu agora do que me convinha, & da tua lembrança. Não te delmereço eu (disse elle) muytas lembranças, que não sey Pastor desta ribeyra, q̄ mais me contête, ora seja no gado, ora canto, & o em q̄ agora vinhas com Melibeo, começava eu a ou-

vir com muyto gosto, mas fizeste-me cuydar, que vos estor-
vara. O mal fora (tornou elle) não cantar bem diante quem
melhor o faz nesta montanha ; & já tornaremos à cantiga por
teu gosto, se ella fora para o dar. Com tudo te direy a razaõ,
que nos moveo a este ensayo. O Domingo da festa, quando tu
saltaste (que logo o tive a mão agouro) foy grande luta, &
folgar, porque os ferranos do Lena nos desafiaraõ a cantar, &
baylar diante as nossas pastoras, das quaes foraõ muy gabados
no seu modo, & nas suas cantigas, & já sabes, que o que se
tem a geyto nunca he melhor, que o que vem por novidade,
mas foy para nós muy grande, fermos engeytados, & logo com
rayva desafiamos Melibeo, & eu a cantar de porfia a todos
os vaqueyros, & guardadores dalèm do rio, & sabe, que esta-
mos para hoje, bem temperados ; mas como ellas saõ já sof-
peytas, & elles favorecidos, corremos risco se tu não fores do
nosso cabo. Para vos ouvir (respondeo elle) irey eu de boa von-
tade, & esta tenho tambem para vos obedecer, & não já
contra vos, como fora misturarme na vossa demanda. Não te
valem escusas (tornou Melibeo) que quando não bastarem
rogos, provaremos forças, & tomando-o pelos braços, o leva-
raõ entre si, & foraõ pelo valle abayxo atras do gado, & ao
empinar do Sol, viæraõ pela praya do rio Eis, aonde elle
reprezado entre altas arvores aos rayos do Sol fica escondido,
atè que chegando a huma fragosa penedia vem quebrando em
escuma sobre os lisos penedos, & com acordado ruydo se vay
debruçando em hum quieto remanço, deyxando em ondas a
area, que ao longo da praya vay correndo ; & nella viraõ
estar muytos pastores, hums cantando, outros jugando o que
entre elles he costume, outros entretendose em saborosa con-
versaõ com as pastoras, & vendo aos conterdores da Perfia,
com grande alvorço se levantaraõ aos receber, & assentados
em roda os obrigaraõ logo a que cantassem, pois lhes tocava
pela promessa passada, & como por esta razaõ a não tinhaõ de
se escusar, afinando os instrumentos cantaraõ o que se segue.

Quem amor serve, quem de amor procura,
A gloria de hum contente, & ledo estado:

Quem

Quem por Amor quer ter vida segura,
 E ver ditoso o fim de seu cuidado,
 Quem quer em seus serviços ter ventura,
 E vir por este preço a ser amado,
 Por amor sirva, por amor mereça,
 Por amor ouse, tema, e obedea.
 Bonha só nestes meos a esperança
 Para alcançar de Amor bens de verdade,
 Que mal pôde ter nelle confiança,
 Quem a vida não der, e a liberdade.
 Em vão pextende amar, em vão se cança
 Quem não obriga as forças da vontade,
 A tyrannia isenção de hum Pastora
 Que de quantos a vem quer ser Senhora.
 Faça de seu querer merecimento,
 Sem querer merecer por outra via,
 Posto que tenha em posse, e pensamento
 Mais velhas, mais cabras, mais valia.
 O que mais lhe convem he sofrimento
 Com que vença o poder da fantezia,
 Que nenhuma Pastora se imagina,
 Ser menos que fermosa, ou que Divina.
 Ouve, porque mil vezes o atrevido
 Alcança mais que o cauto, e temeroso,
 E o que nega o temor quando he devido
 Dá hum successo vida a hum venturoso,
 Mais val ficar ousado arrependido,
 Que ser fiel amante, e vergonhoso,
 Pois nenhuma Pastora em affeyção,
 Respeyta mais amor, que occasião
 Tema, porque o que sabe amar melhor,
 Melhor teme as mudanças da ventura,
 Que não ha em mulher segura amor,
 Nem ausente affeyção de muyta dura;
 Aprenda mil caueillas de temor,
 Para o que só na vista se assegura
 Pois quem da vista hum hora só se parte

Ou já não acha amor, ou n'outra parte;

Obedeça, que em fim nisto se encerra

O merecer, servir; temer; & oufisar;

E quem conquista Amor em justa guerra

Deve só com taes arm. is peleyjar:

Este he o mór poder que tem na terra,

Quem quer vontades livres sujeitar,

Sem esta não alcança; & não reponfa

O que serve, merece, teme, & oufa.

E Sperou Beliza, que os Pastores acabassem a musica, que pareceo muy bem, para se defender da cantiga, que todas tratava mal; que graça he (disse ella) cuydarem Tirreno, & Melibeo, que por cantarem melhor podem ser mais atrevidos, sendo mayor a offensa, que nos fizerao com a sua cantiga, que o gosto, que se esperava della, com tudo se elles se não desdi- zem logo, & estas Pastoras me derem a licença, eu defenderey a nossa razaó muyto à tua custa, & tem nenhum perigo do que nos alevantaó. Grande mal he (tornou Tirreno,) que não só- mente sejais todas mãs de servir, senão que tendais por ag- gravo ensinar a grangearnos a condiçáo, ao que a não sabe, & se estas em que eu puz o serviço de Amor vos parecem mais, dayme alguma Pastora, que se contente com menos. Não re- provo eu (disse a Pastora,) que para servir a Amor seja muy- tas vezes necessario renunciar a propria vontade, desconhecer a razaó, & o merecimento de serviços, pondo a valia toda no preço de Amor, mas dar por razaó de suas sem razoens a nos- sa altiveza, & mudança, ou he erro de innocente, ou vingança de magoado. E já que os homens, como pouco experimentados em Amor, q não conhecem não podem dar sahida a seus enlejos, & como inimigos nossos, querem encobrir suas faltas com nossas condiçoens, passemos estes despropositos, pois nascem de rayva, & de enveja. Não passés adiante [disse Lereno,] que não he justo Beliza, que o nosso passatempo se torne em differença. O teu queyxume he justo, & a cantiga destes Pastores verdadey- ra, mas para concertar vossa porfia eu quero ser atrevido, que he crueldade a quem cantou tambem de engracar com todos sua

sua cantiga, & seria mayor erro o de a sustentar em prejuizo de vosso merecimento: porèm sem a este fazer offensa, digo, que quem pertende obrigar, ou affeyçoar huma vontade livre da natureza, deve usar das leys da sua cantiga, & d'outras muytas, que se aprendem na servidaõ de amor. E quanto à vossa queyxa particular, fiquem à conta das que merecem nome de mudaveis, esquecidas, & ingratas, mas outras a quem se deve fé verdadeyra, ellas tambem ficaõ fugeytas à desgraça de serem desamadas, mas são por natureza tão Senhoras de nossa vontade, & tão livres do alheyo senhorio, que não ha nenhuma, que não seja servida, & poucas, que não tenham quey-xosos seus servidores, donde vem attribuirem só a ellas o que he commum a todos os Pastores, como serem servidas, relpeytadas, & temidas, que o mesmo lhe importa a ellas para obrigar a outrem. E lembrame, que em outro valle bem desviado ouvi eu já a hum Vaqueyro huma cantiga deste proposito: Era elle já de idade, & gastara o melhor della no serviço de Amor, & ensinava a acautelar-se de suas mudanças, aos que de novo entravaõ na lua lugeyçaõ, & se eu não temera o que aconteceu a dous meus companheyros, (que em lugar de louvados, forão reprehendidos,) me offerecera a cantar o que lhe ouvi. Quem pôde tanto (disse Learda,) que apaga culpas alheas, & faz quem ainda fiquemos devendo graças, a quem nos offendeo: não deve temer em causa propria, que seja mal ouvido, & pois Tirreno, & seu companheyro, disserão já o de que nos podia pezar, que males pôde ter a tua cantiga, ou haver em nós que nos descubraõ mais defeytos; assim que com o mesmo desconto te pedimos que cantes: Isso não farey eu (tornou elle) só com o teu consentimento, porque estão na companhia muytas, que mostraõ pouco gosto de me dares licença, & se tambem não for sua, eu me não atrevo. Entaõ lhe pediraõ todas, que cantasse, mostrando, que o desejavaõ muyto, & logo tocando a espacos huma frauta disse estas endechas.

Quem por seu cuydado,
em Pastora louya,
sem veja a lavoura,

Nem sirva p arado.
Nem já mais se empregue,
Em lavrar abrolhos,

Seme

Seme em seus olhos,
 E em seus olhos cegue.
 E se seus amores,
 Nasceraõ de Amor,
 Seja Lavrador,
 Pois que lavra dores.
 Para sustentalla
 Easte a vida nella,
 Ou viva de vella,
 Ou de desejalla.
 Tenha ande a tem
 A vida, & cuydado,
 Se ella guarda gado
 Guarde ell. tambem.
 No valle, & no monte
 Seja seu vezinho
 Sayalhe ao caminho
 No rio, & na fonte
 Tragalhe das vinhas
 O seu fruto ingrato,
 Quando vem do mato
 Tragalhe das pinhas.
 Se vem do serviço
 Traga das montanhas
 As moles castanhas
 No seu crespo ouriço.
 Se em monte, ou ribeyra
 Cria enxame bravo,
 Delhe doce favo
 Da cresta primeyra.
 Pardos roxinois,
 Ledos passarinhos
 Lhe traga em seus ninhos,

Quando vem dos bois;
 Em quanto a manada
 Anda apascentando
 Lhe laure cantando:
 A roca pintada.
 Quanto ella sustenta:
 Tanto elle sustente,
 E viva contente
 Do que lhe contenta.
 Se a cor arenosa,
 Tiver por melhor,
 Diga que essa cor
 A faz mais fermosa.
 Se a tarde, & Sol posto
 Lhe parece bem,
 Mestre que naõ tem
 Mais Sol, que o seu rosto.
 E se a noyte fria
 Lhe contenta mais,
 Mestre por finaes
 Que quer mal ao dia,
 Todo se transforme
 Na vontade della,
 Velle quando vella,
 Durma quando dorme.
 O que ella approvar,
 Sõ bem lhe pareça,
 E assi se aborreça
 Pela contentar.
 Que amor engrandece
 Nas leys em que està,
 Quem serve, & quem dá
 E a quem lhe obedece.

CAntou Lereno tanto a labor dos que o ouviaõ, que de
 elevados com o sentido nelle, o perderaõ muytos do ga-
 do, que derramando-se pelos vezinhos cerrados se delmanda-

va, por cujo respeyto deyxárao aquelle lugar, & se forão a recolher. Mas Albano, que só em Nise tinha o pensamento tão obrigado, como ella era livre por natureza, ao por do Sol a foy esperar debayxo de hum castanheyro, que cobria o caminho por onde havia de passar para os curraes, & conhecendo-a, que atras das ovelhas vinha bradando, lhe sahio ao encontro, & disse. Não sey que mal achas Nise no bem que te quero, pois nos mayores extremos, que por ti faço, mostras menos affeyção, se julgas que he offensa o Amor que tenho, nem podes deyxar de ser offendida em quanto eu viver, nem em quanto me tratares mal podes perder nome de ingrata. E como Nise vivia de desprezar seus amores sem perder hum passo do caminho, lhe respondeo. Ninguem fica obrigado aos males que cada hum procura para si, & pois os teus tem tão facil remedio como he deyxalos, & não importunar a quem te aborrece, troca o cuydado, & viverás contente. O Pastor, a quem esta esquivança traspassava a alma, com hum suspiro, que della lhe nascia, a foy seguindo à entrada da cabana, & alli perdendo-a de vista, conheceo, que era vinda a noyte, que quem n'outra luz poem a de seus olhos, só na ausencia della conhece a falta do dia.

FLORESTA SEGUNDA.



PORQUE a alegria do verão todos aquelles dias fazia de festa entre os Pastores, cada hum no traje, & nas divitas amostrava, qual tinha no cajado escrito o nome da sua Pastora, qual no fim delle a trazia subtilmente retratada, qual vestia a cor de suas esperanças, qual se mostrava desconfiado entre ciumes tudo erão musicas pelo valle, em todos os ajuntamentos se ouvião praticas namoradas, cada hum em gloria de seus cuydados celebrava o bem do que sentia, & quasi todos se queyxavão do mal, que Amor os tratava. Que costume he seu, nem dar contentamento sem queyxume, nem deyxar em nenhum estado satisfeyto quem o serve. Ajuntaraó-se huma festa ao longo do Rio Lis, no lugar aonde fora a contenda de Tirreno,

no, & porque a força do Sol não consentia outro exercicio, começou a fallar Alceo, assim por dar principio à conversação, como por descobrir nella seu pensamento a Nise, que o escutava, aindaque tão alhea de seus cuydados, como poderosa com sua fermosura para lhe causar outros de novo. Pois a hora do dia, (disse elle,) & a fermosura deste lugar estão aconselhando, que a gozemos em saborosa pratica de amores, quero na mesma materia fazer huma pergunta, assim porque as diferentes opinioens dos que estamos presentes darão occasião de passatempo, como porque não sey outra em que mais facilmente fique satisfeyto da verdade, que desejo saber nella, & he.

Se huma mulher por izenta,

Se pôde livrar de ingrata.

E Porque ha muyto tempo, que procuro ouvir resposta que satisfaça, não tenho por pequena ventura lembrarme agora. Em extremo folgo (disse Enalia) com a materia da questão, porque desejava saber a mesma duvida de hum homem, & deve ser igual a razão entre nós, & elles, & muy encontrados os pareceres dos que estamos presentes. O meu em tal caso he (respondeo Albano,) que huma culpa não desagrava outra, antes a faz mayor, & por tal tenho eu o ser ilenta, quem deve ser agradecida, que o mesmo he, que não caber isenção com agradecimento, pois ella livra da foyeyção de vontades alheas, & lhe nega o preço com que se entregarão, & elle paga com amor, o que lhe offerece huma vontade. O contrario me parece a mim (tornou Lereno,) porque a isenção he hum poder livre, que não deve a vontade a outro alheyo respeyto, antes como Senhora da sua a conserva em hum vigor, & no que toca a hum affeycoado, em nenhuma divida lhe fica huma mulher ilenta, pois elle voluntariamente se offerece a amar sem esperanças, a quem, nem lhe faz força, nem offerece galardão, & se por tal causa padece, seja em pena da culpa, que contra Am r commette, pois se não contenta de amar, senão de ser amado, sendo tal bem de ventura, & não de obrigação. Não ficou Lisea satisfeyta na opinião de Lereno, crendo, que a mesma tinha em seus amores, & assim atalhou logo a Albano, que já respondia. De que serve pôr em opinioens o que está

claro pela fé de muytos exemplos, a verdade he, que se huma mulher se isentar de affeyçoens alheas serà em rigor da razão, & não em ley de Amor, que a não guarda, & costuma em semelhantes casos tomar estranhas vinganças, como sabemos. O mais certo he isso (respondeo o Pastor,) & pois entramos em declarar a pergüta desse mote, no qual me eu dou por cõtete, & satisfeyto com o q̄ disse Lisea, vos quero mostrar hũ a q̄ não sey dar sahida, que por maravilhosa ventura achey muyto perto daqui, escrito em huma pedra, de letra muy antiga, & alè de ser para ver, darà em que cuydar. E porque todos os Pastores mostravão curioso desejo de ver aquella antigualha guiou Lerenó para a fonte onde a vira, a qual sahio de debayxo de hum penedo, cercado por todas as partes de graciosa verdura, & nelle lhe mostrou o mote, no qual elles ficarão enleados, mas Lisea, que tinha muy agudo juizo, disse logo, se me a imaginação não engana, ou alguma pessoa està por estranho caso enterrada ao pè deste penedo, ou alguma cousa de valia elcondida debayxo d'elle, & quem o eavar, eu fico, que ache novidade. Os Pastores a quem não pareceo mal este discurso, buscando o que para isto lhe convinha, começaram de cavar o penedo por todas as partes, & arredando-o de huma, de que estava levantado, achârão debayxo enterrada huma pequena cayxa de pedra, dentro na qual havia algumas taboas bem lavradas, & nellas escrita a presente historia, a qual Lerenó leo aos Pastores em alta vóz, com quanto a antiguidade da escriptura o não ajudava.

S Ileno sou, que em fonte convertido
 Vou regando a verdura deste prado;
 Nas ribeyras do Lena fuy nascido,
 E nas do Lis guardava o manso gado;
 Amor de quem vivi mais esquecido
 Com transformarme assim ficou vingado,
 Que foy para esse mal, que me condemna
 Homicida na culpa, algoz da pena.
 Aqui vivi contente, não curando,
 Mais que de hum só rebanho, que entãõ tinha;

de Francisco Rodrigues Lobo.

245

Hora à sombra das arvores cantando
Gloria da liberdade sua, & minha,
Hora as feras seguindo, hora deyxando
Livre a caça dos montes, que me vinha
Fazendo para a propria liberdade
As leys só pelas traça da vontade.
Tão livre fui, que a nada respeitava,
Mais do que o vão desejo me pedia,
Ouvia então melhor quando fallava,
Então via o meu bem, quando eu me via;
Outrem com forças mil me conquistava,
Eu só de meus desejos me vencia,
Vio-me Amor ser senhor de meus amores
Não quiz sofrer n'um Reyno dous Senhores:
Procurou a vingança em seu sugeyto,
Porque isençoens alheas tanto aggravão,
Não consentio negar-lhe o seu direyto,
Na vontade, a que tantas procuravaõ:
Novas forças provou contra este peyto
Onde as settas de amor se despontavaõ,
O' caso estranho, ou ousa nunca ouvida!
Que aqui vim por amor perder a vida.
N'uma clara manhã, já quando a Aurora
Enclendo os Orizontes de alegria
Pela jurdição sua daquella hora
As janellas do Ceo ao mundo abria,
O fermoso jardim da varia Flora
Cuberto de crystal se descobria
Neste valle fermoso, onde esperava,
Eu triste, a caça livre, que passava.
Daqui de entre estes ramos com cautella
Como caçador d'estro, & diligente
Via fugir correndo a clara Estrella
Do Sol, que já apontava no Oriente,
E em louvor da manhã fermosa, & bella
Cantar ouvia as aves ledamente
Dos ramos, que com rayos, que os feriaõ

Q iij

De

Primavera

De esmeraldas, & d'ouro pareciaõ.
 Quando huma branca cerva atra vessando
 Com o peyto vinha o rio crystalino,
 Fuy eu no arco a setta endireytando,
 Que alli cortarlhe o passo determino,
 De hum salto arriba toma, & vay buscando
 O monte com furioso desatino;
 Ligeyra corre, & a setta mais ligeyra
 Fez emprego na furia da carreyra.
 Della recebe em vaõ mortal ferida,
 Mas desprezando a farpa aguda, & forte
 Na ligeyra pondo a propria vida
 Traspoz o valle, & monte (ò nova sorte!)
 Eu o alcance segui, & ella a fugida,
 Ella a dar-me a vida, eu darlhe a morte;
 Desci em fim traz ella o verde monte
 Tè vella entrar nas aguas de huma fonte.
 Chegando naõ vi mais, que a limpha pura
 Sem rasto, & sem final, que alli ficasse;
 Olheya, & nella vi minha figura,
 Qu outra vira já mais, que tanto amasse.
 O trabalho de andar pela espeçura
 Alli me aconselhou, que descançasse.
 Depois com o caso estranho o peyto frio
 Desço outra vez do monte para o rio.
 Naõ sabia, que o fado por guardarme
 Dos perigos de Amor me offerecèra
 Taõ nova occasiaõ de retirarme
 Seguindo pelo monte a branca féra.
 Naõ soube como incauto desviarme,
 Que o successo mostrou, que bem pudera;
 Torney busoar a morte, que fugira,
 E buscàra melhor se a causa vira.
 Vejo chegando andar sobre a corrente
 Huma Nimpha cortando a onda leve,
 Cujos membros do corpo transparente
 Faziaõ parecer escura a neve.

O Sol ficou escuro no Oriente
Em quanto a nova luz defronte esteve,
Sò as aguas que os seus braços dividiaõ
Como crystaes, com o Sol resplandeciaõ.
Diante a branca escuma vem ferindo
No peyto de crystal fermoso lume,
Das arvores, que o rio estaõ cobrindo
Cada qual darlhe sombra alli presume;
Os peyxes, que das lapas vaõ sabindo
Pelorigor do Sol como he costume,
Qual toca o branco pé na agua escondido,
Qual se mostra em chegar mais atrevido.
A espaços voltava os olhos bellos
A's ondas, que com os braços apartava
Movendo ondas de amor nos seus cabellos,
Que o derretido aljofar borrifava.
Eu, que para meu damno ousava vellos
Nelles a pouco, & pouco me enlaçava.
Naõ houve Amor mister poder sobejo,
Que eu mesmo me venci de meu desejo.
Confuso estava, & prezo no que via,
Segundo já de longe o meu tormento
Quando o mover das aguas me accendia
Com amoroso fogo e pensamento.
Hora toda nas ondas se encobria,
Hora trocando o doce movimento,
Encostada quebrava a clara vea,
Hora tomava pé na loura areia.
E em quanto gozo a vista soberana
Onde o sentir commum ficava falto
Naõ podendo entender, que em cousa humana
Se pudesse esconder valor taõ alto;
Qual vista de Acteon outra Diana,
A vi com desusado sobresalto
Fugir de hum Fauno ousado, que defronte
Vem saltando traz della para o monte.
Naõ pode em mim sofrer a ardente chama

Primavera

Que em fogo me abrazava o vivo peyto,
 Que não sabisse d'entre a verde rama
 Por atalhar ao Fauno o passo estreyto,
 Elle voltando em ira acesobrama,
 Ou se tornou por medo, ou por respeyto,
 E a Nimfa, que do monte estava vendo
 Outra vez para o valle vem descendo.

O pejo de ser vista em tal estado
 Mil vezes lhe mudava a cor fermosa
 Passada vinha do temor passado
 Mas tornava a córar de vergonha;
 Em igual posto eu tinha o meu cuydado,
 Quando ella mais corrida, e vagarosa
 Segura para o rio se chegava,
 Que de contente as ondas levantava.

Voltou a mim de perto o rosto ledo
 Em graça de valerlhe em tal perigo.
 (Quem julgára de Amor este segredo,
 Que com isto cobrou novo inimigo)
 Mais perto me cheguey deste penedo
 Estreytando o caminho, que hora figo,
 Onde passando a Ninfa diligente,
 O caminho atalhey ligeiramente.

Porém tocando o peyto delicado
 Logo a pena senti do desatino,
 Que ella com força entaõ levanta o brado
 E invoca contra mim poder Divino,
 Sem ella entre estes ramos entado
 Fiquey como permite o meu destino,
 Aos membros o vigor lhe vay faltando,
 E em liquido crystal se vaõ trocando.

Dos olhos corre a vea clara, e pura
 Que em si recolhe o peyto como hum seyo
 Parte-se em dous regatos a verdura
 Criando varias flores pelo meyo.
 A voz já não se entende, mas murmura
 Por entre os alvos seyxos, novo enleyo.

de Francisco Rodrigues Lobo.

242

*E por que o peyto eitava em fogo ardendo
Tambem com fogo as agoas vem nascendo.*

*Tudo isto via o Fauno que tornara
Buscar a bella Ninfa a quem perdera,
E vendo como assi me transformara,
E que elle do meu mal a causa dera.
A amor a minha historia perguntara,
E por ordem dos fados a escrevera
Deyxando-a nestas pedras escondida
Ao segredo do tempo offerecida.*

*Se algum pastor aqui por sorte estranha
Descobrando esta pedra tosca, & dura,
Das correntes, & campos, que o Lisbanha
Achar esta encantada sepultura.
Conte aos guardadores da montanha
O segredo que vio nesta agoa pura,
Para que nella vejaõ cada dia
Como castiga amor huma cusadia.*

E Nleados ficaraõ todos os pastores ouvindo a estranha historia de Sileno, & vendo ante seus olhos exemplos, & sinaes de seu fuceflo, virandose huns para os outros, como que emmudeceraõ significavaõ o espanto daquella novidade. E depois de algum espaço tomaraõ entre si parecer do que fariaõ. Huns julgavaõ, que era bem ficar no mesmolugar aquella historia enterrada, outros, que a divulgassem primeyro a todos os moradores do valle, do quaes alli vieraõ alguns junto da noyte, para se banharem nas agoas da fonte, que contra muytos males tinhaõ aprovada virtude. Como em fim anoyteceo, ouveraõ que ao outro dia tomariaõ sua determinação, & com esta se apartaraõ, levando para o lugar aquella antigualha, a qual todos aquelles primeyros dias foy muy vista, & celebrada, assi por cousa dina de memoria, como por ser castigo dado por amor a quem elles serviaõ, que he coula muyto ordinaria aprovar as grandezas de hum poderoso, quem se confessa por seu tugeyto.

F L O

FLORESTA TERCEYRA



QUELLA noyte, & a que depois se seguiu passou Lereno em quieto sono, sem lhe vir à lembrança, mais que as occupaçoens, & passatempos do dia, o qual elle gastou com os Pastores, celebrando com musicas, & cançoens, o segredo, que aquelle penedo guardara tantos annos, para se manifestar em tal idade. Passados estes primeyros amanheceo o outro dia, em o qual o Pastor triste, & pensativo sem conhecer a causa de sua mudança, aborrecia a conversação dos companheyros, & a companhia do seu gado. Assim deyxando-o no pasto, se foy ao longo do rio ribeyra acima, até dar nas fraldas delle, em huma confusa penedia, cuberta de arvores tylvestres, que dos cavernosos riscos, por entre escuro musgo vem sahindo, & junto a hum penedo, de que por cima da viçosa ruda, & crespa tageda cahião algumas gotas, vio huma lapa talhada entre dous penedos mal cuberta de huma lagem, que por maõ da natureza parecia fabricada, afastou elle a pedra, & entrando na cova, ouvia dentro o furioso ruido do rio, que por bayxo daquellas concavidades se espedaçava, & a terra como abalada daquella furia estava tremendo. Pareceolhe ao Pastor o lugar conforme a inclinação, que alli o guiara, & entrando pouco adiante se assentou sobre huma pedra aonde ao som das aguas, que nella batião, começou a cantar desta maneyra.

*Tristezas, pois me buscais,
Dizeyme o que pertendeis,
Que eu não sey, porque nasceis,
Nem de que vos sustentais.*

*Se em meu livre sentimento
Tivera amor feyto prova
Suspeytara, que ereis nova
De amoroso pensamento,
Porém não trazeis finais
Que mostrem donde nasceis,
Deyxayme não me canceis*

*Pois em balde vos cançais.
Se vos manda a sorte dura
Pela causa, que em mim vê
Tristezas sois, sem porque
Porque eu não busco ventura
Se vindes, porque buscais
Tristes a quem contenteis*

Muyto

<i>Muyto mal, me conheceis</i>	<i>He certo, que aborreçais.</i>
<i>Que eu não sou que vós cuydais.</i>	<i>Ide a buscar quem vos ama</i>
<i>Se vindes, porque algum dia</i>	<i>Desprezando a minha sorte</i>
<i>Me vistes mais natureza</i>	<i>Quem acha gloria na morte</i>
<i>Para males de tristeza,</i>	<i>Que na busca, & que na cha-</i>
<i>Que para bens de alegria.</i>	<i>E para que conheceis [ma</i>
<i>Sabey, que antes, que venhais</i>	<i>Se he justo, que me enfadeis</i>
<i>Bem pôde ser que enganeis:</i>	<i>Vede o mal, que me fazeis</i>
<i>Porém como entristeceis</i>	<i>Vede o bem, que me tirais.</i>

C Antava o Pastor, & dava mais tristeza à sua voz o eco, que a tornava a trazer de entre os rochedos, até que em suspiros no ar a desfazia, tudo isto concertava tal harmonia para os sentidos, que antes do fim da cantiga Lereno adormeceu, & não já por pequeno espaço, porque quando acordou de hum pezado sonho, era a tempo, que o Sol estava no mais alto do meyo dia, & não atinando com o lugar por onde entrara, se foy mettendo pela lapa adiante, cuydando, que sahia della, & dalli foy sahir a hū fermoso prado, cuberto de graciosa verdura, onde como em jardim proprio da natureza, havia toda a variedade de flores, & boninas, em roda era cercado de muytas arvores, que sem ordem, mas com hum aprafivel concerto estavam entremetidas: em meyo do copado salgueyro, & sombrio freyxo, se levantava o funebre cipreste, sobre o lagrado louro, & branco Alamo, se derramava em curiosos laçoa verde parreyra, & da amorosa murta, que com miudas ramas, cercava os cibados, representando artificiosas figuras, que de outras cheyrosas flores se cobrião, & ao longe apparecia com agudas folhas, o aspero pinheyro, pelo pé de huma ferra, que por ambas as partes se levantava, & na decida della ficavaõ algumas cabanas de Pastoras, obradas com muyto artificio, & galantaria. Espantado ficou Lereno daquella estranheza, vendo junto no valle, onde se criara, cousa, que os naturaes delle nunca virão. E delejoso de saber, em que lugar estava, se foy para huma fonte, que corria entre o arvoredos, a qual nascia das entranhas de hum marmore, donde a agua hia tirando branca, & meuda area, que como

mo ourella daquelle prado com os rayos do Sol resplandecia: alli achou hum cajado sobre a verdura, como que a alguém esquecêra naquelle lugar, & levantando-o, entendeu, que devia ser de alguma Pastora, que alêm de estar futilmente lavrado, tinha no remate huma figura de mulher, tirada ao natural: com elle foy o Pastor tomando hum caminho, que por entre altas arvores guiava ao cume do monte, & depois de andar por elle grande espaço em hũ pequeno campo q̄ cobria huma copada aveleyra, viu que estava dormindo huma Pastora, em cuja vista elle ficou tão alheyo de todos os sentidos, que nem atinava no que faria, nem lhe lembrava a estranha ventura que alli o trouxera, & enleado neste sobressalto como quem sem alma ficára, esteve contemplado a fermosura, que via no bello rosto, que com hum fraco rayo de Sol, que de pura enveja por entre os ramos a descobria, representava na terra huma fermosura Divina, a cor com hum transparente crystal, que cuberto de rosas as retratava, a boca de dous fermosos rubins, que ao respirar do sono descobrião hum thesouro de ricas perolas, onde as Orientaes ficavão sem preço, os fermosos olhos, ainda cerrados por entre negras pestanas estavam faiscando rayos de amor, os cabellos em aneis soltos sobre as flores, que mal julgava a vista a cor que tinhão, porque hora com transparente movimento parecião de ouro, hora variando a vista com hum fermoso escuro se entristecião. Tinha vestido hum vaqueyro de monte, guarnecido de alvas pelicas com vivos amarelos, huma aljava de douradas sétas debayxo da cabeça, & o arco mettido pelo braço esquerdo, como que cançada da caça adormecera. Depois que o Pastor, como quem acordava de hum pezado sonho, tomou ousadia, & entrou em imaginar no roubo de sua liberdade, julgando, que ou a que dormia fosse a fermosa Diana, que esperava o seu querido Endimião naquella montanha, ou a bella Venus, que com as armas do poderoso filho, buscava o bello Adonis, porque nem o lugar tinha por morada de homens humanos, nem aquella fermosura, senão por extraordinaria, nem ousou despertalla, nem esperar, que acordando perdesse com o bem que tinha as esperanças d'outro furto tão venturoso, & tomando da aljava

huma

huma sêta, não a fiando do çurrão, a metteo no seyo, & escrevendo no cajado, q̄ achara, estas palavras lho deyxou encoftado sobre o braço.

Dormindo mais descuydada.

*Quem te vè deyxas sem vida,
Mas fuge a caça ferida,
E uay morrer apartada,*

E porque alguém não commetta

*Levar tal preza por sua,
E se conheça, que he tua
Leva no peyto huma sêta.*

COm isto se foy Lereno, mas como deyxava os olhos, & o sentido no lugar de que se apartava, a cada passo perdia outro por alcançar com a vista aquella gloria, & já donde escaçamente por entre os ramos a hia divisando, q̄ vio acordava, & que abrindo os olhos encheo de nova graça as arvores, as ervas, & as boninas, como que de sua vista todas nascião, & espantada de ver sobre o braço aquelle cajado, que alli não trouxera, pondo os olhos nelle, vio as letras, que o Pastor de novo lhe escrevera, & não se mostrando descontente do que dizião, lançando a aljava ao hombro, o levou consigo, & em ligeyro passo, qual a fermosa Atlante atraveçou o monte, donde Lereno perdendo-a de vista, se apartou logo, & foy bulcar o passo, por onde entràra, sahindo ao seu conhecido pasto, tão alheyo de si, pelo que vira, que as proprias ovelhas o estranhavão, & com os olhos nelle; deyxando as ervas, com sentido-balar, parece, que estavão perguntando a causa de sua mudança, ao que elle respondia com alguns suspiros, que as amedrentavão, & dalli a pouco espaço, guiando-as para o curral, lhe foy cantando esta cantiga.

*Desconhecisme meu gado,
E pois que assi quer Amor,
Buscai de hoje outro pastor
Que eu já tonho outro cuidado.*

Em quãto mais não cuidava.

*Que em vosso pasto, & defença
A todos fiz defferença,
No modo cem que pastava.*

Agora sereis tratado

*Como me tratar amor:
Não sey inda se em pastor,
Porq̄ he alheo o cuidado.*

Minhas

Minhas ovelhas queridas
 Que a mi voltado ballais
 Parece que adevinhais
 Em verme q'estais perdidas:
 Já se trocou meu cuydado,
 Perdeose o vosso pastor
 Mal tereis bom guardador
 Em que foy tão malguardado.
 Nunca assi me acauteley
 Do dano, quem vaõ temia
 Posto que entaõ não sentia
 Parece que adevinhey:

Tambem vós sentis meu gado
 De certeza, ou de temor
 Que perdeis hũ bom pastor
 Perdido por hum cuidado.
 Não guarda o tempo respeyto
 Aalguem, q com gosto viva
 O q be mais livre cativa,
 E faz livre o mais sujeyto
 Ereis tẽ gora o meu gado
 Eu era o vosso pastor,
 Hoje tenho outro senhor,
 Vós tereis outro creado.

A Sim levava Lerenõ o seu rebanho, antes que os outros pastores recolhessem o gado, porque sempre a hum saudoso a noytece mais cedo, & logo em sahindo do valle na encruzada de dous caminhos, que vaõ entre os pumares da Aldea, vio estar duas pastoras Belisa, & Pinea sentadas ao pẽ de hum amieyro, com hum papel na mãõ, o qual hiaõ lendo a espaços com tanto riso, & differença, que ao mais descuidado fariãõ cobiça de ler o que continha, & posto que ella passou sem mostrar este desejo, como ellas o tiverãõ de lhe communicar aquella graça, levantarãõse a tempo que o pastor as saudou, & Belisa disse para elle. Aqui veras Lerenõ a obediencia, que te guardãõ as pastoras da montanha, que atẽ o segredo de seus amores te confiãõ, agora se me peytares te direy huns meus, que ainda que a dama he tão fea, não lãõ pouco engraçados, ao que o pastor respondeo, contrafazendo alegre rosto, nem eu tenho da causa esta opiniaõ, nem delles deyxarey de ter muyto boa, sendo tão bem empregados, de peyta te offereço o gosto, & desejo, que já tenho de o saber, & se mais queres de mim escolhe como em cousa tua. Já ouviriãõ (tornou ella,) que não ha mulher, que não tenha huma parte de fermosa, & esta he muyto grande para imaginarem todas, que o saõ, eu por meus peccados ha muyto tempo, que me tinha por a mais desamparada neste engano, sem achar no meu rosto cousa, que pudesse ferir huma failca de

de amor, & quando com esta magoa me tinha por livre de seu serviço de subito, se me levantou hum amante, que cada hora levanta mil testemunhos à fermosura, & por a minha ser extraordinaria, quiz, que tambem nella o fosse a causa de sua affeyção, & affirma, que se namorou de mim, vendome me-rendar ao pé de huma fonte, da verdura, que os pegureyros trazião das hortas, não sey se na vontade com que eu comia, se no sabor dos manjares, achou graça, que está desperdiçado por meus amores, como o confessa em huma carta, que Pinea, & eu liamos quando chegaste. Por certo (disse Lereno) deyxando as mais razoens, que o Pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muyta força, mas se a carta tem tanta para alegrar a hum triste, como o conto a teve, não te escufares, que não a leas. Isso havia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu não quizesse, & se vinhas triste, já me podes agradecer o remedio. Este vem tarde (disse Pinea) pois qualquer espaço, que cortas com a pratica, deves em restituição a carta. Então começou ella em alta voz, & dizia desta maneyra.

Não te quero bem para que me queyras, pois mal peccado, já sey, que he cousa escusada, mas porque não posso tal fazer de minha vontade, se tomaste em teyma, quererme mal à cin-te, praza a Deos, que não te acoyme, antes te arrependas a tempo, que amor com tanta não seja vingado. Desejo saber o porque te aborreço, se tu o sabes dizemo, terey se quer da tua boca hũ desengano, mas descança de deyxar de te querer, por muytos que veja, porque tambem o meu coração aprendeo dos teus olhos a ser teymolo, tambem sey, que me trazes entre os dentes, porque quando me namorey de ti, estavas comendo, porém vejo, que não he muyto, que escarneças de quem tomaste em desprezo de matar: huma trova te mando, que jãnda a eu houve, se te não aprouver farey conta, que tal he a minha dita.

S E quando merendavas sobre o prado
Eu cerrára os meus olhos entrantes,
Quicais me não trouxeras entre os dentes
Onde me tens Belliza atravessado.

Porém

Primavera

Porém eu era endouto, mal peccado
 A outras condiçoens muy differentes,
 E assim nestes desejos muy contentes
 Amor me enseytiçou co teu bocado
 Logo agourey dalli tanta mofina,
 Que o chorar tenho só em boa estrea
 Sem ter ora outro mal de que me queyxe.
 Certo he, que hey de morrer nesta contina,
 E que se ha de dizer por toda a Aldea,
 Que morri pela boca como o peyxe.

B Em declara o pobre amante sua payxão (disse Lereno)
 com as palavras, que sabe, porém val pouco a razão, pa-
 ra merecer, aonde se festejão com riso, males tão verdadeyros,
 quereslhe bem, pois o deves a quem te ama, & não tomes em
 graça a sua pena. Ainda eu sou mais ditosa (disse então Bel-
 lisa) do que cuydava, que já que o meu gallante não tenha
 partes, merece ter hum alcoviteyro, a quem ellas não faltão.
 Tambem essa tenho por boa [respondeo elle] folgo de to pa-
 recer, & logo me puz da do teu namorado, porque lhe senti
 razão, pela causa, que escolheo para affeyçoado. Só essa par-
 te teve boa (tornou ella,) porque estou bem com amores de
 merendar, & não huns, que são puro fastio, porq̃ que cõ elles
 trata, logo mostra-na cor a fraqueza em que poem o coração.
 Livre está o teu (lhe respondeo Pinea) desse perigo como va-
 queyro da carta, & pois que a leste a Lereno, o menos lerã di-
 zerlhe o nome. Em extremo (disse elle) tolgarey de o co-
 nhecer, pois já me está em divida da boa vontade, que mos-
 trey em sua ausencia, para saber, se a empreguey tambem, co-
 mo elle o Soneto, que te eu não sey gavar. Outro dia tornou ella
 terã mais larga informação de tua presença, & pois este he aca-
 bado, vay teu caminho, que o nosso fica desviado. Isto mos-
 trou o Pastor, que fazia contra tua vontade, & despedindo-se
 tomou para os curraes, imaginando em seu emprego, que mal
 póde o de bens alheyos tirar a hum triste o sentimento de
 males proprios.

FLORESTA QUARTA.



LEVANTOU-SE Lereno ao outro dia em amanhecendo, porque cuydados de amor, não sofrem quietação em huma alma que o serve; & desejan-do communicar aquelle estranho successo, a quem lhe aconselhasse o que faria, se passou além do rio Lena a buscar hum antigo Pastor seu grande amigo, que habitava naquellas montanhas, em hum Casal apartado, livre do trato, & conversação da Aldea, contente da solidão daquelles outeyros, do interesse de seu rebanho, & dos desenganos, que com a idade, & experiencia tinha grangeado. E antes de Lereno chegar aonde elle morava, o vio estar ao longo do rio Lena, debayxo de hum castanheyro, em cuja roda o seu rebanho andava pastando, & ao som de hum dourado salteyro cantava o seguinte.

EM quanto está o avaro em seu thesouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento,
Materia à vã cobicia de mais ouro.
Em quanto o navegante ao leve vento
Entrega com as vellas a esperanza
Do temor dos perigos livre, & izento.
Em quanto vay regendo a grossa lança
O soldado atrevido, cujo estado
Só nos braços da morte em fim descança,
Em quanto em vans promessas levantado
Segue o trato da Corte perigeja
Quem tão tarde se vê desenganado.
Em quanto na Cidade populosa
Nã cessa a confusão da humana gente,
Onde revna a mentira poderosa.
Pascey minh s cvelhas livremente
A verde erva deste valle umbroso,
Fartayvos de esperanza tão contente.

Gozay do louro Sol claro, & fermoso
 Agora que vos mostra à face sua
 Sem seu rigor ardente, & furioso.
 Nenhuma flor o Ceo vos exceptua
 De quantas para os olhos mostra, & cria
 De dia o claro Sol, de noyte a Lua,
 E eu debayxo desta arvore sombria
 Assentado sobre ervas, & entre flores
 Vos estarey guardando todo o dia.
 Daqui vos contarey dos meus amores
 Ao som do meu rabel já taõ gabado
 Entre as mais das pastoras, & pastores,
 A vós darey os olhos, & o cuydado
 Vós me dareis do leyte, & da lam vossa
 Trarmeis assi vestido, & abastado.
 Contente vivirey na minha choça,
 Sem querer dar à vida, & ao temor
 Os bens de que a fortuna desapossa.
 Eu gozarey da vida a meu sabor,
 E vós a passareis tambem segura,
 Sem recear ao lobo roubador.
 Ande o rico melhor tras da ventura,
 Melhorese em cobica, & em riqueza,
 Que iguaes nos ha de achar a sepultura.
 Mais rica he que a ventura a natureza,
 E quando hum pobre alcança tanto della,
 Naõ tem que querer mais, que esta pobreza.
 Profiga o navegante a sua estrella,
 E sobre o fraco lenho no mar alto
 Ande sempre com os ventos em cautella.
 Que eu livre estou do procelloso assalto;
 E quando o Ceo se mostra turbulento
 Fico vendo os perigos de mais alto.
 Se me chovera agora neste assento
 Debayxo de outro tronco me amparara
 Valendome dos pès, naõ já do vento.
 Se a calma la no campo me apertara

Quam presto achara esta arvore sombria,
Que dos rayos ardentes me livrara.

Se a fede com o desejo de agoa fria,
Me importunara andando pela serra,
Quam cedo para o valle deceria.

Busque o guerreyro forte a dura guerra,
Ou pelo largo mar no lenho breve,
Ou por varios sucessos ca na terra,

Ache as pezadas armas trajo leve,
Tenha os mores perigos por vitoria,
Atè pagar à morte o que lhe deve,

E no lugar da honra, fama, & gloria
Ache mais certo o fim, que a vida atalha,
De que a poucos depois fica a memoria.

Que eu ca vivo seguro de batalha,
Havendo o meu pellico, & o meu cajado
Por elmo, lança, arnes, escudo, & malha.

Naõ vejo esquadraõ forte ordenado,
Com estranha invençaõ, & modo estranho,
De ferro, fogo, & de furor armado.

Contente os olhos ponho em hum rebanho,
Cujas naturaes armas para o frio,
Para elle, & para mim ficaõ de ganho.

Siga da Corte a galla, o termo, o brio,
O engano, o estylo, & a privança,
O que deseja mando, & senhorio.

Que em quanto vive, & morre de esperança,
Que tanto dura quanto a vida dura,
E tanto cança quanto a vida cança.

Eu logro as agoas desta fonte pura,
De quem me està mostrando o claro seyo,
A bolicosa area mal segura.

Naõ escondo outro mal, nem outro enleyo,
Outros intentos vãos, outros sentidos
De que me possa vir algum receyo.

Livre estou de tratar peytos fingidos,
Que fazem mil enganos à verdade,

Primavera

E enganado com palavras mil ouvidos,
 Estou livre de enganos da cidade,
 E sem mais desejar outro poder
 Tenho (sequer) de meu a liberdade.
 Trago bem costumado o meu querer ,
 Se não tenho do pão como da avea,
 Não guardo que esperar , nem que perder.
 A minha casa he pobre, he sempre chea ,
 Não desse metal triste , & descorado,
 Que a tantos teme , & tantos senhorea.
 He chea com hum çurrao mal pendurado,
 Com hum tarro , com hum cabaz , & com hu pellico,
 Huma frauta, huma funda, & hum cajado.
 Nella assi pobrememente vivo rico,
 E porque como só por mantimento,
 Com pouco mantimento farto fico.
 O ouro não me offende, o mar, nem o vento,
 O temor , & os despojos , que ha na guerra
 Da Corte a esperança , & pensamento;
 Em quanto tarda o Ceo quero esta terra.

CAntava o sabio velho , & o namorado Pastor por detraz
 de hum saudoso penedo o estava ouvindo com enveja muy
 juita de seu contentamento , & acabada a cantiga , chegou
 para elle, de quem foy com muyto gosto recebido , & entre
 hum amoroso abraço, lhe disse estas palavras: Quam mal es-
 perava eu Lereno de te ver neste delvio , depois que tanto
 tempo te esqueceste delle, & de mim. Bem me conheço eu por
 descuydado (tornou o Pastor) mas o meu rebanho me descul-
 pa, que andou estes tempos atraz derramado , & despezo com
 as cheas do inverno , & das minhas mais estimadas ovelhas,
 quatro entre os salgueyros salteadas das aguas do monte pe-
 recerão com os tenros Cordeyrinhos , que as segmião ; mudey-
 lhe o pasto para o monte, onde os ventos com m̃ayor força as
 derribavão , & amedrentadas dos rayos, que sobre os carvalhos
 deſcião, deyxavão o pasto, & à sombra dos desertos penedos se
 abrigavão, ficarão tão magras, & eu tão cansado, que nem guial-
 las

las podia, nem ellas seguirme, agora que com a entrada do verão, & com o novo pasto começavão a engordar ao olho, perdi eu o gosto dellas, & o cuydado da vida, porisso não te espantes de o não ter de te buscar, que ainda agora o faço, mais pelo que convem ao remedio de minha tristeza, que pelo que te devo. Que cousa ha de novo (perguntou o velho,) que em ti fizeffe tão aballo, ou donde te podia nalcer esse desgosto? Se he da perda do gado, não a estranhes, pois não foste só, que das minhas rezes do armentio, duas no salto da valla me murrerão, & a minha dourada com dous novillos em poder de famintos Lobos acabou. Das ovelhas a mayor parte ao desamparo dos pegureyros se perdèrão. As cabras com ruina destes barrancos, humas ficàrão vivas, & enterradas, outras cahindo na furia da corrente entre os burbulhos da agua, se afogaraõ, & quando as perdas saõ de tantos, não te entristeças pela que te cabe, que assim como os annos se mudão, tambem se melhorão. Não he essa (respondeo Lereno) a causa de meu desgosto, ainda que deva ter muyto do damno do meu gado, como seu Pastor, mas em quanto com a falta delle tinha liberdade, esperava (como tu dizes) a mudança, porém fiz outra em minha vida, que houvera por barato perdella, quando começou. A isto atalhou o velho com hum suspiro, & disse: Amigo Lereno, se eu não perdi de todo o sentimento, teu mal he de amores, & não sem causa o tens por perigoso, mas pois em o communicar esta às vezes a cura delle, contame o que te aconteceu. Não ouso (respondeo elle) com temor de achar nisso o mayor perigo, porque me não esquece, já te ouvi, que os thesouros de encantamento, que apparecião como em sonhos, sómente communicados se perdião, & porque eu tenho por tal este, que amor dormindo me descobrio, guardo segredo até lhe ver o successo. Quem poupa thesouros de males (lhe disse o velho) de crer he, que por vontade os padece, & pois tu os estimas não te queyxes. Ah fiel amigo (respondeo elle) bem entendes tu, pois amaste na mocidade, que os tormentos nascidos de affeyção, só em a dor saõ taes, & que não ha esta sem queyxime, dado que haja gosto em os padecer. Quem ama, vive nestes encontros, & desconcertos, hora procurando por

remedio o que lhe causa pena, hora enganando-se a si por salvar a sem razão do que sente. Daqui nasce, que vindo em ti buscar remedio de meus danos, estou callando o mal donde nascêrão, como que pudesse sem informação ser curado. Não está de todo fóra de si (tornou o velho) quem conhece seu erro, antes de arrependido, & agora he o tempo em que tem cura essa doença. Amor (como sempre ouvi dizer) em menino he brando, & facil de dobrar, em velho he firme, & rigoroso; & ou dura com a vida, ou muyto à custa della se acaba. Nestas razoens estavam os dous Pastores ao longo do rio, quando do outeyro bradarão ao velho, que subisse com o gado. Lereno o ajudou a guiallo, posto que elle o escusasse, & deyxarem a pratica, com tudo, foy de gosto o caminho, porque chegando à coroa do monte, no chão delle estavam dous pegureyros, que ao olho do Sol tosquiavão as ovelhas, & descansando, ao tempo que o amo chegava com a companhia de Lereno em perguntas, & respostas, cantarão esta cantiga.

Onde es Gil, que te não vem,
No pasto, nem no curral?
Bofé Lourenço ando tal,
Que me não verá ninguém.

De quem andas escondido
Se es de todos desejado?
De mim ando homisiado
Por hum crime não sabido.
Contame como, & de quem,
Que eu terey segredo igual.
Faço alquimia de meu mal,
Para convertello em bem.
Se isto a teu querer não falta
Temes o que te assegura.
Temo que saiba a ventura
Que inventey moeda falsa
E se amigos sós te vem
Porque temeras tu tal?
Porque me haõ de querer mal
Como me virem ter bem.

E cres que o mal que te estraga
Em tal lugar se te ponha?
Sim que não fez da peçonha
Contra a peçonha traga.
Faz, & o mal que por bem vem
He por ser menos mortal.
Pois não farey bem de hum mal
Que nasceo de querer bem?
Queres Gil dar-me a receyta
Do que achares como amigo.
Buscalla antes do perigo
Lourenço poucos aproveyta.
He logo a fortuna tal,
Que não lhe escapa ninguém.
He, mas no tempo do bem
Ninguém se arma contra o mal.

C Antavão os dous pegureyros muyto bem, & Lereno, que não perdeu o sentido da cantiga, acabada ella, disse para o velho. Razoens são aquellas de experimentado, & he bom conselho o que dellas se tira : Se houvera artificio tão poderoso, que apurasse os males, de maneyra, que ficassem em ouro, mas como elles em tudo são fezes, custoso deve ser aquelle segredo. Muyto custa o bem (respondeo elle,) & tudo acaba o cizo, & aporfia, & de ver as coufas, & ainda commettellas alcançallas, ha grande differença, não te enganes, que quanto amor faz dos homens com seu poder, tanto os homens fazem de amor com sua cautella, & não sey se diga que mais, pois elle obriga a hum homem a querer bem, a quem com fermosura, graça, ou outras partes naturaes o contenta, & os homens com juizo, & razão, obrigão muytas vezes, que os ame huma mulher, a quem aborrecem, & porque a idade atégora te não deu lugar para mais experiencia, antes para tão poucos annos alcançastes muyta, tudo te mostrará o tempo adiante. Agora vamos tẽ a minha cabana, que se faz tarde, & antes, que se ponha o Sol, quero que vejas os enxertos do meu pumar como estão crecidos, & lá laberey o successo de tuas coufas, & procuraremos ambos o remedio dellas, que esta noyte por força ferás meu hospede. Não forão necessarios muytos rogos, para que Lere o lhe obedecesse, & logo forão pelo valle abayxo, tẽ a cabana, que no fundo delle estava. Contento Lereno com a companhia do sabio Pastor, imaginando, que no seu conselho acharia principio de remedio, que o mayor, que tem os males de amor, he serem guiados por exemplo de successos alheyos.

FLORESTA QUINTA.



D ESCUYDADO vivia Lereno dos extremos, que Lisea fazia em sua ausencia, que o amor, que em presenca dissimulára muyto tempo, não podia então encobrir a dor de falta tão custosa. Ella não encontrava Pastor no valle, a que não perguntasse, se vira o seu Lereno, dando a entender com suspiros a pena que sentia de o não achar. Correo o valle, & o monte, tornou em

fim ao lógo da ribeyra do Lis, onde achou o seu rebanho, cujas ovelhas como saudosas de tão bõ Pastor, hũas olhando para o pegureyro, deyxavão de comer ameuda relva, outras vendo nas fontes a sombra de sua figura, com tristes ballidos o chamavão. Alli se assentou Lisea defronte dellas ao pé de hum freyxo, por entre cujas raizes passa o ribeyro, que com apressado murmurio vay fugindo da fóte, dõde nascera, & alli tirãdo do çurrão huma pena, & papel, escreveo estas palavras.

A ti guardador perdido,
 Que desempinando o gado
 Sem te haveres por culpado
 Andas com razaõ fugido.
 Huma pastora enganada
 De teus poderes vencida
 Te roga, & deseja vida
 Inda que lha tens tirada.
 Não parecez ha mil dias.
 Nemeu sey aonde te escrevo,
 Sey, que não faço o que devo,
 E faço o que me devias.
 Mas não he cousa de espãto
 Que nestes erros acerte,
 Que sem ti soube querer-te,
 E te soube querer tanto.
 Busquey montes, bosquey valles,
 E onde te busque não sey,
 Porque das novas que achey
 Abri caminho a mil males.
 De quem foges, ou porque?
 Aonde, & quem vas buscando?
 Olha, senão vez qual ando
 Que amor que he cego me vè.
 E se atigora calava
 Males, que só padecia,
 Era que em quanto te via
 De nenhum mal me lembrava.

Porém hoje, que o desejo
 Não acha quem lhe resista,
 Pois que te perdeo de vista
 Sente o mal em que me vejo.
 Deyxa, deyxá o pasto estranho
 Tornate ao teu natural,
 Senão te obriga meu mal
 Lembrete o do teu rebanho.
 Com que engano te aconselhas?
 (Mas tu só es quem te emgana)
 Deyxas Lereno a cabana,
 Perdes carneyros, ovelhas,
 Que em poder do pegureyro,
 Que repousa a bom sabor,
 Bradaõ pelo seu pastor
 Pelas fraldas deste outeyro,
 A que te não vè defronte
 Balando o bocado perde,
 E pizando o pasto verde
 Fica com os olhos no monte
 E se andar teu gado assi
 Tens por mal fraco, & piqueno,
 Lembrate de ti Lereno
 Porque te esqueces de ti?
 Se como eu vou sospeytando
 Buscas fugitivo amor,
 Onde o acharas melhor,
 Que onde elle te anda buscando.
 Não

<i>Não fujas a quem se esconde</i>	<i>Podete outrem querer muyto,</i>
<i>Por te esconder de quem te amas,</i>	<i>Não te pode querer mais</i>
<i>Ouve, & falla a quem te chama.</i>	<i>Acharas noutra ribeyra</i>
<i>Não chames quem não responde.</i>	<i>Pastera a mais graciosa</i>
<i>Mas ay triste, & sem sentido</i>	<i>Mais discreta, & mais fermosa</i>
<i>Como eu mesma me condeno</i>	<i>Porém não que maiste queyra.</i>
<i>A quem quereras Lereno,</i>	<i>Torna, conheç e teu erro</i>
<i>De que não sejas querido?</i>	<i>Deyxa hora a terra alhea,</i>
<i>Quem te negara a vontade</i>	<i>Que te quer bem toda a aldeia,</i>
<i>Tendo na tua esperança?</i>	<i>Ninguem te quer no desterro.</i>
<i>Se sô com huma esquivança</i>	<i>E eu não te dou tão barato,</i>
<i>Me compraste a liberdade.</i>	<i>Amor por não ser depreço,</i>
<i>Porém inda em termos tais</i>	<i>Porque em nada desmereço,</i>
<i>Que esse amor teu tenha fruyto,</i>	<i>Se não se fores ingrato.</i>

DEpois que escreveo, & cerrou a carta com mil suspiros, que lhe nascião da saudade de Lereno chegou ao pegureyro, que logo a conheceo, & com amorosas palavras lhe perguntou: Que novas tens Serrano do teu Pastor, que tantos dias ha que deyxá este seu gado, & a ti com os encargos delle? Bofé (respondeo o pegureyro,) que te não darey boa conta de sua vida, porque a elle dà tal de si, que não sey mais, que estranhar as novidades que nelle vejo. E essas quaes tão (disse a Pastora) póde ler, que pelos effeytos se conheção mal? Qualquer que o mal seja (tornou ao Serrano) he perigoso, & inimigo da vida, & do soslego, porque Lereno atégora ria, & zombava, hoje suspira, & chora, buscava os Pastores, agora foge delles, esmorecia lobre o seu gado, agora aborreceo-o, & desampara-o, era aprasivel a todos, agora intratavel, não sahia das festas, & lugares publicos da Aldea, hoje gasta o dia entre os matos, & a menor parte da noyte na cabana, finalmete nê se lembra de si, nê vive, não sey aonde agora he ido, nê donde lhe veyo este cuydado, cõ lastima delle o contey a minha Tia Lifandra q̃ como tu sabes, entende das ervas, & das Estrellas, & deve saber pelos sinaes, a natureza do mal, quem sabe darlhe o remedio; pela informação que lhe dey, diffeme, que o seu mal era amor, ou doudice, que tanto monta. Se tal he, da-o tu
por

porfinado, porque Lereno he de fraca natureza, & os frenezis de amor muyto poderosos para a destruir, não durará muyto. E donde te vem a ti (perguntou a Prstora) ter em tão má conta os frenezis de amor? Pela que elle dá (tornou Serrano) de quem o segue, & o serve. Nunca outra cousa ouvi, senão blasfemar de suas femrazoens, & ainda Lereno antes deste successo, já doutiva dizia mal de seu senhorio, como quem agora havia de experimentar quanto custa conhecello, se eu a tal estado chegasse, longe vá o meu agouro, antes escolhera a morte, que a fugeyção, por não aceytar vida, em que hum homem ha de perder a propria vontade, & andar grangeando a alhea, que em galardão disso às vezes se entrega a outra, que fica senhora de ambas. Grande he a força de amor (disse Lisea,) & todos estes contrarios consente, mas não o agraves, porque he vingativo, & não se paga de liberdades alheas, & poucote valerá conhecer seu damno para fugirlhe, porque a fugeyção da vontade não deyxá juizo livre, donde fica leve a culpa de que por sua causa commette defatinos. A isto lhe atalhou Serrano fallas tanto ao certo, que me parece, que algum tempo tive esta doença, porque não póde saber tanto della, quem a não sentio. Oxalá (tornou a Pastora) que (como tu dizes) fora, só em algum tempo, que nenhum eu tive fóra desta fugeyção, & agora, além de fugeyta estou cativa com tão pouca vontade, & esperança de me ver livre, que não procuro mais, que favoravel cativeyro. Não cuydo eu (disse elle,) que haverá alguém, ainda que por natureza seja isento, que não queyrá conhecerte por Senhora, quanto mais terte por obrigada, & com esta certeza hey dô de ti, pezame de teu mal, porque nenhum mereces, porém não te agastes, que se Lereno se acha bem com humas ervas, que Lisandra andou buscando esta madrugada junto do Lena entre huns penedos, tu haverás cura. A que eu quizera (respondeo Lisea) não he, que me faltasse este mal, mas que a causa delle, ao menos com sua vista, quizesse darlhe remedio. Couza he essa (respondeo elle) facil de alcançar, & que ninguem te negará. Só por teus meynos (tornou ella) a eu pudera ter muy cedo. Ainda he logo mais facil do que eu cuydava (disse Serrano,) porque não haverá nenhũa
cousa

cousa de teu gosto, que eu não faça com muyta vontade, & agora com mayor, pela compayxão de ver tal a Lerenno, porisso dizeme o que posso fazer em teu favor. Nenhuma outra cousa mais (disse a Pastora,) que dareslhe esta carta como vier ver o rebanho, encobrindolhe agora o nome de quem ta deo, porque nisso està a minha vida. Por certo (tornou Serrano,) que a tens em perigo, porque eu procuro salvar de hum a Lerenno, & tu queres, que o metta em outro. Porém (como dizem) às vezes huma peçonha mata a outra, dame a carta, & guarda segredo no officio, que farey nelle maravilhas. Novo coração me deste [disse a Pastora] com essa promessa, & se eu lhe vir tão venturoso fim, como espero, prometto, que não te peze de empregares o cuydado em me valer. Mas agora diffimula, que vem descendo pelo valle abayxo Nise, & encaminha com os olhos para cá, finge, que me ensinas a toada de alguma cantiga. Logo Serrano tomou o arrabil, & em voz bayxa, como que ensinava, cantou este villancete.

Vay o rio de monte a monte

Como passarey sem ponte?

He o vado muy arriscado

Só nelle he certo o perigo,

O tempo como inimigo

Tem-me o caminho tomado.

Num monte esta meu cuydado,

E eu posto aqui noutro monte

Como passarey sem ponte?

Tudo quanto a vista alcança

Cuberto de males vejo,

Da quem fica meu desejo,

E d' além minha esperança;

Esta contino me cança,

Porque esta sempre defronte

Como passarey sem ponte?

A Este tempo chegou Nise, & com a cor alterada da preta que trazia, se assentou junto a Lisea, & Serrano, que logo lhe perguntarão a causa, porque assim vinha. Venho (disse ella) fugindo do mais importuno Pastor, que ha neste monte, & este he Alceo, que ha mil dias, que me persegue, & quer terme obrigada a ouvir seus desatinos. E com estes, que pertende? (Perguntou Serrano.) Dar a entender, que me quer muyto (respondeo ella,) & he de tão pouco fruto o seu amor comigo, como o credito, que deseja que eu tenha delle. Com
pouco

pouco se contenta quem padece (disse Lisea) quando se satisfaz , com seus males serem cridos , & não lhe devia negar cousa tão facil , que não faz conta de lhe dar outro remedio. Bom era esse (respondeo Nise) se assim pudessemos atalhar perseguidores de vontades alheas , não sey mayor barato , que darlhe essa fé , mas ha nenhum , a que não pareça , que de crerem sua affeyção a pagaremha não ha huma jornada. A isto disse Serrano , com geyto de magoadado , quem se quer desobrigar todas as portas ferra ao amor , & nesta determinação está a culpa , pois não he tão pequena divida a de huma affeyção verdadeyra , que se possa huma Pastora isentar della , sem ser desagradecida. Porém está já tanto por costume esta sem razão , que tem suas esquivanças por grandeza , & o que melhor he , que poucas passão sem pagar na mesma moeda a offensa , que fazem a quem lhes quer bem. Não tinha Alceo em ti mão procurador (disse Nise) se entre nós se houvera de julgar a sua causa , outro dia lhe virá , em que esteja menos cruel , & mais affeyçoada. A este tempo descia elle de hum outeyro para o valle , & Nise como o vio , se escondio entre huns sylvados , & Serrano , & Lisea o ficãrao ouvindo , que passou cantando a cantiga que se segue.

*Poderao pedras quebrar ,
Quando em duas pedras derao
Lagrimas , que não poderao
Com vosco nada acabar.*

*Lagrimas mal empregadas,
Pois sois mal agradecidas ,
Só da razão reprimidas ,
E da vontade choradas.
Que mais podestes mstrar
A forca de huns olhos tristes
Obrigados a chorar ,
Se quando em pedras caistes
Poderao pedras quebrar.
Como assi degenerais
Do poder que antes tivestes?*

*Quebrais pedras aonde destes
E hum coração não quebrais:
Se foy porque se perderao
As que entao esperdicey ,
Que tão pouco me valerao
Como entao as chorarey.
Quando em vivas pedras derao
Esse coração de fera
Nise, que me está diante ,
Como he para mim diamante
E para outro branda cera?*

Que

<i>Que remedio bastará ?</i>	<i>Naõ me tem ventagem mais,</i>
<i>Pois que os mais naõ me valeraõ,</i>	<i>Que sõmente em ter ventura.</i>
<i>Contra a dureza em que está.</i>	<i>Naõ consente minha estrella</i>
<i>Mas que cousa poderá ?</i>	<i>Que esta vos possa obrigar,</i>
<i>Lagrimas que naõ poderaõ ?</i>	<i>Pois eu com servir, & amar</i>
<i>Quem de vossa fermosura</i>	<i>Nunca já pude sem ella</i>
<i>Alcança o que mais negais</i>	<i>Com vosco nada acabar.</i>

A Traz de Alceo se levantáraõ logo as Pastoras, & com Serrano recolhêraõ o gado, que em quanto durou o caminho, lhe foy tocando huma frauta, o que elle fazia com muyta graça, & com a noyte, que vinha ameaçando com grande escuro, se forão às cabanas. Nise fugindo de quem a amava, & Lisea, buscando a quem lhe fugia: que nesta differença de cuydados se recrea amor, como inimigo do sossego de que o serve.

FLORESTA SEXTA

D E pois que pelo ditcurso da noyte passada o bom velho Tireno soube de Lereno o que no valle desconhecido lhe acontecera, obrigado do amor que lhe tinha, gastou muytas palavras, & são conselhos pelo aquietar, temêdolhe o risco do cuydado em q̄ entrava, persuadia o, que se não entregasse de proposito àquella fantasia, que o não tinha, antes a tivesse por lonho, como re-presentava; & com quanto a elle o moviãõ muyto as palavras do velho, & lhe tinha respeyto de muytos annos, como a força de amor he mayor, que a da propria vontade, não obedecia com o coração ao que com a lingua promettia, por com-prazer ao amigo, que o conselhava. Levantados pela manhã, despedio-se Lereno do velho, que tè chegar às ribeyras do Rio Lena o acompanhou, encomendandolhe o resguardo de seu perigo, mas elle, que tinha a vida em o acometer, em lugar de tornar à Aldea, & acodir ao desamparo do seu rebanho, tomou de novo o caminho, onde se perdera, ao longo das prayas do Rio Lis, entrou pela calladura dos dous penedos, & foy pelas suas proprias pizadas àquelle lugar, onde já vira a
cauta.

causa primeyra de seu cuydado, & alli com mil suspiros a chamava; porèm estava tão mudado todo o valle, q̄ nem as arvores com a brandura do vento le movião, nem os passaros com suas acentos lhe respondião, nem as féras com acostumados passos atravessavão a montanha, tirou elle a lyra, & sentado sobre hum cortado tronco, cantou o que se segue.

Qual o servo ferido

Da setta venenosa atormentado

Ligeyro corre o monte, & a espessura;

Atè que sem sentido

Vem cahir no lugar mais descuydado,

Onde a força provou da frecha dura,

Assi minha ventura

Depois que vida já não me consente

Permite justamente

Que onde tive a ferida

Venha nas mãos de amor deyxar a vida.

Qual simplez borboleta,

Que enganada na cor do vivo lume

Acha na ardente flama o desengano,

E com tudo inquieta

Atè que nelle as azas não consume

Livre se não quer ver de tanto damno,

Assi num cego engano

Corro atrás de meu mal com tanta gloria,

Que perdendo a memoria,

Que pudera guardarme,

Na luz que me offendeo venho abrazarme

Qual o menino nobre,

Que levando na mão joya de preço

Por cobiça de alguém lhe foy tirada,

Que com o dedo descobre

Com innocentes mostras o successo,

Ao pay que lhe pergunta, & que lhe brada;

Eu a quem foy roubada

Aqui a liberdade, & a razão

De Francisco Rodrigues Lobo.

271

Ainda que seja em vam
Venho com sentimento
Mostrar este lugar ao pensamento.
Mas se por sorte estranha
Venho onde fuy ferido a perecer,
He ida a caçadora livre, & bella,
Que aqui nesta montanha
Estranha gloria fora padecer
Se antes de perecer tornasse a vella;
A setta trago, & nella
Fã por hum fio a vida se sustenta,
E o que mais me atormenta
He não ver a belleza
De quem ordena amor, que eu seja a preza.
Se na chama amorosa
Que as azas me queymou quando voava
Venho a deyxar a vida por meu gosto,
Que he da luz, tão fermosa,
Que inda por entre as nuvens me cegava
Com o rayo, que feria o bello rosto;
Se este Sol he já posto
Para que madruguey tra s minha fim?
Mas quer a sorte assim,
Que pois fiz tal emprego
Em me atrever ao Sol, que morra cego,
Se aqui me despojou
Aquella fermosura sobre humana
Do ser, & liberdade que antes tinha.
Que he de quem me roubou?
Se fugio tão ligeyra, & deshumana
Como a setta chegou a esta alma minha
Se se f. y tão afinha
Por levar como roubo huma alma alhea,
E de furtos se arrea,
Ah não ma restitua,
Que eu confessarey logo, que era sua
Aqui dormindo estive

Alla

Primavera

*Alli tinha aliava , & settas de ouro
 Dalli por entre os matos se escondeo.
 Aqui só se deteve
 Quando o cajado vio (ditoso agouro)
 E o que eu nelle escrevi contente leo.
 Mas se isto appareceo
 Em vaõ a meu sentido cobiçoso ,
 Por sonho mentiroso ,
 Se eu era o que dormia ,
 E imaginava gloria , que não via.
 Porém se sonha fora
 Como este prado, & valle inda apparece
 Estas ramas sombrias , este outeyro,
 Que mostram ainda agora
 A verdura das folhas , que escurece
 A falta do seu sol ? como primeyro,
 Como não foy tigeyro ,
 O monte, o valle, as plantas , & a verdura ,
 Tras sua fermosura ?
 Porque era tudo agreste;
 Só o que ella levava era celeste.*

EM quanto com estes verlos te queyxava de seu damno, não andava tão longe a causa de elle , que a espaços o não ouviste , & chegando perto com duas Pastoras , que na caça trazia por companheyras, da cantiga, que lhe ouvio, & também do que já lhe succedera com o cajado, conheceo ser aquelle o Pastor , que lho deyxara sobre o braço, & ou com a cobiça de o cobrar, ou por curiosa de saber quem era, mais que obrigada das magoas, que lhe ouvira, adiantando-se das outras, lhe appareceo , deyxando-o tão salteado , que por grande espaço perdeu a cor, & a voz, mas ella com a sua , (que a tudo respondião as mostras do rosto) o assegurou, dizendo: Vejo, que mostras espanto de minha presença, & não a tenho por tão temerosa , que ponha a alguém em receyos, se os teus são das armas, que me ves, assurete, que estás livre de damno, porque o não fazem mais, que as feras deste monte. Ouvi cantar , & desejey

delejey saber quem era, & agora o caminho, que aqui te trouxe, porque o deste lugar he tão cerrado, que ha muytos tempos, que o não pizou Paltor estrangeyro. Neste tempo estava já Lereno com mais sentido, porém ainda enleado lhe respondeo: O caminho deste lugar, Senhora, eu o não sey, só o em que estou conheço, que he perigoso; guioume a elle hum cego, que nos mais arriscados acha menor perigo, o em que me vejo, não nasceo de essas frechas, que trazeis para matar feras, mas de outras tanto mais poderosas, que cerradas em sua atjava, me grangearão a morte, se desta fois servida, para minha gloria a venho buscar, & para vosso gofio, se o tendes de minha vida, ordenay della o que vos parecer, porque nunca se sahirá de vossa vontade. Não era essa para desprezar (disse a Pastora) sendo tão bem offerecida, se nascera de alguma razão; porém nem tiveste tempo depois de minha vista para fingir as palavras desse engano, as quaes eu devo estimar menos, por serem sem fundamento, do que lhe devia por serem boas. Se só nessa duvida (tornou elle) estivera o bẽ de meu mal, facilmente com a certeza de minha verdade ficara elle de melhor condiçãõ. Não a tenho tão boa (disse ella rindo,) que por todos os meyo me não desobrigue, & agora descança, que me não convem fazer caso de amorestaõ leves. Destas razoens alcançava Lereno, ainda que enganado, que lhe não lembrava a Pastora a ventura do cajado, que elle lhe deyxará, & por dar a entender, que era elle, tirando do seyo a seta, que te entãõ trazia alli escondida, lhe perguntou cuja era a caça, que com aquellas settas estava ferida, por aquella montanha, porque elle encontrara huma fera atravessada com aquella mesma entre huns grandes sylvados. Muytas (respondeo a Pastora) ficãõ por esses matos perdidas, & muytos passadores mal empregados. Na arte com que ella isto disse, entendeo o Pastor, que diffimulava, & por não ir contra seu defenho, callou outros sinaes, que podiaõ ter a mesma elcusa, mas não foy de modo, que ella o não entendesse, que mudava o proposito, entãõ lhe disse, se lhe era necessaria alguma cousa antes que se partisse. Rogovos, Senhora, (disse elle,) que como a homem perdido neste deserto, me digais, que lugar he

o onde estou, & quem o habita, & se vòs fois a Senhora delle, como pareceis, ou deusa caçadora, a quem esta espedura seja dedicada; porque eu sou hum guardador natural desta ribeyra do Lis, que por estranha ventura de hum sonho, adormecendo na praya delle, sem saber o caminho que tomar, vim a este bosque, & fiquey tão penhorado do que vi neste lugar, onde me achastes, que como quem tinha nelle a vida, ou a morte, me tornou aqui a trazer o fado, & já me contentarey com saber muyto da causa della. Com essa informação (disse a Pastora) ta darey mais facilmente do que desejas. Sabe, que este em que agora estàs, chamão o bosque desconhecido; & assim são todas as cousas delle: quem o habita he hum antigo Pastor desta ribeyra, que guardou para o fim de sua idade este descanço, tomando como huma secreta sepultura de sua velhice tudo o que està situado, & encuberto nesta penedia. Eu sou húa filha sua, que com estes trajés, & nestes exercicios gasto os dias com algumas Pastoras, que trago na caça por companheyras, & porque duas dellas me ficão esperando perto daqui, & não sey que julgarão da minha tardança, dizeme se queres, que te torne ao caminho, pois neste andas perdido, ou o que te convem da montanha. O que eu quero (respondeo Lereno) he não fahir della em quanto tiver esperanças de vossa vista, pois fóra desta, em qualquer outra parte tenhó certo perder-me, deyxayme ficar sobre este tronco com liberdade para vos ver quando tornardes. Não te consinto essa licença (replicou a Pastora,) porque tem mil desvios, mas em lugar della te fique outra esperança, que te póde render mais: Se da minha vista te contentas, & he, que venhas ter a este bosque huma madrugada depois de passada a festa dos Pastores do Lis, & deste lugar tomaràs o caminho aonde vires alguns ramos cortados pelo chão, até subir ao cume do môte, & alli te sêtaràs entre os ramos encuberto, & do q̄ te succeder julgaràs, quã grãde bem te ganhou o andar perdido, & guarda em tudo segredo, porque importa à tua vida. Disse isto, & voltando a Lereno os olhos brandamente se despedio, deyxando-o tão contente do que passára, que o não cria, para poder sustentar no coração o contentamento que lhe causava. Ouve-se em fim de partir a

seu pezar, porque o dia se acabava, & chegando aos curraes achou já nelle recolhido o seu rebanho, & com o solícito pegureyro se recolheo. Mas pelo espaço da noyte, que poupava mais para imaginar em seu cuydado, que para descanso, & saboroso sono, lho atalhava o bom Serrano, lembrando-lhe o que convinha a suas ovelhas, & a mudança, que nellas fizera o seu descuydo, ao que elle respondia com outro mayor em alguns suspiros mudos, que davão final do que a alma recolhia; o pegureyro, que o conheceo, querendo por alguma via declarar sua suspeyta, lhe pediu licença para cantar huma cantiga, com que lhe aliviasse alguma da melancolia, que mostrava, o Pastor o aceytou de boa vontade, & tomando o Serrano o seu instrumento cantou este vilancete.

*Quem te fez taõ diferente
Pastor, que sentes? que viste?
Pois te vejo sempre triste,
E te vi sempre contente.*

*Andas transido, & mudado,
Tenho magoa, & tenho dô
De te ver andar taõ só,
E sem ti só ao teu gado,
Cantavas ledo, & contente,
Choras agora, andas triste,
Sey que algum demo tu viste,
Que te fez taõ diferente.
A alegria que ficou
Dos gostos em que te vi,
Atras ty se foy de ti,
Com quem de ti te trocou*

*E se ella tambem consiste
No que amor não te consente
Onde te verey contente?
Se te vejo sempre triste?
Sempre te vejo dar ais,
Como que essa dor te esforça,
E donde vem, vem por força
Como não cabem la mais.
Se algum segredo resiste
O meyo deeste accidente
Quem sustenta o mal que sente
Busca a causa de ser triste*

Quizera (disse Lereno) responder às perguntas da tua cantiga cõ outra, õ já cuvi lóge deste valle, mas o tẽpo nem o cuydado me daõ licença, nem a memoria se lembra de mais, que do sentimento presente, contentate com saber, que este he de amor, & que o padeço por seu gosto, & me convem calhar por seu mandado. Muytos dias ha (tornou o pegureyro,)

que eu estranho a tua mudança, & não me faltou adivinhar a causa. Mal haja quem te tal tornou, que o demo he, se isso não foraõ algumas amadias, que te embruxarão, ou algum olhado, que te quebrantou, guardete hora Deos de o mal ir por diante, que he coula terrivel, pergunta aos Meistes, & seràs curado, que já minha Tia pelo que em ti vio cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeo elle) o bom cuydado que mostras de meu remedio, porém não está na mão de quem te ati parece, o que agora tenho, he esta tristeza; deyxame com ella, & com a minha sanfona, & indo para a tirar achou sobre ella a carta de Lisea, & perguntando a Serrano cuja era, lhe respondeo, que a achára mettida pela porta da cabana, quando se levantara, & que não sabia della mais, nem Lereno o quiz por então inquirir, que o cansaço do dia lhe pedia repouso, que costume he dos males para enganarem o sofrimento, darem descanso à vida, que os ha de sustentar, aindaque por outra via o neguem ao coração.

FLORESTA SEPTIMA.



Esperarão ao Pastor suas lembranças junto da madrugada, deu mil voltas ao pensamento, & nelle ora achava facil o caminho a seus desejos, hora punha a ventura armada contra elles, & entre esta variedade achou lugar para ler a carta de Lisea com hum rayo de luz que por huma greta decia da cobertura da cabana. E por que nem de natureza era esquivo, nem já estranhava forças de amor com quanto a sua affeyção principal de tudo o mais o descuydava, lhe pareceo bem a carta, & a guardou gabando muyto a Serrano os termos della. Levantaraõ se para tirar o gado, & gastou toda a manhã com os Pastores, que avia muyto tempo que o desejavaõ, & na festa se apartou delles por hum breve espaço, no qual Lisea o não perdeu de vista, porque o tazia sempre no sentido, & escondida de longe o vigiava; sentoude elle entre humas sylvas ao pé de huma fava, que deytava as raizes sobre as areas do rio, & alli có o rosto sobre a mão esquerda adormeceu, soltando

tando da outra o cajado sobre as ervas, & ainda a pastora o não teve por seguro no sono, quando soube, que não era só a que o buscava, porque vio, que Enalia huma pastora do valle de pouca idade, & de tantas graças, que a nenhuma dellas dava ventajem, chegando a elle, & vendo, que dormia, com muyta sutileza lhe meteo huma carta na mão, de que soltara o cajado, & logo com muyta pressa traspoz o valle, esta fallou a Lisea em se determinar no que fariaõ, porque entre o receyo, & a ousadia padeceo mil contrarias deliberaçoens, mas no fim executando a que mais lhe convinha, escreveo outra carta tirando do çurraõ os ministerios, que sempre para isso nelle trazia, depois se foy ao Pastor, que ainda estava sepultado em sono, entregandose de muytos dias, em que o perdera, & com mayor amor, & menos confiança, que a de Enalia, quasi tremendo lhe tirou o papel da mão, & em seu lugar poz o que escrevera, & apartandose para o outeyro abriu a carta de Enalia, que continha estas palavras.

Deyxo a carta na tua mão, aonde tenho apropriã vida, para essa merecer ventura, & baste que conheças a causa com que me atrevi, & que não desprezes os merecimentos de huma affeyção verdadeyra; essa poz em teu querer minha liberdade, & eu dey a amor o consentimento, hoje te dou a posse para que te conheças por senhor della, se a esta conta me quizeres dar vida como a cousa tua, nos teus olhos a tenho, & elles te dirãõ o nome, que aqui callo, porque nem pòdem errar em cousa taõ certa, nem os meus encobrir o muyto que te quero.

Guardou Lisea a carta de Enalia, & crendo que a sua estava segura de semelhante successõ, tornou para as pastoras, que estavaõ juntas ao longo do a real debayxo dos salgueyros, & inda não seria entre ellas, quã do Lereno acordou, & espreguiçandose lhe cahio da mão sobre o peyto aquelle papel, & abrindo-o achou qnelle dizia desta maneyra.

VEjo que outrem procura a roubar-me o fruyto do muyto que te quero, & que tu ferras os olhos consentindo nesta sem razão

lembrete a que cometes contra amor, que nunca perdoou a vingança de hum ingrato: a que eu posso tomar de ti, he quererte mais, & procurar meu damno; não queyras que me defenda quem te magoe: eu te escrevi ausente, porque te não via, & te busco agora, porque ainda em presença me foges; não ouso a me nomear, porque temo que então me desconheças; digote o que sinto, para que se com isso merecer lugar em tua vontade, te aproveytes da minha, que só com hum final de que a recebes ficara contente.

E Stranhou o pastor a novidade, como quem estava alheo do que passará emquanto elle dormia, mas conheceo ser a letra, da que Serrano achara na cabana; guardou ambas, & por senão mostrar penhorado dellas dissimulou o desejo, que tinha de conhecer seu dono. Foyte aonde os outros pastores, & pastoras estavaõ, & achou cantando Mileno, & Aulifõ em louvor dos olhos de Paulifia, a quem Lereno em estremo queria, porque além de ser fermosa, & amada de todas as pastoras da ribeyra, & da razão de sangue, era em seus segredos de mais confiança, & melhor conselho, pelo que depois que soube a materia da cantiga estimou mais acharse presente a ella, que era a que se segue.

*Sois senhores olhos negros,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.*

*De pura cobiça amor
(Sem ter isto por agravo)
Em vòs esta feyto escravo
Vestido da mesma cor.
Elle que em vòs se foy por,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.*

*De vòs mata amor d'amores
Que em vossos rayos taõ vivos,
Quantos vos vem faz cativos
E a vòs de todos senhores.*

*Quaes quer olhos de outras cores
Engeytando a cor que tem
São vossos negros tambem.*

*Os claros verdes rasgados,
Azuis, garços, & pombinhos,
Que soem a abrir caminhos
Para amorosos cuydados
Ficaõ cegos eclypsados,
E quando negros vos vem,
Querem ser negros tambem.*

A Cabou de cantar Aulifo, que entre os do valle o fazia com muyta graça, & logo Mileno a quem competia differença, dandolhe a frauta que tangeffe, começou tras elle.

*Quem vos ve fica as escuras,
E por isso os que vos vem
Por olhos negros vos tem.*

*A ninguem consente amor
(Por cobiça, ou por inveja)
Que com outros olhos veja
As graças da vossa cor.*

*E elle que o sabem melhor
Que quantos cegos vos vem
Nunca por negros vos tem.*

*Se em ser negros sois melhores
Não se alcança desse emprego,
Que quem de vervos he cego
Não pode julgar de cores.*

*Se sois negros sois senhores
De quantos olhos vos vem,
E dos meus olhos tambem.
Parece contrariedade
Em que ninguem se assegura
Nascer de huma cousa escura
Taõ fermosa claridade;
Como julgavaõ verdade
Os olhos que o mais que tem
He cegar quanto vos vem.*

Posto, que entre os pastores, & pastoras se armava contenda, de qual dos dous guardadores melhor cantara, o não consentio Paulisia, antes dandolhe iguaes graças procurava mudar a conversação em outro proposito de menos afronta sua, tendoa por tal ser louvada em presença; consentiraõ os mais nesta razaõ, mas Selvagio, que era em extremo affeyçoado a Enalia, procurava alguma, có que trouxesse os outros ao seu intento, & disse. Não he justo, que estando presentes tantas pastoras taõ fermosas ouvindo cantar dos olhos de Paulisia, que com muyta razaõ foraõ celebrados, fiquem ellas sem a parte do louvor, que se deve aos seus; havendo alguém, que comece, eu o seguirey; ao que Lereno respondeo, por lhe dar aconhecer, que o entendia. Melhor sera pois tu lembraſte huma cousa taõ devida, que tenhas a escolha dos fugeytos, que estaõ presentes, que eu dante maõ escolho os olhos de Enalia, porque em extremo me parecem bem assombrados; & ainda que o elle dizia por furtar a empreza a Selvagio, não o cuydou a pastora, antes ficou taõ contente, que

o mostrava no rosto, mas igual differença tinha o de Lisea; que posto que conhecesse o lanço do seu pastor, como amava de verdade, consentia facilmente entrada a hum receo, & com este quiz atalhar aquella determinação. Eu como mais desemparedada posso requerer minha justiça, dado que seja contra a que estas pastoras tem de serem louvadas, mas como ha de ser em presença sua tenho por menor a offensa, que lhe faço, que a que cada huma dellas receberá de tal competencia; & quando haja na companhia algumas pastoras, que a queyirão ter por fazer este gosto a quem servem, outro dia havera, que seja toque de suas galantarias, em que ellas tenhaõ melhor lugar, & digo isto, porque não sey o que me ficara dos seus louvores. Posto, que todos entendiaõ que esta razão era de confiada, lhe obedeceraõ, & pedindolhe que escolhesse fugeyto para occuparem o dia, lembrou que cantasse Leireno, que havia muyto tempo, que entre elles o não fazia, ao que elle por rogo de todos obedeceo & tirando a sanfonha começou.

*Passa o bem como sombra, & na memoria
 He mayor quanto foy mais desejado.
 A pena ensina a conhecer a gloria,
 Não se conhece o bem senão passado.
 Em mim o caso soube desta historia,
 E no que me mostrou já meu cuydado
 Vejo no que não vejo, & no que via.
 Quaõ pouco tempo dura huma alegria.
 Quanto melhor me fora se não vira
 Hum enganoso, & vaõ contentamento,
 Que ainda que faltarme alli sentira
 Era muyto menor o sentimento,
 Mas vio minha alma o bem, porque sospira,
 Foy tras elle seguindo o pensamento:
 Que como era novel não conhecia
 Quam pouco tempo dura huma alegria.
 La numa regiaõ muyto escondida
 Dizem, que gente humana vive, & mora,
 Que por ordem dos Ceos não corrumpida*

De Francisco Rodrigues Lobo.

Ve cada dia o Sol huma só hora.
 Bem fora venturosa a minha vida
 Se por esta medida o bem lhe fora,
 Mas tive só huma hora em hum só dia,
 Quam pouco tempo dura huma alegria,
 Foy hora, & foy taõ breve que passou
 Qual passar soe o rayo transparente,
 Hora que no começo se acabou
 Para se conhecer depois de ausente.
 O tempo em fim por hora ma contou;
 Que sempre esconde, cega, engana, & mente,
 Mas verdade era o que elle me dizia,
 Quam pouco tempo dura huma alegria.
 Porém vòs fados meus, que permitistes,
 Que taõ cedo este bem seme acabasse,
 E que taõ largas horas, & taõ tristes
 Hum taõ breve momento me pagasse.
 Naõ me encurteis o bem com que fugistes,
 Pois em tempo o naõ vi que me alegrasse;
 Vio para me ver nesta agonia
 Quam pouco tempo dura huma alegria.

A Cabada a cantiga, que a todos moveo a faudoso sentimento, & muyto mais aos que por amor o conheciaõ. Apartaraõse os guardadores pelo valle para com a decida do Sol recolherem seus rebanhos ainda naquelle piqueno espaço, que ficava do dia o buscou Eilea para se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança naõ soffria tardarlhe com defenganos, mas vendo, que naõ se apartara da companhia, tomou só o caminho do monte junto da noyte, cantando o seguinte.

Tudo pôde huma affeyção.

He muyto fraco poder
 O de quem teme a ventura,
 Que se ousa acometer
 Juntamente ha de temer
 Como em cousa mal segura;

Mas se aforça de hum cuydado,
 Que vive da opiniaõ
 Despreza a ventura, & fado
 Em quem vive neste estado
 Tudo pôde huma affeyção.

Pode

Póde a pena fazer gloria,
 Fazer facil o impossivel,
 O cativeyro vitoria,
 O mor descuydo memoria,
 E visivel o invisivel.
 Vencer póde a liberdade,
 O juizo, & a razão
 O desengano, a verdade,
 Que quanto pinta a vontade
 Tudo pode huma affeyção.

Estranho effeyto de amor
 Que a seu nome honra, & fama,
 Dino do mayor louvor,
 Que he no mundo o mor senhor
 Aquelle que melhor ama.
 Vence o tempo leve, & vaõ,
 Vence as mudanças da sorte
 Só na fê da persunção,
 E ainda que não falta a morte
 Tudo póde huma affeyção

FLORESTA SEPTIMA.



PPARECEO o Sol ao outro dia encuberto, como que não oufava sahir do seyo das nuvens, de modo, que passada grande parte da manhã, não sahirão ao pasto com os rebanhos. Com tudo, porque cuydados não deyxão perder tempo, não respeytou Lisea o que os outros receavão, sahio com o seu fato por hum caminho mais desviado, & levando as cabras por huma fraga acima, entre muy espessas giestas, que com a fermosura de suas flores, & o esmalte do crystalino orvalho, faudosamente se movião, & sentada debayxo de hum penedo, esteve vigiandó o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atravellar por entre as oliveyras descêdo para o prado, hú Vaqueyro, que diante levava huma vaca loura manchada de branco, com huma Estrella na testa, & hum novilho da mesma cor, & traz elles hia tangendo huma sanfonina tão suavemente, que os passaros do ar se tornavão aos ramos vizinhos, & delles pendurados o ouvião, & não muyto longe vinha Enalia com as ovelhas ao longo do rio, a qual suspena no tanger, se deteve encoitada ao tronco de hum amieyro, atè que o Vaqueyro alli chegou, & saudando-o lhe disse: Deos salve o Vaqueyro, que tambem tange, ditosa a Pastora, que te ama, & te merece, se em o mais tem a mesma razão de viver contente. E a ti (disse elle) de o que desejas, que bem será mayor ventura a de quem te serve, que a de quem for senhora de
 minha

minha liberdade. Não creyo eu, pelo que em ti vejo (respon-
deo a Pastora,) que te sugeytasses sem grande occasião, &
tambem conheço a pouca, que tenho de ser querida, mas se em
meu parecer achas alguma parte para te pedir por ella, te
rogo, que cantes alguma cousa dos teus amores. Hora (repli-
cou o Vaqueyro) pois te pareceo bem a minha sanfonina, pó-
de ser, que a vòz tenha a mesma ventura, cantarte-hey huma
cantiga, que já cantey em outra parte, a quem a tinha muy-
to mayor em meu coração. Dize por tua vida (tornou Ena-
lia,) que nisso ma daràs, & eu ta offereço para o que for de
teu serviço. Logo o Vaqueyro, depois de tanger hum grande
espaço, começou a cantar estas endechas.

E Squiva serrana
Fermosa, & discreta

Inveja do valle,
E gloria da serra.

Tu que contra amor
Moves tanta guerra

Cos olhos azuis,
Das pastanas negras.

Inda que fermosa
Não sejas izenta,

Que ser mais esquiva
He ser menos bella.

Não fujas ligeyra,
Que estaràs cançada,

Para seguir depois quem te
— não queyra.

Ainda que os cabellos
Em louras madexas

Feytas crespos rayos
Como o Sol te cercao.

Inda que se mostre
No Ceo dessa testa

Ser a neve escura
Posta junto a ella

Inda que os teus olhos
Para mór belleza

Tenhaõ cor do Ceo;
E lume de estrellas

Não fujas ligeyra,
Que estaràs cansada

Para seguir depois quem te
— não queyra.

Ainda que essa bocca
Com razão pareça

Mina de rubins
Em cristal aberta.

Inda que o final
Sobre a face bella

De escuro entre as rosas
As do valla seca.

Ainda que amor
Cres que te obedeça

Sobre mil seguros,
Guarte não no creas,

Não fujas ligeyra.
Que estaràs cançada,

Para seguir depois quem te
— não queyra.

Essa

*Essa liberdade ;
Que agora sustentas
Naõ na guarda amor
Que vive de invejas.
Ay do meu cuydado ,
Que naõ lhe aconteça
Ter nestes desprezos
Vinganças alheas.*

Primavera

*Se por ser vaqueyro
Tanto me desprezas ,
Mal baja ventura,
Que me nega ovelhas.
Naõ fujas l:geyra ,
Que estaras cansada
Para seguir depois quem te
— naõ queyra.*

T Al he a minha Pastora (disse o Vaqueyro) qual ouvieste , & eu tão pouco engraçado nos seus olhos , que nunca mereci ver differença nos disfavores com que me tratão; julga agora , sendo ella tão fermosa , se tem razão , & eu sendo tão mofo se tenho alguma de esperar galardão do que lhe quero. A isto respondeo a Pastora , que com muyto gosto o escutara. Em ambos vejo may grande a razão de ter envejosa , nella além de tantas partes de fermosura achar quem assim sayba amallas , & conhecellas; em ti além das que tens , ser tão bom amante , que entre taes desconfianças mostras mayor fé. Porém nem ella será tão mal aconselhada , que a não estime , nem tu tão desfavorecido , que sejas engeytado ; mas ha huns mãos de contentar , (ou quasi todos os homens o faõ ,) que por se não satisfazerem com o que o tempo lhe dà de seus amores , se mostrão nelles desesperados , & isto se póde crer mais , que o que tu apregoas. Folgo (replicou o Vaqueyro ,) que me tenhas por mão de contentar , & bom cobiçoso , que já se o for do que vejo , peccarey por minha condição sem te fazer offença. Desse peccado (tornou ella) estás seguro , que quem está tão bem empregado , não escolhe tão mal , & se o dizes com engano tambem sey os que correm , & o que tenho em mim; & assim por ambas as vias perdes o feytio. De perder sey eu (disse elle ,) porque nunca me aventurey , que ganhasse , mas nem o emprego , que já fiz , me podia tirar este , nem posso fazer engano a quem sabe o muyto , que se lhe deve ; antes póde servir de merecimento , onde os outros faltão dizer , que soube amar bem , porque vendo a differença , que tens de todas , julgarás a que farey em te querer , se me aceytares por teu Vaqueyro.

queyro. Tanto diràs dislo (lhe respondeo Enalia forrindo,) que me arrependa de te gabar de bom amante, & não me parecees tão mal, que te deseje fazer este, pelo que te rogo, que mudemos o proposito, & me digas aonde levas essa vaca, & novilho, que tão termosos são. Deos tos guarde? Estes (disse elle) levo de presente a huns noyvos, que se hão de receber o dia da festa, que he à manhãa, se elles te contentão, ou os mais da boyada, como do seu guardador te podes servir. A tua vontade estimo eu muyto (respondeo ella,) mas a offerta está melhor empregada, & pois te has de achar à manhãa nos folgares, là me veràs, com isto se apartou, & o Vaqueyro continuando com a musica de sua sanfonina, foy seguindo o caminho, que levava, & Enalia atraz do seu gado, foy cantando esta cantiga.

*Puz a vida na vontade,
E ambas puz noutro querer
Tem, que se hão de perder.
Com razão vivo em receyo
Deste mal, que busco, & quero,
Porque me nace o que espero
Do que sem tempo me veyo,
Fiz o meu querer alheyo
Perdio, & devo temer,
Que a vida se ha de perder.
Que esperança será a minha
De ter noutrem liberdade*

*Perdendo a propria vontade
Quando em meu poder a tinha:
Deva a quem lhe não convinha
Porque está noutro poder.
Temo, que se ha de perder,
Eu tras ella ando perdida.
E ella perdida atraz quem
Nenhuma lembrança tem
De ver que vay nella a vida
Ambas leva de vencida
Quem noutrem põem seu querer
E ambas neste eyde perder.*

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou Lisea, a qual do penedo donde estava a divisou, & parendolhe tempo para a pôr em odio com Lereno, confiando dos meyo, que para isso tomava, & da pouça firmeza, que a idade de Enalia promettia, que faria mudança em seu intento, com a dissimulação, que lhe convinha, chegando a ella a faldou, & disse: Melhor me succedeo à vinda do que cuydava, pois na ventura venci o desejo, que acodindo à musica do Vaqueyro, cheguey a ouvir a tua, que em extremo desejava, &

foy

foy ella tal , que me deyxou entre mil invejas. As que tu fazes (disse ella) a quem te ve, daõ a conhecer esses lanços de confiada , mas eu o quero ser do que cantey , com quanto me pelou não ouvires o vaqueyro , que por extremo he engraçado. Tinhas arte (respondeo Lisea não pouco maliciosa) de lhe estares affeyçoada , segundo o ouvias a teu favor, valeote ter raizes noutro lugar. Raizes não (disse a outra) porque as não consente minha opiniaõ em final da liberdade de que me prezo : Que fora (tornou Lisea) se eu não soubera , quem he senhor della , & em que parte prendem as tuas raizes. Parece-me a mim (replicou Enalia) que nunca dey folhas por onde alguém mas achasse , deve ser essa tua sospeyta enganada , pois eu , que sey melhor os meus segredos , não sey esse : folgarey , que te defenganes , ou me digas o que presumes. Antes (disse a outra muyto legura) quero que vejas clara a certeza , que tens por encuberta , & pode ser que da tua letra a conheças. A isto ficou a pastora sem cor receando o que podia ser , & tirando Lisea do çurraõ a carta , que tirara da mão a Lereno , & conhecendo-a Enalia ficou muda. Não me negaras (disse a outra) que da tua mão desse esta carta na de Lereno. Não (respondeo ella) nem merece menos que fazer esta confissãõ , quem emprega taõ mal tua vontade , que a poem em hum descortes , & ingrato pastor. Nessa conta o não deves ter (replicou ella) pois o que te obrigou a fiar d'elle esta carta , o forçou a que ma desse , antes avias de estimar muyto occasiãõ , que ao menos te servira de aviso , & defengano para o que d'elle esperavas. Tanto te quer Lereno (disse Enalia) & em taõ pouca conta me tem a mim , que poem em tuas maõs o que eu só da sua confiey ? Não querera o Ceo , ainda que eu tenha o que mereci , que elle não pague o que me fez. A ty por agora rogo , que como mulher me guardes o legredo , que elle me devia , & me tornes essa carta , pois he minha , & em maõ alhea corre perigo. Obrigote minha fê (respondeo ella) que ainda a quem tu queyras que a veja , o não sayba de mim , a carta te não posso eu dar sem licença de quem ma deu , mas te asseguro de que outrem a veja , até tornar a tua maõ. Com estas palavras se aqueitou a enganada

da pastora, & com as lagrimas nos olhos deyxou a Lisea contente do successo, cuydando, que nelle estava o de seus amores mas considerando depois o que lhe faltava para o acabar, & as mudanças que a ventura tem, se assentou ao pè de hum salgueyro junto do rio, & ao som das agoas, que nelle quebravaõ, cantou o seguinte.

V Enci por arte hum perigo,
 Duvidoso,
 Mas outro mais perigoso
 Busco, & sigo.
 Para poupar o inimigo,
 Que me mata
 Offendo a quem o maltrata,
 Quem vio tal.
 Que eu busco forças ao mal
 Com que amor me disbarata.
 Permita elle que não seja
 Esta vitoria.
 Dar a quem me vence a gloria
 Da pelleja.
 E que me não faça inveja
 Conhecida:
 A que levo de vencida,
 Neste engano,
 E que não busque em meu damno
 Armas para ser ferido

*Mas amores tu me defendes,
 E me aprazes,
 Porque só do que não fazes
 Te arrependes,
 Se eu offendo, a ti te offendes,
 Que este enleo,
 Com que meus males grangeo
 He sem temor,
 Porque nas obras de amor
 Vence a vontade o receo,
 E pois guias o começo
 Como quero.
 Faze que veja o que espero
 Do successo,
 A vida te dou por preço
 Se maderes;
 E se de meu bens quizeres
 Só ser Rey
 Em teu nome gozarey
 As merces que me fizeres.*

Atalharaõ ao seu cantar os pegureyros, que andavaõ ao longo do rio colhendo ramos, & canas verdes para ao outro dia enramarem as cabanas, & porque em velperas de festa os guardadores recolhiaõ mais cedo o gado, levou Lisea o seu aos curraes, não perdendo a lembrança de seu cuydado, que aonde os de amor tem lugar, sempe occupaõ o melhor. E como este, & o fervor da idade não consentiaõ a Enalia de liberaçaõ, foy logo buscar a Lereno, & encontrando o perto da cabana, lhe fallou, & vendo que elle mostrava semblante

te ledo, disse. **Ha** não mundo, Lereno, que te sabes fingis para mostrar bom rosto a quem tens taõ ma vontade? ao que elle respondeo muyto rizonho, se tu sabes a verdade da minha, para que a tratas mal, que ainda em zombaria he ingratakaõ, só hum queyxume podes ter della & he não mostrar no rosto o lugar, que te da no coraçãõ. O que me tu das como inimigo (respondeo elle) te não mereci eu pelo que te quiz, mas fieyme de ti, & ainda senãõ conhecera as tuas palavras com ellas me enganaras por quam bem me pareciaõ. Agora (disse elle quasi turbado) sospeyto que fallas de siõ, & se tal he não me tenhas suspenso. Como tu dissimulas (respondeo Enalia) assi me veja eu vingada, pois com hum engano queres testituir o descre dito em que me puzeste. Se a minha carta te aborreçia, não bastava conheceres a causa donde nasceo para a não entregares em mãos de Lisea? Se mostrar que te amava, era erro, não bastava por castigo, que me desenganassem? que ley? que fé? que amor contente? que grangees a custa de minha honra a vontade alhea. Enalia (disse o pastor bradando) espera dizeme o com que me condenas, & de que te queyxas, que te juro que o não sey. Se queres (profeguiu ella) que te conte a historia, para te renovar o gofsto della, atẽ isso farey, porque espero ter em tudo vingança, que nunca ingratos perderãõ castigo; dormias, & eu vigiava para te buscar, não cuydando, que nisso buscava minha morte, puz hum ma carta na tua mãõ de que soltaste o cajado, & esta achey agora na mãõ de huma inimiga a quem a deste, & sem razaõ lhe chamo este nome, pois tu só o mereces, que desculpa me das, para que com diferentes estremos não mostre ao mundo, que es hum traydor desconhecido? Nãõ pode arazaõ ter valia (disse o pastor) onde a payxaõ esta taõ poderosa, mas quero Enalia, que com ella vejas o pouco fundamento de teus queyxumes, & mostrarte essa carta se he huma que acordãdo estoutro dia ao longo do rio me cahio sobre o peyto, a qual, nem eu tenho por tua, nem ategora sahio do meu curraõ, & dizendo estas palavras, que ella jã ouvia mais quieta, tirou a carta, & lendoa a pastora conheceo a letra de Lisea, & julgou das palavras o que com a sua podia acontecer. Porém
 neste

nesto tempo apparecerão por cima do outeyro outros pastores, & Enalia sem despedirse, tomou o caminho do valle, despedindose com os olhos de Lereno, levando consigo a carta, sobre que já hia fundando suas vinganças, lendo-a muytas vezes, & achando mais clara a innocencia do pastor, & a malicia de quem a trocara, quey�andose de si por quaó mal tratara a quem tanto queria, coula natural de quem ama; mas porque o dia era acabado se recolheo, & Lereno com os mais pastores ficou praticando nas festas da Aldea, que em bens, que chegando passaó, o melhor saó as esperanças.

FLORESTA NONA,



AHIO a rosada Aurora a descobrir o dia, & tras ella veyo o Sol taó fermoso, que Thetis desejava a vinda da noyte, para com inveja das estrellas, gozar nas agoas sua fermosura. Vestiaóse os pastores de festa, afinavaó os instrumentos, coroavaóle de flores as pastoras, & com vestidos de varias cores, & divisas começavaó a celebrar a gloria do dia: estavaó as cabanas enramadas, & com namoradas tençoens sobre as portas, as ruas cubertas de verdes, & floridas espadanas, onde se ouviaó já as frautas, & tamboris das danças dos pegureyros, as folias da alvorada, & entre tudo o balar do gado, que os pastores traziaó, concertava tal harmonia em os coraçõens presentes, que ainda os que eraó a cuydados de amor sugeytos os sentiaó menos, & com este meyo dissimulou Enalia os seus, assim que tomando delles licença, se ornou para a obrigaçãõ dos folgaes, que se faziaó em hum espaçoso valle, que além da fermosa verdura com que a natureza o aventajou de todos os daquela ribeyra, estava cercado de muytas arvores verdes, que postas em muro por huma parte o rodeavaó, & da outra o rio, que có faudola volta o vay cercado por entre os seus altos arvoredos, & assim de entre elles, como na espessura, que de fronte faziaó ostralplantados ramos, avia muytas fontes de artificio, & muytas figuras pastoris, que em vulto representa-
vaó memorias antigas em honra dos pastores. No meyo de
todas,

todas , sobre hum penedo cuberto de verde era ao pè de hum freyxo , de cuja altura cahia huma vide , a que com a verde latada de tuas folhas fazia no alto hum gracioso guarda pó, estava levantado o latyro Paó, deos dos pastores, como os antigos o pintaraõ , com a sua frauta de canas, coroado de suas folhas , de entre asquaes sahiaõ muytas flores ; que em ramalhetes le juntaraõ sobre os cornos ; dos altos ramos cahiaõ pendurados todos os instrumentos necessarios à pastura dos gados , & à musica dos pastores , & junta a raiz do penedo sobre dous rafeytos , que muyto ao natural representavaõ , avia hum quartel , no qual sotilmente estava entalhado este foneto.

N Inphas as que fugis de quem vos ama,
E a morte a muytos dais mal merecida ,
E tendo por vitoria tal fugida

Cahis nas mãos do fado , que vos chama.

De huma Nimpha cruel vos lembre a fama,

Que do sylvester Paó foy taõ querida ,

E por ingrata , & dura convertida

Se vio em cana vãa , & em verde rama.

Aquelle peyto bello , ingrato , & duro

Jà transformado em cana , a frauta amada

Tem della o vencedor pera divisa ,

Naõ ha contra o amor poder seguro ,

E mayor pena a sorte tem guardada

A quem de alheos males naõ se avisa ,

Naõ muyto longe desta estancia sobre o arco de huma fonte , que com estranho artificio sahia de hum remanço do rio, estavaõ sentadas Ceres coroadada de loutas elpigas com huma fouce na mão direyta , & na outra hum arado. Pomona com huma capella de verdes fruytas , sacodindo huma arvore, que com o peso dellas se vinka a terra: & Flora com hum vaqueyro de primavera, & huma grinalda de flores sobre os cabellos, & na mão huma poma de cristal lavrada de laçaria de ouro , deque estava soltando cheyrosos borrifos , que cahiaõ sobre
a natural

a natural verdura do deleytoso prado. De fronte dellas estava sentado sobre hum penedo o pastor Paris, & diante delle cubertas de sotil vèo as tres deosas, que pretendião a maçã dourado, que elle tinha na mão, mais duvidoso na escolha da peyta, que na verdade da justiça, & sobre huma faya a que Venus estava encoitada, se via este letreyro.

*Foy o juizo de amor
De belleza a diferença
Entre Deosas, & a sentença
Foy dada por hum pastor.*

Abayxo desta estancia ao pè de hum loureyro (de cujo tronco sahia hum esguicho de agoa, que em hum tanque de espessa murta com estranha ordem se escondia) estava Apollo em traje de pastor còroado de suas folhas escrevendo no tronco este letreyro,

*Do amor, que a Daphne tinha.
Este teve amor ventura,
Que em si esconde a figura
Deyxando a sombra por minha.*

Fronteyro desta estancia a sombra de dons copados salgueyros, estava Mercurio vestido de Pastor, tangendo diante o Vaqueyro Argos a sua franta, o qual dos seus olhos adormecia, descuydando-se com a suavidade da musica da vaca, que guardava, & dizia huma letra, que estava sobre hum salgueyro.

*Mal se defendem os olhos
Do que os sentidos engana.*

A Qui se ajuntarão todos os Pastores daquella ribeyra, & de todos os montes vizinhos, & có grãde alegria, & alvoroço, occuparão o terreyro, mas não tardou muyto, q̃ de hũa Lapa ao lógo do rio estava encuberta entre hũas aveleyras, sahio hum sátyro cuberto de folhas de era, & na cabeça sobre os cornos huma capella das mesmas folhas tecidas com muytas

flores sylvestres, & traz elle sahio huma dança de Pastoras com capirotos de verde claro com vivos, & borlas brancas, pellicas crespas, & alvas, debruadas da cor dos capirotos, & em lugar de cajados canas verdes nas mãos, & estas tomando o terreyro, dançarão com estranha graça, & gallantaria ao som de hum salteyro, que o fátyro lhe tocava, & fazendò suas ordenadas mudanças, forão offerecer ao semicapro Pão as verdes canas, em memoria da sua Nimpha nellas convertida. E acabadas as continencias de cada huma, duas ao som de novos instrumentos cantarão o Soneto, que no quartel estava escrito, & acabado, se sahirão daquelle cerco, & logo por outra parte delle entrarão dous Vaqueyros anciãos vestidos de festa, dos quaes hum tangeo hum fanfonina, & outro hum arrabil, que com ella concertava, tomaraõ lugar no campo, & depois delles huma dança de pastoras com vaqueyros quarteados, & com grinaldas de flores tambem tecidas, que mais pareciaõ ter nascido alli naturalmente, que serem obradas pela mão da arte; mostraraõ ellas tanta em aparecendo, que quasi todos se descuydavaõ das que com tanto sabor tinhaõ visto, & ouvido. Lisea, que as guiava, vestia hum vaqueyro de quartos laranjado, & pombinho com franyas de prata, huma grinalda de jasmins, & cravelhinas, entremetidas com algumas rosas brancas, que entre verdes folhas de roleyra tinhaõ mais graça, humas alparcas abertas tomadas com alguns botoens de bemmequeres entre fitas laranjadas, com hum arco sotilmente lavrado, em cuja volta ficava a todas hum lugar capaz para comprender as tençoens de seus amores, que alguns por serem conhecidos, & outros pela galantaria com que encobrião o que mostravaõ eraõ de todas celebradas as divisas, a de Lisea era em campo de ouro hum Pelicano, ferindo o peyto sobre os tenros filhos, & ao pè dizia esta letra.

A' custa de minha vida

Sustento a de meus cuydados.

A Primyra da banda direyta, que todas vestião de encarnado, & branco, com as mais guarniçoens que aguia levava.

levava. Era Timbrea não menos namorada, que fermosa, tinha no arco pintada huma cadea cerrada em duas voltas, & no campo, que deyxava, em letras esmaltadas de ouro este mote.

Sentirey a occasiã

Deste mal, que amor me ordena,

Se com o tormento da pena

Me tirarem da prisaõ.

A Segunda era Nise, que izen a das penas de Alceo não conhecia nada das de amor, antes desprezava seus poderes, imaginando, que o de sua fermosura a podia livrar de fugeyçoens alheas; & levava no arco em campo de prata huma rosa metida entre altos espinhos, & ao pé esta letra muyto confiada.

Mais fermosa, & mais segura.

D E pois desta vinha a namorada Ardelia menos confiada no emprego de seus cuydados, do que lhe merecia que na alma os guardava, tendo por mais facil encobrir amor, que discontentala; & trazia no arco em campo branco hum Fenix, fazendo o ninho ao olho do Sol com esta letra.

Noutro me abraço, & consumo,

E he justo que o sefra, & tenha,

Pois nos olhos trago a lenha.

T Ras ella vinha a linda Florisa, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de huma affeyção; & levava no arco huma seta atravessada com o sangue te as penas, & dizia a letra.

Desta, que amor me tirou

Na alma a farpa se escondeo,

Mas o mal se conheceo

Pela pena que ficou.

A Ultima das de encarnado, & branco era Pinea tão livre como bella; & levava no arco em campo de ouro,

Cupido com as mãos atadas atraz, & o arco quebrado sobre a aljava, & dizia nella esta letra.

*Comigo não val amor,
E sem mim não tem valia.*

A primeyra das da outra parte, que vestião de azul claro, & amarelo tostado, era a fermosa, & descontente. Oli-va, & pelo que esperava de sua affeyção, levava no arco em campo amarelo a roda da Fortuna tirada do eyxo, & ao pé este mote.

*Não dara corte a mudança
Neste mal em que me vejo,
Porque creceo no desejo
O que faltou na esperança.*

A Segunda era Risarda em extremo discreta, & engraçada, que posto que livre, sentia bem dos cuydados de amor, & por mostrar esta vontade, levava em campo verde hum melro, olhando para o laço, que lhe armarão, sem cahir nelle, & dizia a letra.

Nem lhe fujo, nem me enlaço.

A Que atraz della vinha era Learda, a qual tendo o seu Pastor muyto tempo ausente, se mostrou sempre firme, fugeytando os impossiveis com que o tempo lhe impedia guardar a fé de seus amores, desprezando os de Albano Irmão de Lisea, que era Pastor muy rico daquella montanha, & além dos bens do seu gado, tinha outros muytos da natureza, que não bastavão para a obrigar; levava no arco huma fonte, que impedida com huma mão a corrente, lançava a agua por cima com mayor furia, & dizia a letra.

*Pelo lugar donde nace,
Crece mais minha affeyção
Contra o poder da razão.*

A Que logo depois della se seguia era a linda Pastora Enal-
lia, não pouco offendida de quem a guiava, & tinha no
arco

arco em campo de Ceo hum Açor voando, & dizia a letra.

Tambem o ousado recea,

E ambos temos por guarida,

Sustentar a propria vida

A custa da morte alhea.

NO derradeyro lugar vinha Clarea, que em premio de seu amor mal empregado, sofria os disfavores de Albano, & trazia no arco em campo branco huma borboleta, que se acendia em o lume de huma vela enganada na fermosura de sua vista, & dizia a letra.

Quero bem a quem me mata.

FOy esta mostra tão fermosa, que todos julgavão, que na vista dos trajos, & dividas se gastasse o dia, que ainda para tantas galantarias era pequeno; mas muyto melhor parecerão, quando cada huma dançando mostrou sua graça, & desenvoltura, levando fugeytas atraz de si as vontades dos Pastores, que as olhavão, & com estas se sahirão do terreyro, onde logo se começou a ordenar a luta, cujo preço era hum novilho branco, manchado de negro, com o pé, & mão direyta calçado, o topete louro, & crespo, donde lhe descia huma sylva branca, os cornos de meya volta, raiz negra, & ponta aguda, estava atado a hum alto amieyro com huma capella de muytas folhas, & em quanto os cobiçosos lutadores se concertavão para a contenda, entrou huma folia dos guardadores da ribeyra, com vaqueyros verdes semeados de malmequeres brancos, & amarelos, & os da outra parte de leonado, semeado de flores de borragem, o tambor trazia hum vaqueyro quarteado de ambas as cores, & guarniçoens, & assim elle como os mais, trazião capellas de sylva, & erva cidreyra, & entremettidos alguns cravos miscrados, estes cantando graciosas chacotas, rodearão com muyto alvoroço o terreyro, atè que ao som das trombetas, & sanfoninas sahirão ao campo os que nelle havião de lutar, dos quaes o primeyro foy Clorino, nomeado na montanha por Pastor de muytas forças, & maravilhosa destreza (como logo alli mostrou) à custa de Penalio, que

não lhe valendo a arte dos pés, em que tinha mayor subtilidade, depois de grande espaço veyo à terra, onde se elle quizerá ver soterrado por não padecer tal vergonha diante de Olivia, a quem era affeyçoado, & até a sua presença lhe valeo pouco, & menos a Faiardo, que aindaque era em forças aventajado, & duas vezes levava o contrario de vencida, houve-se com tanta arte, que falsandolhe huma travessa, o revirou por cima do hombro esquerdo, deyxando-o estendido no campo, aonde ficou por hum espaço sem sentido, até que seus companheyros o levãrão, & os de Clorino o cobrião de ramos verdes como a vencedor; & todos os mais Pastores, vendo que já nenhum se aprestava para lhe fahir, tinhão por sua a vitoria da luta, mas não imaginava Lucelio (hum Pastor estrangeyro natural do Leça) que ainda determinava provar a ventura, & de supito pareceo no terreyro com tanto animo, que Clorino com sua vista perdeo parte do que tinha cobrado; mas ainda com mostras d'elle, remetteo o ganharlhe os braços, porém achou-os tão duros, que pertendia já igualar com as artes forças, q a Lucelio aventajavão, mas nesta era elle tão dístico, que arcando ambos vierão a terra, trazendo Lucelio o contrario diante de si, com o pezo de suas forças sojugado, & elle se livrou ainda de maneyra na pancada, que ficou a queda duvidosa, & mandandolhe os Juizes contender de novo, aindaque Clorino andava ahlás cansado, animosamente se defendia; com tudo, entadado o outro de elle lhe durar tanto, procurou soltallo do ar com tanta furia, & o contrario vendo-se em aperto, lhe lançou as mãos ao pelcoço; mas falsandolhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em terra com grande desmayo de seus companheyros. Logo alli começãrão as festas, & grita dos Pastores, tornãrão as danças, & as folias, & com as ceremonias acostumadas derão ao vencedor Lucelio o preço da luta, & acabada ella, porque já se faziã tarde, fahirão quatro Pastoras muy ricamente vestidas com seus vaqueyros roxos franjados de branco, & grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, & ao som de quatro violas de arco, que tangião, cantãrão a seguinte Ode.

De Francisco Rodrigues Lobo.

297

Já vay fogindo o dia
Por entre os altos montes,
O sol se vay nas ondas escondendo
Já como antes feria.
Naõ toca as claras fontes,
Antes em suas agoas se está vendo
Deyxando o verde louro
Para ir mostrar ao mar seu rayos de ouro.
Já o vento em mudece,
Que andava na verdura,
Fazendo entre as boninas nova inveja,
Com sombras se entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nuda se vê, que alegre seja;
Os passarinhos ledes
Mudos descanção já nos arvoredos.
O Ceo mostra escuro,
Escurecese o prado
Esperando outra cor da luz alheia,
Só se ouve o murmuro
Do Lis, que já cansado
Com as ondas abraça a loura areia,
E junto à relva verde
A fermosura, a corza graça perde.
No extremo Occidente
As nuvens rutilantes
De roxo escuro já se vão fuzendo,
E do claro Oriente,
Estrellas de diamantes
Por entre as pardas sombras vem rorpendo.
E aufente a luz Phehea
Diana sobre agoas alumea.
Deyxemos a floresta
A' triste Philomena
Que ao longe já de nos se vay queyitando.
Acabe a nossa festa,
Comece a sua pena:

A meo

De Primavera

*A memoria dos males renovando
 Que para huma alegria
 Sempre cobrou o Sol horas ao dia
 Viva em nós a memoria
 Deste contentamento
 Em quanto o prado der pasto aos carneyrós.
 E creça sempre a glória
 Do novo vencimento
 Assim nos naturaes, como estrangeyros,
 Celebrem os Pastores
 O devido louvor de seus amores.*

A Cabando de cantar, & sahindo do terreyro as quatro Pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de musicos assentos todo o valle, que com o mudo da noyte consentava estranha armonia, atè que em breve espaço ficou o prado só, & a noyte, scura, offerecendo doce repouso aos trabalhos do dia, que aindaque os de gosto se não sentem, depois pelo costume todos cançãõ.

FLORESTA DECIMA.



Passatempo das festas, & alegrias dos Pastores, não tiverão a Lereno o sentido de seus cuydados para quem guardava o melhor do dia, & aindaque no passado não pode fugir ao ajuntamento dos outros Pastores, pertêdia recuperar esta perda q̃ tinha por grãde, a em entregar aos outros à tristeza da saudade, & ao receyo de lhe saltar a gloria promettida, que era ver a sua Senhora ao outro dia no valle desconhecido, & gastando as horas na esperança desta, se foy com as ovelhas descendo hum outeyro sobre o valle, onde pastava, & desviado hum pouco dos rafeyros, foy ter a huma fonte, que ficava entre duas lobidas, que naquelle bayxo se causavão, & estava ella tão escondida entre huns penedos cubertos de lingua cervina, que etcaçamente se conhecia pela queda das lagrimas, que cahião do alto, estylladas pela verde avenca, que sem semolhar as delpe-

dia

dia sobre o claro remanço. Chegando o Pastor á vista della, se deteve no estreito caminho por não estrovar a hum royxinol, que de hum ramo de aveleyra com saudosos aslovios, fazia hú sonoro ecco entre os montes, & depois de redobrar com mil queyxumes a cantiga de hum voo, se passou para humas arvores altas, que da outra parte ficavão; então foy o Pastor adiante, & ficou muyto mais confuso vendo a Lisea, que sentada sobre huma pedra da fonte tinha em o chão escritas estas palavras.

Tive enganos por ventura;

Para sentir mais meu damno,

Se he mal viver de hum engano,

Cemo hum mal tão pouco dura?

A O movimento dos ramos, que ferravão o estreito caminho, virou Lisea o rosto, & vio a Lereño, & aindaque magoada delle, pelo que Enalia lhe contára, não pode o amor que lhe tinha negar seus effeytos, mas dissimulando o mais que lhe foy possível o gozto de o ver, lhe disse. Como vens Lereño a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal, que soubera tomar vingança de tuas sem razoens, & satisfação de minha magoa? Porém tanto me sejeitou amor, ao que te quiz, que em lugar de queyxarme, te offereço lagrimas com que me contento, pois nascem da causa que busquey para ellas, & dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, & com novas gotas de crystal a revolvía. O Pastor, cujo coração não negava a payxoens amorosas piedade, se vio enleado, & conhecendo a causa, pelo que já Enalia lhe dissera, tomando-a pelo cajado, lhe dizia. A essas lagrimas injustas, bem he, que pague com a vida o ter causa dellas, mas aindaque por ti seja voluntaria a morte, se executará em hum innocente, que te offendeo sem saber o que fazia; levanta o rosto de sobre a fonte, & com os olhos no meu te assegura, que te não offendi, nem me falta sentimento de teus queyxumes; declarame os que tens, que se com a vida puder darlhe remedio, a entregarey à tua vontade. A isso se levantou a Pastora, & virando os olhos a Lereño, vio os seus, que com a mesma dor se encherão de lagrimas,

mas, & pezarosa daquella tristeza), que lhe pareceo mayor mal (por ser experimentado em quem tanto amava) lhe disse com hum suspiro. Se elles sinaes Lereno são verdadeyros (como eu quizera crer,) porque em outros te acho meu inimigo? E se as minhas lagrimas te magoárão em fé, que te pezou de meu desgosto, porque de duas cartas minhas partiste pelo meyo com Enalia, dandolhe aquella, cujo segredo mais me importava? Que pena merece (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ty, porque lhos ordenava sua ventura, que tem força do fado, de crer he que não te offendesse, nem por sonhos? Veyo Enalia a mi muyto queyxosa, que te dera huma carta sua, de que eu não sabia, & perguntandolhe o modo porque viera ter a minha mão, me contou como nella a deyxara estando eu repoulando junto do rio; mostreylhe então huma, que da mesma maneyra achara quando adordey, não imaginando que era tua, como depois soube; confessando-me Serrano, que era outra, que antes me tinha dado da mesma letra, & com o pesar deste successo ando tão triste, que se a culpa fora minha, estava bem vingada. Não no quero eu ser tanto à minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeyta da tua descarga, & indo adiante lhe cortou as palavras huma voz, que perto dalli ouviraõ, como quem vinha endireytando para a fonte, & escutando de perto o que seria, conheceraõ, que cantava esta glossa.

Todos conhecem meu mal,

E ninguém a causa delde;

Eu sey que morro por elle

Contra elle nada me val.

Hum cuydado bem nascido, Sem ventallo, & sem dizello

Que amor n'alma me tem posto, Todos conhecem meu mal.

No peyto o trago escondido, O mal nunca faz engano

Mas elle de mal soffido, Por ser mais claro que o bem,

Logo se mostra no rosto: Não se encobre em peyto humano,

Que farcy para escondelo? Logo se conhece o dano

Se encubrilho me não val. Sem se saber donde vem.

Que por mais que me desvello, Ande o meu n'alma enserrado

Por mais que o rosto o revelle	Não no sayba mais ninguém
Conheção pois he forçado	Eu sey que morro por elle.
nascer de amor meucuydado,	E se sem segredo me enleo
Mas ninguém a causa delle.	He porque quer minha sorte
N' huma pena tão comprida	Induzirme este receo,
De huma só magoa me teme,	Pois que vindo donde veyo
Que he perdendo nella a vida	Me achava a vida na morte;
Não ser na morte entendida	Mas no tormento a que vem
A causa de hum tal extremo.	Tudo faz só por meu mal,
Se inda este mal me convem	E elle por me não dar fim
Quero ter segredo nelle,	Tudo lhe val contra mim
E ser sofrego no bem,	Contra elle nada me val.

A Inda não acabava o derradeyro verso da sua cantiga Learda, que era a que sobre a fonte, vinha decendo, quando vio a Albano, que conhecendo-a ao longe pela voz a veyo seguindo por entre o mato, & ella por lhe fugir, como costumava, saltou sem tino sobre a riba da fonte, aonde Lisea estava enlevada nas palavras do seu pastor, em cujos braços cahio com o sobressalto esmorecida, ao tempo que Albano chegou, o qual vendo a Irmãa encoftada no peyto de Lereno, ficou tem cor, & abrazado em ciumes, & ira, além da que tinha da fugida da pastora; começou a chamar a Irmãa de femmentida, & desleal, ella, que ao tom destas palavras acordou, dando lugar a Lereno, que se levantasse, lhe contou como elle fora a causa de hum accidente, que naquelle lugar a inclinara, & o mesmo lhe disse Learda, com cuja vit-ta ouve de perder parte da colera com que vinha, & dissimulando a que ficava de sua sospeyta, pedio perdaó a Lereno, que até então a rogo das pastoras esteve callado, & voltando depois para a sua formosa inimiga a quem seguia disse. Daqui julgara Learda os males, que causa tua ingratitude, que não só agravas ao que te quero, mas fazes, que offenda a quem sempre desejey contentar: porém para Lereno baste por disculpa a razão com que me enganey, & a Lisea a causa que me deu para esta sospeyta. Comigo (respondeo Lereno) estas bem disculpado, que só de Learda terey queyxumes, pois das
fem

semrazoens, que contigo usa, nascêrão as com que trataste mal a Lisea, & em pena do mal, que a ambos fez padecer injustamente, pedimos em satisfação, que de hoje em diante prometta galardoar melhor a affeyção, que te deve; com isto não quiz consentir a Pastora, porém com menos elquivança se desculpou, do que Albano se houve por satisfeyto, & todos em companhia se forão para o valle cantando o seguinte.

*Olhos em cuja conquista
Se perde a vista: & se alcança,
Quem vos vê: vê a esperança,
Que perde perdendo a vista.*

*Coração não receeis
Este mal que vou buscando
Que vos tão mal conheceis,
Que perdendo ganhareis
O que perdeis não ganhando
Meus olhos, que a vista terdes
Aventurais nesta vista
Não vos pese de a perderdes
Que perdendo-a basta vedes
Olhos em cuja conquista.*

*E vós causa principal
Desta ousadia, & receo
E deste atrevido mal
Olhos ante quem o cristal
Fica escuro, & fica feo,
O que em vossa cor se alcança
E o que eu quero o mesmo he
Se o não trocara a mudança
Que se vira quem vos vê
Quem vos vê, vê a esperança.*

*E inda que tudo percais
Em nada podeis perder,
Pois no que perdeis ganhais,
Que se a vista he para ver
Vos não tendes que ver mais;
Se este bem vos assegura
Olhos mostrai confiança
Para tanta fermosura,
Que onde a vista se aventura
Se perde a vista se alcança.
Como soe acontecer
Dura tão pouco essa gloria
Acabando de vos ver,
Que só fica na memoria
A vista para a perder,
Que essa cor fermosa, & bella
A quem nada ha que resista
Quem a vê perde-se em vella,
Pois vê a esperança nella,
Que perde perdendo a vista.*

DEpois de cantarem, se apartarão os Pastores para seus rebanhos, & ficou Lisea com Learda ao longo do rio (aonde os salgueyros, que a turva corrente do inverno arrebatara, deyxavão sobre a vea da agua os verdes ramos) junto

junto de huma espessa lylveyra, que pelo areal se mettia dentro do rio, sustentada dos antigos troncos, que alli ficãrão, & dentro nella estava o Pastor Alceo dormindo a festa, de modo, que com a espeñura do matto, se não podia dividir. Alli tomou Lisea pela mão a Pastora Learda, & com palavras de amor, que até nos olhos lhe mostrava, lhe dizia, folgãra não fer parte em teus amores, por não fazer sospeytola a verdade do meu conselho, & assim te diria com menos receyo o que finto, & deyxando o respeyto de Albano (a quem por natureza estou obrigada) não consentirey, que sendo tão fermosa, sejas ingrata a quem te ama, por não ver alguma hora mal empregados os castigos de amor, em os quaes nem val a desculpa da innocencia, nem o poder de tua fermosura, & bem creyo eu, que se conheceras quanto custa querer bem, o não pagãras mal a Albano, nem houveras por interessada a minha razão. Não lhe sejas esquiva em paga de te ser affeyçoado, que he fazer contra o muyto que mereces. A isto respondeo Learda com os olhos bayxos, & a cor alterada. Cada huma de nós Lisea julgando pela experiencia, que tem de amor, seguimos nelle extremos muy differentes; tu pelo que conheces de quem amas, ou pelo que de ti tens alcançado julgas quanto custa amar, & eu tenho conhecido quam pouco val pela verdade que experimentey, & se te não for pezada ferey breve.

N O principio de minha tenra idade
Quando livre d'amor menos sentia
Os enganos, que trata a quem conhece
De sua sogeyçãõ mal entendida;
Quando da liberdade, que gozava
O preço não sabia despresando
Bens, que sò pela ausencia se conhecem;
Com hum pastor me criei desta ribeyra,
Do meu paterno sangue procedido,
Com tão livre querer, que não sabia.
Mais que quererlhe bem singelamente,
Com elle apacentava o manso gado,
Com elle as leves feras perseguia.

Com elle a tarde a sesta, a madrugada
 Recolhia, & tirava o meu rebanho,
 Mas como amor espreyta sempre o tempo,
 E vio que neste estado se criava
 Fora de seu respeyto tanto amor;
 Foy elle com a idade grangeando
 Poderse descobrir seu senhorio,
 Neste crescendo foy nossa affeyção
 Atè chegar a hum conhecido extremo
 Que mal se esconde o que nos olhos mora,
 Eu vivia de vello, elle de verme,
 Cada qual em seus olhos tinha a vida.
 Todo o nosso desejo,
 Toda a nossa esperança
 Era ser elle meu, eu sua esposa,
 Nisto a fé era igual, & a segurança
 Da vontade do Ceo só dependia,
 Não quiz elle (ay de mim) tanta ventura;
 Ou amor a invejou como tiranno.
 Aconteceo hum dia
 Passar por este valle huma pastora
 Peregrina no traje, & fermosura?
 Que nas prayas do Tejo se criara;
 E dellas se passava para o Douro,
 Onde grandes rebanhos, grandes pastos
 Herdara de hum tia, ou da fortuna,
 Que se quiz melborar da natureza;
 Vio a esta o meu pastor (que nunca a vira;
 Ou o Ceo em avendo me acabara)
 Tambem lhe pareceo, tanto vio nella,
 Que eu nos seus olhos via o seu cuydado
 Sendo o mayor que tinha defendermo:
 Comecey a sentir.
 Diferenças de amor,
 Enganos que cobrião hum a offensa
 Mal merecida, & bem dissimulada:
 Já quando me fallava

Mostrava huma frieza,
 Hum desejo, hum receo, outra vontade
 Differente daquella, que antes tinha:
 Mão he de sustentar amor fingido
 A quem já de verdade teve amores.
 Eu que a causa dos seus não conhecia
 Só com minhas sospeytas me enganava,
 Te que os mesmos ciumes descobrião
 Minha justarazaõ, & a culpa sua.
 Soube mais em meu damno,
 Que aquella mesma noyte
 Com trajos differentes
 Avia de ir fallar a esta pastora.
 Entaõ me deu amor nova ousadia,
 Porque não pode dar-me paciencia
 Que não desesperasse em tanto aperto;
 Mudo o trajeo tambem, mudo o toucado,
 A falla, o modo, o termo, o passo, o rizo,
 Em tudo natural ao da estrangeyra
 Por ver se com fingidas apparencias
 A graça da ventura lhe ganhava:
 Mas ay que em vão se muda o trato, a vida,
 E a sorte por mudavel sempre he firme,
 Quando nos males fixa a roda ingrata!
 Com o escuro da noyte poderosa
 Junto àquella cabana onde pousava
 Me subi no lugar mais alto della,
 Esperando o successo não cuydado,
 Eis quando o meu pastor
 Na volta de huns valados apparece
 Guiando para o posto com cautella:
 Como quem já de amor vinha insinado,
 E vendo me defronte
 Cuydando, que outrem via
 Com mimosas palavras me obrigava
 A crer o que dizia.
 E eu por melhor fingir via, & callava,

Representoume alli sua afeyção,
 Obrigoume a que cresce o seu cuydado,
 Sem procurar de amor outro interesse.
 Que faria coytada
 Quem pelo seu samente alli viera?
 Em mil desconfianças
 Lhe puz a propria vida;
 Deylhe mil desenganos
 Com asperesa ingrata,
 Te velo alli estar desesperado,
 Mas não no consentia de vontade
 Este meu coração, que hia temendo
 Por em risco huma vida
 Por quem mil vidas dera,
 Se tantas possuira,
 Ou se quem lha tirou tantas quizera,
 Que mal fingir sabia crueldades
 Contra quem tanto amava:
 Mal me desobrigava das palavras;
 Que sempre me venciaõ.
 Em fim cortando as suas me apartey
 Por lhe não dar mais forças contra mim;
 Foy seguindo a pastora o seu caminho,
 Partiose para o Douro doscuydada
 Do que em sua figura acontecera,
 A ausencia certa mãy do esquecimento
 Mostrou no meu pastor o mesmo effeyto,
 Tornou ao mesmo estado,
 De lhe não lembrar mais, que os meus amores;
 Mas eu não soube ter hum bem tamanho
 Se não para perdello,
 Huma manhã dourada,
 Para mim triste escura,
 Que nunca a manhecera,
 Deciamos com o gado para o valle
 Ambos em companhia
 Em praticas de amor exercitando.

O juizo sogeyto a seus poderes.
 Não sey como assi foy, que ou descuydada,
 Ou tentada da sorte minha imiga
 Lhe chamey desleal, & fementido,
 Mudavel, & incapaz de meus extremos;
 Elle tendo a razão por encuberta
 Se ouve por offendido,
 E com rigor sobejo me culpava.
 Obrigoume a contarlhe a triste historia,
 Como me acontecera.
 Serviolhe a minha queyxa de lembrança,
 E a mi minha vingança de castigo;
 Apartouse demi, & vindo a noyte
 Se despedio tambem destes outeyros
 Sem dizer mais, que a elles, tal mudança:
 E estes meus tristes olhos, que o perderão,
 Choraõ de dia, & noyte a culpa minha.
 Hora julga Lisea do que ouviste
 Em quem terey amor firme, & seguro,
 Se neste fez o tempo tal mudança
 Em quem poderey ter firme a esperança?

Uvi a tua historia (disse Lisea) com o pezar que devia
 a desgraças de teus amores, de que com razão deves
 sentir o successo, porèm não te desobriga nelle o engano de
 hum Pastor, para que offendas outro, que de verdade te quer.
 E que segurança (tornou ella) terey de não ser engano, se aon-
 de havia tanto mayores razoens de confiança faltou a fé? Que
 hey de crer de quem ainda não tive experiencia? Nem eu te
 aconselho (respondeo Lisea,) que sem fazer prova clara da
 fé de Albano, te fies delle, antes que o experimentes muy de
 vagar em teus amores, & como nelles o achares, assim o tra-
 ta, que de outra maneyra será executar em hum innocente o
 castigo do culpado. Não te cances (disse Learda,) que não
 hey de provar de novo o que huma vez me custou tão caro,
 nem hey de empregar minha affeyção, mais que nos teus olhos,
 que me parecem fermosos, & sem engano; a ti quererey, a ti

velarey o gado, & por teu amor desprezarey a vida; & pois he tua não a procures para quem a destruirá em pouco espaço: & com estas palavras lançou os braços a Lisea, que entre os seus por hum pouco a teve apertada. Nestas palavras estavam, quando para ellas vinha huma Pastora com hum brial branco, semeado pela guarnição de miudas boninas, hum volante deytado ao desdem sobre os cabellos, com hum cajado de aveleyra na mão, guiando hum fado de cabras para o rio & tras ellas cantava estas endechas.

<i>Pastora que q' amor</i>	<i>Compra tudo caro</i>
<i>Descobre a vontade,</i>	<i>Poz vender barato.</i>
<i>Fia a liberdade</i>	<i>Corre hum mar mudavel</i>
<i>De amigo traidor.</i>	<i>Sempre perigoso,</i>
<i>Foge do perigo,</i>	<i>Quieto, enganoso</i>
<i>Cae na cilada,</i>	<i>Revolto, intratavel.</i>
<i>Vay meter a espada</i>	<i>Amor não conhece</i>
<i>Na mão do inimigo.</i>	<i>Nem guarda respeyto</i>
<i>Da a guardar receos</i>	<i>Por não ser sugeyto</i>
<i>A quem fé quebranta,</i>	<i>A quem lhe obedece.</i>
<i>E a quem se levanta.</i>	<i>Sem vista, & sem fé</i>
<i>Só com bens alheos.</i>	<i>Nos quer conquistar</i>
<i>Toma por leal</i>	<i>Ve para atirar</i>
<i>Hum ingrato, a quem</i>	<i>Para o mais não vê.</i>
<i>Nunca se fez bem</i>	<i>Minha liberdade</i>
<i>Que não faça mal.</i>	<i>Guardaivos d'amor</i>
<i>Fia de hum contrato</i>	<i>Vivireis melhor</i>
<i>Com que o mais, avaro</i>	<i>A'vossa vontade.</i>

C Hegando mais ao perto conhecêrão as Pastoras, que aquella era Nise, que vinha de proposito mais fermosa, para obrigar de novo a Alceo, o qual acordando do lono ao tempo que Lisea entrou na sua demanda, callado esteve escutando o effeyto, que fazia na fermosa Learda, & vendo diante seus olhos, que sempre com rigoroso desdem, delles fugia, estava contente, porém ao tempo que Nise se entregou nos braços de duas Pastoras, lhe cahio ao fando do rio huma cabra cirhada,

lhada a mais fermosa d'entre as suas, porq̃ enganada de hũ mal seguro torraõ, deu na corrente da agua, & as Pastoras sem lhe poderem valer choravão a perda della: mas Alceo, que a vio, se lançou ao rio como estava vestido, de cujo impeto ellas forão tão salteadas, que com estranho temor, desamparando o gado, fugirão para o largo do valle, imaginando, que era algum Fauno daquella ribeyra, & não se houverão por seguras até o ver sahir d'entre as ondas com a cabra sobre os hombros, & o vestido deytando de si huma nuvem de agua: então chegando todas a elle lhe derão graças do trabalho, em especial Nise, de quem a cabra era muyto estimada, lhe disse: Nunca me esquecerà Alceo o a que te aventuraste por meu respeyto, tendo por menor perigo o da tua vida, que a perda da minha res. Quizera eu (respondeo o Pastor,) que fora este hum golfo muy perigoso, & que me mostraras da outra parte teu desejo, a ver se desprezava o poder das ondas, & o bem da vida por te dar gosto, & te (como atégora me mostraste) o tens de meu damno, dizemo em galardão do que te quero, & padecerey por minha vontade, & peço isto neste lugar, porq̃ não sey se me darà outro minha ventura: Nise, que ouvia as palavras do Pastor, & que nos olhos lhe conhecia a verdade dellas, & o via que sahira d'entre as aguas por seu serviço, não lhe pode negar compayxão, & obrigada das companheyras, lhe respondeo: Sempre me pezarà de teus males, & não permitta o Ceo, q̃ por minha cauza padeças algum, q̃ já agora seria ingrata, ao que te devo, se não procurasse teus bens com muyto desejo, & ao tépo deyxop por agora o mais, com isto ficou Alceo tão satisfeyto, que o contentamento lhe tirou o poderlhe responder, mas com os olhos lhe mostrou o que a lingua não dizia; & porque era já noyte, se forão com o gado, & no caminho souberão de Alceo o como alli viera para merecer tal ventura, que como esta se não guia por razão, vay buscar a hum descuydado, que dorme, & foge de hum cuydadoso, que sempre vela.

FLORESTA UNDECIMA.



DEPOIS destes enleos de mudança, que Lereno passava na esperança de ver a sua senhora, contemporizando com Enalia, & Lisea, que cada huma com enganada confiança o procurava, veyo aquelle dia em que tinha havia tantos o desejo, & porque nenhum descuydo lhe encurtasse as horas, se levantou antes de amanhecer cuydando, que hia seguro de ser visto, quem até do Sol se encobria, & tomou o caminho junto a ribeyra do Lis, mas como quem a amor entrega seus cuydados sempre vigia, conheceo-o Lisea, que aquella madrugada se levantara por ouvir hum roxinol, que de sobre hum loureyro lhe cantava ao pé da cabana, & vendo que Lereno sahia da sua aquellas horas, temendose de alguma novidade, porque sempre amor vive entre receos, vestindose foy ao longe escondida seguindo tras elle ao longo dos matos, te que o vio entrar por aquelle desvio, sem devisar mais, que huma pequena abertura dos penedos, & alli não comprehendendo com a imaginação a causa, que o levava, o esperou, porém o pastor alheo disto como o desejo em que tinha a vida, tomou o caminho em que sua senhora o guiara, & subio ao monte por hum carreiro tão estreito entre os matos, que cuberto com os viçosos ramos de arvores sylvestres, não davaõ lugar a que caminhasse sem ruido, & sahindo por elle a hum alto, donde escondido descobria todo o valle, ouvio, que no bayxo delle cantavaõ vozes concertadas ao som de instrumentos diferentes, que com suave, harmonia se concertavaõ, & entendendo, que eraõ Nimphas daquella fonte, porque alli entraõ as suas agoas na corrente do rio, com os olhos, & ouvidos para aquella parte as escutava; era o lugar (além do que entaõ o melhorava) muy aprasivel, & deleytoso, porque depois de estar entre muytas arvores de boa sombra, que tinhaõ semeada a relva das flores, que por entre os ramos andava sacudindo obrado vento, entravaõ com muyto ruido as agoas da fonte em hum remanço do claro Lis, que debayxo dos altos freyxos, que o cobriaõ

riaõ estava tremendo, & dalli com faudoso movimento se hiaõ despedindo as agoas daquela rocha, com cujo som fazia os musicos acentos mais faudade, & dizia a cantiga:

F Ermoso rio Lis, que entre arvoredos
Ides detendo as agoas vagarosas,
Atè que humas sobre outras de invejosas
Ficão cobrindo o vao destes penedos.
Verdes lapas, que ao pè de altos rochedos
Sois moradas das Nymphas mais fermosas;
Fontes, arvores, ervas, lyrios, rosas,
Em quem esconde amor tantos segredos,
Se vós livres de humano sentimento
Em quem não cabe escolha, nem vontade,
Tambem às leis d'amor guardais respeito.
Como se ha de livrar meu pensamento
De vender alma, vida, & liberdade
Se conhece a razaõ de estar sogeyto?

A Cabado o seu canto, que era a tempo, que já o Sol dou-
rava os montes, com a fermosura da clara luz, que der-
ramava, vio que sahiaõ de huma espessa mata sete Nymphas
cubertas de hum veo roxo franjado de prata com alparcas
femeadas de flores de prata, & sobre a cabeça capellas de
acipreste, & rosas brancas murchas, & com tranças de a zul,
& prata, tinhaõ em laços os cabellos, & quatro destas trazen-
do nas mãos hum tumulo, cuberto de branco por quatro braços
de purpureo coral, pondo em hum alto, que alli estava fey-
to de diversas flores, o cobriraõ de outras muytas, & dalli a
pouco espaço vio huma Nimpha vestida com largas roupas
de cetim roxo com borbadura de aljofar, & deytada sobre o
tumulo tangendo as Nymphas sonoros instrumentos cantou o
seguinte.

R Eliquias faudosas, que em memoria
Ficastes de meu bem tao mal perdido,
De que hoje converteis em pena a gloria.
Se pode aver nas cousas sem sentido

Pela parte de amor hum sentimento,
 Que os poderes da morte tem vencido.
 Ouvi de minha voz o triste acento,
 Que suspendendo està nesta espessura
 O rio vagaroso, o surdo vento.
 E vós alma fermosa bella, & pura,
 Que estais gozando agora livremente
 Eternos bens de vossa fermadura.
 Vós alma bella, & corpo transparente,
 Que para contentar a todo o Ceo
 Deyxastes toda a terra descontente.
 Vós em cujos extremos se venceo
 A arte, & o saber da natureza,
 Que com tantas invejas vos perdeo,
 Se lá nesse alto cume de grandezza,
 Onde tudo são bens de huma alegria,
 Pódem subir suspiros de tristezza.
 Ouvi a rouca voz desta Elegia,
 Messageyra fiel da saudade
 De vossa alegre, & doce companhia.
 Ah enganosos bens da leve idade
 Quam mal em vós emprega a confiança
 Quem cuyda achar razão, tempo, verdade.
 Só he larga na vida huma esperança,
 Sò a pena nos males he comprida,
 E o mal sempre he mayor quando mais cançoa.
 Sò encurtao os fados a huma vida
 Por quem mil de vontade se perderaõ
 Se esta puder a ser restituída.
 Mas não he ella, não, a que offenderaõ
 Pois de entre escuras trevas a tiraraõ,
 Entre claras estrellas a pozeraõ.
 O mundo escuro offendem, que deyxaraõ
 Sem a luz dos seus olhos taõ fermosos,
 Que a morte em vão cerrandose abrandaraõ.
 Offendem só meus ryz tristes queyxosos
 Conhecendo no mal a differença.

De Francisco Rodrigues Lobo.

313

Doutros dias que forão venturosos.

Em quanto a dor permite esta licença

Choray meus olhos sempre a triste magoa,

E sinta toda a terra a vossa offença,

Pois perdestes a luz encheyvos dagoa,

Que saya destilada deste peyto,

Que a dor tem convertido em viva fragoa.

Fazey agoas do Lis o vosso effeyto,

E com doce murmuro sospirando

Buscay ao mar, pagaylhe seu direyto.

E se tambem por sorte acompanhando

Vos forem minhas lagrimas cançadas,

Com que estou de memorias descanzando.

Entre nuvens espessas encerradas

As fazey la sobir nesse Orizonte

Onde sejaõ da causa respeitadas.

Vos arvores sombrias, que defronte

Deste tumulto sacro estais movendo

Os altos ramos sobre o verde monte;

Com o nome de Amarili ide crescendo,

Para que do mais alto das estrellas

Ella o esteja em vossos ramos vendõ.

E vos lume do Sol, & inveja dellas

Voltay hum pouco o parecer divino

A quem se vos não vir pode offendellas

Logo fareis, que o Ceo claro, & benigno

Defenda este lugar sereno, & santo,

Que esconde o vosso corpo doutro dino.

Fareis sobir ao Ceo meu bayxo canto,

E as nuvens penetrar com voz interna,

Que com força da dor chegarà atanto.

Sobre essa Gerarchia alta, & superna

Levarà esta offerta, que offerece,

Que pode ser no mundo quasi eterna,

Por quanto dura a vida que uborrece.

A Cabado isto cobrio de repente huma escura nuvem todo o valle, & como se o Sol se eclipfara, faltou a Lerenho a vista por grande espaço, perdendo naquella confusão o sentido, até, que diante lhe appareceo a nova luz de seus olhos, & vio a sua pastora vestida em hum vaqueyro de monte encarnado guarnecido de frocos bancos, & verdes, os cabellos entrançados da mesma cor, feytos em huma serpe, a que ficavaõ por olhos dous contrafeytos bem me queres, & as alparcas cubertas delles, hum arco no braço, & huma aljava de setas, & tomando ao pastor pela mão lhe disse. Desperta Lerenho, que para cuydados tão altos, não convem animo enleado; & pois te trouxe aqui a ventura não a desconheças: ao que o pastor respondeo já menos turbado, pode desconhecer o bem, que em vossa vista se alcança, quem de todo perder o juizo, mas o que me deyxou amor para contemplarvos, nem o vencem receos, nem pode desejar outro mayor bem, que terves presente, & com este me ey pelo mais venturoso pastor que naceo nas montanhas, & prometo em gloria desta fazer lembrada no mundo vossa fermosura, & levantar nas azas da fama minha estrella com vosso nome; este vos peço que me digais para saber nomear o senhor de minha vida. O tempo to descubrirá (respondeo ella) & agora baste, que te sustentas no que ves: que nem eu faço confianças sem experiencia, nem quero que esta seja a primeyra; & quando sahires deste valle, & te vires nos da tua ribeyra, lembrate que segredo, fê, & conhecimento latistazem para com amor a falta de merecimentos humanos; não desconfies dos teus, & encomenda os pensamentos a ventura, que nunca nega favor aos mais oufados: & com estas esperanças te torna ao teu rebanho antes que neste lugar sejas sentido: & dizendo isto voltava o passo para o bosque, mas o pastor a prendeo do arco com estas palavras. Não atalheis senhora tão depressa a minha vida, se quereis, que me fique para esperar tantas venturas, que fora de vos ver, até os animaes desta montanha se levantaraõ contra mim, não me faças decer de estado tão venturoso a outro tão desesperado; & dizendo isto, foraõ saltados pelo mato de duas pastoras de estranho parecer, vestidas

das com vaqueyros de apavonado, os arcos no braço, & as voltas dos vaqueyros cheas de fruytas do bosque; & porque com a sua chegada Lereno se escondeo de subito entre os ramos, disse huma dellas, não sey pastor, que te obrigou a fugir de nosla vista, que não he cada huma de nos taõ desconfiada do que parece, que faça espanto. Tanto pode caular (tornou elle) a estranheza das confas tobrenaturaes, como das muyto distormes, porèm o meu receo foy doutra causa, que eu temia ser visto, & não receava veros; pois doutro modo quem fugiste de vossa fermosura, mostrava quaõ pouco era para a conhecer. Com essa desculpa (tornou ella) sofreremos melhor nosla desconfiança, & soltando as pontas dos vaqueyros, espalharaõ as saborosas fruytas, que traziaõ entre muytas flores sobre a relva, & sentadas comeraõ todos, porèm Lereno mais sofrego na vista de sua pastora, que na offerta das outras estava suspenso, & com mil galantarias a cada passo o despertavaõ, & acabando de comer tirando huma dellas huma dourada rabeca, & a outra pedindo a cytara a Lereno, cantaraõ o seguinte.

D Escobre novo mundo o pensamento,
Estende as azas, não respeyta a vida,
E em fantasticos bens sem fundamento
Tras a leve esperanza repartida.
O tempo he leve, & corre mais que o vento,
A fortuna mudavel, fementida,
O desejo ao mor risco se offerece,
Amor com falsas mestras aparece.
Hora huma cor, hora outra cor varia
(Quem vis cego tambem julgar de cores?)
E em cada huma enleva a fantasia
Dos seus mais que elle cegos a madores.
Mestra sempre por senbos a alegria
Quando os olhos de si não são senhores:
Naquella sombru vãa da noyte escura
Tudo possivel faz, tudo assegura.
Contra o fingido bem da gloria humana:

Tudo

Primavera

Tudo se arma , se esforça , & se conjútra
 O tempo a esperança sempre engana.
 Poem o desejo a vida em aventura,
 Amor que a sua força fez tyranna
 N'uma imaginação , que se affigura
 Faz venturoso o mal que se padece,
 Mas logo no melhor desaparece.

EM quanto ellas cantavaõ com vozes soberanas , o pastor com os olhos nos de quem o senhoreava , imaginando em sua fermosura descuydado das palavras da cantiga , e crevco estas em o tronco de hum alamo , que junto a elle estava.

*Mudas plantas quem não cre , Fique em vossa fermosura
 Que estais vendo minha gloria , Este final não pequeno
 E eis de servir de memoria Lugar aonde vio Lereno
 Na lembrança desta fé ? Posta a seus pes a ventura.*

E Como os bens não podem durar tanto , despediraõse logo , & apastora , que nas lagrimas , que naciaõ nos olhos a Lereno conheceo a dor , com que se apartava , lhas enxugou com a mão , & tomandoo pela outra guiou para o valle aonde elle sahio tão triste , como se adevinhara o mal que sua ventura lhe ordenava , & foy que aquella pastora Lisea , que em favor de seus males lhe quiz tanto , & o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos , vendo que passada grande parte do dia , o seu pastor não tornava , perdendo com amor o receo , entrou naquella cova , & sahindo ao valle pellas pizadas , que achava foy ter a fonte , & foy pelo caminho , que Lereno seguira até se emboscar no mato , & alli a aflombrou tão grande temor vendo hum cervo , que pelos sylvados vinha pulando para onde a vira , que gritando em alta voz , começou a bradar pelo seu Lereno , que lhe valesse imaginando , que não estaria muy desviado , & ouvindo este brado a pastora , que entaõ delle se apartara , cuydando , que algum grande mal lhe succedia , veyo correndo para aquella parte , & achando a Lisea naquelle sobrefalto , livre já do cervo

vervo, que atravessara o caminho. lhe perguntou como alli viera, & a razao, porque bradava, & por quem? ao que ella respondeo. Ainda, que o perigo em que me vi, & o delviado caminho em que me vejo me fizera perder a confiança, & a vida, bastava tervos por valedora para me aver por contentê de mayores males; quem me fez este, que já não tenho por tal, foy hum pastor a que chamao Lereno, nacido nesta mesma ribeyra, & bem conhecido entre os guardadores della, pelo qual bradava, que me socorresse, & a este premitio meu fado amasse tanto que de tudo o mais por seu respeyto vivesse esquecida; esta manhã vim com elle da sua cabana te as fraldas do rio, onde juntos passavamos outras vezes a festa, & deyxandome alli entrou por huns penedos a buscar huma ovelha que me tinha dito, que naquelle lugar desaparecera, & assi o fez elle te que eu desesperada tomando o mesmo caminho o vim a buscar neste lugar tao estranho, onde metendome entre os matos fora de tino vi hum furioso cervo, que paramim vinha correndo atravessando o caminho, & passou ao tempo, que acudistes para me valer. Mais estimo eu (respondeo a pastora) chegar a tempo, que o meu socorro não fazia falta, que liyrarvos de grande perigo, ainda, que isso fosse de mayor merecimento, & creio que muytos deve ter esse pastor a quem buscais, pois a tanto vos o briga; mas já ferà culpado no damno, que vos fez, dado, que não quizeste ser a causa delle: ao que Lisea lhe respondeo, quem sabe querer de verdade ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena, & a que me sefa mayor he não achar o meu Lereno para me queyxa das horas em que me faltou, & não do risco em que poz a vida que era sua. Muyto amor vos deve (tornou ella) pois quando mais queyxoza, vos mostrais tao rendida, & já lhe quereria mal, ou de vos o estranharia, senão sabe merecer essa fe. Na sua confio eu tanto (replicou Lisea) que tudo o mais me esonecera se a falta de sua vista com outra cousa se pudera aliviar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de ver o bem de vosso estado, & hey compayxaõ de alguma pastora, que do vosso Lereno pretendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Não falta (disse Lisea) quem com elle se en-

se enganè, que poucos dias ha, que huma do nõsso valle se achou com a mesma cõfiança, que eu agora tenho, & avendo sempre da vontade do meu pastor o defengano tinha a sua perfia por bem agardoada. Graciosa pastora (disse a outra) Deos vos de ventura em vossos amores, & gozeis o fruyto delles livre de receo, & mudanças; & pois o Sol a vay fazendo nestes montes, & me he forçado dar ainda huma volta ad fim da montanha, quero vos acompanhar te a sahida della, & fora achareis o vosso pastor, que por estranho caso aqui veyo perdido, a elle dizey como me vistes, & o que me contastes, que lhe encomendo muyto quanto vos deve, que se esqueça de tudo o que não for servirvos, & assi o faça do que em outra parte podia ter alcançado, que bem he para quem só com amor pretende merecimento ser seguro em a fè, que promete, por onde lhe convem ter todos os respeytos à vossa, que se guarde de entrar mais neste bosque, & assi o fazey vós, porque d'hoje em diante he este passo muyto perigoso, & poucos entraõ nelle que sayão com a vida. Já de agora (respondeo Lisea, que a seguia para o valle) vos deverey sempre a quodais, & pois me não fica esperança de poder vervos cedo, o tempo me dara alguma de servirvos, & agora no que me mandais o farey: chegando aos penedos, ambas com hum abraço se despediraõ, Lisea cuydando no seu perigo passado, alhea de outro que seguia, porque nunca vem sós para tomarem hum coração sem resistencia.

FLORESTA DUODECIMA:



A parte por onde vem decendo o rio Lis antes de chegar aos espaçosos valles, que com sua corrente vay regando, toma hum estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo silencio se detem, até chegar a queda de huma alta penedia, & alli repartidas as agoas, medrosas vão fugindo por entre as raizes de amargosas novigeyras, outras offerecendose aos penedos com sandoso som estaõ nelles quebrando, & depois ficaõ derramadas em dous ribeyros, o mayor depois de muytas

tas voltas se vay a encontrar primeyro com as agoas de que se apartou entre altos ciprestes, & loureyros. O outro ao voltar de hum valle se vay encostando a huma alta rocha por bayxo de espessas aveleyras, & esperando as agoas humas pelas outras descobre a boca de huma lapa encuberta entre huns ramos, que vay por bayxo do chaõ huma legoa, & nesta avia fama, que vivia hum sabio de muyta idade, que por encatamento a fabricara, o qual naquelle lugar era bulcado de muytos pastores naturaes, & estrangeyros, a que dava remedio em muytos males, particularmente nos de amor, de quem elle já fora na mocidade atormentado, & neste tempo corria mais a fama das maravilhas, que obrava, quando Lereno sahio do valle desconhecido, triste pela ausencia de sua pastora, que a taõ ditosa esperanza o levantara, & antes de recolher o gado encontrou a Lisea, a qual incerta de seu damno, não imaginando o que contra si fazia, lhe disse o que passara indo tras elle, & o mais que lhe acontecera com a pastora da montanha, cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouvio, como se aquella hora lhe arrancaraõ a alma, ficou sem cor, & sem falla, & virando as costas à pastora foy solpirando pelo valle acima, & ella ficou taõ desesperada cahindo no que fizera, que depois de muytas, & lastimotas palavras, que disse, se quizera deytar no alto do rio, & pagar com a vida seu descuydo; mas a isto atalhou Nise, que perto andava com o seu gado, & todo aquelle dia com amorosas razoens a aliviou em o mal, cuja causa lhe encobria, & depois de muytos em que o pastor andou entre os matos emboscado comendo o fruto das arvores sem dono, aborrecendo a conversação dos naturaes pastores, dizendo as feras, as arvores, & penedos seus queyxumes, foy por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias de sua passada gloria, representada no lugar aonde a gozara, mas achou cerrados os penedos da cova, como se nunca alli ouvera tal caminho, & tendo entaõ por impossivel o remedio de seu mal, fazendo mil discursos, que na imaginação viaõ a parar em desatinos, se foy huma manhã buscar ao sabio Menalcas, que habitava naquella estranha morada que

differmos

dissemos junto do rio, & entrando pela cova aonde com a
 escuridão não atinava, foy ter aonde corria hum ribeyro,
 cujas agoas vinhaõ taõ frias, que tocando a maõ nellas, per-
 dia de improvizo o sentimento, & chegando alli ouvia dentro
 grande armonia de musica de aves, & entre vozes humanas,
 mover de arvoredos, & murmurar de fontes, & dahi a pouco
 elpaço se veyo para elle o sabio velho, & lhe preguntou o
 que buscava. A ty (respondeo elle) para remedio de meu
 cuydado, ou delengano delle, que posto, que conheça não
 ter cura minha desgraça, o desejo de me ver livre, faz que
 procure coula taõ duvidosa, ou para melhor dizer impossivel.
 O velho o tomou pela maõ, & levando-o a huma quadra,
 que com artificiosa luz se alumiaava, & sentando-o perto de
 si, lhe mandou com mostras de brandura, que contasse a sua
 historia. & Lereno, que com a lembrança renovava a dor
 della, com lagrimas; que nos olhos lhe naciaõ contou do
 principio de sua vida, te o estado em que estava, que ti-
 nha pelo fim della: ao que o sabio com hum maduro sossego
 respondeo. Posto que os males canção ao sofrimento, & os teus
 sejaõ de calidade, que te ponhaõ a risco de o perder vendo-
 te sem culpa, não desesperes de ser curado, que tudo ha no
 tempo, que em casos semelhantes com a longa experiencia
 me ensinou, & para que de mim nas obras conheças a vontade
 de com procurar teu remedio, esperame neste lugar, que lo-
 go nelle saberas a causa de teu damno, & em tanto (para
 que não fiques sem companhia) te mandarey quem te entre-
 tenha. Dito isto foy por meyo de seus encantos a saber o su-
 ccesso dos amores de Lereno, & elle ficou na quadra, onde
 não tardou muyto, que vieraõ duas pastoras por extremo fer-
 mosas, vestidas de verde claro com samarras de pellica man-
 chada, & violas de arco nas mãos, & chegando a Lereno, o
 saudaraõ, & elle muyto contente de sua vista, as recebeo, &
 depois de passadas algumas taborosas praticas, lhe pedirão,
 que quizesse cantar com ellas pelo modo, que costumava fazer
 na sua sua Aldeia; elle que não sabia negar boa vontade a
 quem merecia o preçõ della, acceytou o cargo, & tocando as
 violas cantava o Pastor, & ellas respondiã na maneyra seguinte.

Quem

Quem novas me quizer dar

De huma esperança perdida

Darlhehey por ellas a vida.

He paga muy desigual

Se a vida te imperta tella,

A que offereces a quem

Porque das por ella a vida?

Te der a sombra de hum bem,

Porque hũa, & outra he perdida;

Que he fogeyto a tanto mal;

Onde achaste em casos tais

E se a vida menos val,

Menos a tua esperança?

Que huma esperança perdida,

Perdeose em huma mudança,

Não he menos darlhe a vida

Nunca della soube mais.

Com os desejos de avella;

Se deres della o finais

Prometês muyto em teu damno,

Te sera restituída.

Mas cuydo que faço engano

Vay cerrada, & vay fugida,

Em dar tão pouco por ella.

D Espedirão-se as Pastoras acabando a musica, porque sentirão, que vinha o velho Menalca, & elle com ledo rosto assim fallou para o Pastor, que entre temor, & desejo o esperava. Posto que o estado de teus cuydados seja perigoso, & te pareça, que tens nelle a vida aventurada, não desesperes de grandes bens, que os tados te promettem, por elles estava ordenado, que o primeyro, que descobrisse a historia de Syleno, que em hum penedo foy encantado pelos Faunos desta montanha, padecesse em castigo de tal ousadia, que todos seus segredos fossem manifestos, & por esta razão, se discorreres pelos luccellos de tua vida, depois que aos Pastores do Lis, & Lena a descobriste, acharàs, que por estranha maneyra, sem culpa tua forão descubertos os amores de Lisea, a carta de Enalia, & o que te aconteceo no valle desconhecido. O remedio que tens para melhorar tua sorte, & vencer a força desta desgraça, he hum desterro, que logo faràs desta montanha, em castigo da culpa que tiveste, & depois de larga ausencia, que será atalhada por permissão de tua Estrella, te poderàs chamar neste valle venturoso Pastor. Espantado ficou Lereno de ouvir o que o sabio lhe dizia, & a razão de seus males tão encuberta, vendo, que nesta verdade não podia haver engano, pelo

que já lhe acontecera, & em recompensa do trabalho, se lançou aos pés do Pastor, que com hum estreyto abraço o levantou, & veyo com elle até à lahida da cova, representandolhe sempre o que convinha para sahir dos ameaços de sua ventura, & elle a quem tudo o mais aborrecia, faltandolhe o bem que ella lhe negava, determinou partirse ao outro dia sem a ninguem dar conta de seu apartamento, & deyxando cabana, & rebanho, levando só comfigo rabil, çurrão, & cajado, tomou o caminho dos campos de Mondego, porèm antes de se apartar do Lis, & Lena, sobido de hum alto penedo, que descobria aquelles faudosos valles, & montes, os espessos, & sombrios arvoredos, as crystalinas correntes, que hião com ordenados rodeos cortando a verdura, tirando o pastoril instrumento com rouca vóz começou a celebrar desta maneyra a triste despedida.

F Ermoso rio Lis, que de contente
 Estais detendo as agoas vagarosas
 Por não passar daqui vossa corrente,
 Entre essas ondas claras duvidosas
 Le day ao largo mar com turva vea
 Tristes queyxumes, lagrimas queyxosas.
 Em quanto descançais na branca areia,
 Ouvi hum pastor triste, & magoado,
 Que vay perder a vida em terra alhea,
 Sua ventura o manda desterrado,
 Não se pode saber que culpas teve,
 Que amor que foy juiz era o culpado.
 Se a tanta sem razão magca se deve,
 Ouvi a voz de Cisne derradeyra
 Que ainda que he grande a dor ha de ser breve.
 Vcs Nymphas, que morais nesta ribeyra,
 Nessas lapas cubertas, & escondidas
 Do mirtho, fayas, freyxos, & aveleyra.
 Se já de amor sentistes as feridas,
 E quanto custa hum triste apartamento,
 Que para dar mil mortes dà mil vidas.
 Agora que se calla o surdo vento,

de Francisco Rodrigues Lobo.

323

E o rio enternecido com meu pranto
Detem seu vagaroso movimento.
Vinde a gozar da terra o verde manto
Vereis da natureza o mor thesouro,
E ouvireis as tristezas de meu canto.
Em tanto Apolo com seus rayos douro
Enxugando estará com nova inveja
Vosso brando cabello, crespo, & lour o.
Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia
Consenti Ninfas bellas, que vos veja,
Naõ vos verey porẽm como vos via
Hora segziundo as feras na montanha,
Hora prendendo os peyxes na agoa fria.
Chorando vos verey, pois dor tamanha
Naõ ha, como deyxar a propria terra,
Por ir buscar a morte em terra estranha.
Penedos, que pendeis desta alta Serra
De verde erva, & de musgo revestidos,
A que os ventos em vaõ moveraõ guerra.
Vos declrões outeyros repartidos
Com longes amoxos, ledos pertos
Sõ pela saudade conhecidos.
Valles, que de mil arvores cubertos
Abris caminho as cristalinas fontes,
Que os alvos seyxos deyxãõ descubertos.
Vos ladeyras incultas, & altos montes,
Que coroados sois de altos pinheyros,
E acor tomando estais aos Orizontes.
Pastos, cabanas, gados, pegureyros,
Pastores deste valle, verde, ameno,
Doces amigos, doces companheyros,
Apartase de vos triste Lereno,
Forçado dos poderes da ventura,
Contra quem seu poder foy taõ pequeno.
A Deos õ m nte, õ prado, õ espessura,
A Deos õ rio, & fonte cristalina,

Primavera.

A Deos às plantas, fl res, & à verdura.
 Já no valle, no monte, & na campina
 Os pastores tanger não me ouvirão
 A minha desejado sanfonina.
 Já nas ardentes festas do verao
 As ovelhas à sombra do arvoredo
 O pasto por me ouvir não deyxarao.
 Já debayxo do vaõ deste penedo
 Olhando os cordeyrinhos, que pastavao
 Não cantarey de amor contente, & ledo.
 E as pasteras, que a ouvirme se ajuntavao
 Já me não tecerao verdes capellas
 Com que per vencedor me coroaõ.
 Já nem na noyte à vista das estrellas,
 Nem quando o bello Sol claro aparece
 Louvores me ouvirão das Ninfas bellas.
 Já o vento, que ouvindome emmudece
 Entre os Eccos da doce Filomena
 Não levará meus ays onde os offreço!
 Tornay o curso atràs agoas do Lena,
 A pesar dessa rocha, que ameaça
 Vossa clara corrente tão serena.
 Que não vos tirará da vossa graça
 A sombra desse outeyro tão temido,
 Como me tira a vida a sorte escaça.
 De vós screnas agoas me despido,
 De vós não perderey nunca a lembrança,
 Fazendo desmentir nesta mudança
 Quien dixu, que la ausencia causa olvido.



A PRIMAVERA

DE
FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Campos de Mondego.

FLORESTA PRIMEYRA:



INDA a rosada Aurora não defenganara de todas as estrellas, que com alhea luz se queriaõ meter em posse do dia, quando Lereno com os olhos em sua desejada patria, que deyxava, tomou o caminho para os campos do Mondego, para onde o hia guiando o seu destino por entre incultas charnecas, que já lhe mostravaõ em sua aspereza a differença dos valles, & montes, em que se criara; & com a saudade, que aquelles outeyros lhe representavaõ ao longe, lospirando a cada passo voltava os olhos atras, como que o chamava seu cuydado, até que perdeu de vista os altos edificios, que estaõ situados em soberba penha, que os rios vaõ cercando, & fazendo dalli com os olhos de novo despedida, foy caminhando, & chegou a ribeyra do Arunca, pequeno rio (que em graciosas voltas rodea huma comprida varsea, & depois se mistura nas agoas do Mondego) digo de eterna memoria pelos pastores, & pastoras, que naquelle tempo o habitavaõ; aqui chegou o pastor assaz cansado mais de suas lembranças, que do caminho, & em huma enseada, que o rio faz, debayxo de humas
verdes

verdes salgueyros, que o assombrao, se assentou, & depois de descansar, imaginando a causa de seu desterro (que este he o alivio, que os males contentem) tomando a sanfonha cantou o seguinte.

Relva vestida de flores,
Salgueyros verdes copados,
Que seis pastura dos gados,
E dos cansados pastores:
Agoas que tomais as cores
Da sombra desta verdura,
Se essa vossa fermosura
De continuo ver quizerdes
Sustentay seus ramos verdes
Sem olhar minha figura.

Doces pass.inhos ledos,
Que fazeis vossos recremos
Saltando dos verdes ramos
Por cima destes penedos,
Se de amor tratais segredos
De mim naõ nos confieis,
Que he certo no que canteis
[Porque em tudo amor offenda)
Ainda que naõ vos entenda
Que publique o que dizreis.

Gados, que assi livremente
Sem inveja, ou differença
Gozais com tanta licença
O prado verde, & contente
Por naõ verdes diferente.
O gosto com que comeis,
Nestas flores que colheis,
Se a vida queveis achar
Guardai-vos da que eu sicarrei,
Porque logo morrereis.

Livres peyxes, que na vea
Os rayos do Sol tomais,

E nestes puros cristais
Estais vendo a luz alhea,
Quando sobre a loura areia
Buscais doce mantimento
Olhay naõ bebais sem tento
Esta agoa, que me consume,
Que vós farà por costume
Perder o contentamento.

E vos Nymphas, que pizais
Estas ervas, & estas flores
Se sabeis sentir de amores
Como naõ me acompanhais?
Porque hum alivio negais,
Que em vós naõ pode ser erro
A quem mata a fogo, & ferro
A força da mesma dor?
Mas ah sentistes amor,
E naõ sentistes desterro!

Qualquer amante agravado
Por engano, ou por mudança
Inda lhe fica esperança
Daquelle primeyro estado;
Ay de hum triste desterrado
A quem mais naõ se consente;
Que conhecer claramente
Pelo que em seu mal consiste
Que ha de viver para triste
Para naõ morrer contente.

Perdi a gloria que tinha
Bem guardada, & mal segura,
Perdi por minha ventura,
Que naõ foy por culpa minha;

*Era força que corvinha
Para seu fatal intento,
Que eu padeça meu tormento,
Adorando a sem razão,
Dando hum falso pregação
Verdadeyro sofrimento.*

*Voume do meu natural
Por mal estranho a que vim,*

*Bem descontente de mim,
Naõ da causa de meu mal;
E se ante amor tambem val
O padecer por vontade,
Agoas que com liberdade
Buscais o fim desejado
Testimunhay meu cuydado
Sois claras, falay verdade.*

NO fim destes versos, que Lereno dizia com a lembrança em outras horas, que naquella ribeyra gastara com mais contentamento, tomava o çurraõ para seguir seu caminho, quando o atalhou Pireo, hum nobre guardador, que naquellas partes apascentava, & depois de lhe offerecer repouso, & gahado em sua cabana, lhe perguntou a causa de seu apartamento; mas elle, que com tanto cuydado a encobria, & não pode dissimular queyxumes, os lançava todos à ventura, que o perseguia, & a quam mal lhe respondia o fruto do seu rebanho nas ribeyras do Lis, havendo por desgraçada sorte a de quem tinha por madrastra a natureza. Pireo o consolava, pondo em o tempo a esperança, & remedio de sua vida, facilitandolhe a mudança de todas as cousas della; a estas razoens dava Lereno outras de magoado, & com ellas se despedio do Pastor, que contra sua vontade lhe deu licença; elle se recolhio ao lugar, & Lereno tomou o caminho por fóra delle, & naõ tinha andado muyto, quando viu, que diante hia cantando hum estrangeyro com o cajado ao hombro, & parecia tambem a sua voz, que Lereno apressou o passo para ouvir de mais perto a cantiga, que era esta.

*Trabalho por esquecer
Hum cuydado, que me mata:
E quando pior me trata
Entaõ menos pode ser.*

*Este mal, que assi me cança,
Porquem tanto me desvello,
Sem nuuca lbe achar mudança*

*Como vive da lembrança
He o remedio esquecello;
Porque he parte da saude
O trabalhar pela ter,
Inda que ninguem me ajude,
Por ver se isto tem virtude
Trabalho por esquecer.*

Não me ajudo da razão
 Porque vejo que não val,
 Que amor tem de condição
 Para males de afeição
 Não dar razão para o mal:
 Depois que me fez cativo
 Nenhum respeyto me cata,
 Só quer que em tormento esquivo,
 Morra sustentando vivo
 Hum cuydado, que me mata.
 Este mesmo se defende
 Do remedio que lhe da
 O desejo que o pretende,
 Porque mal se esquecerá
 O que de continuo offende;

Effeytos taõ desiguais
 Não nos sofre a dor, que mata,
 Que entaõ m'atormenta mais
 Quando dà mores finais,
 E quando pior me trata.
 Fiz-me já taõ differente,
 Que nem de mim sou lembrado,
 Quando me tenho presente,
 Tudo a sorte em mi consente.
 Nada contra meu cuydado;
 O tempo nem a ventura
 Contra amor não tem poder,
 Cuydado que elle assegura,
 Quando esquecer se procura.
 Entaõ menos pode ser.

A Cabando de cantar o que caminhava voltou os olhos para traz ao pizar dos passos vagarosos que soavão, & vio o Pastor, que para o ouvir se hia detendo, esperou-o, & depois que se faudarão, lhe disse Lereno. Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho, & com a lembrança, que me fazia na alma me dobrou a dor de huma saudade, com que parti esta madrugada; por tua vida, q̄ vãs por diante, se não he differente teu caminho, que não sey eu quem não rodee muytos por te ouvir. Certo (respondeo elle,) que tu debes trazer o juizo affeyçoado a tristezas, ou me queres persuadir algum engano. Saberás, que eu canto, (& para melhor dizer choro) por costume, & não faço das palavras mais acento, que como os suspiros as levão por esse ar desordenadas, o meu caminho he para o Mondego, se para lá he o teu poderey seguirte, que grande alivio he para os trabalhos a companhia, quando elles não são taes, que chegão a fazer aborreçella, & a propria vida; & posto que eu da minha sou pouco contente, terey por grande interesse ser teu companheyro. Por certo (respondeo Lereno,) que mopareces no cuydado mais, que na jornada, & se tal he, devo à ventura achar o que buscava, não lhe sendo nunca outra igual obrigação, & para a verdade do que

suspeyto,

suspeyto, dizeme quem es, & para onde, ou porque caminhas. Já não posso [tornou elle) negar o que me pedes, a mim me chamaõ Menandro, & naci na ribeyra do Tejo, donde me apartey ha poucos dias, (por fugir a huma razaõ que tinha para viver desesperado, vou ao Mondego, & dahi determino passar adiante a buscar hum pastor meu conhecido, que por hum caso estranho se apartou da nossa ribeyra; & pois o tempo, & o caminho da licença para tudo, & a tua inclinaçãõ não parece desafeyçoada, contartehey huma historia digna de eterna lembrança.

Nas ribeyras aonde nasci, que a nenhuma das do mundo daõ ventagem nas graças com que as outras se engrandecem, havia duas Irmãs, & bem nascidas pastoras, que tanto no grão da fermosura eraõ iguaes, como no do parentesco, & entre ellas fazia mayor amizade além da obrigação do sangue, a semelhança do parecer, & partes sobrenaturaes, que cada huma tinha; & porque era esta afeyçãõ justa, & verdadeyra colhiaõ igualmente o fruyto della, mas amor, que a ninguem consente segura liberdade, fez que a menor dellas, que Dorisa se chamava, com taõ fobeja afeyçãõ amasse a Linceo, que em seus olhos perdesse a lembrança de tudo o mais que não era gozallos, & porque o pastor não tinha nella os seus por mal empregados pagavalhe igualmente o seu desejo, & tratava os seus amores com Montea, que era outra Irmã de mais idade, & comigo que entãõ a servia, & não mal galardoado de sua vontade. Foy o tempo apurando estas afeyçoens, & era amor entre todos perigoso, & o meu, & de Montea muy favorecido, porque com este alento toma elle ousadias, entrellas, & a esperança de alcançar fim ao que desejava, me foy forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo, & parte do que durou o meu desterro (que eu tinha por tal em ausencia de quem senhoreava meu cuydado) tratava Linceo de meus amores dava as minhas cartas a Montea, & a mim mandava as suas, com a fé, que em taõ igual amor era devida; porèm como elle he hum enteo, & só delles se satisfaz, mostrando em sem razoens seu poder, & tirania, ordenou que este Linceo se afeyçoasse à minha pastora, & quecendo o muy-

to, que a Dorisa queria, & procurando meyo com que se lhe descubrisse, achou nella muy pouca resistencia, que alem de ser natural em molheres folgarem de ser queridas, parece, que he entre Irmãs mais natural huma cobiça de se melhorarem cada huma de outra; fora de tudo eu estava ausente, & montavao pouco minhas lembranças, seguiuão seus amores, & não foy com tanto segredo, que logo Dorisa os não entendesse, buscou o remedio em suas lagrimas, representou a Linceo o que lhe devia, & à Irmãa a traiçãõ, que contra mim, & contra ella ordenava; valeolhe este pouco, & avendose nelle por desesperada, tratou de buscar nas ervas o que em suas lagrimas lhe faltara, aconselhouse com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas daem do Tejo, buscou algumas para o fazer esquecer de Montea, & deytou o çumo dellas em huma fonte aonde costumava beber levando o gado, & o damno, que lhe haviaõ de fazer na memoria foy no juizo, endoudeceo Linceo, andava pelos montes fazendo delatinos, suspirava pela morte, despenhava-se dos outeyros, veyo em pouco tempo a mudar a figura de sorte, que pelo que fora o não conheciaõ. Dorisa vendo o que fizera com o mesmo amor com que o possuio, ou mayor, porque com os ciumes da Irmãa se acrecentara, veyo tambem de payxaõ a endoudecer. Montea que já sabia a causa deste estranho successo, & vio a paga, que ambos tinhaõ de sua cobiça, vestida em habito de pastor desapareceo, huns dizem, que com temor de que minha presença acusasse ante todos sua maldade, outros, que para buscar remedio ao perfido Linceo. Eu triste, que de tudo vivia ausente, & descuydado, vinha para lograr o fruyto de minhas esperanças assas contente, achei estas novas, voume atras meu destino, ou a buscar Montea, ou a viver desesperado mais perto da morte, engeytando a vida sem gosto, & com tantos defenganos.

E Sta historia acabou Menandro com muytos suspiros, & algumas lagrimas, que descuydadas lhe cahiaõ pelo rosto, & o companheyro ficou mudo vendo a differença dos males, que a sorte ordena, & não lhe parecendo já os seus taõ rigorosos começou a consolar com algumas razoens o pastor estrangeyro.

geyro , & porque nisto se gastou a mayor parte do dia , & se lhe cerrou a noyte entre huns casaes , a passaraõ nelles , & em amanhecendo , vieraõ alcançar o Sol a hum fermoso lugar , o mais celebrado em frelcura , & graças da natureza , que todos os que estaõ ao longo do Mondego , & sentandose entre muy espessas roleyras , que estavaõ tecidas ao pè de altissimas fayas , & alamos brancos , defronte donde hum copioso ribeyro , cahindo de huma rocha abayxo , com hum saudoso estrondõ vem encrespando em escumas as cristalinas agoas , de que o ar esta espalhando perpetuamente hum miudo borrifo , que como nuvem , na mayor força do Sol esta orvalhando as flores de todo o valle , alli depois de descancarem tirou Menandro huma temperada lyra , a cujo som cantou Lereno o seguinte.

A Goas, que penduradas desta altura
Cabis sobre os penedos descuydadas,
Aonde em branca escuma levantadas
Offendidas mostrais mais fermosura.
Se achais essa dureza taõ segura
Para que porfiais agoas cansadas ?
Ha tantos annos ja desenganadas ,
E esta rocha mais aspera , & mais dura.
Voltay atras por entre os arvoredos
Aonde os caminhareis com liberdade
Atè chegar ao fim taõ desejado ,
Mas ay que saõ de amor estes segredos,
Que vos naõ valera propria vontade
Como a mim naõ valeo no meu cuydado.

Muyto bem pareceo a Menandro o soneto, eujos acen-
tos com o som das agoas , que alli quebravaõ , fazia
huma saudade cobiçosa a animos affeyçoados , & querendolhe
dar as graças de quaõ bem o cantara, elle as naõ consentio ,
antes se alevantou para seguirem seu caminho , o qual fize-
raõ por entre graciosos pumares , & verdes lorangeyras , aon-
de entre as novas folhas alevantava seus tentos fruytos a na-
tureza, semeando o chaõ das varias flores , que dos mais altos
ramos

ramos se despediao , fazendo com isto mais fermoso o deleytofo tempo da primavera , & porque a verdura daquellas arvores , o cheyro das flores , o murmuro das fontes de crystal , que em cada riba brotavao d'entre aservas , & alvas pedras , a harmonia dos passarinhos , que dos ramos se penduravao , hiaõ detendo os olhos a cada passo , foraõ perto dalli passar a força da calma ao pè de huma pequena ermida , levantada sobre dous penedos , em cuja roda para a parte do campo nace tres fontes de agoa fermosissima , & ajuntandose em hum gracioso ribeyro , vaõ pelo pè de muytos freyxos , & salgueyros em companhia ate entrar no rio em hum quieto remanso , aonde parece , que as espera. Assentaraõse os dous pastores a vista da primeyra fonte , que deca da rayz de huma figueyra brava , que faz cahir as agoas em espelho , cobrindo no alto por onde passa huma concavidade do penedo , chea de verde avenca , & douradinha , que com aquellas vidraças do liquido crystal fazem sua verdura tao fermosa , que nunca ricas esmeraldas , & preciosos diamantes tiveraõ para os olhos tanto preço , acrescentando a este lugar a graça com que as agoas cahindo do alto , se esprayavaõ em hum largo seyo de branca area , aonde as aldeas dos montes vezinhos costumaõ lavar as talhas , & enrespar os toucados , & naõ passou muyto , que viraõ quatro ferranas , que vinhaõ para a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos , como naquelles montes he costume , & nellas os cantarinhos pedrados , & cantavaõ ao seu modo estas cantigas.

Mancebo do prado
Naõ tragais espada ,
Porque onde ha tais olhos
Para que saõ armas?
Mancehinho louro
Anday descuberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabelo.
Tornayme os meus olhos
Mancebo do verde,

Que andaõ tras de vos
E naõ sabeis delles.
Tornayme os meus olhos
Mancebo do roxo ,
Que vaõ da minha alma
Para o vosso rosto.
Naõ quero ser dama
Do dos olhos brancos ,
Que tem mil amores ,
E nenhum cuydado.

Não quero ser dama
 Do dos olhos negros,
 Que tem mil amores,
 E nenhum segredo.
 Vindevos meus olhos,
 Vindevos da serra,
 Não vos queyme o Sol,
 Que nós tem inveja.
 Pois fiquey na serra
 Vindevos do campo,
 Que quem ama muyto
 Não esperà tanto.
 Forase o meu damo
 A lavrar no monte,

Querome ir com elle
 Não venha de noyte.
 Forase o meu damo
 Agradar no valle,
 Quero me ir tras elle,
 Que outrem não lhe agrade.
 Lume dos meus olhos
 Se fordes à villa
 Levayme nos vossos
 Vireis mais asinha.
 Pois ides à villa
 Ningum vos contente,
 Que os rostos toucados
 Muyas vezes mentem.

E Ra tão alegre o cantar das ferranas, & parecião tam-
 bem com aquelle rustico traje afrontadas do Sol, & des-
 calças pela agua do ribeyro, que posto que os dous caminhan-
 tes gastavão os sentidos em outra lembrança, não puderão ne-
 gar naquella vista contentamento; & huma dellas na cor pre-
 ta, nos olhos engraçada, & nas palavras mais livre, disse para
 elles quando os vio defronte. Por amor de mim Pastores, que
 deyxéis o lugar, porque he de quem nelle me parece melhor
 que vós; ao que Lereno respondeo. Não podeis vós logo dar
 esse a outra, que melhor pareça, & se eu deyxer este por vosso
 gosto, serà por outro, donde mais ao meu vos veja, que sem
 isto obedecervos fora agravarvos. Bofé Pastor, que errastes na
 escolha (disse huma das outras,) que em qualquer de nós a
 tinheis melhor, porque esta ferrana fez já a sua, aonde está
 bem empregada; vejovos para os amores boas palavras, &
 ruim partido. Por esta razão o temho eu melhor (disse Me-
 nandro,) que ainda não escolhi, & porque não aconteça o que
 a elle, defenganayme, qual de vós está sem affeyção. Eu, que
 nunca a tive a quem me quiz bem (respondeo a primeyra)
 tallay comigo, que sou para tudo, & vós pelos sinaes meu na-
 moradó. Não seiais tão sofrega (disse elle,) que roubeis o
 alheyo, contentayvos com meu companheyro, que o não po-
 demos

demos ser nós amores, mas se a Pastora do branco vive lem elles, & quizer os meus, ficarey nesta terra por soldada à sua conta; aindaque vejo, que faz pouca desta vontade. Nenhuma tenho (respondeo ella) de aceytar amores tão apressados, porque nunca pago serviços dantemão; & pois esta Pastora me ganhou por ella, & vos quer por servidor, não sejais ingrato. Bem podereis (disse elle) engeytarme sem me aconselhar, que vos não queria para terceyra; porém o pouco espaço, que aqui me detenho, fará, que aceyte o conselho. O meu he (disse outra) que em quanto lavamos as talhas canteis alguma cantiga, pois ao parecer sois do Tejo, aonde são as melhores. Eu, (disse Lerenó) nada farey sem interesse, & posto que não sey cantar, me offereço, se me ajudar meu companheyro, & porque elle se não negou cantarão ambos.

Mal pelos meus olhos

No que amor ordena,

Que elles tem a pena.

Meu desejo vão

Tenha toda a culpa,

E quem nelle culpa

A meu coração,

Que só pagará

Meus olhos a pena

Do que amor ordena.

Deste meu querer

Amor foy seu fim,

Que sem verme a mim

Vos quizerão ver;

Se he contra o poder

Do que amor ordena

Elles tem a pena.

JA' me arrependo (disse a ferrana do branco) de me mostrar esquiva a tua boa vontade, quicã se ma offereceras cantando, q' obrigàras a minha cõ mayor força, pois a teve agora a tua cantiga para te olhar com mais brandura, que he cousa affás alhea de minha condição; não o parece ella logo do teu rosto (tornou Menandro;) porém já que te soube contentar, ainda estàs em tempo de me restituir: o pouco que te has de gozar deste engano (disse ella) me fará mais liberal. Não consinto (atalhou a primeyra) que entreis tanto pela terra dentro nos favores, & obrigaçoens. Pastores desenganayvos, que nenhuma de nós sabe querer bem senão a si: vivemos

vivemos de dar em que entender a todos, & de não entender a nenhum. Levamos boa vida de a dar má a quem nos serve, nada nos contenta senão o que nos não custa; ha mais enganados nesta terra com nossas palavras, do que ha galardoados de nossa affeyção; eu sou hum pouco de melhor natureza, que minhas companheyras, não quero que desta graça se vos pegue alguma imaginação com que a deyxeis do cifo; que conheço muytos, que com menos causa o perderão: ajudainos a levantar os cantaros, já que aqui vos achastes, que sempre a conta deste favor direis hum par de torcidos. Hora (disse Lereno) nunca encontrey com gente que tanta pudesse levar apos si, digovos, que fallais tambem como pareceis, & que o que sobre defenganado vos não servir defacerta em tudo; não nos deyxeis tão depressa por vossa vida; & vós (responde ella) não vos affeyçoeis tão devagar, que desacreditais o nosso costume, que no primeyro encontro ferimos, mata-mos, & roubamos como salteadores, & não ha liberdade, que pare ante nossos olhos, que com elles temos feyto a Amor hum esfolataras, & vós a cabo de tempo, & com muyta freima caistes na ração por vos não esperar outras, ficay embora, & tomando o cantaro, fizerao as outras o mesmo, & com grande rizada foraõ pelo valle acima deyxando-os na borda da fonte; dalli foraõ continuando seu caminho, pela subida de hum valle aflaz pedregoso te chegarem ao cume de hum monte, donde começaraõ com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Mondego, que em curiosas voltas se detinha por não chegar ao mar aonde perde o nome, & o sabor de suas doces agoas; & porque se detiveraõ em contemplar os sumptuosos edificios, & altos templos da famosa Cidade de Coimbra, honra, & gloria da Lusitania, & os apraziveis lugares, & quintas de que está rodeada, & era já tarde disse Menandro para o companheyro, com muyto sentimento: Nem o bem de tua conversação me consente a ventura, porque aqui se aparta o nosso caminho, que o meu he por fora do lugar, & ey de passar hoje da outra parte do rio. Vay embora pastor tua viagem, guiete boa estrella, que aminha he tal, que até esse bem me tira; & se alguma hora tiver des-

canço,

canço, que já não espero, & te vir com elle, faremos lembrança destas horas magoadas. Dete o Ceo (disse Lereno) o que desejas, & nos torne a encontrar menos queyxosos, se alguma hora ouvires nomear a Lereno natural do Lis, sabe, que tens nelle esta vontade, & nisto com hum abraço se despedirão cada hum para sua via, & seu cuydado, iguaes na pena, & desigual a causa della.

FLORESTA SEGUNDA.



OR entre hums altos amieyros, que então com mais escura sombra se retratavão no Mondego, caminhava Lereno ao longo delle pouco espaço de hũa Aldea, aonde o dia d'antes se lhe acabara, & porque era tão sugeyto às lembranças, & tristeza de seus cuydados, que não perdia tempo, & lugar, que lhe renovasse nellas o sentimento, assentou-se ao pé de hum antigo tronco, junto da riba, aonde os passaros, que madrugarão mais, por esperar o Sol com sua melodia acordavão pensamentos de saudade, & aonde à vista das agoas, que passavão, a fermolura do Ceo, que a manhã variava de mil cores, & o movimento dos ramos, que o cobrião, estavão representando ao sentido hum saudoso queyxume, tomou elle para os seus instrumentos, & em quanto os passaros para ouvillo se callarã assim dizia.

Sae o Sol de sejado

Dà aos campos a cor, o ser ao dia,

O pasto ao manso gado,

Correndo vem tras elle a noyte fria,

Onde já sua luz não resplandece,

E alli quando amanhece

Nos deyxá conhecer

Que para aparecer desaparece.

Hum dia vai fugindo,

E o que corre tras elle nos alcança;

Estados se vão rindo

de Francisco Rodrigues Lobo.

337

De meu engano vaõ, minha esperança,
Que por mais que a ventura ma desvia
Vivo nesta porfia
Seguindo meus enganos,
Esperando em mil annos hum so dia.
Com taõ cego desejo,
Que melhor lhe chamava desatino,
No Lis, Mondego, & Tejo,
Hora vaqueyro, & hora peregrino
Espero huma mudança da ventura,
Mas està taõ segura
No mal em que a busquey,
Que já por meu mal sey que este só dura.
Por fugir o perigo
Busco, deyxando a minha, a terra estranha,
Mas como vou contigo,
E ainda este perigo me acompanha
Tanto mais crece o mal, que me desterra;
Nãõ val mudar a terra,
Que a tal estado vim,
Que eu a mim aonde vou me faço aguerra.
Firmeza minha imiga
Em cujas mãos ventura tantos pos,
Bem he que eu me persiga,
E seja contra mim por ser por vos
Mas nãõ tenhais taõ dura opiniam;
Que se este coraçãõ
Ambos taõ maltratamos
Ambos com elle usamos sem razãõ.
Que culpa teve mor,
Que amar sem conhecer o que fazia;
A culpa teve amor,
Que me nãõ deyxou ver mais, que o que via;
Assi foy temerario meu emprego,
Que em tal desas cego
Nãõ via meus defeytos,
Que amor para respeytos se fez cego.

Y

E Jc

Primavera

E se isto me condena,
 E para amar vos erra quem se atreve,
 Baste já tanta pena
 Para huma culpa pois que foy taõ levei.
 Tomay senhora o mal que me ficou,
 Vereis no que vos dou,
 Que ainda me estais devendo;
 Não fique padecendo quem pagou.
 Mas ha que este desenhó
 He chamar mal ao mal que me causais;
 Quando pelo que tenho
 Vos fico inda devendo muyto mais;
 Já me rende ao pouco que mereço,
 E assi pastora peço
 Por me entregar no mal
 Que sejais liberal do que padeço.
 Já vos desejo dura,
 Esquivã, ingrata, varia, fementida;
 E a mim mais sem ventura,
 Sem esperança, liberdade, & vida;
 Mas não sejais ingrata, & enganosa;
 Nem inconstante irosa,
 Não o digo por mim,
 Mas não podeis assim ser taõ fermosa,
 Se a força de meu fado
 Vos desse natureza taõ alhea,
 Por mal do meu cuydado,
 Temo que ingratidão vos torne fea,
 E se isto me tirara o pretendervos,
 E perdera o querervos,
 Ah nunca seja tal,
 Que o meyo de meu mal seja offendervos.
 Se me sois homicida
 De minha vida, & minha liberdade;
 Que quero eu mais da vida
 Que perdella por vos e m saudade?
 Que quero mais, que as lagrimas, que choro

*Ou no valle aonde moro ,
Ou por este em que ando
Aonde a amor vbu pagando o mesmo fora,
Se la aonde ficastes
A sem razao vos vier a memoria
Com que me desterrastes,
Naõ quero nesta guerra outra vitorias
De tudo o meu desejo desaposso ,
E do que esperar passo
Ey por melhor partido
Este de andar perdido por ser vosso.*

A Cabou o pastor ausente este seu canto , a que as aves magoadas parece, que respondiaõ, quando ja o Sol apparecia no cume dos altos montes , virando o rosto por entre os ramos , vio vir para elle huma fermosa pastora guiando as ovelhas , cujo rosto , & trajo representavaõ a tristeza , que na alma tinha , & com palavras em que a mostrava depois de o laudar lhe disse. Naõ juigues mal pastor esta licença , que teve tanta força o sentimento de teu canto , que me fez perder o respeyto a meu estado para te bulcar. Ouvi a tua cantiga , & pareceome a voz estranha, mas os versos taõ naturaes ao que na alma sinto , que suspeytoy , que havia em ty amor , o que de homẽs ha muyto , que naõ creio , & se agora comtigo me engano , ainda sabes melhor fingir do que eu sey duvidar ; porem se teu cuydado he verdadeyro , hey por bem empregado este atrevimento. Fermosa pastora (respondeo Lereno) ainda ; que te convinha mais outro nome naõ te póde dar culpas , quem com tua presença se livra de tanta pena , & naõ em balde quero bem a meu mal , pois de seus effeytos me nasceo esta gloria : delle podes crer , que he verdadeyro , & de meu canto , que naõ he fingido quando te descontentasse , de ty quizera eu perguntar muyto , mas nem o lugar he de ambos , nem estou seguro em tua vontade. Esta (disse a pastora) he tal , que nem quero , que a suspeyta do lugar me tire de ouvir , & para que essa razao te naõ escuse, vayamos ao prado , que o publico nos dara mais liberdade.

Logo Lereno tomando o çurraõ , que nos rãmes tinha pendurado le sahio de entre elles , & pondo-o sobre hum penedo, que no valle estava encostado a elle , & a pastora ao seu cajado, lhe pediu ella, que lhe dislesse o seu nome , a terra donde era , & o que naquella buscava , ao que o estrangeyro com estas palavras respondeo. Ha taõ pouco que saber em mim que a tado respondo com o que ves; porque o nome , se elle declara o ser de quem o tem , a tristeza mo deu , terra não na tenho , porque nenhuma me consente , o que busco nesta , he o que mais desejo perder , & somado isto sou hum triste , & peregrino , que busca a vida , que aborrece ; porẽm se esta verdade só te não satisfaz , o meu nome he Lereno , nasci entre as frelças ribeyras do Lis , & Lena , terra favorecida do Ceo , celebrada de pastores , rica de fermotas pastoras , & porque era tal a minha patria , não quiz a sorte , que com as poucas ovelhas que me deu nella vivesse , nem que só aos males , que a meu estado com formes tinha , bastasse o soffrimento , busco os campos do Mondego para guardar outras cabras, ter outra vida , não outro cuydado , mas viver ausente da causa deste até que o tempo delengane minha esperança , isto só me perguntaste , & o mais que eu pudera dizer , pois são males , não quero ser sobejo , & nenhum delles consentirey , que tenha lugar antes de saber de ty , porque nisto tenho eu por acerto ser importuno , peço que me digas o nome , & alguns sinaes de teu cuydado , que bem conheço no rosto digno de dar muytos , que não devem faltar no coração. O meu nome (disse a pastora) he Althea , o que me pedes de meu cuydado , o mayor que tenho , he encobrilho , que pois do remedio tenho pouca esperança quero para mim só o tormento d'elle , com tudo folgarey de saber a causa que te obriga a perguntallo. A companhia no mal (tornou Lereno) muytas vezes he remedio , & quem padece folga de ver que não he só , & hum enfermo deseja de aleançar os remedios , que o outro usa para mitigar a mesma dor que sente , & fora esta razão me obriga a mim saber se no damno de teus males sou tambem culpado , porque he de crer se algum pastor te offende , que a todos os outros deyxou com culpa. Tanto podem

dem essas razoens (disse Althea) contra meu segredo, como o teu canto para me trazer a este lugar, porèm temo, que em me vendo leve em communicar meus damnos perca aboa opiniaõ, em que me tinhas. De mim a terey eu boa (replicou elle) se merecer a confiança de teu cuydado, para o qual offereço hum coração leal, & huma fé muyto verdadeyra; porèm se isto naó he tua vontade, & receas perigo em a que te mostro, antes quero offender a meu desejo, que a teu gosto. A estas palavras naó respondeo Althea, antes obrigada dellas, & suspenso no que queria dizer, mudou mil vezes a cor, fazendo com cada huma dellas mais fermosa; & depois de pouco espaço atras de hum sentido ay, que de dentro da alma vi- nha nestas palavras, começou o seguinte.

Pois se melhora o mal communicado,
Pois dà alivio o sentimento alheyo,
E hum tormento de amor mal empregado
Só à lingua deyxou taõ triste meyo.
Ouve a causa pastor de meu cuydado,
Que contar já naó posso sem receo;
Porque se em ty de amor vejo finais
Naó tinha menos quem me levou mais.
Mas esses olhos teus, que antes choravaõ
Quando com mil suspiros me chamaste,
Naó são huus, que com mostras m'enganavaõ
Differentes tambem das que mostraste;
E se com razao justa se queyxavaõ
Aquelles brandos versos que cantaste,
Em ty espero achar consolação,
Porque buscar remedio sera vaõ.
Livre fuy no principio de meus annos,
A's leys de amor izenta, & fugitiva
Mil vezes me offreceo doces enganos
Quando me vio para elles mais esquivava;
Mas como izentará peytos humanos
Huma vontade sò de amor cativa;
Tanto este em fim venceo minha porfia,

Que vim a amar a quem menaõ queria.
 Era no tempo quando a nossa Aldea
 De luzidos pastores florescia,
 Quando era campo, valle, & serra chea
 De musicas, de festas, de alegria.
 Vivia Elisa, Philis, Galatca,
 Sylvia, Leanda, & eu tambem vivia.
 Que agora neste estado taõ cativo
 Melhor posso dizer, que ja não vivo.
 Pastava neste valle (Ab sorte dura
 Quam pouco dura hum bem, que custa tanto)
 Hum pastor natural de Estremadura,
 Que em tudo extremo foy, em tudo espanto,
 No juizo, no rosto, na figura
 Na graça, no lutar, no doce canto,
 E porque diga tudo mais barato
 Tudo tinha, mas teve ser ingrato.
 A inimiga sorte, o cego Amor
 Por se vingar de minha tenra idade
 Trouxe ao nosso valle este pastor
 A quem dey pela vista a liberdade:
 Logo que o vi de mim se fez senhor,
 E ainda este não quiz, selo por vontade,
 Ouvi-o, & vi-o, & nelle tanto vi,
 Que ainda agora acho pouco o que perdi.
 Em quanto encubrir pude a chama ardente
 (Pouco se dissimula esta doença)
 Fulgara quem me vira facilmente
 Sem conhecer a causa, a differença
 Buscava-o entre as feras, & entre a gente,
 (Que este desejo a tudo dà licença)
 Entre o gado, entre as feras, entre abrolhos
 Sempre era mais fermoso nos meus olhos.
 Hum dia assi vencida do desejo
 Determiney mostrar-lhe meu tormento.
 Eis a vergonha em vno, eis o despejo
 Cada qual ja vencia o sofrimento.

E em quanto entre contrarios taes pellejo
 Sem se determinar meu pensamento,
 Huma manhã, que em tantas esperava,
 O fuy buscar ao valle onde pastava.
 Era no mes quando esse pastor louro
 Que já guardou de Admeto o manso gado,
 E abraçou convertida em verde louro
 A causa principal de seu cuydado.
 Buscava os cornos já do branco touro,
 Que de Phasiphae foy gram tempo amado.
 O tempo, o prado, o valle, o meu pastor
 Tudo mostrava estar cheo de amor.
 Estava elle lançado na verdura
 (Ab que inda meu chamarlhe não podia)
 E dalli dava graça, & fermosura
 A tudo que do valle descobria;
 Lavando o rosto em huma fonte pura,
 Que entre as verdes ervas se escondia,
 Deyxando com seu curso desigual
 Borrifadas as folhas de cristal.
 Ouvia alli da linda Filomena
 Por entre o arvoredo o doce canto,
 Que assi contar sabia o mal da pena,
 Que enlevava os sentidos no seu canto,
 A purpurea Rosa, & Açucena
 Esmaltavaõ da terra o verde manto,
 E zephyro encrespava brandamente
 As cristalinas agoas da corrente.
 Cheguey com o rosto pallido, & sem cor,
 Que o coração do sangue se ajudava,
 Mas o que me tirava este temor
 A vergonha dobrado me tornava;
 Disselhe o que por mim lhe disse amor,
 Que eu não creio de mim, o que entao fallava,
 Porque quando falharlhe pretendia
 Lagrimas por palavras lhe di Zump (Ab)
 Elle movido a dor, & a sentimento,

Que tudo começou logo em meu damno,
 Facilitou tão grande atrevimento
 Mostrando a tudo o resto mais humano;
 De receos livrou meu pensamento,
 Ou fuisse por amor, ou por engano,
 Mostrando, que eu lhe fora offerecer
 O que elle não ousava a pretender.
 Isto dizia, & começava, quando
 Para o valle decia hum guardador,
 Que atras do seu rebanho vem bradando
 Negras ovelhas tras da propria cor.
 Fuy-me eu por me não ver longe apartando,
 Foyse para outra parte o meu pastor;
 Ah quem entãõ olhara este final
 Para ser profetiza de seu mal.
 Mil effeytos de amor delle ordenados
 Alli vi nos seus olhos enganosos,
 Do peyto mil suspiros namorados,
 Da lingua mil queyxumes amorosos;
 Iguais mostrava amor nossos cuydados,
 Mas só foraõ os meus os perigosos;
 Igualmente nas mostras como amante,
 Venceome por meu mal em ser constante.
 Passou tão brevemente esta alegria,
 Que a tinha o coração por falsidade;
 Deste sonbo porèm, que o parecia
 Passay a larga noyte em saudade;
 E ainda bem a manhã não trouxe o dia,
 Porque madrugou mais minha vontade,
 Quando no valle aonde nos apartamos
 Ambos a hum mesmo tempo nos achamos.
 Veyo, que ainda a mim me pareceo,
 Que temer que a buscava me detinha,
 E n'hum amuroso abraço recebeo
 Por entre os braços seus esta alma minha.
 (Ah quem alli romperá o mortal veu
 Para a alma fizar com quem a vinha)

E porque neste sô me fora escaço
 Torney de novo a darlhe hum novo abraço:
 Passey dias, & meses neste engano,
 (Triste, quem nunca delle fora izenta)
 Passou hum anno assim, passou outro anno,
 E esta minha affeyção mais se acrecenta;
 Nao temi nas bonanças este damno,
 Nem em taõ doce tempo tal tormenta.
 Quem julga o que ha de ser pelo comesso
 Bem merece, que tenha tal successo.

Quantas vezes ao valle aonde pastava
 O seu gado levava por fallarme,
 Aonde mil brandos versos me cantava
 Ao som do seu rabel por contentarme;
 As arvores, & as aves ensinava
 Com amoroso acento o nomearme,
 E agora tal estou no que padeço,
 Que pelo nome a mim me desconheço,

Quantas vezes dos Faunos estorvados
 Fugindo o mais espesso da floresta
 Ao longo deste rio recostados
 Tinhamos o rigor da ardente festa,
 Debayxo destes freyxos levantados
 Que faziaõ a estancia mais honesta,
 E alli a relva, & folhas que cahiaõ
 De saboroso leyto nos serviam.

Quantas vezes corredo a seca praya
 O seu nome escrevi branca arnea;
 Quantas vezes no pé a esta alta faya,
 Que com trofeos taes ainda se arrea:
 O coração, & a vista me desmaya,
 Que quando a saudade diz que o lea
 Com elle sobe ao Ceo contente a planta;
 E fugindo meus olhos o levanta.

Mas porque vou fazendo larga historia
 Do bem que hum breve espaço se deteve,
 Para que conto da passada gloria

O que ao mal presente só se deve?
 Fica o bem para males na memoria,
 E por ficar melhor sempre he mais breve
 Amey, gozey, vivi leda. & contente
 Amo, padeço, & morro, triste, ausente,
 Não sey que estrella foy contraria minha,
 Que este trance cruel me destinou
 Que quando meu pastor mais firme tinha
 Então diante meus olhos o apartou:
 Força de estrellas foy, que assi convinha
 Eu a senti tambem, elle a mostrou
 Quando me disse: ah não me ponhas culpa
 Que o fado que me obriga, me disculpa.
 A razão nunca soube da partida,
 E pretendi sabella delle em vão
 Mil vezes lha pedi, & arrendida
 De importuno acusava o coração,
 Te que me disse já na despedida,
 Não me aparta de ti nova razão
 A sem razão me aparta de meu fado,
 Mas não me apartara de meu cuydado,
 Que se a mesma fortuna, que me guia
 A quem meu poder fraco não resiste
 Ao cabo levar sua porfia
 Sem levar juntamente a vida triste,
 Eu tornarey a verte onde te via
 Pois em te ver meu bem todo consiste
 Não queyras saber mais de meu segredo,
 Que ou cedo murrerey, ou virey cedo.
 E nisto com hum abraço mais estreyto
 Amor os nossos rostos ajuntava
 Tirando a cada hum do ardente peito
 Lagrimas que nos olhos misturava,
 Os que apartou a ventura a seu direyto
 Tão juntos tinha amor, tanto apertava,
 Que nem o ar da tarde fresca, & fria
 As palavras, & os rostos dividia.

De Francisco Rodrigues Lobo.

347

Foyse , & não sey quando se apartou ,
Que os meus olhos com lagrimas não viao
A voz cansada a lingua se apegou ,
Mas os suspiros tudo lhe diziao
Elle de longe o rosto me voltou ,
E em o vendo estes olhos que o seguiao
Sobre as ervas cahi triste de bruços
Em lagrimas , suspiros , & soluços.
Fiquey sem vida alli por grande espasso
Sinal, que quem a tinha era partido:
Acordey revolvendo o corpo lasso
Sobre a meuda relva amortecido ,
Depois com saudoso , & lento passo
Enganando de novo meu sentido
Para a triste cabana foy cuidando
Se o meu pastor viria, donde , & quando.
Hum anno ha que sustento esta esperança ,
Que elle em lugar da vida me deyxou
Esperava da sorte huma mudança ,
Ah que para meu mal já se mudou.
Já troquey nesta vida a confiança
Já o cuidado o meu pastor trocou,
Já tenho certo o mal que duvidava
Já achey na ventura o que buscava.
Hum guardador de cabras là do Minho.
Que foy do Tejo a ver a praya rica
Hum mes ha, que encontrey neste caminho
Que a mão esquerda atras do monte fica.
E como o vi passar de mim vezinho
E quem cuidados tem tudo lhe aplica,
Ditiveo , pergunteylhe donde vinha.
Que amor para o seu fim logo encaminha,
A caso , (& não vi caso mais estranho)
No meu pastor fallay (que não fallara)
Quando suspensio vi , & hum aytamanho
Lhe ouvi , que hum duro monte traspassara ,
Eu suspensa fiquey, & o meu rebanho

Primavera

O sabroso pasto desempara,
 Os olhos nelle, ogado, eu os meus viro
 Por ver em que parava o seu suspiro.
 Elle por não determe em mais perigo
 Assi quasi chorando me dizia
 Althea quem achara aqui contigo
 Quem tão longe te tras na fantasia
 A ty esposo, a mim hum caro amigo
 A sorte de invejosa nos desvia
 Não já guardando gado noutra serra
 Mas buscando perigos noutra guerra.
 Eu o vi, & deti nunca esquecido
 Mas da força dos fados obrigado
 Mas da amorosas pelles bem vestido,
 Mas de pezadas armas carregado
 Com o duro arcabuz ao ombro erguido
 Em lugar do nudoso, & bom cajado
 Seguindo huma bandeyra mal segura
 Pois era dos soldados da ventura.
 Para remotas partes caminhava
 Além das largas agoas do Oceano
 Fuy velo, ah triste quando se embarcava
 Que até li nunca crera o desengano,
 Estreyto alli comigo se abraçava
 E chorando-me disse meu: Sylvano
 Fica com Deos, & se te não vir mais
 Fà da alma sem que vou te dey finais.
 Tinhame já contado o que passara
 Nesta verde ribeyra entre estas flores,
 E quanto ante teus olhos alcançara
 Com inveja de tantos taes pastores
 Contoume o que partindo te ficara
 Contoume em fim de todos seus amores,
 E guardando a fe sempre a teu respeyto
 Eu só fuy secretario do seu peyto.
 Pouco antes de partirse começava
 Huma carta a escrever para mandarte,

*Mas logo o tambor bellico o chamava
Como rigor que pede o fero Marte,
Disseme em fim que a alma te mandava
De quemelhor pudesses informarte,
Que o que ante ty ficou quando se fora
Te mandava afirmar de novo agora.
Naõ pode dizer mais o aventureyro,
Que o vento, & o tambor nos despedia
Foyse, & perdi de vista hum companheyro
Do que nunca terey tal companhia.
Te qui tambem ouvia o estrangeyro,
E como o peyto já tanto encobria,
Aos pès delle cabi com hum accidente.
O de mais julgue quem de amor mais sente
Com lagrimas Sylvano me acordou
E depois nos seus olhos as deteve
Por consolarme, alli me assegurou
Da tornada do meu pastor ser breve;
Delle mil cousas outras me contou
Tres dias fõs que neste valle esteve,
Foyse deyxoume em lagrimas, & dores,
E este he Lereno o fim de meus amores.*

A Qui acabou Althea o discurso de seus óuydados, & atrás das ultimas palavras começaraõ a cairlhe muitas lagrimas, que tinha nos fermosos olhos represadas, & não faltara a Lereno acompanhalla nestes effeytos amorosos, que como entrado do mesmo mal conhecia a pena delles, mas por não esforçar o sentimento da pastora com alegres mostras, lhe dizia estas palavras: Fermosa Althea, conheço teu mal, & tenho delle experiencia, & pois pelos sinaes, que em mim viste me contasteus amores, pagartehey com hum conselho do que exprimentey. Naõ nego, que a causa de teu sentimento deves estas lagrimas, nem que he justa a dor que mostraõ, mas reprovo os extremos que fazes, porque faõ desconfianças sem razão. Que fraudades te cancem, amor o pede, que a ausencia te ponha em receyos, o tempo o aconselha, mas não sabendo

bendo outra mudança do teu Pastor, condemnallo sem culpa he fiar pouco da sua fé. Os fados tração nossa vida, & a quem elles obrigão pouca necessidade tem d'outra desculpa, & tu pouca razão de delconfiar neste estado de teus amores, que ainda o tempo não venceo a fé do teu Pastor, posto que a combatesse; espera, espera, & não desconfies; vive segura em o que mereces, & verás cedo fim ao que delejas. A isto voltou a Pastora os olhos magoados, mostrando nelles hum animo agradecido à dor de quem a consolava, & porque já os Pastores com os gados atravessavão o valle para terem a fésta junto do rio, ambos se despedirão, porque cuydados tristes não sofrem lugar acompanhado, posto que os males para remedio busquem companhia.

FLORESTA TERCEYRA,



ASSOU Lereno o rio, aonde elle affombrado dos altos montes corre com mayor furia, deyxando as altas arvores tremendo os ramos da arrebatada corrente, com que passa na fralda da montanha, aonde se fazia huma verde espessura de fayas, freyxos, alamos, & salgueyros, fóra muytas arvores de espinho, tão cerradas, que achavão os rayos do Sol resistencia em seus agudos ramos, que com o pezo do dourado fruto, se vinhão a terra, regadas de saudosas fontes, que do pé da ladeyra, por entre toscas pedras vem caminhando, & todas se recolhião em hú gracioso ribeyro. O pastor por não perder a occasião de tão aprasivel lugar, sentado ao pé de huma faya, tirou o humilde mantimento ordinario entre Pastores, & começou a comer com muyto gosto; & para mayor mimo da natureza, não bem tinhã acabado, quando do meyo de hum alto canaveal, que até a area da praya se estendia, ouvio, que ao ruidó, que movidas do vento as verdes canas fazião duas estranhas vozes, cantavão o seguinte.

Quem fia da occasiã

Com razãõ perde a que tem,

E se tarda quando vem

Venha arrependerse em vaõ.

Para ficar mais segura

A que do tempo se alcança

Ninguem tenha confiança

No tempo, nem na ventura ;

Alcançe da occasiã

Hum so pehor, que ella tem,

Lancê mão que se a detem

Verseha sem nada na mão.

Nunca espere da ventura

Quem por sua culpa, a perde,

Nem guarde esperança vrde

Para colbella em madura ;

Faca por ganhar de mão

Quem tao mal, & tarde vem

Como a idade do bem,

E o tempo da occasiã.

Quem se descuyda em seu damno

Toma o que o tempo lhe deyxã,

Arrependimento & queyxa,

Saudade, & desengano.

Causa de nossa affeyçãõ

Nãõ creais quem vos detem

Vede, que quem tarda, & vem

Vem arrependerse em vaõ

E Nlevado estava Lereno no doce canto, & não menos fastifeyto dos versos d'elle, cobicçolo de ver o donde nascião aquellas vozes, que dellas julgava ter cousa Divina, & cedo lhe pareceo, que não se enganara, porque ainda os sonoros acentos no ar se suspendiam em saudoso ecco, quando vio ir correndo por entre as tremulas canas, duas Ninfas com louros cabellos soltos sobre os hombros. Estas de hum ligeyro salto se lançarão ao rio, ao tempo, que dous pescadores, que viñhãõ no alcance apparecêrãõ na praya, & se forãõ desatar a barca, que estava entre huns penedos, deyxando a Lereno tão magoado do que lhe estorvãrãõ, como contente do que vira, & atravessando o canaveal, vio para huma parte d'elle a cova donde antes cantavãõ as offendidas lemideas, femeada de rolas, & boninas, entre as quaes estavãõ enlaçados alguns fios de ouro, que as flores de enveja tinhãõ roubado. Levou o Pastor no çurrãõ destes despojos por estranheza, & começando a subir a ladeyra acima, vio perto de si hum tiro de pedra, hum Pastor vestido em hum vaqueyro de pardo escuro, & ao lado esquerdo hum manchado çurrãõ da pelle de hum abortivo novillo, & sobre os cabellos mais louros que o rayo do

Sol

Sol, que em ancis lhe cobrião as fontes, & as orelhas, huma monteyra de pelle de lobo. Este encostado a hum grosso cajado de enzinha, escrevia em o tronco de hum alamo com muyta futiliza. E porque Lereno pelo caminho havia de passar por junto a elle, duvidou se o faria, porèm vendo, que não era segredo, o que de huma carta tão aberta se fiava, indo por junto a elle, o saudou, & o do pardo o deteve para saber de que terra caminhava, que bem conhecia no mais ser estrangeyro, ao que elle tornou, que era do Lis, & que avia tres dias, que partira de suas ribeyras para aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar, que te acompanharey até o fim da ladeyra, porque sou muyto affeyçoado aos pastores do teu lugar pela fama, que tem nesta nossa campina, & neste tempo lançou Lereno os olhos ao tronco, & vio que deyxava nelle estas palavras.

*Cuydado sem esperança
Justo he que tenhais assento
N' alma para sentimento,
Neste alamo por lembrança.
Leam todos os pastores
Que em meu damno se consente*

*Aver fê para hum ausente
Por faltar em meus amores
Saybaó, que por perseguirme
Ouve contra meu cuydado
Homem ausente, & lembrado,
E molher ausente, & firme*

Começando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, & graça dos campos, que dalli se de cobrião, & as tostegadas agoas do Mondego, que em saudolas voltas se deipedia do pè daquella montanha. Tudo (disse Lereno) mostra na terra hum parayso, & só vivirá nelle em pena quem tiver a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria, digo isto, porque essa fermosura, que aos naturaes he gloria me dà minha ventura por desterro, & como este he forçado nunca contenta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) & grande mal viver, sem ella, peça he que todos perdem por sua vontade, & perda, que se mais sente, mas se a tua ficou bem empregada não te queyres. Que val [tornou elle] estar bem empregada se he mal agradecida? E se os males, que homem busca custão
mais

mais a sentir, porque nunca se chora a culpa, senão a dor; porém deyxando esta, que agora não tem lugar, te confesso, que não vi outro tão fermoso de agoas, & arvoredos como este he, sempre foraõ celebrados os campos do Mondego, & muyto mais os seus pastores; & bem se mostra no que em ti apparece. Não quizera (dille elle) delacreditar a tantos comigo, mas se hoje ficas nesta Aldea, farey, que vejas em muytos o que em mim falta. Nestas razoens tinhaõ ja atravessado o monte, & decendo contra o penedo das saudades, já os guardadores com as roucas businas, & diligentes rafeyros ajuntavaõ o gado, & conhecendo a Floricio (que este era o nome do pastor a quem Lereno acompanhava) se vieraõ a elle, dizendo, que não era bem, que passassem o valle das oliveyras sem alguma cantiga, que sem elle não prestava, & depois de descançar, aceytcu o encargo, dizendo a Lereno, que a seu relpeyto o fazia, & cantou o seguinte.

Não sey para que vos quero

Pois de olhos me não servis,

Olhos a que eu tanto quis?

Noutro tempo mal pecade,

Quando eu via o que buscava

Era tão acautellado,

Que sendo pastor de gado

Tè do gado vos guardava,

Mas essa antiga alegria

Nem a tenho, nem a espero;

E pois não vejs o que via

Senão for por companhia

Não sey para que vos quero?

Eu vos quis para chorar

(Mas quem ha que a dor resista)

Que se eu pudera aturar

Em tanto perder de vista

Vós ouvereis de cegar

Poupeyvos como inimigo,

Pois para o pranto vos quis

Tendo-o por menor perigo,

Mas servir meis de castigo

Pois de olhos me não servis.

Muytas vezes ainda agora

Quando à lembrança me entrego

Desejo por meu socego

De arrancar os olhos fora,

E ficar de todo cego.

Mas torno a cuidar em quanto

Me lembra o mal, que vos fiz,

E que agora vos levanto

Como posso offender tanto

Olhos a quem tanto quis.

A Cabou Floricio, & não sô aos pastores, que juntos o ouviaô, deyxou contentes, & a Lereno mais seu affeycoado, mas as pastoras, que do valle vinhaô subindo com feus rebanhos, encoftadas aos cajados se detinhaô. Logo pedirão todos a Menalio, que cantasse, & elle sem muytos rogos, tomando a Floricio a fantona, começou.

*Mandaisme que vos não veja,
Dos olhos que hey de fazer?
Pois lhe não fica que ver.*

<i>Tal a vista me ficou</i>	<i>Da alma, & de seu poder,</i>
<i>Quando vi vossa figura,</i>	<i>Dos sentidos, & da vida</i>
<i>Que para o mais me cegou</i>	<i>Ordenou vosso querer;</i>
<i>Como quem ao Sol olhou,</i>	<i>E pois sô não sois servida</i>
<i>E entrou numa casa escura.</i>	<i>Dos olhos, que hey de fazer?</i>
<i>Vi quanto a vida deseja,</i>	<i>Pois tudo o melhor levastes,</i>
<i>E fiz della alegre emprego</i>	<i>E deyxais os olhos sos</i>
<i>A pezar da mesma inveja,</i>	<i>Taô cegos como os deyxastes,</i>
<i>Vós porque me eu veja cego</i>	<i>Pois levallós lhe negastes</i>
<i>Mandaisme, que vos não veja.</i>	<i>Deyxayós ir tras de vos.</i>
<i>Hum remedio me convinha</i>	<i>Pois me souberaô ganhar</i>
<i>Contra a semrazã que usais,</i>	<i>Quando me soube perder</i>
<i>Que era verbos na alma minha</i>	<i>Com o gosto de vos olhar</i>
<i>Mas esta alma aonde vos tinha</i>	<i>Não lhe deyxéis que chorar,</i>
<i>Nem de vista ma deyxais.</i>	<i>Pois lhe não fica que ver.</i>

B Em mostrava Menalio na graça do seu cantar, & na differença do que costumava, que queria contentar aos companheyros, & competir com Floricio; & posto que muytos, que o entendião, se callassem, não o pode diffimular Theonio, que sorrindo disse, tambem a Floricio devemos a tua cantiga, como a sua, que bem se mostrou nellas, que era competencia. Antes te digo (respondeo Menalio,) que mais canto por obedecer a quem mo mandou, que por me parecer, que podia fazello diante de Floricio, & de ti, ã sempre me vencestes. Se tu comigo o às de zombaria (lhe replicou Theonio) sou taô confiado,

fiado, que se tomo o arrabil, ambos me haveis de rogar, que vos queyra por vencidos. Como eu já o estou (disse Menalio) elculas contenda, là te avêm com Floricio, sobre cuja serà a vitoria; mas elle cruzando os braços, disse, que não se atrevia a procuralla. Não cuydeis (tornou Theonio,) que com essa humildade me fareis descer desta opinião, nem que a essa conta, não queyra a vitoria mais pelo juizo de todos, que por vossa vontade; & tomando o arrabil com muyto alvoroço, & rizo dos Pastores, começou com huma vóz muyto engraçada a cantar o seguinte.

Fartayvos de ver meus olhos

Os olhos de Guiomar,

Naõ nos podemos fartar.

*Andais de dia apos ella,
Pelo monte, & pelo prado,
S'entra a mondar ao serrado
Sempre lbe estais à cancella;
Se a noyte tornais a vela
Nunca vos fartais de olhar.
Naõ nos podemos fartar.*

*Inda bem se naõ enfeyta
Com a fraldilha louçã
Ao Domingo de manhã,
Quando a vos tendes despreyta
E nada disto aproveyta
Pa a vos fartar de olhar,
Naõ nos p demos fartar.*

*Tem o seu rosto tal ser,
E os seus olhos taes estremos,
Que quanto nelles mais vemos
Tanto mais temos que ver;
Quem os sabe conhecer
Nunca se farta de olhar;
Naõ nos podemos fartar.*

*Naõ ha força que refista
Ao que com seus olhos trata,
Que estando vendo nos mata
De fome com sua vista;
Ou se vista, ou se naõ vista,
Ou no monte, ou no lugar,
Naõ nos podemos fartar*

CAntou Theonio tão confiado, & com tanta graça, que a todos persuadia a razão de sua arrogancia, & não passava guardador, que não parasse com os olhos nelle; mas juntamente o dia, & o caminho, com a cantiga se acabarão, & dandolhe os Pastores o louvor costumado, começarão a apartar os rebanhos, & Lereno se apartou com Egerio amigo seu, que já das ribeyras do Lena o conhecia, o qual com muyto alvoroço o recebeo, & levou à sua cabana, aonde cada hum relatando

os successos de sua vida, & dezenho della, passarão a noyte, que este he o fruto da verdadeyra amizade, o alivio dos males, & a gloria dos bens, communicarem-se sem inveja, & com affeyção.

FLORESTA QUARTA.



RA Floricio hum Pastor, natural do Tejo, em que os daquella ribeyra tinham muyta confiança, por ter elle muytas graças, que ainda repartidas, se achão difficultosamente entre os Pastores; com a lanfona na mão, não havia naquelles campos quem o igualasse, nem na luta quem lhe levasse a fogaça, nem no ayte quem com mais ar sahisse ao terreyro; finalmente com um cajado na mão, não havia Pastora, que de graça lhe não devesse a liberdade, & sobre ter esta melhoria de muytos outros, era tão affeyçoado à tristeza de hum suspiro, & ao apartamento de hum lugar saudoso, que lhe não parecia bem couza, que o não fosse, nem pastor, que não sentisse payxoens amorosas, semelhantes às que na alma trazia tão sugeytas ao segredo de sua fé, que nem Lereno lhe entendera o pensamento, se o proprio mal o não tivera tão ensinado a conhecer seus effeytos; & como de inclinaçoens tão semelhantes se faz a boa amizade, a cada hum destes dous Pastores ficou secreto o desejo de se tratarem, & communicarem por amigos, em especial Lereno, que muyto em particular soube de seu amigo Egerio, quem era, & como viera ter àquella ribeyra. Passados porém alguns dias, que Lereno vivia em a conversação dos Pastores daquelle lugar, a onde tomou sua cabana, hum dia antes, que amanhecesse, acordando de hum doce sonho em que a imaginação o tinha enlevado, ouviu huma suave voz, que cantava do pé de hum castanheyro, que com suas ramas cubria a porta da cabana de Egerio, & por não perturbar a gloria, que na alma lhe causava aquella saudade te o folego reprimia por não suspirar, & ouvir a cantiga, que eraõ estas endechas.

Quem dorme descança,
Quem ama não ouja,
Porque não repouja
Mais que na lembrança.

Acorday cuydados,
Que me despertastes,
Pois não madrugastes.
Para descuidados.

Lembrayvos de quem
Só de vns se esquece
Desque o sol parece
Te que a noyte vem.

Que eu tomey porfia
De cuydar só nella
De noyte de vella
Por vela de dia.

Meus olhos dirão
Estes desconcertos,
Que de andar abertos
Já não vem, nem vão.

Quando vou com o gado
Pelas sementeyras
Sempre trago olheyras
Como tresnoytado.

E como em deserto
Sem saber onde ando,
Nelle ando sonhando
Dormindo, & desperto.

Que com grande aballo
Depois me envergonho,
Porque como eu sonho
Mil verdades fallo.

Temo neste emprego
Vencido da dor
Que de puro amor
Me eyde tornar cego.

Mil vezes ditoso
Quem sem tal cuydado
Dorme descançado
Sono saboroso.

E pela ventura
Não sente hum só dia
Nem a manhã fria
Nem a noyte escura.

Durma quem descança
Em taó bom remanso
Que eu ca não descanço
Busco a quem me cança.

COm o silencio da madrugada, & o vagaroso movimento das ramas, fazia a voz tão faudosos acentos pelo vão daquelles outeyros, que Lereno, que o ouvia, não pode deter alguns suspiros da faudade, que mil lembranças lhe despertarão, & por saber quem seria o da cantiga, se vestio depressa, & tomãdo o cajado, sahio fõra da cabana, & dalli vio a Floricio, q̄ hia descẽdo pelo valle abayxo, para as fraldas dorio, & dobrãdo traz elle hũa trasposta, bradãdolhe de cima, o fez voltar o rosto, q̄ côhecẽdo a Lereno, mostrou cheyo de alegria, & depois q̄ chegou a elle, & o saudou, lhe disse, não cuydey, q̄ tomãras ao roxinol mais que a faudade, & as horas de seu queyxume, que ainda no voar o parecias; pois não me valerão os pès, se com os

brados te não alcançara. Quem cuydaria (disse Floricio,) que tinha eu forças para te trazer apoz mim, deyxandote dormindo na tua cabana? Mais me espanto (respondeo Lereno) não se virem atraz de ti as arvores, & os rios (como contão do Musico de Thracia;) porèm a razão he, que fô coufas sem entendimento te não sigão: mas porque venho muyto suado da pressa com que desci a ladeyra, te rogo, que nos sentemos hum pouco em quanto não são horas de tirar o gado. Sentemos (tornou elle,) que aindaque fossem horas, mais quero ao teu descanso, que ao meu rebanho, quanto mais a tal companhia. E eu (disse o outro) pela tua soffrerey perder tudo o mais, como não seja ouvirte cantar, que te affirmo, que o fazes com tanta ventagem dos que tenho ouvido, que o melhor do mundo te póde ter enveja. Tudo consentirey (respondeo Floricio) como me não envergonhes com os louvores, que não mereço. Antes me callarey por não te saber dar os que devo (tornou elle,) & pondo-os, já que assim queres, de parte, te affirmo, que tens já tanta no meu coração, que me não ficarão palavras para te offerecer. Menos as terey (disse Floricio) para responder, mas pois a teu entendimento nada se esconde, bem deves ter sabido de meus olhos, que te trago nelles, do primeyro dia, que me encontraste, & não peço mais à ventura depois dos males, que me tem feyto, senão que me faça cópanheyro na tua peregrinação, ou a ti morador neste lugar, para que te não perca algum tempo, do em que te trago, mas por não se usarem entre nós palavras, que a outros fervem de comprimento, te rogo, que não vamos adiante; & porque o Sol vinha já enxugando sobre as flores o miudo orvalho, que a Aurora nellas derramara, & erão horas de tirar as ovelhas ao pasto, se torão os dous Pastores tẽ os curraes, & dalli levãrão o gado para além do rio, que era o lugar donde Floricio apascentava, & assentãrão-se em huma verde riba ao pé de dous salgueyros, que estão vendo os ramos em hum quieto remanso do Mondego, cujas raizes tecidas pela mão da natureza hião fazer sobre a agua huma debuxada sombra; dalli vendo Lereno as ovelhas, que có huma liberdade tão contente hião tofando a miuda relva, disse, guarde Deos ao teu rebanho

banho amigo Floricio, & o livre de mãos lobos, & de mau olhado, como anda contente por esta relva seguro no teu cajado, engordando na tua vista, ditoso elle, q̄ tem tal Pastor, & tu vêturoso, q̄ co elle gozas vida tão descãçada. Ah Lereno (disse elle) Deos te guarde de males, q̄ trazẽ cõsigo obrigação de segredo q̄ fazẽ sustetar à vida mil hypocresias, q̄ se foubesses os defcotos possuo este, a q̄ chamaſte descãço, ouveras por muyto melhor o teu desaloflego, & não debes pouco à ventura por te negar experiencia tão trabalhosa. Não te respondo [tornou Lereno] porque não tey o mal de que te queyexas, nem pergunto qual he, por quanto às vezes custa lembrallo, & muyto mais deseobrilho, a quem o sustenta com tanta fé. Melhor ferà (replicou o companheyro) gastar o tempo em alivio de males, que em despertar o sentimento delles; por tua vida, que cantes huma cantiga das tuas, porque sendo ellas em toda a parte tão gavadas, ainda te não ouvi. Grande semrazaõ seria (disse elle) negar cousa tão facil, a quem com outras de tanto preço me obrigo, só te digo, que ando tão costumado a chorar, que me não lembra o como cantava, & aonde perdi o gosto do meu canto deyxey por despedida o arrabil, porẽm, porq̄ esta razã me não tem por escuso tẽpera esse teu, & veràs, que te enganava, ou se engana quem me gavou. Com muyto desejo temperava Floricio o instrumento, quando para elles viraõ vir dous Pastores em companhia de duas Pastoras, não mal parecidas, coroadas de fermosas flores da campina, & todos vendo a Floricio, & ao companheyro, (que ainda não conheciaõ) se alegraraõ, & com amorosas palavras mostraõ o gosto de o achar, & contaraõlhe logo a razã, porque o queriaõ para Juiz de huma contenda, a qual não havia na montanha quem com melhor saber, & menos suspeyta a pudesse julgar, & assim lhe pediraõ Cisneo, & Rosardo, (que eraõ os competidores,) que quizessem elle, & o estrangeyro assistir a huma musica em louvor dos olhos de Felisa, & Marilia, que eraõ as Pastoras, & em premio da vitoria, ficava por preço ao que melhor cantasse, duas bem tecidas capellas, que os Pastores traziaõ tão subtilmente enlaçadas, que por muyto espaço deraõ, que olhar aos juizes, & muytos outros Pastores, &

Pastoras, q̄ no mesmo lugar se ajuntarão a ouvir a contenda, & Floricio aceytou o encargo com Lereno, que por lhe obedecer se não esculou, & logo Cisneo tirando a lanfona, começou, & traz elle Rosardo, ambos com os olhos nos das Pastoras, que os escutavao.

Cis. **P**ois Felisa os teus olhos tem diante
 Quem te ama, mal sera que em seus louvores
 Quem doutros olhos canta se adiante
 Pois elles são de todos vencedores.
 A mim me manda amor, que delles cante,
 E vença os leves faunos, & os pastores,
 Que para esta ditosa confiança,
 Sempre os vejo vestidos de esperança.

Ros. Se os teus olhos Marilia ver pudera
 Quem já va vista de outros ficou cego
 Nunca a cantar comigo se atrevera
 Senão para fazer o mesmo emprego.
 E ainda a pastora então todos vencera,
 Quantos pastaõ no Tejo, & no Mondego,
 Tendo presente a luz desses dous lumes
 Vestidos da cor bella dos ciumes.

Cis. Mal julgará da cor do Sol dourado
 Quem de outra menor luz, fica offendido
 Sempre se igualla a causa de cuydado
 Por aquelle sujeyto do sentido:
 Cante de seu amor mal empregado
 Quem o não mereceo ter mais subido.
 Que eu forçado do amor, & do desejo
 Canto de huns olhos cuja cor não vejo.

Ros. Se os olhos cor tiverão, que a não tem,
 Que bella cor a dos teus olhos fora!
 Nem tal fora da rosa, ou da cecem
 Nem tal do Sol, nem tal da bella aurora;
 Tomaõ a cor os olhos do que vem,
 Que em sua clara luz, mais se melhora,
 Aos teus dey logo a cor, que lhes convinha

Nascida de huma dor que na alma tinha
Cis. Que dor, que mal, que pena se consente
Em vendo de Feliza os olhos bellos ?
Se outra nenhuma cousa he mais presente,
Que a gloria de goz allos , & de vellos ;
Vios , & deylhe a vida taõ contente
Que nem vida já tenho para tellos;
Mas deyxame pastora bella olharte
Que eu buscarey mil vidas para darte.

Ros. Se essa gloria Marilia, que eu mereço
Com hum sincero amor , & huma fe pura
Teus olhos haõ de dar por outro preço,
Ou que seja da vida , ou da ventura:
Que naõ na mereci tambem confesso,
Mas dar por preço a alma me assegura
E esta de ti naõ pode ser negada,
Que ainda a trazes nos olhos pendurada ,

Cis. Fiquem sempre Felicia vencedores
Teus olhos ca na terra como estrellas
Vença (cantando dellas) aos pastores
Atè que os faça iguaes ao curso dellas,
E pois no campo dellas nascem flores
Destas cantando alcance mil capellas ,
Que com temor , & inveja as Nymphas teçaõ,
E sobre os teus cabellos se emmurcheçaõ.

Ros. Corrido se me mostra o pensamento
Quando cuido Marilia, que offereço
A teus olhos taõ bayxo vencimento
Pois que em mores contendas tenho o preço:
Mas resalvando o teu merecimento
Nem os versos , nem flores lhe offereço
Sejaõ dos teus cabellos as capellas
Pois os olhos as tem muyto mais bellas.

A Cabaraõ de cantar os dous ovelheyros , & como o
lugar da musica era no meyo do valle , os mais pasto-
res , & pastoras , que alli traziaõ o gado , se ajuntaraõ aos
ouvir,

ouvir, & entre todos ficou a vitoria taõ duvidosa, que naõ se atreviaõ a julgar entre elles differença, porèm Lereno, em quem Floricio deyxou a sentença, lhes disse. Cantastes tambem (gentis pastores) que suspendestes o entendimento de quem os ouvia para naõ poder julgar a ventagem, & fazer differença em extremos taõ iguaes, quando esta razaõ naõ bastasse para vos igualar, a inveja de taõ bons versos, & de cuydados tambem empregados fizera qualquer outra sentença suspeytosa; pelo que a minha he, que tenha cada huma destas Pastoras a sua capella, avendo que para quem pode envergonhar tantas flores, poucas tobejaõ, & fiquem os seus olhos conhecendo, que ha no mundo quem por os saber dignamente louvar, os pode merecer, sendo cada huma destas cousas assaz difficultosa, & se este juizo vos naõ contenta, pedio o de Floricio como melhor, que nem eu creio aver outro, que de vos ter ouvido naõ fique suspeyto. Todos os presentes confirmaraõ a sentença de Lereno, & a alguns contentaraõ tanto as palavras della, que aos outros preguntaraõ donde era aquelle estrangeyro, acrescentando a isto alguns louvores, naõ taõ secretos, que a elle naõ rendessem muyta vergonha, particularmente quando entre as Pastoras, que alli se ajuntaraõ vio a namorada Althea, que naõ tirava os olhos dos seus fugindo aos de Floricio, que com antiga affeyçaõ a olhava, naõ podendo acautelarse tanto, que o amigo o naõ achasse com o furto nas mãos, porèm Rifeo, que livre destes cuydados ouvia o canto dos ovelheyros, & the naõ parecera mal a contenda das cores, por dar outra diferente do que tinha por opiniaõ, moveo de novo a questaõ entre todos com taõ engraçadas razõens, & futil entendimento como tinha a culpa da inveja de muytos do valle, porèm atalhando-o todos, que fõ cantando lhe consentiriaõ o parecer, ao som de huma temperada Lyra cantou o seguinte soneto.

F Ermosos olhos quem ver vos pretendo
 A vista dera em preço se vos vira,
 Que inda que per der vos a sentira
 A perda de naõ ver vos naõ se entende.

A gra-

*A graça dessa luz não na comprende ,
Quem qual ao Sol a vos seus olhos vira;
Que o cego amor , que cego delles tira
Com vossos proprios rayos a defende.*

*Não pode a vista humana conhecer
Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa
Não consente mostrar tanta belleza.*

*Se eu que em vendoa ceguey pode ainda ver
Huma cor vi, porèm cor taõ fermosa,
Que me não pareceo da natureza.*

QUando os Pastores em louvor da cantiga de Rileo se empregavaõ, ouviraõ de improviso muytos brados de Pastores, & grande ladrar de rateyros ao pé do monte, & conhecendo pelo costume, que era lobo, todos desempararaõ aquelle lugar, & as Pastoras delonge os foraõ seguindo, & no alcance de huns, & outros se consumio a mais parte de dia, ficando espalhadas por aquelles outeyros; das quaes Tirsea, porque levava mais o sentidos nos amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu rebanho, se apartou tanto do caminho, q̄ se lhe acabou o dia entre huns espessos matos, aonde com a noyte escura, & com a carregada sombra dos arvoredos estava todo o valle medonho, & no silencio daquella escuridaõ, não se ouvia mais que o ruydo, que ao longe o rio hia fazendo por entre as pedras, & alguns brados dos boyeyros, que dalem do valle hiaõ fazer ecco naquellas concavas penedias, que entre a musica dos grilos, que das caladuras da terra estavaõ cantando, causavaõ hum frio temor em o brando coração da namorada Tirsea, a qual cahindo no descuydo com que aquelle lugar viera a taes horas ficou sem sangue, & começando a caminhar sem saber aonde o tom das passadas, que hia dando, lhe representava, que alguem a seguia, & detendose a cada passo, fallar nem suspirar outava, parecendolhe, que nisto salvava seu perigo. Assim andou hum grande espaço até chegar ao pé de hum piqueno outeyro, em o cume do qual havia humas ruynas de casas, que noutro tempo o foraõ, & a quem a antiguidade, ajuda-

da

da dos ventos derribara , cujas paredes estavaõ cercadas de mato espesso , & cubertas de antiga era que sostinha aquellas ultimas pedras ; chegando alli julgando pelo vulto , que seria algum casal , ouvio , que feriaõ lume , & com as faiscas delle descobrindo o lugar ficou taõ temerosa , que tornou atras o passo , & encoitada ao cajdo , escutava de quando em quando huma voz , que se lhe representava nos ouvidos , & depois que o temor lhe deu determinação , foy sobindo o outeyro até conhecer , que eraõ Pastores , que andavaõ na caça , & se recolheraõ ao amparo daquellas paredes para passarem a noyte ; & porque alli corria mayor risco o seu receo , ficou por algum espaço imaginando o que faria , até que de improvizo se lhe offereceo remedio bem perigoso. E foy que hum daquelles Pastores se sahio da companhia , & tomando o caminho por onde estava Tirsea fiandose ella no escuro da noyte , cobrio com o capirote o branco toucado , & contra fazendo a voz o mais que lhe foy possivel , o saudou , & lhe preguntou o caminho com que fosse ter a algum casal aonde passasse aquella noyte , ao que o Pastor respondeo com palavras de boa cortesia. Bofe Pastor , que he taõ grande o escuro , que te não saberey mostrar o caminho , nem atinar este por onde vou , posto que o costume cada dia , com tudo se por elle quizeres , que te acompanhe , aqui a diante de tras desta portella fica hum casal , aonde eu vou buscar humas redes , que meus companheyros ficaõ esperando em quanto tarda a Lua , & fio eu da gente , que nelle mora , que tedem de boa vontade gasalhado. He taõ grande bem esse (respondeo Tirsea) que não sey como te de as graças delle , & pois assi he , anda diante , que eu te irey seguindo , & caminhando tras elle com muyto trabalho , porque o caminho era fragoso , chegaraõ a passada de hum ribeyro , aonde o Pastor lhe offereceo a mão para que desse o salto mais seguro , o que ella engeytou , dizendo que saltava bem sobre o cajado , mas entaõ o não fez com tanta ligeyreza , que não cahisse da outra parte sobre humas sylvas , & alli de necessidade aceytou a ajuda do Pastor , o qual tocando a mão , ficou com assaz suspeyta do que poderia ser , & não ousando de descobrilla , por ser taõ leve o fundamento,

mento, com desejo de achar outro, foy pelo caminho adiante perguntandolhe donde era, & como viera ter aquelle delvio a tais horas, ao que com muyta cautella respondeo, que era hum moço estrangeyro, que passava para os campos do Douro, & que tomara errado hum atalho, que atras lhe insinrao, para que com Sol podesse chegar a Aldea, & que por nao passar descuberto ao frio da noyte fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe disse o Pastor) que tomara eu verte em outro aonde te conhecera com menos escuro, porque so de te ouvir te tenho ja boa vontade. Nao sey eu outro (tornou ella) aonde mais me proveytasse teu favor, que ja pode ser se me viras, que me guiaras com menor vontade (tal he o meu parecer) & entao nao merecera por conhecido, o que alcancey por defencaminhado. Nestas palavras, & outras chegarao ao casal, aonde era forçado, que o Pastor foubesse a companhia, que ateli trouxera, & abrindo a porta com a luz da candeia, vio a Tirsea, que com o trabalho do caminho afrontada, & com o lume que lhe fazia no rosto fermosas sombras, o ficou tanto que podia vencer as que em o valle mais presumiam de gentileza. O pastor, que a conheceo ficou tao alheo de si, que nem fallar pode, antes como de latinado do que sentia, tomou as redes que de antes buscava, & sahindo fora dando mil desesperados suspiros, se meteo por entre os matos, tomando diferente caminho do que o alli guiara, de cuja novidade ficou bem alterado, & suspenso o dono do casal, que era hum Pastor de muyta idade, que com sua amada conforte vivia na solidao daquelle monte, cujos filhos erao os que ficavao esperando as redes. Entao lhe contou Tirsea a ventura por onde viera ter ao seu casal, & como se encubrira com o nome de Pastor, por salvar sua honestidade; elle com muyto amor, & mostras de honrada bondade a recolheo, & a encomendou a velha, que nao menos, que elle era bem acondicionada, & delles soube como aquelle Pastor era Montano o mais conhecido Pastor daquella terra, & rico de ovelhas, o qual nao sem causa fez tao estranha mudanca, porque avia muyto tempo que tinha a Tirsea secreta affeycao, de hum dia, que entre muytas a vira na campina, em huma
festa

feita de Pales deosa dos Pastores. E era ella digna de obrigá a taes extremos, porque além de ser muyto fermosa, tinha igual discriçãõ, & honestidade, mas nem com estas partes, & outras muytas obrigava a Floricio aquererlhe bem que este he o mayor mal que tem quem faz emprego em coraçãõ affeyçoado, que não sómente lhe he necessario conquistar huma vontade, mas desapossala da affeyçãõ, que às vezes tem na alma poderosas raizes.

FLORESTA QUINTA,



PASSADA a noyte deyxou Tirsea o casal, & ficarão os velhos taõ obrigados de suas partes, & cortesia, que assi sentiraõ a despedida, como se fora de mais tempo o conhecimento; & vindo ella acudir ao seu rebanho, que eraõ horas de tirar dos curraes, quiz saber o que acontecerà a Floricio a tarde passada, porque dos seus bons successos dependia o viver contente, & dobrando o valle, o vio estar com Lereno de quem elle se apartara na montaria, & haquella hora tratavaõ do lobo, que os despartira, & como a Pastora não se atrevia mais, que a vello por entre humas arvores, se desviou, mas não taõ longe, que deyxasse de ouvir cantar a Lereno, o qual senão pode desobrigar dos rogos de Floricio, & temperando huma Lyra sentado ao pè de hum salgueyro, cantou este soneto.

F Ogeme a luz do Sol, quando amanhece,
 Vejo estrellas no Ceo ao meyo dia,
 E entãõ sinto do inverno a mor porfia
 Quando o veraõ mais arde, & mais florece.
 Quanto aos outros alegre me entristece,
 Porque tenho o pesar por alegria,
 Que milagres saõ estes, fantasia,
 Porque os não sabera quem os padece,
 Sospeyto, que em meu damno conjurada
 Como mudou a sorte a condiçãõ
 Vay trocando o costume a natureza,

*E assi não vejo a luz tão desejada,
E em lugar da alegria, & do verão
Não tenho mais que inverno de tristeza.*

Depois que Lereno cantou, suspirava Floricio, mostrando com este novo encarecimento, a quanto o obrigara o sentimento do que ouvira, & perguntandolhe o amigo a causa d'elle, respondeo. Foy a tua cantiga tão cortada para minha pena, & a tua voz tão natural para a publicar, que fazem em mim estes effeytos fora outros de inveja, que esconde o coração; & este lugar quizera eu agora para te descobrir muytas cousas d'elle, em que conheceras esta semelhança, mas vejo vir ao longo do rio Menalio, Rifeo, & Theonio com outros Pastores, & suspeyto que ao ecco da tua voz acudiraõ, & vem direytos para nos, mas se a minha ventura não he a que costuma, algum dia terey em que a nossa vontade pratiquemos, & agora ouviras a Rifeo, que he gabado de todas as Pastoras da montanha, pelas muytas graças, & partes de seu entendimento. A este tempo chegaraõ a elles os Pastores, & Rifeo em nome dos outros pedio a Lereno, que tornasse a temperar o instrumento, que tinha deyxado, & quizesse proseguir seu canto, pois elle os guiara até alli, & que não era razão, que Floricio tivesse tudo o mais, & elles só a inveja. E como o Pastor conhecia, que a cousas semelhantes a facilidade lhes dobra o preço, & as muyto rogadas, custaõ às vezes mais do que valem, tomando huma sanfonha de Floricio, lhes disse. Não quero livrarme com as escusas, que tenho, do que me mandais, nem a cautelarme do pouco, que sey, só quero obedecervos com tal condiçãõ, que por facil, me não tenhaís por confiado, que o sou, porque não respeyto a mais, que a vontade de vos servir: a estas palavras se deraõ todos per muyto obrigados, & disseraõ, que estavaõ por estas condições, com tal, que lhe não dilatasse mais a musica, a qual elle começou desta maneyra.

A Trevido pensamento
 Não me ponhais em perigo,
 Que para ser venturoso
 Não basta ser atrevido.
 Se sobis por levantarme
 Vede quanto atras vos fico,
 Que para quem não descauça
 He muyto largo caminho.
 Levais tras vos o desejo,
 E eu a ambos busco, & figo
 Para tornar a cahir
 Como a pedra de Sizopho.
 Vos tendes culpa de ousado
 E eu de todos o castigo,
 Que nasci só para penas
 Que das vossas azas tiro.
 Porfiais com a esperança,
 E eu com a razão porfio,
 Te que vencida de todo
 Fiquemos ambos vencidos.
 Se ante as aras da fortuna
 Quereis ir ao sacrificio,
 E acabar taõ mal logrados
 Como fostes bem nascidos.
 Pouco aventura a perder
 Quem se tem já taõ perdido;
 Sõmente temo em meu damno
 Que me aveis de deyxar vivo

Encolhey hum pouco as azas,
 E estay à conta comigo,
 Que de muyto experimentado
 Já nos males adevinho.
 Fiayvos do desengano
 Vereis se he melhor partido
 De hum covarde acautelado
 Que de ousado arrependido.
 Vede no triste successo
 Do que deu o nome ao rio
 Quaõ pouco contra ventura
 Podem valer artificios.
 São vossas azas albeas,
 E correis o mesmo risco,
 Deyxayas aos venturosos
 Pois que por mim sois mofino,
 Bastava ao filho do Sol
 Conhecer que era seu filho,
 Sem querer ter hum seguro
 Sogeyto a tantos perigos.
 Contentayvos pensamento
 Ser de huma parte divino,
 Conhecey minha esperança,
 Deyxareis de ser altivo:
 Mas em vossa sem razão
 São meus conselhos baldios,
 Que pouco valem contrella
 Conselhos, rogos, nem gritos.

E Speravaõ os Pastores o mais atrevido, que desse a Lere-
 no as graças do que cantara, mas Theonio, cuja confian-
 ça eíficava padrynhos, rompeo esse silencio, & disse. Tenho
 tanta inveja ao teu canto, que se não temera o parecer de
 tantos ouvera-o de desgabar, porque tambem isso fora mais
 facil, que darlhe devidos louvores, mas já que me hey de callar
 com minha magoa, te rogo, que me contes donde ouveste taõ
 boa,

boa, & estranha cantiga, que já neste valle ouvimos a hum Pastor estrangeyro versos do mesmo teor, mas tinhaõ os nossos guardadores por muyto difficultoso fazeremse em a lingua Portugueza, porque a tem por menos engraçada para os romances (que assi creio, que se chamaõ) & vemos em isto tanto ao contrario, quaõ grande he a ventagem com que em tudo o excedeste a elle; & a esta pergunta de Theonio, todos mostraraõ muyto desejo da resposta de Lereno, & porque elle desejava satisfazellos, em especial a Rifeo, que o obrigava, começou.

Em hum valle aonde mais contente da ventura apacentey, que he deste algumas legoas apartado, avia hum Pastor meu grande amigo, que todos por suas muytas partes estimavaõ, & queriaõ; este em sua tenra idade, deseioso de ver muytas maravilhas, que ouvia contar das terras estranhas, deyxou a patria, & o rebanho de seu pay, que era o mais rico, & nobre Pastor daquella Aldea, & peregrinando muytas partes do Mundo, vio em Arcadia as celebradas ribeyras do Erimanto, aonde o famoso Pastor Accio Sincero apascentava; cantou nas ricas prayas do Pado, & do Tibre, cujas penedias, & arvoredos estaõ repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura; gozou as sombras dos bosques do claro Mincio, aonde o antigo Titiro celebrava o nome de Amarilis; vio a origem do sagrado Tejo, & as ricas areas de Guadalquivir, aonde o celebrado Lasso entre as ovelhas mostrou aos Pastores seu illustre ingenho, & aonde o namorado Syreno deu a lingua, & aos valles estrangeyros o que devia ao Mondego aonde nasceu. Este Pastor vindo depois ao nosso lugar, tinhamos amizade cada hora mais estreita, & entre muytas cousas que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em huma Aldea junto ao Tejo, aonde se faziaõ humas festas de Pastores, ao benzer do gado, depois de muytos jogos, & folgares, resoavaõ todos os montes vezinhos, com instrumentos, & musicas dos Pastores, entre os quaes elle (que naõ devia ter o menor lugar) deu honrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Lusitania, & veyo taõ affeyçoado a muytas cantigas, que entre elles ouviu, que ambos em o nosso lugar

naõ cantavamos mais, que à imitação das que là ouvira, & eu como mais affeyçoado à nossa lingua Portugueza fuy o primeyro, que nella cantey romances. Ainda Lereno, queria ir com a pratica a diante, quando viraõ vir muytas Pastoras com grande grita fogindo para onde todos estavaõ sentados, & com isto o ladrar dos rafeyros, & bradar dos guardadores atroavaõ todo o valle, & levantandose, viraõ hum Pastor furioso coroadõ de era, & de louro, com hum pefado salgueyro ao ombro, o qual em ligeyros saltos andava atravessando as relvas, naõ deyxando lugar às quietas ovelhas, para pastarem a miuda erva, que perdendo o tino amedrontadas humas entravaõ pelos vedados trigos, outras balando com os alheos gados se misturavaõ. Levantados os Pastores, correrãõ tras elle para o prender, mas Tirsea esmorecida com medo, se abraçou a Floricio, que entãõ lhe naõ podia negar aquelle amparo, & obrigado de seus piadosos rogos a levou atè a cabana do honrado velho Salicio de quem era unica filha, & pelo caminho lhe contou como aquelle Pastor doudo era Montano, & a estranha aventura, que com elle lhe acontecera a noyte passada, do que Floricio naõ ficou pouco espantado no principio, mas considerando a força que amor tem em peytos humanos, & a fermosura de Tirsea, que alli ao perto se lhe representava sem suspeyta, naõ teve o acontecimento por estranho, julgando juntamente o que devia à Pastora, que por seu respeyto tudo desprezava, tendo da sua parte tão grandes merecimentos; & com este conhecimento a tratou entãõ com tanta differença do costumado, que ella teve por ventura o mão successo daquelle dia, & chegando à cabana, aonde se houve por segura do receyo passado, naõ despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe levava a alma: tornou elle aos Pastores, que com muyto trabalho tinhão prezo a Montano, cuja historia de muytos foy sabida, & quasi todos pelo conhecimento, que delle tinhão, & Lereno por affeyçoado ao mal de que endoudecera, o levarãõ ao seu Casal, posto que desviado estava; porèm Althea apartada das outras Pastoras, se foy assentar ao longo do rio entre alguma arvores, que crescem com as raizes nelle, para ouvir os Rouxinoes, que naquella hora
come-

cômeçavaõ alli seu faudolo canto , & porque no alto dos ramos de hum loureyro vio entalhado hum nome , que com a mesma planta fora lobindo , & se podia ler mal por ficar taõ alto, curiosa de saber cujo seria , leu Althea , & apar outro nome, que com a mudança do tronco, & sombra dos ramos se não lia, com o que o seu Pastor ausente o escreveu, & fazendo esta lembrança na alma faudade , tirando della alguns suspiros, & do çurraõ huma dourada sanfona, cantou o seguinte.

Nome que amor nas azas levantou,

E depois abateo tanto à ventura,

Como não cahis já de tanta altura,

Se quem vos sustentava se trocou?

Pois já com o largo tempo se apartou,

Fazey nesta cortiça a sepultura;

Naõ renoveis agora na memoria

Tristes lembranças da passada gloria.

Quando contente aqui vos escrevia,

Quem nalma fielmente vos guardava,

Nas pedras , & nas arvores pintava

Por mais firmeza o bem que me queria:

Pois me falta esta fé de que eu vivia,

E vos dais vida ao mal, que tanto agrava,

Leve em despojo amor desta vitoria.

Tristes lembranças da passada gloria.

De que servia a Amor taõ grand engano ,

Esperança taõ grande, & taõ fugida,

E alevantar a hum bem para acabida

Vir a tamanha pena, & tanto damno?

O sem tempo chegado desengano

Na lembrança da gloria já perdida,

No fim de taõ alegre , & doce historia

Tristes lembranças da passada gloria.

E vos ó testemunha verdadeyra

De huma devida fé taõ mal guardada,

Escrittura de amor falsificada ,

Fiança de vontade taõ ligeyra:

*Naõ valeisjá por fé, pois que a primeyra,
Tambem de vosso dono foy quebrada;
Pois naõ valem, naõ fiquem por memoria
Tristes lembranças da passada gloria.*

N Aõ sómente a musica de Althea, mas a dos Rouxinoes, que ao som da sua sanfona com amorosa porfia a ajudavaõ, fazia huma fermosa faudade nas fraldas do rio, que com hum concertado ruido parece que cantava, callou ella para ouvir os passarinhos, a tempo que os Pastores, que levãraõ a Montano, desciaõ do monte cantando, ella por os ouvir deyxou o lugar, & atraz elles elcutou a cantiga, que era esta.

*Quem vive em descudo
Sayba deste aviso,
Que amor, que he de fiso,
Naõ deyxá sesudo.*

*Quem faz nelle emprego
Vencido da dor
Se olha por amor
Tambem fica cego,
Quem ama sisudo
Tenha disto aviso,
Que assi rouba o fiso
Como rouba tudo.*

*Quem se lhe offerece
Tudo nisto ignala,
Que se de amor falla
D'amor emmudece:
Quem no mesmo estudo
Emprega o juizo,
Amando de fiso,
Perde o ser sesudo.*

FLORESTA SEXTA.

E NTRE todos os Pastores da montanha, & da campina, se fallava a doudice de Montano, servindo de motivo, & galantaria em os amores de muytos, que com aquelle exemplo os encareciaõ; porèm de fizo o temia Floricio, receando hum castigo semelhante à sem razaõ com que tratava a Tirsea, & só a vista, & conversação de Lereno o aliviava nestes cuydados; porèm naõ tanto, que de todo os encobrisse. Hum dia, que com a sobeja quentura do Sol, naõ podiaõ os gados esperar o campo, apartando-se

tando-le ambos de entre os outros, foraõ a passar a fésta da outra parte do rio, naquelle lugar aonde Lereno vira as Ninfas, que os pescadores alteãraõ, & alli no mais secreto do arvoredõ, sentado sobre hum barranco, que as aguas do Inverno alli cortãrãõ, em o qual havia muytas pedras tolcas, cubertas de verde musgo, & de entre ellas, pelo meyo de agudas espadanas sãhiãõ muytos lirios roxos, & amarellos, que estavãõ mais viçosos com a vizinhança de hum ribeyro, que por entre as pedras vinha descendo, à sombra de altas cereygeyras, & castanheyros, que os passaros escolhiãõ naquella hora, para se defender do ardor do Sol, & cantavãõ de seus floridos ramos, como no romper da Alva a madrugada. Emquãto as cabras de Floricio, humas no alto da ladeyra se penduravãõ daquelles rochedos, para alcançar os floridos espinhos, outras ao longo do rio, para chegar aos verdes ramos dos salgueyros sobre os pés se levantavãõ, outras bulcando as claras fontes, deyxãrãõ de gostar as ervas faborosas, por verem nas aguas sua figura. Vendo Lereno ao companheyro pensativo, & mais triste do que em sua presença o parecia, lhe disse: Pois que eu Floricio não mereci atégora saber de teus cuydados, não estranhes esta pergunta, a que me move a differença, que em ti vejo ha poucos dias. Succedeote de novo algum desgosto? Perderãõ-se algumas rezes do teu rebanho? Que he o porque andas triste? Ou ha cousa, que mude em teus olhos as cores com que me viãõ, ou me não vez com o amor que me mostravas. Não ha cousa (respondeo elle,) que em mim faça menor o gosto de tua vista, & se o rosto por força do sentimento de meus males nega a alegria com que te vejo, esta mostrarà a si só o coração, que não tem mayor alivio, que descobrir a pena que sente a tal amigo. E pois que a saudade deste lugar, & a tua discreta companhia he tão natural a hum queyxofo, quero te dar conta de minha vida, para que julgues a razãc, com que ha tanto, que desejo a morte; & temperando huma cornamula, que trazia em quanto Lereno inclinado sobre o braço o escutava, assim dizia.

D Eidades da espessura , Nada em tão maistinhãem graça
 Ninfas que nagoa viveis Veraõ, inverno, & Estio,
 Chegay juntas, & ouvireis Que andar com as nassas no rio,
 Desconcertos da ventura. Ou com os podegos na caça.
 Fontes, & arvores vizinhas, Em trabalhos tão suaves
 Flores, varias, ervas verdes Gastey doces Primaveras
 Se vossos bens ver quizerdes Hora cativando as feras,
 Ouvi desventuras minhas. Hora perseguindo as aves.
 Cabras, que a vosso sabor Em tudo andava diante
 Vos pendurais dos rochedos, Aos moços do meu lugar,
 Ouvi dentre esses penedos. Ou no baylo, ou no cantar,
 Quey xar ao vosso pastor. Ou no vestir mais galante.
 Sabereis de meu tormento Andava à chuva, & ao Sol
 Vosso bem mal conhecido, Com capote pespontado,
 Vereis, que não ter sentido De alvas carneyras forrada,
 Escusa ter sentimento. Com vivos de catafol.
 Ouveme amigo Lereño Fuy perdendo a liberdãde,
 Com que sey, que não m'engano, Que o bem nunca foy de dura,
 Pode ser vendo meu damno, Foy me faltando em ventura
 Que aches teu mal mais pequeno O que crecia na idade.
 Veras os males, que vem Seguiome a desdita minha,
 De huma sorte desigual, Desterroume dos meus valles,
 E quaõ mal conhece o mal Começo a sentir nos males
 Quem não teve nunca bem. A falta dos bens que tinha.
 Nasci para esta fadiga, Vim viver a esta montanha,
 E para a que inda me espera, O porque bofe não sey,
 No Tejo, & não sey se diga Acho nella e que busquey
 Que oxala, que não nascera. Que era verme em terra estranha.
 N'um lugar, que agora invejo Mas convi para mor mal
 Fresco de valles, & montes, Se guardava este primeyro
 Que tem de hum cabo mil fontes, As condigoens de estrangeyro
 E doutro as agoas do Tejo. Me tornaram natural.
 Alli vivi descuydado Guardey aqui gado alhyo
 Da vida que me esperava, Muyto tempo por s'ldada,
 Aonde nunca me lembrava Não me guardava de nada,
 Nem damores, nem do gado. Não temia o que me veyo.

Servi juntei meus jornais
Vim a ter cabras de meu,
Dou graças a quem mas deu
Não pastão no monte tais.

Eis-me assim nesta bonança
Sem cubica, & sem cuydado,
Farto, rico, & descançado
Sem curar doutra esperança.

Quando a este estado vim,
Que nunca tal suspeyey,
E tanto outro me torney
Que ando já fora de mim.

Era hum dia de Janeiro
S'en na conta não me engano
Que assi como o foy do anno
Foy de meu mal o primeyro.

Como era de festa o dia
Madruguey mais do costume,
Que do que homem não presume
Poucas vezes se desvia.

Decia para a ribeyra
Loução, contente, & brioso
Com meu capote arenoso
Meu cajado de aveleyra:

Encontrey junto à levada
Outros cantando em disputa,
Hião tambem ver a luta
Fomos tod s de manada.

Chegando perto do rio
Ouvimos d'elle cantar
Huma voz, que de a escutar
Qualquer de nos ficou frio.

Eu como mais atrevido
Sem saber o que intentava
Chequey por ver quem cantava
D'entre os ramos escondido
Vi, & logo alli ceguey,

Que oxala que dantes fora,
Huma tão bella pastora,
Que entzõ por Anjo a julguey.

Brial tinha leonado,
Capiroto azul pombinho,
Currão de pelles darminho,
E de sanguinho o cajado.

Tinha fora do curraõ
Muytas flores no regaço,
A cabeça sobre o braço
E os claros olhos no chaõ.

Dalli mil suspiros dava
Como a compassos cantando,
E entrelles de quando em quãdo
Fermosas perlas chorava.

Do tormento que sentia.
Mil queyxumes publicou,
E este sõ pè me ficou
Da cantiga, que dizia.

Os olhos, que vos não vem
Pagaraõ sempre este foro
Descontando em triste choro
Aquella sombra do bem,
Que este alivio só convem
A quem tal ventura alcança,
Mas doutra nova mudança
Estara meu peyto alheo
Por mais que possa o receo
Destruir minha esperança.

Eu alli como enleado
Do que via, & no que ouvia
Nem apartarme sabia,
Nem a fallarlhe era ousado.

Tanto o temor me venceo
Que quando aos outros me viro
Soltey sem tento hum suspiro,
Que ella ouvindo estremeceo.

Ergueose assi temerosa
Vionos, não fez disso estima
Foy subindo o valle acima,
Da mudança mais fermosa.

Os outros, que aconhecerao
Muyto menos se espantarao,
E quanto mais a louvarao
Menys della me disserao.

O nome só me ficou,
E aonde morava n' Aldea,
Soube, que o nome era Althea
(Triste, & quanto me custou)

Chegamos-nos ao lugar
Vimos as festas do dia,
Qual cantava, & qual tangia
Qual se despia a lutar.

Muytos que me conheciao
Que era eu nisto o mais gabado
A conta do meu cuydado
Quantas cousas presumiao?

Acabaraose os folgares
E a luta já noyte escura
Soavam pela espessura
Os arrabis, & os cantares.

Eu que por nada atentey
Com o meu cuydado primeyro
Com elle por companheyro
Acabana me torney

E passando pela porta
A minha bella inimiga
Fuy dizendo esta cantiga,
Que inda o lembralla me corta.

Cantiga.

Minha antigua liberdade,
Que a pesar de amor poupey
Fá por huma vista a dey.

Volta.

Em quanto não conhecia
Este bem, que me esperava,
Do mesmo amor aguardava
Mas para quem não sabia
Negavame a fantasia
Mas já dos meus olhos sey,
Que para vós a guardey.
Assomou ella a hum postigo
Que sobre o valle ficava,
Eu que vi que se to nav^a
Estas palavras lhe digo.

Não me tire esse receyo
O bem que me offrece amor,
Que he, quem ouves hum pastor
Cuja alma atras ty se veyo.
E assim mal pode offenderte
Quem te entregou seu poder,
Que nada podes temer,
Com razão senão for verte.

Ah (disse ella, & suspirou)
Não fora cousa muy fea
Servir-se de huma alma alhea
Quem a propria cativou.

Porém vive em teu socego,
Pago com desenganarte
Faze emprego noutra parte
Porque eu noutra fiz emprego.

Dexoume tras isto assi
E tal me deyxou sem vella,
Que com o sentido emperdella
O das palavras perdi.

Fuyme até a cabana então
Cubiçoso de meus damnos.
Sem curar de desenganos
Mais que de minha affeyção.

Mudey o pasto a meu gado

Para

Para onde ella o seu trazia,
Alli mais vezes a via,
E ouvia ella o meu cuydado.

E nunca outro fruto deu
Isto em seus olhos serenos (nos
Mais que ouvirme, everme me
E eu ficar sempre mais seu.

Veio ella a suspeytar
Ou soube do cutros pastores
Que já nestes meus amores
Se fallava no lugar.

Hum dia andava entornando
As cabras a hum semeado
Pegoume alli do cajado.

Disseme quasi chorando

Floricio que amor pretendes,
De quem tem n' utro as raizes,
E se me amas como dizes
Porque nesse amor m' offendes?

Que esperanza, ou que final
Queres pastor que te dê?
Se a outrem devo esta fê
De que já presumem mal.

Pois já minha liberdade
Senhorio, & jugo tem,
Naõ des causa a que ninguem
Falle em minha honestidade.

Outra pastora acharas
Mais discreta, mais fermosa
Com amor mais venturosa
Do que a triste com que estas.

Aceyta per preço agora
Dessas mostras de affeyção
Que te dera o coração
Se de outro pastor naõ fora.

Ella julgava milhor
Que me vio qual eu fiquey

E assim dalli me torney
Sem voz, sem vida, & sem cor.

Ficou sem pastor meu gado
E exala a forte ordenara
Que sem vida alli ficara
Quem ficou desesperado.

Neste tempo huma pastora
Entre muytas principal
Por quem Montano anda tal
Qual tu ves andar agora,

No meu pasto apacentava
Nelle tratava, & vivia
E o que della naõ queria
Me offerecia, & mostrava.

Vio-me andar, que e scacamente
No cajado me de tinha
Das forças, da cor que tinha
De tudo em fim diferente.

Pelo que nella imprimira
A força da mesma dor
Mas naõ sabendo que amor
Nem aparta, nem se tira

Decia eu daquelle monte
Quando o Sol ardia enfragoas
Fuy a fonte a beber agoa
E quasi secava a fonte.

Tapoume, & disse essa sede
Floricio naõ vem da calma,
Naõ (disse eu) que nasceo dalma
Que agca dos olhos me pede

Tornou ella, & justamente
Essa pena te convem
Pois procurando ourro bem
Engeyta o que tens presente.

Deyxa males taõ sem cura
Que o tempo os naõ remedeia,
Que naõ he Tirsea tão fea

*Como a encontra a ventura ,
 Disse isto , & como corrida
 Se tornou para o seu gado,
 E eu estive indinado
 Por lhe chamar de atrevida
 E fiz-me em fim tão ingrato
 Depois disto acontecer ,
 Que tão só pela não ver
 Trago as cabras neste mato
 E agora vendo a mudança,
 E os enleos da ventura*

*E que he tão pouco segura
 Como a vida a esperança.
 Vendo Althea firme só
 Tirsea em meu damno firme
 Em buscarme outra em fugirme
 D'huma hey queyxas doutra dó.
 E de minha triste sorte
 Já não tenho outra garida
 Mais que sustentar a vida
 Nas esperanças da morte.*

T Al ficou o namorado Floricio no fim da historia , que com muytas lagrimas acabou , que o sentimento de o ver emudeceo a Lereno de maneyra , que nem para o consolar se lhe offerecião palavras , & porque tinha entendida a firmeza de Althea , & não se atrevia a remetter às mudanças do tempo o remedio de seu mal , entre esperança , & desenganho buscou este meyo de aliviar sua pena. A' tantos dias , que tenho entendido teu coração pela experiencia do que padeço , que me não move a novidade do que agora te ouvi , antes julgo , que tens melhor estado do que suspeytava. Deyxas Tirsea, Pastora fermosa, discreta, & rica , a que n todos pertendem, & amas Althea, que ainda outrem não possui, posto que ella te desengane , & de quem tens conhecido que te aborrece; & pois amigo Floricio , ninguem ha tão lenhor da ventura, que a sujeyte à sua vontade, vive contente da ventajem, que tens a muytos , & não te trates como o mais triste da Aldea. Esse conselho Lereno (tornou elle) he de verdadeyro amigo; mas este meu mal não sofre consolação , que importa quererme quem a todo o mundo despreza , se ordenou a sorte, que eu amasse a quem por outrem me deyxas , & que me val , que a ella ninguem possuia , se póde tanto com ella a firmeza em ausencia de outrem , como em mim a presenca de sua visita , & que mayores mostras póde dar, de que me aborrece que foge de me ouvir, & de me ver , & busca todos os meyo de desenganarme ; & pois como tu dizes , ninguem tem a fortuna tanto

tanto á seu mandado, que lhe faltem queyxumes della, quero antes estas, que o mais que Tirsea me offerece, deyxame ser triste, que para isto nasci. Fazes tuas contas tanto contra ti (respondeo Lereno,) que tendo o remedio de teu mal por impossivel o não procuraras da fortuna, & às vezes a esta conta por sem muytas esperanças mal logradas. Tentey já tantas vezes os meyo de minha cura (replicou Floricio,) que a não espero do tempo, que a tantos a promette, & pois o he já de recolhermos o gado, deyxemos meus males para outro dia, que como são largos para o padecer, tambem ao contar serão compridos. E com isto deyxaraõ o valle à laudade da noyte, & forão buscar o descanço de suas cabanas, se nestas o acha, quem em nenhum lugar esquece a ventura.

FLORESTA SEPTIMA.



Epois, que a noyte se despedio das Estrellas, & a fermosa Aurora em seu rotado carro começou a campear os orizontes, levantados os Pastores de seu repoulo, se repartirão da Aldea nos costumados exercicios de seu gado. Riseo, Lereno, & Floricio, se ajuntarão perto do rio à vista dos rebanhos, aonde para que gastassem a manhãa em faborosa pratica, disse aos companheyros, aindaque os pensamentos, que de noyte representa a fantezia não costumão parecer ao outro dia, merece ter ante vòs hoje lugar huma duvida, que esta madrugada se me representou no entendimento, que me deyxou hum grande desejo de saber della a verdade, & he. Qual terá mayor pena, & razão para viver sem esperança, quem ama huma Pastora, que nunca loube de Amor, nem della se obrigou? Ou quem ama outra, que de sua vontade tem feyto emprego em hum Pastor, de que vive ausente? Duvidosa he (disse Riseo) a questão, & cada hum desses estados perigoso; porèm nenhum delles me obrigará a desesperar. Com tudo, antes me atrevera a obrigar, a quem já das payxoens de Amor tem conhecimento, que a conquistar de novo huma vontade rebelde a seu Senhorio, porque a primeyra empreza he induzir huma
vontade

vontade affeyçoada aos melmos effeytos, de que já se obrigou. E a segunda he obra do poder, & força de amor, a quem os antigos attribuirão este senhorio. Boa era essa razão [responde Floricio] le essa vontade affeyçoada de que fallamos, não tivera feyto emprego, com quem ausente occupa o mesmo lugar no coração; & assim menos força se faz, induzindo Amor em hum peyto humano, cousa tão natural nelle, que destruiro que já na alma tem feyto asiento. Em verdade (tornou Rifeo,) que muyto confias na firmeza das mulheres, pois nellas fazes differença entre ausente, & esquecido: & eu ousarey afirmar, que ainda presente não ha nenhuma em quem o amor esteja seguro, que são tão inclinadas a novidades, & mudanças, que desconhecem affeyção, & merecimentos. Se tu as conheces a todas (tornou elle) por tão inclinadas a novidades, porque se não obrigarà tanto dellas a que tem Amor, como a que nunca o teve. Porque (replicou Rifeo) a que tem affeyção não tem firmeza, & a que vive isenta vive de pertinacia, para que sua natureza siga sempre extremos: & se huma mulher se não obriga de sua vontade, ou appetite, he impossivel conquistalla ninguem com serviços, que por ficarem sempre senhoras de sua liberdade, & da alhea, só de si aceytão a sujeyção. Não cuydey (disse Floricio, que com muyta attenção os escutava) que eras tão inimigo das Pastoras, que com sua infamia abornasses tua opinião, que essas razoens servem mais de as offender, que de confirmar o teu parecer, antes te conhecia por homem affeyçoado, & que sentia bem de cuydados amorosos. Não te enganas (disse elle) porque mais tempo gastey já em as servir, do que agora em dizer esta verdade, & dirás, que como quiz já bem a quem conhecia com tanto mal, pois não sómente a affeyção, mas tambem o appetite nasce das coulas que melhor nos parecem; porém mayor desculpa disto he a falsidade de suas palavras, & o fingimento de seus effeytos, do que a culpa do meu engano. Esse (disse Lereno) he o mayor, & mais pareceo vingança de agravo, que praga de homem defaffeyçoado, & se assim he, eu por sua parte appello, & te rogo, que deyxemos a questão para outro tempo, que agora melhor lerà para escusar, o arrependimento, que depois te

póde custar muyto, que cantes alguma cantiga de seus louvores, & ficando com ellas reconciliado, daràs alivio à melancolia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) querote obedecer, & cantarey louvores das Pastoras, de quem cantando tão mal fico vingado, & tomando a Lira cantou o seguinte.

Quem fermosas pastoras vos offende,
Erra, endoudece, cega, & desatina;

Quem a vossos poderes não se inclina,
Não deseja, não vive, não se entende.

Quem mais que vossó Amor busca, & pretende,
Em seu damno se esforça, & determina;

Quem mais que em vos servir sempre imagina,
Nem vos sabe querer, nem vos comprende.

Vos dais o ser, & a graça à fermosura,
A vida gesto, à Amor o senhorio;

A's almas sojeyção, força à vontade;

Sem vós que presta Amor, o que val ventura,

O juizo, o querey a liberdade

He engano, doudice, & desvario.

Offensas que rendem tão boa satisfação (disse Lereno) não sómente contentiremos nellas, mas ainda viremos a desejalas, logo me pareceo que quem dizia os males tambem, os bens diria melhor. A ti devem ellas a cantiga (disse Rifeo,) & a mim outra tenção; & pois em seus louvores se gastou tão mal o tempo, passemos de outra parte do rio a ver a festa, que hoje fazem as Ninfas, & Pastoras dedicadas a Diana, que he là toda a Aldea, & não se podem perder os folgares deste dia; & pegando pelo cajado a Floricio o fez levantar, & a Lereno traz elle, & todos tres guiãrão para o lugar da festa, que era junto ao Templo de Diana, no mais fundo do valle entre os arvoredos, que cercão o rio, & por onde hum gracioso ribeyro lhe entrega as crystalinhas aguas, que traz do pé da montanha; & porque toda a relva, que à sombra das bolicosas ramas florescia, estava chea de Pastores; pararão

pararão os companheyros ao pé de huns salgueyros, aonde ouvirão cantar duas Pastoras vestidas de verde em companhia de Menalio, que não estava pouco loução entre ellas, & em graça dos ouvintes forão adiante com mais confiança, & a cantiga era esta.

Desejo o que não mereço,

E o que não posso esperar,

Mas não sey não desejar.

De quanto pede a vontade

Nada a sorte me assegura,

Mas nem faltando a ventura

Se lhe nega a liberdade;

Ponho em desejos o preço

Do que não posso alcançar,

Em mim proprio me conheço,

Mas não sey não desejar.

Do que desejo em meu damno

Só nascem males que vejo,

Que logo atras do desejo

Se me encontra o desengano;

Em fim desejo, & não peço

O que amor não me hade dar,

Bem vejo que o não mereço,

Mas não sey não desejar.

Muyto pôde a confiança

Na fé do muyto que quero,

Mas não vivo do que espero,

Porque acabou a esperança:

Cançome em desesperar

Bens, que sey que não mereço,

Porém cada hora começo

A querer, & a desejar.

B Em cantavão as Pastoras, & merecião a sua confiança, & outros começavaõ a louvallas, quando se lhe ajuntarão muytos dos Pastores, que estavam derramados pelo valle, pela fama, que delles tinham, com a esperança de ouvirem cantar; porém não o esperava hum porcariço montanhez, que alli veyo, & se offerceco logo para cantar em porfia, pondo por preço a quem o venceffe huma trauta de corniolo, no som, & no feytio tão estranha, que tocando-a o montanhez, ficãrão todos espantados, & muyto cobicofos, & nella estava lavrada com muyta subtiteza a historia de Argos, & Mercurio cõ a Vaca, & posto q̃ o preço fez enveja, não houve quem lhe sa hille, mas todos lhe pediraõ, que cantasse, o que elle fez muy facilmente com os olhos em huma das Pastoras, que alli trouxera.

P Astora do verde
 Das duas mais bella
 Tem ditosa estrella,
 Quem por vós se perde.
 Vossa fermosura
 Tão mal conhecida
 Como me deu vida,
 Me darà ventura;
 Ditoso partido
 Para meu desejo
 Ganhar no que vejo
 O ficar perdido.
 Porque conheceo
 Bem vossos primores,
 Percasê de amores
 Quem nada perdeo.
 Livre vos offreço
 Este coraçãõ,
 E os olhos dirãõ,
 Que querem por preço.

Não no desprezeis
 Por quem volo da,
 Porque nelle esta
 O que mereceis.
 Vereis n'hum porquey
 Fe muyto mayor,
 Porque o fez Amor
 Firme; & verdadeyro.
 Bayxa natureza
 Por vossa a mudey
 Que se amor he rey
 Pode dar nobreza.
 Não perca a coroa
 Sò por meu respeyt,
 Pois que amor perfeyto
 Não guarda a pessoa.
 A affeyçãõ ditosa,
 Que de amor vos trata,
 Não sejais ingrata,
 Sereis mais fermosa.

C Antou o da montanha com huma vóz tão rouca, & defen-
 toada, que entre todas ficou em graça a sua confiança,
 polto que a letra não pareceo mal, & Menalio se não pode
 ter, que com muyto rizo não dislesse aos outros: Bofé, que es-
 tà tão mal empregada aquella frauta, que já me arrependo
 de não sahir ao desafio, porém se elle agora o quizer aceytar,
 fallo-hey eu de boa vontade, pela pouca que ella terá de estar
 em seu poder. A isto respondeo o Montanhez, (que ouvia)
 Enganate a tua cobiça, que isto he o que ella costuma; mas
 se puzeres outro premio, que ignale ao meu, não torno atraz
 com a palavra, que disse, que bem fey, que os Cabreyros deste
 monte não tem mais que enveja do bem alheyo, quando o
 menos merecem alcançar; & porque não cuydes, que receyo a
 contenda, te desafio de novo a cantar, & me atrevo a vencer,
 se essa Pastora a quem offereci a primeyra catiga houver esta
 por sua. Qualquer, que tu disseres (respondeo ella) folgarey
 muyto

muyto de te ouvir, que não cantas tão mal, que me não pareças bem; não durou muyto tempo este engano ao porcarico, porque virão correr todos os Pastores para a porta do Templo, & forão os da companhia até ver o que era, & no frito do portal appareceo huma taboa dourada, que entre muytos debuxos tinha entalhadas estas perguntas, & sobre ella os premios deputados, para quem melhor lhe respondesse.

Pr. 1.

Quem ama sem esperança,
Se ama mais perfeitamente?

Pr. 2.

Se pôde aver puro amor,
Aonde faltar a razão?

P. 3.

Que parentesco chegou

Tem o amor, & o Ciume?

Pr. 4.

Se dara perfeitada gloria,
Bem gozado com receo?

Pr. 5.

Se se pode achar belleza,
Aonde falta entendimento?

FOy tão grande o alvoroço dos Pastores com as questões, & era tão geral o desejo de logo ouvirem as differentes opinioens, que havia no ajuntamento, & alguns de darem os pareceres a que se inclinavão, q̄ sem verem as folias, & danças, que rodeavão o valle, todos occorrião às razoens com os que lhe ficavão de mais perto. Mas subitamente emmudeceo esta borboreinha, & tumulto, quando correndo-se huma cortina, d'entre o coro das Ninfas de Diana, começou a cantar Sylvia suspendendo de improviso os animos de todos não só com os acentos de sua voz; mas com o estranho parecer de sua fermosura, a vista da qual pagou Rifeo as culpas da izençaõ passada, ficando tão obrigado de sua gentileza, como arrependido do tempo, em que não servira as perfeçoens, que nella contemplava em quanto a ouvia, & com ella a discreta Midalia menos confiada no parecer do rosto, que na luteleza, & graça de seu entendimento, diziaõ desta maneyra.

Syl.

Ninfas deste alto rio
Driades, Faunos, Satyros, Sylvanos;
Que aqui neste desvio

Gozais

Gozaís da longa idade eternos annos,

Ouvi todos meu canto

Digno de tanta inveja, como espanto.

Mid. Vos feras da montanha,

Vos lascivas manadas deste prado,

E qualquer ave estranha,

Que fere o ar com vo-o levantado,

No fundo deste valle

Ouvindo a minha voz de espanto calle.

Syl. Os cavallos lustrosos

Detenha o louro Sol nos Orizontes,

E os ventos furiosos

Dem comprido silencio nestes montes,

As ondas se detenhaõ,

E as agoas por me ouvir seu curso tenhaõ.

Mid. As mimosas abelhas

Deyxem brando suçurro; & tenras flores,

E a guarda das ovelhas

Os rudos pegureyros, & os pastores,

E por me ouvir attentos

Suspendaõ sua força os elementos.

Syl. Aonde for ouvida

A minha voz d'entre estes arvoredos

Daquella rocha erguida

Meu nome se ouvira dentre os penedos;

E com sonoro acento,

Silvia delles dira fallando o vento.

Mid. Os ledos passarinhos

Mudos s bre estas arvores sombrias

Dos pendentés raminhos

Retratando se estaõ nas agoas frias,

E o meu verso acabando

Midalia com saudade estaõ chamando.

Syl. D'Amor livre, & izenta

Vivo seguindo as feras na espessura,

Nada mais me contenta

Que não pagar direytos a ventura,

Servindo por senhora

Aquella casta bella caçadora.

Mid. Os peyxes deste pego

Prendendo astutamente em seu remanço

Zombando de Amor cego

Somente em meu querer vivo, & descanço;

De amor o senhoria

Tenho por graça, engano, & desvario.

Syl. Fugi de Amor tyrano

Pastoras deste valle ameno, & verde,

Fugi seu cego engano,

Que o que nelle mais ganha mais se perde,

Porque só nosso estado

He ditoso, contente, & invejado.

Mid. Os bens que amor na terra

Promete em sombras vans ao pensamento,

Na conquista são guerra

No fim são todos sombra, & todos vento,

Só nossa vida amada

He ditosa, segura, & bem fundada.

A Cabada a musica, que a todos deyxou suspensos, houve huma travada luta, no fim da qual, como não durava o sossego nos Pastores para verem o successo das celebradas perguntas, & era mayor o reboliço, com que furioso Montano, que andava fazendo defatinos, & vendo a taboa, accrescentou esta às mais perguntas, que não deu à festa menor graça, que as cinco primeyras.

Se quem perdeu a ventura,

Que Amar pos em seu poder

Tem razão de endoudecer?

E Logo em hum lugar alto appareceo huma Ninfa cuberta de hum véo roxo, & na cabeça huma grinalda de flores, & esta recebendo de todos, os pareceres, os leo depois em alta voz com muyto gosto, & applauso dos Pastores, q̃ em quieto silencio estiverão ouvindo o seguinte.

Re-

Resposta de Ardenio a pergunta primeira.

Quem ama sem esperanza
Se ama mais perfeitamente?

Ninguem ama sem querer,
Ninguem quer sem esperar,
O que ama, espera, & quer
Podera nunca alcançar,
Mas sempre hade pretender.
Se a era lhe falta a planta
Em cujo tronco se arrime,
Nem crece, nem se alevanta,
Que em fim nao tem forca tanta,
Que se alevante, & sublime.

E se amor lhe faltara
Esperanca que o sustente,
Na raiz propria secara,
E inda nao sey se brotara,
Ou se afogara a semente.
De sorte que em qualquer peyto
Sem esperanca, ou favor
De seu desejado objeyto
Nao so falta Amor perfeito,
Mas falta de todo Amor.

Resposta da Pastora Dinarca a mesma pergunta

Amor, que a proprio respeito
Todo o desejo offerece,
So por seu gosto, ou proveyto
Nao se chame an or perfeito,
Antes perfeito interesse.
Amor he somente amar,
Este he seu meyo, & seu fim,
E o que o pretende alcançar
Nem se hade lembrar do fim,
Nem do que pode esperar.
O que he verdadeyro amante
Nao se funda na esperanca,
So seu querer paem diante

E se por ventura alcanca
Sem ventura he mais constante;
Quando n' alma huma belleza
Mostra seu rayo invencivel,
E amor seu preço, & grandexa
Nao faz diferente impreza
Entre facil, & impossivel.
E he ja cousa averiguada
Que somente este rigor
Merece ante a cousa amada,
E o que quiser mais de Amor
Nao quer, nem merece nada.

Resposta de Rifeo a segunda pergunta.

So pode aver puro Amor
Aonde faltar a razao?

Porque Cupido he senhor
A quem nada ha que resista;

Como forte, & vencedor
Na alma, que a forca conquista;

Tudo converte em amor.

Naquelle que se lhe entrega

Fiqua igual a sojeyção,

Nada a seu braço se nega

E cega logo a razão,

Que aonde amor he grande cega.

Daqui podeis conhecer

Que delle esta bem seguro

Quem a razão não perder,

Que Amor verdadeyro, & puro,

Puro, & sem ella ba de ser.

Resposta de Floricio à mesma pergunta.

Afrouxese o pensamento,

Que duvida em tal clareza,

Pois não pode haver pureza

Aonde falta entendimento.

Amor, desejo, affeyção

Na razão tem seu limite,

Vontade, gosto, appetite

Não se regem por razão;

A razão obriga a amor,

A razão sustenta Amor,

E aquelle que amar me'hor

Por razão se ha de guiar,

Por isso viva seguro

O que sem razão, tem perigo.

Que em quanto a razão for cega

Nunca amor pode ser puro.

Resposta de Rifeo à terceyra pergunta.

Que parentesco chegado

Tem o amor, & o ciume.

Amor como se presume

Ouve por certa affeyção

Hum filho da occasião

A que chamaram ciume.

He igual ao pay, & mor

Que a may com muyta grandexa,

Palreyro por natureza,

Que em fim he filho de Amor.

Ve muyto aonde quer que vay,

Não voa, antes he pezado,

Em qualquer parte tocado

Tem o topete da may.

Vive d'enganos que faz,

E anda nelles de contino,

E como Amor he menino

Tambem o filho he rapas.

Da ao pay sempre ma vida,

E assim não me maravilho

Que desconheção por filho,

Porque Amor mesmo duvida:

Resposta de Egerio à mesma pergunta.

Estes Irmãos desiguais,

Ambos de Venus nascerão,

E tiranos se fizeram

Do imperio de seus pais.

Nasces

Nasceo de Vulcano cego
O ciuime, & logo entao
Tomou a cargo este Irmao,
A quem nunca deu socego
E parecia acertado,
Que hum filho que tal parece,
Da fermosura nasceffe,
E de hum pay desconfiado.
Ambos nascem juntamente,
E vivem fazendo damno;

Hum com redes de Vulcano,
Outro com seu fogo ardente.
Seguem diferente fim,
E vivem sempre em perigo,
Cada hum do outro inimigo,
E acompanhaõ sempre assim.
Mostre por prova melhor
Que he o contrario presume,
Se vio Amor sem ciuime,
Ou ciuime sem Amor?

Resposta de Lereno à mesma pergunta.

Nestes dous naõ a liança,
Nem pode aver amizade,
Que hum he filho da vontade,
Outro da desconfiança.
Hum he nobre, ainda que agora
Degenere do em que estava,
Ciuime he filho d'escrava,
E amor filho de senhora.
E claramente se apura
Ser o outro escravo seu,

Porque em dote se lhe deu,
Casando com a fermosura,
Servio de guia, & dá fe
Mil vezes falsa, & errada,
E porque Amor naõ vê nada
Lhe mostra mais do que vê
Da senhora, & do senhor
Quem já conhece o costume
Sirvase bem do ciuime
Porque he escravo d' Amor.

Resposta de hum Pastor, que callou o nome,
à quarta pergunta.

Se darà prefeyta gloria

Bem gozado com receo?

Bem em descanço alcançado
Já se naõ tem por alheo,
Mas bem gozado em receyo
Dà gloria, & gosto dobrado.
No bem, & gosto que alcanço
O receo o faz mayor,
E naõ ha gloria d' Amor
Sem receo, & com descanço.

O que à vontade se tem
Goza-se, & naõ se conhece,
O que na gloria esmorece
Goza o verdadeyro bem.
Naõ ha gosto sem contenda,
Nem ha bem sem custar muyto,
Nem gloria, que de mais frute,
Que a que melhor se defende.

Resposta de Tirsea à mesma pergunta.

Não podem chamar ventura
A que he sojeyta a mudança
Nem ao bem quando se alcança
Em gloria pouco segura.
E como contrarios são
O receo, & mais o gosto,

Hum ao outro contraposto
Pellejaõ no coração.
Vivem sempre neste enleo,
E nenhum leva a vitoria,
E se às vezes vence a gloria,
Mil vezes vence o receo.

Resposta de Menalio à quinta pergunta, & ultima.

Se se pode achar belleza
Aonde falta entendimento?

O que a vista representa
Huma viva imagem bella
Obriga, move, & contenta
À qualquer vontade izentra,
Que está contemplando nella.

Sò ao que òs olhos se offrece
He o bem que Amor pretende,
E a belleza que conhece;
Pois he bello o que parece
Sem respeytar o que entende.

Resposta de huma Pastora sem nome à mesma
pergunta.

Não he muda a natureza
Nas graças que communica,
E em huma estranha belleza
Por lingoas mudas publica
Perfeyçoens de gentileza.
O olhar por movimento,
O rizo, o passo, a caurella
Faz que crea o pensamento
Que aonde falta entendimento
Nãõ pode haver cousa bella.
A belleza principal
No juizo se assegura,
Noutro modo està tão mal

Como a fermosa figura
Tirada em bayxo metal.
Este falso sobrescrito
Sò de nescios estimado
He retrato bem pintado,
Que como lhe falta espirito
Nãõ pode ser conversado.
Na graça consiste a alma,
E o ser da cousa fermosa,
O parecer fica em calma,
Sayba quem sò a elle goza,
Que goza hum corpo sem alma.

NO fim destes pareceres o teve o dia, apartárao-se os Pastores, ficando para o outro juizo, de quem melhor respondera, & eu o remeto ao do discreto, & curioso Leytor, porque para perguntas amorosas, bastão rusticos Pastores; porém o responder a ellas, com a verdadeyra satisfação, ló a aviltadas Damas, & amantes Cortezãos he concedido.

FLORESTA OYTAVA.

M Inha alma quão receosa,	Porém não façais mudança
Das forças do sof. imento	Por mais que o tempo a perfiga;
Prometeis fé tão custosa	Que amor por pacto me obriga
Ah não sejais animosa	A viver sem esperança,
Que he muyto grande o tormento:	E a tella por enemiga.
E se seguís vosso engano,	Esta esperança perdida
Vede quanto vos importa	Com magoa a alma me corta,
Atrevervos a este damno,	Que me deu grao tempo a vida
Mostrando no desengano	De enganos, mas quem duvida,
Fè viva, esperança morta.	Fè viva, esperança morta.
Bem sey que guardara fé,	Mas companheyra tao bella
Da fé do muyto que amais	Do que não pude alcançar,
Mas temo que vos percais,	Pois o pede minha estrella
Que Amor respèyta hum porque,	Ainda que morta heyde tella
Que vós já não respèytais,	Para ter com quem chorar.
Se a sorte corta a esperança	Olhos que por occasião
A amor juntamente corta	Para meu mal fostes porta;
Pela estreita vesinhança;	Sustentay vossa payxaõ,
Muy poucas vezes se alcança	E sustente o coroçaõ
Fè viva, esperança morta,	Fè viva, esperança morta.

Isto hia cantando o Pastor Lereno por entre muytas arvores, que enlaçadas de verdes parreyras, fazião ao longo do rio hum graciolo labyrintho, quando pela borda do campo vio vir hum Pastor, que encaminhava para a Aldea, & a espaços, de quando em quando cantava, & pondo acaso os olhos em Lereno, que o elcutou, chegando a elle, depois que se salvãrão, lhe disse: Hum estrangeyro tem desculpa para per-

guntar, & porque eu o sou nestas ribeyras, & venho a saber de hum Pastor, que nellas habita, do qual não sey mais que o nome, como tambem da terra, te peço, que me encaminhes. Fallo-hey (disse o outro) de tão boa vontade, como a com que te estava ouvindo; assentate neste estrado, que a natureza fez tão fermoso, & pergunta o que te aprouver. Sentado o outro, lhe disse: O meu nome he Filenio, sou natural de junto ao Tejo, & de pouco tempo a esta parte apascento em os frescos valles do Lis, & Lena, donde por fazer a vontade a quem me nega a sua, venho a esta Aldea a buscar hum Pastor, que daquellas ribeyras se apartou, a que chamão Lereno, que nestas dizem, que he ahlás celebrado no seu canto; & porque o delejõ conhecer, primeyro que elle sayba que eu o busco, te peço, que me digas aonde o encontrarey, & em que lugar desta campina traz o seu gado. Não tardará muyto espaço (respondeo elle,) que para aqui não atravesse o seu rebanho, & daqui o poderás ver elle, & fallarlhe a teu gosto; & não o tive-ra eu pequeno de saber o para q̄ o querias, porq̄ depois q̄ entre nós habita, não sabemos mais q̄ do seu canto, q̄ todos julgão por extremado, aindaq̄ a minha opinião nisto he mais fraca. Tudo te contarey facilmete (disse o outro) se me prometteres o segredo, que a meu intento convem, de modo, que de ti, nem por outrem o sayba Lereno. Promettote (tornou elle,) que se de ti o não fober primeyro, que nem por mim, nem por outro descubra o que me differes. Com este seguro de Lereno, que desejava ver o fim que o Pastor pretendia, começou elle a contarlhe desta maneyra.

Nas ribeyras do Lis, aonde para viver sem liberdade, me trouxe do Tejo minha ventura, entre muytas fermosas, & engraçadas Pastoras, que habitão aquelles graciosos valles, & verdes outevros, guarda hũ fato de brãcas, & mächadas cabras a fermosa Lisa, que a meus olhos he a mais discreta, & fermosa Pastora daquellas montanhas, & das que no Tejo apascentão; a esta me inclinou Amor, ou a minha Estrella, & fezme a suas perfeçoens tão sujeyto, que sem onsar descobri-lhe esse pensamento, não tratava de mais, de que com serviços ganharlhe a vontade; veyome ella a mostrar a q̄ tinha a este Lereno,

reno, a quem ama tão de verdade, como eu a sua gentileza, o qual por seu respeito se apartara para estes campos do Mondego, mostrando hum animo assás ingrato a seu amor; mas como este não atenta à femração de quem o despreza, & não consente sossego em quem ama, veyome a pedir com lagrimas a desconfiada Pastora, fiando de mim o que eu só temia, que quizesse passar a estas Aldeas, & dar huma carta ao seu Lerenno. Eu, a quem amor fizera seu sujeyto menos cobiçoso de lhe obedecer, que de alguma occasião para melhorar minha esperança, venho a buscallo, desejando levar em resposta a sua mesma carta com algum engano, em que nos amores de Lerenno a torne desconfiada, fingindo com astutas apparencias meu intento; que posto que nisto commetta fazer engano a quem amo tanto, he o melhor remedio, que posso dar a seu amor mal agradecido, & o ultimo que tem minhas esperanças; para este desejo andar alguns dias encuberto nesta ribeyra, para ver as Pastoras com que trata, os amigos, que acompanha, & o gado que traz. E pois te eu descobri esta determinação, razão será, que me não negues os meynos com que lhe posso alcançar o fim. Não me parece bem (respondeo elle) esse que tu commettes, porque será sómente pôr essa Pastora em ciu- mes, & como estes dão forças ao amor, esse a trará facilmente a viver na nossa Aldea; porem se fmaes verdadeyros lhe puderem tirar de todo as esperanças, & se eu não me engano, Pastora ha nella, a quem elle já deu cartas, ou de essa, ou de outra Pastora, que no Lis o favorecia, & se lhe eu conhecera a letra, bem atrevera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe (tornou o Pastor,) que tenho a vertura na tua mão, & a Lerenno omisiado com Lisea, & se por ti alcanço fim a minha empreza, ficarte-hey obrigado com a vida, & quanto à carta, pelo sobrefeito desta conhecerás a letra da outra; a elle conheceo, & por não consentir naquelle engano feyto a Lisea, tratava o seu com dissimulação. Se tu desejas (disse elle,) que isto se não sayba, convem, que a ninguem mais descubras o que pertendes, nem ainda nomees a Lerenno, porque tem muytos amigos no lugar, & podes encontrar com quem deseje mais dar-te essas novas, que a ti remedio; apartate o mais que
puderes

puderes do trato dos pegureyros, & à manhã mais cedo que a esta hora, ao tirar do gado, me acharás neste lugar. O Pastor o levou nos braços, bem alheyo de imaginar, que tinha nelles a Lereño, o qual despedido d'elle, se escondeo entre huns penedos, & abrindo a carta com muyta subtileza, vio que dizia.

A Ti Lereño ausente em cuja vida
 Está a de Lisea que te escreve,
 Com sem razoes tam mal agradecida.
 Roga esta triste a vista que não deve
 Pois o termo que pede meu cuydado
 He nhum comprido mal vida mais breve.
 Tu por vontade ausente, & desterrado,
 Eu preza, & condena-la a meu tormento
 Padecendo innocente, & tu culpado.
 Vence pastor cruel teu duro intento,
 E baste, se esta esperas por vingança,
 Nenhuma culpa, & tanto sentimento.
 Tirana condicão, tirana usança,
 Que castigues de amor hum leve engano
 Com tao pezado mal, tanta esquivança:
 Se eu tive culpa foy de amor tirano
 Que me levou tras ti por força sua,
 E de novo receo o mesmo danno.
 E ainda não foy de amor foy culpa tua,
 Que me levaste a alma que eu seguia,
 E não quero que amor ma restitua.
 Buscava tua ingrata companhia,
 E como me guiava o amor cego
 Fez-me errar o caminho que fazia.
 Mas se he castigo, em fim já me não nego
 Lisea esta a teus pés não te resiste
 Torna pastor ao Lis deyxá o Mondego.
 Depcis que desta Aldea te partiste
 Tambem della foy com culpada;
 Mas ah cruel tu só de mim fogiste.
 Estou entre as pastoras enleada

De Francisco Rodrigues Lobo.

395.

E de ouvir meus suspiros , & meus ays
Cada qual foge já de importunada.
As arvores, as aves, & animais
Ouvindo meus queyxumes , & tristeza
Com não terem razão se abrandão mais.
Perdem estes penedos a dureza,
Tu mais brando que as agoas desta fonte
Sò contra mim mudaste a natureza.
Nem virão mais meus olhos verde o monte ,
Nem claro o Sol depois que te não vejo,
Nem as estrellas vi neste Oriz.onte.
Nem do mongido leyte o brando queyjo
Fiz, nem a nata doce , & laborosa,
Teu he sò meu cuydado , & meu desejo.
Nem colhi mais no valle a fresca rosa,
Nem a roxa viola , & o jacinto,
Nem a branca cessem pura , & fermosa.
Em nenhum gosto, nem bem meu confinto
Depois que me deyxou minha ventura
Naquelle estranho, & cego labarinto.
Sò busco no lugar , & na espessura
A ti Lereno em brados , & responde
Ecco no vaõ temor da noyte escura.
Nomeate outra vez , logo se escunde,
E se me vou tras ella por buscarte,
E lhe pergunto aonde , diz-me : aonde.
Se de novo outra vez torno a chamarte,
E pergunto em que parte ? enternecida
De longe me responde tambem, parte.
Partirey triste em fim , mas quem cuida
Que ache outra fera , & outra caçadora
Que queyra a cada qual tirarme a vida.
Tornar mehey peregrina de pastora ,
Pois o não s'u depois que te não vi,
Que em meu gado se mestra cada hora.
As cabras sem pascer chamam por mim,
Como perdidas já nestes outeyros,

Mas

Corte na Aldea

Mas percaõse tambem , pois te eu perdi.
 Os tenros cabritinhos chocalheyros,
 Naõ parecem saltando sobre as flores
 Nem as mãos se penduraõ dos salgueyros.
 Tem compayxaõ de vellos os pastores
 Que os viraõ já (quiçais com muyta inveja)
 Tu só nenhuma tens de meus amores.
 Torna ingrato Lereño aonde te veja,
 E aonde para te ouvir cantar mais ledo
 O valle , o rio , o monte te deseja.
 Sentado aqui ao pé deste penedo
 A lira tocaras taõ docemente,
 Que em mudeças as aves do arvoredo.
 Faràs deter do Lis claro a corrente,
 Tornar atras o vento furioso ,
 E florecer o valle de contente.
 E depois de cansado , ou de mimoso
 Inclinando a cabeça no meu braço
 Passaras doce o sono saboroso.
 E deste altivo myrtho pouco escaço
 As desejadas flores cubriraõ
 O teu resto, pastor , & o meu regaço.
 Mas para que te chamo triste em vaõ
 Se só para naõ veres a Lisea
 Deyxaste natureza , & condiçaõ ?
 Se esta minha affeyçaõ he que te enlea
 Vejate eu , seja tua esta vontade ,
 E a minha , ou seja tua , ou seja alhea.
 Se outrem possue a tua liberdade
 Tambem sera senhora do que eu tinha
 Seja ao menos amor para amizade.
 E' sou tua Lereño , & naõ sou minha
 Guardarey como escrava o teu rebanho ,
 Que o grande amor a tudo me encaminha,
 Servirey quem te amar pois que mor ganho
 He de quem por humilae te mereça ,
 Que esperar menor paga a bem tamanho.

Mas só não servirey quem te aborrecia,
Que isto não no consente o que te quero,
Nem o fado permita que aconteça
Vem esquivo pastor, ingrato, & fero,
Alcance este querer devido fruyto
Olha com quanta fê, & amor te esp'ero,
E o que custa querer, & esperar muyto.

TInhaó as palavras de Lisea tanta força pela affeyção que
as formára, que não pode o Pastor negarlhe sentimento,
& com alguns suspiros magoados, le queyxava da ventura, at-
tribuindo a ella o desconcerto de seus amores. Ah triste (di-
zia elle) quam grande culpa commetto contra Amor, em ne-
gar affeyção a quem com tanta fé me offerece a sua, & quan-
ta mayor força tem, & fermosura, quem tira a valia a esta ra-
zão! Faça Amor o que quizer de minha vida, & pois elle su-
geytou a vontade, tire de seus poderes a desculpa de meu er-
ro. Se sou ingrato, & desconhecido a quem me ama, não forã
elle tyranno, & cego para usar mal de quem o levantou por
senhor da liberdade. Que pena merece, quem alheyo de si
commette a culpa; eu só padeço sem ella o dextero de minha
ausencia, & as faudosas lagrimas de Lisea. A verdade he, que
Amor vive de seu querer, & não de obrigação alhea, & com
o desejo tyranniza a razão, & porque em males, que a não tem,
le confunde o juizo a cada passo; vinde cà minha rustica san-
fona, cantaremos de meu mal, & darey louvores ao so-
frimento, que o sustenta, pois he verdade, que não mereço
a pena d'elle.

Que labirinto he este de cuydados,
Taõ desiguaes na vida, & na ventura?
Que mananha d'enganos sempre escura?
Que caminho de hum fim taõ desviados?
Se com damnos, & bens taõ encontrados
Cuyda amor, que me vence, entaõ me apura;
Que està minha firmeza taõ segura
Como meus pensamentos levantados.

*Males já dante maõ bem mercedos,
 Não cuydeis que acabais o sofrimento,
 Que nem elle , nem eu não vos estranho.
 Esforcemse na causa os meus sentidos,
 Que tudo cabera n'hum sentimento
 Aonde teve lugar hum bem tamanho.*

Acabando de cantar , ajuntou o rebanho , que andava espalhado pelo valle, & com a vinda da noyte o recolheo, fugindo dos Pastores , & buscando a tristeza só por companhia, que esta he a de quem se fião os cuydados da alma, & a inimiga, que mais contenta a quem sabe conversalla.

FLORESTA NONA.



EM quanto a noyte occupava a terra, & aos animaes o sono, & os Pastores repoulavão para os trabalhos do dia, imaginava Lereno em a obrigação, que tinha aos cuydados de Lisea, & buscando maneyra de responder à sua carta, de sorte, que quem a levava ficasse seguro, a tornou a ler de novo, & cortando della a capa do sobrescrito, poz em lugar do que tirara, o papel em que respondeo, & ferrando-a com tanta cautella, que se não pudesse entender aquelle engano, junto com a outra carta de Lisea, que ainda tinha, se foy em amanhecendo ao lugar, aonde já o Pastor o esperava, & depois de o saudar, lhe disse: Bem merece o teu cuydado, & diligencia o galardão que pertendes deste serviço, & posto que me debes a principal parte delle, além do gosto, que terey de te ver contente, tambem Lisea me fica obrigada por lhe evitar hum mal, que tanto custa, como empregar affeyção em quem tem a sua penhorada em outra parte. Ves aqui a carta que me deste, & outra que te prometti, tenhas com ellas tanta ventura, como Lisea tem de merecimentos; a ella podes dizer, que achaste esta carta na mão de huma Pastora fermosa, & digna de muyto grandes extremos, & podes affirmar, que a tinha em tão pouco, porque lha dera Lereno, como a elle estimava, pois que

que lha deus; os meyoſ por onde a alcançaſte fingirás a teu labor, & não te digo quam cuſtoſos forão, os com que a houve à mão, & o riſco em que fico de fer achado com furto nellas, porque he mayor o que eu faço, que o engano que tu trataſ, ſe alguma hora tornares a eſta ribeyra, & quizeres de mim alguma couſa de teu goſto, pergunta por Lereno, & dizelhe, que te leve à cabana de Floricio, que eſte he o meu nome, & aſſim conhecerás a elle, & verás a mim, agora te guie boa Eſtrela, que eu vou acodir às obrigaçoens da minha. Devo tanto à tua vontade (diſſe o outro,) & a eſta obra, que era bem, que deyxando o fim della, fique toda a vida por teu cativo nella ribeyra, nella terás do Lis em quanto eu nellas tiver vida, & ſe nella, que agora me deſte na peſſoa, ou no rebanho quizeres por hum final de como tudo he teu, niſto o darás de homem agradecido, & lançandolhe os braços ao peſtoço, Lereno o levou nos ſeus com a meſma cortezia, & o foy acompanhando até paſſar o valle. Seguiu dalli o outro o ſeu caminho aſſás contente, & Lereno ſe veyo aſſentar perto do rio, aonde bem não tinha ſoſsegado, quando conheceo Althea, que vinha pelos ſalgueyros cantando o leguinte.

S Ofrey coraçãõ
 Vosso sentimento,
 Vingayvos dos olhos
 Que a culpa tiveraõ;
 Quanto melhor fora
 Enganar ao tempo,
 Que buscar ventura
 Em goſtos alheos!
 Para que ſaõ bens
 Que acabãõ tão preſto?
 Para que he buſcallos
 Quem ſabe perdellos?
 Cuydados de longe
 Matãõ de muy perto,
 Que acorda a lembrança
 Contino o deſejo

Amor tão conſtante
 Tão mal ſatiſfeyto
 Fê tão mal pagada,
 Já agora quebremos
 Seca a eſperança
 Cauſa o ſofrimento,
 Fiz força ategora,
 Mas já não me atrevo:
 Qualquer ſombra vã
 Engana o deſejo
 E tudo ſãõ ſombras
 Porque Amor he cego.
 Ah quem nunca vira
 Por não ver tão cedo
 Quantos deſenganos
 Vem ſobre hum receo.

Ay triste que canço,
 E não me arrependo,
 Nem deixo meu mal
 Com quanto o pragueyjo;
 Gostos, alegrias,
 Glorias, passatemplos,
 Se vos não possuio
 Também vos engeyto

Mais quero meu mal
 Pelo bem que quero.
 Que a vossos enganoso
 Porque vos conheço
 Quero de meus bens
 O mal que me veyo
 Deyxayme sentillo
 Pois também vos deixo.

N Aó esperou o Pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foy encontrar perto do rio, porque era tão affeyçoado às partes, & parecer, que nella via, que nenhuma daquelles campos parecia tão bem nos seus olhos, & pondo-os nella, lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descanso, fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeyção, q̄ farião em quem merecesse a ventura de viver contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a min ha tão feitura da tua parte (respondeo a Pastora,) que bem me devias fazer o engano verdadeyro. Ah Lereno, quero bem, & devo a fé a quem me fugio com a que me devia, canto os males de tua ausencia, & não choro os que de novo me nascem quando te vejo: Fez o Ceo tão conforme o teu proceder com a minha affeyção, que se a que tenho obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera a troca deste desejo, não me negues hum bem que pódem ter meus males, que he veresme, & ouvirte muytas vezes, que para cuydar em ti ha outra cousa, que me alembro; mas para te ouvir, de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o Pastor) sempre o meu me dizia, depois q̄ te vi, quam bem me empregava no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possuiu deves; querer bem à minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperàra alcançallo, encontrando a affeyção de Floricio, de quem eu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuydados, se não loubera os teus do primeyro dia, que entrey nesta ribeyra; porèm te peço, que o não desesperes na satisfação de seu amor, aindaque a tenhas

por impossível, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tão diferentes fins de seu começo, que já pôde ser, que lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fé merecimento. Quam pouco me estimas (replicou Althea,) que ainda agora me entreguey por tua, & já me dás a outrem? Que escravo ha tão engeytado, que não dure huma hora em poder de seu Senhor? Não virás primeyro em meus serviços, se te contentavão, & em minha fé, se te merecião? Logo me engeytas? Negasme hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? Tirasme a vida, & queres que lha dê por teu respeyto? Ah Lereno, Lereno, a cada qual desvia o seu cuydado: Dame essa mão, & promette, que em quanto não faltarem enganões, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & verás a quanto me obriga o que te quero: Lereno mudada a cor, mostrando, que com receyos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua com hum saudoso suspiro, lhe dizia.

*Nestas mãos juro Althea de quererte,
Sem offença porèm de meu cuydado,
Porque de hum coração que tenho dado,
Não ficaõ mais que os olhos para verte.*

A Mor, que sempre espreyta o tempo para fazer damno, & com o ciume que o acompanha, anda correndo as telhas, que deyxou armadas, trouxe para aquella parte a Floricio, que descia do monte, & conhecendo a Lereno no tom da voz, antes que o divisasse, veyo manlo pela parte do mato, para ver com quem fallava, & ouviu as palavras, com que elle jurava nas mãos de Althea aquella condição, que amor não consente, & não sabendo da causa, mais que o que via, julgando por infiel ao caro amigo, como desesperado, atravessou por diante d'elle, & virando com ira os olhos a Lereno, lhe disse ao passar. De hum fementido baste o conhecimento por vingança, & por mais que o amigo bradou traz elle, espera, espera Floricio, não voltou o rosto, & vendo isto Lereno, se apartou de Althea, & foy a buscallo; porèm cada hum seguio diffe-

differente caminho: Floricio tomou para a montanha, suspirando, & mettido entre huns castanheyros, depois que cançou de suspirar adormeceo, em quanto Tirsea com o pensamento nelle, vinha pela fralda do rio cantando esta groza.

*Cuydados assi vos quero,
Que sejais desesperados,
Querovos para cuydados.*

*Quando mór forca mostrais,
Mór dureza, & mór rigor
Na dor com que me tratais,
Então vos estimo mais,
E me pareceis melhor:*

*Só vos podeis verme a mim
Pelo triste fim que espero
Numa tristez.ª sem fim;
Mas se me quereis assim
Cuydados assi vos quero*

*Em qualquer menor tormento
Não tirara de vos fruyto,
Que o que custa ao sofrimento,
Meños, que o meu sentimento
Nunca pode valer muyto.*

*De sorte que na affecção,
Em que vos tenho empregados
Para serdes estimados
He de força, & de razão
Que sejais desesperados.*

*Quando eu de vós pretendere
Hum bem, que a muytos engana
D'outra sorte vos tivera
Amara a quem me quisera,
E não quem me desengana.
Quando vejo arriscados
A mais males, mores damnos
Então vos quero dobrados,
Não vos quero para enganos,
Querovos para cuydados.*

PAssando adiante, encontrou no meyo do valle a Althea suspensa, & triste, pelo que aos dous Pastóres acontecera, & tornando a cuydar, que lhe podia succeder algum damno, em quanto a razão estava tão escura, disse a Tirsea, que lhe pedia, que fosse ver o valle acima, pois o ella não podia fazer por hum respeyto, & que ouviria cantar a Floricio, que em extremo cantara bem ao tempo, que ella delcia para o rio; a outra que só nisto tinha o desejo, lho agradeceo muyto, & encaminhada de hum pegureyro, que andava no mato, foy ter aonde o teu Pastor dormia, & sentando-se junto a elle, não quiz quebrarlhe o repouso do sono, antes com a vista curiosa, no pensamento o estava adormentando. Mas como o Pastor adormecera

meçera sem descanso, acordou logo, & com hum grande ay estendeo os braços, & cahindo hum nos braços à namorada Tirsea, ella o recolheo entre os seus, dizendo para elle, (que não ficou pouco espantado de a ver alli) já Floricio, que os descuydos do teu sono me pagão meus cuydados, deyxame este braço para entregar esta alma, do que lhe debes. Ah Tirsea (respondeo elle) bem se vinga amor da vontade, que te devo, como à trayção, que outrem usa comigo, não te quero dar o braço, pois te não satisfazo com o coração, outro dia te descobrirey este segredo, & agora se desces para o godo, acompanyarte-hey. Disto ficou a Pastora mais contente, & não quiz pedirlhe, que não dilatasse para outro tempo o que lhe descobria naquelles sinaes, mas pelos que vio da sua tristeza, dissimulou, & delcêrao ambos para o rio. Mas Lereno depois que correo toda a montanha sem achar a quem buscava, encontrou ao pé de hum carvalho o doudo Montano, que estava afeyçoando hum cajado, & chegando a elle, o saudou, perguntando se vira a Floricio. Logo to mostrarey (respondeo elle) que muy perto está de nós, & levando-o a hum penedo, que cahia sobre huns sylvados, que estão no desvio do caminho, o fez subir nelle, & mostrandolhe o vulto de hum tronco mettido entre os ramos, o lançou dalli abayxo, onde ficou bem espinhado das sylvas, & magoado da queda, dizendolhe: Isso te fique em castigo de perguntares por outrem a quem não sabe de si, & com grande rizo, se foy dalli apupando pela montanha. Lereno se tornou ao pé do penedo, aonde entre si fazia estas contas com a vóz bayxa, como que entaó a não fiava mais, que do sentimento.

Que amor figo? que busco? que desejo?
Que enleo he este vão da fantasia?
Que tive, que perdi, quem me queria?
Quem me faz guerra, contra quem pelkejo?
Foy por encatamento o meu desejo,
E por sombra passou minha alegria,
Mostroume Amor dormindo, o que não via,
E eu ceguey do que vi, pois já não vejo:

*Fez à sua medida o pensamento
 Aquella estranha, & nova fermosura;
 E aquelle parecer quasi divino.
 Ou imaginação, sombra, ou figura
 He certo, & verdadeyro meu tormento,
 Eu morro do que vi, do que imagino.*

D Alli se foy Lereno ao gado, & o recolheo buscando a tristeza da noyte para mais largo queyxume de sua estrela, que não lhe dava hum mal sem companhia, nem lhe soffria ter outra, que fizesse menor o sentimento delles.

FLORESTA DECIMA.



SENTIA tanto Floricio a falsidade, que imaginava do amigo, como elle a sem razão de seu engano, cada hum se queyxava de males não merecidos, hum entre si representava quebrada a fé da amizade, que tinhaõ, & offendido o respeyto do amor, com que se tratavão; outro via desagradecido seu desejo, desfaereditada sua verdade, & sobre tudo perdido tabõ bom amigo. Lereno buscava meyo de descobrir seu intento, & Floricio modos de se esconder à sua desculpa, & fez isto com tanta porfia, que passáraõ muytos dias, em que o amigo seguindo-o com passos, & com a voz o não alcançava, até que desconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade de seu coração, determinou partir-se dos campos de Mondego, & buscar outro lugar a seu desterro; mas como lhe não consentia o coração deyxar a Floricio magoadado, tornou a buscar a Althea, que havendo-o já por descuydado da promessa, que lhe fizera, negava tambem os ouvidos a suas razoens; porém como já fora testemunha de tão perto da desconfiança de Floricio, não pode durar muyto esta esquivança. Alli lhe disse o Pastor com muyto sentimento a determinação de sua partida, renovando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado, & lhe pediu, que quizesse em sua ausencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeyto entre elles passára, & que

que depois que tivesse verdadeyro conhecimento de sua fé, tornaria a habitar os campos do Mondego, pois por então os deyxava com muyta saudade; ella que já sentia este apartamento, & muyto mais ser por sua causa, lhe pedia, que se não determinasse tão depressa, & com estas, & outras palavras o aconselhava. Pois en, Lereno, fuy o principio deste mal; não he muyto, que elle seja a causa de minha morte, & eu só culpada nella; mas se tu a podes escusar sem perder muyto, lembrate, que me debes a vida pelo que te quero; se Floricio foge de te ouvir razão, não fujas da que eu tenho para te obrigar. Deyxame pôr em o meyo do perigo, salvarey a tua fé, & a sua desconfiança à custa de minha vergonha; se elle he teu amigo conhecerá facilmente, que o trataes sem engano; se pelo contrario pouco perdes em sua amizade, & eu muyto em tua partida: considera de vagar, escolhe o menor perigo, arrisca-me a todos, como não seja deyxaresme. Tudo fizera (respondeo elle) por teu querer, se o meu não fora tão mal afortunado até para obedecerte, querome apartar desta ribeyra, que com o lugar muytas vezes se muda a ventura, aindaque eu em nenhum a tenho, & o tempo defenganará em ausencia a falsa presumpção de Floricio, & a de meus males, se esses imaginao, que poderão alguma hora vencer o sofrimento; porém se primeyro o queres desimaginar, aqui me tens, com tanto, que não dilates o remedio. Como quem (tornou ella) tem nelle o de lua vida, ficate embora, que eu vou buscar a hum Pastor, de quem fujo ha tantos dias, para deter a outro, que me foje dos olhos, levando nos seus penhores muy custosos de minha affeyção. Com isto deyxou a Lereno dando mil suspiros: Ao tempo que Rifeo vinha para elle, & ouvindo-o, & vendo-o tão triste, lhe perguntou: Que ays são esses Lereno? A quem buscao, & que pertendem? A morte (respondeo elle) para fim de muytos damnos. Queyxume he de muytos (replicou o outro) & de tejo de nenhum. Deyxa agora a payxaõ, se alguma te obriga, & vamos cantando aos loureyros daquella fonte, que está para fazer enveja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos, que a esta hora suspendem os ares com musicos acentos; & parece, que a natureza lhe está alli modu-

lando as vozes, concertando a bayxa do faudoſo Melro, com o tiple do muſico Royxinol, & ſobrelevando em miudos acentos o pintafilgo, ſervindo de instrumento ſonoroſo o continuo zonido das abelhas, que andaõ tirando o mel das tenras flores, & o ſom das aguas, que por entre alvos ſeyxos, & ruyva area, vaõ mormurando. A iſto ſe naõ quiz negar Lereno, por naõ deſcobrir mayores ſinaes de ſua payxaõ, & foy cantando com o amigo eſta cantiga.

*Cor dar de continuo ais
Dou à viſta algum deſcanço,
Mas com os ais, que da alma lanço
Deſcanço, por cançar mais.*

<i>A fé, & a razão me obriga Nesta pena que padeço, Por mais que a dor me perſiga, Que nunca o que ſinto diga, Porque niſſo a deſmereço. Eu que nunca perco o tino, Em males taõ diſiguais Deſabaſo por ſinais, Com dar ſuspiros continos Com dar de continuo ais Tenho os ares perſeguidos E a voz rouca ſuspirando. E ſentindo os meus gemidos Os penedos ſem ouvidos Ficaõ comigo bradando. De huma dor taõ bem ſentida Eſte he o fruyto que alcanço, Mas pois num mal ſem medida Fim naõ poſſo dar à vida Dou à vida algum deſcanço.</i>	<i>Renovo o meu ſentimento, Pois para a morte naõ val, Em gloria deſte tormento Vou cevando o ſofrimento, Porque dure ſempre o mal. Sayaõ ſuspiros do peyto, Dem ao coração deſcanço Que eu já vivo ſatisfeyto Naõ com os prazeres que engeyto, Mas com os ais que da alma lanço. Prazeres que me negaſtes Quanto per vos trabalhey Tanto a correr me enſinaſtes; Como em mim naõ deſcançaſtes Que nunca mais deſcancey. Vou correndo ſem parar Para o fim que me negais E neste vaõ trabalhar, Naõ canço por deſcançar, Deſcanço por cançar mais.</i>
--	--

Pouco eſpaço depois, ſe aſſentãraõ ao pè da fonte, por beberem da agua ſaboroſa; que della manava, ouvindo a porſoſa muſica dos paſſarinhos, viraõ pendurada em hum gancho

cho de hũ loureyro hũa sanfona, q̃ nas costas tinha este letreyro.

*Instrumento contente, que algum dia
Fostes alivio de meu sentimento,
A cujo som suave, & melodia
Ouvio a causa delle o meu tormento,
Ficay prezoz nesta arvore sombria,
Aonde vos toque agora o surdo vento,
Que eu que parço chorando desta aldea
Mal poderey cantar na terra alhea.*

Logo os dous Pastores conheceraõ ser aquelle o instrumento de Floricio, & Lereno, a quem elle na alma tocava, deu hum grande suspiro, & com outros muytos pedio a Rifeo, que o fosse buscar por huma parte da montanha, que elle pela outra faria o mesmo, porque algum grande mal lhe fazia perder a ambos tal amigo. Rifeo o fez assim, & junto da noyte achou a Alhea, q̃ tambem andava nos alcances de Floricio. Deyxemos o que entre elles passou, & o que succedeo a Floricio, & tornemos a Lereno, que naõ esperou mais conselho para a sua desgraça, pois contra ella lhe naõ valia entendimento, & logo em se apartando de Rifeo tomou o caminho para a serra, rlo acima, & de hum oyteyro, que descobre todo o valle, que com a entrada da noyte estava mais laudolo, assim cantava a sua magoa da despedida.

*A Deos ag'as cristalinas,
A Deos fermosos outeyros,
Faias, choupos, & salgueyros,
Lirios, flores, & boninas.
A Deos fermosa lembrança,
Com que em meus males vivia,
A Deos vales de alegria,
A Deos montes de esperanza.
A Deos fermoso penedo,
De quem com tantas verdades
Fiey minhas saudades,
Que me pagastes taõ cedo
A Deos prado, a Deos pastores*

*Vassallos deste amor cego,
A Deos agoas do Mondego,
A Deos fonte dos amores.
Apartome desta Aldea,
Voume fugindo a ventura,
Que nem a minha he segura
Nem esta parece alhea.
Pode ser que cance a sorte
De andar em tanta mudança,
E se a sorte nunca cança
Quicais que descance a morte.
Vume como ares perdida
Nos matos da terra estranha*

Té que os lobos da montanha
Venhão a tirarme a vida.

Mas heja taõ desfigural
O mal de meu coração,
Que os animais sem razão
Sabem fugir de meu mal.

E bem deve ser assi,
Pois em mim se considera,
Que se delle não vivera,
Andara a fugir de mim.

Façase o que amor ordena,
Com direyto, ou sem direyto,
Te que as brazas deste peyto
Faça em cinza a minha pena.

Vamos meus olhos, que he certo
Não estranhardes mudança,
Pois sem a vossa esperança
Tudo parece hum deserto.

Paguemos culpas de hum erro
De que a amor as culpas punha
Que huma falsa testemunha
Nos condenou ao desterro.

Pois mostrar a differença
Fà agora nada aproveyta,
E valeo sendo suspeyta,
Vamos cumprir a sentença.

Vos chorareis de continuo,
E eu com suspiros em vaõ
Irey lançando o pregaõ
De hum castigo taõ indino.

Direy chorando sem fim
Justiça que manda o fado
Fazer n'hum triste culpado
Que deu armas contra si.

De que serve outro socego
Se falta o do meu desejo,
Vamos meus olhos ao Tejo

Fareis como no Mondego.

Fica a Deos, ficate embora,
Floricio tenhas ventura,
E achas se taõ firme, & pura
Como a que perdes agora.

Livre teo Ceo de perigo,
Pois que fizeste em teu damno
De hum amigo sem engano
Por hum engano inimigo.

A Deos Althea, que ausencia
Desengana teu cuydado,
Não queyras de hum desterrado
Fazer nova experiencia.

Eu vou aonde perca a vida
Logra a tua a teu sabor,
E nunca sejais de Amor
Com falsidade offendida.

Pastores que já me ouvistes
Devos a sorte alegria,
Pois que a minha companhia
Não he mais que para os tristes.

Agoas em que já me olhey,
Que com olhos entornava
Quando cantando chorava,
Hum mal que tanto estimey.

Sempre corrais com descança
A sombra de arvores bellas,
E vejais claras estrellas
De noyte em vosso remança.

Ficay a Deos arvores dos
Fontes, & arvores sombrias
Que em tempo de tantos dias
Não vistes meus olhos ledos.

Lagrimas que aqui ficais
Derramadas com razão
A Deos, que outras nascerão
No lugar donde brotais.



PRIMAVERA

D. E.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Prayas do Tejo.

 FLORESTA PRIMEYRA.


QUEYXOSO da ventura, que o desterrava, cançado de caminhar por terra estranha, desconfiado das esperanças em que sustentava a vida, buscava o Pastor Lereno, lugar aonde acaballa, parecendo-lhe, que cada hora le alargava com as saudades do Lis, aonde nascèra, & da liberdade, que nellas lhe ficàra, magoado das desconfianças de Floricio, que o apartavaõ do Mondego. Chegou a huma montanha das prayas do Tejo em huma tarde graciosa, quando o Sol dos Orizontes se despedia, deyxando as rosadas nuvens envoltas com seus rayos: E em quanto dos altos montes não cahia a sombra escura, assentado em hũ penedo, de cujas entranhas Ecco os saudosos acentos repetia, ao som do vagozoso Tejo, que passava, cantou o seguinte.

O' Tarde

Primavera

O Tarde saudosa
 Que ides aposentando a noyte fria
 Neste nosso Orizonte,
 Mandame amor que conte
 Agora em voz chorosa
 Magoas, que não ficy do claro dia;
 Oucaó minha perfia
 Essas nuvens escuras,
 Que o Ceo mostrava ha pouco prateadas,
 Que não estão seguras
 Por estarem da terra levantadas
 De padecer mudança,
 Que mais alta tive eu minha esperança.
 Ouvime ó arvoredos,
 Que vestidos de triste verde escuro
 Assombrais este rio,
 Em quanto o vento frio,
 Aos passarinhos ledos
 Nos ramos lhe não da lugar seguros;
 E se o inverno duro
 Com fonte turva, & fera
 Vos despojou d'estado tão contente
 Da doce primavera,
 Ouvi agora a voz d'hum triste ausente,
 Que em espaço tão breve
 Lhe descontou fortuna hum bem que teve.
E voz agoas cançadas,
 Desse largo caminho que trazeis
 Por serras, por area
 Detende a pura vea,
 E aqui mais socegadas
 Pode ser que em meus males descanséis,
 Em meus olhos vereis
 A vossa saudade,
 Que se para tornar aonde nacestes
 Desejais liberdade,
 E rompeis os penedos que temestes

De Francisco Rodrigues Lobo.

411

Em mim vereis a pena
De não poder seguir a quem a ordena.
E vos fermosa ingrata
Em cujo rosto, & olhos escondida
Ficou minha ventura
Por quem Amor procura
No mal em que me mata
Fazer que inda mereça a minha vida
Neste bosque escondida,
Ouvi meus versos tristes,
Que descubrem desta alma a saudade,
E pelo que já vistes
Nos meus olhos vereis que he de verdade
Este meu sentimento
Com tanta pena, & sem merecimento.
Desterro tão comprido,
E de hum para outro mal tanta mudança
Onde a fé se melhora
Se ha de ter alguma hora
Num mal tão bem sofrido,
Pelo menos enganos da esperança
Este que assi me cança
Fora doce, & suave
Como he aspero, esquivo, & inflexivel,
E a pena dura, & grave,
Mas parece este bem quasi impossivel,
E esta duvida solta
Ver que a ventura em males não faz volta.
Vou chorando meu damno
(Não perder o socego, & vida chara
Porque isto he cousa justa)
Que ainda que tanto custa
Me parecer a humano,
O mal se em vossa vista me matara;
Mas quer a sorte avara
Que o meu tormento seja
Viver a meu pesar ausente, & firme;

Aonde

Aonde vos não veja

Nem deyxte Amor cruel de perseguirme

Façase o seu mandado

Ausente, firme, só, desesperado

E Stava o lugar com a laudade da noyte, & com os acen-
tos da cantiga de Lereno taõ triste, que ló lhe faltava
para o igualar o sentimento, & como ló este bem lho parecia,
esqueceo-se da jornada, que lhe faltava, & de tudo o mais,
que não eraõ seus suspiros; mas como este repouso não pôde
dar delcanço, nem sua sorte lho consentia, levantou-se, tomou
o çurraõ, & foy por hum valle abayxo, bem acompanhado de
arvores, que o faziaõ mais escuro, atè chegar à quèda de hũa
ribeyra, aonde entre muytos alamos, & freyxos appareciaõ ca-
banas de Pastores; dalli sahiraõ os rateyros a lhe ladrar, &
quando elle com o cajado os desviava, sahio hum Pastor da
porta, & perguntou, sois esse, que tantas horas ha q̃ vos espero?
Não devo ser eu (respondeo Lereno) quem esperais, porque
não sou desta ribeyra, antes pela não saber errey o caminho,
que levava, peçovos, que me encaminheis para a Aldea: Se tu
não sabes o atalho (tornou o outro) não tens horas para pal-
lar daqui, aonde se quizeres gazalhado to darão de boa von-
tade, essa vos pague Deos (tornou elle,) & a mim por agora
he forçado proveytarme della. O do Casal o fez entrar para
a cabana, aonde logo tirou o çurraõ, & assentado lhe pergun-
tou donde era, & para onde hia. Bofé (disse elle,) que te
não saberey dizer donde sou, nem ainda cujo; porèm nalci
perto destas ferras de riba-Tejo, & vou para aquella famosa
Aldea, aonde elle se acaba, para viver alli por soldada en-
tre os guardadores, aonde me não faltará amo; porque sey da
pastura dos gados, da cura delles, do monjer, & queyjar do
leyte, & do mais que cá se estima dos pegureyros. Por certo
(tornou o velho,) que buscas forte trabalho, que he taõ má
vida, tella sujeyta à vontade d'outrem, & sobre tudo viver no
labyrintho, & confutaõ dessa Aldea, que não te aconselhàra
tal engano, & não tratando de mim, a quem a idade ensi-
nou a fugir della, todos os Caseyros desta montanha, que cos-
tumaõ

tão levar lá de venda os cabritos, & o fructo do seu gado, outra cousa não contão, senão as maranhas, & enleões, que lhe tratão os Abegões; porém as vezes he força, o que não he gosto dos homens, ficais que te será necessario. Assim he (diz-se Lereno,) que ninguem já agora vive a seu labor, & este meyo, que eu busco, he mais para entreter a vida, que para remedialla com esperanças de algum descanso. Nesta pratica estavaõ os Pastores, quando dous, que o velho esperava, affomaraõ à porta, dos quaes logo Lereno conheceo seu amigo Rifeo, a quem a ventura alli trouxera havia poucos dias; foy o alvoroço estranho entre os dous Pastores, & o contentamento do velho, em empregar tão bem o gazalhado, & depois que descansaraõ em saborosa conversação, entre as faudades do Mondego, & o velho lhe offereceo os saborosos manjares da natureza, & comeraõ com a vontade, que lhe offerecia o cansaço do caminho, & o gosto da companhia, sobre mesa pediu Rifeo ao amigo, que ao som da sua sanfona, lhe cantasse o que passára depois de se apartarem dos campos do Mondego; Lereno por lhe obedecer, tomou logo o instrumento, & foy seguindo sua historia desta maneyra.

P Or onde entre penedos, & asperezas
Passa o Mondego claro, & saudoso,
Rompendo os montes seus, que a natureza
Fez por muro da terra poderoso,
Aonde estreitando as prayas, & a grandezas
Corre por entre as serras furioso,
Perto donde o rio Alva se derrama,
E entregandolhe as agoas perde a fama.
Onde as alpestres serras penduradas,
Que ameaçaõ as agoas cristalinas
Não são da loura Ceres cultivadas,
Nem guarda Flora, & Zephiro as benignas,
Nem arvores fermosas, & copadas
Dam fruytas saborosas peregrinas;
Tudo he esteril, seco, inhabitado,
Sem flores, ervas, arvores, nem gado.

Se alevanta huma penha graciosa
 Rodeada de flores, & verdura,
 Taõ verde, taõ florida, & taõ fermosa
 Como a mais serra seca, espera, & dura;
 Na decida entre as arvores fragosa
 Com alegres penedos de mestura,
 Huma profunda cova se descobre,
 Que faz com o nome, & graça o sitio nobre.

Alli entre a pacifica oliveyra,
 Nos declives outeyros transplantada,
 As matas se veraõ de herua cidreyra
 A' fermosa Dione dedicada;
 O junquillo, a viola, & a roseyra
 Tem a relva de flores marchetada,
 E as boninas que a Lua fez mais bellas
 Azuis, brancas, vermelhas, & amarellas.

Alli acha no mato o caminhante
 A Artemisa em flores graciosas,
 E o malvaisco alegre que diante
 Do Sol abre as boninas cobicozas,
 A madre Sylva, & o Jacinto amante,
 Que inda sustenta as letras amorosas
 Como que se esmerara a natureza
 Em fazer tal jardim n'huma esperenza.

Naõ faltaõ fontes, & arvores crecidas,
 Loureyros, freyxos, choupos, & aveleyras,
 Castanheyros em matas muy compridas,
 Compridas, & copadas sereyeyras,
 Por onde em doce voo entremetidas
 As aves se veraõ de mil maneyras,
 Que dos ramos contino estaõ cantando,
 E as agoas dentre as pedras murmurando:

Aqui depois que os Fados ordenaraõ
 Que o nosso Lis correje em turva vea,
 Depois que em sombra escura se trocaraõ
 As ondas de cristal, na branca areia,
 As Ninfas dos seus valles se juntaraõ

de Francisco Rodrigues Lobo.

415

Seguindo a sua chara Semidea,
A quem em sorte coube esta montanha,
Que o Mondego rodea, illustra, & banha.
Deu a esta Ninfa o Ceo taõ grande parte
Dos soberanos doens que estima, & preza,
Que nas graças que agora em fim reparte,
Jã parece que vence a natureza,
Cança o estylo, atrevimento, & arte,
Que comete louvar sua grandezza,
Assim que em taes louvores imagine
Igual a obrigação, & o desatino.
Alli como Diana a caçadora
Com outras da montanha, que a serviaõ,
Que com o aviso, & graça da senhora
Tambem de amor senhoras pareciaõ;
Na caça exercitavaõ cada hora
As armas com que o mesmo Amor venciaõ,
As seras sujeytando, & os pastores
Vencidos do valor de seus amores.
Cada qual no juizo, & na figura
Naõ tem parte que a Amor naõ satisfaça;
A graça faz inveja à fermosura,
Que os poderes tomou da mesma graça;
Se a alguma foy escaça já a ventura,
Naõ foy a natureza em nada escaça,
Nem avarento Amor que em tal desvio
Lhe deu de toda a serra o senhorio.
Guardava alli Marilia manso gado,
Dionisa, & Cimea juntamente,
Aulisa faz mais bello o verde prado,
Belisa livre leda, & assas contente
Qualquer das outras segue o seu cuydado;
Ama, deseja, alcança, espera, & sente
Que sem Amor, sem sua companhia
Naõ ha belleza, graça, & convesia.
Tinha Cimea a cor que a natureza
Deu à branca Cecem, pura, & fermosa,

Othos

Olhos cheos de graças, & de lindexa,
 Boca rasgada em alto graciosa,
 Modesta, grave, firme, & por impreza
 Tras a fé contra Amor sempre queyxosa,
 E avendo que o seu foy mal empregado
 A qualquer sujeição nega o cuydado.
Belisa livre, & seu conhecimento
 Dos effeytos de Amor a quem se nega
 Com seu honesto, & brando movimento
 A liberdade só a vida entrega;
 Mas não merece em fim merecimento
 Quem tambem neste gosto não navega,
 Tirando o preço às partes naturais,
 Que ande vir por Amor a valer mais.
Aulisa seu querer goza em receo
 Do que pode cortar nelle a ventura,
 Que nenhum grande bem tão certo veu
 Que fizesse a vontade estar segura;
 Mas goza neste bem, & neste enleo
 Estranhos bens de sua fermosura,
 De que viver pudera affas contente
 Se o Amor de Narciso se consente.
Dionisa em cujos olhos graciosos
 Amor faz ao desejo nova inveja,
 Tão lindos, tão senhores, tão fermosa,
 Que a alma por seus olhos os deseja,
 Tambem vive em suspiros saudosos
 D'algum bem que passou, & este qual seja
 Seus olhos o dirão com saudade,
 Se aquelles olhos taes falaõ verdade.
Morilia que o cabello crespo, & louro
 Mostra qual o Sol claro na alvorada,
 Vencendo nos cabellos a cor douro
 E no rosto de neve a cor rosada,
 Faça de seus cuydados vaõ thesouro,
 Se por Amor se pode esconder nada
 Neste lugar esconda os seus amores.

Que não he mais humilde nos louvores.

Muytas outras pastoras na montanha

Passavaõ a vida alli doce, & contente

Cada qual seus cuydados acompanha,

Cada qual segue hum gosto diferente:

Juntas em fim naquella terra estranha

Que escondeo la ventura a tanta gente

Estaõ as gentis graças que perderaõ.

As ribeyras do Lis aonde nascerãõ.

Levoume a sorte a terra taõ ditosa,

Porèm não era assim quem me levava

Aonde em companhia taõ fermosa.

Meu cuydado tambem me acompanhava:

De quanto a luz do Sol, & a vista gosa

Com os olhos, mas não livres, eu gozava,

Porèm ventura tal, vista taõ bella

Não se alcança senaõ para perdella.

Alli nos frescos matos escondido

Toquey a doce frauta aos pastores,

Aonde tambem cantara o velho Alcida

A brandura sem fim de seus amores.

Da senhora das outras era ouvido

Cujos olhos de tudo eraõ senhores,

Porèm a cantar delles não me atrevo

Sem que lhe roube o mais do que lhe devo.

Duroy como costuma esta alegria

Em quanto o permitio ventura ingrata

Porque já aquelle tempo parecia

Devida a sem razãõ com que me trata,

Deyxey a bella, & illustre companhia

Cujã lemb;ança a pena me dilata

Representando o gesto na memoria,

Mas pede a causa mais comprida historia.



COm o fim destas ontavas o deus Lereno a musica da sua I
lanfonha, & os Pastores à conversaçãõ da noyte, por-
que não eraõ taõ compridas, que soffressem durar muyto o

ferão entre Pastores , que aproveytao a madrugada , & depois de louvarem a sua cantiga com muyto espanto do velho , que lá em mocidade fóra celebrado naquellas aldeas. Repartidos cada hum a seu repouzo , Rifeo o escolheo , com o compa-
nheyro , que gastou a mayor parte da noyte , que ficava , em lhe preguntar novas do Mondego. Bem sabes , amigo Rifeo , (dizia elle) quanto a meu pesar , pelo que me faziao os engan-
os de Floricio , me apartey delle , desprezando a minha quietação por desejar a sua , procurando menos o credito a
minha verdade, que o fim a sua desconfiança, & para que aja este meu mal por bem empregado , dizeme como elle se ouve em seus amores, & Althea em suas esperanças ? Como estaó os Pastores , & Pastoras , que guardavao no valle , se respondem as novidades dos gados , & das terras a esperança de que ficarao vestidas quando me parti ? Floricio (disse o outro) vive sem ti , & sem contentamento , porque te perdeu por engano , & não por culpa. Althea por esta causa o aborrece , & suspira por tua companhia , todos os mais te desejaó , & eu que entre elles não tinha menos lugar , & razão , como tu conheces , mal cuydava acertar a calo esta ventura da que por esta ribeyra me trouxe , & dos mais te darey largas novas, que agora he tempo , que repouzes ; com isto deyxarao a pratica, que de todo os descuydava do sono , & Rifeo determinou ao outro dia partirse com Lereno , porque a verdadeyra amizade todos os respeytos affeyçoa a seu fim , & só a companhia de hum amigo faz esquecer a saudade de hum lugar quieto.

FLORESTA SEGUNDA.



O outro dia em que amanheceo mais fermoso o Sol sobre a verdura , que do puro orvalho da Aurora estava borrifada, levantados os Pastores tratou Rifeo com o do casal partir aquella manhã para a Aldea , pois além do interesse da companhia de Lereno lhe era forçado não dilatar o caminho , & posto , que o bom velho sentia muyto seu apartamento , como já o Pastor o tinha de longe determinado, custoulhe menos a licença, que pedia

pedia com as razoens do amigo , que o ajudava : feyta a despedida dos do casal, dadas as graças do gasalhado , tomaraõ os curroens , & o caminho ao longo das prayas do Tejo , & indo a vista delle por entre altas enzinhas , & loureyros , lhe disse Riteo , fiquey homem taõ affeyçoado as graças daquelle lugar de que cantaste , fóra o principal que já tinha ouvido das Pastoras que nelle habitaõ , que por extremo desejo , que vas por diante , se com isso o caminho te não for pezado. Fica tanto para diizer (replicou elle) que nem o dia , nem a jornada darà lugar a tudo, porèm da menor parte te direy alguma do que aconteceo hum dia depois que cheguey a aquella montanha, no qual com estas lindas Pastoras de que ouviste, fazia a senhora dellas huma peiscaria no Mondego, aonde com elle se encontra o rio Alva , & para isto em duas barcas toldadas de graciosa verdura , & floridos ramos , se embarcou em huma a fermosa cõpanhia daquelle Semidea , & na outra o seu Pastor , com muytos dos que o serviaõ , que para taõ saborosa recreaçãõ foraõ escolhidos ; foraõ deste modo navegando encostados a terra, à vista dos sombrios bosques , & fermosos valles , cheos de arvores , que com desigual altura , & diferentes ramas recolhiaõ os pintados passarinhos , que de huma , & outra parte do rio hiaõ cantando , ao som de muytos instrumentos , que nas barcas se tocavaõ. E porque esta doce melodia com a vista , & mover dos ramos , & o murmurio de alguns ribeyros , que alli entravaõ no Mondego , & os sobressaltos das Nayades , que habitavaõ as fontes daquelle ribeyra , occupavaõ a todos os sentidos ; passaraõ assim atè entrar na alpereza das altas , & fragosas penedias , que assombraõ o rio , aonde por ordem daquelle soberana Pastora , comecaraõ as outras acantar a esnaços, como a cada huma acontecia a terçaõ de seus cuydados , das quaes a primeyra comecou em quanto as outras detcançavaõ.

Cuydados desesperados

Não nos tenha mais ninguém,
Que he só meu tamanho bem.

Depois que sey quanto val
Hum mal de que me temia,
Por sua parte estou tal
Que não soffro companhia,
Nem mudança neste mal.
Os bens, & os gostos buscados
De quem os tem por seu fim
Delhos ventura debrados,
E só fiquem para mim
Cuydados desesperados.

Quem seus prazeres procura
Alanceos para perdellos,
Que eu tenho por mor ventura
Não nos ter, & merecellos,
Que ter o que ella assegura.

Se alguma cuydados tem,
E nelles desesperou
Sayba que a mim só convem.
Tornemos quem nos robou
Nãõ vos tenha mas ninguém
Que he taõ sofrego meu peyto
Desto mal que Amor me deu,
Vencido por meu direyto,
Que inda me parece meu
Qualquer mal d'outro respeyto,
Mas os finais que os meus tem
São glorias que nascem delles,
São gostos que não se vem,
Nem amor tem parte nelles
Que he só meu tamanho bem.

Atras esta cantiga, que de todos foy como merecia celebrada em competencia desta tenção della cantou Dionisa.

Tanto estimo meus cuydados,
Como quero a causa delles.

Entho souvey no meu peyto
Cuydados que amor me deu,
Guardo-os com tanto respeyto
Que para o tudo o que he meu
For lbe guardar seu direyto.
E por quem me foraõ duados
Tenho por taõ grande afronta
Ter outros mal empregados,
Que nem de mim faço conta
Tanto estimo meus cuydados.

O gosto, o desejo, a vida
Darey por nunca offendelos,
E he razãõ justa, & devida
Que antes eu fique perdida
Por elles que com perdellos.
Que se a vida me ficara
Para me matar sem elles
Eu por elles me matara
Porque nisto os estimara
Como quero a causa delles.

A esta cantiga, responderaõ os Pastores da sua barca, & ajudado dos bem tocados instrumentos cantou Franco.

De

de Francisco Rodrigues Lobo.

421

De inveja de meu cuydado

Me encontra nelle a ventura.

Minha alma que conhecia
De meus males o interesse,
O grande preço, & valia
Não quis que o corpo tivesse
Glorias, que ella merecia.
Mas o corpo magoado
Na vingança se desvella,
E com o que tinha alcançado
Anda por se apartar della
De inveja de meu cuydado.

Nas invejas deste bem,
Que nenhum delles alcança,
Contino se desavem,
E esta batalha que tem
Não tem nenhuma esperança.
Outrem contra elles pelleja,
Que em mim vitoria procura,
Que he cousa certa, & segura,
Que também de pura inveja
Me encontra nelle a ventura.

Logo da outra barca cantou Cimea, que ao rogo das Pastoras senão pode escusar.

Que esperança pôde ter,

Quem de tudo desespera.

De ter já muyto esperado
Canço, porque esperar cança;
E não tendo meu cuydado
Outro bem mais que este estado,
Nada ouero da esperança.
Destes desconcertos vem
A vida me aborrecer,
Porque quem nella não quer
Huma esperança que tem,
Que esperança pode ter.

Não posso negar que a tinha,
E nella o mayor perigo,
Mas de sorte usou comigo
Que não mostrou, que era minha,
Senão que era meu castigo.
Se outra agora me viera
Com receo deste damno,
Com mais vontade a perdera,
Porque estima o desengano,
Quem de tudo desespera.

Da outra barca cantou Almêno, que com a graça, & arde sua gentileza a dava dobrada à cantiga, que todos gabarão por estremo.

Ando perdido entre a gente

Nem morro, nem tenho vida.

Depois que ando transformado
Num cuydado que me obriga
A viver sempre enleado

Não posso achar quem mediga
Se sou perdido, ou ganhado.
Nem por fé se me consente

Dd iij

Que

Que sayba parte de mim,
 Quem me tem nega, & não mête
 Que depois que me perdi
 Ando perdido entre a gente.
 A alma que buscou lugar
 Que amor por seu fim lhe ordena
 Bem se queria empregar

Mas ficou presa no ar
 Aonde anima, & onde pena.
 Nem ganhada, nem perdida
 Posso della saber nada,
 Nem de mim, se alguém duvida
 Quem me da vida emprestada
 Nem morro, nem tenho vida.

Da outra parte cantou Alvifa posto que se valia de escutas para o não fazer, por estarem perto do fim do caminho, & antes, que elle se acabasse disse o seguinte.

Temo que a sorte desvie

O fim, que a fê me promete.

*Fora meu cuydadô izento
 Dos males que lhe procura
 Amor taô sem fundamento,
 Se com elle, & com ventura
 Valerã merecimento.
 E inda que razãõ condena
 Quem me diz, que desconfie,
 Quanto amor por ella ordena
 Em favor de minha pena,
 Temo que a sorte desvie.*

*Sigo a ley mais rigurosa
 De huma fé firme, & constante,
 Taô firme quaô perigosa,
 Mas o ser melhor amante
 Nunca fez mais venturosa.
 Tudo se arma contra mim,
 Em tudo a sorte se mete,
 E tudo leva a seu fim,
 Só por estorvarme a mim
 O fim, que a fê me promete.*

NEsta amorosa perfia sobiraõ o rio que por entre as serras se apressava, ou com medo dos ameaços de sua altura, ou por cubica de esprayar-se em crespas ondas nos largos areas, que adiante via. E chegando ao Alva estavaõ já os rusticos pescadores com as redes atravessadas no rio, armando ciladas aos peyxes innocentes para com a chegada das Pastoras os levantarem com a pressa, as quaes saltaraõ na praya taô fermosas, que bem era necessario amigo Rifeo, para quem as visse trazer os olhos mais contentes, & menos affeyçoados achorar; que te direy do trajo, & policia de suas roupas; do ar, desdem, & galantaria de seus toucados, da graça, & movimento dos passos, que davaõ pela area, se
 só em:

fô em a figura , & perfeição dos rostos avia tanto em que empregar os sentidos , que se podiaõ perder os de todos , em os olhos de cada huma. Começou em fim a pescaria , mas os rusticos , que a fazião , assim se delcuydaraõ de tudo por não tirarem os olhos dellas , que perderaõ o cuydado dos peyres , & afloxando-lhe as redes os soltavaõ , & com tudo isso se enlaçaraõ mais , se as Pastoras trouxeraõ os olhos nas redes , que esta era a prizaõ , que elles de sua vontade procuravaõ , & por esta razão buscavaõ o fundo das barcas , & não aguarida de suas colheyas. Os que vieraõ presos a praya , posto , que perderaõ a vida tiveraõ a morte bem festejada , saltando da area nas roupas das Ninfas , que ainda que contra ella lhe não valião , & era lugar aonde ficava vida por vontade. Logo se começaraõ muytos jogos , & cantigas , que durarãõ até que a tarde se acabou , & tornarãõ pelo rio abayxo com dobrada alegria , alli cantey eu o que entre os nossos Pastores costumava , & não o que atantos merecimentos se devia; fuy gabado, mas muyto mais razão tinha para o merecer, que pera o ser , pois a causa era taõ desigual ao meu ingenho , & elle tinha tantos louvores em que escolhesse. Com isto , & com a noyte se recolheraõ pelo valle acima com ramos verdes nas mãos , & fermosas flores envergonhadas entre os cabellos, porém fazme taõ grande saudade esta lembrança , & tanta mayor a magoa de perder a ventura , que alli tinha, que me não atrevo já a hir adiante. Por certo (disse o companheyro) que fô com a representação do que hias dizendo sentia na alma huma alegria taõ contente , que se havia a vontade nella como enleada , & bem folgara eu de ouvir o que tu alli cantaste, mas ainda terey outro tempo em que te não valha escusa; nesta pratica chegaraõ a huns penedos aonde batiaõ as ondas do Tejo , & decendo junto ao rio para a sombra de muytas arvores altas , que assombravaõ o lugar da penedia , viraõ que arrebetava nella huma fonte muyto copiosa de agoa, que mansamente , & sem ruido tomava o caminho por entre a area , & em hum seo que nella fazia a sombra de huma faya, estava hum Pastor, rustico ao parecer, no traje , & na figura , & cõ os olhos na agua estava imaginando, sem se lhe ouvir cou-

ia, que dissesse; mas tanto o elevavão as em que tinha o pensamento, que não via os Pastores, que já estavam com elle, os quaes tomando-o pelo cajado, sobre que estava inclinado, lhe differaõ: Tão empregado estás no que imaginas, que me parece, que te fazemos bem, em te despertar de algum sonho, que te deve representar a fantasia. Em verdade Pastores (disse o da fonte) bem sonho he o que eu imagino, pois passou como se o fora; porém se não quereis alguma cousa de mim, deyxayme nelle, que ainda nestas aguas busco, quem n'outras se escondeo com a minha liberdade: Os companheyros ouvindo isto, o quizerão deyxar na sua porfia; mas Rifeo lhe tornou, liberdade debayxo da agua só os peyxes a tem, & alcançalla com os olhos, não he mà pelcaria. Enganaste (disse o outro,) que tambem com os olhos me levãrão; & se esta minha teyma te parece delvario, mayor o será aconselhar a quem não conheces, vayte embora, & não me tires esta, que não quero nella companhia. Fazes bem (replicou Rifeo,) que nem a tua he muyto para cobiçar, ao menos na cura deste mal, que logo meu companheyro conheceo. Olhate de vagar nesta fonte, que ainda que o rosto não he para Narciso, o que elle fez cobiçoso de sua figura, faràs tu por desesperado. As razoens que eu tenho para o ser (respondeo elle) me ensinãrão o que farey; em tão to forão andãdo por diante, & sentados aonde có os pedredos se encobrião, ouvirão dalli a pouco espaço ao Pastor, que cantava este Soneto, ajudando o roido da fonte com o som do cajado, que nas pedras tocava.

I mportunos queyxumes se algum dia
 Cançará de me ouvir esta aspereza,
 Se a morte acabarà minha tristeza,
 Ou terá fim na vida esta porfia?
 Mas se a morte não vence a fantasia,
 Desesperado vivo nesta impieza;
 Porque nem o mal muda a natureza,
 Nem pode aver nos males alegria.
 Ah quem vira este fim que nunca alcança,
 Quem perdera esta vida que aborrece,

*Só para a ve na morte arrependida.
Porém izento estou desta esperança,
Que não pode doer perder a vida
A quem quanto mais vive, mais padece.*

CAntou o Pastor com tanta suavidade, & sentimento, que entristeceo aos dous companheyros, & magoados de quam mal o tratãrão, estavão em tornar atraz a remediar sua culpa. Mas a este tempo virão duas Pastoras, que a seus accentos acodirão, & achando-o defacordado sobre a relva, com a agua da fonte o despertãrão, & depois de tornar em seu acordo, levantando-o pelos braços, lhe disse huma dellas, que bem podia com os olhos dar novo espirito a quem o tivera para conhecer sua fermosura: he em ti taõ mal empregado qualquer mal, que aceytara grande parte desse só por te ver sem elle, a troco desta vontade, que por ser minha não dara fruyto, te rogo, que venhas em nossa companhia para a Aldea, aonde descanças, que nemo tempo, nem o teu cuydado he para este lugar. Ah fermola Pastora (disse elle) quem pudera pagar essa cortesia, com a liberdade, que me ficou nas mãos de huma ingrata, mas porque o eu não pareça a olhos taõ fermosos, guiayme para onde quiserdes, que perca a vida, & não ma deyxeis para mayores tormentos, que ferà crueldade, que nem de voffo parecer se espera, nem em mim achara já sofrimento. E se aqui vos manda a ventura para que detenhais o cutello, que minha desesperaçõ me poz na garganta, não sejais ministra de quem taõ mal paga serviços, contra quem desejar a vida para vos fazer muytos, se poder sustentalla não fora impossivel. Não faças taõ poderosa a tua tristeza, (respondeo ella) com as forças, que lhe das tirando a ti as esperanças de viver sem ella, & a mim de me ver paga deste desejo, vem comigo, & com esta Pastora, & depois ordenaras at eu parecer. Ouve em fim o Pastor de obedecer-lhe, & com ellas atravessou para o monte assaz quebrantado. Os dous caminhantes com muyto sentimento do que viraõ foraõ pela borda do valle caminhaõdo, & junto da noyte se recolherãõ em hũ lugar para a passar, q̃ muytas vezes offerece ropouso, quando

do o dia nega o descanso ; com a condiçãõ com que os males costumãõ dar alivio ao sofrimento.

FLORESTA TERCEYRA.

Meteome Amor em seu trato,
 Posme os seus gostos na praça,
 Quanto quiz me deu de graça,
 Mas he caro o seu barato.

Amor que quiz que tivesse	Entendeo que não sabia
Os males por seu querer,	A valia do interesse,
Deume nos bens que escolheffe,	Que eu delle entãõ pretendia,
Para que quando os perdesse	Preguntoume o que queria
Tivesse mais que perder.	Antes que nada me desse.
Depois que em minha esperança	Eu que não soube o que fiz,
Me vi contra o tempo ingrato	Quiz hum desprezo, & negava,
Viver livre de mudança	Quiz huns desdens senhoriz,
Por taõ grande confiança,	E por ser graça o que quiz
Meteome Amor em seu trato.	Quanto quiz me deu de graça:
Vi ex logo que convinha	Triste do que entãõ cuydava
Dar melhor conta do seu	Que era tudo o que ganhou
Do que dey da vida minba.	O mal com que se enganava,
Deyxey perder quanto tinha	E vendo a vontade escrava
Por guardar o que me deu.	Conhece o que lhe custou.
O desejo, & o temor,	Amor vende como avaro,
A fé, a vontade, a graça,	E faz seguro contrato
Tudo pus nas mãos d' Amor,	Com cautellas sem reparo,
Elle que he mais mercador	Vende o barato, & o caro,
Posme seus gostos na praça.	Mas he caro o seu barato.

Isto hiaõ cantando os dous companheyros ao outro dia antes de amanhecer ao longo das prayas do Tejo, & cada hum mostrava na sua voz tanta graça com a saudade da madrugada, que atè as areas surdas, & as arvores sem sentido, fiziaõ movimento com as mudanças da sua cantiga. Ah (disse Rifeo, acabada ella) como entristecem as alegrias a hum coraçãõ autente? E como he certo que amor senhorea todos

dos os passatempõs da vida, que maior o pudera eu ter agora, que a tua companhia, ouvirte cantar tão suavemente, ver como obrigaõ teus versos as coulas sem sentido, se os meus não andaraõ prezos ao pensamento, que me torna ao Mondego donde em penhor da alma, que deyxey, só esta saudade veyo comigo. Tudo (respondeo o outro) esta na mão de Amor, não ha vida sem elle, posto que a que dà seja trabalhosa, nem ha bem que delle não naça, nem mal que com ter passado a sua conta não fique leve ao padecer; & pois te queyxas dos teus, & ha tanto, que me escondes a causa delles, & queres que alcance com a suspeyta o que te merecia, por confiança, & amizade, queyxarme hey de ti. Tenho eu nella tanta fé (respondeo Rifeo) que ainda que este segredo fora de mayor perigo to descobrira, mas o não ser arriscado em o publicar não tira fello em o sentimento. Saberas amigo Lereno, que aquelle dia das festas de Diana, quando contigo me acheyno valle dos amores, foy o primeyro em que Amor tomou vingança de minhas liberdades, vendo a fermosa Sylvia, a quem o Ceo fez em tudo tão acabada, que se lhe deu o parecer Divino não quiz que a voz parecesse humana, nem o entendimento, sujeyto a nosso juizo; & porque comecey a provar o senhorio desta affeyção, quando ella da causa tomava mayores forças, busquey logo meyo para mostrar com a lingua o coração, & como ambos temião igualmente, o seu merecimento, & o seu juizo, vencia sempre o receyo a ousadia, até que ella me deu em huma tarde, em que eu contava a Belisa queyxumes de huma affeyção secreta, & entre alguns suspiros, em que me queyxava de meus cuydados, como se não tivera adiante a causa delle, dizia muytas palavras magoadas de minha pena, culpando a quem me matava, não querer conhecer em os meus olhos o mal que me fazia, esperando, que além de o sustentar, o descobrisse. Ou fosse, que o quiz então a ventura, ou que eu a tinha sem saber della, que disse Sylvia, que em extremo desejava conhecer meus pensamentos, & perguntoume, lhe dissesse a quem queria bem, não crendo os meus olhos, que o mostravão, & como os tinha nella, & em huma coroa de boninas do monte, que a fazia mais fermosa, ensina-

do

do de Amor, lhe perguntey o nome de humas boninas brancas, que melhor entre as outras parecião. E respondendo ella, que erão bem me queres, lhe disse : Se tu Sylvia conheces essa verdade, & entendes a minha affeyção, para que esperas, que com testemunhas suspeytas a publique, & se as que são mudas confessaõ diante teus olhos o que te quero, não sejas ingrata. A isto me respondeo ella, & não tão isenta, que me tirasse as esperanças, com que comecey a me declarar em seus amores, alcançando por fruto delles o com que pudera viver satisfeyto de minha estrella, mas esta com força da ausencia atalhou a gloria, que possuhia de minha affeyção; vivirey no Tejo com as faudades, receyos, & desconfianças de hum ausente, até que o tempo acabe este desterro. Festejo muyto (disse o amigo) ja que em fim havias de ser sujeyto ao senhorio de Amor, teres nelle ventura tão envejada, & pelo que importa conservar estado tão ditoso, faze que Amor te não ache descuydado nas ribeyras do Tejo. Não me consentia descanço (tornou elle) a saudade de minha Pastora, ainda que a sua firmeza me possa fazer seguro de mudanças. Nestas palavras chegãrão à vista de huma Aldea, que està perto do Tejo, & pouco desviados do caminho virão, que sobre huns penedos à sombra de humas altas amendoeyras cantavaõ duas Pastoras de arrazoado parecer ao som de huma frauta, que hum velho tangia, o qual tocava com muyta graça, & dous Pastores com as mãos na face, encoitados sobre a do penedo as ouvião. Pareceo aos companheyros, que era o canto digno de lhe impedir o caminho, & sentados defronte, lhe ouvirão esta cantiga.

Quiz bem quando não saiba,

E agora que sey querer

Mal quero a quem bem me quer.

Tive singella affeyção,
Leal, & firme amizade,
Depois que apuz na vontade
Nunca vi mais a razão:
Tudo me parece vão,
E só firme meu querer

Mal quero a quem bem me quer.

Quem outros cuydados tem

Pode imaginar que seja

Querer mal de pura enveja

A quem sabe querer hem,

Não me tenba Amor ninguem

Para

Para obrigar meu querer,
 Que aborreço a quem me quer;
 Mulher não sabe respeyto
 Mais que amar aonde se inclina;
 Quem lhe poem ley desatina

Que aninguem guarda direyto.
 Depois que entrou no meu peyto;
 Depois que soube querer,
 Mal quero a quem bem me quer.

Depois que os Pastores do penedo ouvirão a cantiga que ellas cantarão, melhor do que ufavão com quem as lervia, pedirão ao velho, que fosse com a musica da frauta por diante, & elles começarão a cantar não menos concertados.

Coração, olha o que queres

Que mulheres, são mulheres

Tão tirana, & desigual
 Sustenta sempre a vontade,
 Que a quem lhes quer de verdade
 Confessão que querem mal.
 Se Amor para ellas não val,
 Coração olha o que queres
 Que mulheres, são mulheres:
 Se alguma tem affeyção
 Ha de ser a quem lha nega,
 Porque nenhuma se entrega
 Fora desta condição,

Não lhe queyras coração,
 E se não olha o que queres
 Que mulheres são mulheres.
 São taes que he melhor partido
 Para obrigallas, & tellas
 Hir sempre fugindo dellas
 Que andar por ellas perdido.
 E pois o tens conhecido
 Coração, que mais lhe queres?
 Que em fim todas são mulheres.

OS dous companheyros a quem não pareceo mal a musica, nem a contenda, vendo-a de ambas as partes tão travada, chegarão a elles. Por certo lindas Pastoras (disse Rifeo,) que errais em desacreditar o vosso parecer, com huma tão injusta sem razão, fazendo com ella, que cstes Pastores cayão no mesmo engano. Meu companheyro, & eu, estivemos ouvindo a vossa porfia, & não podemos dissimular este queyxume, por vida vossa, que nos livreis delle, & confesseis, que não approvais agora o que cantastes. Bofé (disse huma dellas que parecia de menos idade,) que vos deve ir pouco em a nossa determinação, & foy erro desviarvos do vosso caminho para nos metter no de Amor, se sois dos seus vencidos, nenhum
 dellas.

delles soube já mais dar conselho a outro ; & assim por todas as razões he o vóllo escusado. A minha tenção, fermosa, & desagradecida Pastora (disse Rifeo) não era aconselharvos em favor destas Pastoras, nem abrandarvos, para que fizesseis algum, era só compayxão do enganoso estado , em que sustentais a vida ; porém arrependome, & digo, que a passeis à vossa vontade, que não faltará quem vingue della a elles Pastores, se os tratais mal, que nunca al vimos senão estas esquivaças quebrarem em Amor, quando nem ha quem lance mão delle. Então fallou o velho, que até alli os ouvia, & pediu aos dous amigos, que se assentassem, o que elles fizerão pelo ouvir. Nenhuma cousa há mais certa na mocidade (disse o velho,) que enganos, assim como tambem na velhice he o mayor ganho a experiencia delles. Estas Pastoras porque a não tem, fiadas na gentileza de seu parecer, & no desaslocego de que as ama, tudo engeytão. Os Pastores da mesma idade, levados de seu desejo affeyçoado, não sofrem esperanças, nem obedecem ao tempo, & qualquer que tarda a seu appetite, dispendem em o dar a conhecer a todo o mundo, ellas por altivas vem a fazer-se ingratas, elles por desaslocegados importunos ; assim que de nenhuma parte se póde atalhar o damno. A idade quanto mais sóbe descobre mais; namorado fuy eu nesta ribeyra, & eraõ taõ bem cantados os meus amores, & tal fim houve nelles, qual era o saber com que os grangeava, vim a perder a minha Aldea, & a quietação da vida, & por fim de tudo, perdi a que queria, & ella buscou outro Pastor, que em pouco tempo lhe encontrou a vida, que me tinha tirada; vi depois tanto de que aprender, que pudera amar de novo só por vingança. Esta Pastora que vos respondeo chama-se Daricia, & melhor lhe está o nome, que a fermosura; he affás discreta, mas nunca foy avizada dos casos de amor: tevelho nesta ribeyra muyto grande hum Pastor, a que chamavão Mendino, montanhez no traje, & no parecer, mas no entendimento nenhum dos da Villa lhe fazia ventagem, & não lhe faltava gado com que vivesse, como lhe faltou ventura para a obrigar: Em pouco tempo poz ella em estado suas esperanças, & quasi só juizo se partio deste lugar, não sabemos para onde, despedindo-se della em hum
fonte,

fonte , aonde ainda agora entre as suas lagrimas estão escritas estas palavras.

*Ingrata , & tão cruel quanto formosa
Ficcate embora , & guarde da ventura,
Que huma alma tão cruel, tão rigurosa,
Da terra , nem do Ceo vive segura.
Eu vou morrer , por ti , tu vive , & goza
De tua condição perversa , & dura
Atè que vença amor tua esquivaça,
E eu tendo meu mal noutra vingança*

Tão contente ficou deste successo, como quem tinha por gloria fazer males, accrescentando cada hora mais em sua dureza, & pelo que sey de amor , & quero a ella , que a críey, pezame de ver a sua liberdade tão isenta. Vós Pastores estrangeyros não estranheis a aspereza da resposta, conhecendo o uso de sua condição. Esta (disse Lereno) a ella fará o mayor damno : que a nós já foy proveytosa, pois della nasce experimentarmos a tua cortezia , bem digna da authoridade dessas cans , & porque pelos sinacs daquelle Pastor imagino , que o encontramos neste caminho , te peço , que mos des da figura do rosto. O velho lhos disse , & conhecendo , que sem duvida era aquelle, lhe contou o que a Rifeo acontecera com elle, quando se estava vendo sobre a fonte , de que Durícia nenhum pezar mostrou, antes festejava a sua doudice; porém a outra, que Minarda se chamava, não pode dissimular o sentimento daquella nova, mostrando com algumas lagrimas, que tinha parte na desgraça de Mendino , a quem amava de verdade. Com isto se despediraõ os dous caminhantes; mas o velho com os da sua companhia , lhe pediraõ , que passassem alli a festa , & depois iriaõ juntos atè o lugar , & pedir dolhe as Pastoras, que cantassem, Lereno ao som da Lyra de Rifeo o fez desta maneyra.

ROMANCE.

DE cima deste penedo
 Aonde combatendo as ondas
 Mostraõ sempre mais segura
 A firmeza desta rocha;
 Com os olhos tras de hum barco,
 Que o vento leva por força.
 Vendo que tem força o vento
 Para atalhar muytas obras,
 Me representa a ventura
 Quaõ pouco contra ella monta
 Firmeza, vontade, & fé,
 Desejo, esperança, & forças:
 Por hum mar taõ sem caminho,
 Morada taõ perigosa,
 Para as mudanças do tempo
 Dando sempre a vella toda,
 O leme na mão de hum cego,
 Que quando vay vento a popa
 Da sempre em bayxos de areia
 Aonde em vivas pedras toca,
 Que farey para valerme?
 Pois a terra venturosa
 Aonde aspira meu desejo
 He cabo que não se dobra.
 Se quero voltar ao porto
 Não ha vento para a volta;

Em fim, que o fim da jornada
 He dar no fundo, ou na costa,
 Pensamentos, & esperanças
 Fulgay quanto melhor fora
 Não vos ter para perdervos
 Que sustentarvos agora.
 Pois não custa tanto a pena
 Como doe perder a gloria;
 E he mais sustentar cuydados
 Do que he conquistar vitorias.
 Só males são verdadeyros,
 Porque os bens todos são sombras,
 Representadas na terra
 Que abarcadas não se tomaõ
 Mar empeçado, & revolto
 Navegação perigosa,
 Porto que nunca se alcança,
 Agoa que sempre çoçobrar,
 Estreytos não navegados,
 Bayxos, ilhas, sirtes, rocas,
 Sereas que em meus ouvidos
 Sempre achastes livres portas,
 A Deos que aqui lanço ferro,
 E por mais que o vento corra
 Para saber da ventura
 Não quero fazer mais provas

T Ambem pareceo aos da companhia o que Lereno can-
 tãra, que a Daricia lhe pezou de responder tão isenta ao
 companheyro, & para remediar o aggravo passado, lhes disse
 a elles. Agora me pareceo melhor que nunca a liberdade em
 que vivo, porque he acerto poupar a vontade, & o juizo para
 o tempo em que te deseja livre, quem haverã, que não estime
 ouvir cantar a este estrangeyro, sem que outra sujeyção delv
 este

este bem? E quem não quererá mal a Amor, & a ventura de quem elle se queyxa? E por que este seu companheyro não deve ter menor merecimento, desejo, que queyra de meu erro alguma justa satisfação. Nunca (disse Rifeo) deyxey de estimar aggravos de Pastoras tão fermosas, que como naldi para as servir, tenho suas offensas por vanglorias; da razão destes Pastores nasce a minha; & se nesta póde haver satisfação, eu me dou por contente com vos lembrades de quem se esqueceo de si por vossos amores, porque em outros não conheçais à vossa custa o mal, que he sofrer hum defamor mal merecido. Póde ser (respondeo ella,) que o mal proprio me fará ter compayxão dos alheyos. Atraz disto se levantãrão todos para a Aldea, & os dous Pastores passárão adiante, deyxando na despedida magoados os da companhia, que nenhuma cousa faz mayor o desejo da outra, que a brevidade do tempo que dura.

FLORESTA QUARTA.



CHEGARAM os dous companheyros a hum porto do Tejo, aonde já envolto com as aguas do Oceano, combate com furiosas ondas as areas, & penedias, que de ambas as partes o vão cercando, afentados na praya contemplavão a differença de seu nascimento, vendo a que todas as cousas, o mayor poder fazia mais temerosas, como aquelle rio, que com as aguas de tantos, se enriquecèra; & não tardou muyto, que virão em huma pequena barca hum pescador, levando as redes, que entre o furioso som das ondas vinha cantando, fizerãolhe elles final da borda da agua, pedindolhe, que aportasse nella; o que elle fez dahi a pouco espaço, & saudando-o, lhe disse Lereno: Assim o Ceo te dê ventura sobre as aguas, & nellas os ventos, & peyxes te favoreção, se vãs para o fim do Tejo, nos queyras levar em tua companhia. Isso farey eu de boa vontade (disse o Pescador) se a vós não tendes de ir com muyta pressa, porque a minha barca he pequena, a vela rota, & eu só, & vencido já do trabalho dos remos, & não

Ee

poderey

pôdery chegar tão brevemente como as outras, que continuão esta viagem; & sobre tudo vou pescando. Esse encargo (tornou elle) he de mais gosto, & pelo de tua companhia, (que deve ser a vontade com que a offereces) se podião acceytar outras condiçoens mais pezadas. A estas palavras chegou o pescador à borda da area, & entrando os Pastores, os agazalhou com o rosto cheyo de alegria, na sua barca, em que os já cativos peyxes andavaõ saltando, & com a véla ao vento, forão o rio abayxo, até o dobrar de hum cabo, aonde as aguas andavaõ mais empoladas, & revoltas, & temendo os Pastores pelo descostume da navegação, aquelle passo, imaginando nelle hum grande perigo, perguntarão ao pescador a razão, porque alli andava o mar tão differente, ao que elle respondeo. Neste lugar, que em outro tempo, foy o que as Ninfas do Tejo escolhião para sua morada, os Faunos para seus roubos, & os pescadores para descanso de sua navegação, quando com as faiscas do ouro das altas ferras, se esmaltava esta praya, quando só nella os ventos enfreavão sua furia, & os passaros cantavão docemente destes penedos, morava nesta ribeyra o pescador Palomo, que do interesse de huma barca pobre se sustentava; mas como nem este estado he seguro da ventura, nem amor o respeyta, huma Ninfa, que Dinopea se chamava, que do alto sangue de Neptuno descendia; veyo a empregar nelle sua affeyção, de maneyra, que huma hora lhe não dava descanso seu cuydado, tem que fosse nos seus olhos. Aqui o buscava, & servia, com elle levantava as redes, & passava a sesta entre estes penedos, & como tão grande bem não pode durar muyto sem envejas, Izo filho de Eolo, senhor dos ventos, ~~para~~ a namorava, desenganado já da vontade da Ninfa, veyo a desconfianças tão desesperadas com a gloria do pescador, que ajudado das forças de seu Pay, com a sua barca o afogou entre as ondas, sem que a fermosa Ninfa lhe pudesse valer, a qual vendo a desestrada sorte de Palemo, depois de grandes sentimentos de lagrimas em sua morte, alcançou dos fadus, que fosse neste cabo convertido, aonde Eolo perpetuamente o combatesse, sem vencer em nenhum tempo sua firmeza, & porque entre os pescadores deste rio he a sua

historia,

historia, muyto sabida, & celebrada, & cantão muitas vezes o triste successo do sem ventura Palemo, para que fintaís menos o caminho, quero ir cantando huns versos de seus amores: & porque já a este tempo tinham passado o perigo do cabo, & deyxavão atraz as crespas ondas branquejando, inclinados sobre o bordo, o pescador, regendo o leme, começou a cantar desta maneyra.

C Olhando ruyvas conchas d'entre a areia.
Aonde o Sol mostra estrellas prateadas
Andava a bella Ninfa Dinopoa,
E as ondas de seus olhos namoradas,
Para tocarlhe os pés sobem depressa
Porcima dos penedos encrespadas.
De inveja o brando vento se atravessa,
E as finas tranças d'ouro derramando
Lhe vay roubando os laços da cabeça.
O Sol, que de mais alto fica olhando
Do caminho que faz tambem se esquece
E as conchinhas azuis lhe está mostrando.
O mar, o Sol, o vento se adormece
Em quanto move a voz ao doce canto,
Que mais que encantamento lhe parece.
Palemo diz para que tardas tanto,
Se só para te achar neste penedo
Do cristal destas ondas me alevanto?
Para me ver o Sol se ergueo mais cedo,
E por mover Favonio os meus cabellos
Deyxou as verdes ramas do arvoredo.
Os Delfins namorados para vellos
Andão saltando a praya alegremente,
E vão de inveja os Faunos por prendellos:
Tu te mostras Palemo diferente,
Tu despresas o amor que te offereço,
De quem o mesmo amor fora contente.
Com só nos teus olhos não pareço
Dina de sujeitar hum coração

Indino de outro meu que te offereço,
 Ingrato pescador que chamo em vão
 Obrigado das forças da ventura
 A huma cega, injusta sugeyção.
 Olha a desigualdade deste emprego;
 Tu pobre pescador, vil' despersado,
 Tu, senhor de huma barca, eu deste peço.
 Eu filha de Tritam no mar sagrado
 Feyta escrava por ti de meu desejo,
 Tu tyrano senhor de meu cuydado.
 Tu queymado do Sol, que doura o Tejo,
 Dos ventos, das areas offendido,
 Que engano he este meu com que te vejo?
 O cabello empeçado, negro, erguido,
 As mãos das redes, e agoas encrespadas
 De burel grosso e corpo mal vestido.
 Eu inveja das Ninfas mais gabadas
 Não sey o que te ashey nessa figura,
 Que inda dou de vontade estas passadas.
 Porém não nasce amor da fermosura,
 Nace de hum parecer que não se entende,
 Que foy engano em mim, e em ti ventura.
 Quem te detem Palemo? Quem me offende?
 Vem a deytar as redes nesta praya,
 Que já o sol jem rayos nella estende,
 Antes que a sua luz com força caya,
 Nesta enseada, está fermoso lanço
 Onde a agoa de quieta não se esprayo
 Os peyxes chamarey deste vemanso,
 Tiraras logo as redes carregadas,
 Repousaras a sesta com descanço.
 As lapas, que no fundo estão guardadas
 Ouvindo a minha voz ficaraõ logo
 Dos moradores seus desemparedas:
 Tu desprezas Palemo só meu rogo,
 Os peyxes lhe obedecem, tu mais frio,
 E em nas agoas por ty me abraza em fogo.

*Senão vens por amor, por senhorio
Vem a ver esta Ninfa que desprezas,
Seras senhor dos peyxes deste rio:
Por mim traras, Palemo, as ondas presas,
Por mim sogeytaras o vento esquivo,
E mais livre seras do que te prezas.
Ah deshumano, ingrato, fugitivo,
Onde estas? que não vens, que não respondes?
Alguma sogeyção te tem cativo,
Tras de alguém corres, pois de mi te escondes.*

Parecia tão bem a voz do pescador, ainda que rouca com o som das ondas, que quebravão na barca, & o zuni-do do vento movendo a véla, & fazia isto tão fermoço a vista dos jardins, fontes, & edificios, que de ambas as partes cercavão o rio, que os dous Pastores não sabião em qual dos sentidos se empregassem com mais affeição; mas depois que o pescador acabou a Elegia, & elles de lhe dar os louvores devidos, chegarão a huma enseada, já perto da Aldea, para a qual descia hum caminho do monte, que ao longe se mostrava cheyo de arvoredos, & verdura, em que a arte com as graças da natureza se esmerára; alli pedirão ao da barca os companheyros, que os puzesse em terra, offerecedolhe além da fatisção do trabalho hũa boa amizade para de algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muyta laudade de sua companhia, & seguindo o seu caminho, tomárão por junto de huma cerca, entres huns alamos enlaçados de verdes parreyras, até chegarem a huma fonte, q̄ sahia das ventas de hum Cavallo de marmore, & dividindo-se em dous ribeyros, hia regando hũ artificioso jardim de varias flores, & ervas cheyrosas, onde estava hum Pastor ao pé de hum freyxo, coroadado de folhas de era, & louro, tangendo huma Lyra, com huma meada de cabellos diante dos olhos, como que nelles tinha a letra que cantava, & dizia desta maneyra.

L Embrança saudosa,
 Charo penhor de minha liberdade,
 Que com tanta razão ficou cativa,
 Lembrayvos da dourada nossa idade
 Taõ breve, & taõ ditosa;
 Se desejais que nesta idade viva,
 Porque se o mal se aviva
 Na memoria dos bons, que já passarão
 Em vos se salva a pena que sustento,
 Que se nesta dureza,
 Que os males me ordenarão.
 Também me hade vencer o sentimento,
 Sem nunca alcançar fim minha tristeza,
 He merce bem pequena
 Mostrarme o bem para deyxarme a pena,
 Mostray a meu cuydado
 Passadas alegrias, que algum tempo
 Me deu de amor huma enganosa estrella,
 Dayme a perda dos bens por passatempo,
 Se no que he já passado
 Não vente a gloria a magoa de perdella,
 Ah Natércia, mais bella
 Do que cruel, inda que o foste tanto,
 Tudo como esquecida desprezaste
 Por quem de ti se esquece,
 E não te lembra quanto
 Neste lugar comigo já passaste;
 Como de hum caso alheo que acontece;
 Triste quaõ pouco dura
 Firmeza de molher, sombra, & ventura.
 Não temes, que te acuse
 Este bosque, este freyxo, que inda agora
 Sustenta as verdes ramas, que entaõ tevez
 Quem avera falsissima pastora
 No mundo que te escuse
 De huma mudança taõ injusta, & leve?

De Francisco Rodniguês Lobo.

439

Cuydas, que não se deve
Credito algum as insensiveis plantas?
Que tu por testemunhas escolheste
Fã quando me enganavas.
Se nisso te alevantas
Lembrarte deve ao menos que me deste
Posse das armas com que me matavas:
Digaõ-no estes cabellos,
Que ainda que te eu perdi não sey perdellos.

Junto deste ribeyro

Reclinada a cabeça no teu braço
Huma tarde me lembra, que mos deste,
Não me era amor entãõ de bens escaço;
Que cos braços primeyro
Que com ella este colo me prendeste:
Este engano teceste,
E se podera ser viver contente,
Delle por teu querer me contentara;
E fora satisfeyto,
Mas a sorte consente,
Que para meu quever foy sempre avara;
Que até nelles perdesse este direyto
Com quanto manda amor,
Que fique pela divida o penhor.

Cabellos d'ouro fino

Tecidos pela mão que vos cortou,
E enriqueceo de bens esta alma minha,
Esqueceyvos de quem ca vos deyxou
Seguindo hum desatino
Com quem noutrem buscou quanto em vos tinha;
E se eu por vos sustinha
Tãgora neste mal huma esperança,
Que em vossas seguranças me prendeo,
Secou sua verdura
Numa leve mudança,
Com que quem vos cortou vos esqueceo,
Que em fim não pode aver cousa segura,

E fez tal tyrania

Por não pagar-me a fé, que me devia

Canção vayte a ventura,

E dize a occasião destes cabellos,

Que a quem os corta não lhe da perdellos.

C Onhecêrão logo os Pastores a este, que era Pavanio; amigo de ambos, & celebrado de todos naquellas ribeyras, pelas partes de seu entendimento, gentileza, & condição, que a Pastora Natercia senhoreára dous annos, & no fim (esquecida do que nestes lhe merecia) veyo a trocallo por Melineo, que primeyro a servira; porque a principal affecção sua era mudança: & antes que os dous Pastores chegassem a elle, muytos outros, que pelo valle andavão, se ajuntarão naquelle lugar, mas Pavanio vendo os estrangeyros os levou nos braços, & sentados entre os outros, dandolhe todos as graças de quam bem cantára, disse. Posto que eu não queria tantas testemunhas para meus queyxumes, não estranho convidarem-se muytos a elles, & a favorecellos, pois o que não devem à graça de meu cantar, merece a verdade da minha cantiga, que toca a tantos; & pois em cantando comecey a fallar em mudanças, bem será que alguém siga esta empreza com melhores palavras, que nas razoens a ninguem quiz Natercia, que eu désse a ventagem; & se Lereno me não pareçera, que vem cançado, oufára a rogarlhe, que à minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno,) que o não fizera eu com boa vontade, aindaque a tenho de te obedecer em tudo, porque mal saberà fallar em mudanças quem em si as não experimentou, nem tem mayor queyxume, que não fazer alguma sua ventura. Espantome (tornou Pavanio) de haver ventura constante, por mudavel a ouvi sempre nomear, & dizer, que porisso teve o nome de mulher, salvo se por sustentarem huma semrazão, muda a natureza, como ellas o fazem muytas vezes. Não me parece mal (disse Corinto) pois entramos em fallar de mudanças, buscarlhe o principio, como em todas as cousas de que se trata he costume, & pergunto. Donde nasce a mudança nas mulheres? Donde, não sey eu (respondeo

pondeo Pavano,) mas que he a primeyra coufa, que nasce com ellas, & para que ellas nascem, isto fim. O meu parecer he (disse Umbrano) que nasce de o seu querer não ter sossego, donde cada hora approvão, & condemnão huma mesma affeyção, & nenhuma coufa nellas he mais certa, que esta variedade, pela qual razão devia hum homem estimar dellas tanto os favores como as esquivanças. Eu d'ante mão (disse Rifeo) me dou por suspeyto, porque hey de fallar em favor de huma mudança, que em o meu se fez ha pouco tempo, & pareceme que nasce em as Pastoras de não acharem em nenhum Pastor seguro o emprego de sua affeyção, & variando (para na elcolha melhorarem a sorte) tanto às vezes se mudão, que encontrão quem merece servillas. A fé (disse Pavano,) que foy desgraça não te ouvir alguma, quicais te valera esta razão, mas ella me descobrio outra, que deve ser a verdadeyra; que como a firmeza he huma virtude varonil, & hum bem fundado no entendimento, não pôdem mulheres sustentallo, como incapazes de perfeição; & tanto he assim, que quanto mais merece quem as serve, tanto menos alcança de sua fé, que como Lobas escolhem sempre o peyor, & por esta razão achão às vezes o que merecem. Fallas (disserão elles) como te ensina a payxão; antes te digo, que como ellas me ensinãrão [tornou elle] porèm nisto sou suspeyto por huma parte, & Rifeo por outra, mudemos o proposito. Não me pezarà (disse Lereno) ver o fim a este, mas pergunto a que tempo tem hum homem desculpa de se mudar em os amores de huma mulher, & porque eausas? Eu digo (respondeo Pavano,) que a todo o tempo, & a causa he saber, que o não hão ellas de escolher para se mudarem, mais que como as guiar o appetite. Se a firmeza como tu disseste (replicou Umbrano) he virtude de varão, em nenhum tempo deve hum homem fazer mudança, senão quando sentir huma mulher affeyçoada a outrem, que então por não ir contra a ley da natureza, que he buscar Amor forçado em vontade alhea, pudera mudar-se. Ainda assim (disse Rifeo) o não desobriga a razão, & só a terá para se mudar quando depois de huma mulher o amar muyto tempo o deyxá por outrem, a quem ella antes tinha deyxado,

deyxado, por não conquistar de novo com poucas esperanças o que outro tempo possuía sem receyo, & trocar o estado cō quem lhe teve já enveja. Por essa razão (respondeo Corinto,) & he de Pavanio, se hum Pastor não espera, mais que ser querido, o certo he, nunca fazer mudança, que ellas farão tantas, até que venhão a seu querer; mas atalhemos estas razoens, que vem para nós Mirtea, & Florisa, as quaes não merecem esta culpa, antes muytos louvores, & ferà bem, que os cantemos, para que Florisa alivie o sentimento da pouca ventura, que tem suas esperanças. A este tempo chegarão as Pastoras, & porque Florisa trazia os olhos aggravados, em final que chorara, & elles erão verdes, & tão fermosos, que se lhe fazia o aggravado mayor, logo entre os Pastores se murmurou a causa, & por atalharem o tratar nella, tomou Lereno a sanfona, & pedindo a ellas a licença, cantou huma glosa, que todos ouvirão com muyta attenção.

<i>Claros olhos que mostrais</i>	<i>Offensas que a Amor fazeis,</i>
<i>Não he justo que as pagueis,</i>	<i>Por isso vos aggravais?</i>
<i>Dessa luz, fermosa, & pura</i>	<i>Que as lagrimas que verteis</i>
<i>Amor vencido cegou,</i>	<i>São [se por elle as chorastes)</i>
<i>E a razão ficou escura,</i>	<i>Offensas que a amor fazeis.</i>
<i>E até a mesma ventura</i>	<i>Vos mostrais luz poderosa,</i>
<i>Fogio quando vos olhou.</i>	<i>E a vista nossa fraqueza</i>
<i>Com inveja, & com temor</i>	<i>Que he com razão venturosa</i>
<i>Não parecem amde estais;</i>	<i>Se quando se perde goza</i>
<i>Com temor, porque cegais,</i>	<i>A gloria dessa belleza.</i>
<i>Com inveja dessa cor</i>	<i>As que deste engano cheas</i>
<i>Claros olhos, que mostrais.</i>	<i>Vão provar quanto podeis,</i>
<i>A ventura que não cança</i>	<i>Send'o taes, não nis culpeis,</i>
<i>De vo mostrar quanto possa,</i>	<i>Mas tambem culpas alheas</i>
<i>Mostra em quanto vos alcança</i>	<i>Não he justo que as pagueis.</i>
<i>Que só a vossa esperança</i>	<i>Quom vervos busca, & pretende</i>
<i>Era bem que fosse a vossa.</i>	<i>Sem respeitar mais, porque</i>
<i>Se d'outra vos agravastes</i>	<i>He final que vos entenda</i>
<i>Bellos olhos não choreis,</i>	<i>Mais erra, & mais vos offende</i>
	<i>Aquelle</i>

Aquelle que vos não ve,
E se podem conhecer
Os meus dos vossos finais

Bem entendidos estais,
Porque vos não sabem ver
Por isso vos aggravais.

P Or extremo gavãrão todos a cantiga, & bem quizerão, que se não acabara tão depressa; porém o merecimento de Mirtea não dava lugar a dilatar-se o que a seus louvores se devia. E porque já os seus olhos, que erão da cor do Ceo, & desta os mais fermosos, tinham razão de estar aggravados; disse Umbrano ao Pastor que cantara, que pois a lanfona parecia tão bem na sua mão, que nenhum da companhia se atrevia a tomalla, que lhe pedia pelos livrar a todos desta afronta, que louvasse os olhos de Florisa; ao que elle respondeo, aindaque eu tenho por grande afronta, a que faço a taes olhos, em os louvar, & muyto mayor a vossas partes, em ter essa confiança, he o interesse tanto mais poderoso, que me não sey negar; & tornando a tocar o instrumento disse o seguinte.

*Olhos com que Amor venceo
Coraçoens em justa guerra,
Quem vos vê morre na terra,
Por sobir ao vosso Ceo.*

*Quem avera taõ perdido,
Estrellas nunca entendidas,
Que queyra melhor partido
Que ser dessa luz vencido,
E dar a preço mil vidas.
Quando amor me combateo
Vos só podereis tirarmas.
Nem sey quem se defendeo
Sabendo que ereis as armas,
Olhos, com que Amor venceo.
Vos sois a força, & castello
Donde Amor ao mundo offende,
Vos só fazeis conhecello,
Vos só podereis vencello,
A vos se humilha, & se rende*

*Em vos seu poder se encerra,
E de vossos rayos faz
As setas, com que não erra
Almas em tyrana paz,
Coraçoens em justa guerra.
A cor que do Ceo tomais
Aonde escuro o Sol se por,
Taõ fermosa lha mostrais
Que se aclara, & move mais
Quando se hade ver em vos;
Se sabis a fazer guerra
Quando o rayo poderoso
Por mão de Amor se abre, & cerra,
Vendo hum Ceo q he taõ fermoso,
Quem vos ve morre na terra.*

Mas

Mas que morte desigual,
 Ou que vida tão ditosa,
 Ha que apreço de outro mal
 Possa gozar gloria tal
 Qual em vossos olhos goza:

Se este bem se concedeo
 A humano merecimento,
 Qual ha que não pretendeo
 Ter na terra esse tormento,
 Por sobir ao vosso Ceo?

Não deu o dia lugar a que a musica fosse adiante com os louvores de Lereno; levantarão-se os Pastores a recolher o gado, & elle se apartou de Rifeo até o outro dia. E foy com Pavanio até à sua cabana, aonde ficou por hospede, tão contente da companhia de tal amigo, que o ficara de sua ventura se Amor lhe não tivera em outra parte a liberdade, q̄ sem esta não póde algum bem da vida dar contentamento

FLORESTA QUINTA.



ASSAVA Lereno os dias em a conversação dos Pastores, bem recebido entre elles, & estimado das ferranas da montanha, mimoso de Pavanio; porém nunca esquecido de seus cuydados, dava a estes muytas horas de lembrança, gastava as outras enganando o sentimento, por não parecer pezado a seus amigos, que ora lhe mostravão as grandezas notaveis daquella ribeyra, hora as Pastoras afamadas em fermosura, q̄ nella havia: hora hião espreytar as Ninfas, que naquellas prayas habitavão, gastando o tempo em musicas, & laborosos exercicios nam orados. Huma noyte em que elle velava seus pensamentos, descuydado de outra cousa, que pudesse trazer alegria, tã o cheyo de lagrimas, & suspiros, que do peyto à boca mil vezes se encontravao, em quanto Pavanio dormia, cantava ao som da lua Lyra este Soneto.

Que estado he este meu tão diferente?
 Aonde a força dos males mais insiste,
 Que porque fuy contente de ser triste,
 Nem de ser triste pude ser contente.
 As lagrimas que choro docemente.

Porque

Porque este triste bem nellas confiste
A força do silencio lhe refiste,
Porque o gosto do mal não se acrecente,
Vivo de hum impossivel sofrimento,
E guarda o pensamento contra a morte
O coração, & os olhos nesta magoa,
Sustenta a cada hum seu elemento,
Ao pensamento o ar, a terra, a sorte,
O fogo ao coração, aos olhos agoa.

Como o lugar era só, a noyte escura, & passada grande parte della, a voz quebrada dos suspiros imaginava o Pastor que fazia, seguro de ser ouvido, este queyxume; porém outrem, que aguardava aquelle mesmo tempo, para os fazer a ventura, o escutava, que era huma Pastora, a qual pareceo tão bem a tristeza do Soneto, & o sentimento do Pastor, que por conhecer quem seria, se sahio da cabana, & d'entre huns loureyros, que estavam ao pé da de Pavanio, lhe fallou desta maneyra. Obriga a tanto o roubo de huma cousa, que muyto se estima, que me não pareceo desatino este que faço, por te pedir essa tristeza, que me roubaste; porque Soneto tão descontente, só he para meu cuydado, & eu para sentillo; se me não promettes, que nem a lembrança delle te fique na memoria, acufarte-hey de hum furto tão conhecido. Esse que tu querias fazer, discreta Pastora (respondeo elle) consentira eu por vontade, se não fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, & eirallo a hum descontente, que nasceo para padecer todos por seu gosto; se de outra cousa o achares em minha vida, nenhuma te saberey negar. Chamas mal a tristeza (tornou ella,) & he cousa conhecida, que te não está bem a vontade com que me negas; este te agradeço, mas o teu bom intento não tira ser obra muy differente, outra affás leve quero de ti, que me digas, quem, & donde es? Eu (disse elle) sou hum Pastor do rio Lis, a que chamão Lereno, que tu estás bem alhea de conhecer, ha muyto, que vivo desterrado do meu natural, & dos campos de Mondego, vim esta Primavera aos do Tejo, por ver as graças, & gentileza dos seus Pastores, que são.

faõ por todas as partes celebrados, & com razão, pelo que já tenho alcançado dos que vi. Só em hum (disse a Pastora) podias ver nesta ribeyra, quanto a fama podia acreditar, & dar a natureza, & quantos o Tejo tem sem este, nem merecem nome. E porque a Pastora, dizendo isto, deu hum suspiro, que Lerenõ entendeu, lhe disse. Nem a natureza pinta as cousas com mais perfeição, que o amor; & assim será melhor ouvirte, que vello, pelo que te peço me digas o seu nome, & o que mais delle se pôde saber, fóra de teu segredo. Esse (tornou ella) fõ em meus cuydados o tenho, que em suas perfeçoens he impossivel, o seu nome he Auliso. As partes, ainda que com a vista se não sabem contar, porque estão nelle juntas, todas as que o Ceo pelos outros repartio, o parecer do rosto tão fermoso, que se acaba nelle a vista, a graça repartida nos olhos, & na boca tão igualmente, que elles fallão, & ella vê, o corpo tão ayroso, & proporcionado, cada membro com a figura, que parece, que o formou a natureza para exemplo do que sabia, sobre tudo no juizo, brandura, & condição a todos excede. E eu, a todas as Pastoras do Tejo em querer-lhe. Mas quanto tenho de Amor me fakteou de ventura, que nem elle me desfavorece, nem me engeyta, se outrem me não possuir, a quem vivo sujeyta por força, como ao meu Auliso obrigada por Amor; & pois este tudo faz parecer mais bello a quem ama, rogote que o vejas, & saberás quanto cortey do que merece, & se acatõ chegares diante dos seus olhos, aonde esta pendurada a minha vida, contalhe, que a passo tão triste, que ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, havendo, que todos os que não soffro por sua causa, fico devendo ao que merece. E no mais, pelo que me vay, guarda segredo, que agora te quero pagar a tua cantiga, & tocando huma frauta que trazia, cantou a espaços o seguinte.

Vida que he contra a vontade

Bem fora melhor perdida,

Ay quem trocara esta vida

Sõ por huma liberdade,

Ay enganado querer,

Engano bem empregado,

Quem deua o que tem tomado

Pelo que não pode ser.

Quanto melhor fora a morte

Que este tormento mayor

A vida

A vida nas mãos de Amor,
E o gosto nas mãos da sorte.

Vivendo sempre em receos
Quando triste os olhos viro
Soltando d'alma o suspiro
Por entre braços alheos.

Outrem goza o doce fruto,
Eu só padeço o cuydado,
Porém gosto tão forçado
Nunca pode durar muyto.

Acabe esta vida em fim,
Deme amorte algum descanzo
Que bem sey que não na alcanço

Porque já fuge de mim.

Corizaõ mostrá teu mal,
Custeme a vida dizello,
E se este mal pode sello
Morra que muyto me val.

Descubrase minha pena,
Que mayor tormento custa
Encobrir pena tão justa,
Que a em que o mundo condena,

Morte he menos perjuizo,
E melhor satisfação
Se for dizendo o pregaõ
Morre Elisa, por Auliso.

A Este canto da Pastora, cuja voz podia enfrear a furia das ondas, & mover os montes com sua brandura, acordou Pavanio, & achando menos ao companheyro, se veyo para onde elle estava, tão esquecido de si com a luavidade da musica, que lhe faltãrão palavras para louvar a Pastora, a qual conhecendo o outro que chegãra, se traspoz por entre as arvores, do que ambos ficãrão bem magoados, & Pavanio pezaroso de ser a causa, a quem Lereno não descobrio, mais que o modo com que alli viera aquella Pastora. E porque já o dia vinha rompendo por entre as pardas nuvens, & as Estrellas se despedião das aguas do Tejo, disse Lereno ao amigo, que determinava ir à praya diante até à cabana de Rifeo para com elle ver alguns Pastores, que do Mondego conhecia, & que à tarde tornaria ao buscar ao pasto conhecido, o que elle consentio com pouca vontade, obrigando-o a que tornasse cedo, & partisse depois de tirarem o gado, o que ambos fizerão com a vinda do Sol. Porém Lereno, que levava o desejo em saber do Pastor Aulito, pelo que com Eliza lhe acontecera, foy andando ao longo do rio, & à sombra de hum penedo, que na praya estava, aonde nascia huma fonte de entre a area, vio huma companhia de Pastores, dos quaes conheceo Umbrano, & indo-te a elles, o receberão com muyta alegria, que já tinham conhecimento delle, & fazendo-o assentar, forão com o seu

seu passatempo adiante, & tangendo o velho Alcido hama
frauta, outro hum Salteyro, & descantando Ergasto com o ar-
rabil cantarão a trez vozes estas endechas.

E Sperança minha
Nacida à vontade
Como erva danosa
Que entre os trigos nasce.
Crecestes depressa
De pressa secastes
Mas em pouco tempo
Destes novidades.
Segueyvos sem tempo,
E ateyvos muy tarde,
E ao tirar do grão
Grao de mal deyxastes
Vos, & deyxame,
Lagrimas colhi,
Que a terra onde caem
Tambem fica ardendo
Como os olhos ardem.
Colhi pensamentos
Colhidos de balde
Que como são vento
Fazem tempestades.
Colhi presunçoens
Que inda que levantem
Huma alma da terra
Sobre a terra caem
Vos, & deyxayme.

Não vos quero não
Que as vossas verdades
Quasi sempre mentem
E nunca se sabem.
Este meu Amor
Se creceo com males
Para outros enganoy
He já muyto grande.
Bastem lhe mil annos
E se não bastarem
Não ha sofrimento
Que para elle baste.
Fuos, & deyxayme.
Se entre os meus desejos
E em mim vos criastes
E a custa da minha
Vos dey liberdade.
He quasi impossivel
Que de vos me aparte
Sem que a minha vida
Primeyro seacabe.
Qual bibora ingrata
Fostes em meu sangue
Que a quem lhe da vida
He força que mate.
Fuos, & deyxayme.

EM quanto elles cantarão, que o fazião com muyto concer-
to, chegando-se Umbrano ao estrangeyro, a quem tinha
muy inclinada a vontade, que elle com igual affeyção de lon-
ge merecia, lhe disse ao ouvido. Parecemme tão bem tuas
cozas, que tenho em grande opinião quem sabe buscallas; &
aindaq̄ lhe tenha enveja, não quero encobrirte desejos alheios,
sabe,

sabe , que estando ha poucos dias em huma companhia de Pastoras as mais fermosas desta ribeyra , a quem deraõ Amor, ventura , & natureza todos seus poderes, tratando-se de questoens , motes , & galantarias namoradas , empresa digna de teu entendimento; houve quem naõ quiz roubar-te este lugar, & suspirou com o teu nome , que todas sabiaõ , da qual lembrança nasceo em ellas hum desejo de te terem presente ; & porque este naõ podia ter effeyto naquella hora , escreveraõ esta carta , que te ou desse, & prometi haver logo a resposta , que te peço , que naõ dilates muyto. Naõ devo eu estimar menos (respondeo Lereno , tomando a carta muyto encuberta) este bem pela valia de quem me dà o lugar , que eu naõ mereço , como por ser fruyto da tua affeyção , que nellas fez nascer estes enganõs , aos quaes eu obedecerey como devo à minha culpa. E porq̃ a este tempo se acabava o canto dos pastores , & muytas Pastoras , & pegureyros do valle se ajuntaraõ, cessaraõ com a pratica por ver Auliso , que alli veo ter , & em sua vista achou Lereno tudo o que a namorada Elisa lhe dissera ; sentados em roda , pediraõ a Lereno , que cantasse ao concerto dos instrumentos , que os tres Pastores tocavão. O que elle fez com igual receyo , & desejo por contentar com a voz , & com a cantiga, a quem com o parecer de sua gentileza a todos contentava , & com os olhos nelle começou esta gloza.

S E foy horas da mesma natureza

Do tempo vaõ, que passa, & naõ se sente,

Como so no meu mal tendes firmeza,

E tomais natureza taõ diferente

Como assim naõ fugis desta tristeza,

E desta vida em tudo descontente,

Se mais leves fugis, que o leve vento

Horas breves de meu contentamento.

Quanto para subervos me faltava

Naquelle breve espaço, que vos vi,

Como do tempo entã me descuydava

Cuidey que todo fosse sempre assi ;

Quanto fugia o bem , & o mal durava,

Parece-me depois que vos perdi,
 Porque amor a meu mal tudo encaminha,
 Nunca me pareceo quando vestiaba,
 Ay duros, rigurosos desenganos
 A que tempo cortais minha esperança,
 Sabey que em tanta pena, em tantos damnos
 O mal só dura, o bem nunca descança.
 Horas, que para o mal durais mil annos,
 E em meu gosto fazeis logo mudança;
 Quão mal imaginara esta alma minha,
 Que vos visse mudadas tão asinha.
 Tudo em vós se trocou, tudo he mudado
 A vida, o gosto, & o desejo della,
 O rosto, o parecer, o traje, o gado,
 E tambem se mudou a minha estrellas:
 Mudar-se tudo em fim me era forçado,
 Que juiz, não val força, ou cautella
 Para sustentar sempre hum sofrimento
 Em tão compridos annos de tormento.

Ainda o Pastor queria leguir a cantiga, quando ao longo da praya hum pouco atras ouviraõ huma grande grita, & reboliço em hũa juntamento de Pastores, & inquietos por saber o que seria, se alevantarão todos para aquella parte, & Lereno ficando atras com Auliso, os foy seguindo, & chegando à vista, souberão, que era huma luta de dous vaqueyros, que sobre o preço de huma frauta se desafiarão; & os dous Pastores pouco cubiçosos da contenda, se forão o caminho do valle, deyxando a praya; & alli disse Auliso para o estrangeyro, a quem já conhecia, & estimava muyto; por certo, que bem melhoraraõ estas Pastoras a sorte em deyxarem de te ouvir, por ver a luta dos vaqueyros; porèm a desculpa, que lhe val, he que a tua musica enlevava como de Serea, & os gritos daquelles rusticos acordarão como de sono. Elles (respondeo Lereno) perderão pouco em me não ouvir, & eu alcançey o que desejava em te acompanhar, & sabe Auliso, que he tão conhecida a ventagem, que tens a todos os Pastores

desta

desta ribeyra , & tão grande o senhorio sobre as Ninfas , & Pastoras della , que já em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza ; mas vence ella a fama com a vista de tal maneyra , que sentira muyto a perda de te não ver , se esta antes de verte se conheceria ; & pois em pago de huma cousa , que tanto desejava , não posso dar o que devia ; pagartehey com o alheo , ou para melhor dizer com o que he teu , & nascido das perfeçoens com que cativas a todo o mundo. Esta madrugada , que eu poupava das occupaçoens do dia para dar a pensamentos tristes , imaginando , que aquella hora me não negava a ventura , atalhou a meus suspiros huma Pastora , a quem ella a tinha dada , em a qual tudo o que parecia era como o cuydado , que alli a trazia ; esta conhecendo de mim pelo que me ouvira , que era capaz de confianças de amor , me descobrio o que te tinha , & traz isto lhe relatou Lereno tudo o que a Pastora lhe dissera ; ao que elle suspirando respondeo : Se esta divida he para me penhorar de novo ao que mereces , eu confesso , que ha muyto tempo , que te sou devedor , & desejo servirte ; & entende Lereno , que nenhuma cousa ha mais certa de todas as que vemos , do que he não haver ventura de que alguém viva contente ; as razoens sabera outrem melhor , mas eu de mim te digo , que tive muyto da sorte , & natureza , & mereci a affeyção de muytas Pastoras , que a negação aos principaes Pastores do Tejo ; porèm com hum só encontro destruyto amor a minha liberdade , & senhorio , que nunca empreguey affeyção em que outrem já não gozasse o fruyto ; & huma , que o Ceo me deu sem este queyxume , as estrellas com inveja ma roubaraõ para gloria sua. E se alcançar fim a pensamentos he alcançar hum homem de amor o que deseja , que importa , que muytas me procurem , se a que eu amo tem cativo o querer a hum forçoso senhorio ? Não he tão firme o tempo (respondeo elle) que não dê muytos a quem tem obrigada a vontade de quem ama ; & porque eu desejo ver , como já tenho ouvido , a quem te serve , te peço , que me des sinaes para conhecella. Hum te mostrarey (tornou elle) que trago neste peyto , pois ella te descobrio os que tinha nalma , & tirando hum retrato do seyo , cuja porta cer-

rava hum futil cadeado de prata, o abriu ajuntando humas letras, que diziaõ Elifa, como que este nome era a chave do segredo, que alli guardava; & era a figura taõ fermosa, que se lhe representou a Lereno na pintura ouvir a voz, que naquella madrugada ouvira da sua cabana; & depois de louvar com grande encarecimento sua fermosura, lhe pediu licença para cantar seus louvores, aos quaes atalharão alguns dos Pastores, que estavaõ na luta; & porque era tarde, Lereno se apartou d'elle com promessa de o buscar muytas vezes naquelle lugar, & dalli se foy aonde Pavanio apacentava, ao qual em quanto os pegureyros recolhiaõ o gado, contou o que lhe succedera com Umbrano, & mostrou a carta das Pastoras, que guardavaõ da outra parte do Tejo, & aberta continha estas palavras.

Do desejo, que temos de te ouvir, só com obedecer ao nosso rogo te desobrigas, se não for taõ grande trabalho fazello, como o gosto, que nos darás com tua presença, não tardes. E, porque nem da tua cortesia se espera menos, nem nós desejamos mais, que colher fructo de teu celebrado entendimento, d'elle pedimos a resposta com a destas regras.

¶ Contento com padecer

¶ Mais merece, quem se fia. F.

¶ Vivas memórias, mortas esperanças. A.

Com isto chegaraõ à cabana, communicado o gosto desta aventura, que assi como os males são mayores sem companhia, são os bens de mayor valia communicados.

FLORESTA SEXTA.



GASTARAM os dous amigos a mayor parte da noyte com a carta, hera gabando o termo, & concerto della, hora inquirindo a tençaõ das letras, que vinhaõ ao pè dos versos, das quaes não poderaõ conhecer o nome das que as escreviaõ, que este era o legredo, que tinhaõ; porém em fé do que Umbrano

lhe

lhe dissera , respondeo Lereno desta maneyra.

Obedecer a Pastoras taõ fermosas , ainda que sejà em perigos conhecidos, naõ pode dar trabalho a quem nasceo para servillas ; o mayor , que eu acharey na reposta destas regras, he : que para ellas serem boas , basta que vos pergunteis ; & para meus versos parecerem mal , o receo, com que chegarão diante de olhos taõ fermosos ; aonde a nenhum entendimento fica liberdade. A tudo isto nego desculpa , & a vos offereço a vida , & a vontade.

Contente de viver triste. Lereno,

Reposta à primeyra.

Contente com padecer.

*Na vida , nem na esperança
Se muda minha ventura,
E acha em mim tal confiança,
Que quando naõ faz mudança,
Sabe que entaõ m'assegura,
Naõ fia de seu poder,
Que ainda espere algum prazer
Nestes males que me vem,
Mas conhece que me tem
Contente com padecer.*

*Sabe que o gosto do mal
Todos os gostos despreza,
Quando hum coração leal
Sabe entender quanto val
O sentimento a tristeza :
Estes bens que outrem naõ quer,
Anda por mos defender
Amor sò de pura inveja ,
Só a fim que eu me naõ veja
Contente com padecer.*

Mais merece quem se fia.

Outro sentido.

*O temor por natureza
De mulheres em mudanças
He de cautella , & fraqueza
Por em sorte as esperanças,
E em discredito a firmeza,
Quem poem tudo em condiçãõ
De ou seria, ou naõ seria,
Tira à fé, preço , & valia
Pois em credito , & razãõ
Mais merece quem se fia.*

*Fiey do tempo , & passou;
Fiey da sorte , & faltoume ;
Fiey de Amor , enganoume;
Fiey de quem me enganou
Com desenganos matoume ;
Roubarãõ-me em tal porfia
Os sentidos principaes,
E ao espirito que os regia;
Porèm de tres ladroens taes
Mais merece quem se fia,*

Vivas memorias , mortas esperanças.

*O tempo, que já tive de alegria,
 Quand' brotava em flores meu cuydado,
 Huma viva esperança me encobria
 A memoria já morta no passado.
 Agora neste mal , que eu não temia
 Se tem contra mim mortos levantado,
 Depois que Amor trocou nestas mudanças
 Vivas memorias , mortas esperanças.*

EM quanto os Pastores gastavaõ o tempo nesta occupação, hia passando a noyte diffimulada , & elles sem repouso; veio a manhã , tiraraõ o gado , apartou-se Lereno do compa-
 nheyro , & foy a buscar Umbrano à sua cabana ; mas antes de chegar a ella o encontrou no valle : deulhe a carta , pedio-lhe por interesse da obediencia , & cuydado , que tivera da reposta , que confiaste delle os nomes das Pastoras ; porèm o Pastor os calou por entaõ , dizendo , que o fazia por mandado de seus donos ; mas que muyto cedo saberia em sua presença , que era bem differente informação a dos seus olhos , que as palavras, com que lhe podia dizer , que não eraõ. E porque Umbrano, em servir não queria mostrar descuydo , nem desmerecer pela tardança , apartando-se de Lereno , se foy eperallas junto do lugar, aonde appacentavaõ , deulhe a reposta , que ellas festejaraõ muyto por quanto a desejavaõ. Lereno depois , que de Umbrano se apartou , cubiçoso de caminhar sem companhia , & entregar seus cuydados ao pensamento , que já lhe estranhava horas de descanso, desviando-se dos Pastores, & da aldea por hum caminho pouco usado ao longo da praya foy parar, aonde huma ribeyra entrava no rio ao pé de dous alamos brancos , que da area se alevantavaõ tão altos, que encobriaõ as pontas no ceo das nuvens, & a hum delles estava atada huma barca , que ao quebrar das ondas se embalançava, fazendo hum triste ruido , & saudoso ; aqui se assentou o Pastor encostado ao tronco, & começou a praticar consigo, cantando desta maneyra.

Men-

Mentiroſas eſperanças
 Miſtros de amor tirano,
 Fiadores de hum engano,
 Que deu tantas confianças,
 Percaõ-se voſſas lembranças,
 Que he bem quejã vos deſpida
 Porque he falta conhecida
 Em quem conhece o ſeu erro,
 Morrer auſente em deſterro
 Tendo em voſſas mãos a vida.

Gostos alheos, que em fim
 Nunca em vos tive direyto,
 Senaõ cabeis em meu peyto
 Para que chegais a mim?
 E ſe imaginais que aſſi
 Vencereis meu ſoſrimento,
 Tomais fraco fundamento,
 Que he paſſado o mor perigo,
 Porque à viſta do inimigo
 Se apercebe o ſentimento.

Lembrança do bem perdido,
 A vós ſò quero, a vós amo.

Por vós ſuspiro, a vos chamo
 Sempre ſou de vos ouvido.

Vamos ao valle eſcondido,
 Onde Amor tem encantado

O fim daquelle cuydado,
 Que eſtã trisſte alma deſeja,

Que Amor ſó de pura inveja
 Para mim deyxou fechado.

E vos deſejo que auſente

Quereis viver contra a ſorte
 Dando poderes a morte,

Que contra mim ſe ſuſtente,
 Pois tal vida naõ consente

Esſe voſſo vaõ deſpejo.

Vede o mal em que me vejo

Quiçais que fareis mudança,

Porque morta a eſperança,

Para que he vivo o deſejo?

Ainda Lereno começava o primeyro pè da cantiga, quando hum peſcador, que em oleyto da barca eſtava dormindo, acordou, & levantando a cabeça, foy viſto do Paſtor, que tinha os olhos no rio; porèm naõ ceſſou com a cantiga, nem elle de o eſcutar com muyta atençãõ; acabada ella diſſe o da barca. Deos te ſalve, que bem pagaste hum ſono, de que me tirou o teu cantar, & bofe, que era elle tal, que eſtou para lançar as redes neſte bayxo de area, que atè os peyxes le ajuntaraõ nella para te ouvir; & porque ſe me aſſemelhou no que cantaste, que vivias trisſte, dizem-me, rogo-te, de que mal te queyxas, que a quem tantos bens deu a natureza houvera de viver alegre. E mal eſtã o contentamento (diſſe o Paſtor) que amor baſta para deſtruir o ſenhorio da natureza, & da fortuna. Deos te ſuſtente contra elle izenta a liberdade, que nem as agoas valem contra o ſeu fogo. Certo, que te creo (reſpondeo elle) ainda que em mim o naõ experimentaſſe; mas para

mal vâ, quem tantos faz, que já elle em cousas minhas fez forte estrago. Huma irmãa tive tão fermosa, que pudera fazer inveja às Ninfas deste rio, guardava gado no monte, & tinha na Villa tal nomeada, & nas Aldeas, que não havia pegureyro, que não se vestisse loução; por amor della as frautas, sanfoninas, & arrabis do nosso lugar, todas erão na nossa porta, em anoytecendo; alli se fazião os bayles de terão, & as folias de madrugada em sahindo para o serviço; a nossa porta sempre era enramada de boninas do mato, de frutas dos pumares, ramos dos soutos, & de mariscos, & conchas desta praya; tudo por festejarem a Florella, que era o seu nome, & ella tão senhora de si, que tudo tinha em desprezo, até Amor se vingou della; veyo a tomar amores com hum estrangeyro, que aqui viera de bem longe; tratoulhe elle de enganos, & com elles a levou desta ribeyra, aonde já mais tivemos novas della. Hum irmão, que eu tinha, que chamavão Filenio, que também escolheo a vida de Pastor, & tinha cabras, & ovelhas em abundancia, & tanta graça, & ventagens entre os guardadores, que todos o buscavão, & querião tanto, que isto aconteceu, foy pelas inculcas, & correo muyta da terra estranha sem os achar; & por não viver nesta descontente, ficou nas ribeyras do Lis, aonde apascentava, & alli lhe aconteceu outra tal com os amores de huma Lisea, que tinha os seus em outro Pastor ausente, & a tal estado chegarão suas esquivanças, que andava como transido, & a ella a ausencia do outro a quem queria, que desapareceo de ante os olhos de Filenio huma manhã, que à sombra de huns ulmeyros a esperava, & imaginando ser convertida em hum penedo, que lhe ficou diante, perdeo com isto o sentido, & os parentes da Pastora as esperanças de cobralla. Em fim, que Filenio vive agora nesta ribeyra como alienado, esperando saber o que he feyto da sua Pastora, ou para melhor dizer do seu juízo; & daqui veràs a razão, que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bens que tinha para a vida. Como Lereno ouvio fallar em Lisea, & Filenio, que era o Pastor, lhe levãra a carta aos campos do Mondego, a quem elle a trocãra, deu hum suspiro defacordado, & logo lhe veyo à lembrança, que Lisea podia

dia estar no valle desconhecido , & por encobrir sua payxão ,
confolava a do pescador , que bem triste acabàra a historia ;
& despedindo-se d'elle com amorosas palavras, se veyo afastan-
do da praya atè se assentar entre humas paredes cubertas de
mato, onde nascia huma fonte , que com escuro som em nas-
cendo, se escondia debayxo da terra, & alli quasi esmorecido
adormeceu por grande espaço de hum sono profundo , em o
qual se lhe representou , que vira a sua Pastora junto a elle,
como desatinado acordou , & vendo o engano com que a fan-
tezia o castigava , tirando a sanfona cantou esta gloza.

Olhos , que abertos não vedes,

O bem que cerrados vistes ,

Dizey porque vos abristes?

Aquelles gostos escaços

Enleos da fantasia ,

Que no tempo que dormia

Me fugirão dentre os braços;

Porque não nos merecia

A graca , & a ferm sira,

Que entre estas t. f. as paredes

Da noyte se me afigura;

São thesouros da ventura

Olhos, que abertos não vedes.

São as glórias, que Amor tem

A seus bemaventurados ,

E são thesouros guardados,

Que nenhuns olhos os vem,

Senão depois de cerrados.

De que servia acordar

Para ver magoas tão tristes,

Fã que depois de sonhar

Abertos se ha de cerrar

O bem que cerrados vistes ?

Quem tal sonho não perdera

Ou nelle a vida acabara ;

Ah quem sonhando vivera,

E se na morte acordara

Do que sonhou se esquecerá!

Dizey olhos enganados

Se este tempo que dormistes

Tantos bens vos forão dados ,

E se os gozaveis fechados

Dizey porque vos abristes ?

QUando Umbrano deyxou em mãos das Pastoras a repof-
ta de Lereno , & tornou ao costumado pasto de seu re-
banho , vieraõ ellas cantando ao longo do rio , com os caja-
dos de sangninho , & grinaldas de flores sobre os cabellos ;
& vestidos vaqueyros de diferentes cores , & assim chegarão
a aquelle lugar, aonde o estrangeyro adormecera , a tempo ,
que o viraõ despertar do sonho , & ouviraõ a sua cantiga , a
quall

qual acabando elle se alevantou com hum suspiro dizendo: ah nunca houvera no mundo defenganos; ao que huma das Pastoras respondeo, que vestia de branco, faltara a melhor coufa, que ha nelle, porque não sey eu mayor mal que viver enganado; quando o Pastor vio quem lhe fallava, & as companheyras ficou enleado, assim de seus trajos, & fermosura como de imaginar, que diria entre sonhos alguma coufa, que o descobrisse; & porque nem elle, nem ellas se conheciaõ, depois de as laudar lhe tornou, pode ser, fermosa Pastora, que o pouco, que sabeis de males, fará, que volo não pareçaõ experimentados em outrem; porèm eu, que à minha custa o sey, digo, que mal haja o defengano, que sem elle nenhuns males fizera amor. Porque? (perguntou huma, que vestia de verde.) Porque amor (respondeo elle) affeyçoa, & obriga; o engano sustenta, contenta, & satisfaz; o defengano, destroe amor, aparta vontades, & muytas vezes mata. Que mal pode sentir quem vive enganado, se tem na opiniaõ tudo o que de seja? Ditoso o estado de quem vive de enganos, & ditosa a vida, que com elles se sustenta, pois não sente semrazoens, crueldades, ingraticadoens, ciumes, & esquivanças? E julgay se huma Pastora pode viver descontente, a quem amor engana até com seu proprio parecer? O meu he diferente (disse a primeyra) porque nenhuma coufa ha mais segura, que a verdade; nenhum bem mais perigoso, que o que contra ella se sustenta; porque como em fim sempre he conhecida, todos os enganos noem por terra; & a queda de quem nelles vivia se sente mais, do que viver defengano, como te agora aconteceo com o sonho, que todos os enganos o saõ. Nisso vereis (respondeo Lereno) que não tem elles mal nenhum, senão o que lhe faz o defengano, que he acaballos; porèm em quanto duraõ, esse tyranno os não persegue, daõ contentamento, & porisso me queyxo do que agora me tirou, que se não acordara em suas mãos, dormindo achara na ventura, o que não alcançey, quando me desvelava; & porque neste tempo ouviraõ huma vóz, que por detraz da fonte vinha cantando, suspenderaõ a pratica por verem cuja era, & ouvirem a cantiga, que dizia.

Se de meu mal vos doeis,
 Meu bem, porque mo negais,
 Meus olhos não mos quebreis.

Pus de sorte a liberdade
 Pastora em vosso querer,
 Que nada a vontade quer,
 Senão for vossa vontade.
 O bem que vos não quereis,
 Me he damno muy desigual,
 E no mal que me fazeis
 Não ha mor bem que meu mal,
 Se de meu mal vos doeis.
 Minb' alma tendela já
 Na prisão de vosso rosto,
 Meu bem esse he vosso gosto
 Minha vida em vos está,
 Meu coração não queyrais

Que viva do que padeço,
 Dayme a gloria, que roubais,
 E se este bem vos mereço,
 Meu bem porque mo negais.
 Confessayme o que vos quero,
 E na mesma obrigação
 Mostrara claro a razão,
 Que me deveis o que espero,
 E ainda que injustamente
 Se com gosto me offendeis
 Todo o mal bem se consente,
 Deyxayme os olhos sómente,
 Meus olhos não mos quebreis.

MAis servio a cantiga de ocupar os ouvidos, que de os deleytar com a brandura do que cantava, que logo atraz ella appareceo, & era hum ovelheyro, cuja voz parecia, desengraçado no parecer, & no vestido, com o currao da pelle de hua cobra manchada, cingido có hua correa de porco mótez, & por cajado hum bastão de era torcido em duas voltas, & a espaços vinha tocando huma gayta de tres canas, & chegando aonde as Pastoras estavam, as laudou muyto confiado, & Lereno disse para ellas. Por certo, que canta o ovelheyro como podia esperar delle quem o vira. Se tu (respondeo elle) te atreveres em porfia a competir comigo, o que sey, que não farás, não quero mais seguros Juizes, que estas Pastoras, nem mayor preço, q̄ vencerte diante dellas, fazendote confessar, q̄ a minha Capralia he mais fermosa, que todas tres, & eu digno de servir a mais fermosa, que nasceo no Tejo. Essa derradey-ra te confessarey eu sem cantar (respondeo elle.) A' primey-ra responderão estas pastoras, porque me parece que lhe faço aggravo conhecido em acreditar contigo sua fermosura. Só pelo não tornarmos a ouvir (disse a do verde) confessaremos tudo

tudo o que quizer, & se for necessario dizer, que he ayroso, & gentil-homem a mim mo parece. Não tenho eu isso por novidade (replicou elle,) que já a outra mais louçãa o pareci, & se aqui vira coula, que me enchesse os olhos, ouvera de delafiar a hum bayle villão a este pegureyro. Não faltão figas (tornou ella,) mas quem te queyra ver dar voltas, que não seráo para ver senão com os olhos tapados em outro lugar, que tu mereces. Pois sois tão parvoas (disse elle) ficay neste como vos mereceis, que eu vou buscar quem tem outro parecer, & com isto tomou o caminho para o rio, tangendo a sua gayta, & as Pastoras não podiaõ sustetar o rizo de o ver tão cõfiado, & cõtete de si. Não he muyto (disse Lereno) pois aquelle vive enganado, que seja alegre. Antes (tornou a do branco) quizerá todos os males do desenganado, que o estado daquelle, pois só lhe serve para a sua opinião Todos (replicou Lereno) vivem da tua, & para si, & porque eu não sigo esta regra, vos não quero cançar em porfias, porque de mim a verdade he que vivo desenganado, & contente de viver triste. Esse nome (disse a do branco) há pouco tempo que eu tenho por alheyo, salvo se tu es o Pastor Lereno, de cuja mão o eu vi afinado. Estimo (Tornou elle,) que me conhecesses peia tristeza, & pois vos não nego, que sou Lereno, consenti, que sayba tambem o voffo nome. As Pastoras, que o conheceraõ, lhe fizeraõ muyta festa, & lhe mostraraõ a carta, que Umbrano lhes dera, & com muytas palavras, em que lhe mostravaõ a affeyção, que tinhaõ a seu nome, & outras de muyta cortezia, deyxaraõ a fonte, & forão ate às cabanas das Pastoras, & ao pè de huma faya, que estava junto a ellas, lhe pediraõ, que cantasse alguma coisa do desenganado à conta dos males que lhe alevantara, & elle por lhes obedecer, tirando a sanfona cantou este Soneto.

Desenganado esta meu pensamento

Do que esperar podia da ventura,

A vida jã no mal vive segura,

Nem desconhece a pena o sofrimento.

Dos bens que desejey sem fundamento

O coração remedio não procura,

Porque

Porque quem para os males tanto atira

Converte em natureza o mor tormento.

Ah bemaventurado desengano!

Ah se de huma esperança me livrara

Em que agora meu mal todo consiste.

Se na força mayor de tanto engano

Esta vida tambem desenganara,

Que a morte foge della porque he triste.

Posto que Lereno antes de se apartar quizera obrigallas a que cantassem do engano, era já tarde, & deyxarão seus louvores para outro dia, que para os gostos, sempre o tempo falta, & para os males até a vida cresce.

FLORESTA SEPTIMA

NAM perdia Lereno a lembrança do que lhe contara o pescador, & cada hora imaginava o que podia ser de Lisea, se tornaria ao valle desconhecido, para onde já sabia o caminho, porém tornava a cuidar, que ficara cerrado, & ella avifada, que por alli não tornasse, pondolhe em condição perder a vida em quanto estes cuydados o combatião, negandolhe de noyte repouso, & de dia sossego, se chegava o em que o labio Astreo havia de dar suas repostas aos Pastores, & estando Lereno com seu amigo Pavano à vista do rebanho, que pascia à sombra de huns alamos desviados da praya, lhe perguntou elle quem era o labio, & aonde vivia, que desejava por extremo saber a sua morada; assim para se aproveytar de seu saber, como para ver cousa tão estranha. Em as terras dalem do Tejo (diste o Pastor) entre aquellas confusas penedias, que assombrão o rio, que com portozos combates da furia das ondas, vay desfazendo sua dureza no fundo de hum valle, escondido no seyo da terra, fresco de fontes, & ribeyros graciosos, povoado de muytas arvores diferentes nos ramos, & na altura, está a casa do labio Astreo, em todas as ribeyras da Lusitania conhecido pelo muyto, que alcançou das Estrellas, do movimento, & ordem

ordem dos Ceos, da virtude das ervas, da natureza das pedras, da propriedade dos animaes, dos segredos da Aves. E porq̃ por razão de seu continuo estudo, & pela importunação dos Pastores vizinhos se cõmunica a elles muy poucas vezes, todos os annos em hũ dia já conhecido dos Pastores, respõde aos de q̃ he consultado naquella estranha morada, & porq̃ està muy perto este desejado tempo veràs nesta ribeyra muytos Pastores de differentes lugares, do Tejo, Douro, Minho, & do Mondego, que esperaõ delle reposta as suas perguntas. Por certo (disse Lereno) que me contas cousa estranha, & que para mim não podia ser outra de mayor espanto, nem que mais desejasse ouvir, porque já me não tirará nenhuma cousa ver esta estranheza; porẽm como he possivel, que hum homem humano tenha dos outros tanta differença? E sayba às vezes mais dos Pastores, que elles de si? Porque (disse o outro) o saber levanta hum homem não só sobre elles, mas sobre as Estrellas. Sempre ouvi, que era grande thesouro (tornou elle,) & tambem o velho Menalca na nossa ribeyra, não ha mal de olhado, ronha de ovelhas, & doença do armentio, a que não dẽ remedio, nem Pastor tão desconfiado de seu mal, a que não atine com a cura melhor, que os Mestres da Villa, & na minha doença, a ousadas se atinou a verdade. Nesta pratica estavam os dous Pastores, quando virão, que do monte descia Auliso, Umbrano, Rifeo, & outros Pastores, & Pastoras, & ao som de muytos, & differentes instrumentos cantavão estas endechas,

Pelo valle abayxo

Vão huns dios negros,

Que a quantos encontrão

Todos leuão prezos.

Vamos ver Past-res

Cousa tão estranha,

Que vem da montanha

A matar de Amores;

Vem tão matadores

Com poder de Amor

Que não ha Pastoe

Que se atreva a vellos

Que quantos encontrão

Todos leuão prezos.

Trazem mor alçada

Mena jurdição

Nenhum



CORONA
ALDEA
T. I.

Sa
Es
Ta
N.

CF
—
F
—
4
—
22